

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sergio Luiz Augusto de Andrade

COMISSÃO RONDON:

Uma contribuição às ciências naturais no Brasil

Rio de Janeiro
2013

A553 Andrade, Sergio Luiz Augusto de.
Comissão Rondon : uma contribuição às ciências naturais no Brasil /
Sergio Luiz Augusto de Andrade. – 2013.
436 f. : il., 30 cm.

Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e
Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós
Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2013.
Orientador: Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina de Carvalho Piva.

1. Rondon, Cândido Mariano da Silva, 1865-1958 - Teses. 2. Comissão
Rondon – Teses. 3. Botânica – Teses. 4. História das ciências – Brasil -
Teses. I. Piva, Teresa Cristina de Carvalho (Orient.). II. Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em História das
Ciências e das Técnicas e Epistemologia. III. Título.

CDD 910.981

Sérgio Luiz Augusto de Andrade

**COMISSÃO RONDON:
Uma contribuição às ciências naturais no Brasil**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Dr^a Teresa Cristina de Carvalho Piva

Rio de Janeiro
2013

SÉRGIO LUIZ AUGUSTO DE ANDRADE

COMISSÃO RONDON: Uma contribuição às ciências naturais no Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das ciências e das técnicas e epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do grau de Doutor.

Aprovada em:.....

BANCA EXAMINADORA

Teresa Cristina de Carvalho Piva, Doutora – Presidente
Centro Universitário Celso Lisboa

Carlos Benevenuto Guisard Koehler, Doutor
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mércio Pereira Gomes, Doutor
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mauro Costa da Silva, Doutor
Colégio Pedro II e Universidade Nova de Lisboa

Arnaldo Lyrio Barreto, Doutor
IBGE e FGV

Dedico essa pesquisa sobre a Comissão Rondon, enfatizando um estudo sobre a flora brasileira, a uma brasileira chamada Flora [Augusta de Andrade] (1927 - 2011), minha mãe.

Ela também é dedicada à memória dos 198 brasileiros que perderam suas vidas trabalhando na Comissão Rondon, em especial aos 159 soldados, que ficaram anonimamente e para sempre nas trilhas das linhas telegráficas.¹

¹ Entre essas 198 vítimas, estão: 22 civis, sendo 17 homens, entre eles o Dr. Cícero de Campos, geógrafo do Museu Nacional e 5 mulheres (MAGALHÃES, 1929, pp. 155 a 163); 176 militares entre eles 17 oficiais e 159 soldados (DIACON, 2006, p.80)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus, princípio de tudo, pela força e discernimento nos momentos difíceis. A Ele toda honra e toda à gloria.

Agradeço a minha esposa Maria Suely Alves de Andrade e as minhas filhas Fernanda Catherine Alves de Andrade e Stefanie Caroline Alves de Andrade pela paciência e compreensão pelas longas ausências do convívio delas, mesmo quando estava presente fisicamente.

Minha eterna gratidão a Professora Dr^a Teresa Cristina de Carvalho Piva, não só pela brilhante orientação na dissertação de mestrado e na tese de doutorado, mas também por sempre apoiar-me nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

Meus agradecimentos aos professores do programa História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia da UFRJ pelas aulas brilhantes e esclarecimentos durante o Curso. Aos meus colegas do programa pela valiosa contribuição nos debates durante e depois das aulas.

Meus agradecimentos aos professores da banca de qualificação, Dr^a Nísia Trindade Lima da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Dr. Ricardo Kubrusly e Dr^a Nadja Paraense do HCTE/UFRJ.

Meus agradecimentos aos professores da banca, Dr. Carlos Benevenuto Guisard Koehler, Dr. Mércio Pereira Gomes, Dr. Arnaldo Lyrio Barreto, Dr. Dalton Almeida Raphael e Dr. Mauro Costa Silva, pelas preciosas sugestões e observações com as quais enriquecemos o conteúdo desta pesquisa.

Meus agradecimentos aos meus amigos do Colégio Militar do Rio de Janeiro, pelo apoio e em especial ao amigo Major Hélio pela revisão ortográfica. Ao Tenente Leandro Pacheco de Melo pelos empréstimos dos livros. Ao Capitão Pimentel, professor de inglês, por ter feito o abstract.

Agradeço ao Professor Dr. Nelson Santana do Colégio Militar do Rio de Janeiro pela revisão do capítulo quatro referente a botânica.

Meus agradecimentos ao Sr Dalton Voltaire Pereira de Souza, presidente da Igreja Positivista do Brasil, pelas valiosas informações e onde despertou o meu interesse pela vida de Rondon.

Meus sinceros agradecimentos aos companheiros do Museu do Exército no Forte de Copacabana, em especial, a Tenente Solange da Silva Aguiar e a Professora Vânia Edith E. C. Ferreira Cardoso pela valiosa colaboração colocando a

minha disposição fontes primarias, como: as cadernetas de Rondon, relatórios, ordem do dia, etc.

Meus agradecimentos aos funcionários do Museu Nacional, em especial a bibliotecária Maria José e a Célia Maria Gomes, pelas obras colocadas a nossa disposição.

Meus agradecimentos aos funcionários do Arquivo Nacional e da Biblioteca Nacional.

Meus agradecimentos a bibliotecária Rosaria e ao funcionário Cleyton da biblioteca Cel Macedo do Centro de Estudos e Pesquisas de Historia Militar do Exército, localizado no Palacete Laguna no Maracanã.

Meus agradecimentos ao Cel Brum, Diretor do Museu Conde de Linhares e aos bibliotecários da Biblioteca General Lobo Viana daquela instituição.

Meus agradecimentos aos bibliotecários da Biblioteca General Valentin Benício - Vila Militar.

Meus agradecimentos aos funcionários Rodrigo e Denise do Museu do Índio.

Meus agradecimentos as funcionárias da Prefeitura Municipal de Nísia Floresta – RN, pelos importantes documentos doados, que contribuíram para completar o capítulo referente ao Positivismo.

Meus agradecimentos aos curadores do American Museum of Natural History, Paul Sweet, Thomas J. Trombone e James M. Carpenter, pelas obras indicadas para pesquisa do acervo naquele museu e em especial a funcionária Mai Qaraman da biblioteca do AMNH pela gentileza como recebeu-me naquela instituição colocando a minha disposição todo o acervo fotográfico da Expedição Científica Roosevelt-Rondon e indicou vários sites de pesquisa referente a expedição.

Meus agradecimentos ao cineasta Cacá de Souza que gentilmente enviou-me o documentário da Expedição Científica Roosevelt-Rondon de sua autoria.

Agradeço aos funcionarios da Prefeitura Municipal de Nísia Floresta no Rio Grande do Norte, pelas fornecimento de várias publicações (inclusive cartas trocadas com Augusto Comte) sobre a vida de Nísia Floresta.

Agradeço aos funcionarios do Museu do Ipiranga no estado de São Paulo, por fornecer vários artigos sobre a Comissão Rondon publicados na Revista do Museu Paulista.

Agradeço aos funcionarios do Museu de Biologia de São Paulo, onde descobriu-se o Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão

Rondon de autoria dos botânicos Frederico Carlos Hoehne e João Geraldo Kuhlmann.

Agradeço ao Profº Hildebrando Campestrini, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, que forneceu importantes informações sobre a Comissão Rondon e o Profº Arnaldo, do mesmo instituto que forneceu uma cópia da Carta de Mato Grosso e regiões circunvizinhas.

Agradeço a atenção dos funcionarios do Museu Dom Bosco, em Campo Grande, onde encontrou-se vários artefatos indígenas da região de Mato Grosso e Amazonia.

Agradeço ao Sr. Rangel Castilho, diretor de cultura do município de Aquidauana, que gentilmente confiou copiar o livro “Album fotográfico do estado de Mato Grosso” de 1914, onde se encontram informações sobre Mato Grosso, mapas, fotografias, tabelas e dados estatísticos.

Aos funcionarios do Arquivo Histórico de Cuiabá, onde teve-se acesso a diversos documentos da Comissão.

Aos funcionarios do Museu Rondon, localizado na Universidade Federal de Mato Grosso, onde localizou-se vários artefatos de indios da região.

Aos funcionarios do Museu da Imagem e do Som de Cuiabá, onde copiou-se várias fotografias da Comissão Rondon.

As bibliotecarias da Biblioteca Estadual de Cuiabá, onde encontrou-se alguns livros e vários recortes de jornais e revistas.

Aos funcionarios do Museu Histórico de Cuiabá, onde encontrou-se material sobre a Guerra do Paraguai.

Aos funcionarios do Arquivo Público do estado do Amazonas.

Ao Sr. José Geraldo diretor do Instituto Geográfico e Historico do Amazonas, onde obteve-se alguns relatórios da Comissão Rondon.

Finalmente agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização dessa pesquisa e elaboração dessa tese.

ANDRADE. Sérgio Luiz Augusto de. **Comissão Rondon**: uma contribuição às ciências naturais no Brasil. Rio de Janeiro, 2013. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

O presente trabalho refere-se à Comissão Rondon. As comissões de construção de linhas telegráficas sempre foram estudadas sob o ponto de vista das comunicações, integração nacional e defesa das nossas fronteiras. Pouco se deu importância a contribuição dessas comissões a ciência em áreas tão diversas como a astronomia, cartografia, botânica, zoologia, mineralogia, geologia, antropologia e etnografia. Pretendeu-se desenvolver a pesquisa nesta direção, enfocando a importância para a história da ciência das atividades científicas desenvolvida pela Comissão Rondon, sobretudo a contribuição na área da botânica, buscando a utilidade das plantas coletadas pelos botânicos da Comissão Rondon. O recorte espacial encontra-se limitado pelos paralelos de 5 e 16 graus de latitude sul, além dos meridianos 55 e 65 graus de longitude oeste de Greenwich. Este trecho do território corresponde à bacia do rio Madeira e a Chapada dos Parecis, portanto, a um trecho do sul do Estado do Amazonas, ao Estado de Rondônia e ao noroeste de Mato Grosso. O recorte temporal abrange os anos de 1900 até 1915, sendo que entre 1900 a 1906 foi realizada a Comissão construtora de linhas telegráficas do Mato Grosso, entre 1907 e 1915, foi realizada a Comissão de linhas telegráficas estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA) e entre dezembro de 1913 e abril de 1914, encontramos um período de cinco meses, referente à Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Pesquisou-se a vida do Marechal Rondon, bem como a vida dos cientistas que participaram das comissões e estudou-se a filosofia positivista.

Palavras chaves: Comissão Rondon, ciências naturais, Botânica.

ANDRADE. Sérgio Luiz Augusto de. **Comissão Rondon**: uma contribuição às ciências naturais no Brasil. Rio de Janeiro, 2013. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

The present work refers to Rondon Commission. The telegraphic lines building commissions have always been studied under the communication, national integration and border defense point of view. Little importance has been given to the contribution of these commissions to science, in such different areas as astronomy, cartography, botany, zoology, mineralogy, geology, anthropology and ethnography. It has been intended to develop the research in this direction, focusing the importance of scientific activities developed by Rondon Commission to science history, mainly the contribution to the botany area, seeking the utility of the plants collected by the Rondon Commission botanists. The spatial cutting is limited by 5 and 16 degrees parallels south latitude, as well as 55 and 65 degrees meridian west longitude from Greenwich. This stretch of territory corresponds to the Madeira River basin and the Chapada dos Parecis, therefore a stretch of southern Amazonas state, Rondônia state and northwestern Mato Grosso state. The temporal cutting includes the years from 1900 to 1915, noticing that the telegraphic lines building commissions in Mato Grosso took place within 1900 and 1906. Within 1907 and 1915, the strategic telegraphic lines commission was fulfilled from Mato Grosso to Amazonas (CLTEMTA), and within December 1913 and April 1914, we found a five-month period related to Roosevelt-Rondon Scientific Expedition. The life of Marshal Rondon has been researched, as well as the lives of the scientists who took part in the commissions. The positivist philosophy has also been studied.

Key words: Rondon Commission, natural sciences, Botany.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Menina índia com o maior símbolo positivista, a Bandeira Nacional. Fonte: figura 796, página 216 do volume II de Índio do Brasil.

Figura 2 - Isidore Auguste Marie François Xavier Comte, Auguste Comte (1798-1857). Fonte: Igreja Positivista do Brasil.

Figura 3 – Publicação nº 232 da Igreja Positivista do Brasil. Fonte: Arquivo Nacional.

Figura 4 - Um trecho da caderneta de Rondon com o calendário positivista. Mês Gutemberg do ano 117, referente ao mês de agosto do ano 1905 do calendário gregoriano. Fonte: caderneta de Rondon. Museu do Exército.

Figura 5 - Fachada da Igreja Positivista do Brasil, fundada em 11 de maio de 1881. Fonte: Site Oficial da Igreja Positivista do Brasil, <http://www.igrejapositivistabrasil.org.br/>

Figura 6 - Prédio da Escola Militar, no Largo de São Francisco, em 1826. A Academia Militar foi transformada em Escola Central, permitindo o estudo de civis e militares (1860). Fonte: Foto de Pieter Gotfred Bertichem. (BERTICHEM, 1856)

Figura 7 - Em 1874 a Escola Central é transformada em Escola Politécnica, para o ensino exclusivo da engenharia civil. Fonte: <http://www.flickr.com/photos/11124678@N02/2218795851/>

Figura 8 - Fachada atual da antiga Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, com o acréscimo do terceiro andar. No prédio atualmente funciona o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A fachada e o pórtico são em estilo neoclássico. Foi Tombado pelo Patrimônio Artístico do Rio de Janeiro em 1962. Fonte: PIVA, Teresa.

Figura 9 - Anotações de Augusto Comte, 1827. Fonte: membres.lycos.fr/clotilde/images/plancourst.gif

Figura 10 - Uma das cartas de Nísia Floresta para Auguste Comte, 1857. Fonte: Acervo da reprodução de Constância Lima Duarte

Figura 11- Coronel Benjamin Constant. Fonte: <http://www.jornalorebate.com/cadernor/7/especial.htm>

Figura 12 - As capitânicas do Mato Grosso e Grão Pará, região visitada por Alexandre Rodrigues Ferreira em fins do século XVIII. Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 13 – Caderneta onde Rondon escrevia as suas anotações. Fonte: Museu do Exército (Forte de Copacabana)

Figura 14 – Comissão Rondon na Exposição Internacional da independência do Brasil em 1922. Fonte: LASMAR, 2008, p. 164

Figura 15 - Oficiais do escritório central da comissão. Fonte: Relatório 1 da Comissão Rondon.

Figura 16 – Carta, datada em 20 de janeiro de 1919 do Coronel Amílcar Botelho de Magalhães, chefe do escritório central, ao “presidente” de Mato Grosso. Fonte: Arquivo Histórico de Cuiabá – MT.

Figura 17. Fotógrafos da Comissão. Da esquerda à direita, partindo da foto maior: Luiz Thomaz Reis, Antonio Pyrineus de Souza, Oscar Pires, João Salustiano Lyra, Luiz Leduc, Emanuel Silvestre do Amarante, Manoel Triburcio, Benjamin Rondon. Fonte: LASMAR, 2008, p.172.

Figura 18 – Máquina fotográfica usada pelos fotógrafos da Comissão Rondon. Foto de Sérgio Luiz Augusto de Andrade. Peça exibida na exposição: Um homem chamado Rondon. Realizada entre 13 de abril a 14 de maio de 2010 no Arquivo Histórico Nacional

Figura 19 – O cinegrafista e fotógrafo da Comissão Major Reis. Fonte: Arquivo Histórico do Exército

Figura 20 - Foto de Luiz Thomaz Reis. Fonte: Acervo Museu do Índio

Figura 21 - Museu Nacional em 1908. Fonte: Arquivo do Museu Nacional.

Figura 22 – Marechal Candido Mariano da Silva Rondon. Acervo do Museu Nacional. Foto de Sergio Luiz Augusto de Andrade.

Figura 23 – Capa do livro A comissão Rondon e o Museu Nacional. Acervo Museu do Índio.

Figura 24 – Rondon no Museu Nacional com os cientistas daquela instituição. A sua esquerda, de jaleco branco, Edgar Roquette Pinto. A direita de Rondon, Alípio Miranda Ribeiro. Nota-se a presença de uma pesquisadora do lado esquerdo de Edgar Roquette Pinto. Arquivo do Museu Nacional.

Figura 25 – Ofício assinado por Frederico C. Hoehne, agradecendo ao diretor do Museu Nacional por tê-lo convidado a participar de uma conferencia em homenagem a Rondon. Fonte: Museu Nacional.

Figura 26 - Ofício assinado pelo chefe do escritório central da Comissão Rondon, Capitão Amilcar Armando Botelho de Magalhães, enviando ao Museu Nacional um conjunto de publicações relativo a trabalhos científicos. Fonte: Arquivo do Museu nacional.

Figura 27 - Alípio Miranda Ribeiro. Fonte: Arquivo Museu Nacional

Figura 28 – Relação de material da Comissão Rondon entregue ao Museu Nacional, assinada por Roquette Pinto. Fonte: Arquivo Museu Nacional.

Figura 29 - Capa do Boletim *The birds of Matto Grosso, Brazil*. Fonte: American Museum of Natural History.

Figura 30 - Uma das espécies registradas durante a coleta em Mato Grosso pela Expedição Roosevelt-Rondon.

Figura 31 – Rondon e os naturalistas do Museu Nacional. Fonte: Museu Nacional.

Figura 32 – Documento assinado por Rondon, solicitando ao Bispo de Cuiabá sua Certidão de batismo da Igreja de Santo Antonio do Rio Abaixo no ano de 1865. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 33 – Documento em resposta a petição de Rondon, sobre o seu batismo. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 34 – Candido Mariano da Silva Rondon, com 13 anos de idade. Fonte: VIVEIROS, 1969.

Figura 35 – Fachada da Igreja Nossa Senhora do Amparo e Santa Maria Goretti, foto da década de 50. Fonte: autor desconhecido.

Figura 36 – Fachada da Igreja Nossa Senhora do Amparo e Santa Maria Goretti, foto do ano 2011. Fonte: Sergio Luiz Augusto de Andrade.

Figura 37 - Altar da Igreja Positivista do Brasil. Fonte: Igreja Positivista do Brasil, disponível em <http://www.igrejapositivistabrasil.org.br/>

Figura 38 – Rondon, D. Francisca, seu filho Benjamin e duas de suas filhas. Fonte: Fotografia exposta na exposição Um homem chamado Rondon (2010, Arquivo Público Nacional, Rio de Janeiro).

Figura 39 – Carta escrita por Rondon ao amigo Odorico comentando sobre o falecimento de sua esposa, D. Francisca. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 40 – Fé de Ofício do Marechal Rondon². A primeira página deste documento registra a entrada de Rondon no Exército. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 41 – idem.

Figura 42 – Rondon no início da carreira militar. Foto: Fotografia exposta na Exposição Um homem chamado Rondon.

Figura 43 – Rondon em trajes civis, com aproximadamente 25 anos de idade. Foto: autor desconhecido; fonte: VIVEIROS, 2010.

² Fé de Ofício é um documento militar onde consta todas as atividades/ alterações durante a carreira do militar

Figura 44 – Relatório da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso (1900 – 1906). Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 45 – *idem*.

Figura 46 – *ibidem*.

Figura 47 -. Vista aérea do Real Forte do Príncipe da Beira – construção iniciada em 1776 e concluída em 1783. Construção em estilo *Vauban* nome dado em homenagem ao Engenheiro Militar francês Sébastien Le Prestre, Marquês de Vauban (1633 - 1707), introdutor deste estilo. Fonte: www.gentedeopiniao.com/fotos/image/FortePrincipedaBeira.

Figura 48 – Rondon nas ruínas do Forte Real Príncipe da Beira. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referência: P. 0176-A 910.946.4-54

Figura 49 – Rondon nas ruínas do Forte Real Príncipe da Beira. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referência: P. 0176-A 910.946.4-55

Figura 50 - Colocação de um poste telegráfico. Fonte: Jornal a Epopéia de Rondon, 1958.

Figura 51 - Estrada de Ferro Madeira Mamoré, conhecida como Ferrovia do Diabo, pela quantidade de mortes dos trabalhadores ocorridas por doenças tropicais. Fonte: <http://www.geocities.com/Area51/Realm/7805/efmmindex.htm>

Figura 52 – Rondon no posto de General. Fonte: Arquivo Histórico do Exército

Figura 53 – Imagem do episódio da Revolta dos 18 do Forte - Da esquerda para direita, tenentes Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Newton Prado e o civil Otávio Correia. Fonte: coleção "Nosso Século" (1980) da Editora Abril, página 206.

Figura 54 – Em um dos lajedos foi gravada uma inscrição comemorando a passagem do estado maior da Inspeção de Fronteira. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 55 – Documentos referentes à passagem para a reserva do General Rondon. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 56 – Rondon e os integrantes da Comissão Mista. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 57 – Cel Jaguaribe e a carta de Mato Grosso. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 58 – Rondon recebeu as insígnias de Marechal. Fonte: Jornal Diário da noite, São Paulo, 20 de janeiro de 1958.

Figura 59 – Carta de Rondon publicada em um jornal do Rio de Janeiro endereçada ao Presidente da República solicitando apoio para não mudar o nome do território do Guaporé para Rondônia. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 60 - Apoio externo para Rondon receber o Nobel da Paz (Carta do físico Albert Einstein indicando Rondon ao prêmio Nobel da Paz). Fonte: Exposição Um homem chamado Rondon (2010, Arquivo Histórico Nacional, RJ)

Figura 61 – Os jornais do país publicavam no dia 20 de janeiro de 1958 o falecimento de Rondon. Fonte: Diário da noite de 19 de janeiro de 1958.

Figura 62 – Uma das últimas imagens de Rondon. Fonte: Capa do livro de Esther de Viveiros, Rondon conta a sua vida.

Figura 63 – Fonte: Revista O Mundo Ilustrado, 1957. (Arquivo Histórico de Cuiabá – MT)

Figura 64 - Homenagem no IGHB a Rondon, junho de 1941. Fonte: cpdoc FGV coleção Gustavo Capanema.

Figura 65 – Discurso proferido pelo Sr. Antonio dos Santos Oliveira Junior, representante do governo de Mato Grosso ao entregar a carta de Mato Grosso ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, enaltecendo as virtudes de Rondon. Fonte: Arquivo Histórico de Cuiabá – MT.

Figura 66 – Certificado do índio Amílcar Bororó expedido pelo Collegio Baptista Americano Brasileiro. Fonte: Arquivo Histórico de Cuiabá.

Figura 67 - Carta de Rondon ao presidente de Mato Grosso, datada de 25 de março de 1918, Fonte: Arquivo Histórico de Cuiabá – MT

Figura 68 – Assinatura do Marechal Rondon. Fonte: VIVEIROS. 2010.

Figura 69 – Frederico Carlos Hoehne. Fonte: botanicaufpr.blogspot.com

Figura 70 - “Album de Orchidáceas Brasileiras”, de autoria de Frederico Carlos Hoehne, editado em 1930. Fonte: http://www.orquidariocuiaba.com.br/wp-content/uploads/2009/08/album_orchidaceas_hoehne.jpg

Figura 71 - HOEHNE, F. C. Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Mato-Grosso ao Amazonas. Anexo nº 5 - Historia Natural Botânica. Rio de Janeiro, 1915. Fonte: Acervo do Museu do Índio. Rio de Janeiro - RJ.

Figura 72 – Relatório de Botânica – parte II. Fonte: Museu do Índio.

Figura 73 – Relatório Botânica – parte III. Fonte: Museu do Índio.

Figura 74 - Cogniaux, Alfredus, *Orchidaceae*. Vol. Vol. III, part IV, V and VI of *Flora Brasiliensis*. Frid. Lipsiae (= Leipzig), Frid. Fleischer, 1893–1906. Fonte: Wikipedia.

Figura 75 – Capa do Relatório de Botânica, parte IV e plancha nº 75, *Cyrtopodium palodicolum* Hoehne.

Figura 76 – Relatório de Botânica. Fonte: Museu do Índio.

Figura 77 – Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon. Fonte: Secretaria da Agricultura de São Paulo

Figura 78 – Edgard Roquette Pinto (1884-1954). Imagem possivelmente tirada na época em que teve contato com os índios nambiquaras ou dos índios da Serra do Norte. Fonte: Acervo Roquette Pinto, Centro de memória da Academia Brasileira de Letras.

Figura 79 – Alípio Miranda Ribeiro. Fonte. Museu Nacional.

Figura 80 – João Geraldo Kuhlmann. Fonte: Jardim Botânico.

Figura 81 – Euzébio Paulo de Oliveira. Fonte: Fazendo Histórias, disponível <http://ozildoroseliafazendohistoriahotmail.blogspot.com/search/label/BIOGRAFIAS>

Figura 82 – Relatório de Geologia. Fonte: Museu do Índio.

Figura 83 – João Salustiano Lyra. Fonte: Arquivo Público do Exército.

Figura 84 Capa do Relatório do Serviço Astronômico do 1º Ten João Salustiano Lyra. Fonte: Museu do Exército (Forte de Copacabana – RJ)

Figura 85 – O mapa acima apresenta as estações telegráficas construídas pela Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso. Fonte: governo de Mato Grosso, 1914.

Figura 86 - Itinerário da Comissão de linhas telegráficas estratégica do Mato-Grosso ao Amazonas. Fonte: Revista National Geographic, maio de 2009. Crédito: Thiago e Felipe Varanda. <http://viajeaqui.abril.com.br/national-geographic/interatividades/mapas/2009/mapa-rondon.jpg>

Figura 87 - Documento aprovando as instruções da Comissão das Linhas Telegráficas Estratégica do Mato Grosso ao Amazonas. Fonte: Relatório volume 1, Rondon, 1915.

Figura 88 – Pátio Interno do Quartel e uma peça de artilharia do tempo de D. Maria I. Ruínas da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, antiga capital da província de Mato Grosso. Fonte: RONDON (relatório volume 1), 1915, p.30)

Figura 89 – Rua do fogo da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade. Fonte: RONDON (relatório volume 1), 1915, p. 30)

Figura 90 – Quartel de Vila Bela da Santíssima Trindade. Fonte: RONDON (relatório volume 1),1915, p.30)

Figura 91 – Ruínas da Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade. Fonte: RONDON (relatório volume 1),1915, p.30)

Figura 92 - Ordem do dia nº 2 Fonte: RONDON (relatório volume 1), 1915, p. 44)

Figura 93 – Primeiro acampamento após a partida de Cuiabá no dia 7 de setembro de 1097. (RONDON (relatório volume 1), 1907, p. 44)

Figura 94 – Rondon distribuindo presente aos índios. Fonte: RONDON, 1915, p.49.

Figura 95 - As águas do Rio Papagaio despencam de quase 100 metros no salto de Utiariti, no Mato Grosso. Foto de Felipe Varanda. Fonte: <http://viajeaquie.abril.com.br/national-geographic/edicao-110/fotos/marechal-rondon-450584.shtml?foto=0p>

Figura 96 – Os primeiros homens da expedição que viram o rio Juruena. Fonte: RONDON, relatório volume 1,1915, p. 51.

Figura 97 - Esta espingarda com a bandoleira e a flecha, faz parte do acervo do Museu Nacional. Fonte: VIVEIROS, 1969, p. 230.

Figura 98 – Gavião Utiariti Fonte: Relatório Conferências, 1922, p. 51.

Figura 99 – Gramofone usado nas expedições da Comissão Rondon. Foto: Acervo do autor. Peça exibida na exposição: Um homem chamado Rondon. Realizada entre 13 de abril a 14 de maio de 2010 no Arquivo Histórico Nacional.

Figura 100 – Cabeceira Comemoração de Floriano. Fonte: (Rondon (relatório volume 1, p.199)

Figura 101 – Imagem mostrando a comemoração do acampamento no dia 19 de Novembro, Dia da Bandeira. É neste dia em que se presta homenagem ao pavilhão nacional, pois essa foi a data de instituição da bandeira nacional republicana, no ano de 1889. Fonte: acervo Arquivo Histórico do Exército.

Figura 102 - Rondon com nativos – Comissão Rondon. Fonte: Povos indígenas no Brasil – disponível em: img.socioambiental.org/d/235920-1/tiriyo_6.jp

Figura 103 – Rondon em acampamento não identificado, com foto de sua família à mesa. Fonte: Arquivo museu do Índio.

Figura 104 – Aldeia de índio Nambiquara. Planalto dos Parecis. Fonte: Expedição de 1908 (RONDON (relatório volume 1), 1915, p.138)

Figura 105 – Passagem da carga em pelotas. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referencia: P.0176-A 910.946.4-51,1

Figura 106 – O automóvel no sertão. Fonte: Museu da imagem e do som de Cuiabá. Referencia: P.0178-A 1920.946.4-119

Figura 107 – Caderneta onde Rondon escrevia as suas anotações (capa e interior). Fonte: Museu do Exército (Forte de Copacabana)

Figura 108 – Resultado de uma caçada em Comemoração de Floriano. (sentado, de terno, Alípio Miranda Ribeiro; 3º sentado, Tenente Lyra; em pé, Rondon). Fonte: RONDON, 1915, p. 200.

Figura 109 – Rondon sempre homenageava os membros da sua Comissão. Esse local recebeu o nome de Porto Amarante, em homenagem ao Tenente Amarante. Fonte: Foto do Arquivo Histórico do Exército

Figura 110 – Construção do Retiro do Veado Branco. Fonte: RONDON, 1915, p. 195.

Figura 111 - Cabeceira Comemoração de Floriano. Vista do acampamento. 29 de junho. Fonte: RONDON, 1915, p. 198.

Figura 112 - Hasteamento da bandeira nacional. Fonte; Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referencia: P.0178 1910.946.4-98

Figura 113 – Fios do telégrafo usado pela Comissão Rondon. Foto: Acervo do autor. Peça exibida na exposição: Um homem chamado Rondon. Realizada entre 13 de abril a 14 de maio de 2010 no Arquivo Histórico Nacional

Figura 114 – Executando o esticamento do fio telegráfico. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referência: P.0175 1910.946.4-11

Figura 115 – Trabalhadores da Comissão levantando postes. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 116 – A linha era implantada por sucessivas frentes de trabalho. Atrás vinha a turma que removia troncos e raízes. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 117 – Tinha uma turma que abria a estrada. Sobre rios e depressões se construíam pontes. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 118 – Os postes eram feitos com madeiras lei. Para transportar os postes eram utilizados os carroções. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 119 – Os postes eram fincados de 90 em 90 metros na reta. Colocavam até 100 postes por dia. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 120 - Tinha uma turma só para esticar os fios. Os trabalhados anônimos foram os grandes responsáveis pela implantação das linhas telegráficas. Rondon sempre os elogiavam. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 121 – Aparelho telegráfico utilizado pela Comissão Rondon. Foto: Acervo do autor. Peça exibida na exposição: Um homem chamado Rondon. Realizada entre 13 de abril a 14 de maio de 2010 no Arquivo Histórico Nacional

Figura 122 – Operadores do telégrafo. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referência: P.0177 1910.946.4-89.

Figura 123 – Raimundo de Oliveira operador do telégrafo entre 1950 e 1994, atualmente radioamador que se comunica usando o código Morse dos velhos tempos. Fonte: Disponível em: http://viajeaqui.abril.com.br/national-geographic/imagens/galeria-de-fotos/2009/mai/edicao-110-marechal-rondon-codigo-morse_p.jpg

Figura 124 – Uma das estações telegráficas da Comissão Rondon. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Figura 125 – Quadro com as estações construídas pela Comissão Rondon. Fonte: Arquivo Histórico do Exército

Figura 126 – Mapa com os nomes e as datas de inauguração das 21 estações da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Fonte: LASMAR, 2008, p. 26.

Figura 127 - Índios Borôros “servindo” na Comissão Rondon. Fonte: figura 393, pagina 242, Volume 1 de Índios do Brasil

Figura 128 – Índios voluntários prestam o serviço militar. Fonte: Revista da Cultura, Fundação Cultural do Exército, ano X, Nº 16, abril de 2010.

Figura 129 – Theodore Roosevelt (1858-1919), 26º Presidente dos Estados Unidos da América. Fonte: AMNH.

Figura 130 – Dr. Vital Brasil com um auxiliar, trabalhando no Instituto Seruterápico. Fonte: Revista Rio Pesquisa, nº 11, ano III.

Figura 131 - Roosevelt examina uma serpente no Instituto Seruterápico em São Paulo durante a sua visita. Fonte: Revista Rio Pesquisa, nº 11, ano III.

Figura 132 – Expedicionários americanos - da esquerda para a direita: Anthony Fiala, George Cherrie, padre John Zahm, Theodore Roosevelt, Kermit Roosevelt, Frank Harper e Leo Miller. Fonte: AMNH.

Figura 133 - Oficiais que participaram da Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Fonte: Relatório 1 da Comissão Rondon.

Figura 134 – Os membros da expedição reunidos para o almoço. Fonte: AMNH.

Figura 135 – Mapa com o itinerário da viagem de Roosevelt a América do Sul. Fonte: <http://www.kampa.com.br/blog/2008/04/explorando-o-brasil-remo-teste.html>

Figura 136 – Mapa da localização do Rio da Dúvida. Mapa da esquerda, mais antigo, com o nome de rio da Dúvida e o da direita, já renomeado como rio Roosevelt. Fontes: Mapa da esquerda: Sônia Vaz. Mapa da direita: <http://www.kampa.com.br/blog/2008/04/explorando-o-brasil-remo-teste.html>.

Figura 137 – Roosevelt e Rondon a bordo do navio Nioac. Fonte: AMNH.

Figura 138 – Rondon e Roosevelt entre um grupo de índios Nambiquaras. Fonte: AMNH.

Figura 139 – Rondon e Roosevelt durante a Expedição Científica. Fonte: AMNH.

Figura 140 – Roosevelt e Rondon. Fonte: AMNH.

Figura 141 – Primeiro prédio do Museu Americano de Historia Natural. Fonte: <http://www.amnh.org/about/history.php>.

Figura 142 – Roosevelt e uma onça pintada. Fonte: AMNH.

Figura 143 – Naturalistas preparando material para ser enviado para Nova York. Fonte: AMNH.

Figura 144 – Kermit, filho de Roosevelt. Fonte: AMNH.

Figura 145 – Roosevelt e Rondon, provavelmente perto de Cáceres, Mato Grosso. Fonte: AMNH.

Figura 146 – Os homens da expedição. Fonte: AMNH.

Figura 147 – O rio da Dúvida. Fonte: AMNH.

Figura 148 – Os canoeiros da expedição. Fonte: AMNH.

Figura 149 – Roosevelt doente é levado pelos homens em uma barraca improvisada numa canoa. Fonte: AMNH.

Figura 150 – Roosevelt escrevendo suas anotações protegido dos mosquitos. Fonte: AMNH.

Figura 151 – Fim da jornada é inaugurado uma placa comemorativa da mudança do nome de rio da Dúvida para rio Roosevelt. Fonte: AMNH.

Figura 152 – Roosevelt é recebido como herói em sua cidade natal Oyster Bay. Fonte: AMNH.

Figura 153 – Roosevelt deu varias conferencias pelo mundo afora e sempre dizia que colocou no mapa um afluente do rio Amazonas com cerca de 1.600 Km. Fonte: AMNH.

Figura 154 - Comissão Rondon – Primeira a alcançar a Região Amazônica. A expedição movimentava-se a pé, em canoas ou no lombo de bois e mulas. Fonte: www.funai.gov.br.

Figura 155 – Panorama de Porto Velho, situada a margem do rio Madeira. Estação do telégrafo sem fio para Manaus. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. REF P.0178 1910.946.4-107

Figura 156 – Planta do Herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Fonte: Museu Nacional.

Figura 157 – Ficha de identificação do Herbário do Museu Nacional do Rio e Janeiro. Fonte: Museu Nacional.

Figura 158 - Rondon segurando uma planta. (Fonte: RONDON, Índios do Brasil volume III, p. 290)

Figura 159 - *Vitoria regia*, Lindley, conhecida como forno d'agua, é um símbolo da Região Amazônica. Foto: Sergio Luiz Augusto de Andrade.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Geologia e Mineralogia.....	99
TABELA 2 - Botânica	99
TABELA 3 - Zoologia.....	99
TABELA 4 – Coleções do Museu Nacional	101
TABELA 5 – Trabalhos publicados.....	102
TABELA 6 – Espécimes novos.....	340
TABELA 7 – Variedades novas	348
TABELA 8 - Utilidade	349

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
1 MOTIVAÇÃO	24
2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS	25
3 OBJETIVOS	31
4 METODOLOGIA	32
5 INSTITUIÇÕES PESQUISADAS	34
6 RELAÇÃO DE AUTORES E SUAS OBRAS QUE TRATAM DA TEMÁTICA	36
7 AS FONTES PRIMÁRIAS	37
8 REDAÇÃO DA TESE	38
1 A FILOSOFIA POSITIVISTA; PRIMEIROS PASSOS	41
1.1 O POSITIVISMO	43
1.2 O POSITIVISMO NO BRASIL	49
1.3 A INFLUÊNCIA DO POSITIVISMO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	51
1.3.1 O pensamento pedagógico positivista	57
1.3.2 Influência do positivismo na Escola Politécnica e Escola Militar	63
1.3.3 A Reforma Benjamin Constant	64
1.4 REAÇÃO AO POSITIVISMO NO EXÉRCITO BRASILEIRO	66
1.5 O POSITIVISMO E RONDON	72
1.6 PRIMEIROS PASSOS	75
1.7 CADERNETAS DE RONDON: AS CENTENÁRIAS FONTES DE INFORMAÇÃO	79
1.8 ESCRITÓRIO CENTRAL: O MARKETING DA COMISSÃO RONDON	80
1.9 SEÇÃO DE FOTOGRAFIA E CINEMATOGRAFIA: UMA JANELA PARA O FUTURO	83
2 O MUSEU NACIONAL E OS NATURALISTAS DA COMISSÃO RONDON	89
2.1 A COMISSÃO RONDON E O MUSEU NACIONAL	89
2.1.1 Geologia e mineralogia	95
2.1.2 Botânica	97
2.1.3 Acervo recebido pelo Museu Nacional	102
2.1.4 Acervo recebido pelo Museu Americano de Historia Natural	104
2.2 OS NATURALISTAS DA COMISSÃO RONDON	108
2.2.1 Candido Mariano da Silva Rondon	110
2.2.1.1. A imagem de Rondon – o mito e o homem	134

2.2.2 Frederico Carlos Hoehne	145
2.2.2.1 Participação de Hoehne na Comissão Rondon.....	162
2.2.3 Edgar Roquette-Pinto	164
2.2.4 Alipio de Miranda Ribeiro	168
2.2.4.1 Participação de Ribeiro na Comissão Rondon	169
2.2.5 João Geraldo Kuhlmann	172
2.2.6 Euzébio Paulo de Oliveira	174
2.2.6.1 Participação de Euzébio Paulo de Oliveira na Comissão Rondon	175
2.2.7 João Salustiano Lyra	178
2.2.7.1 Participação do Ten Lyra na Comissão Rondon	179
2.2.8 Cícero de Campos	181
3 AS COMISSÕES DE RONDON	183
3.1 COMISSÃO CONSTRUTORA DE LINHAS TELEGRÁFICAS DO MATO GROSSO (1900 – 1906)	184
3.2 COMISSÃO DE LINHAS TELEGRÁFICAS ESTRATÉGICAS DO MATO GROSSO AO AMAZONAS (CLTEMTA)	189
3.2.1 Expedições de reconhecimento e exploração	196
3.2.1.1 Exploração do Rio Juruena	196
3.2.1.2 Serra do Norte – a segunda etapa da expedição	204
3.2.1.3 Território dos Nambiquaras	208
3.2.2 Expedições de construção	231
3.2.2.1 Características principais da linha telegráficas.....	231
3.3 A EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ROOSEVELT-RONDON	244
3.3.1 A expedição	257
3.4 A VOLTA DE RONDON A BARÃO DE MELGAÇO.....	271
3.5 LEGADO DA COMISSÃO RONDON	273
4 PLANTAS COLETADAS PELA COMISSÃO RONDON	278
4.1 A FLORA DAS REGIÕES CENTRO-OESTE E NORTE DO BRASIL	278
4.2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	280
4.3 RESULTADOS E DISCURSÕES	282
4.4 UTILIDADES	321
4.5 RESUMO DA PESQUISA REFERENTE A FLORA	324
CONSIDERAÇÕES FINAIS	329
REFERÊNCIAS	334

INTRODUÇÃO

"A construção da linha telegráfica foi o pretexto. A atividade de exploração científica foi tudo".

Edgard Roquette-Pinto em Rondônia.

1 MOTIVAÇÃO

Foi no ano de 1969 que a Abril Cultural lançou uma coleção que tinha como título *Grandes Personagens da Nossa História* e que conseguimos completá-la com todos os seus fascículos. Dentre todos os números dessa coleção, um em especial despertou-nos grande interesse. Era o dedicado a Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), o Marechal Rondon. Naquela época, com a fértil imaginação de um menino de 10 anos e estimulada pelas aventuras dos filmes de Tarzan e Jim das Selvas, trouxeram um grande fascínio em relação as narrativas dessa, até então, para nós, desconhecida personalidade de nossa história. A partir de então, a leitura e a curiosidade sobre as suas aventuras passaram a fazer parte permanente da nossa vida. Podemos afirmar que passamos a ler tudo aquilo que se escrevia a respeito do desbravador recém-descoberto.

Anos mais tarde, durante visita à Igreja Positivista do Brasil com um grupo formado pelos professores e alunos do Programa de Pós-graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia (HCTE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), descobrimos a relação de Rondon com o Positivismo e surgiu então o desejo de estudar aquele personagem e sua ligação com a ciência. O ponto de partida da pesquisa foi o Museu do Exército no Forte de Copacabana, mas, até aquele momento, não tínhamos a certeza que o tema da pesquisa era relevante para a história da ciência. Todavia, no ano de 2008, ao participar do Congresso da Sociedade Brasileira de História das Ciências (SBHC) na cidade de Niterói, estabelecemos contato com o texto *Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915)* publicado na *Revista História, Ciência, Saúde - Manguinhos* vol.15 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 2008 de Dominichi Miranda de Sá; Magali Romero Sá; Nísia Trindade Lima. Após a leitura do texto, obtivemos a certeza de que estávamos no caminho certo e que deveríamos prosseguir na nossa escolha.

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

O processo de regionalização do espaço geográfico brasileiro começou com o a assinatura entre Espanha e Portugal do Tratado de Tordesilhas, assinado em 7 de junho de 1494, logo após o descobrimento da América. O acordo diplomático procurava equacionar os conflitos entre Espanha e Portugal advindos da colonização e exploração das terras recém-descobertas, estabelecia o direito de Portugal sobre todos os territórios situados a leste de um meridiano a 370 metros das ilhas de Cabo Verde e a Espanha, as terras a oeste desta linha.

Após o descobrimento do Brasil, foi fundada a cidade de Salvador e foi estabelecida como a primeira capital do Brasil em virtude da proximidade com Portugal e encontrar-se dentro dos limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas. D. João III de Portugal, criou em 1549, o cargo de governador geral do Brasil e Tomé de Sousa foi designado o primeiro Governador Geral. Assim, o processo de regionalização do Brasil começou na porção leste, mais precisamente no litoral.

Outro exemplo desse processo de regionalização do espaço geográfico brasileiro foram as capitanias hereditárias. Elas foram, no início do século XVI, uma das formas de administração territorial do império português. Consistia da doação de lotes de terra a particulares, em razão de a Coroa portuguesa possuir recursos limitados. As capitanias estabeleceram a divisão das terras brasileiras em quinze faixas distintas, que ficavam sob a posse e responsabilidade perpétua e hereditária de seus donatários.

Os ciclos econômicos também fizeram parte do processo de regionalização do espaço geográfico no Brasil. Essa prática ocorreu no período do Brasil colônia, com a exploração da cana de açúcar no Nordeste brasileiro (séculos XVI e XVII), do ouro na região das Minas Gerais (séculos XVII e XVIII) e do café no estado de São Paulo (século XIX). Essas diferentes regiões foram exploradas em busca de novas terras e mais riquezas, todavia ocorreram sempre na porção leste do país.

A 22 de janeiro de 1808, com a vinda e estabelecimento da Família Real Portuguesa no Rio de Janeiro e, posteriormente, com as melhorias introduzidas pelo monarca na região, o leste do Brasil desenvolveu-se muito mais rápido que as outras regiões do país.

O Centro Oeste ficou ao longo dos anos quase inexplorado e pouco povoado. O contraste entre o sertão e o litoral levou o escritor Euclides da Cunha (1866 – 1909) a escrever a Teoria dos dois Brasis na obra Os Sertões. Nela, o autor, critica a indiferença da população litorânea em relação à realidade da sociedade mestiça dos sertões desassistida e entregue à própria sorte.

O governo imperial brasileiro, preocupado em ocupar e manter sua presença e autoridade na região Centro-Oeste do Brasil, após a invasão do Paraguai ao atual estado de Mato-Grosso do Sul em 1865, iniciaria uma série de ações no sentido de ligar essa região ao centro do poder, localizado na então capital do Brasil, Rio de Janeiro. Logo após a Proclamação da República em 1889, o governo central do Brasil deu continuidade a essa iniciativa e ligaria pelo telégrafo os atuais estados de Mato-Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia ao governo central e ao restante do país.

Em 1907, o governo central convidou o capitão do Exército, Candido Mariano da Silva Rondon (1865 – 1958), para comandar uma comissão que tinha como objetivo estender o fio telegráfico por essa região insalubre e pouco conhecida. Essa Comissão, que ficou conhecida como Comissão Rondon, durou até 1915, implantando o fio do telégrafo, mas também estendendo suas atividades a outros domínios, como a pacificação dos índios; localização de pontos geográficos, como: rios, montanhas e planícies; explorando, com a participação de cientistas nacionais, a nossa fauna, flora e mineralogia; estudos etnográficos e astronômicos.

A Comissão Rondon se desenvolveu no período conhecido como República Velha, Primeira República ou República Oligárquica, designações usadas para o regime ocorrido no Brasil entre os anos de 1889 a 1930.

Para se entender a Comissão Rondon é preciso conhecer o homem chamado Rondon e a filosofia que ele adotou, o Positivismo. Compreendendo essa forma de se ver e analisar o mundo, se poderá saber o porquê de um militar, bem sucedido em sua carreira – ele chegou ao posto mais alto da hierarquia militar, Marechal – buscar o desenvolvimento dos povos indígenas, trazendo-os ao estado positivo ou científico e a importância que ele deu a ciência, fazendo esse consórcio com os cientistas do Museu Nacional e de outras instituições científicas, sendo a primeira comissão de caráter militar a levar cientistas nas expedições.

Rondon é retratado pela grande maioria dos escritores, como o homem que comandou a implantação do telégrafo ou que fez um trabalho humanitário com os índios e pouco se escreveu em relação à contribuição da sua empreitada para as ciências.

Buscando maiores conhecimentos sobre o perfil militar de Rondon, se foi possível entender como um homem poderia, há um século atrás, lidar com a combinação de tantos fatores adversos. Ou seja, manter o comando sobre soldados rebeldes, conviver com civis mal nutridos e, muitas das vezes, contornar a hostilidade dos índios em uma obra gigantesca e arriscada empreitada para a época, como a Comissão Rondon. Rondon teve que usar todos os recursos militares que dispunha e toda a energia para cumprir e principalmente fazer cumprir a missão que ele se propôs. Como militar de carreira do Exército Brasileiro, o presente pesquisador pode entender melhor o rigor empreendido por Rondon para que os homens sobre o seu comando cumprissem todas as suas ordens. No segundo capítulo, dedica-se uma parte deste a essa questão que foi vista de um extremo a outro, ou seja, uma imagem de Rondon mitificada, retratado algumas vezes quase como um santo, principalmente pelos positivistas, e um Rondon humanizado, mostrando suas falhas e seus defeitos.

A Comissão Rondon era “a menina dos olhos” dos positivistas brasileiros. Todas as ações de Rondon com relação aos índios (amor), a campanha militar (ordem) e a implantação do telégrafo (progresso) estavam afinadas com o pensamento positivista, cujo lema era: amor, ordem e progresso.



FIG. 1 – Menina índia com o maior símbolo positivista, a Bandeira Nacional. Fonte: figura 796, página 216 do volume II de Índio do Brasil.

Decidiu-se dedicar especial atenção à Filosofia Positivista e à obra de Candido Mariano da Silva Rondon, sobretudo os resultados científicos da comissão por ele liderada no período de 1900 a 1915. A pesquisa começou no Museu do Exército situado no Forte de Copacabana, onde descobriu-se material inédito aos pesquisadores.

A pesquisa de todo esse material, inicialmente para a dissertação de mestrado, fazendo um levantamento completo de tudo que foi produzido pela Comissão Rondon, seria uma tarefa árdua e impossível de ser realizada em apenas um ano. Por este motivo, limitou-se o tema da dissertação à Expedição Científica Roosevelt-Rondon (1913-1914). Resolveu-se dar continuidade as pesquisas na tese de doutorado, aproveitando da experiência adquirida no mestrado, inclusive estudando com mais rigor as publicações da Comissão Rondon. Essa comissão é pouco conhecida no meio acadêmico e dos brasileiros em geral, sobretudo os resultados científicos dela oriundos.

Dessa forma, a tese tem como objetivo central apresentar o trabalho pioneiro realizado por Cândido Mariano da Silva Rondon e os cientistas que participaram da

Comissão, em seu afã de integrar grande parte do território nacional ao Brasil conhecido.

Este trabalho pode ser analisado segundo dois aspectos. No primeiro, Rondon participou da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas. Essa Comissão tinha por objetivo a instalação do fio telegráfico para ligar à atual Porto Velho, em Rondônia, (à época chamada de Santo Antonio do Madeira) a cidade de Cuiabá, estando esta última já ligada ao Rio de Janeiro por telegrafia desde o final do século XIX devido ao trabalho pioneiro de Gomes Carneiro em que, cabe ressaltar, houve a participação ativa de Rondon.

Desta forma, não só o Centro-Oeste, mas, também a Amazônia ficaria unida à cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. O estabelecimento da telegrafia seria de grande importância como obra de engenharia em uma nação de estrutura agrária e recém-saída da escravidão. Além disso, havia a necessidade de unir a Amazônia ao restante do país, pois a mesma representava um vasto território sobre o qual praticamente não havia a presença da autoridade brasileira. O pouco resquício da presença da autoridade brasileira se dava através da chegada de embarcações por vias fluviais.

Historicamente, a região passou a ser conhecida pelos brasileiros quando, segundo Silva e Bastos (1983), o bandeirante Antonio Raposo Tavares realizou o primeiro périplo interno do Brasil ao dirigir-se para o sul e posteriormente, subir o Rio Amazonas e retornar ao Atlântico (1648-1651). Em 1719, outro bandeirante, Pascoal Moreira Cabral descobriu ouro em Cuiabá, integrando o Centro – Oeste ao Rio de Janeiro por um contínuo fluxo do precioso metal. Esta cidade passou a ser, no sentido oeste, o limite da civilização por mais de cento e cinquenta anos, pois além dela, encontrava-se, também, a Amazônia isolada da capital federal por caminhos terrestres. Esta é a grande importância da obra de Rondon. Em uma época em que não havia as grandes rodovias e na qual o avião, apesar de descoberto não era evoluído tecnologicamente e, portanto, não poderia participar do processo de integração nacional, o fio telegráfico seria o elo de união entre o litoral e aquele rincão isolado do país, faltando apenas alguém para instalá-lo.

Cabe verificar em que estágio de desenvolvimento se encontrava o país que se propunha a uma tarefa dessas proporções. A esta época, o Brasil apresentava-se carente de tecnologia e distante dos ventos modernizadores da Revolução Industrial, quadro agravado pelo fato de ter um reduzido número de faculdades de Engenharia

e de não existirem centros de desenvolvimento tecnológico. Quando muito, a engenharia voltava-se para o setor de construções, sem o apoio da indústria siderúrgica e de não-ferrosos, como o cobre, este de grande importância para fabricação de cabos telegráficos. Dessa forma, o processo de modernização dependia de custosas importações de equipamento técnico oriundo de países europeus e dos Estados Unidos que já se encontravam industrializados. Este era o quadro desolador do estágio tecnológico no final do século XIX e início do XX da nação.

Em meio a esta caótica situação, as autoridades da república se voltaram para uma instituição sob o controle direto do Estado, o Exército. Essa instituição tinha as condições mínimas para o desempenho de uma tarefa de tal magnitude como a que estava sendo proposta, que era a de unir os *dois Brasís*, isto é, o país litorâneo e conhecido ao outro, desconhecido e que só existia nos mapas, justificando o que Bastide (1964) chamou de *Brasil – terra de contrastes*.

O Exército possuía engenheiros formados na Escola Militar, localizada na Praia Vermelha, posteriormente transferida para o bairro de Realengo, além de levantar importantes cartas geográficas de todos os quadrantes do território nacional. Assim, a escolha de Rondon foi uma atitude lógica dentro de uma organização em condições de fornecer pessoal especializado para o desempenho da missão proposta. Cabe lembrar, devido ao estágio primitivo do capitalismo, não havia empresas privadas de construções em condições de operar no Sertão Matogrossense e na Selva Amazônica. Por sua vez, carecia de segurança a entrega de uma missão de caráter estratégico às empresas estrangeiras, notadamente inglesas, que dominavam este ramo de atividade.

As comissões de construção de linhas telegráficas sempre foram estudadas sob o ponto de vista das comunicações, integração nacional e defesa das fronteiras. Pouco se deu importância à contribuição dessas comissões à ciência em áreas tão diversas como a Astronomia, Cartografia, Botânica, Zoologia, Mineralogia, Geologia, Antropologia e Etnografia. Essa contribuição é o segundo aspecto da ação de Rondon e dos cientistas que com ele participaram da Comissão.

A pesquisa se desenvolveu nesta direção, enfocando a importância para a História da Ciência das atividades científicas da Comissão Rondon, com ênfase na Botânica.

Quanto ao recorte espacial, ele se encontra limitado pelos paralelos de 5 e 16 graus de latitude sul, além dos meridianos 55 e 65 graus de longitude oeste de Greenwich, desenvolvendo-se neste perímetro as expedições. Este trecho do território corresponde à bacia do Rio Madeira e a Chapada dos Parecis, portanto, a um trecho do sul do Estado do Amazonas, ao Estado de Rondônia e ao noroeste do estado de Mato Grosso.

Quanto ao recorte temporal, este abrange os anos de 1900 até 1915, atuação da Comissão Rondon e, ainda dentro dele existe o período de cinco meses, entre dezembro de 1913 e abril de 1914, dedicados à Expedição Científica Roosevelt-Rondon.

3 OBJETIVOS

Essa tese tem como objetivo apresentar a contribuição para as ciências naturais da Comissão Rondon, enfatizando o estudo da Botânica e a utilidade das plantas colhidas e estudadas pelos botânicos que participaram da Comissão.

Os **objetivos** desta pesquisa são:

- Provar que a contribuição da Comissão Rondon para as ciências naturais foi maior que o seu objetivo principal, que era instalar o telégrafo em regiões pouco conhecidas, tuteladas pelo Exército e com a participação de outros ministérios;
- Fazer uma breve explanação da filosofia positivista, destacando a sua influência em Rondon, em seus oficiais e em alguns dos cientistas que o acompanhavam;
- Apresentar um panorama da contribuição para as ciências da Comissão Rondon, principalmente a Botânica, focando sua utilidade em áreas como: depurativo; ornamentação; ornamentação de grandes lagos e aquários; medicinal; alimentação; enchimento das almofadas de cangalhas e selas; caramanchões altos e para varandas; óleo; resina e goma; tanino; veneno utilizado pelos índios na caça e pesca; pastagens dos gados (foragem); ornamento e seda para almofada; fabrico de esteiras para dormir; madeira de lei e construção;

- Apresentar um panorama da importância dos materiais coletados nas expedições para o Museu Nacional;
- Apresentar uma breve biografia da vida de Candido Mariano da Silva Rondon e dos cientistas da Comissão Rondon;
- Contribuir para a pesquisa e discussão no campo da História da Ciência no Brasil, fornecendo elementos que ajudem a conceber a história das ciências, nas décadas iniciais da República, iluminando aspectos pouco explorados pela historiografia, como o estudo das Ciências Naturais, protagonizada pela Comissão Rondon.

4 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa foi a do tipo exploratória, e para tanto se fez pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Esta última foi descrita no capítulo 4.

Inicialmente começou-se a pesquisar as cadernetas de Rondon, disponíveis no Museu do Exército localizado dentro do Forte de Copacabana no Rio de Janeiro. As cadernetas são uma fonte primária importantíssima para o presente pesquisador, todavia, devido à ação do tempo, tornou-se muito difícil sua leitura. Algumas foram escritas a mais de cem anos e foram escritas a lápis, em local não apropriado, durante a expedição, dentro da mata e à noite com pouca luminosidade.

Rondon lançava mão do calendário positivista, portanto, é fundamental conhecer previamente o funcionamento desse calendário para poder transformar a data para o calendário gregoriano. Soma-se a isso as dificuldades de se entender algumas palavras regionais e a gramática da época.

Após esse primeiro contato, passou-se a pesquisar os relatórios da comissão disponíveis no Museu do Índio situado no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro. Esses relatórios têm cerca de cem títulos, a maioria deles são relatórios científicos de diversas áreas como: Botânica, Zoologia, Mineralogia, Etnográfica, Astronomia, Cartografia, Lingüística, Medicina, etc. A leitura desses registros foi fundamental

para o prosseguimento da pesquisa. Paralelo a essa pesquisa documental começou-se a ler toda a bibliografia existente sobre a comissão Rondon, os cientistas que dela participaram e atividades do próprio Rondon. Coincidentemente, começou-se por ler os livros que mitificava a figura de Rondon. Livros como: Rondon o Marechal da paz, de Ana Luiza Collor de Mello; A obra ciclópica do General Rondon, de Amílcar Botelho de Magalhães; Rondon, o civilizador do sertão do General Benício e do Coronel Castello Branco, etc.

Após essas leituras iniciais começou-se a revisão da literatura de autores que faziam algumas críticas a comissão, os chamados de revisionistas como: Todd Diacon, O Marechal da floresta; Laura Antunes Maciel, A nação por um fio; Nísia Trindade, Um sertão chamado Brasil; Elias dos Santos Bigio, Candido Rondon, a integração nacional, etc. Usou-se na pesquisa muitas vezes como referência o livro Rondon conta a sua vida. Esta obra escrita por Esther de Viveiros, esposa do Sr. Américo Duarte de Viveiros, positivista e amigo de Rondon, foi publicada após a morte de Rondon, ocorrida em 1958. Estudou-se as duas edições: a primeira publicada pela Cooperativa Cultural dos Esperantistas em 1969 e outra publicada pela Biblioteca do Exército em 2010, com 618 e 614 páginas, respectivamente. Esta obra é na verdade uma autobiografia, ditada por Rondon e copiada de suas anotações, sobretudo das suas cadernetas. Rondon enviou uma carta a Dona Esther em 14 de janeiro de 1957 agradecendo pelo seu trabalho, “muitas vezes já vos agradei de viva voz o trabalho que, com tanta dedicação e carinho, realizastes a meu lado, transcrevendo em admirável forma literária fatos e recordações da minha vida”.

Durante oitos meses de convívio quase diários, Dona Esther, que morava na mesma rua que Rondon, escreveu o livro e através de seus olhos, o ancião cego por causa de um glaucoma, pode ditar suas lembranças. Em 1958, quase ao mesmo tempo, chegaram ao fim a extensa obra e longa vida, respectivamente, da autora e do grande desbravador. A leitura desse livro é obrigatória para todos que desejam conhecer a vida de Rondon e todo o seu trabalho nos sertões do Brasil.

Deve ser ressaltada a preocupação com algumas passagens do livro acima citado. Um olhar mais atento, de quem conhece as fontes primárias da vida de Rondon se encontrará algumas pequenas falhas na obra. Por exemplo, na página 299 da edição de 2010 que corresponde a página 303 da edição de 1969, Rondon afirmou: “reembarquei no mesmo navio que me trouxera, saindo a 6 [de fevereiro de

1909] com destino a Manaus. Ao passar pela barra do Jaci-Paraná com o Madeira, encontrei as turmas do Tenentes Alencardiense e Pirineus”. Acontece que descendo o rio Madeira de Santo Antonio em direção a Manaus, Rondon não poderia ter passado pela foz do Rio Jaci-Paraná, situado a mais de duzentos quilômetros acima do ponto ao qual Rondon se refere. Ele deve ter passado pela Barra do Jamari, do Maici, do Ji-Parará ou do Machado, menos pelo Jaci-Paraná. É fácil constatar isso, observando o mapa da região.

Em hipótese alguma esses pequenos equívocos tiram o mérito do livro, pois o fato narrado aconteceu quando Rondon estava adoentado, com quarenta e um graus de febre (VIVEIROS, 2010, p. 299) e provavelmente se confundiu e, como o livro foi publicado após a sua morte, infelizmente ele não teve tempo de revisar. Considerou-se esse livro importante por ser a única biografia autorizada por Rondon, por sua escrita ter sido acompanhada por ele durante oitos meses e as fontes pesquisadas pela autora terem sido transcritas na íntegra. Por esses motivos, cita-se Viveiros como uma fonte primordial na pesquisa.

5 INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Esta pesquisa buscou levantar, unificar e analisar documentos primários, particulares e oficiais, da Comissão Rondon, disponíveis em diversas instituições municipais, estaduais, federais e internacionais, conforme relato abaixo, sendo possível desta forma fazer análises dos mesmos.

No Rio de Janeiro, foram feitas pesquisas em fontes primárias, como: as Cadernetas de Rondon, Ordem do dia, telegramas, cartas, ofícios, relatórios, etc, disponíveis no Museu do Exército e Arquivo Histórico do Exército. Localizou-se várias fontes no Arquivo Histórico Nacional e na Biblioteca Nacional. Identificou-se e foram analisados os relatórios da Comissão Rondon, cuja coleção, com aproximadamente cem publicações, encontram-se no Museu do Índio. Foram pesquisados os acervos referentes a Botânica, Zoologia, Mineralogia e Etnologia da Comissão Rondon arquivados no Museu Nacional. A pesquisa de campo foi realizada no Herbário do Museu Nacional. Encontrou-se, ainda, várias fontes primárias e fotografias na seção de documentação do Museu Nacional. Encontrou-se vários livros sobre Rondon na biblioteca do Museu Conte de Linhares, situado no bairro de São Cristovão e na biblioteca do Centro de Estudos e Pesquisas de

Historia Militar do Exército, localizado no Palacete Laguna no Maracanã. A visita feita à Igreja Positivista do Brasil, cujo presidente Sr. Dalton Voltaire, forneceu os primeiros dados sobre o Positivismo, destacando a influência desta filosofia na vida de Rondon e adquiriu-se várias publicações e um DVD sobre a vida de Rondon .

No Rio Grande do Norte, na Prefeitura Municipal de Nísia Floresta foram identificadas várias publicações (inclusive cartas trocadas com Augusto Comte) sobre a vida de Nísia Floresta, educadora e escritora que teve seu nome ligado ao Positivismo.

No estado de São Paulo, descobriu-se no Museu do Ipiranga, vários artigos sobre a Comissão Rondon publicados na Revista do Museu Paulista e no Museu de Biologia de São Paulo, onde identificou-se o Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon de autoria dos botânicos Frederico Carlos Hoehne e João Geraldo Kuhlmann que participaram da Comissão Rondon.

Várias outras fontes foram obtidas na região Centro-Oeste, nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Na cidade de Campo Grande foi possível conversar com o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Prof^o Hildebrando Campestrini, que forneceu importantes informações sobre a Comissão Rondon; o Prof^o Arnaldo, do mesmo instituto, forneceu uma cópia da Carta de Mato Grosso e regiões circunvizinhas. No Museu Dom Bosco, em Campo Grande, encontrou-se vários artefatos indígenas da região de Mato Grosso e Amazonia. Na cidade de Aquidauana, conversou-se com o diretor de cultura do município, Sr. Rangel Castilho que permitiu pesquisar o livro “Album fotográfico do estado de Mato Grosso” de 1914, onde se encontram informações sobre Mato Grosso, mapas, fotografias, tabelas e dados estatísticos. Na cidade de Cuiabá, no Arquivo Histórico de Cuiabá, teve-se acesso a diversos documentos da Comissão, como por exemplo: uma carta de Rondon ao “Presidente” de Mato Grosso, documento de doação de material colhido pela Comissão ao estado e vários recortes de jornais e revistas. No Museu Rondon, localizado na Universidade Federal de Mato Grosso, localizou-se vários artefatos de índios da região. No Museu da Imagem e do Som de Cuiabá, obteve-se várias fotografias da Comissão Rondon e especialmente duas fotografias de Rondon nas ruínas do Forte Príncipe da Beira, que comprovam que Rondon encontrou esse fortificação abandonada depois de anos. Na biblioteca estadual de Cuiabá, encontrou-se alguns livros, entre eles um livro muito bem editado e de fino acabamento, com o título: Tributo a Rondon e

obteve-se ainda vários recortes de jornais e revistas. No Museu Histórico de Cuiabá, encontrou-se material sobre a Guerra do Paraguai, que motivou o governo imperial a preocupar-se com a região de Mato Grosso e começar a implantação da rede telegráfica.

No estado do Amazonas pesquisou-se no Arquivo Público do estado do Amazonas, não obtendo-se material de importância para essa pesquisa. No Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, foi estabelecido contato pessoal com o diretor do instituto, Sr. José Geraldo, por ocasião do I Seminário de História das Ciências do Amazonas, patrocinado pela Fiocruz daquele estado que prontamente forneceu informações importantes que contribuíram para a pesquisa. Infelizmente não foi possível pesquisar no Museu Amazônico em virtude do mesmo estar fechado para os pesquisadores por motivo de greve dos funcionários daquela instituição.

Entrou-se em contato com o American Museum of Natural History com os curadores Paul Sweet, Thomas J. Trombone e James M. Carpenter, que forneceu vários relatórios publicados pelos membros americanos da Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Em junho de 2013 este pesquisador esteve no AMNH onde foi possível pesquisar na biblioteca do museu. Encontrou-se na biblioteca, documentos da Expedição Científica Roosevelt-Rondon e foi possível obter cópia do acervo fotográfico da expedição.

Para enriquecimento desta pesquisa, não ficaram ausentes análises de tabelas e mapas, como por exemplo: os mapas do Rio da Dúvida, posteriormente batizado de rio Roosevelt.

6 RELAÇÃO DE AUTORES E SUAS OBRAS QUE TRATARAM DA TEMÁTICA

Inicialmente fez-se uma revisão da literatura das informações publicadas por diversos autores. Sem dúvida, vêm crescendo as investigações pelos historiadores acerca do Marechal Rondon, notadamente a Comissão Rondon, pelo que se pode depreender da produção historiográfica recente. Porém, o mesmo não ocorre no tocante à pesquisa sobre a contribuição para as ciências naturais da Comissão Rondon, uma vez que se percebeu que existem poucos estudos específicos sobre o tema.

Há um conjunto de obras relevantes, vindas de interessados na temática, como as dos autores a seguir relacionados: Amilcar Armando Botelho de Magalhães: Impressões da Comissão Rondon, (São Paulo, 1942), A obra ciclópica da Comissão Rondon (Rio de Janeiro, 1956) e Pelos sertões do Brasil (Rio de Janeiro, 1941); Esther Viveiros, Rondon conta a sua vida (Rio de Janeiro, 1958); Darcy Ribeiro, O indigenista Rondon (Rio de Janeiro, 1958); Flávio Guerra, Rondon, o sertanista, (Rio de Janeiro, 1965); Ana Luiza Collor de Mello, Rondon, Marechal da paz, (Maceió, 1984); Bandeira Duarte, Rondon, o bandeirante do século XX, (São Paulo, s/d); Senado Federal, Missão Rondon, (Brasília, 2003); Aurélio Cordeiro da Fonseca e Tatiana Matos Rezende, As cadernetas de Rondon: testemunhos de uma epopéia pelos sertões do Brasil, (Rio de Janeiro, 2010); Elias dos Santos Bígio, Candido Rondon: a integração nacional (Rio de Janeiro, 2000); Benício da Silva e Firmino Lages, Castello Branco, Civilizador do sertão (Rio de Janeiro, 1952); Ediberto Coutinho, Rondon, o civilizador da Última fronteira, (Rio de Janeiro, 1975); Nísia Trindade Lima, Um sertão chamado Brasil, (Rio de Janeiro, 1998). Autores que pesquisaram as imagens da Comissão Rondon: Laura Antunes Maciel, A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon, (São Paulo, 1997); Fernando de Tacca, A imagética da Comissão Rondon (São Paulo, 2001); Denise Portugal Lasmar, O acervo imagético da Comissão Rondon, (Rio de Janeiro, 2008). Autores estrangeiros: Theodore Roosevelt, Nas selvas do Brasil, (Belo Horizonte, 1976); Todd Diacon, Rondon: o marechal da floresta, (São Paulo, 2006); Candice Millard, O rio da dúvida, (São Paulo, 2007).

7 AS FONTES PRIMÁRIAS

A documentação foi trabalhada considerando a sua historicidade, a partir de uma análise crítica e, por isso, ao examinar os acontecimentos por meio do *corpus* documental constituído, analisou-se as fontes, conscientes de que elas não forneceram retratos fieis do ocorrido e, portanto, a verdade absoluta dos fatos.

Os relatórios científicos, produzidos pelos cientistas que participaram da Comissão Rondon, foram uma fonte importante de pesquisa. São os seguintes relatórios: Mineralogia e Geologia – anexo 5, Dr. Alberto Betim Paes Leme; Geologia – anexos 1 e 5, Dr. Euzébio Paulo de Oliveira; Geologia – anexo 5, Carl Carnier e João Brueggemann; Botânica – partes I a VIII, Dr. Frederico Carlos Hoehne;

Botânica, Dr. A. J. de Sampaio; Botânica, Dr. João Geraldo Kuhlmann; Zoologia – 7 partes, Dr. Alípio Miranda Ribeiro; Zoologia, Dr. Adolpho Lutz; Zoologia, Dr. Carlos Moreira; Zoologia, Dr. Afrânio do Amaral; Zoologia, Dr. Adolpho Ducke, Etnografia e Índios do Brasil – 3 volumes, Candido Mariano da Silva Rondon.

A bibliografia a seguir, de Candido Mariano da Silva Rondon e que se encontram no Museu do Índio, também foram analisadas: Ethnographia. Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. História natural. Anexo 5. (1910); O serviço de proteção aos índios e localização de trabalhadores nacionais. (1912); Pelos nossos aborígenes. (1915); Relatório apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e a Divisão de Engenharia do Departamento de Guerra (1949); Conferencias realizadas nos dias 5, 7, 9 de outubro de 1915 pelo Coronel Candido Mariano da Silva Rondon sobre trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão telegráfica. (1916); Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e São Paulo. (1922); Discurso pronunciado na sessão cívica organizada pelo Ministro das Relações Exteriores, Dr. Oswaldo Aranha, para comemorar o regresso do Presidente da comissão mista Internacional Peru-Colômbia. (1938); Rumo ao oeste (1940); Etnografia – “Revista Brasileira de Geografia” (1940); José Bonifácio e o problema indígena. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (1940); Problema indígena. (1943); Índios do Brasil. Volumes I, II, III. (1946, 1953, 1955); Mapa do levantamento expedito do rio Juru, afluente do Gy-Parná. (1943); Glossário geral das tribos silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do norte do Brasil (1948); Esboço gramatical e vocabulário da língua dos índios Borôro. Algumas lendas e notas etnográficas da mesma tribo. (1948); Esboço gramatical, vocabulário, lendas e cânticos dos índios Ariti (Pareci); Nova carta de Mato Grosso. (1952).

8 REDAÇÃO DA TESE

A estrutura da pesquisa foi dividida em introdução, quatro capítulos e uma conclusão. Tendo em vista esses pressupostos, a tese foi organizada da seguinte forma:

No primeiro capítulo, cujo título é A filosofia Positivista, começou-se por abordar a filosofia Positivista, tendo em vista que Rondon, a maioria dos seus

oficiais e alguns dos cientistas que participaram da Comissão, eram adeptos dessa filosofia e achou-se de bom alvitre iniciar o estudo conhecendo a filosofia que norteou o pensamento da maioria dos componentes da comissão. A seguir, foram abordados alguns aspectos importantes para compreensão dessas comissões, por exemplo, a principal fonte primária da comissão, que são as cadernetas de Rondon; o Escritório Central, sobre o ponto de vista do marketing da comissão e sobre a Seção de Fotografia e Cinematografia, que foi uma verdadeira janela para o futuro, a qual possibilitou ver as imagens da comissão.

No segundo capítulo, foi abordada a vida de Cândido Mariano da Silva Rondon e os cientistas que participaram das expedições. Investigou-se os primórdios da vida de Rondon e traçou-se o perfil do homem que personificou as comissões de linhas telegráficas. Para tanto, estudou-se a vida familiar, a formação militar, a influência do Positivismo na sua vida e a relação de Rondon com os índios. Dos seus acertos e erros, procurou-se mostrar que por trás da imagem do mito, há um homem, que fez muito pelo país e particularmente para as ciências. Nesse capítulo foi apresentado um resumo da vida de cada cientista que participaram da Comissão Rondon. São eles: o botânico Frederico Carlos Hoehne, o antropólogo Edgar Roquette Pinto, o zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro, o botânico João Geraldo Kuhlmann, o engenheiro de minas Euzébio Paulo de Oliveira, o geógrafo Cícero de Campos e o oficial do exército e astrônomo Tenente João Salustiano Lyra.

No terceiro capítulo, intitulado: As comissões de Rondon, foram analisadas: a comissão responsável pela construção de linhas telegráficas no Mato Grosso (1900-1906), a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915) conhecida também pela sigla CLTEMTA e a Expedição Científica Roosevelt Rondon (1913-1914) composta por membros americanos e brasileiros. Foram analisadas as expedições de reconhecimento e as expedições de construção.

O quarto capítulo, que tem como título: Plantas coletadas pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, é o mais importante, pois se refere a uma das contribuições da Comissão para as Ciências Naturais, cujo objeto de pesquisa foi a Botânica, destacando a utilidade das plantas coletadas. Dividiu-se o capítulo, para maior compreensão da seguinte maneira: introdução, material e método, resultados e discussões, e conclusão, além de se

apresentar três tabelas: Tabela 6 - espécimes novos, Tabela 7 - variedades novas, Tabela 8 - utilidades. Foram feitas pesquisas das plantas coligidas pela Comissão Rondon arquivadas no Herbário do Museu Nacional e analisadas com base nos relatórios da Comissão de linhas telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas.

CAPÍTULO 1 – A FILOSOFIA POSITIVISTA; PRIMEIROS PASSOS

*Chama-te Maíra Dyuna Criador seria mentir
pois os seres e as coisas respiravam antes de ti
mas tão desfolhadas em seu abandono
que melhor seria não existirem
As nações erravam em fuga e terror
Vieste e nos encontraste
Eras calmo pequeno determinado
teu gesto paralisou o medo
tua voz nos consolou, era irmã
Protegidos de teu braço nos sentimos
O akangatar mais púrpura e o sol te cingiria
mas quiseste apenas nossa felicidade*

Carlos Drummond de Andrade³

O início do século XX trouxe como esforços de expansão das conquistas da técnica e da ciência no Brasil. No ensino superior, foram fundadas as primeiras universidades. São Paulo teve a sua primeira faculdade de Medicina, fundada em 1912. A Universidade do Paraná foi criada em 1912. A Universidade do Brasil foi fundada em 1920, no governo de Epitácio Pessoa, na capital federal. A Universidade de São Paulo e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Rio de Janeiro, foram estabelecidos em 1934.

Em diferentes campos dos conhecimentos técnico e científico ocorreram avanços sem precedentes no Brasil.

Na chamada “República Velha”, o país modernizou-se na eletrificação (Ribeirão das Lajes, 1913), nos portos, no saneamento urbano, na construção de estradas (Washington Luís), na siderurgia (Belgo-Mineira), na indústria química (cimento com a Rodovalho, em 1897; alimentos, fármacos e produtos químicos com a Matarazzo) e na construção civil (uso de concreto armado, arranha-céus: Martinelli 1925/29) e nas comunicações (expansão telégrafos e telefones; rádio 1922). O Instituto Agrônomo de Campinas (fundado em 1887 como Instituto Agrônomo Imperial), que desenvolveu estudos físicos e químicos de solos e pesquisas contra pragas agrícolas; o Gabinete de Resistência de Materiais da Politécnica de São Paulo, que se tornará, em 1926, Laboratório de Ensaio de Materiais e, em 1934, o IPT, Instituto de Pesquisa Tecnológica; e o Serviço Geológico e Mineralógico, que se destacará, a partir de 1920, nos estudos experimentais de combustíveis e minerais. (Henrique S. Carneiro. <http://nuevomundo.revues.org/573>, acesso em 26/dez/2011)

³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema **Pranto geral dos índios in A vida passada a limpo**. Rio de Janeiro São Paulo: Editora Record, 2002.

Dentro deste contexto de grande desenvolvimento, surge a oportunidade para o brasileiro se liberar de seu complexo de inferioridade que lhe afetava e acreditar que se podia fazer ciência no Brasil.

Sérgio Buarque de Holanda (1936) explica muito bem a mentalidade do povo nesse período:

O Brasil devia entrar em novo rumo, porque 'se envergonhava' de si mesmo, de sua realidade biológica. Aqueles que pugnaram por uma vida nova representavam, talvez, ainda mais do que dos seus antecessores, a idéia de que o país não pode crescer pelas suas próprias forças naturais: deve formar-se de fora para dentro, deve merecer a aprovação dos outros. (HOLANDA, 1936, p. 166)

Nessa busca de modernizar o país surgiu a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas conhecida como Comissão Rondon que foi um dos maiores empreendimentos realizados no Brasil no início do século XX. Esta iniciativa pretendia desbravar regiões inóspitas do território brasileiro e incorporá-las ao país. Outros empreendimentos, como a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil (1892-1894), foram realizados para explorar os sertões brasileiros, todavia apenas essa foi realizada segundo um plano estabelecido e metodicamente desenvolvido.

Essa comissão ficou conhecida como Comissão Rondon.

Candido Mariano da Silva Rondon, o Marechal Rondon (1865-1958) foi um oficial do Exército Brasileiro que na Escola Militar graduou-se em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Em sua época, os militares oriundos da Escola Militar tinham uma formação acadêmica diferenciada das escolas militares atuais. Segundo o General Tito Escobar:

Raros soldados de escola produziram as escolas militares sobram-nos, entretanto, enraizados burocratas, literatos publicistas e filósofos, engenheiros e arquitetos notáveis, políticos sôfregos e espertíssimos, eruditos professores de matemáticas, ciências físicas e naturais, bons amigos da santa paz universal, do desarmamento geral, inimigos da guerra, adversários do exército permanente. (General Tito Escobar *apud* TREVISAN, 2000, <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/militar2.html>)

Esses oficiais, por esse motivo, eram chamados de “**bacharéis fardados**”. Segundo Trevisan (2000, <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/militar2.html>),

Murilo de Carvalho, um estudioso de História Militar lembra, em artigo na *História Geral da Civilização Brasileira*, que esses oficiais de formação

positivista, muito distantes dos problemas da caserna, eram, na verdade, “bacharéis fardados”, competindo com “bacharéis sem farda”. Feliz expressão. Pois foi muito fácil aos “bacharéis fardados”, mesmo depois de terem o poder político nas mãos, devolverem-no aos civis. Esses “bacharéis fardados”, que preferiam ser chamados de “doutor” em lugar de sua patente, em muito pouco questionavam a ordem vigente, não pensavam em golpes ou cercos ao poder, adaptavam-se a ele.

Esses militares, inclusive Rondon e alguns dos naturalistas que participaram da Comissão Rondon, começam a seguir as idéias positivistas, uma filosofia bem em voga à época. Que idéias eram estas? Quais eram os princípios do Positivismo? Como esta filosofia influenciou os cientistas brasileiros? Estas questões foram analisadas e serão apresentadas a seguir.

Rondon e os cientistas, principalmente os que trabalhavam no Museu Nacional, sempre tiveram um relacionamento muito próximo. Além da formação de Rondon obtida na Escola Militar ser sido voltada para a área científica, sem dúvida que o Positivismo aproximou muito Rondon e outros cientistas. Edgar Roquette Pinto (1884-1954), um dos membros da comissão, no livro Rondônia fez o seguinte comentário: “Houve um Brasil antes de Rondon: em ciências, foi o Brasil Português; há um Brasil depois de Rondon: é o Brasil Brasileiro.”

1.1 O Positivismo

A Filosofia Positivista exerceu uma grande influência na vida de Rondon. Serão apresentados resumidamente os principais pontos dessa filosofia que tanto influenciou a sociedade brasileira.

No séc. XIX, uma nova proposta filosófica foi sugerida pelo filósofo francês Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857), que pretendia buscar a ordem e o progresso, com origens na Revolução Francesa (1789), que segundo ele, era o marco inicial do Positivismo. A divisão, proposta por essa filosofia, foi a de hierarquização das ciências, na qual a principal ciência passaria a ser a Matemática.



Fig. 2 - Isidore Auguste Marie François Xavier Comte, Auguste Comte (1798-1857). Fonte: Igreja Positivista do Brasil.

De acordo com esse critério, seis ciências foram consideradas fundamentais: a Matemática, a Astronomia, a Física, a Química, a Biologia e, por fim, a Física Social (posteriormente chamada de Sociologia), a última ciência a nascer entre as ciências fundamentais (COMTE, 1973, p 12).

Segundo Comte, o conhecimento científico representava a maturidade do espírito humano, por isso:

O Oriente e o Ocidente devem, pois, procurar, fora de toda teologia ou metafísica, as bases sistemáticas de sua comunhão intelectual e moral. Esta fusão tão esperada, e que deverá estender-se em seguida gradualmente à totalidade de nossa espécie, não pode evidentemente provir senão do positivismo, isto é, de uma doutrina caracterizada sempre pela combinação da realidade com a utilidade. (COMTE, 1973, p. 68)

Para tanto, formulou a famosa **Lei dos Três Estágios**, segundo o qual o conhecimento e a sociedade evoluem numa direção bem definida, passando por três fases distintas:

Essa lei consiste que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. (COMTE, 1973, p.9)

O primeiro estágio, o **Teológico**, os homens adotavam explicações teológicas, onde os fenômenos eram interpretados tendo por referência à vontade dos deuses e as realidades transcendentais, “a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o impressionam, numa palavra, tende para um conhecimento absoluto” (COMTE, 1973, p. 9)

Como a base racional e empírica era ainda muito rudimentar a faculdade que entrava em jogo era principalmente a imaginação, que apelava para seres sobrenaturais cujas vontades arbitrárias e caprichosas explicam todas as anomalias do mundo. Por exemplo, nesse primeiro estágio a erupção de um vulcão, seria explicado como sendo uma ira do Deus Vulcano⁴.

Sobre o fim desse estágio, escreveu Comte:

O sistema teológico chegou a mais alta perfeição de que é suscetível quando substituiu, pela ação providencial de um ser único, o jogo variado de numerosas divindades independentes, que primitivamente tinham sido imaginadas. (COMTE, 1973, p.4)

No segundo estágio, o **Metafísico** os deuses foram substituídos pelas forças abstratas e com o monoteísmo já se foi estabelecendo a transição para o estado metafísico, cuja função principal era destruir o pensamento teológico e preparar o advento para a forma de pensar do estágio positivo.

A mesma tendência à unificação que, no período anterior levou ao monoteísmo, reduziu, no período metafísico, a multiplicidade de forças a um princípio único “a natureza”. O mesmo exemplo dado no primeiro estágio, a erupção de um vulcão, neste caso seria explicado como a emissão de cinzas de uma cratera.

Como o estágio teológico, o estágio metafísico, segundo Comte, atingiria seu apogeu e foi explicado da seguinte forma: quando “o último termo do estado metafísico consiste em conceber, em lugar de diferentes entidades particulares, uma única grande entidade geral, a natureza, considerada como fonte exclusiva de todos os fenômenos”. (COMTE, 1973, p.4)

⁴ A palavra "vulcão" deriva do nome do deus do fogo na mitologia romana Vulcano.

Finalmente o terceiro estágio, o **Positivo** era a explicação moderna, o estado positivo ou científico. Renunciou de vez à investigação das causas, e passou a não mais imaginar o porquê das coisas, limitando-se apenas a descrever como se passavam os fatos. A erupção de um vulcão neste estágio seria explicado como: o magma, gases e partículas quentes (como cinzas) escapam para a superfície terrestre. Eles ejetam altas quantidades de poeira, gases e aerossóis na atmosfera, podendo causar resfriamento climático temporário.

Todas as ciências, segundo Comte, passaram pelos dois primeiros estados, e só se constituíram quando chegaram ao terceiro. O Estado Positivo era, pois, o termo fixo e definitivo em que o espírito humano descansava e encontrava a ciência, para Comte:

A perfeição do sistema positivo à qual este tende sem cessar, apesar de ser muito provável que nunca deva atingi-la, seria poder representar todos os diversos fenômenos observáveis como casos particulares dum único fato geral, como a gravitação o exemplifica. (COMTE, 1973, p.4)

As sociedades evoluíam segundo essa lei, e os indivíduos, em outro plano, também realizariam a mesma evolução. As ciências abstratas, que eram fundamentais, formavam seis grupos e, estavam dispostas na sua ordem hierárquica: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia e Sociologia. As concretas como a Mineralogia, a Botânica, e a Zoologia, segundo Comte, não estavam ainda constituídas e, por isso, ele não as classificou.

Comte desenvolveu a religião da Humanidade que tinha como principal objetivo ensinar e divulgar a base do Positivismo. A religião da Humanidade substituiu o Deus cristão. A idéia era que esta religião unificaria a humanidade e que deveria abranger todas as pessoas e todas as classes do mundo. “A religião da humanidade, porém, privará em breve a retrogradação deste apoio augusto, que só um justo horror da anarquia lhe conserva.” (COMTE, 1973, p. 76).

Auguste Comte atribuiu às mulheres um papel importantíssimo na nova religião, pois Comte supunha que elas tinham qualidades inatas, como o afeto e a bondade.

Com efeito, apesar de prevenções empíricas, as mulheres acham-se muito dispostas para bem apreciar a única doutrina que pode hoje conciliar

radicalmente a ordem com o progresso. Elas não de reconhecer, sobretudo que está síntese provisória, que a ele sacrificava a inteligência e a atividade. Nossa filosofia torna-se plenamente conforme ao espírito feminino, rematando a escala enciclopédica com a moral, que, como ciência e como arte, constitui necessariamente o estudo mais importante e mais difícil, resumindo e dominando todos os outros. Desenvolvendo, enfim, o sentimento cavalheresco, comprimido outrora pelos conflitos teológicos, o culto positivo erige o sexo afetivo providência moral da nossas espécie. (COMTE, 1973, p. 76).

A família era a base fundamental na religião da Humanidade e novamente Comte atribuiu à mulher a responsabilidade moral de conduzir a família e admitiu que ela ajudaria a espécie humana a atingir o estado positivista.

Sistematizando a família, como base normal da sociedade, o regime correspondente faz dignamente prevalecer naquela a influencia feminina, transformada, enfim, em supremo arbitro privado da educação universal. Por todos esses títulos a verdadeira religião será plenamente apreciada pelas mulheres, logo que elas reconhecerem suficientemente os principais caracteres que as distinguem... A fim de incorporar as mulheres à revolução ocidental, cumpre conceber a última fase desta como devendo oferecer-lhes um profundo interesse especial, diretamente relativo ao próprio destino delas. (COMTE, 1973, pp. 76 e 77).

Comte escreveu sobre diversos assuntos, principalmente sobre as questões de ordem social. A Igreja Positivista do Brasil reproduzia os escritos de Comte ou os reescrevia, mas sempre sendo fiel aos seus ensinamentos.

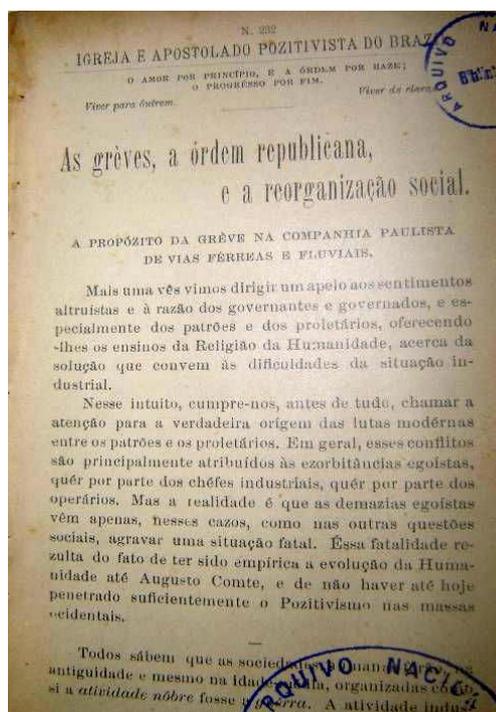


Fig. 3 – Publicação nº 232 da Igreja Positivista do Brasil. Fonte: Arquivo Nacional

Comte criou o Calendário Positivista com os nomes de 13 figuras históricas da humanidade que ele venerava e que segundo ele contribuíram para a evolução da sociedade humana. Foram eles: Moisés, Homero, Aristóteles, Arquimedes, Cesar, São Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutemberg, Shakespeare, Descartes, Frederico, Bichart. (COMTE, 1973)

Essas 13 figuras deram nomes aos treze meses positivistas, cada um com 28 dias, fazendo um total de 364 dias e o dia 1 de janeiro era consagrado a Deusa da Humanidade. O primeiro ano do calendário positivista foi 1789, pois segundo os positivistas, a Revolução Francesa, que iniciou nesse ano, marcava também o início da revolução científica. Rondon utilizava esse calendário em seus relatórios, cadernetas, ordem do dia, etc.

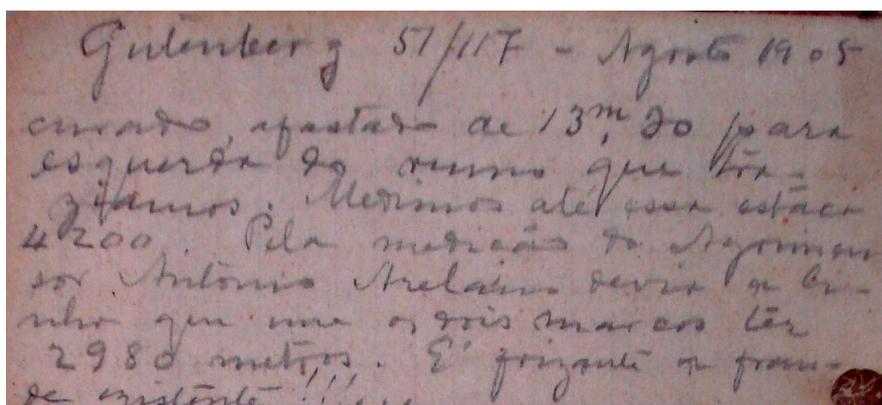


Fig. 4 - Um trecho da caderneta de Rondon com o calendário positivista. Mês Gutemberg do ano 117, referente ao mês de agosto do ano 1905 do calendário gregoriano.
Fonte: caderneta de Rondon. Museu do Exército.

O Positivismo era contrário as idéias dos governos monárquicos e a favor da República. Para eles, a Monarquia fazia parte do estado teológico e no estado positivo só se poderia admitir a República.

Sua posição é afirmada a seguir:

Esta situação republicana, que, acabamos de ver, já é um fato incontestável, torná-se à luz da filosofia da historia, um resultado necessário da evolução progressiva da Humanidade. Começa esta, em sua primeira e vasta organização, pelo estado teocrático, constituído pelo regimen das castas e pela confusão dos dois poderes, espiritual e temporal. A hereditariedade de nascimento formava então o meio de transmissão de todas as funções sociais. Este regimen, que lançou os fundamentos indestrutíveis da ordem humana, não satisfazia ás condições do progresso; tendia para a imobilidade. Era uma sistematização prematura das forças humanas antes

que elas estivessem suficientemente desenvolvidas. (COMTE, 1957, pp. 24 e 25)

As idéias positivistas também eram contra o militarismo. As forças armadas deveriam exercer um papel de policiamento e esperava-se que desenvolvessem uma infra-estrutura para beneficiar o país. Nesse sentido, a Comissão Rondon era o exemplo de missão que o Exército deveria executar, pois além da construção das linhas telegráficas deveria incrementar a ocupação do solo e posteriormente a inspeção das fronteiras.

1.2 O Positivismo no Brasil

O Positivismo Comteano, principalmente a Religião Positivista, encontrou solo fértil em países de menor tradição cultural e carentes de ideologia. Entre esses países, sem dúvida alguma, os da América Latina foram os mais influenciados, sobretudo o Brasil. Miguel Lemos (1854-1917) resumiu a tese de Comte, sobre esta previsão da seguinte forma:

Originadas da mesma civilização ocidental, mas sem os obstáculos retrógrados que o velho mundo protelaram a vitória da nossa fé, destituídas de clerics poderosos e de corporações científicas dominantes, sem tradições parlamentares, sem industrialismo opressor e desregrado, essas nações (da América do Sul) apresentam, tanto no temporal quanto no espiritual, as melhores disposições para aceitarem a doutrina regeneradora. Filhas dos cavalheiros compatriotas do Cid, do Nuno Alves, de Cervantes e de Camões elas conservam toda a pujança do entusiasmo meridional que as leva a simpatizar espontaneamente com a religião, que vem vivificar o sentimento amortecido pela dúvida revolucionária, exaltando-o aos vivos clarões da ciência. A progênie dos adoradores ferventes do ideal de Maria deve forçosamente acolher com simpatia a religião que vem fundar o culto da mulher e proclamar a supremacia do amor (LEMOS, 1ª circular anual do Apostolado Positivista no Brasil, 2ª edição brasileira, p.38)

As primeiras manifestações do positivismo no Brasil ocorreram na metade do século XIX, quando em 1850, Manuel Joaquim Pereira de Sá (1835-1904?) apresentou a tese de doutorado em ciências físicas e naturais, na Escola Militar do Rio de Janeiro. A esse trabalho viriam juntar-se a tese de Joaquim Pedro Manso Sayão, sobre corpos flutuantes e a de Manuel Pinto Peixoto sobre os princípios do cálculo diferencial. Boa parte dos conteúdos destes trabalhos foram inspirados na Filosofia Positivista.

O médico Luis Pereira Barreto (1840-1923) foi considerado o filósofo pioneiro da Filosofia Positivista no Brasil. Ele escreveu a obra “As três Filosofias”, e nesta

obra, Barreto afirmou que a Filosofia Positivista poderia substituir com mais vantagem à tutela exercida pela Igreja Católica no Brasil. Barreto não foi um positivista ortodoxo.

O filósofo brasileiro Miguel Lemos (1854-1917) e o filósofo e matemático brasileiro Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), que eram cunhados, foram os precursores do Positivismo no Brasil, ainda quando estavam estudando na Escola Politécnica.

Em 1876, Miguel Lemos, Raimundo Teixeira Mendes e Benjamin Constant (1836-1898) fundaram a primeira sociedade positivista do Brasil, que foi chamada de Sociedade Positivista Brasileira. Em 1887, Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes viajaram para Paris e conheceram os filósofos franceses Émile Littré (1801-1881) e Pierre Laffite (1823-1903). Littré só aceitava a primeira parte da obra de Comte (antes da obra escrita sobre a religião da Humanidade) ao passo que Laffite aceitava toda a obra de Comte. Miguel Lemos decepcionou-se com o littréismo e por suas convicções tornou-se um adepto da religião da Humanidade, tendo recebido de Laffite o título de apóstolo.

De volta ao Brasil, Miguel Lemos fundou em 1881 a Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, que originou o Apostolado Positivista do Brasil e a Igreja Positivista do Brasil, que existe até hoje, situada a Rua Benjamin Constant, nº 74, no Rio de Janeiro, e que possui a finalidade de formar cidadãos crentes e ainda de opinar e fazer intervenções oportunas nos negócios públicos.



Fig.5 - Fachada da Igreja Positivista do Brasil, fundada em 11 de maio de 1881. Fonte: Site Oficial da Igreja Positivista do Brasil, <http://www.igrejapositivistabrasil.org.br/>

Raimundo Teixeira Mendes foi vice-diretor do Apostolado Positivista do Brasil, por um longo período, de 6 de janeiro de 1888 até 11 de maio de 1903, quando assumiu a direção (Torres, 1957). Foi das principais figuras do positivismo no Brasil. Teixeira Mendes foi um pensador e filósofo, não de idéias originais, visto que seguia com rigor o pensamento comteano. Não se pode dizer também que ele era um simples divulgador e nem tão pouco um repetidor, pois pensava profundamente as idéias comteanas e recriava, sem, contudo ter um espírito crítico.

Quando Teixeira Mendes assumiu a direção do Apostolado Positivista no Brasil, realizou um de seus sonhos, de fazer em Paris a propaganda do verdadeiro positivismo. Parece estranho que tal propaganda fosse acontecer logo no berço do Positivismo. O fato é que, Pierre Laffite, apesar de fazer pregações na casa de Comte, ensinava, segundo Lemos e Teixeira Mendes, de forma errônea as doutrinas comteanas. Laffite rompeu com os brasileiros desde 1883 e vetou a entrada dos mesmos na casa de Augusto Comte em Paris.

O Positivismo não estava sendo bem aceito em Paris, considerada a “cidade santa da religião”. O Positivismo, como religião, floresceu melhor no Brasil, do que em outros países latinos americanos, incluindo a própria França.

Os positivistas tiveram um papel importante na Proclamação da República, destacando principalmente a figura do militar e estadista brasileiro Benjamin Constant (1836-1891) que era positivista, embora não fosse adepto da Religião da Humanidade. Constant também teve um papel importante na educação brasileira. Foi professor da Escola Politécnica e Escola Militar, e por este motivo, teve oportunidade de influenciar várias gerações de jovens que estudaram naquelas escolas. Os positivistas influenciaram muito na elaboração da Constituição Brasileira de 1891, principalmente nos assuntos relacionados à educação. Uma outra contribuição marcante dos positivistas foi à criação da bandeira nacional cujo lema “ordem e progresso” é de origem comteano.

1.3 A influência do Positivismo na Educação Brasileira

O Positivismo foi uma das filosofias que mais influenciou o pensamento brasileiro e deixou marcas profundas na educação brasileira. Um dos marcos da

história positivista brasileira foi Benjamin Constant que assumiu a pasta do Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos no governo de Deodoro.

O Apostolado Positivista do Brasil sempre pautou os seus atos pela observância rigorosa dos ensinamentos de Comte. Por isso as opiniões de Comte determinaram a atitude do Apostolado Positivista do Brasil em todas as questões relativas à educação.

Os positivistas idealizavam uma sociedade igualitária, de forma que os proletários pudessem compartilhar de todos os benefícios da sociedade, para tanto, propunham modificações sociais e políticas que protegessem os trabalhadores. Este plano político englobava não só problemas sociais, mas também atuação na educação e saúde.

A educação brasileira foi fortemente influenciada pela Igreja Católica e este fato pode ser comprovado desde o descobrimento do Brasil (1500), presença esta que continua por quase 400 anos. Bem verdade que perdeu um pouco deste prestígio na Questão Religiosa e também no período da Proclamação da República, com a ascensão do Positivismo.

Em 1792 o Vice-rei D. José Luís de Castro (1744-1819), 2º Conde de Resende, assinou os estatutos aprovando a criação da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho - iniciando o ensino de disciplinas que seriam a base da engenharia no Brasil.

A Carta Régia datada de 4 de Dezembro de 1810, do Príncipe-regente, futuro Rei D. João VI, criou a Academia Real Militar, que veio suceder e substituir a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho.

(...) hei por bem que na minha atual Corte se estabeleça uma Academia Real Militar para um curso completo de ciências matemáticas, de ciências das observações, quais sejam a química, física, mineralogia, metalurgia e história natural e das ciências militares em toda a sua extensão. (...) (**Carta Régia**, 1810)

A Escola foi instalada em abril de 1811 na Casa do Trem, onde atualmente se encontra o Museu Histórico Nacional, o local não foi considerado ideal para o funcionamento de uma escola militar e por este motivo a escola foi transferida no dia 1 de abril de 1812 para um edifício localizado no Largo do São Francisco. (PARDAL, 1984)

Com a criação da Academia Real Militar, o Brasil passou enfim a ter uma instituição que oferecesse um curso completo de ciências. As disciplinas lecionadas eram:

Sciencias Mathematicas, Sciencias de Observação, Physica, Chymica, Mineralogia, Metallurgia e História Natural, que compreenderá o Reino Vegetal e Animal e das Sciencias Militares em toda a sua extensão, tanto de Tática como de Fortificação e Artilharia. (AZEVEDO, 1994, p.64)

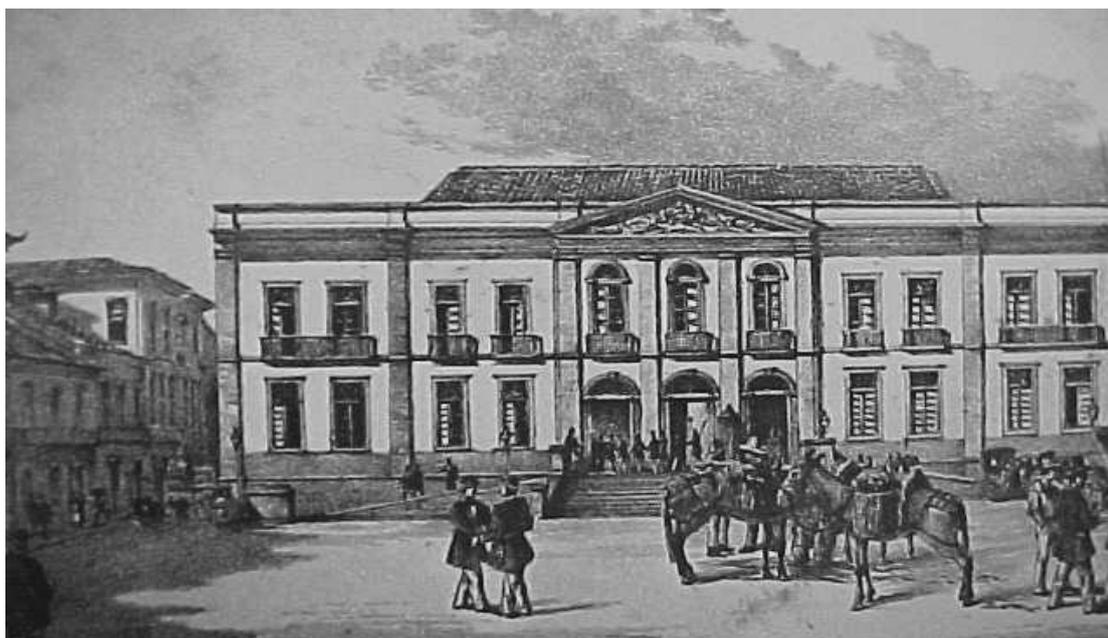


Fig. 6 - Prédio da Escola Militar, no Largo de São Francisco, em 1826. A Academia Militar foi transformada em Escola Central, permitindo o estudo de civis e militares (1860). Fonte: Foto de Pieter Gotfred Bertichem. (BERTICHEM, 1856)

A Academia Real Militar tinha a finalidade de formar oficiais de Artilharia, oficiais Engenheiros e oficiais da classe de Engenheiros geógrafos e topógrafos. O curso completo de 7 anos era exigido apenas para os oficiais engenheiros e os oficiais de Artilharia.(PIVA, 2007).

As inúmeras reformas e modificações nos programas do ensino militar, durante o período imperial, refletiram também na denominação da Escola. Em 1833 à Academia passou a aceitar os civis para frequentar seus cursos junto com os militares. Em 1839, a academia passou a denominar-se Escola Militar e em 1842 é adotado o regime misto, uma vez que a disciplina militar era muito rigorosa e nem todos os alunos interessavam-se pela carreira militar, surgindo então os engenheiros civis. Em 1855 houve uma separação total do ensino militar e do ensino civil, a formação dos militares ficou a cargo da Escola Militar da Praia Vermelha, localizada na Praia Vermelha e a dos civis na Escola Central e, em 25 de abril de 1874, foi

criada a primeira escola civil de Engenharia, a Escola Politécnica, que foi no século XIX, uma das grandes escolas de ensino superior na cidade do Rio de Janeiro. (AZEVEDO, 1994)



Fig. 7 - Em 1874 a Escola Central é transformada em Escola Politécnica, para o ensino exclusivo da engenharia civil. Fonte: <http://www.flickr.com/photos/11124678@N02/2218795851/>

Em 1904, a Escola Militar foi transferida para o Realengo, onde eram formados os oficiais de Engenharia e de Artilharia. Os oficiais de Infantaria e de Cavalaria eram preparados em Porto Alegre.

Em 1905, concluíram-se as reformas do antigo prédio, modificando-se o pórtico da entrada e acrescentando-se o 3º andar. Posteriormente, em 1948, foi edificado o 4º andar. (PARDAL, 1984)

Em 1966 a Escola Politécnica transformou-se em Escola de Engenharia e mudou-se para a Cidade Universitária na Ilha do Fundão. As instalações da antiga Escola Politécnica abrigam no momento o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, conhecido como IFCS.



Fig. 8 - Fachada atual da antiga Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, com o acréscimo do terceiro andar. No prédio atualmente funciona o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A fachada e o pórtico são em estilo neoclássico. Foi Tombado pelo Patrimônio Artístico do Rio de Janeiro em 1962. Fonte: PIVA, Teresa.

Uma das mais polêmicas intervenção dos positivistas foi ser contrária a criação de uma universidade brasileira. D. Pedro II (1825-1891) desejava completar a obra educacional do seu reinado organizando uma universidade. O plano da futura universidade tão desejada por D. Pedro II foi apresentado pelo governo para receber sugestões. Os positivistas posicionaram-se contrários a criação de uma universidade e o movimento opositor a tal criação, tinha a frente Raimundo Teixeira Mendes (1855 - 1927). Infelizmente pode-se dizer que os positivistas venceram, não porque suas idéias convenceram a população, mas porque o projeto, teve a adesão de muitos que também não queriam ver nascer uma universidade. Com isto o projeto não saiu do papel.

D. Pedro II não desistiu da idéia de fundar uma universidade até a sua deposição, todavia, a instituição idealizada por D. Pedro II possuía certos erros de origem. Os defensores da universidade não sabiam o que reivindicavam, mas os críticos estavam a par do que eram contra e faziam ataque certo mostrando os pontos fracos da organização. Teixeira Mendes chegou a dizer que: “nada há de mais inútil do que um sábio e que um operário honesto conhece mais que um sábio a espiar, nos seus canudos, hipotéticos micróbios”.(TORRES, 1957, p. 200)

Os positivistas chegaram a escrever um protesto contra a criação da universidade e que foi publicada na Circular anual do Apostolado Positivista do Brasil que transcrevemos a seguir:

Os abaixo assinados considerando:

1º Que as universidades do estado, depois de terem sido os focos da liberdade espiritual quando o catolicismo tornou-se opressor, tornar-se-ão hoje, por sua vez, instituição decadentes e um dos maiores obstáculos a toda livre tentativa de reorganizações espirituais;

2º Que a criação de semelhante instituição em nosso país não corresponde a nenhum, a necessidade real, mas somente ao patriotismo mal esclarecido de um certo numero de cidadãos que arrastão - nos assim a imitar a organizações caducas, contra as quais protestam a muito tempo todos os espíritos emancipados do velho mundo;

3º Que o Brasil possui um numero mais que suficiente de escolas superiores para satisfazer as necessidades profissionais e que a fundação de uma universidade só teria como resultado estender e dar mais intensidade as deploráveis pretensões pedantocráticas de nossa burguesia, cujos filhos abandonam as demais profissões, igualmente úteis e honrosas, para só preocupar-se com a aquisição de um diploma qualquer;

4º Que a criação de semelhante instituição em nada interessa, como se quer fazer acreditar, à glória do reinado do Sr. D. Pedro II que, pelo contrario, só pode pretender ao reconhecimento da posteridade, dirigindo os destinos de nossa pátria conforme as tendências de nossa época, e não sacrificando o nosso futuro a satisfação de uma vaidade pueril, indigna da alta responsabilidade de sua função;

5º Que finalmente, os sacrifícios exigidos para realizar este projeto serão outros tantos esforços desviados, com grande sacrifício para o povo, da solicitude que deve inspirar a todos, governo e governados, a verdadeira instrução popular, aquela que se dirige a todos e não somente a um pequeno numero de privilegiados.(TORRES, 1957, p.202)

Se for feita uma observação atual para os países latinos americanos, que criaram universidades no período colonial, como por exemplo: Peru, Equador, São Domingos e México, é possível verificar que esses países não se desenvolveram mais que o Brasil. A explicação para este fato é que a cultura que se transferiu para a América Espanhola apresentava as mesmas tendências que eram praticadas na metrópole, ou seja, o mesmo espírito medieval que alimentava não só a Espanha, mas também Portugal. A universidade não acrescentou progresso na cultura nesses países, ao invés de contribuir serviu para manter o mesmo atraso que ocorria na metrópole. Assim, o fato de ter demorado a surgir no Brasil uma universidade, criada somente no século XX, momento que já existiam condições favoráveis, somou muito mais à cultura brasileira. Esse é um ponto positivo de todos os aspectos negativos que se pode descrever sobre a não criação de uma universidade no Brasil antes da Proclamação da República.

1.3.1 O pensamento pedagógico positivista

O pensamento pedagógico positivista afirmou a idéia burguesa de educação. Augusto Comte foi o principal nome e sua obra "Curso de Filosofia Positiva", publicado em 1830 e 1842, foi de grande importância.

Cours de philosophie positive;
en 72 fascicules,
du 1.^{er} Avril 1826 au 1.^{er} Avril 1827.

	<i>Preliminaires généraux</i>	<i>2 fascicules</i>	<i>(1.^{re} exposition sur l'état de la science positive au plan.)</i>
	<i>Mathématiques</i>	<i>16</i>	<i>calcul 7 géométrie 15 mécanique 4</i>
<i>science des corps physiques</i>	<i>Astronomie</i>	<i>10</i>	<i>géométrie 5 mécanique 5</i>
	<i>Physique</i>	<i>10</i>	
	<i>Chimie</i>	<i>10</i>	
<i>science des corps organiques</i>	<i>Physiologie</i>	<i>10</i>	
	<i>Physique sociale</i>	<i>14</i>	

Fig. 9 - Anotações de Augusto Comte, 1827. Fonte: membres.lycos.fr/clotilde/images/plancourst.gif

Comte inicialmente combateu o espírito religioso. Posteriormente acabou propondo a instituição que chamou "Religião da Humanidade" para substituir os preceitos da Igreja.

Comte não era um filósofo da educação, por isso não escreveu especificamente sobre o tema. O pensamento pedagógico de Comte está inserido no Curso de Filosofia Positiva. Comte dizia que era preciso uma reforma geral no sistema de educação e explicava a necessidade de se substituir a educação européia, ainda essencialmente teológica, metafísica e literária, por uma educação positiva, conforme o espírito da época e com as adaptações necessárias da civilização moderna. Mas adiante, quando se analisou a Reforma Benjamin Constant, mostrar-se-á à educação positiva que foi instalada no Brasil.

Comte fez uma crítica a especialização exclusiva, pois segundo ele, o isolamento pronunciado que caracterizava a maneira de conceber e de cultivar as

ciências influenciam necessariamente, em alto grau, a maneira de expô-las no ensino. Ele dizia que se uma pessoa quisesse naquele momento estudar os principais ramos da ciência a fim de formar-se um sistema geral de idéias positivas, seria obrigado a estudar separadamente cada uma delas, como se pretendesse vir a ser especialmente astrônomo, químico, etc. É óbvio que isso é impossível até mesmo para as mais altas inteligências, situadas nas melhores circunstâncias. Entretanto, a educação geral é necessária, uma vez que as pessoas recebem um conjunto de concepções positivas sobre todas as grandes classes de fenômenos naturais.

O estudo especial das generalidades científicas destina-se a reorganizar a educação e ainda, contribuir para o progresso particular das diversas ciências positivas, dentro desta lógica, Comte estabeleceu uma hierarquia entre as ciências, que começava com a Matemática, seguia com a Astronomia, Física, Química, Biologia e terminava com a Sociologia, termo criado por Comte, uma combinação da Psicologia Social, Filosofia, Ética e Economia Social.

O filósofo inglês Herbert Spencer (1820 - 1903) discípulo de Comte é um dos representantes do positivismo, tal qual Benjamin Constant, deixou de lado a concepção religiosa do mestre e valorizou o princípio da formação científica na educação.

Dermeval Saviani (1984) divide as teorias educacionais em dois grandes grupos: As teorias não-críticas e as teorias críticas-reprodutivistas. A primeira encara a educação como autônoma e busca compreendê-la a partir dela mesma e a segunda é crítica, pois empenha em compreender a educação remetendo-a sempre aos seus condicionantes sociais. O primeiro grupo, que nos interessa para estudo, se divide em três teorias: a pedagogia tradicional, a pedagogia nova e a pedagogia tecnicista.

Na primeira metade do século XX, a escola tradicional apresentou sinais de exaustão e a pedagogia nova, ao mesmo tempo se tornou dominante, pois pelo senso comum a pedagogia nova era portadora de todas as virtudes e a pedagogia tradicional era portadora de todos os vícios. Na prática, a pedagogia nova se revelou ineficaz em virtude da questão da marginalidade, pois muitos alunos ficaram a

margem do processo, sem poder usufruir uma educação de qualidade nos moldes que a pedagogia nova anunciava. Tentou-se construir uma pedagogia nova popular, como a Pedagogia de Freinet, defendida pelo pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966) e a Pedagogia do Oprimido, sustentada pelo educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997).

A pedagogia tecnicista foi amplamente utilizada nos governos militares. A pedagogia tecnicista advogava a reorganização do processo educacional de maneira a torná-lo objetivo e operacional a partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade. Objetivava-se o trabalho pedagógico tal qual ocorreu no trabalho fabril. A educação era planejada de modo que se obtivesse uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas e procurava-se mecanizar o processo pedagógico. Surgiram, então, propostas pedagógicas como o enfoque sistêmico, o micro-ensino, o tele-ensino, a instrução programada, as máquinas de ensinar, etc. O trabalho pedagógico também foi parcelado em especialização de funções. Ficou bem clara a influência do lema positivista de ordem e progresso nesta época.

Na pedagogia tradicional; a iniciativa cabia ao professor que era o sujeito do processo; na pedagogia nova, a iniciativa deslocava-se para o aluno; e na pedagogia tecnicista, o elemento principal era a organização racional dos meios, onde professor e aluno ocupavam uma posição secundária, sendo apenas executores de um processo, onde especialistas faziam a concepção, planejamento, coordenação e controle.

A educação era concebida como um subsistema, que precisava funcionar eficazmente, visto que era essencial ao equilíbrio social onde estava inserida.

Saviani resume bem a relação entre as três pedagogias:

Do ponto de vista pedagógico conclui-se, pois, que se para a pedagogia tradicional a questão central é aprender e para a pedagogia nova aprender a aprender, para a pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer. (SAVIANI, 1984, p.18)

Para os pensadores positivistas, a libertação social e política passava pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, sob o controle das elites. O Positivismo nasceu como filosofia, questionando a realidade e a ordem existente, porém ao oferecer uma resposta a sociedade, afirmou-se como ideologia.

O valor dado à ciência no processo pedagógico justificou maior atenção ao pensamento positivista.

Não se pode encerrar a temática do pensamento pedagógico brasileiro sem lembrar de Nísia Floresta, educadora, escritora e a primeira feminista brasileira. Nísia teve o seu nome ligado ao positivismo.

Dionísia Gonçalves Pinto, que mais tarde passaria a utilizar o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta, nasceu em 1810, em um sítio chamado Floresta, na localidade de Papari, atualmente chamado de município Nísia Floresta no estado do Rio Grande do Norte. Em 1824, sua família mudou-se para Goiana, no estado de Pernambuco, local onde Nísia teve seu primeiro contato com o liberalismo do século XIX. Nísia casou-se muito jovem, com apenas 13 anos, mas logo se separou do marido e voltou a viver com os pais. Aos 18 anos foi viver com Manuel Augusto de Farias Rocha, que veio a ser pai de seus filhos e o grande amor de sua vida.

Em 1833, aos 25 anos, Manuel Augusto morreu em Porto Alegre, RS, e Nísia voltou a morar no Rio de Janeiro e, cinco anos depois, em 1838, abriu nesta cidade o Colégio Augusto, em homenagem ao seu antigo companheiro. O colégio foi criado focando a educação para meninas, que na época no Brasil a base do conhecimento não era voltado para as mulheres. Este estabelecimento de ensino foi revolucionário na época, uma vez que o ensino competia com os colégios existentes exclusivos para os meninos.

A educação particular feminina pouco diferia do quadro da educação pública. Por isso o *Colégio Augusto*, fundado no Rio de Janeiro em 1838, por Nísia Floresta, dividiu opiniões e causou polêmicas, ao instituir uma educação feminina completamente inusitada para aquela sociedade. (FILGUEIRAS, 2004, p.349)

Em 1849, foi morar na Europa, fixou residência em Paris, onde teve a oportunidade de conhecer vários intelectuais da época, entre eles, Augusto Comte. (LIMA DUARTE, 1995).

Em 1851, em Paris, Nísia participou do Curso de História Geral da Humanidade, ministrado por Comte.

Nísia e Comte trocaram diversas cartas, desde o início da amizade entre os dois até a morte do filósofo. Entre essas cartas, se destaca uma em especial, datada de 19 de agosto de 1856, que se encontra no Tempo da Humanidade, sede da Igreja Positivista do Brasil, e nesta correspondência Comte diz o seguinte: “Ninguém avalia melhor do que eu a importância habitual das dignas relações femininas, sobretudo entre os verdadeiros filósofos”.

A educadora e o filósofo mantinham uma relação de amizade e em uma das últimas cartas dirigidas a Comte, Nísia demonstrou a sua preocupação em relação à saúde do filósofo:

Paris, 22 de agosto de 1857 [Recebida no domingo, 11 de Gutemberg de 69, pelo calendário da Igreja Positivista)

Senhor,

Desde há um mês, todos os corações que o amam e que depositaram no senhor todas as suas esperanças vindouras sofrem profundamente com o estado em que o senhor se depaupera, sem querer recorrer a ciência dos primeiros médicos, submetendo-se a uma consulta. Permita que em nome desses corações que lhe estão sinceramente ligados, em nome da humanidade de que o senhor é o ministro e o mais zeloso servidor, minha fraca voz se eleva junto a seu leito para suplicar-lhe que recorra à arte enquanto ainda é tempo (...)

Veneração e simpatia profundas.

Brasileira.

Comte respondeu a carta dois dias depois:

Paris, segunda-feira, 12 de Gutemberg de 69. [24 de agosto de 1857]

Minha senhora,

Em resposta à sua carta, muito afetuosa, porém pouco judiciosa. Posso limitar-me a devolver a minha profunda convicção de que, se me tivesse infelizmente submetido a precipitações vãs emanadas da ciência falaz das notabilidades medicas, estaria atualmente morto. Sr. Audiffrent, que veio generosamente de Marselha para certificar-se sobre o meu estado, admitiu por completo esta opinião; (...) Os doutores Robinet e Foley, fortuitamente reunidos sexta-feira em minha casa, confirmaram o acerto das minhas previsões sobre o resultado natural e próximo de cada um dos dois tumores nos quais residem os únicos resquícios importunos da moléstia. (...) no final de contas, por mais assustados que os outros estejam, não conseguiram jamais assustar-me num caso e que, melhor que ninguém, sinto que somente olhos vulgares puderam prever a minha morte. A sua invocação de uma vítima Angélica em apoio a um conselho perigoso, é tanto mais cega, quanto a minha Beatriz sucumbiu, não pela moléstia, porém pelos seus dois médicos: é certo que eles não figuravam entre as notabilidades, isto é, os

mais ricos, que são precisamente os que mais desprezo, intelectual e moralmente.

Respeito e simpatia

Auguste Comte

Quatorze dias depois de escrever essa carta, em 5 de setembro, Augusto Comte morreu. Poucos seguidores acompanharam o cortejo fúnebre ao “Père Lachaise”. Quatro mulheres lá estavam, Nísia era uma delas.

As cartas de Nísia encontram-se arquivadas na Maison d’Auguste Comte, em Paris.

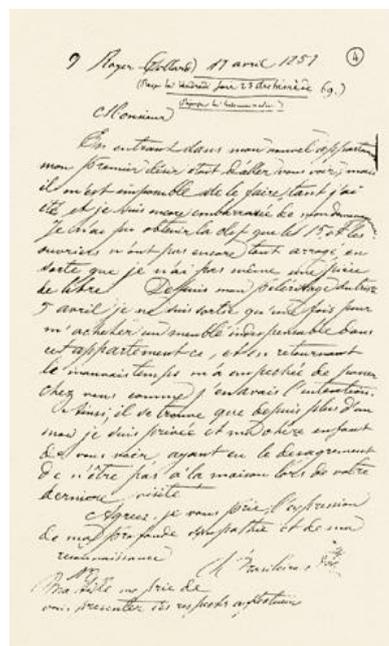


Fig. 10- Uma das cartas de Nísia Floresta para Auguste Comte, 1857. Fonte: Acervo da reprodução de Constância Lima Duarte

Nísia foi uma mulher à frente do seu tempo. Deixou 15 obras publicadas em vários idiomas. A frase seguinte resume bem o pensamento de Nísia, que coadunava com o pensamento Positivista em relação às mulheres: “Certamente Deus criou as mulheres para um melhor fim, que para trabalhar em vão toda sua vida” (FLORESTA,1832, p.1)

1.3.2 Influência do positivismo na Escola Politécnica e Escola Militar

O Positivismo teve aceitação no Brasil principalmente dos professores e alunos das Escolas Politécnica e Militar, locais em que se ensinavam Ciências da Engenharia e Matemáticas.

A partir da segunda metade do século XIX, o positivismo se instalou nessas escolas, e cada aluno era um centro irradiador de idéias, muitas delas antiquadas, mas sempre sinceras e convictamente ensinadas pelos mestres.

Entre 1850 e 1853, foram apresentadas três teses de doutorado na Escola Militar, todas contendo idéias positivistas, e seus autores foram:

Em 1850, Miguel Joaquim Pereira de Sá apresentou uma tese intitulada “Dissertação sobre os princípios da estática” a qual iniciava com um pensamento de Comte, e foi considerada por Teixeira Mendes o primeiro vestígio da influência positivista no Brasil;

Em 1851, Joaquim Alexandre Manso Saião, apresentou a tese “Dissertação sobre os princípios fundamentais do equilíbrio dos corpos flutuantes”;

A última ocorreu no ano de 1853, defendida por Manoel Maria Pinto Peixoto, intitulada “Estudo do principio do cálculo” (Teixeira Mendes e Miguel Lemos, *apud* TORRES, 1957).

O professor que exerceu influência significativa em seus alunos foi o militar e estadista brasileiro Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1836-1891), uma vez que ele lecionava tanto na Escola Militar como na Escola Politécnica. Seus discípulos o viam como um modelo moral a ser seguido e um exemplo de homem da modernidade científica. Ele foi o exemplo da “*paisanização*” do Exército Brasileiro, ocorrida no Segundo Reinado por influência e não se pode afirmar que de forma direta do Positivismo. É importante reforçar que Benjamim Constant não professava a Religião da Humanidade, nem seguia os preceitos morais do Comte de forma radical, embora sua crença no Positivismo como doutrina ética fosse inabalável, como atesta Oliveira Torres (TORRES, 1957).

Quando mais tarde, o Positivismo Brasileiro passou a assumir suas feições mais religiosas que especulativas, Constant ficou com o rótulo de quase dissidente, justamente por causa de sua renúncia em seguir os ensinamentos do Comte religioso.

Benjamin Constant é considerado por muitos como um excelente comunicador e personalidade cativante, certamente por este motivo não teve dificuldades em formar seguidores. O escritor mineiro João Camillo de Oliveira Torres (1957) na obra "O Positivismo no Brasil", escreveu que o engenheiro Vicente Lucínio Cardoso (1889-1931) estudou muito bem esta decidida vocação de Benjamin Constant para o magistério. Para Lucínio, Benjamin foi antes de tudo um professor, um formador de almas. Citou ainda o matemático brasileiro Agliberto Xavier (1869- ?), que foi também discípulo de Benjamim Constant, e que ratificou o potencial extraordinário de Constant. D. Pedro II, também reconhecia esse talento, tanto que o convidou para ser mestre de seus netos. Esse poder de comunicação e personalidade cativante de Constant, fizeram com que se formasse um primeiro núcleo sistemático de positivistas no Brasil, entre os jovens cadetes. Numa época em que o abolicionismo, o republicanismo e o antimonarquismo eram moda entre os jovens, os novatos militares alunos de Constant não fugiam à regra. Eram, pois, o receptáculo perfeito das doutrinas positivistas, que pregavam o amor à humanidade, o advento de uma república científica e o fim do império das "incertezas metafísicas" típicas de um sistema monárquico.

No governo provisório, Constant foi o titular do Ministério da Guerra e depois do Ministério da Educação Pública, Correios e Telégrafos. Em sua homenagem, a 14 de julho de 1926 foi inaugurado um monumento no Campo de Santana no Rio de Janeiro. Uma curiosidade é que o bronze usado na obra foi retirado de canhões brasileiros e paraguaios, misturados em símbolo da paz sul-americana.

1.3.3 A Reforma Benjamin Constant

Benjamin Constant foi nomeado em 1889 Ministro da Guerra e posteriormente em 1890 foi nomeado Ministro da Instrução Pública, dos Correios e Telégrafos no governo do Marechal Deodoro da Fonseca. Logo que assumiu a pasta começou a reformar o ensino, substituiu o currículo acadêmico por um currículo enciclopédico, com inclusão de disciplinas científicas. Consagrou o ensino seriado, e deu maior organicidade ao sistema todo, atuando desde as escolas primárias, as escolas normais, as secundárias, até ao do ensino superior. A reforma repercutiu ainda no ensino das artes e no ensino técnico em todo o país. Nesta época (1890) foi criado no Rio de Janeiro o museu *Pedagogium*, espaço dedicado ao acervo da pedagogia,

centro de aperfeiçoamento do magistério e impulsor das reformas. A reforma mais significativa foi a do Ensino Secundário.

Com a reforma ficou assim estruturado o Ensino Secundário:

1ª Série – Aritmética e Álgebra, Português, Francês, Latim, Geografia, Desenho, Ginástica e Música.

2ª Série – Geometria e Trigonometria e mais as da 1ª Série,

3ª Série – Geometria, Álgebra, Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Descritiva, Latim, Inglês ou Alemão, Desenho, Ginástica e Música. Revisão de Português e Geografia.

4ª Série - Mecânica e Astronomia, Inglês ou Alemão, Grego, Desenho, Ginástica e Música. Revisão de Cálculo, Geometria, Português, Francês, Latim e Geografia.

5ª Série – Física Geral e Química Geral, Inglês ou Alemão, Grego, Desenho, Ginástica e Música. Revisão de Cálculo, Geometria, Mecânica, Astronomia, Geografia, Português, Francês e Latim.

6ª Série – Biologia (parte abstrata e concreta), Zoologia e Botânica, Meteorologia, Mineralogia, Geologia, História Universal, Desenho e Ginástica. Revisão de Cálculo, Geometria, Mecânica, Astronomia, Química, Francês, Inglês ou Alemão, Grego e Geografia.

7ª Série – Sociologia, Moral, Noções de Direito Prático e Economia Política, História do Brasil, História da Literatura Nacional, Ginástica e Revisão Geral. (TORRES, 1957, p.204, 205)

Faltava para a execução da reforma, além de uma infra-estrutura institucional que pudesse assegurar a implantação, o apoio político das elites, que viam nas idéias do reformador uma ameaça perigosa à formação da juventude cuja educação vinha, até então, sendo pautada nos valores e padrões da velha mentalidade aristocrático-rural. Era toda uma estrutura social e econômica entrando no processo de formação do povo e colocando-se como entrave na renovação pedagógica. Se Benjamin Constant teve o mérito de romper com a antiga tradição do ensino humanístico, não teve, porém, o cuidado de pensar a educação a partir de uma realidade dada, pecando, portanto, pela base e sofrendo dos males que vão padecer quase todas as reformas educacionais que se tentou implantar no Brasil. É preciso também levar em conta o grau de preocupação que o governo tinha com a educação. A própria criação de um ministério com coisas tão diferentes, como Instrução, Correios e Telégrafos, mostrou a preocupação do governo com a educação do povo.

Como foi possível perceber essa reforma tinha uma visão totalmente positivista e de imediato os professores positivistas passaram a elogiá-la, como por exemplo a obra “À margem da História do Brasil” (1922), escrita pelo professor Vicente Lucínio Cardoso (1889 -1931), mas em contrapartida a reforma sofreu duras críticas como a do Padre Arlindo Vieira (1897- 1963) que considerou essa

reforma um descalabro do ensino no Brasil. Chamou o programa de astral, brincadeira, desonra da nossa cultura e do nosso bom-senso (Pe Arlindo Vieira, *apud* TORRES, 1957, p. 205). Na verdade não existiam professores suficientes e competentes para implantar essa reforma. Uma observação sobre o assunto foi feita por Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), o positivista que mais defendeu o comtismo: “o poder temporal não se deve interferir nos assuntos do poder espiritual”, ou seja, o governo não deve intervir no ensino (TORRES, 1957, p. 195). Esse foi mais um dos vários equívocos dos positivistas, sobretudo na educação.

1.4 Reação ao Positivismo no Exército Brasileiro

Com o fim da Guerra do Paraguai, os militares perderam seu prestígio e passaram a receber incumbências que denegriam a imagem da corporação, como caçar escravos fugitivos, tarefa normalmente entregue a capitães do mato. Na prática, isso levou os jovens militares em formação a afastarem-se do ideal bélico e guerreiro e a aproximarem-se do estudo das ciências exatas. A Escola Politécnica e a Escola Militar eram, na época, as instituições responsáveis pela formação dos militares.

O início dos estudos matemáticos de nível superior no Brasil ocorreu na Escola Militar e tinha uma forte orientação positivista.

Os professores da Escola Militar tomaram conhecimento da doutrina de Augusto Comte e muitos deles se tornaram adeptos das idéias de Comte. Nos últimos anos do Império, essa instituição era plenamente positivista, uma prova disto é que ensinavam aos futuros soldados a não seguir a religião do Estado e que deveriam combater a autoridade seguindo as idéias e doutrina de Comte.

A Escola Militar formava não homens para a guerra e sim engenheiros. Isso foi criticado como uma espécie de *paisanização* ou *bacharelização* dos militares brasileiros. Os oficiais egressos eram considerados matemáticos e não militares.



Fig.11- Coronel Benjamin Constant. Fonte: <http://www.jornalorebate.com/cadernor/7/especial.htm>

O Positivismo era contrário ao militarismo. Na filosofia de Comte, o último estado na escala evolutiva da sociedade brasileira era o estado positivo, ou seja, um estado industrial e pacífico, não havendo, portanto, espaço para um militarismo forte. Não foram poucas as objeções apresentadas por Teixeira Mendes e pelos próprios membros do Apostolado Positivista a qualquer movimento ou atitude que lhes parecesse ter por objetivo reanimar e reativar a força militar no país.

No Brasil, o exército não era uma instituição organizada e devidamente estruturada como o braço de guerra de um país e neste momento não possuía o mesmo brio de tempos anteriores. Era formado por pessoas que buscavam apenas sua subsistência, uma estabilidade social, e em paralelo não havia interesse do Estado na manutenção do Exército. Nota-se que, nessa associação, havia uma enorme contradição, tanto na instituição militar, quanto na instituição positivista. Ser militar era fatalmente ser considerado um mau positivista, ao mesmo tempo em que se levassem em consideração as idéias positivista seria impossível contemplar as idéias de ser um bom militar - pelo menos, no sentido literal que Comte deu a sua doutrina. (TORRES, 1957, p 216)

O Exército Brasileiro foi influenciado pelo Positivismo de Comte, através de Benjamin Constant, que possuía o espírito guerreiro característico dos militares. Com a morte prematura de Constant em 1891, logo após a Proclamação da República, uma onda anti-positivista começou a rondar o Exército Brasileiro, principalmente na Escola Militar, berço dos oficiais.

O sociólogo e militar Severino Sombra de Albuquerque (1907-2000) denominou muito bem a influência comtista como paisanização do Exército Brasileiro. (SEVERINO SOMBRA, *apud* TORRES, 1957)

O historiador e General Estevão Leitão de Carvalho (1881-1970) foi outro militar que combateu o Positivismo no Exército Brasileiro. Em 15 de novembro de 1938 na “Hora do Brasil” proferiu um discurso em que dizia: “Agravando o perigo, uma exótica influência filosófica (Positivismo) cortava tradições e arremetia contra o próprio passado de glórias do exército, que fundara o nosso regime”. (LEITÃO DE CARVALHO, *apud* TORRES, 1957, p. 70).

Na concepção do historiador Alberto do Rego Rangel (1871-1945) os militares positivistas e sua influência no Exército Brasileiro:

Julgavam assim possuir exclusivamente luz das coisas e segredo do saber onicente, onímodo e onipotente. Tinham resolvido à equação do 2º grau do cálculo aterra e do desatêrro, e assistido Benjamin Constant, no trampolim das projeções ortogonais, rezar pelo credo de Augusto Comte. Eram gente de outra laia e daí se julgarem só eles capazes de endireitarem a cepa torta do Brasil. Tais elementos individuais... se perdiam em meios dos crônicos como eram tratados os que constituíam as folas passivas do exército, mais numerosos e de todo honrosamente submissos a “inácia”... (regulamento do exercito então). (RANGEL, *apud* TORRES, 1957, p. 71)

Os positivistas afirmavam que a Guerra do Paraguai foi um crime e uma covardia. O General Pedro Aurélio de Góis Monteiro (1889-1956), também um crítico fervoroso do positivismo, dizia que essas ações dos positivistas eram para arrasar o espírito guerreiro na alma coletiva do Exército.(TORRES, 1957)

O militar e historiador Heitor Lyra Tavares (1905 -1998), afirmou com uma certa nostalgia:

Pela má composição, como pelo desvirtuamento que se estava dando aos deveres e obrigações militares, o corpo dos oficiais generais não tinha mais nem a qualidade nem o prestígio de antes. Os generais da velha guarda, que pela justa compreensão que tinham dos deveres de classe e acentuado amor as coisas militares, já não existiam mais: a morte os ceifara a todos – Polidoro, Osório, Caldwell, Mena Barreto, Porto Alegre, Andrade Neves, Caxias. O que se via agora predominando no exército era um grupo de

oficiais jovens, espíritos irrequietos e ambiciosos... (LYRA TAVARES, *apud* TORRES, 1957, p.71)

O escritor e crítico Manuel Oliveira Lima (1867- 1928) esclareceu muito bem sobre a questão da *paisanização* dos militares:

Formando uma espécie híbrida de bacharéis de farda, militares pelo ofício, paisanos pela ambição de classe, que se entregavam muito mais aos debates acadêmicos do que as matemáticas, à estratégia e à balística. Essa oficialidade andava transviada da sua educação profissional pela doutrina de uma cultura filosófica francesa que nem todos digeriam satisfatoriamente, mal grado o bem ordenado de sua sistematização. O positivismo era o evangelho da Escola Militar que, oriunda da antiga escola central, depois de ser desdobrada pelo decreto que criou a Escola Politécnica, se tornou verdadeiro viveiro de agitadores. Tenentes e Capitães mostravam saber de cor Augusto Comte e Lafitte em vez de Jomini e Von der Goltz. Frequentavam seus clubes, discutiam política e literatura, em vez de correr aos campos de exercícios. (MANOEL OLIVEIRA LIMA, *apud* TORRES, 1957, p. 71)

O jornalista e escritor Eduardo Paulo da Silva Prado (1860-1901), que não era positivista, culpou o próprio Imperador, D. Pedro II, pela formação do oficial do Exército, como um bacharel e não como um militar:

Já não existe o velho militar, descendente direto das milícias portuguesas das campanhas peninsulares... O oficial novo no Brasil ouvia nas escolas o maior número de professores. Esses (pelo menos muitos deles) ou são bacharéis discursadores, ou são militares de livro francês, filosofantes do positivismo, desses que para a exposição dessa doutrina tiveram a habilidade de criar no Brasil uma retórica especial... O governo monárquico cometeu um erro imenso, deixando ao ensino militar o seu caráter exclusivamente teórico...O senhor D. Pedro II... não fez senão abacharelar o oficial do exército, que agora naturalmente revela pronunciado furor politicante, discursante e manifestante.(EDUARDO PRADO, *apud* TORRES, 1957, p. 72)

Ainda sobre os militares, o General Moreira Guimarães acrescentou que, apesar dessa formação ter começado no Império, continuou a mesma prática pela República:

Na verdade, as antigas escolas militares, mais teóricas do que práticas, escolas de feições acadêmicas em que se formavam altas mentalidades, na Matemática, na Astronomia, na Física, na Química, na Biologia, na Sociologia, na Moral, mas escola sem caráter profissional em que raros estudantes se faziam raros militares, estas escolas vieram do Império com as imperfeições da época e foram assim vivendo pela república a fora.(MOREIRA GUIMARÃES, *apud* TORRES, 1957, p. 72)

Na formação da oficialidade, a reforma da Academia Militar que mais teve destaque foi a que ocorreu em 1835, quando unificaram a formação de oficiais do Exército e da Marinha. O tempo para a formação era longo e severo. Havia a valorização do ensino da Matemática. Posteriormente o ensino dos oficiais do

Exército e da Marinha separou-se em 1838, dando origem a Escola Militar e Escola Naval.

Os oficiais do Exército que se dedicavam as armas de Infantaria e Cavalaria tinham formação rápida, terminavam a formação em dois anos, já os que se destinavam a Artilharia e Engenharia concluíam o curso em cinco anos, assim como os que se destinavam ao Estado Maior. Dividia-se a oficialidade em duas frações: uma constituída de uns poucos elementos oriundos da classe dominante, que se reservavam as funções mais importantes, como depositários da confiança das autoridades, e que passavam parte do tempo em serviço político, como por exemplo: os representantes partidários, nas câmaras eletivas, ou os mandatários do governo, que dirigiam províncias. A outra parte, composta pela maioria, eram oriundos das camadas médias, da nobreza titular em declínio, elementos menores e menos favorecidos das grandes famílias, desprovidos de posses.

O mesmo não acontecia com os oficiais da Marinha, a profissão era encarada como atividade enobrecedora. Os homens que se encaminhavam para a Marinha, em maioria, eram oriundos da classe dominante.

Se a Escola Militar, ainda ao tempo do Império, era o acolhimento único dos elementos sociais menos favorecidos que pretendiam ascender, sob a República esse seu caráter desenvolveu-se mais ainda. O tipo comum que ali ingressava era do jovem provinciano que, tendo servido a pátria inicialmente como soldado e tendo conhecido as fileiras previamente encontrava na Escola Militar da Praia Vermelha o caminho natural. Ao tempo do Império a profissão era subalterna e desprezada, qualificava mal; uma idéia diferente surgiu com a República, motivadas pelas glórias com a guerra com o Paraguai e com isto ocorreu uma ascensão política do Exército. O crescimento demográfico e a ampliação da classe média brasileira, com a estreiteza do mercado de trabalho, e particularmente do trabalho que, numa sociedade ainda cheia dos preconceitos escravistas, tivesse timbre de dignidade, pressionava naturalmente no sentido de levar as fileiras militares, na categoria de oficiais, elementos da classe média. Tudo isto era facilitado por se tratar de um estabelecimento gratuito e para a Escola Militar encaminhavam-se rapazes de todas as condições sociais, inclusive as das classes mais humildes, que não possuíam recursos para custear os seus estudos. Ali, eram levados à leitura de autores que não pertenciam à carreira das armas, principalmente Augusto Comte. Estudavam também outros enciclopedistas e doutrinários da democracia, que tinham o espírito

do romantismo revolucionário, que a abolição vinha favorecendo. Repetidamente isso acontecia:

Contingências materiais, carência de recursos, pois dentro de poucos meses cessariam os proventos do montepio instituído por meu pai, não me permitiriam seguir o curso da Escola Politécnica, para que me atraíam minhas inclinações e um projeto antigo havia muito abandonado. A Escola Militar foi sempre, no Brasil, o recurso para que pudessem apelar aqueles que, sem meios de prover as necessidades da existência a par das despesas de um curso superior, sentissem necessidades imperiosas de estudar, de adquirir uma soma ampla de conhecimentos, de estabelecer as fundações de uma cultura de nível superior. Não quero dizer, é claro, que só esses nela se matriculassem. Grande número, provavelmente a maioria, procurava a Escola Militar apenas seduzido pelo interesse da profissão da armas, pelas vantagens de uma carreira assegurada, para obedecer a uma tradição familiar ou para superar as condições do meio em que haviam nascido. É fato indiscutível. Mas sempre houve número, maior do que se poderá talvez supor, que abraçava a vida militar por ser a forma mais prática e mais eficaz de satisfazer à necessidade íntima de estudar e aprender, de desenvolver e aparelhar a inteligência. Não vou, é obvio, citar exemplos. Mas quantos um dia passaram pelas fileiras da Antiga Escola Militar, pois é a casa que aludo, deles se lembrarão. A Escola Militar era o caminho aberto diante de mim para continuar a estudar, fazer um curso superior e, incidentemente, entrar numa carreira que, embora não me seduzisse, me asseguraria estabilidade na existência. Nos primeiros dias de 1903, assentei praça e matriculei-me. (COARACY, 1959, p. 261, 262.)

Um matemático que combateu a reforma que Benjamin Constant fizera, foi Teixeira Mendes (1855-1927), em seu opúsculo “A Política Positiva e o Regulamento das Escolas do Exército”, ele acusou a intenção do poder público de galvanizar militarismo mediante a sua ligação com a ciência. (MENDES, 1901)

A acusação que o positivismo viciou horrivelmente o ensino nas escolas militares, arrancando-lhes o caráter essencial de centros de educação militar, de formação intelectual e moral para a guerra, careceu em todos os pontos de fundamento, e caracterizou uma posição anti-histórica evidente, a de pretender julgar o passado, a base de conceitos do presente, os conceitos associados às concepções totalitárias de poder e ao papel das forças armadas como suportes de estados obedientes a tais concepções.

Teixeira Mendes admitiu que Benjamin Constant foi um pacifista convicto, depositando suas esperanças no futuro.

Benjamin Constant sabia perfeitamente da necessidade de um Exército organizado eficiente, desejava-o respeitado e respeitador, como garantia da segurança da manutenção da ordem e da tranquilidade públicas, e trabalhando condignamente pelo engrandecimento da pátria; respeitando os poderes públicos,

desde que estes cumprissem a lei, e reagindo até, se preciso fosse, na praça pública, quando os demandos dos governos lavassem o desrespeito a lei até a conspiração. (TORRES, 1957)

Uma força organizada e com tais finalidades, era o oposto do que almejavam os positivistas ortodoxos, que preferiam uma força meramente policial e, obedientes aos ensinamentos do mestre francês Auguste Comte, pregavam o fechamento das escolas militares. O que se combatia, embora de forma velada, era que quando se levantava a acusação contra o tipo de formação de oficiais a que se entregavam as escolas militares na época, é o que chamam intervenção do exército na política, eufemismo que sonegava os dados reais. Ora, uma força armada que deveria ser eficiente e organizada, como era o desejo de Benjamin Constant, mas ao mesmo tempo esclarecida e participante, deveria parecer aos endeusadores um sacrilégio. Daí a tese de que se formavam maus oficiais. Muito ao contrário, talvez em época alguma o exército conhecesse plêiades mais brilhantes de oficiais, no sentido profissional e no sentido geral. O que se combatia era a tendência política dessa oficialidade, recrutada na classe média, ciosa dos valores peculiares a essa classe e pronta a defendê-los e, tornando-se precursora da ascensão burguesa e reformista no país.

1.5 O Positivismo e Rondon

Rondon teve o primeiro contacto com o Positivismo quando ingressou na Escola Militar em 1884.

Ao matricular-me na Escola Militar, encontrei Luiz Ponce, o primeiro matogrossense positivista, prematuramente falecido, irmão do chefe político Generoso Ponce. Chamou-me ele a atenção para as aulas de Benjamin Constant e para o Catecismo Positivista, seu livro de cabeceira. (...) Foi um deslumbramento o contacto com Benjamin Constant. Constituíam as suas aulas verdadeiras exposições filosóficas, secundando-o o repetidor, Trompowski. Com a orientação da Escola, desenvolveram-se minhas disposições naturais, e já no 2^o ano me deixara empolgar. (RONDON *apud* VIVEIROS, 1969, p.587)

Como positivista Rondon participou ativamente contra a escravidão e pela Proclamação da República. Nesta, teve um papel importante, quando já oficial do Exército, junto com o também militar Tarso Fragoso, foi encarregado por Benjamin Constant de levar uma carta ao Comandante da Esquadra Brasileira, Almirante

Wandenkolk, convidando-o a participar do movimento de 15 de novembro. (VIVEIROS, 1969)

A influência da filosofia positivista norteou toda a carreira militar de Rondon. Auguste Comte determinava que em breves dias ocorreria o advento do estado positivo e com ele o fim das guerras. Os exércitos oriundos dos estados passados (teológicos e metafísicos), deveriam ser utilizados em missões pacíficas até que desaparecessem todos os resíduos sociais. Rondon, reconhecendo que as guerras pertenciam ao passado e que o Exército era uma força social importantíssima, orientou as suas atividades no sentido meramente civilizador e pacifista. O próprio Rondon escreveu sobre o assunto:

Quem patenteou maior bravura na paz? Pois não é bravura afrontar o desconhecido, os maiores sofrimentos, o risco de morrer ignorado em longínquos lindes? Onde melhor se cultivaram os nobres sentimentos que constituem grandeza da vida militar, no desempenho dessa tarefa ingente, ou na faixa, sem risco, dos quartéis? E, como dizia Diogo do Couto, “a guerra não se faz senão com fortes corações”. Por isso é que, “se sonhamos com a paz” – disso nos acusam como de um crime – seriam aqueles devotados companheiros capazes de mostrar, na defesa da Pátria, que Hércules podia ressuscitar no século XX. (RONDON, *apud* VIVEIROS, 1969, p.590)

A Filosofia Positivista influenciou também a vida pessoal de Rondon e sua família. Com certeza, Rondon não teria conseguido realizar sua obra se não tivesse o apoio de uma esposa que não compreendesse a sua filosofia de vida. Rondon admite esta relação:

Em 1899 estabelecemos relações íntimas com as famílias Miguel Lemos e Teixeira Mendes, pela nossa completa adesão ao Positivismo. A essa religião foi toda a vida da família dedicada. Como demonstração de nossa transformação religiosa, requeremos ao Apostolado Positivista do Brasil renovação do nosso casamento religioso, a qual se realizou em 8 de Moisés de 115.⁵(RONDON, *apud* VIVEIROS, 1969, p.591)

Outra influência marcante do Positivismo na vida de Rondon é com relação a questão indígena. Rondon adotou como lema:

⁵ A data é referente ao calendário positivista que corresponde ao calendário gregoriano a 8 de janeiro de 1903. o calendário positivista é dividido em 13 meses de 28 dias cada correspondendo aos meses de Moisés, Homero, Aristóteles, Arquimedes, César, São Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutenberg, Shakespeare, Descartes, Frederico e Bichart, somando 364 (13x28) dias, 1 dia é dedicado a Festa Universal dos Mortos, somando assim, 365 dias. Quando o ano é bissexto o dia é dedicado a Festa Geral das Santas Mulheres.

Minha formação cerebral fizeram-me, ao contacto com o positivismo ter a sensação de que, espontaneamente, norteara a minha conduta pelos seus princípios. Daí o entusiasmo com que formulei e adotei o lema verdadeiramente religioso, que foi a diretriz dos trabalhos da Comissão: "Morrer, se necessário fôr, matar nunca". (RONDON, *apud* VIVEIROS, 1969, p.589)

Rondon teve em mente não só proteger os silvícolas dos civilizados, mas também da civilização e foi contra a catequese dos índios. Ele sustentou a idéia de que deveriam permanecer no seu *habitat* com a sua cultura.

Rondon, como positivista que é, reconhece a existência das mentalités primitivas, pré-lógicas de Levy-Bruhl, e submete a evolução das condições materiais da vida. Esse determinismo social dos positivistas é a origem de sua extremada liberdade de pensamento. Não adianta ensinar o catecismo ao índio; ele continua índio na mesma. Também é natural permanecer no fetichismo (estado teológico), e o resto é proporcional e relativo. Quando a sua cultura chegar ao estado positivo, serão positivistas. (TORRES, 1957, p.183)

Rondon uniu o seu compromisso militar de defender a pátria com as idéias humanistas preconizadas pelos positivistas e aceitas pela Religião da Humanidade. Dentro do espírito positivista Rondon escreveu o seu Credo.

Credo de Rondon

Eu Creio:

Que o homem e o mundo são governados por leis naturais.

Que a Ciência integrou o homem ao Universo, alargando a unidade constituída pela mulher, criando, assim, modesta e sublime: simpatia para com todos os seres de quem, como poverello, se sente irmão.

Que a Ciência, estabelecendo a inateidade (sentimento nato) do amor, como a do egoísmo, deu ao homem a posse de si mesmo. E os meios de se transformar e de se aperfeiçoar.

Que a Ciência, a Arte e a Indústria hão de transformar a Terra em Paraíso, para todos os homens, sem distinção de raças, crenças, nações – banido os espectros da guerra, da miséria, da moléstia.

Que ao lado das forças egoístas – a serem reduzidas a meios de conservar o indivíduo e a espécie – existem no coração do homem: tesouros de amor que a vida em sociedade sublimará cada vez mais.

Nas leis da Sociologia, fundada por Augusto Comte, e por que a missão dos intelectuais é, sobretudo, o preparo das massas humanas :desfavorecidas, para que se elevem, para que se possam incorporar à Sociedade.

Que, sendo, incompatíveis às vezes os interesses da Ordem com os do Progresso, cumpre tudo ser resolvido à luz do Amor.

Que a ordem material deve ser mantida, sobretudo, por causa das mulheres, a melhor parte de todas as pátrias e das crianças, as pátrias do futuro.

Que no estado de ansiedade atual, a solução é deixando o pensamento livre como a respiração, promover a Liga Religiosa, convergindo todos para o Amor, o Bem Comum, postas de lado as divergências que ficarão em cada um como questões de foro íntimo, sem perturbar a esplêndida unidade – que é a verdadeira felicidade. (RONDON, *apud* VIVEIROS, 1969, p. 589-590)

1.2 Primeiros passos

Uma das preocupações do governo brasileiro no início do século XX era promover a integração entre as regiões do Rio Madeira e as áreas mais desenvolvidas do país, visto que a porção norte do Brasil ganhava grande impulso devido à demanda do ciclo da borracha. Desde a Guerra do Paraguai (1865 - 1870), o governo imperial promoveu várias expedições de reconhecimento na região Centro-Oeste do Brasil e promoveu a implantação de linhas telegráficas com o objetivo de promover a comunicação naquela região.

Os benefícios dessa “maravilhosa descoberta da civilização moderna” tornaram-se uma realidade já na década seguinte a sua invenção: em 1852 foi construída, na Corte, a primeira linha subterrânea de telégrafo elétrico, ligando a Quinta Imperial ao Quartel General de Exército . No Brasil, porém, a introdução do telégrafo – símbolo maior do progresso técnico daqueles tempos – teve como justificativa a necessidade de expedir ordens rápidas para a repressão ao “contrabando de carne humana” e utilizou formas compulsórias de trabalho, empregando os presos da Casa de Correção na construção e assentamento da linha inaugural (MACIEL, 1998, p. 47)

O responsável pela construção dessa linha foi o professor Guilherme Schüch Capanema, lente de física da Escola Militar, atendendo o pedido de Eusébio de Queiroz, na época ministro da justiça, que mandou importar de Londres todos os materiais e aparelhos necessários a essa experiência. Até essa data funcionava apenas o telégrafo semafórico, para avisos de entrada e saída de navios , na Corte e algumas províncias. (SENNA *apud* MACIEL, 1998).

Somente cinco depois de instalada essa primeira linha, que servia basicamente à comunicação entre os diversos edifícios públicos na Corte, o serviço telegráfico foi franqueado a particulares – com a regulamentação do serviço de telegramas pagos - , tendo início a exploração comercial do telégrafo no Brasil. (MACIEL, 1998, p. 47).

A primeira expedição para construção de uma linha telegráfica teve origem no Governo do Império, em 1888. A linha telegráfica iniciava em Franca e terminava em Goiás, passando em Uberaba e com previsão de futuramente atingir Cuiabá. O general Cunha Matos dirigiu essa obra. (VIVEIROS, 1969)

No ano seguinte, o governo republicano, teve a frente Deodoro da Fonseca, resolveu estender a linha telegráfica até Cuiabá. Foi tão urgente a necessidade de tirar Mato Grosso do isolamento, que o governo decidiu criar outra turma de engenheiros militares, encarregados de começar a construção da linha de Cuiabá para um ponto do Rio Araguaia para encontrar com a que vinha de Goiás. Floriano Peixoto, Ministro da Guerra, resolveu reorganizar as comissões entregando a primeira ao Coronel Ewerton de Castro e a segunda ao Major Gomes Carneiro. (VIVEIROS, 1969)

Gomes Carneiro convidou Rondon para participar dos trabalhos da construção da linha, como seu ajudante. Dessa maneira começou a carreira de sertanista de Rondon. No prazo de 13 meses, Gomes Carneiro estendeu 514 quilômetros de fios telegráficos de Cuiabá até o Rio Araguaia. Terminada a construção da linha, em 30 de abril de 1891, Rondon voltou ao Rio de Janeiro e assumiu a cadeira de Astronomia e repetição da cadeira de Mecânica Racional, na Escola Militar. (*idem*)

Entre 1892 e 1898, Rondon foi incumbido de outra missão: supervisionar a construção das linhas telegráficas de Mato Grosso a Goiás, entre Cuiabá e Araguaia, e uma estrada ligando Cuiabá a Goiás. Dois anos depois, foi encarregado de chefiar a comissão para a construção de uma linha telegráfica entre as cidades de Cuiabá e Corumbá (1900-1904) e no extremo sudoeste do Brasil, chegando às fronteiras do Paraguai e da Bolívia (1905-1906).

Um participante ativo, e depois comandante desses esforços (1892), foi Candido Mariano da Silva Rondon, que passaria sua longa carreira (1889-1939) e sua ainda mais longa vida (1865-1958) empenhado em projetos ligados a construção telegráfica, mapeamento, abertura de áreas de fronteira e pacificação de povos indígenas recém-contatados. Em 1907, como chefe da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Cuiabá ao Acre, ele liderou seus enérgicos tenentes, escolhidos a dedo, pela selva inexplorada em expedições que duraram meses, abrindo caminhos e instalando fios até Porto Velho, a nova cidade com terminal ferroviário as margens do rio Madeira (McCANN, 2009, pp. 127, 128)

Entre 1907 e 1915, foi incumbido de implantar as linhas telegráficas no noroeste do Brasil, projeto que se estenderia até o estado do Amazonas e recebeu o nome de Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, mais conhecida como Comissão Rondon, cujo objetivo primordial foi

estabelecer linhas telegráficas na região, unindo o Norte ao Centro-oeste do país através da porção Ocidental. (VIVEIROS, 1969)



Fig. 12 - As capitânicas do Mato Grosso e Grão Pará, região visitada por Alexandre Rodrigues Ferreira em fins do século XVIII. Fonte: Biblioteca Nacional.

O objetivo secundário, mas não menos importante, foi o levantamento de informações de vários ramos da história natural, abrangendo o conhecimento da flora, etnografia, fauna, geologia e mineralogia.

De todos esses trabalhos, preferiu ele os da construção da linha telegráfica porque, desde logo, ficou assentado, com o Presidente da República, que a nova comissão se encarregaria não só daquela construção como também de todo os trabalhos que se prendessem ao complexo conhecimento da região que se ia atravessar, sob o ponto de vista geográfico, botânico e mineralógico e, ainda, do descobrimento das populações indígenas que lá existissem, as quais ficariam aos cuidados da comissão (Edições do senado federal, jornal do comercio (1915), vol. 8, 2003, p. 43)

Rondon foi o semeador de linhas e estações telegráficas no Centro Oeste e na Amazônia, que integraram estas regiões entre si e ao restante do Brasil. Linhas

de projeção estratégica na defesa da fronteira em Mato Grosso, ao ligar as localidades fronteiriças de Forte de Coimbra, Porto Murtinho, Bela Vista, Corumbá e Cáceres com o Rio de Janeiro.

A construção de linhas telegráficas exigiu trabalho penoso e abnegado, desbastando a mata virgem, fazendo postes com as árvores derrubadas, explorando regiões desconhecidas, fazendo medições e cálculos, limpando o terreno, transportando com enorme esforço diversos materiais e equipamentos, e, sobretudo enfrentando um clima adverso, doenças tropicais, serpentes e insetos perigosos, e ataques dos índios que não toleravam o invasor das suas terras. Sobre esses ataques, Magalhães explicou os motivos:

Também interessante e altamente desvanecedora para o feitio moral do nosso índio é a série de factos testemunhados e verificados pelo General Rondon e que o leva a conclusão pereptoria de que, em 90 % dos casos, o ataque levados pelos índios aos centros civilizados, ou a grupo e habitações de gente civilizada, tem como origem uma agressão anterior de outros civilizados, quer pelas armas, quer pela atitude deshumana de os enganar, raptando-lhes os filhos, ou de qualquer forma demonstrarem antipathia ou uma animadversão contra os silvícolas.

Ao índio afigura-se muito naturalmente a hypothese de que qualquer civilizado pertence a uma mesma nação estrangeira, onde, conseqüentemente, cada um de seus membros é solitário com o procedimento de outros; o que justifica plenamente a sua reacção, dada a ignorância em que vivem do mundo exterior.

Em 10 %, se tanto dos casos restantes, predominam:

1º - A defesa espontânea e essencialmente ligada à natureza humana, contra a invasão do solo a que nós civilizados chamamos a nossa Pátria.

2º - A naturalíssima ambição de se apoderarem de artefactos e quaesquer objectos que reconhecem preciosos para o seu uso e que seu estado de atraso e ignorância os tornam incapazes de produzir, como, por exemplo, os objectos cortantes ou perfurantes, de ferro e aço, facas, facões, foices, machados, missangas, etc. (MAGALHÃES, 1929, p. 256, 257).

Convém lembrar, que desde a época do Império, esses estudos foram realizados por estrangeiros em várias expedições pelo interior do Brasil.

Nesta tese se abordará a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso (1900 – 1906), Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907 – 1915) e a Expedição Científica Roosevelt-Rondon (1913 – 1914), por serem estas as comissões lideradas por Rondon, sendo que se aprofundará mais o estudo sobre a segunda comissão, pois entende-se que foi a

mais importante para o objetivo de nossa pesquisa. Todavia, antes de se iniciar o estudo das comissões propriamente ditas, é interessante relatar alguns assuntos importantes, aos quais se fará referência ao longo da tese.

1.2.1 Cadernetas de Rondon: as centenárias fontes de informação

As cadernetas de Rondon constituíram sem sombra de dúvidas uma importante fonte primária para os pesquisadores da Comissão Rondon. Elas são as fontes que inspiraram a elaboração dos vários relatórios escritos pelo próprio Rondon e seus colaboradores militares e civis que participaram das expedições. Apesar da dificuldade de leitura, elas foram escritas à lápis e a maior parte delas em um papel fino, quase transparente, elas serviram de fonte de inspiração para o desenvolvimento desta pesquisa. As cadernetas apresentam ainda a dificuldade de entendimento de algumas palavras e até frases inteiras, pois foram escritas na precariedade do sertão, a luz de lamparina e muitas vezes dentro de uma barraca sob chuva ou calor imenso. Muitas dessas cadernetas, infelizmente, foram perdidas no sertão, durante travessia de rios, matas, corredeiras, etc.

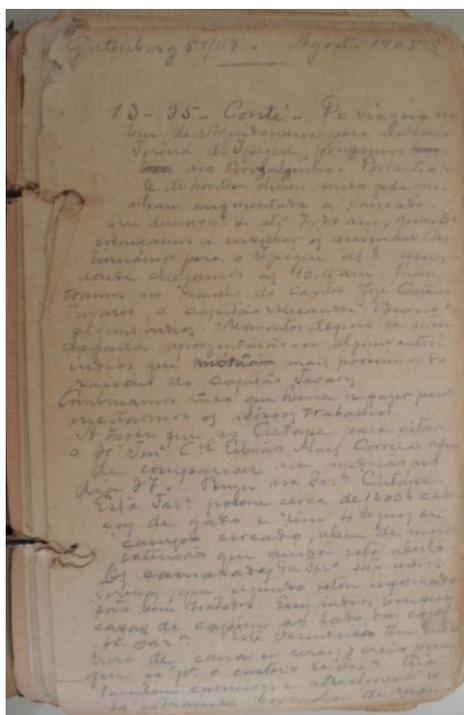


Fig. 13 – Caderneta onde Rondon escrevia as suas anotações. Fonte: Museu do Exército (Forte de Copacabana)

Esses documentos de valor históricos, estão sob a guarda do Museu do Exército, no Forte de Copacabana, Rio de Janeiro. Essas cadernetas iniciam-se em 1890, quando o então, jovem Tenente do Exército brasileiro, Candido Rondon, ingressa na Comissão Telegráfica de Gomes Carneiro e termina por volta de 1930, quando se encerram as atividades da Comissão Rondon.

ACERVO DE CADERNETAS DA COMISSÃO RONDON

COMISSÃO	PERÍODO	QTD
MT – CUIABÁ AO ARAGUAIA	1890-1898	15
MT – CUIABÁ A CORUMBÁ	1900-1906	46
ESTRATÉGICA DE MT AO AMAZONAS	1907-1915	150
EXPEDIÇÃO CIENTIFICA ROOSEVELT-RONDON	1914	6
CARTA CARTOGRÁFICA DE MT	1916-1922	173
COLONIZAÇÃO DA ZONA DO OIAPOQUE	1921-1925	21
LIMITES DOS ESTADOS DO NORTE	1921-1923	45
INSPEÇÕES DE FRONTEIRAS	1927-1930	70
OUTRAS ⁶	1930-1947	21
TOTAL		547

Fonte: FONSECA e RESENDE, 2010, p. 83

1.2.2 Escritório Central: o marketing da Comissão Rondon

O Escritório Central da Comissão Rondon foi criado com a finalidade de ser um meio de ligação entre a Comissão e os Ministérios da Guerra, Viação e Obras Públicas, ministérios que a Comissão estava subordinada, além da repartição dos telégrafos. A finalidade também foi divulgar os trabalhos da Comissão para várias instituições nacionais e internacionais e ainda de defender os atos da Comissão perante a opinião pública, principalmente a imprensa, quando esta publicava críticas aos feitos da Comissão, sobretudo com relação aos custos financeiros para mantê-la. O escritório central tinha, inicialmente três seções: Expedição, Contabilidade e

⁶ Esses volumes, das décadas de 1930 e 1940, são relativos à execução de trabalhos complementares à Carta Geográfica de Mato Grosso, idealizada por Rondon.

Desenho. Esta última teve um papel importante na confecção da criação da Carta de Mato Grosso e regiões circunvizinhas, sob a responsabilidade do militar Francisco Jaquaribe Gomes de Mattos. O escritório central teve a missão de divulgar os trabalhos da Comissão através dos relatórios técnicos científicos e publicação de artigos nos jornais. O escritório central também foi responsável por apresentar a Comissão Rondon na Exposição Internacional do centenário da independência do Brasil, que ocorreu no Rio de Janeiro em 1922, numa sala a ela destinada no Palácio das Grandes Indústrias, e atualmente encontra-se instalado o Museu Histórico. (LASMAR, 2008, p. 76)

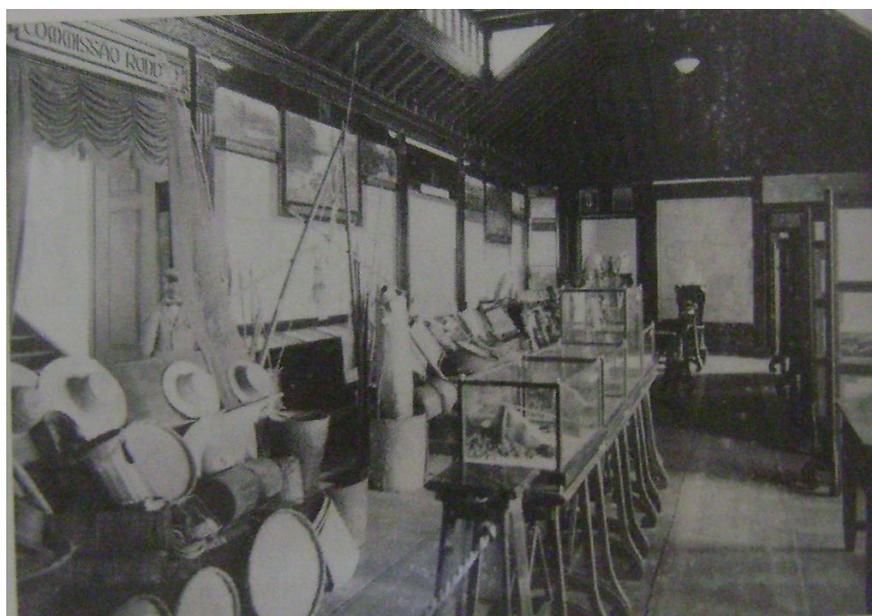


Fig. 14 – Comissão Rondon na Exposição Internacional da independência do Brasil em 1922. Fonte: LASMAR, 2008, p. 164

Em 1914, o Coronel Amílcar Botelho de Magalhães, sobrinho de Benjamin Constant e homem de confiança de Rondon, assumiu a chefia do escritório central, ficando no cargo até o ano de 1922. Magalhães promovia o escritório enviando artigos aos jornais da cidade do Rio de Janeiro, principalmente quando a Comissão era criticada. Fazia contatos com autoridades em busca de mais verbas. Organizava exposições e conferências sobre as atividades da Comissão. Magalhães se tornou o braço direito de Rondon.



Fig. 15 - Oficiais do escritório central da comissão. Fonte: Relatório 1 da Comissão Rondon.

Magalhães tomou importantes decisões e era o porta-voz da Comissão Rondon, conforme documento assinado por ele na figura 16, onde escreveu ao “presidente” do estado de Mato Grosso, Bispo D. Francisco de Aquino Corrêa, referente a decisões a respeito da Carta de Mato Grosso. O escritório central funcionou na prática até 1952, apesar da Comissão Rondon ter sido oficialmente extinta em 1930, pois desenvolveu junto com técnicos de outras repartições à Carta de Mato-Grosso até aquele ano.

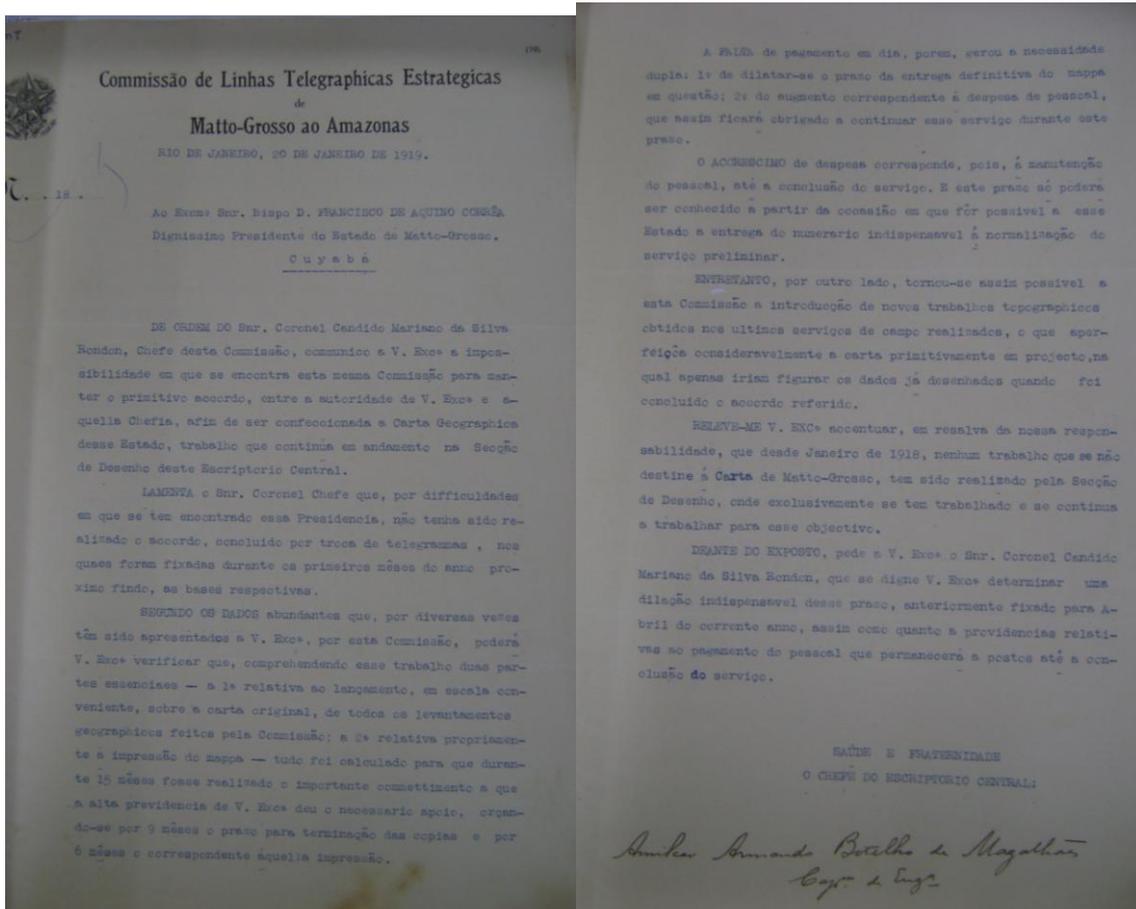


Fig. 16 – Carta, datada em 20 de janeiro de 1919 do Coronel Amílcar Botelho de Magalhães, chefe do escritório central, ao “presidente” de Mato Grosso. Fonte: Arquivo Histórico de Cuiabá – MT.

Em 1912 foi criada a quarta seção do Escritório Central: a Seção de Fotografia e Cinematografia sob a chefia do então tenente Luiz Thomas Reis.

1.2.3 Seção de Fotografia e Cinematografia: uma janela para o futuro

Outro aspecto importante da Comissão Rondon foram as imagens feitas oriundas das expedições através de fotografias e filmes. Rondon procurou documentar suas expedições e isso valeu um caráter pioneiro no uso de imagens como *marketing* de seu trabalho.



Fig. 17. Fotógrafos da Comissão. Da esquerda à direita, partindo da foto maior: Luiz Thomaz Reis, Antonio Pyrineus de Souza, Oscar Pires, João Salustiano Lyra, Luiz Leduc, Emanuel Silvestre do Amarante, Manoel Triburcio, Benjamin Rondon. Fonte: LASMAR, 2008, p.172.

Rondon percebeu que toda imagem “fala” por si só e que ao registrar um evento, por fotografia ou filmagem, criava um documento fotográfico, para sua ideologia e interesses. “Toda fotografia é uma testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação. Por outro lado, ela representa sempre a criação de um testemunho”. (KOSSOY, 2003, p. 50)



Fig. 18 – Máquina fotográfica usada pelos fotógrafos da Comissão Rondon. Foto de Sérgio Luiz Augusto de Andrade. Peça exibida na exposição: Um homem chamado Rondon. Realizada entre 13 de abril a 14 de maio de 2010 no Arquivo Histórico Nacional

Criada em 1912, a Seção de Cinematografia e Fotografia, tendo em vista que a convocação dos serviços fotográficos da Casa Musso não deu certo em virtude da falta de adaptação dos profissionais daquela empresa as condições inóspitas do ambiente selvagem. A missão desses serviços foi entregue ao jovem Tenente Luiz Thomaz Reis.

Foi na seção de Desenho que, em 27 de agosto de 1910, começou a trabalhar como auxiliar o 2º Tenente Luiz Thomaz Reis, nomeado inspetor de 3ª classe em comissão, na repartição Geral dos Telégrafos e colocado a disposição do Ministério da Viação e Obras Públicas para servir na Comissão Rondon. Dois anos mais tarde, tornava-se chefe da “Seção de Photographia e Cinematographia”, instalada na Rua São Pedro, nº 278. (LASMAR, 2008, p.64)



Fig. 19 – O cinegrafista e fotógrafo da Comissão Major Reis. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Reis viajou para a Europa visando comprar equipamentos e em 1914 começou a realizar os seus primeiros trabalhos. Outros fotógrafos também participaram das várias expedições, mas o Major Reis, como ficou conhecido, foi um importante e inovador profissional dessa área e seu reconhecimento foi internacional.

O antropólogo Pierre Jordan publicou em Marselha, em 1992, um inventário das contribuições pioneiras do cinema etnográfico e estampou na capa uma foto de Rituais e Festas Bororo, filme feito por Thomaz Reis que foi considerado por ele como o primeiro filme etnográfico verdadeiro. (TACCA, 2001)

A importância das imagens obtidas pela Comissão Rondon foi tão importante quanto os trabalhos científicos realizados por ela. As imagens, tanto dos filmes, como das fotos, possibilitaram a realização de pesquisas e publicação de livros nessa área como: A imagética da Comissão Rondon de Fernando de Tacca e O Acervo Imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio: 1890-1938 de Denise Portugal Lasmar.

Sobre a criação da Seção de Cinematografia e Fotografia, TACCA faz o seguinte comentário:

A criação de uma seção especializada em documentação em material fotossensível foi uma ação inovadora para os padrões da época, necessitando altos investimentos e a apropriação de uma tecnologia especializada inexistente no país, principalmente se levarmos em conta que o uso desse material se daria em péssimas condições ambientais, como alta umidade e dificuldades de transporte. A documentação imagética foi considerada como outras atuações científicas da Comissão, apresentando relatórios e publicações como a Expedição ao rio Ronulo, publicação nº 90, relatada pelo Capitão Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcellos, em 1945. Nesse relatório cita as duas câmeras de cinema pertencente a Comissão e operadas por Reis: uma Williamson de 30 metros e uma Debie Studio de 120 metros (que utilizava para os “estudos mais importantes”). (TACCA, 2001, p. 16)

Criada para com o intuito de divulgar a Comissão Rondon, a Seção de fotografia e cinematografia também mostrava de uma maneira maquiada a rotina de trabalho vivida pelos membros da Comissão nos sertões de Mato Grosso. Laura Maciel analisa uma série de fotografias devidamente “montadas” para causar uma impressão de tranquilidade e fartura de alimentos, onde as pessoas posam bem arrumadas, barbeadas e felizes. Seria essa também a função da seção de fotografia e cinematografia, causar uma falsa impressão, mascarando a dura realidade do que ocorria nos acampamentos da comissão?

A autora Laura Antunes Maciel explicou:

Nos relatórios oficiais sobre os trabalhos de construção das linhas telegráficas nas “selvas” do Alto Madeira, além de livros de memórias de oficiais que participaram da missão, não há menções a cenas como as “reproduzidas” por essas fotografias. Ao contrário, é comum encontrar fome, doenças e relatos sobre as diversas dificuldades enfrentadas: mortes nos acampamentos, extravios de expedicionários nas matas, revoltas de praças e trabalhadores, fugas e, além do ritmo intenso impresso ao trabalho de construção da linha telegráfica entre Santo Antônio do Madeira e Pimenta Bueno. As realidades construídas por essas imagens – em que comandantes militares posam como exploradores recém-saídos das páginas de alguma revista ilustrada – causam ainda maior estranheza se contrapostas a outras fotografias também produzidas por Quineau durante a expedição de 1908. Nas fotografias (Foto 7) feitas no acampamento à margem do Rio Jamari, próximo a Porto Velho, a diversidade étnica e social dos trabalhadores que compunham a expedição torna-se evidente: negros, índios, brancos, crianças, feridos, maltrapilhos e descalços, amontoados contra o pano de fundo da floresta, encarando a câmera com seriedade, quase com desafio. Nessas imagens, a natureza está sempre presente, ainda indomável, impenetrável. (O sertão domesticado, Laura Antunes Maciel, 2007)



Fig. 20 – Rondon distribuindo roupas para os índios. Foto de Luiz Thomaz Reis/Acervo Museu do Índio

CAPÍTULO 2 – O MUSEU NACIONAL E OS NATURALISTAS DA COMISSÃO RONDON

*Uma terra sempre furtada
pelos que vem de longe e não sabem
possuí-la
terra cada vez menor
onde o céu se esvazia de caça e o rio é da memória
de peixes espavoridos pela dinamite
terra molhada de sangue
e de cinza estercada de lágrimas
e lues
em que o seringueiro o castanheiro o garimpeiro
[o bugreiro colonial e moderno
celebram festins de extermínio*

Carlos Drummond de Andrade⁷

2.1 A Comissão Rondon e o Museu Nacional

No Museu Nacional (fig. 21), localizado no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro, nota-se na parede à esquerda no salão da entrada, um quadro pintado a óleo por José Boscagli (1862 – 1945). Nesta imagem, o artista retratou a imagem de Rondon (1865 – 1958), tal qual ele aparece nas incontáveis fotografias tiradas pelos fotógrafos da Comissão Rondon, sempre esbelto, imponente e com a farda impecável (figura 22).

Essa homenagem prestada pelo Museu Nacional demonstrou a importância de Rondon para aquela Instituição.

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. **Pranto geral dos índios in A vida passada a limpo**. Rio de Janeiro São Paulo: Editora Record, 2002.

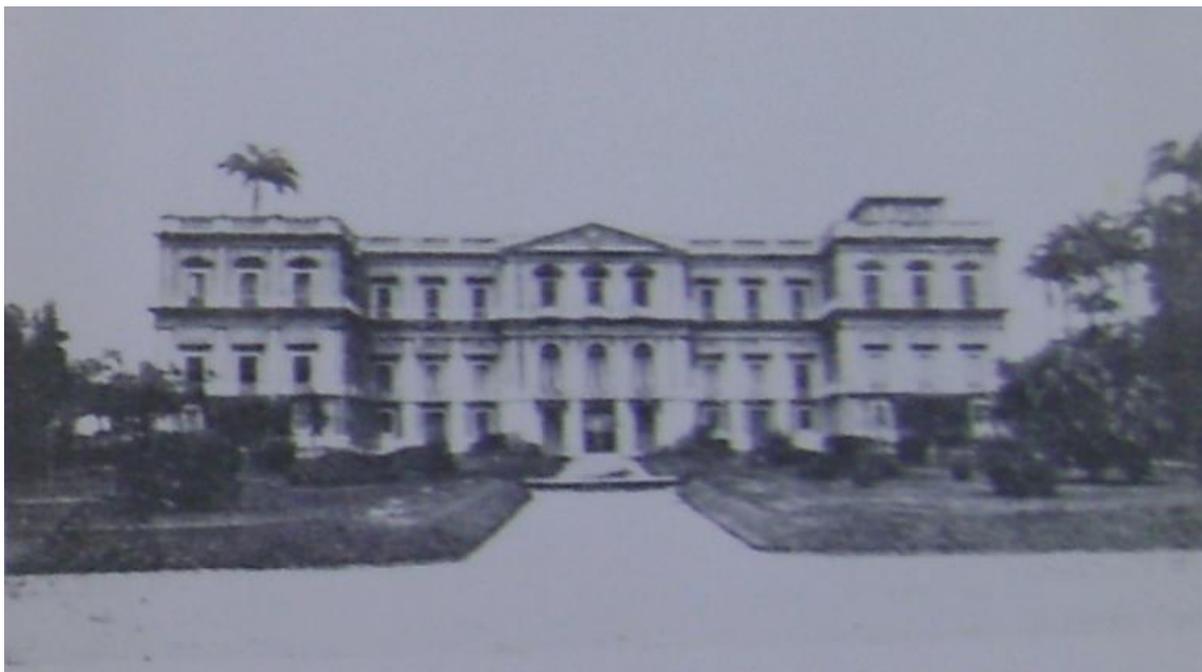


Fig. 21 - Museu Nacional em 1908. Fonte: Arquivo do Museu Nacional.

Para facilitar o entendimento da ligação do Museu Nacional com a Comissão Rondon foi preciso voltar ao início do século XX, logo após a Proclamação da República.

Uma das preocupações do governo brasileiro em 1907 foi promover a integração entre as regiões do Rio Madeira e as áreas mais desenvolvidas do país, visto que a porção norte do Brasil ganhava grande impulso devido à demanda do ciclo da borracha.

Foi designado para comandar a Comissão, o oficial do corpo de engenharia militar, Cândido Mariano da Silva Rondon e a expedição recebeu o nome de Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, mais conhecida como Comissão Rondon, cujo objetivo primordial foi estabelecer linhas telegráficas na região, unindo o Norte ao Centro-Oeste do país através da porção ocidental. (VIVEIROS, 1969)



Fig. 22 – Pintura à óleo do Marechal Candido Mariano da Silva Rondon. Acervo do Museu Nacional.
Foto de Sergio Luiz Augusto de Andrade

O objetivo secundário, mas não menos importante, foi o levantamento de informações de vários ramos da história natural, abrangendo o conhecimento da Flora, Etnografia, Fauna, Geologia e Mineralogia.

De todos esses trabalhos, preferiu ele os da construção da linha telegráfica porque, desde logo, ficou assentado, com o Presidente da República, que a nova comissão se encarregaria não só daquela construção como também de todo os trabalhos que se prendessem ao complexo conhecimento da região que se ia atravessar, sob o ponto de vista geográfico, botânico e mineralógico e, ainda, do descobrimento das populações indígenas que lá existissem, as quais ficariam aos cuidados da comissão (Edições do senado federal, jornal do comercio (1915), vol. 8, 2003, p. 43)

Convém lembrar que desde a época do Império, esses estudos foram realizados por estrangeiros em várias expedições pelo interior do Brasil.

O artigo XV das instruções baixadas pelo Ministério da Viação e assinadas pelo Dr. J. F. Soares Filho, aprovadas com a Portaria de 4 de março de 1907, do

Ministro Dr. Miguel Calmon Du Pin e Almeida, de acordo com a letra b do nº 1.617 de dezembro de 1907, estabelecia que a Comissão Rondon faria o estudo da região, sob pontos de vista diversos e dos produtos extrativos desta, principalmente os minerais.

Antes da Comissão Rondon, segundo Alípio Miranda Ribeiro, em cem anos de existência do Museu Nacional, apenas três comissões científicas, colaboraram com o acervo do Museu. Foram elas: A Comissão Freire Alemão, única abrangendo as funções do Museu que se aventurou a partir para as matas do interior do Brasil. As Comissões Hartt e Cruz. Esta última teve uma organização idêntica a Comissão Rondon para o estudo das ciências naturais e ficou conhecida como Comissão do Planalto Central. (Ribeiro, 1920, p. 10).

Alípio Miranda Ribeiro (1874 – 1939), um dos maiores colaboradores da Comissão Rondon e que esteve em várias expedições com Rondon, foi durante muitos anos pesquisador do Museu Nacional. Ribeiro fez três conferências, com os títulos: “Trabalhos da Comissão Rondon no campo das ciências naturais”, “O Museu Nacional segundo dados oficiais e officiosos” e “O que deve ser o Museu e a lição de Rondon”. As três foram publicadas em uma só obra intitulada: “A Comissão Rondon e o Museu Nacional”.

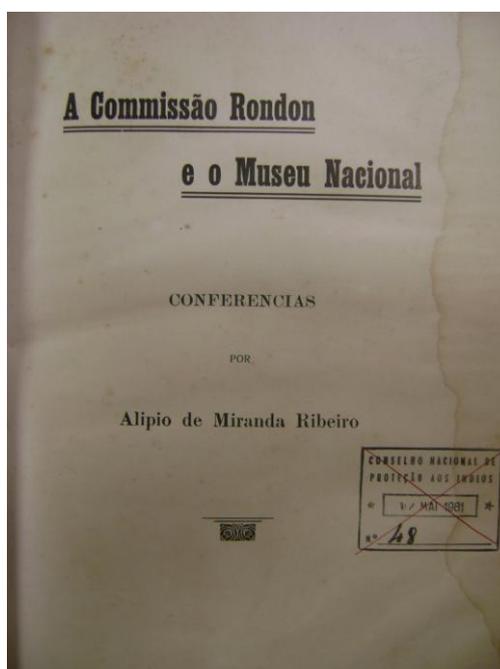


Fig. 23 – Frontispício do livro A comissão Rondon e o Museu Nacional. Acervo Museu do Índio.

Na primeira conferência, Alípio Miranda Ribeiro iniciou a sua palestra expondo o motivo pela qual aceitou realizar a série de conferências.

Preclaro auditório: Quando volveu da conclusão da Linha Telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas, em 1914, o Coronel d' Engenheiros, Candido

Mariano da Silva Rondon, fallou-me o Dr. Roquette Pinto sobre a conveniência do Museu Nacional prestar uma homenagem áquelle benemérito concidadão, dizendo-se decidido á pleitear esse intento junto á directoria do Museu; respondi-lhe, apoiando a idéa, que essa homenagem poderia ser traduzida n'uma serie de conferencias feitas por aquellas secções em débito para com o Coronel Rondon. (RIBEIRO, 1920, p. 5)

No discurso de Alípio Miranda, mais adiante, ele falou da sua admiração e respeito por Rondon.



Fig. 24 – Rondon no Museu Nacional com os cientistas daquela instituição. A sua esquerda, de jaleco branco, Edgar Roquette Pinto. A direita de Rondon, Alípio Miranda Ribeiro. Nota-se à presença de Heloisa Alberto Torres ao lado esquerdo de Edgar Roquette Pinto. Arquivo do Museu Nacional.

Alípio Miranda relacionou os cientistas do Museu Nacional que participaram de pesquisa de campo na Comissão Rondon:

1907 a 1908: **etnografia e geologia** – Dr. Karl Carnier;

1908 a 1910: **geologia e mineralogia** – Dr. Cícero de campos; **botânica** – Frederico Carlos Hoehne; **zoologia** – Alípio Miranda Ribeiro; **etnografia** – Dr. Candido Mariano da Silva Rondon;

1910 a 1912: **geologia e mineralogia** – Dr. Moritz; **botânica** – Frederico Carlos Hoehne; **zoologia** - Frederico Carlos Hoehne e irmãos Kuhlmann; **etnografia** – Dr. Candido Mariano da Silva Rondon e Dr. Roquette Pinto;

1913 a 1914: **geologia e mineralogia** – Dr. Euzébio de Oliveira; **botânica** - Frederico Carlos Hoehne; **zoologia** - Frederico Carlos Hoehne, Arnaldo Black de Sant' Anna e H. Reinisch, Tenente Antonio Pyrineus de Souza e E. Stolle; **etnografia** – Dr. Candido Mariano da Silva Rondon;

1914 a 1915: **botânica** - Frederico Carlos Hoehne; **zoologia** - Tenente Antonio Pyrineus de Souza e Antenor Pires, E. Stolle, Dr. Candido Mariano da Silva Rondon, João H. Barbosa (Arinos) e João Geraldo Kuhlmann, Tenente Vasconcellos e Dr. Serapião dos Santos; **etnografia** – Dr. Candido Mariano da Silva Rondon. (RIBEIRO, 1920, p.7).

Ribeiro relacionou as pessoas que tiveram por encargo estudar o material colhido. Além dos anteriormente relacionados, estão listados outros que Ribeiro chamou de “especialistas estranhos” a Comissão. Dr. Karl Carnier (de Berlin), os Drs. Alberto Betim Paes Leme e Euzébio de Oliveira, ficaram encarregados da Geologia e Mineralogia; Frederico Carlos Hoehne, o Dr. Alfredo Cogniaux (da Bélgica), o Dr. Harms (de Berlin) ficaram encarregados da Botânica; o Sr. Carlos Moreira, os Drs. Hermann Von Ihering, Adolpho Lutz e Alipio Miranda Ribeiro, encarregados da Zoologia; os Drs. Candido Mariano da Silva Rondon e Roquette Pinto, encarregados da Antropologia. Outros especialistas trabalharam em grupo em outras áreas, todavia não foram citados por Ribeiro. (RIBEIRO, 1920, p.7)

Ribeiro fez um elogio a peculiaridade que a Comissão Rondon documentava criteriosamente todos os materiais adquiridos.

Não é fora de propósito lembrar aqui, o modo criterioso e sábio da Comissão Rondon, documentando as suas asseverações. Cada um de vós que me ouvis, poderá examinar, peça por peça, os elementos que figuram n'esse monumento erigido pela sabedoria do Coronel Rondon. Cada um dos nossos tetranetos poderá commentar, com os abjectos colligidos hoje pela Comissão, as palavras guardadas pela escripta dos relatórios publicados.

Esse papel *parcial dos Museus* aqui reconhecido e proclamado pelo Chefe da Comissão, deve causar assombro, porque, infelizmente estamos habituados ao contrario. (RIBEIRO, 1920, p. 7)

Ribeiro criticou a maneira como o Museu Nacional tratava os materiais recebidos da Comissão.

Eu vi, na sala anterior do pavimento térreo do edificio dos Telegraphos a prova do esforço do geólogo e do botânico. Onde está o material colhido? Sei, apenas que 500 plantas entraram para o Museu.

Ficarão diminuídos, senão de todo perdidos os extensos relatórios que aquella Comissão publicou sobre esse assumpto, se as provas materiaes não foram archivadas. Quer dizer que, ainda ahí, o Estado lançou fora, inutilmente, dinheiros públicos. (RIBEIRO, 1920, p.8)

Em seguida Ribeiro falou sobre as publicações da Comissão nas áreas de Geologia, Mineralogia, Botânica e Zoologia. E por fim apresentou uma estatística dos materiais coligidos pela Comissão.

2.1.1 Geologia e Mineralogia

Karl Carnier apresentou o seu estudo baseado, segundo declarou, em observações superficiais, feitas durante as marchas. Parte dessas observações foi perdida em virtude de extravio de parte de sua bagagem, inclusive um dos diários contendo anotações de campo. Entretanto, das suas anotações em observações geológicas, geográficas e etnográficas sobre a viagem de exploração de Cuiabá a Serra do Norte, chegou-se a conclusão que Carnier percorreu a região de Cuiabá a Cáceres e de Cáceres a Utiarity e Campos Novos da Serra do Norte.

Carnier dividiu o trecho percorrido em três seções: a primeira compreendida entre os Rios Cuiabá e Paraguai; a segunda entre o Rio Paraguai e a Serra dos Parecis e a terceira dessa serra até o Rio Juruena, pela Bacia do Rio Verde até o Salto Belo e dali até Campos Novos da Serra do Norte. Considerou a primeira e a segunda zonas como pré-devonianas e a terceira devoniana, pelo fato de encontrar nos leitos dos riachos entulhos graníticos, fosfitos, quartzo e abetarda e também pelo fato das rochas eruptivas estarem próximas dos mesmos riachos. Não há informação se Carnier coletou material ou se deixou no Serviço Geológico, a qual tenha fundamentado as suas observações. (RIBEIRO, 1920, p. 8)

Outro grande colaborador na área de Mineralogia foi o Dr. Cícero de Campos que, infelizmente, não concluiu o seu trabalho, pois faleceu ao chegar a Cáceres. Adoeceu na época que buscava um porto no Rio Paraguai para embarcar para a cidade do Rio de Janeiro, no retorno do Rio Juruena. Cícero também perdeu material coletado e anotações, em um naufrágio no Rio Sepotuba. (RIBEIRO, 1920, p. 9)

Com o falecimento de Cícero de Campo, Rondon encarregou o Dr. Alberto Betim Paes Leme de aproveitar todos os apontamentos deixados por ele. Paes Leme terminou o seu relatório em 1 de fevereiro de 1911 que foi incorporado às publicações da Comissão Rondon com o título "Anexo 5 – Historia Natural, Mineralogia e Geologia" . (RIBEIRO, 1920, p. 9)

Nesse relatório o Dr. Paes Leme, fez referência a uma anotação do Dr. Cícero de Campo a respeito de uma ossada encontrada no grés de Cambambe a 48 quilômetros do Norte da Chapada: “consta-me terem sido esses ossos enviados à Inglaterra e me disseram terem sido elles classificados como provenientes d’um dinosauro”. Para tirar a dúvida se a ossada encontrada em Cambambe era mesmo de um dinossauro, Ribeiro escreveu uma carta a 9 de março de 1910 para o Dr. Orville Derby, na época chefe do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, solicitando informações sobre o material. O Dr. Orville Derby respondeu através de uma carta datada de 11 de março de 1910. Transcrevemos a seguir, a íntegra da carta do Dr. Orville Derby.

Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil

Rio de Janeiro, 11 de março de 1910.

Ilmo^o Snr Alipio Miranda Ribeiro M. D. Zoologo da Commissão Rondon.

Accuso recebida sua carta de 9 do correnbte que respondo. Os volumes contendo amostyras de rochas e fosseis remettidos à este Serviço pelo engenheiro Cicero de Campos, foram abertos e examinados por mim com o fim de verificar qual o valor scientifico do seu conteúdo que se reduzia à poucos fragmentos de ossos, que foram remettidos , juntamente com os outros , ao Director da Secção de vertebrados fosseis do Museu Britanico, Dr. A. Smith Woodward, para serem estudados. O Dr. Woodward já communicou por carta que os ossos são de um Dinosauro gigantesco, da idade mezoica, mas insufficientes para uma determinação mais minuciosa. Opportunamente as amostras remettidas pelo Serviço ao Museu Britanico serão devolvidas e então estarão as suas ordens , como estão igualmente as que ficaram aqui, as quaes, porem, á meu ver, não valem o trabalho de os levar para fora d”esta repartição. Com a mais elevada consideração , etc.

Orville A. Derby,

Chefe do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil.

(RIBEIRO, 1920, p.10)

Ribeiro sugeriu em sua conferência, que se fizessem novas diligências ao local onde foram colhidas as ossadas a fim de colecionar novos materiais, pois o próprio Cícero de Campos informou a Ribeiro que não puderam completar suas escavações e muita coisa ficou enterrada no local. Não se sabe se foram feitas novas diligências no local e se o Museu Britânico devolveu a ossada encaminhada àquela instituição. (RIBEIRO, 1920, p. 10).

Houve ainda uma publicação do engenheiro Eusébio de Oliveira, participante da Expedição Científica Roosevelt–Rondon.

Theodore Roosevelt também colaborou com suas observações sobre a Geologia e a Mineralogia do Centro-Oeste do Brasil.

N’este ponto da nossa viagem, havia muita cousa que, à primeira vista, parecia ser um gênero de conglomerado com bolhas e cavidades, feito de areia e terra ferruginosa. Elle disse tratar-se de um deposito quaternário superficial, formado pela erosão de rochas cretáceas e que não havia ahi depósitos terciários; elle descreveu a estructura geológica das terras pelas

quaes passara, assim: Os pântanaes são da idade pleistocênica. Ao longo do alto Sepotuba; na região dos rápidos, há arenitos, shistos e argilas da idade permiana. A zona que corre a Este contem rochas eruptivas, diabase porphyritica, com zeolitho, quartzo e agatha da idade triasica. Com o Chapadão dos Pareceis chegamos á uma terra de areia e barro manchados de trechos de arenitos e pedaços de madeira petrificados; este, segundo Oliveira⁸ é da idade mesozoica, possivelmente cretáceo e semelhante ás formações sul-africanas. Há geólogos que o consideram permianos. (ROOSEVELT, 1976, p. 231)

2.1.2 Botânica

O primeiro trabalho publicado sobre Botânica na Comissão Rondon foi escrito em 1910 por Frederico Carlos Hoehne. Refere-se a 101 plantas das famílias das Bromelias, Pontederias, Liliaceas, Amaryllidaceas, Iridaceas, Orchidaceas, Aristolochiaceas, Droseraceas e Passifloráceas. O relatório possui 71 páginas, contendo 63 estampas originais feitas por Hoehne. O segundo trabalho publicado trata das Leguminosas. São 15 páginas enumerando 63 espécies, datado de 1912. O terceiro trabalho enumera 25 especies de Melastomaceas, Cururbitaceas e Orchidaceas, com 15 páginas, datado de 1912. O quarto trabalho contém 33 páginas referentes a 70 plantas das famílias das Alismataceas, Butomaceas, Hydrocharitaceas, Pontederiáceas, Orchidaceas e Nymphaceas. Ilustradas por 14 estampas, datado de 1912. Uma parte extra é constituída pelo relatório referente à Expedição Científica Roosevelt-Rondon com 81 páginas de 1914. Enumera 126 espécies de plantas de 57 famílias diversas, com 25 estampas. O quinto trabalho é constituído por famílias de Myrtaceas, Xyridaceas, Commelinaceas, Liliaceas, Amaryllidaceas, Iridaceas, Musaceas, Zingiberaceas, Cannaceas, Marantaceas, Burmaniaceas, Orchidaceas, Aristolochiaceas, Phytolaccaceas, Nyctaginaceas, Passifloraceas e Onagraceas. Esse relatório contém 115 espécies das quais 15 são novas e 7 variedades igualmente novas. Possui 87 páginas e 34 estampas A sexta publicação contém o estudo de 220 plantas de cinquenta famílias com 96 páginas e 20 estampas.

O trabalho de Hoehne foi reconhecido por botânicos do Brasil e do exterior e publicado por várias revista especializadas.

⁸ Refere-se ao engenheiro de minas Eusebio de Oliveira que participou da Expedição Científica Roosevelt-Rondon.

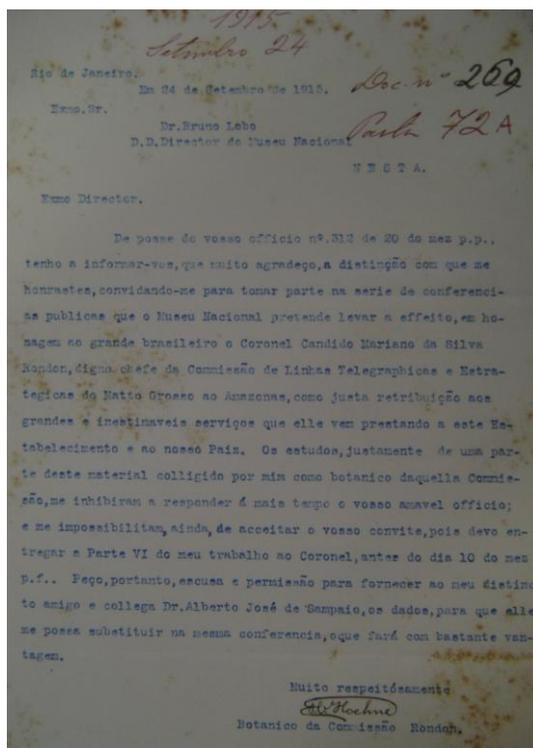


Fig. 25 – Oficio assinado por Frederico C. Hoehne, agradecendo ao diretor do Museu Nacional por tê-lo convidado a participar de uma conferencia em homenagem a Rondon. Fonte: Museu Nacional

TABELA 1 - Geologia e Mineralogia

NOME	PERÍODO	NÚMERO
Carl Carnier	1907-1908	Não consta
Dr. Cícero de Campos	1908-1910	42
Dr. Euzébio Oliveira e Dr. Moritz	1910-1913	Não consta

TABELA 2 - Botânica

NOME	PERÍODO	NÚMERO
Frederico Carlos Hoehne	1908-1910	1 900
Hoehne e Irmãos Kuhlmann	1910-1912	5 675
Frederico Carlos Hoehne	1913-1914	226
Frederico Carlos Hoehne	1914-1916	1 036
Total		8 837

TABELA 3 - Zoologia

NOME	PERÍODO	NÚMERO
Expedição Rondon ao Madeira	1908-1910	3 600
Hoehne e Geraldo Kuhlmann	1910-1912	200

Hoehne,Black,Reinisch,Serapião	1913-1914	183
Tenente Pyrineus e E. Stolle	1913-1914	225
Tenente Pyrineus e Antonio Pires	1914-1915	217
Coronel Rondon e Emil Stolle	1914-1915	1 195
Ten Vasconcellos e Dr. Serapião	1914-1915	17
Total		5637

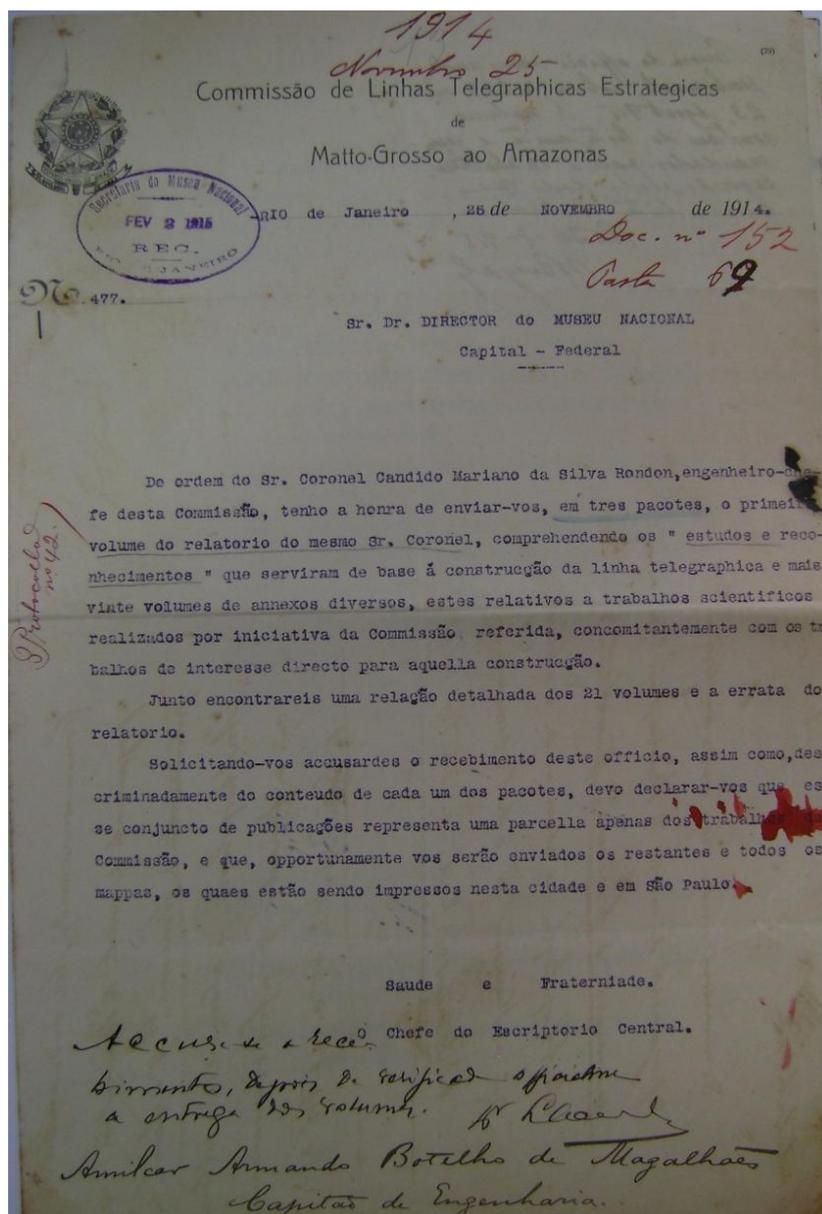


Fig. 26 - Ofício assinado pelo chefe do escritório central da Comissão Rondon, Capitão Amílcar Armando Botelho de Magalhães, enviando ao Museu Nacional um conjunto de publicações relativo a trabalhos científicos. Arquivo do Museu nacional.

Na segunda conferência, com o título de O Museu Nacional do Rio de Janeiro, segundo dados oficiais e officiosos, Ribeiro fez um resumo histórico do Museu, abrangendo desde o período de sua criação. É uma conferência muito

interessante para quem pretende estudar a história do Museu Nacional. Ribeiro apresenta uma visão das seções do Museu, comenta sobre as origens das diversas coleções e faz algumas críticas as políticas dos governantes e dos próprios diretores do Museu.

Na terceira conferência, intitulada: O que deve ser o Museu e a lição de Rondon, Ribeiro faz uma série de sugestões, começando por propor a divisão do Museu em quatro instituições: Museu de Geologia e Mineralogia (reunido ao Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil), Museu e Jardim Botânico (reunido ao Jardim Botânico), Museu de Zoologia (a antiga casa de Pássaros) e o Museu de Antropologia e História. Faz também uma série de considerações sobre o papel do naturalista e do professor em um museu. No fim da conferência, Ribeiro fez uma referência ao trabalho da Comissão Rondon e ao próprio Rondon.

Não me retiro, entretanto, antes de vos salientar o que foi e o que é a lição que o coronel Rondon deixa ao alcance de todos. Ele mostrou que esta casa é digna de melhor conceito e de que modo se faz produzir um museu. Tudo isso sem palavras, com actos. (RIBEIRO, 1920, p. 58)

Ribeiro confrontou numericamente os serviços feitos pelo Museu e pela Comissão, através dos seguintes dados:

TABELA 4 – Coleções do Museu Nacional

Coleções números conhecidos				
MUSEU NACIONAL		ÁREA	COMISSÃO RONDON	
100 anos	Média anual		8 anos	Média anual
5 160	51,5	Geologia, Mineralogia		
53 000	530	Botânica	8 837	1 104
59 314	593,14	Zoologia	5 676	709
11 185	111,85	Antropologia	3 380	422

Extensões exploradas – quilômetros quadrados – 18.496,662 quilômetros⁹

TABELA 5 - Trabalhos publicados

MUSEU NACIONAL (46 anos)	ÁREA	COMISSÃO RONDON (6 anos)

⁹ Segundo o Capitão Jaguaribe de Mattos, Cartógrafo da Comissão Rondon.

Páginas	Estampas		Páginas	Estampas
498	81	Geologia e Mineralogia	37	3
759	6	Botânica	398	178
1 189	105	Zoologia	141	39
803	34	Antropologia	57	17
3 249	226	Total	633	237
70	4	Média anual	105	39

Ribeiro concluiu que a Comissão Rondon, no que tocava a todos os serviços das ciências naturais fez mais do que o Museu e se fizesse uma apreciação econômica, então, a diferença seria estupenda. Ele perguntou a explicação para tão extraordinário fato e qual foi o segredo de que lançou mão o seu chefe. Ribeiro responde logo a seguir:

Nenhum segredo, nenhum recurso extraordinário. Uma simples conferencia de um quarto de hora organizou o serviço – o resto foi feito com uma dúzia de telegrammas. Não se mandou buscar ninguém nas nuvens nem na lua – empregou-se aquella gente que já vos fallei e que eram apenas homens de bom senso e conhecedores do seu officio.

Eis ahí a prova material de que por tal modo é que se dará remédio aos males desta casa, males de que só são culpados os governos de todos os tempos.

O Coronel fez tudo quanto esta casa tem por fim fazer: colligio material, estudou-o, publicando o resultado d'esses estudos por meio de seus relatórios e até produziu as conferencias – agora tão em moda e cousa que o Dr. Lacerda¹⁰ nunca conseguiu não obstante pedil-as todos os dias!

E é de pasmar que o seu único regulamento fosse aquelle pequenino trecho das instruções Calmon que eu vos li na minha primeira conferencia: “estudar os recursos naturaes da região percorrida.”¹¹ (RIBEIRO, 1920, p.59)

Ao terminar a conferência, Ribeiro voltou a elogiar Rondon, com as seguintes palavras:

Rondon não é só o homem bom e puro votado ao bem da Patria e que se elevou no conceito dos homens de sciencia pela maneira sábia com que desdobrou os seus serviços scientificos; Rondon é uma bandeira!

Fazendo sciencias naturaes elle enriqueceu a sciencia nacional, o Museu Nacional e, além d'isso, nos forneceu os elementos indiscutíveis para provar que o Brasil tem homens capazes e competentes e que o museu só não tem correspondido à expectativa geral porque os governos não lhe tem sabido dar a conveniente orientação.

E assim, Rondon é ainda um benemérito para esta casa por tel-a defendido. Honra e gloria ao seu Nome - Paz e Felicidade á sua santa família. (RIBEIRO, 1920, p. 60)

¹⁰ Lacerda, João Batista de (1846-1915). Nascido em 12 de julho na cidade Campos, foi diretor do Museu Nacional (de 1895-1915).

¹¹ O artigo XV das instruções baixadas pelo Ministério da Viação e assinada pelo Dr. J. F. Soares Filho, aprovadas com a portaria de 4 de março de 1907, do ministro Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, de acordo com a letra B do nº XXI do artigo 53 – da lei nº 1.617 de dezembro de 1907, estabelecia que a Comissão Rondon faria o estudo da região – sob pontos de vista diversos e – dos produtos extrativos desta, principalmente os minerais.



Fig. 27 - Alípio Miranda Ribeiro. Fonte: Arquivo Museu Nacional

2.1.3 Acervo recebido pelo Museu Nacional

Do Catálogo Geral das Publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios foi retirada uma relação de material que o Museu Nacional recebeu das Expedições de Rondon e que foram fontes de pesquisa para professores e pesquisadores do Museu Nacional.

- Expedição Rondon ao Madeira – 3.600 espécimes;
- Expedição de 1910 -1912 - 200 espécimes;
- Expedição Roosevelt-Rondon (1913 - 1914) - 408 espécimes;
- Expedição de 1914 -1915 - 1.429 espécimes.

O primeiro trabalho com parte desse material foi escrita por Carlos Moreira – **História Natural – Zoologia – Crustáceos**, onde há uma espécie nova de *Crustacea Argulidae – Talaus ribeiroi* (Publicação nº 13).

A Publicação nº 14 foi escrito pelo médico Adolpho Lutz (1855-1940) – **História Natural – Zoologia – Tabanideos**, descrevendo várias espécies novas.

A Publicação nº 15 foi do zoólogo Alípio Miranda Ribeiro (1874-1939) – **História Natural – Zoologia – Pimelodidae, Trachycorystidae, Cetopsidae, Bunocephalidae, Auchenipteridae e Hypophthalmidae**.

A Publicação de nº 16 do mesmo autor – **História Natural – Zoologia – Loricariidae, Callichthyidae, Doradidae e Trichomycteridae**, contendo 50 espécies, sendo 12 novas e 3 gêneros novos, a de publicação de nº 17 também é de Ribeiro – **História Natural – Zoologia – Mamíferos – Cebidae, Hapalide, Vespertilionidae, Emballonuridae, Phyllostomatidae; Felidae – Mustelidae, Canidae, Procyonidae, Tapuridae, Suidae, Cervidae, Sciuridae, Muridae, Octodontidae, Coenduidae,**

Dasyproctidae, Caviidae e Leporidae. Platanistidae. Brachypodidae, 84 espécies, sendo 5 novas.

A Publicação nº 22 foi do naturalista alemão que viveu muitos anos no Brasil Hermann von Ihering (1850-1930) – **História Natural – Zoologia – Moluscos**; 20 espécies, sendo 3 novas.

A Publicação nº 35 foi de Adolpho Ducke (1876-1959) – **História Natural – Zoologia – Himenóptera**.

A Publicação nº 36 foi do médico Henrique de Beaufort Aragão (1879-1956).

Ribeiro ainda escreveu a Publicação nº 46 – **História Natural – Zoologia – Cichlidae**.

Em 1916 foi feita a Publicação de nº 49 por Ribeiro - **A Comissão Rondon e o Museu Nacional** com 2ª. Edição em 1945.

A Publicação nº 53 relatou a Expedição Científica Roosevelt-Rondon – **História Natural – Zoologia – Resultados zoológicos** da Expedição por Miranda Ribeiro.

A de nº 58 mostrou outro trabalho de Ribeiro – **História Natural – Zoologia – Peixes** (Excl. *Characinidae*).

A de nº 63 foi escrita por dois cientistas: Miranda Ribeiro e o ornitologista Euclides da Costa Soares – **História Natural – Zoologia – Psittacidae** Registro de 28 espécies.

Foi planejada a publicação nº 82 – **Zoogeografia**, de Miranda Ribeiro, mas não foi concluída.

A derradeira publicação zoológica foi do cientista brasileiro Afrânio do Amaral (1894-1982), nº 84 – **História Natural – Zoologia** (Ofídios de Mato Grosso), com 2ª edição em 1948.

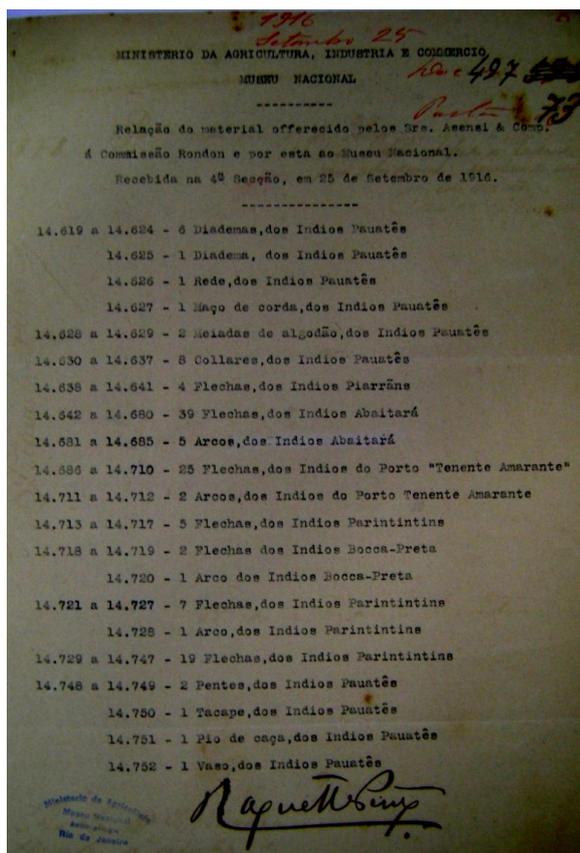


Fig. 28 – Relação de material da Comissão Rondon entregue ao Museu Nacional, assinada por Roquette Pinto. Arquivo Museu Nacional.

2.1.4 Acervo recebido pelo Museu Americano de História Natural

Na pesquisa realizada no Museu Americano de História Natural (*American Museum of Natural History*), foi possível realizar vários contactos com os curadores e pesquisadores do Museu, que atenderam de uma maneira muito gentil e de forma eficaz facilitaram na busca de vários documentos que com certeza enriqueceram a pesquisa. Teve-se a oportunidade de copiar todo o acervo fotográfico da Expedição Científica Roosevelt-Rondon.

A primeira informação que se obteve sobre o acervo encaminhado ao Museu Americano de História Natural foi fornecida pelo próprio Roosevelt.

Cherrie e Miller coligiram para mais de 2.500 aves, cerca de 500 mamíferos, alguns répteis, batráquios e peixes, muitos dos quais novos para a ciência, pois que grande parte da região ainda não havia sido visitada por colecionadores científicos. (ROOSEVELT, 1976, p. 216)

Um dos documentos que se teve acesso foi o Boletim do Museu Americano de História Natural, volume LX do ano de 1930, constituído de 432 páginas,

intitulado: *The birds of Matto Grosso, Brazil*, escrito pela ornitologista americana Elsie Margaret Binger Naumburg (1880–1953), com notas escritas pelo naturalista americano George Kruck Cherrie (1865-1948), um dos cientistas que fez parte da comitiva de Roosevelt. George Cherrie retornou ao Brasil em 1916 para complementar suas pesquisas sobre os pássaros de Mato Grosso e Elsie Naumburg, veio com ele como sua assistente e publicou, em 1930, o referido Boletim, conforme explicação na introdução do boletim:

This paper is based primarily on the collections secured during these two visits. It was originally begun by Mr. Cherrie with the assistance of Mrs. Naumburg (then Mrs. Reichenberger) but Cherrie had proved himself so valuable a member of Colonel Roosevelt's staff that the demand for his services as naturalist kept him for the larger part of the time in remote parts of the earth and Mrs. Naumburg was left to prepare the systematic portion of this Bulletin alone, while Cherrie has written the narrative and field-notes. Cherrie's contributions are in quotations or signed with his initials, G.K.C., while Mrs Naumburg is responsible for the remainder of the book. In prosecuting her studies she has used not only the collections for which the Museum has to thank Col. Roosevelt, but has also had access to the Herbert H. Smith collections from Matto Grosso in the American Museum. (NAUMBURG, 1930, p. 2)

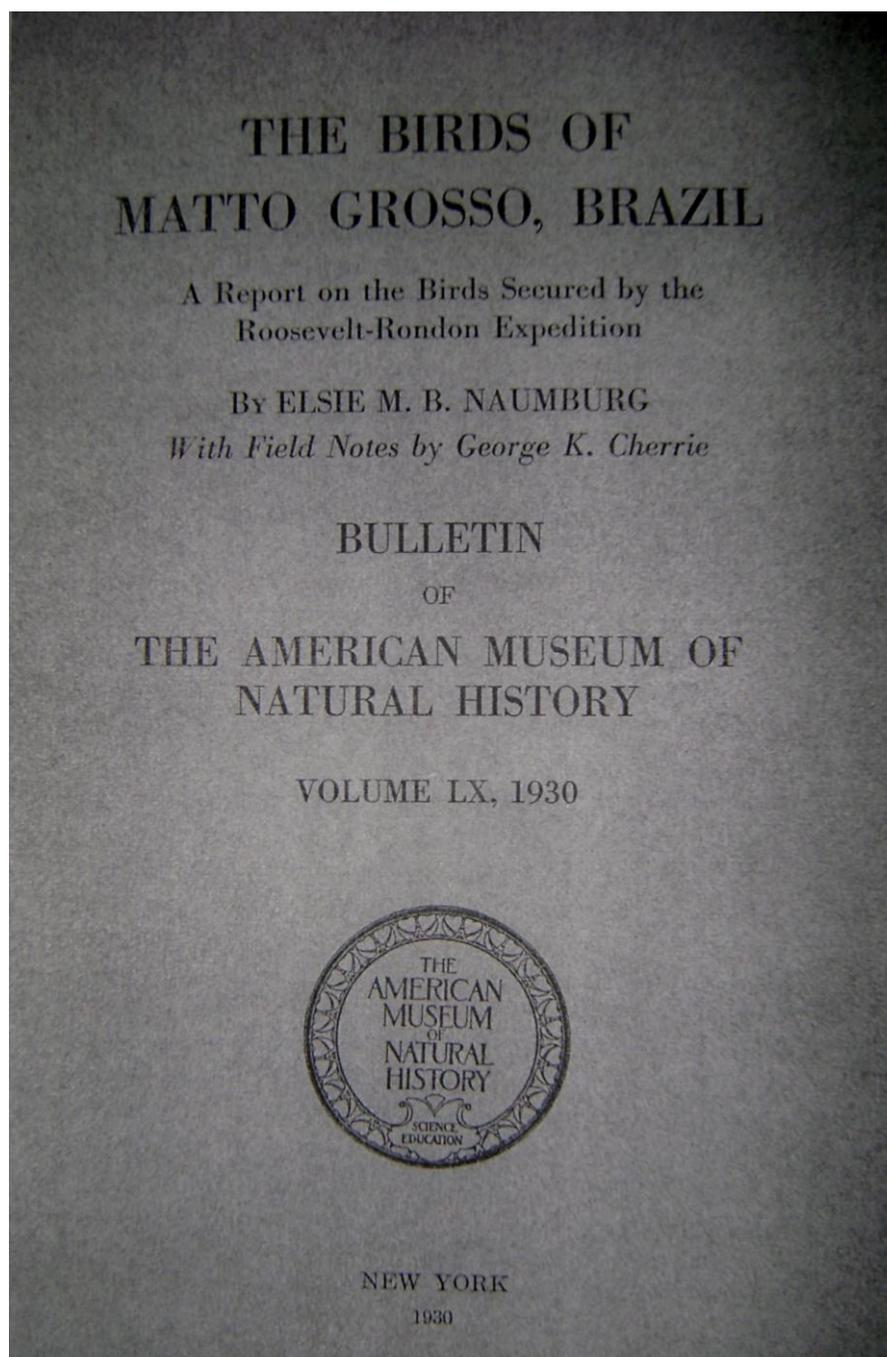


Fig. 29 - Frontispício do Boletim *The birds of Matto Grosso, Brazil* – publicado pelo American Museum of Natural History

O Boletim é raríssimo e um dos maiores documentos sobre os pássaros da região norte e centro-oeste do Brasil. Apresenta inicialmente um relato da viagem, com as coordenadas, mapas, datas e locais por onde a expedição percorreu, além de fotos de grande beleza da região e dos pássaros pesquisados. Apresenta a seguir uma lista de famílias de pássaros, com as espécies e subespécies, muitas totalmente desconhecidas. A partir da página 55 do boletim, ele faz uma distribuição

minuciosa das espécies e subespécies, totalizando mais de 2500 espécimes catalogadas. A partir da página 405 fornece o um índice do volume.



Fig. 30 - Uma das espécies registradas durante a coleta em Mato Grosso pela Expedição Roosevelt-Rondon.

Outro documento importante foi publicado como Artigo XXVII, *New mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expedition*, escrito pelo zoólogo e ornitólogo americano Joel Asaph Allen (1838-1921). Neste documento, seis das dez espécies registradas como novas, foram coletadas em Mato Grosso durante a Expedição

Roosevelt-Rondon. As outras duas (*Wcomys emilie* e *Proechimys boimensis*), no leste do Brasil (não citado o local exato), um (*Ecomy florencice*) no distrito de Caqueta, na Colômbia e o outro (*Molossus daulensis*) no Equador.

2.2 Os Naturalistas da Comissão Rondon



Fig. 31 – Rondon e os naturalistas do Museu Nacional. Da esquerda para a direita: Paulo Miranda Ribeiro, Álvaro Frois da Fonseca, Heloísa Alberto Torres, Eduardo May, Candido Rondon, Benjamin Rondon, Edgar Roquette-Pinto, Júlio Cesar Diogo, Alípio Miranda Ribeiro, Raimundo Lopes da Cunha, Jorge Henrique e Augusto de Padberg. Fonte: Museu Nacional.

A figura 31 sintetizou a boa relação entre Rondon e os naturalistas do Museu Nacional. A foto foi feita junto ao maior meteorito brasileiro e um dos maiores do mundo, o Bendegó, pertencente ao acervo do Museu Nacional. Na imagem, é possível ver a altivez e a envergadura que Rondon assumia quando era fotografado ou filmado, exteriorizando a postura de comandante. “O poder persuasivo da imagem fotográfica e da cinematográfica é um instrumento de *marketing*, importante na formação da opinião pública desde os primeiros momentos do surgimento da imagem técnica” (GOLDEMBERG *in* TACCA, 2001, p. 56).

Rondon fazia questão de apresentar-se com sua farda sempre impecavelmente arrumada:

Rondon e sua equipe de colaboradores sabiam disso e exploraram as potencialidades da imagem no âmbito militar, nas relações institucionais entre a Comissão Rondon e o governo e na própria formação da opinião pública. Podemos dizer que Rondon foi pioneiro também nesse uso da fotografia e do cinema como instrumento de *marketing* pessoal e institucional no Brasil. (TACCA, 2001, p. 56)

Ao lado esquerdo de Rondon, aparece o médico legista Edgar Roquette Pinto (1884-1954) trajado com jaleco branco, não deixando dúvidas da sua posição de destaque em relação aos demais cientistas que aparecem na fotografia. Ao lado esquerdo de Roquette Pinto, está o zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro (1874 - 1939), grande amigo e companheiro de Rondon em várias expedições da Comissão Rondon.

A boa relação de Rondon com os naturalistas do Museu Nacional foi confirmada pelas palavras de Alípio de Miranda Ribeiro, por quem ele tinha uma grande admiração:

Fallar em Candido Mariano da Silva Rondon não é fácil, eu o confesso: não que os aspectos sympathicos pelos quaes elle se nos apresenta deixem de ser todos os aspectos pelos quaes o quizessemos analizar; mas os aspectos de Rondon são multiplos, constituem elementos para estudos mais demorados e abrangem assumptos alheios aos fins d'esta casa e... do meu campo de acção. (RIBEIRO, 1920, p. 5)

Roquette Pinto outro grande amigo e companheiro de viagens, foi quem sugeriu o nome de Rondônia ao vasto território percorrido por Rondon. Assim se expressou em seu livro de mesmo nome:

A obra científica e social de Rondon não pode ser assaz admirada; este livro [Rondônia] dará pávida demonstração de tal asserto. Em cinco anos de trabalho ele conquistou, pacificamente, alguns milhares de km quadrados, agora em condições de fácil valorização. De cada índio, cuja ferocidade não era lenda vã, e cuja animosidade sacrificou tantos homens, fez um amigo. (ROQUETTE PINTO, 1975, p. 2)

2.2.1 CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

*Agora dormes
 um dormir tão sereno que dormimos
 nas pregas de teu sono
 Os que restam da glória velha feiticeiros
 oleiros cantores bailarinos
 estáticos debruçam-se em teu ombro
 ron don ron don
 repouso de felinos toque lento
 de sinos na cidade murmurando
 Rondon
 Amigo e pai sorrindo na amplidão*

Carlos Drummond de Andrade¹²

O nome contradiz o que ele era. Não era **cândido**, posto que em muitas situações teve que usar a malícia para vencer enormes obstáculos. Muito menos **mariano**, pois era Positivista e até nutria certa aversão a Igreja Católica. Era sim, caboclo nascido no coração do Brasil. Um brasileiro da **Silva**. Quanto ao sobrenome **Rondon**¹³, ele emprestou do tio Manoel Rodrigues da Silva Rondon visando homenageá-lo por gratidão por este tê-lo criado a partir dos sete anos de idade. “Ao formar-me, adotei o nome de Rondon, em homenagem ao tio que quisera ser meu pai”. (RONDON *apud* VIVEIROS, 1969, p. 29)

Cândido Mariano da Silva Rondon nasceu no dia 5 de maio de 1865 na localidade de Mimoso, antiga sesmaria de Morro Redondo, próximo de Cuiabá, Mato Grosso. Naquele mesmo ano iniciava a Guerra do Paraguai (1865 – 1870), enquanto findava a Guerra de Secessão nos Estados Unidos da América (1861-1865).

¹² ANDRADE, Carlos Drummond de. **Pranto geral dos índios in A vida passada a limpo**. Rio de Janeiro São Paulo: Editora Record, 2002.

¹³ Cândido Mariano da Silva requereu ao Ministro da Guerra, permissão para acrescentar ao seu nome o sobrenome Rondon do tio Manuel Rodrigues da Silva Rondon. Através da Portaria nº 28, de 1890, o ministro deferiu o pedido, daí então, Cândido passou a se chamar CÂNDIDO MARIANO DA SILVA **RONDON**. (Instituto Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso)

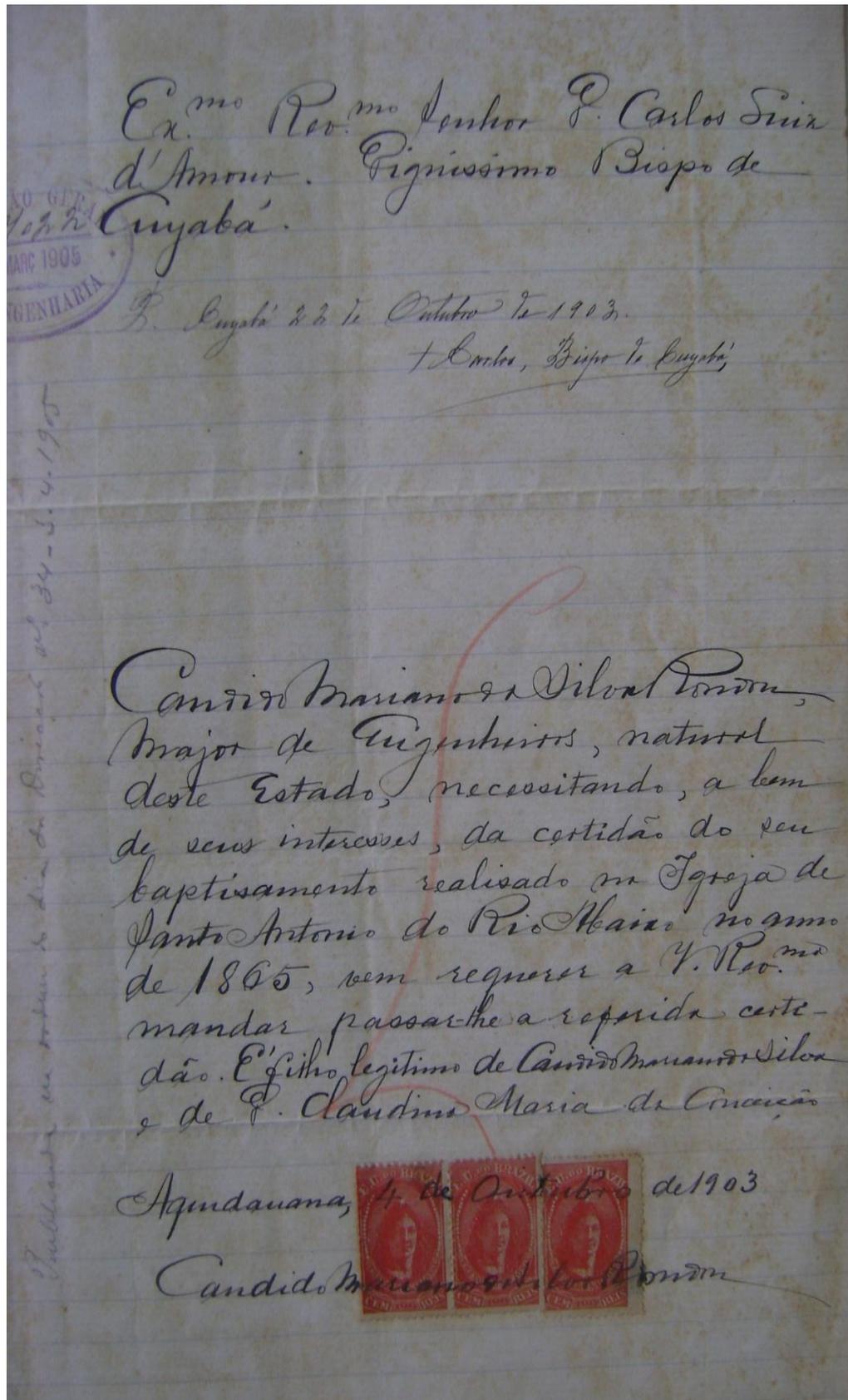


Fig. 32 – Documento assinado por Rondon, solicitando ao Bispo de Cuiabá sua Certidão de batismo da Igreja de Santo Antonio do Rio Abaixo no ano de 1865.

Fonte: Arquivo Histórico do Exército

Raymundo d'Alfara e Monturo, Escrivão in-
 terino da Camara do Arcebispado e Auditorio Ecclesi-
 astico, por nomeação de S. Ex.ª Rev.ª, que Deus Guarde &

Certifico que reverendo o Livro sexto de assen-
 tos de baptisamentos das pessoas livres da Pa-
 rochia de Santo Antonio do Rio Abaixo, si nelle
 a folha quarenta e sete verso encontro o assen-
 to pedido na petição referida, cujo teor de verso ad-
 vertim e pela fôrma esmaneira seguinte. —
 Aos vinte duas do mes de Agosto de mil e sta-
 centos sessenta e cinco, si esta Freguezia de Santo
 Antonio do rio Cuiabá, o Reverendo Conju-
 gos Janinho Ferreira de Carvalho baptisou e
 por os Santos Ollas ao innocente Candido, de
 quatro meses, filho legitimo de Candido Ma-
 riano da Silva e Claudina Maria das Lozes:
 foram padrinhos Quimbiliano Ferreira de Castro
 e Antonia Rosa da Silva. E para constar la-
 vou e fiz este termo, que assignei. — O Vigario
 Collado, Miguel Dias d'Alfara. — Nada mais
 se encontra em o dito assento que, em virtude
 do despacho provido na petição referida, aqui berr
 e fealmente e copiei sem erro, boçao, e substitui na
 copia que devida fazer por ver, ler e confier com o
 proprio original, ao qual me reporto em o meu poder

3.ª parte
 15 de outubro de mil, novecentos e tres. Em Raymundo
 d'Alfara e Monturo, Escrivão interino da Camara Eccle-
 siastica e sacrista, subscrisi, confiei e assignei.

Raymundo d'Alfara e Monturo
 Conf. p. o. m. Esc. inter.

Fig. 33 – Documento em resposta a petição de Rondon, sobre o seu batismo.

Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Rondon tinha o mesmo nome do pai, Cândido Mariano da Silva, porém Rondon não chegou a conhecê-lo, pois o mesmo faleceu em dezembro de 1864, antes dele nascer. Rondon também não desfrutou do convívio com sua mãe, Claudina de Freitas Evangelista da Silva, ela faleceu no ano de 1867, quando Rondon contava com apenas 2 anos. Tão pequeno e sem condições de sobreviver sozinho foi criado pelo avô paterno que o ensinou a ler e escrever. Possuía sangue indígena por parte das bisavós, tanto do lado paterno (guaná) como do materno (bororo e terena). Aos sete anos foi a viver em Cuiabá com o tio, Manoel Rodrigues

da Silva Rondon, que o levou para trabalhar como seu ajudante de vendas. Mesmo trabalhando Rondon frequentava a escola particular do Mestre Cruz e posteriormente passou a estudar na escola pública do professor João Batista de Albuquerque. (VIVEIROS, 1969)

Em 1874, foi cursar a Escola Pública e concluiu o Curso Primário aos 13 anos.



Fig. 34 – Candido Mariano da Silva Rondon, com 13 anos de idade.

Fonte: VIVEIROS, 1969.

Concomitantemente, no Rio de Janeiro, dois anos depois, em 1876, alguns adeptos das idéias positivistas, Teixeira Mendes (1855 – 1927), Miguel Lemos (1854 – 1917) e Benjamin Constant (1836 – 1891) fundaram a Sociedade Positivista do Brasil, que posteriormente veio a ter importância na vida de Rondon.

Rondon estudou no Liceu Cuiabano e nele se licenciou com distinção como professor do Curso Primário em 1881.

Candido Rondon casou em 1º de fevereiro de 1892, com Francisca Xavier (carinhosamente chamada por ele de Chiquita), na Igreja Nossa Senhora do Amparo

e Santa Maria Goretti, no bairro de Cascadura, Rio de Janeiro. Francisca era filha de um professor do Colégio Pedro II.



Fig. 35 e 36 – Fachada da Igreja Nossa Senhora do Amparo e Santa Maria Goretti, Foto da esquerda, década de 50 e da direita, ano 2011.

Fonte: autor desconhecido (esquerda) e Acervo do autor (direita).

Posteriormente, em 1903, Rondon reforçou os seus votos e casou-se com D. Francisca na Igreja Positivista do Rio de Janeiro.



Fig. 37 - Altar da Igreja Positivista do Brasil. Fonte: Igreja Positivista do Brasil, disponível em <http://www.igrejapositivistabrasil.org.br/>

Desta bem sucedida união o casal teve sete filhos, seis mulheres e apenas um homem. Os nomes de três dos filhos do casal foram escolhidos para homenagear amigos, a saber: Heloisa Aracy, nascida em 13 de novembro de 1892 (homenagem à última filha de Benjamin Constant), Bernardo Vitor Benjamin, em 28 de abril de 1894 (deferência a Benjamim Constant), Clotilde Teresa (comprovando a

admiração que nutria pela positivista Clotilde de Vaux (1815 - 1846), o grande amor de Auguste Comte). Rondon e Francisca ainda tiveram as filhas Marina Sylvia; Beatriz Emília, que morreu quando Rondon estava comandando as tropas no Paraná em 1925 e finalmente as duas mais jovens, Maria de Molina, que nasceu em 1907 no Rio de Janeiro época em que Rondon estava se preparando para a expedição ao Rio Juruena. Por esse motivo, Rondon só veio a conhecer a filha quando ela já estava com dezoito meses de vida, e Branca Luiza. Em 1969 a família de Rondon era bem numerosa, além dos filhos, descendiam dele 30 netos e 20 bisnetos. (VIVEIROS, 1969)



Fig. 38 – Rondon, D. Francisca, seu filho Benjamin e duas de suas filhas.

Fonte: Fotografia exposta na exposição Um homem chamado Rondon (2010, Arquivo Público Nacional, Rio de Janeiro).

Quando D. Francisca morreu, o sofrimento de Rondon foi registrado em uma correspondência ao amigo Odorico Ribeiro dos Santos Tocantins, telegrafista do Telégrafo Nacional e servidor da Comissão Rondon:

Escrevo-te hoje, ainda sob o peso da emoção que abalou minha alma no fatal dia de finados, em que perdi minha imaculada esposa companheira de todos os instantes da minha vida, o anjo da guarda da minha existência, a minha eterna Chiquita. Fiquei completamente impossibilitado de qualquer ação estranhas as minhas dores e as minhas constantes e infinitas emoções. (Carta de Rondon ao Sr Odorico, Novembro de 1949, Arquivo Histórico do Exército)

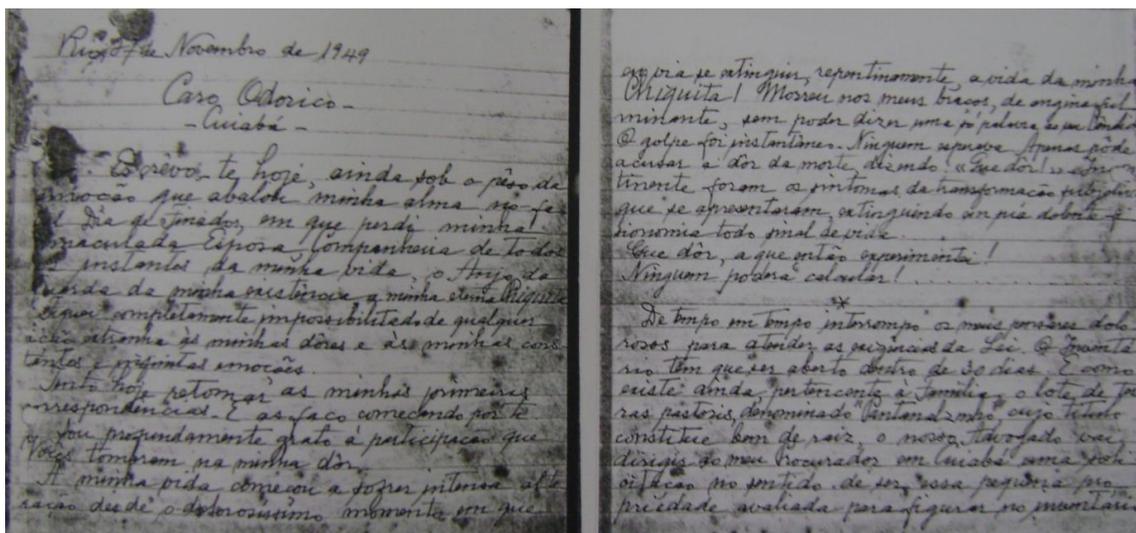


Fig. 39 – Carta escrita por Rondon ao amigo Odorico comentando sobre o falecimento de sua esposa, D. Francisca. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Em 1881, Rondon já havia sido nomeado professor para o Curso Primário quando desistiu do magistério e resolveu ingressar no Exército como soldado, servindo no 2º Regimento de Artilharia à cavalo.

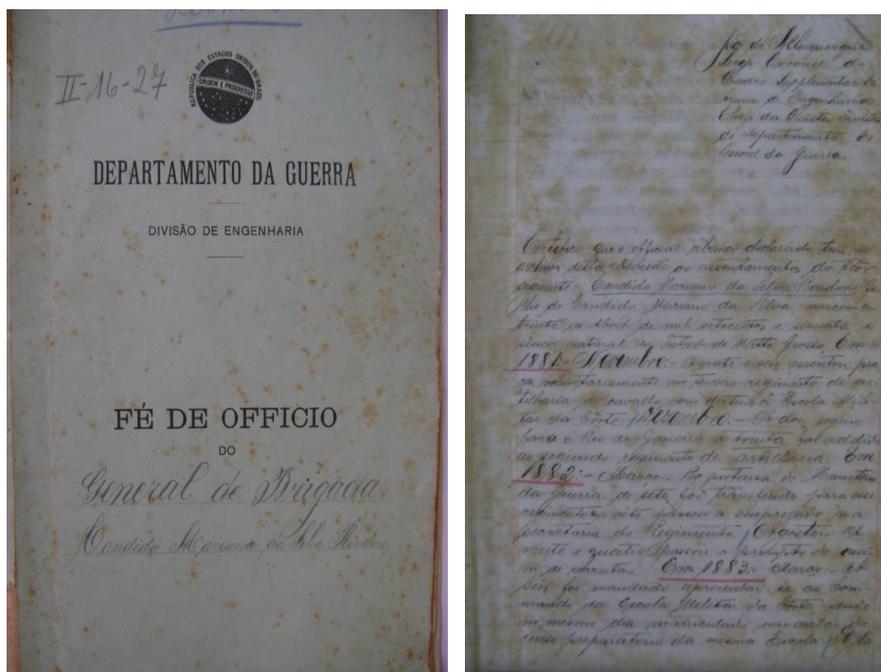


Fig. 40 e 41 – Fé de Ofício do Marechal Rondon¹⁴. A primeira página deste documento registra a entrada de Rondon no Exército. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Paralelamente, no mesmo ano, outro fato que mais a frente foi incorporado à vida de Rondon, foi à fundação da Igreja Positivista do Brasil por Miguel Lemos.

¹⁴ Fé de Ofício é um documento militar onde consta todas as atividades/ alterações durante a carreira do militar

Em 1884 matriculou-se na Escola Militar da Praia Vermelha, no mesmo ano em que se iniciava no Brasil um período que ficou conhecido como Questão Militar, uma época marcada por conflitos entre militares e o governo monárquico de D. Pedro II. Em 1885 matriculou-se em seu primeiro curso de matemática na Escola Militar e foi neste momento que se interessou pela Filosofia Positivista. Esse contato inicial foi propiciado pelos seus professores, em particular, o Professor militar Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1833 - 1891), quando ele ainda cursava os bancos escolares.

O Brasil caminhava em direção a libertação dos escravos e em 1885 foi promulgada a Lei dos Sexagenários. Em 1888, Rondon foi promovido a Alferes aluno e matriculou-se na Escola Superior de Guerra. Neste ano foi finalmente promulgada a Lei Áurea (13 de maio de 1888), abolindo definitivamente com a escravidão no Brasil. No ano seguinte foi proclamada a República no Brasil (15 de novembro de 1889). Rondon teve uma participação importante nesse episódio, pois fez a ligação entre o Exército e a Armada¹⁵.

Este episódio foi descrito Rondon:

Escolheu Benjamin Constant, para portador de tão importante mensagem, os dois discípulos em quem mais confiava – os discípulos amados – Tasso Fragoso e eu. Seríamos a ligação entre a “Brigada Estratégica” rebelada e os oficiais revoltados da Armada.

Às 4 horas partimos em cavalos escolhidos para uma galopada de São Cristovão ao Clube, no largo do Rossio...

Seguíamos, insensíveis a tudo o que não fosse o pensamento de chegar, o mais depressa possível, ao largo do Rossio, ao Clube Naval e, quando apeamos, estavam nossos cavalos brancos de espuma. Levávamos a senha... Abriu-se, então, uma fenda na portinha, por onde introduzimos o ofício. Daí a pouco voltou quem recebera de nós o documento e, repetidas as mesmas formalidades, foi-nos entregue, pela fenda, o ofício-resposta. O tempo de montar de novo e lá partimos para o Convento de Sto. Antonio, onde estava aquartelado o 7º Batalhão de Infantaria...

O dia despertava. Súbito, tingiu-se o oriente sob uma chuva de ouro, pálida a principio e depois cada vez mais rubra...e sobre essa cortina surgiria em breve o sol, a iluminar um novo dia, a iluminar, pela primeira vez, a República Brasileira. (RONDON *apud* VIVEIROS, 1969, p.53)

Em 1890 Rondon formou-se Bacharel em Matemática e em Ciências Físicas e Naturais, recebeu o posto de 2º Tenente e foi designado para a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, chefiada pelo Major Antonio Ernesto Gomes Carneiro. Nesse mesmo ano foi promovido ao posto de 1º Tenente.

¹⁵ Armada era como se chamava na época a Marinha de Guerra do Brasil



Fig. 42 – Rondon no início da carreira militar.

Foto: Fotografia exposta na Exposição Um homem chamado Rondon.

No ano seguinte, 1891 passou a exercer a função de professor na Escola Militar lecionando as disciplinas de Astronomia, Matemática Superior e Mecânica Racional. (VIVEIROS, 2010, p.93)



Fig. 43 – Rondon em trajes civis, com aproximadamente 25 anos de idade.

Foto: autor desconhecido; fonte: VIVEIROS, 2010.

A figura 43, de autor desconhecido, é uma fotografia rara. Foi a única fotografia encontrada por esse pesquisador, em que Rondon deixou-se fotografar

com uma postura totalmente descontraída e uma das poucas fotografias onde ele apareceu sem a farda no período em que estava na ativa do Exército Brasileiro. Talvez pelo fato de Rondon contar com pouca idade na época da fotografia – tinha aproximadamente 25 anos – e não se preocupava com sua imagem que poderia ser legada à posteridade. Observa-se ainda um teodolito¹⁶, protegido a sombra de uma árvore e ao fundo uma rústica barraca de campanha.

Em 24 de setembro de 1892 foi promovido ao posto de Capitão. No ano seguinte, três importantes acontecimentos envolvendo as forças armadas entram para a história do Brasil: início da Revolta da Armada no Rio de Janeiro, início da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul e começo da Guerra de Canudos, no sertão da Bahia.

No ano de 1900, foi nomeado Chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas no Estado de Mato Grosso. Nesse período iniciou no Brasil, a Política dos Governadores, importante pacto para a consolidação da chamada Primeira República. No ano seguinte, nos Estados Unidos da América, Theodore Roosevelt (1858-1919) foi eleito em 1901, 26º Presidente dos Estados Unidos da América, mais tarde Roosevelt teve uma importante participação na vida de Rondon, quando em sua vinda ao Brasil em 1913.

Várias foram às missões militares de que Rondon participou: na patente de capitão, no período de 1892 à 1898 ajudou a construir as linhas telegráficas de Mato Grosso a Goiás, entre Cuiabá e o Araguaia, e uma estrada de Cuiabá a Goiás. Dirigiu a construção de outra linha telegráfica, trecho que ligava Cuiabá e Corumbá, tendo alcançado as fronteiras do Paraguai e Bolívia no período de 1900 a 1906. Todo o trabalho executado pela comissão foi apresentado através de relatório geral ao Diretor de engenharia do Exército, conforme documento a seguir:

¹⁶ O **teodolito** é um instrumento óptico de medida utilizado na topografia, na geodésia e na agrimensura para realizar medidas de ângulos verticais e horizontais, usado em redes de triangulação. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Teodolito>, acesso em 28/04/2012)

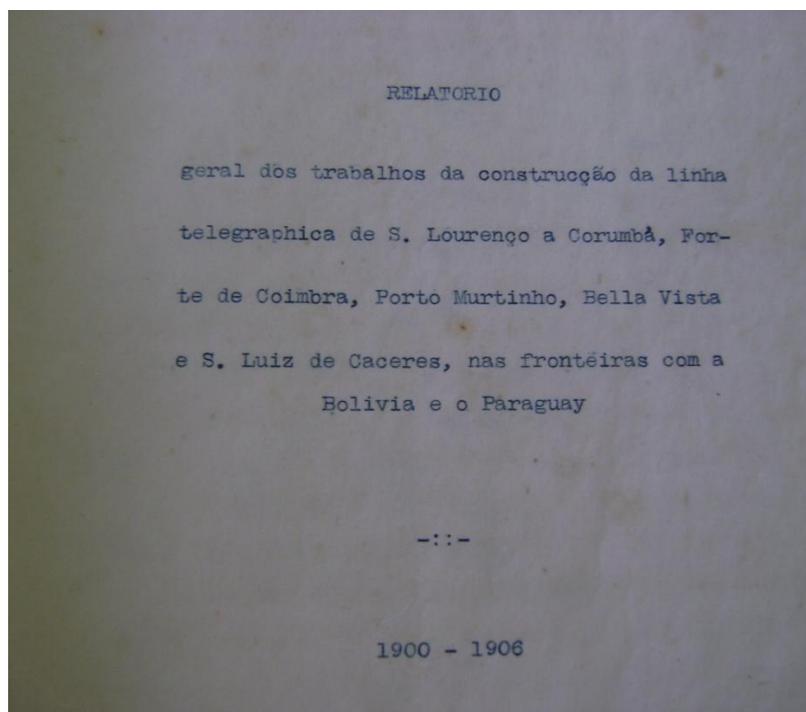
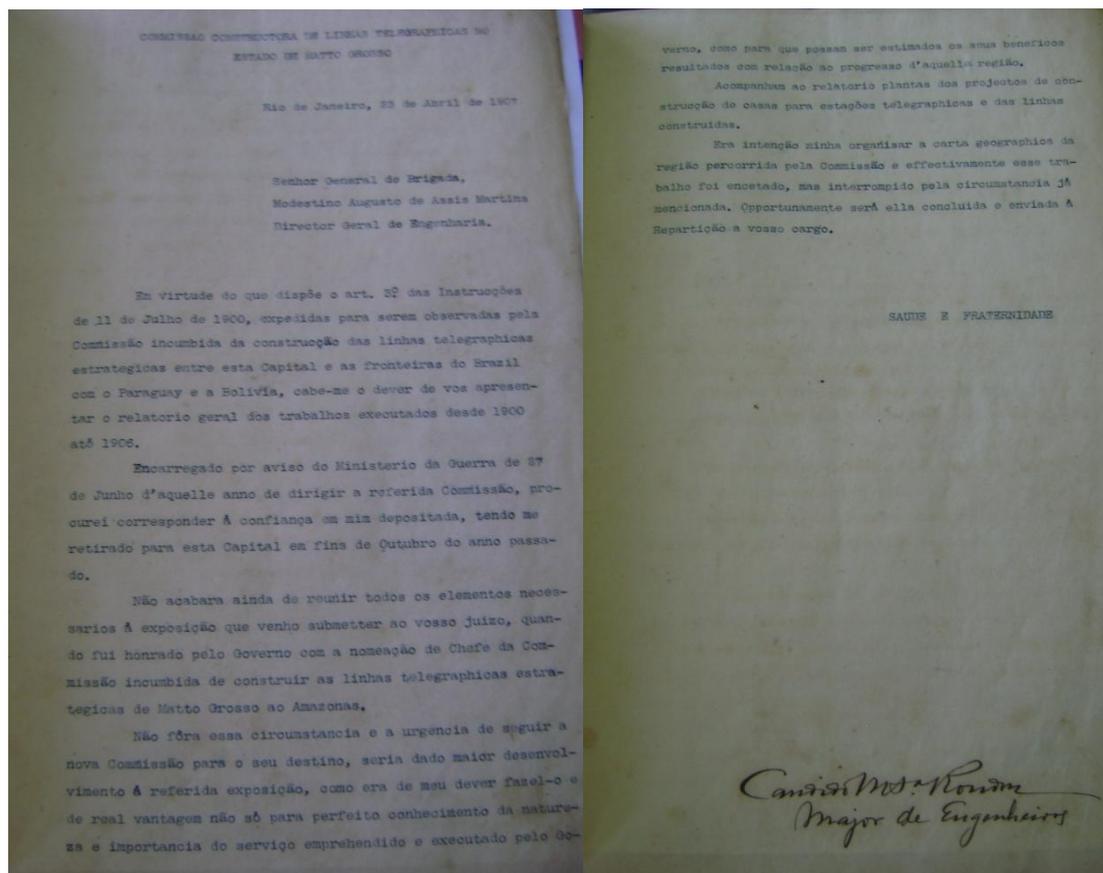


Fig. 44, 45, 46 – Relatório da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso (1900 – 1906). Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Foi realizando esta tarefa que Rondon começou o contato pacífico com os índios, colocando em prática a sua ideologia positivista.

A promoção por merecimento ao posto de Major, primeiro posto do ciclo de oficial superior, ocorreu no dia 8 de julho de 1903. Neste ano, Theodore Roosevelt adotou uma política expansionista, que entrou para a história como o nome de “*Big Stick*”¹⁷ e obteve o controle da Zona do Canal do Panamá.

Em 1906 Rondon e seus auxiliares encontraram na região de Guaporé as ruínas do Real Forte do Príncipe da Beira, uma das maiores fortalezas edificadas no Brasil colonial, pela engenharia militar portuguesa. O forte foi construído com a finalidade de consolidar a posse da coroa portuguesa as margens dos Rios Guaporé e Mamoré, porém, após a proclamação da República passou a ter a função de aprisionar degredados, sendo posteriormente abandonado. (BARBOSA e NUNES, 1985)

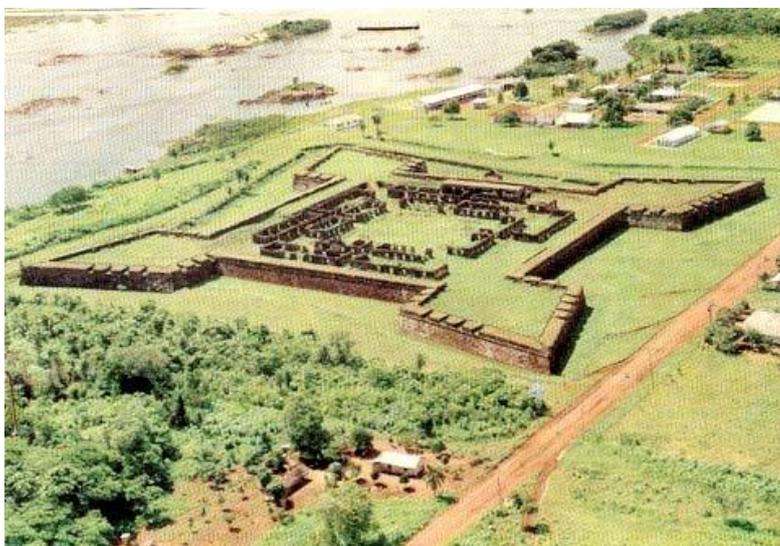


Fig. 47 -. Vista aérea do Real Forte do Príncipe da Beira – construção iniciada em 1776 e concluída em 1783. Construção em estilo *Vauban* nome dado em homenagem ao Engenheiro Militar francês Sébastien Le Prestre, Marquês de Vauban (1633 - 1707), introdutor deste estilo. Fonte: <http://www.gentedeopiniao.com/lerConteudo.php?news=9479>

As duas fotos a seguir, são provas irrefutáveis da presença de Rondon nas ruínas do Forte da Beira. Essas fotos são apresentadas pela primeira vez em um trabalho científico, pois estavam arquivadas no Museu da Imagem e do Som de

¹⁷ *Big Stick* (Grande Porrete). Inspirado em um provérbio africano que dizia “Fale com suavidade e tenha na mão um grande porrete”, Roosevelt mostrava com isso que, para proteger os Estados Unidos, agiria com diplomacia, mas não hesitaria em utilizar sua autoridade, caso fosse necessária. <http://www.portalobjetivo.com.br/noticias.asp?id=3061>

Cuiabá, portanto, longe das principais fontes primárias dos pesquisadores de Rondon, como Museu Nacional, Forte de Copacabana (Museu do Exército), Museu do Índio e Arquivo Histórico do Exército. Apesar de não ter o nome do autor da foto, acredita-se que não seja de autoria dos fotógrafos da Comissão Rondon, por estar arquivada em local diferente das instituições citadas.



Fig. 48 – Rondon nas ruínas do Forte Real Príncipe da Beira.
Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referência: P. 0176-A 910.946.4-54



Fig. 49 – Rondon nas ruínas do Forte Real Príncipe da Beira.
Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referência: P. 0176-A 910.946.4-55

Afonso Augusto Moreira Pena (1847-1909), assumiu a Presidência do Brasil em 1906 e em 1907 nomeou Rondon chefe da Comissão de Linhas Telegráficas e

estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA). Essa comissão foi responsável pela construção da linha telegráfica de Cuiabá a Santo Antonio do Madeira, considerada a sua obra mais importante. Foi a primeira comissão de linhas telegráficas a alcançar a Região Amazônica, e ficou conhecida como Comissão Rondon. Esta atividade se desenvolveu no período de 1907 a 1915.



Fig. 50 - Colocação de um poste telegráfico. Fonte: Jornal a Epopéia de Rondon, 1958.

A construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré ocorria na mesma época, de 1907 a 1912, com o objetivo de ligar as cidades de Porto Velho a Guajará-Mirim, atual estado de Rondônia.



Fig. 51 - Estrada de Ferro Madeira Mamoré, conhecida como Ferrovia do Diabo, pela quantidade de mortes dos trabalhadores ocorridas por doenças tropicais.
Fonte: <http://www.oocities.org/area51/Realm/7805/efmmindex.htm>

Em 5 de agosto de 1908, Rondon foi promovido ao posto de Tenente Coronel, por merecimento. No mesmo ano foi instituído o serviço militar obrigatório no Brasil.

Em 1910, Hermes Rodrigues da Fonseca (1855-1923), assumiu a Presidência da República do Brasil e foi criado o escritório central da CLTEMTA, importante

repartição na época e que elaborou os relatórios, mapas, armazenou documentos, fotos e filmes da Comissão.

Em 3 de abril de 1912, Rondon obteve outra promoção, galgou o posto de Coronel e foi neste mesmo ano que concluiu-se a obra da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. No ano seguinte Rondon foi chamado ao Rio de Janeiro pelos Ministros da Guerra, da Viação e do Exterior, tendo em vista convidá-lo a participar de uma expedição à Amazônia com Theodore Roosevelt. Rondon aceitou a proposta e a expedição iniciou-se em 21 de janeiro do ano seguinte, na cidade de Tapirapuã. No mesmo ano que foi inaugurado o Canal do Panamá.

A promoção a General de Brigada foi no dia 1 de julho de 1919 e foi nomeado Diretor de Engenharia. Em sua gestão foram construídos modernos quartéis e bases militares.



Fig. 52 – Rondon no posto de General. Fonte: Arquivo Histórico do Exército

Rondon, quando aluno da Missão Militar Francesa, teve como seu instrutor o próprio chefe da Missão, o General Maurice Gustave Gamelin (1872-1958), herói da 1ª Guerra Mundial. Deste contato inicial surgiu uma amizade e admiração recíproca

ao ponto de Rondon visitar Gamelin em sua casa e ver o seu retrato de consagrado sertanista na sala do mestre.

Candido Rondon foi um dos comandantes das célebres Manobras de Saicã¹⁸ de 1922 e nas de Pirassununga em 1926. Quando foi perguntado ao Gen Gamelin, quem ele nomearia para comandar o Exército Brasileiro em caso de guerra, ele respondeu que indicaria o General Rondon. Acredita-se que a indicação de Rondon ao cargo de Ministro da Guerra, para pacificar o Paraná e Santa Catarina, em 1924 tenha partido do Gen. Gamelin. (VIVEIROS, 1969)

Em 1922, o Brasil passou por um momento importante, com fatos que marcaram a sua história: as revoltas do Forte de Copacabana e da Escola Militar no Rio de Janeiro, episódio que passou para a história como a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana. Outros momentos importantes vivenciados na época foram a Semana de Arte Moderna em São Paulo, conhecida como a Semana de 22; a fundação do Partido Comunista do Brasil e a realização da primeira transmissão oficial de rádio.



Fig. 53 – Imagem do episódio da Revolta dos 18 do Forte - Da esquerda para direita, tenentes Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Newton Prado e o civil Otávio Correia.
Fonte: coleção "Nosso Século" (1980) da Editora Abril, página 206

Rondon foi promovido a General de Divisão graduado em 17 de dezembro de 1923 e a General de Divisão efetivo um ano depois. Em 1924 foi nomeado Comandante chefe das forças em operações contra os rebeldes no Paraná e Santa Catarina.

Neste ano iniciaram-se dois grandes movimentos revolucionários: o de São Paulo e a Coluna Prestes. Em 1927 Rondon foi nomeado Comandante da Comissão de Inspeção de Fronteira, realizando três inspeções de fronteiras, que terminaram

¹⁸ Manobras realizadas pelo Exército Brasileiro nas coxilhas de Saicã, a três léguas de Cacequi.

em 1930. A figura 54 retrata o momento em que Rondon e seus comandados atingiram o cume de uma montanha. Rondon apresenta-se com garbo no seu uniforme, lembrando um grande explorador, segurando uma enorme Bandeira Nacional. Seus comandados se apresentam com posturas mais descontraídas e no lajedo lê-se: General Rondon; VIVA O BRASIL; 29 de outubro de 1927; I.R. (Inspeção de Fronteiras)



Fig. 54 – Em um dos lajedos foi gravada uma inscrição comemorando a passagem do estado maior da Inspeção de Fronteira. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Rondon foi um dos responsáveis pela criação do Serviço de Proteção ao Índio e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPI/LTN) foi o primeiro diretor da instituição, tendo assumido o cargo em 7 de setembro de 1910. Quase três décadas depois, no dia 27 de dezembro de 1939 passou a exercer a direção do Conselho Nacional de Proteção aos Índios. (VIVEIROS, 1969).

Nos últimos anos as políticas de Rondon com relação ao Serviço de proteção aos índios foram sendo muito criticadas nos meios acadêmicos e indigenistas em virtude principalmente das invasões das terras indígenas, das doenças trazidas pelo homem branco, da falta de assistência dos governos. Acredita-se que se não fossem as ações de Rondon, entre elas destaca-se a criação do Parque Nacional do

Xingu, junto com Dary Ribeiro e Orlando Villas Bôas, a situação dos índios seria bem pior. O professor Mércio Pereira Gomes (2007) também ratifica essa opinião.

Alguns críticos de Rondon, anos depois, consideraram que ele aceitou dirigir o SPILTN porque queria ver o índio virar um brasileiro pobre, e que demarcar terra para índio e localizar (assentar) trabalhadores sem terra era a mesma coisa. Não, sete anos depois, os trabalhadores sem terra haviam saído do SPI e movidos para outra seção do Ministério da Agricultura, e ficaram, como demonstrou o desenrolar dos tempos, ao deus-dará, até serem de novo percebidos pelo movimento dos camponeses na década de 1950. (GOMES, 2007)

O General Rondon se reformou no dia 6 de novembro de 1930, com 51 anos, 7 meses e 27 dias de serviços dedicados ao Exército. No mesmo ano Getúlio Vargas foi empossado como Chefe do Governo Provisório.

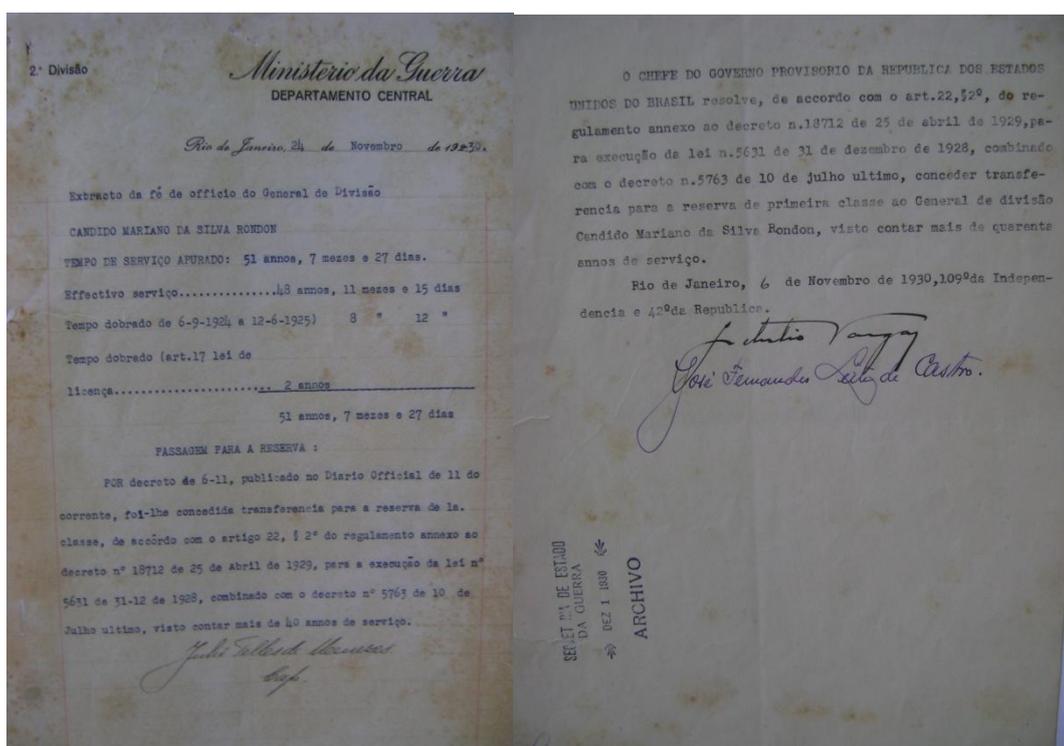


Fig. 55 – Documentos referentes à passagem para a reserva do General Rondon.

Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Em 1930, Vargas nomeou Rondon como presidente da Comissão mista Internacional Peru-Colômbia, encarregada de resolver a questão de fronteira pela disputa do território de Letícia, disputa esta, que foi concluída em 1938.



Fig. 56 – Rondon e os integrantes da Comissão Mista. Fonte: Arquivo Histórico do Exército

Vargas ainda nomeou Rondon em 1939, para o cargo de Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios

Em 1952, o Coronel Jaguaribe terminou a Carta geográfica de Mato Grosso e regiões circunvizinhas, baseado em todo levantamento feito por Rondon e sua comissão em suas expedições.



Fig. 57 – Cel Jaguaribe e a carta de Mato Grosso. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

A Câmara dos Deputados e o Senado Federal, através da Lei nº 2409 de 27 de janeiro de 1955, concederam honras de Marechal de Exército ao General de Divisão Candido Rondon.



Fig. 58 – Rondon recebeu as insígnias de Marechal
 Fonte: Jornal Diário da noite, São Paulo, 20 de janeiro de 1958.

Em 17 de fevereiro de 1956 o território do Guaporé foi rebatizado passando a chamar-se Rondônia. (BENTO, 2007). Rondon elegantemente opôs-se a homenagem e chegou a escrever ao Presidente da República solicitando apoio do mesmo para não permitir a mudança do nome do território do Guaporé para Rondônia.

Senhor presidente: Tenho a honra de dirigir-me a v. excia. Com o objetivo de solicitar o inestimável apoio do Senhor presidente para o memorial entregue pelo exmo. Sr. Luiz Brasil Cantanhede, presidente da seção da U.D.N. no Território Federal do Guaporé e assinado por um grupo de outros ilustres compatriotas a respeito da manutenção do tradicional e oportuno nome pelo qual é conhecido aquele território.

Ao ser-me comunicado pelo exmo. Sr. Dr. Tibúrcio Cavalcante Neves, secretário geral do Partido Social Progressista, o apoio que esse partido dera a preposição para que ao Território fosse dado o nome de Rondônia, em homenagem a minha modesta pessoa, tive a satisfação de agradecer e declinar de tal homenagem, tomando como base meus princípios.

Para maior conhecimento de v. excia., transcrevo, a seguir, os termos de minha carta de 21 de julho de 1955, dirigida ao mencionado Sr. Dr. Tibúrcio Cavalcante Neves e assim concedida. (CANDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, carta)

A carta, na íntegra, foi publicada em um Jornal do Rio de Janeiro.

O marechal Rondon contrário à homenagem

Apoio integral à conservação do nome de Guaporé
que se pretende mudar para Rondônia

RIO, (Meridional) — O presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, manifestando-se acerca da pretendida mudança do nome do Território do Guaporé para Rondônia, dirigiu ao presidente da República, a seguinte mensagem:

"Senhor presidente: Tenho a honra de dirigir-me a v. excia. com o objetivo de solicitar o inestimável apoio do Senhor Presidente para o memorial entregue pelo exmo. sr. Luiz Brasil Cantanhede, presidente, da Seção da U.D.N. no Território Federal do Guaporé e assinado por um grupo de outros ilustres compatriotas, a respeito da manutenção do qual é conhecido aquele Território.

Ao ser-me comunicado pelo exmo. sr. dr. Tibúrcio Cavalcante Neves, secretário-geral do Partido Social Progressista, o apoio que esse Partido deu à proposição para que ao Território fosse dado o nome de Rondônia, em homenagem à minha modesta pessoa, tive a satisfação de agradecer e declinar de tal homenagem, tomando como base meus princípios.

Para melhor conhecimento de v. excia, transcrevo, a seguir, os termos de minha carta de 21 de julho de 1955, dirigida ao mencionado sr. dr. Tibúrcio Cavalcante Neves e assim concebida:

"Tenho a honra de acusar o recebimento do atencioso telegrama de v. excia. de 12 do antecedente, no qual, em nome do Diretório Regional do PSP, m. informo da resolução dessa nobre agremiação partidária, de dar apoio ao projeto apresentado pelo sr. Antônio Garcia Lins no sentido de ser dado ao Território Federal do Guaporé o nome do modesto compatriota que subscreve esta carta e que mais uma vez vem declarar, de público, que nada mais fez em sua vida senão servir conscientemente à Pátria e à República.

Justamente em virtude desse fato e dos princípios filosóficos que sempre esposar, venho solicitar a v. excia a gentileza de expressar meus desvanecidos agradecimentos aos dignos membros do referido Diretório Regional desse Partido e ao mesmo tempo, de transmitir-lhes o veemente apelo que ora formulo, certo de merecer esse favor, no sentido de que se ponha à margem definitivamente, esse projeto, escolhendo-se, se necessário, o nome de um dos valentes companheiros que tive na antiga Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas e que ao serviço da Pátria e da civilização dos nossos sertões perderam a vida da forma mais digna e heróica.

Creia v. excia., que uma decisão diferente, que, muito lastimaria, só poderá ser recebida com a maior dor.

Queira v. excia. aceitar com os meus renovados agradecimentos os protestos de minha elevada estima e distinta consideração".

Depois de esclarecer meu pensamento e certo de merecer o amparo de v. excia. para a adoção desse critério, o qual, sem dúvida, a melhor homenagem que me poderá ser prestada, prevalecendo-me de aqui, me reiterarei a v. excia. os meus protestos de elevada estima e consideração".

Fig. 59 – Carta de Rondon publicada em um jornal do Rio de Janeiro endereçada ao Presidente da República solicitando apoio para não mudar o nome do território do Guaporé para Rondônia. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Rondon teve o seu nome proposto por vários membros do Clube dos Exploradores de New York para o Prêmio Nobel da Paz de 1958. A indicação do nome de Rondon teve a mais ampla e simpática repercussão não só no Brasil como também nos EUA.

Sobre a sua segunda indicação ao prêmio Nobel da Paz, Rondon, já bastante doente, manifestou-se com as seguintes palavras, através de uma carta encaminhada à revista O Mundo Ilustrado de 1957, um dos seus últimos escritos:

Sinto-me muito honrado em que parta da América uma nova indicação do meu nome ao Prêmio Nobel da Paz. Que este gesto tocante seja compreendido como uma afirmação do direito dos sessenta milhões de indígenas de todo o mundo, à vida, a liberdade e à felicidade. Fui sempre movido pela convicção de que o desenvolvimento natural das nações não precisa significar uma inexorável condenação de extermínio para os povos tribais. A maior satisfação de minha velhice tem sido ver reconhecida internacionalmente esta atitude e todos os esforços que dela decorreram. Isso significa que a humanidade progride, pois torna cada vez mais em suas mãos, como a tarefa mais nobre, o amparo e o acatamento dos direitos daqueles que não teriam nenhuma força para os impor. E significa, ainda, que a humanidade sedenta de paz ingressou já naquela idade em que todos os problemas serão resolvidos sem recurso à violência. (Revista O Mundo Ilustrado, 1957)

Infelizmente, não houve tempo de Rondon ser agraciado com o Prêmio Nobel da Paz, pois faleceu no ano em que foi indicado.

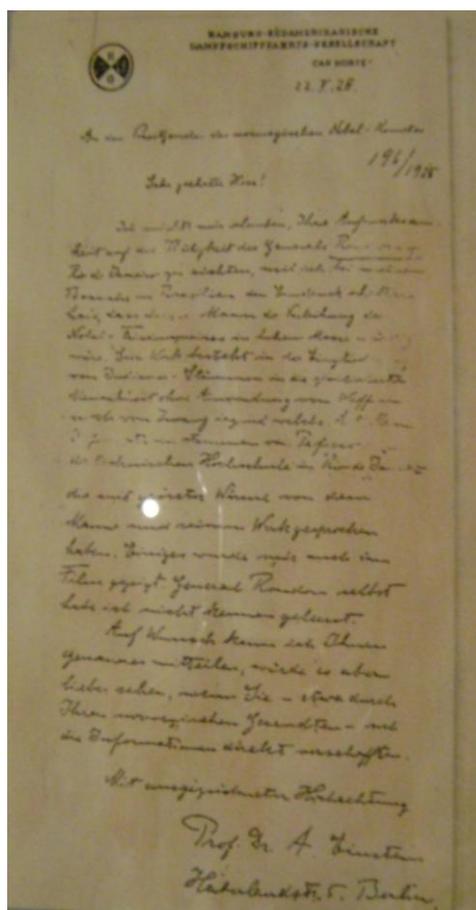


Fig. 60 - Apoio externo para Rondon receber o Nobel da Paz (Carta do físico Albert Einstein indicando Rondon ao prêmio Nobel da Paz)

Fonte: Exposição Um homem chamado Rondon (2010, Arquivo Histórico Nacional, RJ)

Resumiu-se a vida de Rondon com base nos cinco pilares que nortearam toda a sua vida:

Um grande amor e respeito pelos índios:

Não podemos prosseguir sem que nisso consintam [os índios] – repetia, acrescentando -; não é covardia correr dos índios, trata-se, sim, de respeitar sua decisão de que não devemos ir além do ponto por eles determinado. (VIVEIROS, 2010, p. 303)

Convicção a sua fé religiosa e a prática de boas obras:

Sempre fui um religioso. Desde muito cedo, fiz convergir todas as minhas faculdades para o ideal de servir a Humanidade, servindo à Pátria e à Família, porque se dilatara em mim o pensamento de meu pai: “Instrua meu filho, para que ele melhor possa servir a sua Terra (*idem*, p. 585);

Liderança e exemplo a ser seguido pelos seus comandados:

A 12 de outubro, formaram homens esqueléticos e quase nus. Com 40º de febre, li a ordem do dia [orientações] exortando meus companheiros a avançar com a audácia dos bandeirantes e o amor dos Anchietas, ânimo forte, a exemplo de Colombo, cujas dificuldades haviam sido ainda maiores do que as nossas (*ibidem*, p. 309).

Honestidade e zelo com o bem público:

Decidira a Associação Comercial [Manaus] oferecer à minha esposa um colar de pérolas, bela e riquíssima jóia. Enleado e comovido, disse quando mo entregaram: Não posso, entretanto, aceitar o presente com que quiseram mimosar minha esposa (*ibidem*, p. 310);

Progresso da humanidade e bem estar comum:

Sempre me interessou acima de tudo o homem, neles agindo, assim como meus companheiros, indiferente aos perigos, inflamados todos nós pelo calor cívico do cumprimento do dever e pela esperança luminosa de estar concorrendo para o bem comum. (*ibidem*, p. 303).

Rondon morreu no Rio de Janeiro no dia 19 de janeiro de 1958 com mais de 92 anos e suas últimas palavras foram: “Viva à República”.

Darcy Ribeiro escreveu o seguinte discurso de despedida do amigo e admirador:

Sejam minhas últimas palavras um compromisso e um chamamento diante do corpo de Rondon.

Marechal da Paz – Marechal do Humanismo – Protetor dos índios.

- Aqui estamos os que cremos que a obra da vossa vida é a mais alta expressão da dignidade do povo brasileiro.

- Aqui estamos para dizer-vos que nada nos fará desanimar do propósito de dedicar o melhor de nossas energias para a realização dos vossos princípios.

- Aqui estamos para comprometer-nos a criar, tão prontamente quanto possível, uma Sociedade de Amigos dos Índios que conclame os brasileiros para tomar em suas mãos a vossa obra e prosseguir-la.

- Nenhum de nós, ninguém, pode substituir-vos. Mas, talvez mil, reunidos sob o patrocínio do vosso nome, possamos tornar menos gritante o grande vazio criado com a vossa morte. (RIBEIRO *in* FREITAS, 1974, p. 130)

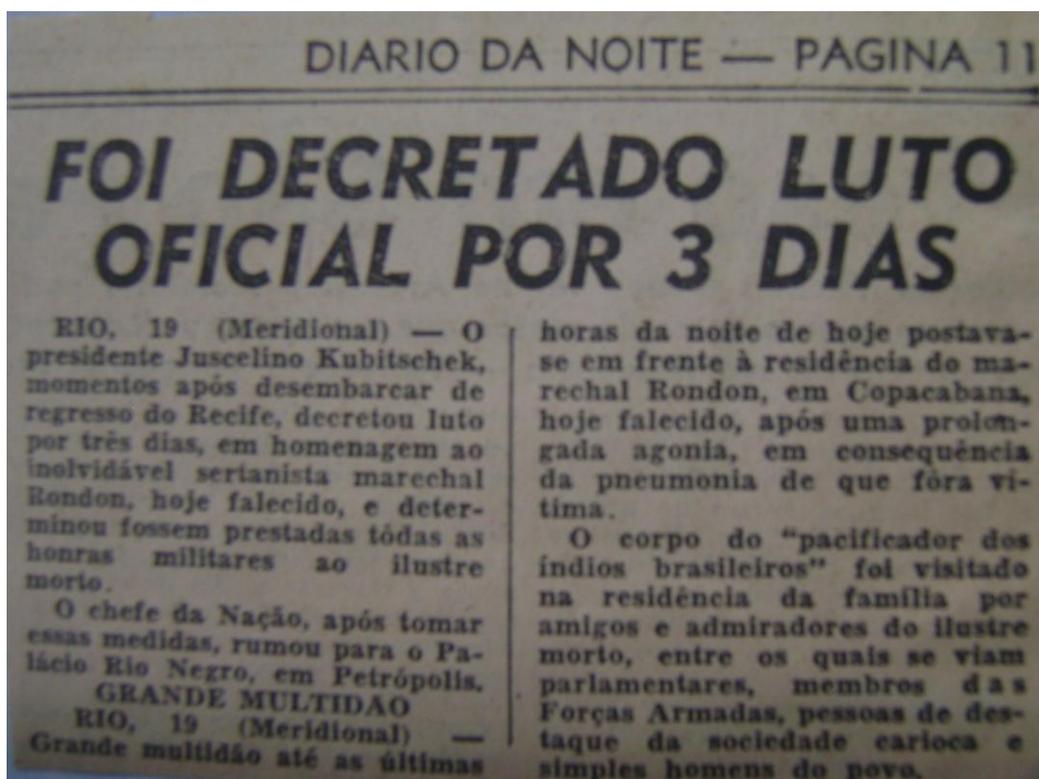


Fig. 61 – Os jornais do país publicavam no dia 20 de janeiro de 1958 o falecimento de Rondon. Fonte: Diário da noite de 19 de janeiro de 1958.

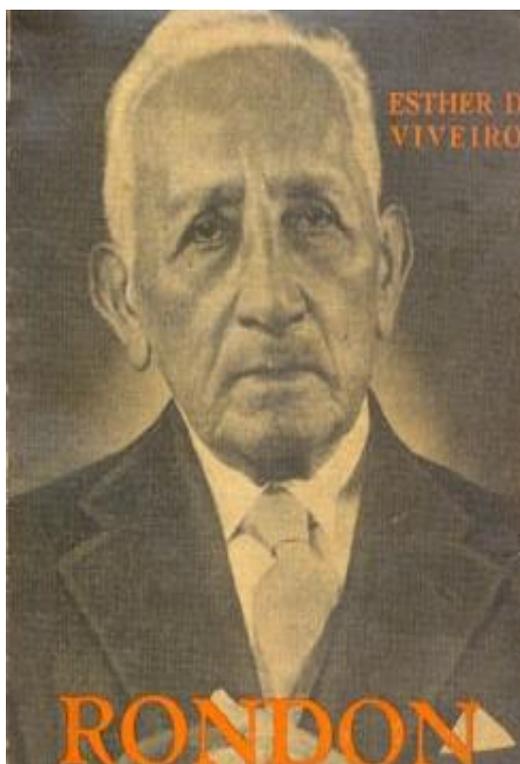


Fig. 62 – Uma das últimas imagens de Rondon. Fonte: Frontispício do livro de Esther de Viveiros, Rondon conta a sua vida.

2.2.1.1 A imagem de Rondon – o mito e o homem

Em várias leituras que foram feitas, sobretudo em relatórios de homens que participaram de missões ao lado de Rondon, os relatos mostraram a imagem de um Rondon mitificado, como um verdadeiro santo. Segundo Nísia Trindade Lima, “Candido Mariano da Silva Rondon é, sem sombra de dúvida, uma das figuras míticas da história do Brasil republicano” (LIMA, 1998, p. 72), Essa imagem, foi criada inicialmente pelos positivistas e por pessoas (oficiais e cientistas) ligadas diretamente à Comissão Rondon. Na matéria intitulada O **Anchieta** de farda (grifo do autor), o autor da matéria, jornalista AóR Ribeiro, descreveu Rondon da seguinte maneira: “O velho desbravador passou a vida fazendo o bem, dele poderemos dizer que foi um Anchieta de farda no seu trabalho de pacificação dos silvícolas brasileiros”. (Revista O Mundo Ilustrado, 1957).



Fig. 63 – Matéria “O Anchieta de farda” do jornalista AóR Ribeiro. Fonte: Revista O Mundo Ilustrado, 1957. (Arquivo Histórico de Cuiabá – MT)

O General Benjamin Costalat, assim se referiu a Rondon: “Soldado da paz a serviço das fronteiras que ajudou a demarcar e do sertão que ajudou a revelar, na mais nobre das conquistas e na mais **santa das vitórias**, é Rondon, glória que reúne os mais altos méritos militares aos mais altos méritos civis” (grifo do autor) e

até mesmo Rui Barbosa não economizou nos elogios: “a tradição viva da verdade militante, e que havia de ser o Homero de nossas glórias” (GUERRA, 1965)

Instituições como Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, pelos seus valores científicos e culturais, deram um importante aval as atividades da Comissão Rondon, colaborando com o fortalecimento da imagem de Rondon como um grande herói nacional.



Fig. 64 - Homenagem no IGHB a Rondon, junho de 1941. Fonte: cpdoc FGV coleção Gustavo Capanema

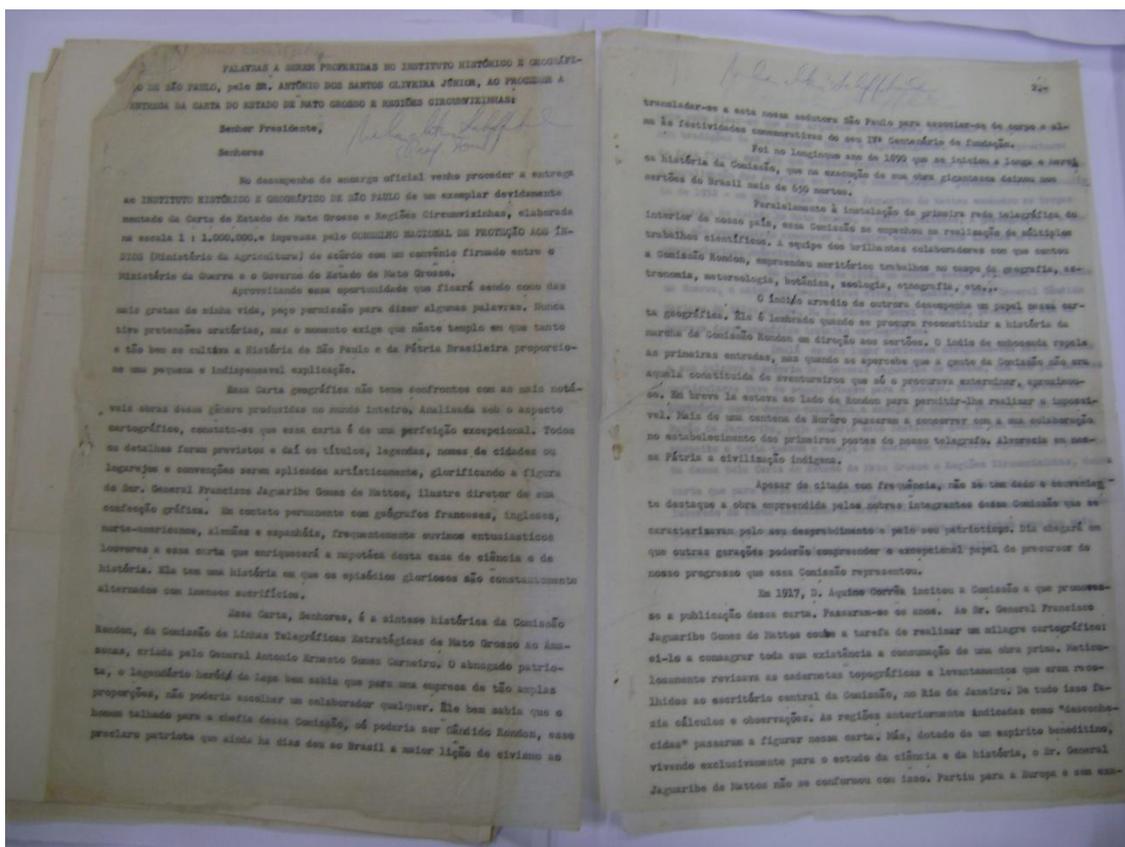


Fig. 65 – Discurso proferido pelo Sr. Antonio dos Santos Oliveira Junior, representante do governo de Mato Grosso ao entregar a carta de Mato Grosso ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, enaltecendo as virtudes de Rondon. (Fonte: Arquivo Histórico de Cuiabá – MT)

Em outras leituras que foram feitas em revistas, jornais e principalmente em livros editados recentemente, apresentam uma imagem mais humanizada de Rondon.

De temperamento forte e irredutível no que acreditava, Rondon teve problemas de relacionamento até mesmo com o ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt, quando o acompanhou na expedição ao centro-oeste do Brasil. Em vários momentos da expedição Rondon e Roosevelt se desentenderam. O diálogo a seguir foi descrito por Millard, no episódio em que o Soldado Júlio assassinou o Sargento Paixão: “Quando o encontrei, ele [Roosevelt] estava quase explodindo” (Rondon). “Julio tem de ser preso e morto” (vociferou Roosevelt). “No Brasil isto é impossível. Quando alguém comete crime é julgado, não assassinado” (gritou Rondon). “Aquele que mata deve morrer. No meu país é assim” (respondeu Roosevelt). Os dois continuaram discutindo. (MILLARD, 2008, p. 288)

Mesmo com as autoridades a quem Rondon era subordinado, ele não se intimidava quando era contrariado. Ele não possuía um bom relacionamento com o Ministro da Guerra General Mallet.

[...] fui aborrecido grandemente por uma carta do Gabinete do Ministro [da Guerra General Mallet] em que fazia injusta apreciação sobre o meu serviço. Formulei imediatamente **enérgica resposta** a carta pouco delicada, escrita pelo Secretário do Ministro o Sr. Coronel Antonio Geraldo de Souza Aguiar. (Coleção Rondon, diário nº 010.311, 16/12/1901). (RONDON *apud* FONSECA e RESENDE, 2010, p. 57). (Grifo do autor).

Em outro episódio, Rondon se mostrou mais irritado ainda com o referido ministro a respeito de um telegrama enviado por ele, referente a compra de material telegráfico.

[...] Fazia nesse mesmo telegrama referências as construções do Paraná, Rio Grande e de Matto Grosso, dizendo que a produção desta Comissão era a menor, sem atender as condições locais em que cada uma opéra. Se não foi para desagradar-me propositalmente, só se pode atribuir a uma **alienação mental** esse ato de insensatez e de requintada **grosseria hierárquica**. (Coleção Rondon, diário nº 010.312, 07/01/1901). (idem). (Grifo do autor).

Vale a pena lembrar que Rondon nessa época (1901) estava começando a sua carreira militar, no posto de capitão.

A intenção, neste texto, é apresentar uma visão contemporânea da imagem de Rondon, que não diminui a sua imagem histórica e sua contribuição para o desenvolvimento do país, principalmente em relação a sua contribuição as Ciências Naturais, tema dessa tese, pelo contrário, mostra um Rondon humanizado, com qualidades e defeitos.

Os opositores

Rondon era implacável com seus opositores e usava todos os meios que dispunha e o seu prestígio quando era contrariado nas suas convicções. Fernando Tacca relatou um episódio em que Peter Fleming, inglês que realizou uma expedição em 1932 na tentativa de encontrar o Coronel Fawcett, recebeu uma carta do embaixador inglês, antes de sua partida para o Brasil, que relata o seguinte:

O General Rondon tem publicado nos jornais as mais severas restrições aos exploradores estrangeiros no Brasil, cujas intenções ele considera sob suspeitas, em especial as relacionadas às tentativas de encontrar o Coronel

Fawcett. O embaixador acredita que o General Rondon não facilitará expedições desse tipo e receia que uma legislação possa ser aprovada para impedi-las. (FLEMING *apud* TACCA, 2001, p.67)

Os índios

Mesmo fiel ao lema: “Morrer se preciso for, matar nunca”, em algumas situações, pareceu que o caráter militar da Comissão aflorou, para que a missão fosse cumprida. Denise Portugal Lasmar relatou o confronto de expedicionários e indígenas e a ocupação do território destes, de forma arbitrária e certamente com consequências desastrosas para os indígenas.

Os Nambikwára, sobretudo estavam cada vez mais pressionados em seus territórios pelo avanço das expedições de seringueiros à procura de campos novos de seringa, quando iniciou a penetração da Comissão. Reagiram adotando a prática da emboscada, onde foram perdidas muitas vidas de expedicionários.

A penetração da Comissão também deixou marcas ao estabelecer a prática das queimadas no território Nambikwára. Os incêndios tinham dupla função: limpar os campos proporcionando a formação de novas pastagens capazes de alimentar o gado nas próximas incursões e acabar com lugares que ocultassem os Nambikwára em emboscadas.

A Comissão avançou todo o tempo, segundo seus relatos de “forma pacífica”, porém, fizeram com que os índios recuassem, abandonando suas roças, aldeias e muitas vezes seu território tribal

Percebe-se, no entanto, ao ter acesso a toda produção escrita e oral da Comissão, um interesse em não divulgar a relação de confronto estabelecida nos primeiros contatos com vários grupos indígenas. (LASMAR, 2008, p. 24)

Nesses primeiros contatos, certamente ocorreram muitas mortes de indígenas, fato este que foi possível constatar pessoalmente através de depoimentos orais de pessoas do estado de Mato Grosso durante as pesquisas na região em janeiro de 2011. Erthal ratificou: “O caráter militar e estratégico fica expurgado da história da Comissão Rondon para que sobressaia a sua função civilizadora” (ERTHAL, 1992, p. 276)

A Igreja Católica

Rondon tinha divergências com a Igreja Católica e o motivo foi a sua adesão ao Positivismo e a Religião da Humanidade.

Rondon e outros positivistas opunham-se aos missionários cristãos, especialmente os católicos, por representarem um estado evolucionário, o teológico, que os positivistas acreditavam estar à beira da extinção. Esse era, de fato, o cerne da crítica positivista ao trabalho missionário cristão. Em artigo no jornal do Comércio, em 22 de junho de 1913, Teixeira Mendes afirma que não tinha o menor sentido forçar os índios abandonar suas crenças “por uma fé em que já não cremos e pelos nossos hábitos em dissolução”. (DIACON, 2006, p. 125)

Uma prova dessa relação conflituosa com a Igreja Católica foi o registro que Rondon preferiu matricular os filhos dos índios, sob sua tutela, nos colégios evangélicos a matriculá-los nos colégios católicos, conforme atesta o certificado abaixo do índio Amílcar Bororó emitido pelo Collegio Baptista Americano Brasileiro.

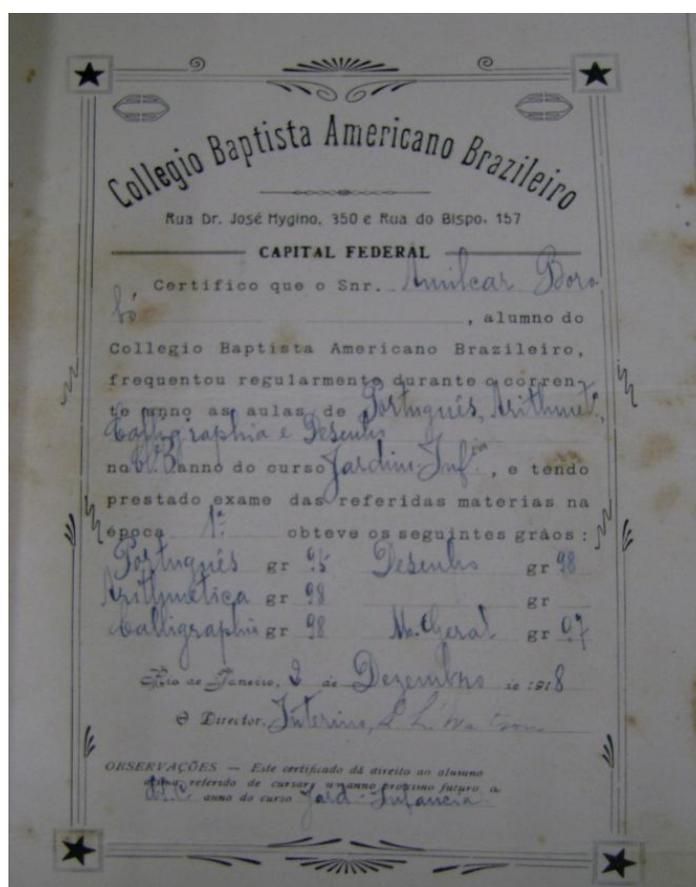


Fig. 66 – Certificado do índio Amílcar Bororó expedido pelo Collegio Baptista Americano Brasileiro. Fonte: Arquivo Histórico de Cuiabá.

Os seringueiros

Outro alvo de conflito foi com os seringueiros. Estes, motivados pela extração do látex, invadiam as terras dos índios e em várias ocasiões entraram em confronto direto com os militares da Comissão.

Em grande medida, ambos os lados do debate histórico não se pronunciam sobre o que possivelmente é a suprema contradição das políticas de Rondon. Ele acreditava firmemente que podia proteger os índios do noroeste brasileiro e ao mesmo tempo desenvolver a região expandindo a sua infra-estrutura, colonizando e apoiando a exploração da borracha. Contudo, as atividades de Rondon e seus homens na construção do telégrafo e das estradas locais, assim como a presença de seu pessoal na área, geraram pressões danosas ao objetivo que a comissão declarava buscar no que dizia respeito aos índios. (DIACON, 2004, pp. 153, 154).

Em pesquisa no Arquivo Histórico de Cuiabá – MT, encontrou-se uma carta de Rondon endereçada ao “Presidente” do estado de Mato Grosso referente às medições e demarcações dos seringais do norte, onde Rondon revelou: “Essa demora não prejudicará os proprietários, cuja maior exigência consistia em abrir as picadas e afincar os marcos no terreno”, Rondon solicitou prorrogação do prazo para conclusão dos trabalhos até 31 de dezembro de 1919, “o que uma vez satisfeito, ficavam afastadas as múltiplas e complicadas questões de confrontações dos seringais pondo fim a lutas, que chegaram, muitas dellas, a desfechos fataes pelas armas”. (Carta de Rondon ao presidente de Mato Grosso, datada de 25 de março de 1918, Fonte: Arquivo Histórico de Cuiabá – MT)

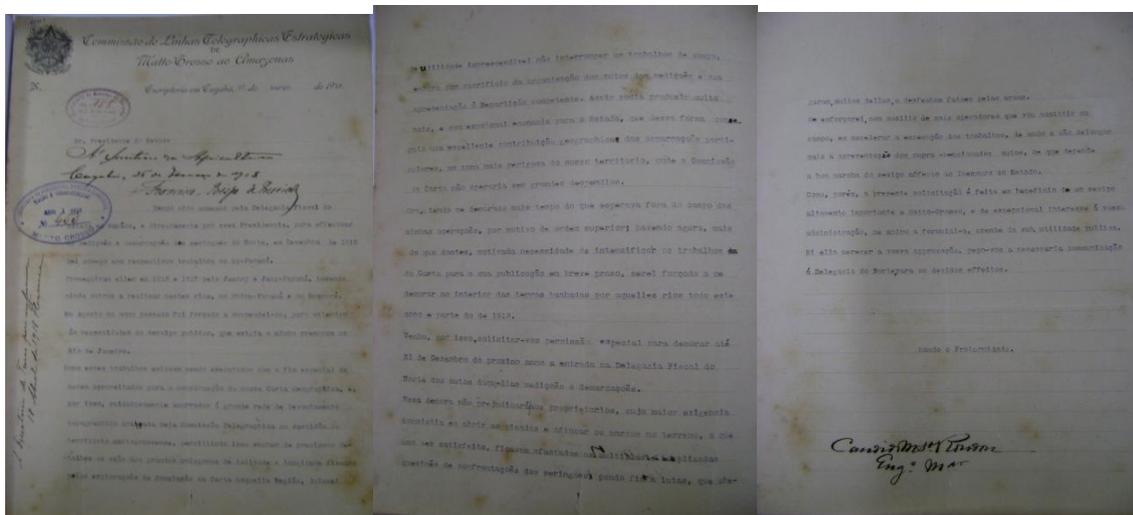


Fig. 67 - Carta de Rondon ao presidente de Mato Grosso, datada de 25 de março de 1918, Fonte: Arquivo Histórico de Cuiabá – MT

Os soldados

Ainda sobre o caráter militar da Comissão, DIACON relatou o medo e o ódio dos soldados no caminho do telégrafo:

O estilo de comando de Rondon e o medo crescente de ataques indígenas agravavam a situação. As resultantes deserções perturbaram a comissão

durante toda a sua existência e forçaram Rondon e seus oficiais a depender boa parte de seu tempo e energia perseguindo e punindo soldados fugidos.

Adjetivos como solidário, afável, compassivo e compreensivo não vem à mente quando analisamos as qualidades de Rondon como comandante. Para sermos justos, tampouco Rondon os teria julgado necessários. Mais apropriados parecem os termos duro, exigente, rigoroso e, talvez, até mesmo cruel e insensível. Rondon certamente afirmou que as exigências da construção do telegrafo no sertão, aliado as qualidades dos soldados sob seu comando, requeriam disciplina férrea. (DIACON, 2004, p.81)

Os soldados eram de todos os membros da comissão os que recebiam o menor soldo, 1\$ (um Réu) mensal. Só para se ter um referencial, um médico da comissão recebia o soldo de 600\$ (seiscentos Réis), conforme artigo VII das instruções para a CLTEMTA de 7 de março de 1907. (anexo 1).

A escassez de alimento era uma rotina nos acampamentos, como relatou Magalhães, e sem dúvida era um sofrimento a mais na dura rotina dos soldados.

Conta-se mesmo a proposito que, de uma feita, quando certo serviço da construção atravessava um goiabal silvestre, elle prohibira terminantemente que o pessoal tirasse fructas, tornandas assim verdes como as uvas da fábula de La Fontaine... Se, de um lado, uma tal concessão perturbava sem dúvida a marcha dos trabalhos, interrompendo-os certamente por alguns momentos, o facto é que naquelle dia os 12 homens, inclusive o chefe (Rondon), só á tarde iriam encontrar recursos de alimentação, enquanto que tinham tido por almoço, todos elles, só e unicamente um papagaio! Muita praga devia ter-lhe cahido sobre a cabeça nessa memorável data! (Magalhães, 1929, p. 42)

O trabalho não podia parar, mesmo com a falta de condições mínimas necessárias para os trabalhadores, que era a alimentação.

Quando a linha telegraphica atravessou propriamente o âmago do sertão, o coração do deserto, onde as difficuldades de transporte attingiam a um grau superlativo, houve períodos de muitos dias em que se manifestou a falta de alimento. Não rejubilem, porem, os engenheiros e generaes “de esquina”, suppondo que taes acontecimentos definissem imprevisões do chefe (Rondon) ... pois bem, quer a situação fosse optima, quer a situação fosse péssima, quanto aos recursos de alimentação, o trabalho era sempre invariavelmente o mesmo; nem se dilatavam os descansos, nem se reduzia o serviço. (Magalhães, 1929, pp. 40, 41)

Castigo corporal

Embora houvesse um esforço no sentido de se evitar, em algumas situações, aplicou-se o castigo físico nos soldados. Rondon e seus oficiais preferiam aplicar outras punições mais brandas, como: punir com trabalho aos domingos ou dando

tarefas mais pesadas aos mais preguiçosos, indolentes ou indisciplinados. Quando a transgressão era mais grave, recorria-se ao castigo corporal.

Certa vez Rondon não estava presente no acampamento, pois estava em outro terreno dirigindo os trabalhos preliminares de reconhecimento e exploração, quando foi surpreendido pela comunicação no que ocorria no acampamento de construção. Soldados embriagaram-se a noite toda e não trabalharam no dia seguinte. Rondon montou em seu cavalo e a galope chegou ao acampamento.

O contingente em peso focou em silêncio como um grupo de condenados que aguarda o castigo infalível; apenas os esforços de alguns não eram suficientes para manter o corpo firme e notavam-se nestes as oscilações próprias do desequilíbrio alcoólico...

- Corneteiro! Toque: "Officiaes , acelerado"!

Momentos após, surgiam da mata os officiaes e indicavam ao chefe os cabeças de motim.

Dentro de alguns minutos formavam-se no solo dois montes: um monte de divisas e outro de varas flexíveis como as hastes do marmelleiro." (Magalhães, 1929, pp.30, 31)

Sobre esse episódio Diacon relatou: "Rondon, furioso, mandou aplicar-lhes uma surra de chibata que durou mais de uma hora, conforme ele próprio admitiu" (DIACON, 2006, p.82). O Capitão Tavares, comandante do 8º Batalhão de Infantaria, que comandava alguns dos soldados que estavam a serviço de Rondon queixou-se dessa conduta e o caso foi parar nas mãos do Ministro da Guerra que encerrou o caso, dezoito meses depois e mandou elogiar Rondon.

O Próprio Rondon, em algumas ocasiões, aplicou castigo corporal nos seus soldados. No diário de Rondon, há anotações de um episódio desse tipo, no qual ele encontrou embriagado o praça encarregado de conduzir os animais de carga da Comissão. Rondon repreendeu o soldado e questionou por que não cumpriu a ordem que lhe fora dada, "o homem respondeu-lhe com grande insolência, o que fez Rondon perder a paciência e espancá-lo com uma vara" (DIACON, 2006, p. 82)

O vício da bebida alcoólica ameaçou a construção da linha e a autoridade de Rondon. Em um episódio, por ocasião da inauguração do ramal telegráfico de Cáceres à cidade de Mato Grosso, houve excesso de consumo de bebida por parte dos soldados, durante as festividades de inauguração em uma venda.

Os soldados se embriagaram de tal forma que não obedeciam mais aos oficiais... fizeram desordem durante toda a noite, bebendo pinga e dançando. Montei a cavalo, fui a galope, entrei de cavalo na venda. Apeei e mandei quebrar os garrafões de cachaça e acabei com a pinga. (Caderneta de Rondon, fevereiro de 1908)

Rondon cancelou a licença que havia prometido aos soldados e ordenou uma marcha forçada ao longo do ramal da linha como castigo.

Em outra ocasião, relatada por Flávio Guerra, os soldados resolveram eliminar os oficiais, inclusive o comandante, por ocasião do pagamento. Descoberto o plano, 20 homens fugiram e foram perseguidos ferozmente sob a ameaça de morte, caso resistissem. Rondon mandou amarrar o responsável pelo motim em frente a sua barraca, junto ao mastro da bandeira nacional, para que ele refletisse sobre o que fizera. Como o soldado começou a chorar, Rondon falou: "Você se emociona agora, mas não deu prova de sensibilidade quando planejou matar seu comandante e todo o contingente". O soldado continuou chorando e permaneceu amarrado durante uma semana. (GUERRA, 1965).

Amarrar os soldados ao relento era uma prática de Rondon. Durante o início dos trabalhos da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso, Rondon deu uma ordem proibindo os soldados de entrarem nas aldeias dos índios. Como um soldado descumpriu a ordem, ao ser trazido pelos índios a presença de Rondon, este mandou amarrá-lo a um tronco, justificando que não havia cadeia. A decisão de Rondon muito alegrou os índios. (VIVEIROS, 1969).

Nessa mesma expedição, outro soldado desrespeitou a ordem de Rondon. "Pensou um soldado poder penetrar ao aldeamento sem ser pressentido. Agarrado, como da primeira vez, fui forçado a agir com maior energia e usar o processo do Conde de Lipe¹⁹". Ao dirigir-se ao soldado perante o contingente e índios formados,

¹⁹ O Regulamento do CONDE DE LIPPE vigorou no Exército brasileiro até 1907 quando o Ministro da Guerra, Marechal HERMES RODRIGUES DA FONSECA, fez uma reforma na sua força militar terrestre.

Como exemplo do rigor dos ARTIGOS DE GUERRA, destaca-se:

"artigo 5º - Todo o Militar que, em uma batalha, acção, ou combate, ou em outra ocasião de Guerra, der um grito de espanto, como dizendo: - O inimigo nos tem cercado - Nós somos cortados - Quem puder escapar-se, escape-se -, ou qualquer palavra semelhante, que possa intimidar as Tropas; no mesmo instante o matará o primeiro Oficial mais próximo, que o ouvir, e se por acaso isto lhe não succeder, será logo preso, e passará pelas armas (pena de morte) por Sentença do Conselho de Guerra."

O referido artigo 5º tornou-se o mais conhecido e temido, pois levava o autor desse delito à morte, seja pela espada do Oficial mais próximo e portanto sem qualquer julgamento, ou seja, após sentença do Conselho de Guerra, este sendo obrigado a decidir também pela morte, pela própria redação dada a esse artigo 5º.

disse: “Esta surra é a que os índios tinham o direito de lhe aplicar. Penso que, para a sua dignidade, é melhor que seja vergastado por ordem de seu próprio comandante”. (RONDON *apud* VIVEIROS, 1969, p. 130).

Magalhães narrou outro episódio em que Rondon ordena o castigo físico:

No tempo em que Rondon ainda ordenava o castigo corporal, ao terminar a sua aplicação para corrigir a insubordinação de um soldado, este se lhe apresentou à entrada da barraca e, fazendo a continência regulamentar, explicou:

- Prompto, Seu Capitão, já apanhei as varadas que V.S. mandou dar e venho pedir V.S. mandar dar outras tantas!

Os desejos do soldado foram solicitamente atendidos e elle não se lembrou de fazer nunca mais pedido idêntico. (Magalhães, 1929, pp. 37, 38)

Em outro episódio foi o próprio autor, Capitão Amilcar Botelho de Magalhães, quem aplicou o castigo corporal no cozinheiro do acampamento e narrou com detalhes o ocorrido.

Certamente eu não estava tão calmo desejaria estar, mas d’ahi a recuar da resolução tomada ia um abysmo intransponível. E o castigo foi começado. A principio o olhar inflammado e ameaçador , ao fim o homem dominado pelo argumento allemão – o direito da força – implorando por tudo que pudesse commover. Mas forte, porém, do que a tendência dos meus sentimentos, era a necessidade reflectida de uma dureza apavorante e aquella scena selvagem durou o tempo que era preciso durar. (Magalhães, 1929, p.37)

Nísia Trindade Lima também comentou esta questão e explicou porque essas informações ficam a margem da obra de Rondon:

Rondon tece vários comentários a respeito da necessidade de utilizar métodos que, de acordo com seus princípios, condenava, mas que se impunham diante da dificuldade de disciplinar os contingentes de soldados arregimentados para trabalhar nas linhas telegráficas. Estes pareciam estar bem distantes do positivismo dos seus chefes. É evidente que esse tipo de dados, enfatizados na obra de Foot-Hardman, ficam obscurecidos pela imagem mitológica dos trabalhos da missão Rondon. (LIMA, 1998, p. 76)

Rondon, no fim de sua vida, escreveu confessando a sua culpa pelos exageros cometidos com os soldados. Nas palavras do próprio Rondon:

Todo o militar de qualquer grau e sem exceção alguma, estava sujeito aos ARTIGOS DE GUERRA, e eles serviam de base ou de leis fundamentais em todos os Conselhos de Guerra, devendo "ser lidos todos os dias ou nos dias de pagamento, em frente das companhias. E nenhum soldado prestaria juramento de fidelidade à bandeira, sem que lhe fossem lidos e explicados claramente”.

Fui levado a tomar as medidas excepcionais pela necessidade iniludível de manter a disciplina e a ordem militar. Lancei mão do único meio capaz de as manter no sertão bruto entre homens que eram afastados de suas funções no Rio, justamente por serem insubordinados. Sempre me repugnou, porém, o processo do Conde de Lippe, porque, com meu grande chefe, eu punha o bem estar do soldado acima do meu próprio: primeiro o soldado, o oficial fica com as sobras. Aquele processo ia, além disso, de encontro aos meus princípios religiosos. Foi em desespero de causa que me vi forçado a dele lançar mão. (GUERRA, 1965)

Ainda que paradoxal, não foi inútil o esforço de Rondon. Seus feitos foram reconhecidos no Brasil e no exterior. Foi o único brasileiro homenageado com o nome de um estado, Rondônia. Também foi homenageado com o nome de três cidades em três regiões diferentes do Brasil: Rondon do Pará, na região Norte; Rondonópolis, em Mato Grosso, na região Centro Oeste; Marechal Rondon no Paraná, região Sul. Além de homenagens em aeroportos, rodovias, estradas, rádios, etc. Em Cuiabá, no jardim da “casa dos governadores”, há um busto de cada ex-governador do estado de Mato Grosso, mais a única estátua de corpo inteiro e em local de destaque é a de Rondon. Foi homenageado com o poema, Pranto geral dos índios de Carlos Drumont de Andrade, com um desenho de seu rosto por Cândido Portinari (anexo 1-A) e uma música de Heitor Villa-Lobos.

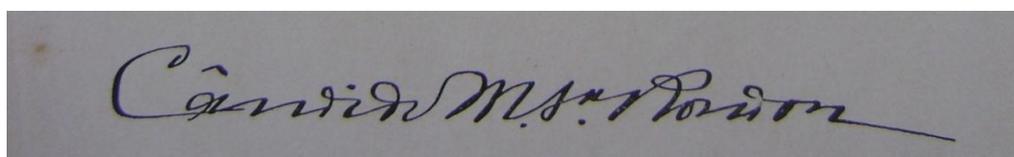


Fig. 68 – Assinatura do Marechal Rondon

2.2.2 FREDERICO CARLOS HOEHNE

Frederico Carlos Hoehne (1882-1959) foi o botânico que mais contribuiu com a Comissão Rondon. Somente no Museu Nacional existem 1096 plantas, registradas em fichas, colhidas por ele na Comissão Rondon, não computando seus outros trabalhos. Hoehne teve reconhecimento internacional, ainda que não possuísse formação acadêmica. Era um autodidata e desde menino tinha sua coleção particular de orquídeas tendo sido iniciado em botânica pelo seu pai, que era dono de um orquidário. Foi nomeado apenas como ajudante de botânica da Comissão Rondon. Hoehne era o jardineiro-chefe do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Ele foi o responsável por todo o trabalho de botânica da primeira expedição, colhendo os

espécimes e tomando todas as precauções para que o material chegasse em perfeitas condições no Museu Nacional. Percorreu cerca de 7.350 quilômetros dos campos e florestas de Mato Grosso para coleta de material. Ele é um dos autores botânicos brasileiros mais produtivos. Por quase 50 anos, produziu 478 títulos bibliográficos, artigos e livros, somando um total de 11.000 páginas. Do herbário da Comissão Rondon foi responsável pela coleta de 10.000 exsiccatas. Hoehne conseguiu identificar aproximadamente 400 novas espécies ao longo de sua vida profissional, além de descobrir novos gêneros e novas espécies. (HOEHNE, 1959)

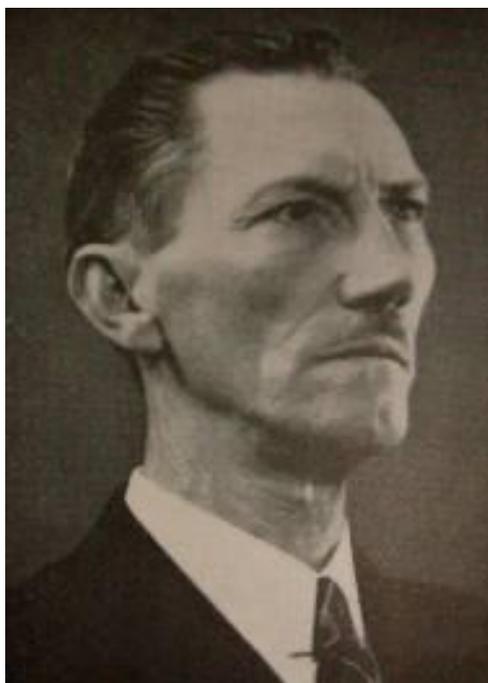


Fig. 69 – Frederico Carlos Hoehne. Fonte: botanicaufpr.blogspot.com



Fig. 70 - Album de Orchidáceas Brasileiras, de autoria de Frederico Carlos Hoehne, editado em 1930. Fonte: http://www.orquidariocuiaba.com.br/wp-content/uploads/2009/08/album_orchidaceas_hoehne.jpg

Hoehne foi um dos primeiros cientistas brasileiros a estudar a flora brasileira nativa e fazia parte do grupo de viajantes naturalistas que percorreram o Brasil entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Também foi escritor e diretor de instituições científicas: Instituto Butantã, Instituto de Botânica de São Paulo, Zoológico de São Paulo e o Museu Botânico Dr. João Barbosa Rodrigues. Hoehne dedicou a sua vida ao estudo da flora brasileira, formou coleções que permanecem no Brasil. (FRANCO e DRUMMOND, 2005)

Não são apenas madeira e lenha as riquezas dignas de atenção das nossas matas. Dos campos não merecem atenção apenas as forragens e plantas medicinais. Milhares de plantas úteis de outro modo vegetam nas selvas e centenas de ervas e arbustos preciosos crescem nos últimos. Da nossa flora indígena poderíamos escrever muitos livros. Ela é riquíssima de espécies e formas, farta de coisas interessantes e bonitas. As madeiras, as plantas officinais, corantes, gomíferas, resinosas, oleíferas, forrageiras, têxteis, taníferas, frutíferas e outras, poderíamos estudá-las separadamente porque nos dariam assuntos para belas monografias. De todas elas temos dito alguma coisa, sem jamais esgotar tudo o que se conhece a seu respeito (HOEHNE, 1930, p. 4).

Hoehne escreveu os seguintes relatórios para a Comissão Rondon:

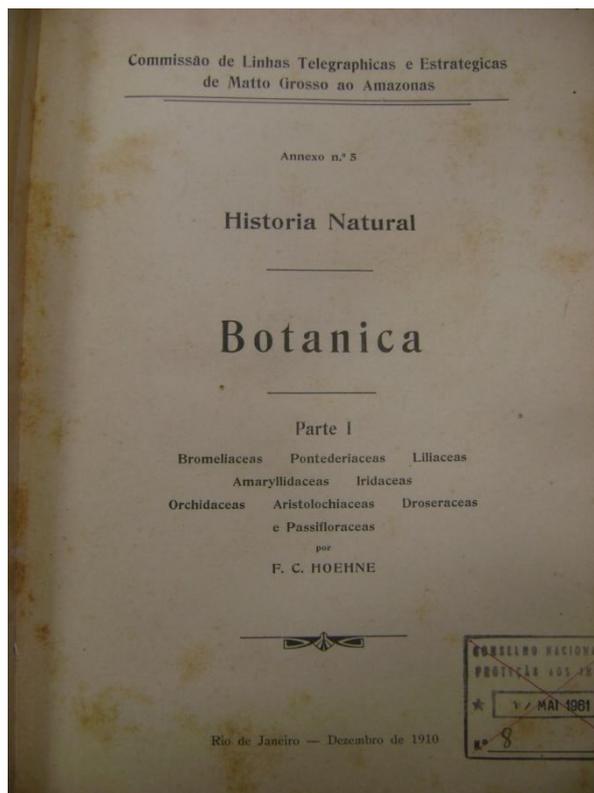


Fig. 71 - HOEHNE, F. C. Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Mato-Grosso ao Amazonas. Anexo nº 5 - Historia Natural Botânica. Rio de Janeiro, 1915. Fonte: Acervo do Museu do Indio. Rio de Janeiro - RJ.

O primeiro relatório, é dividido em duas partes: Introdução e Sistemática.

Nas páginas iniciais da introdução do primeiro relatório, explica como foi o convite que recebeu de Rondon para integrar a Comissão.

Em maio de 1908 me foi apresentado, pelo Sr. Alipio de Miranda Ribeiro, auctorizado pelo Tenente-Coronel Dr. Candido Mariano da Silva Rondon, chefe da Comissão de Linhas Telegraphicas e Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, o convite para acompanhar, como auxiliar, botanico os trabalhos da mesma Comissão, afim de colligir material botanico que, depois, seria distribuido à monographos competentes que se encarregariam dos estudos do mesmo. Accedendo a este convite, fui nomeado à 25 d'aquelle mez, embarcando à 27 de junho no paquete Jupiter, em companhia do Sr Alipio de Miranda Ribeiro, zoologo e Dr. Cicero de Campos, geologo da commissão. (HOEHNE, 1910, p.5)

Hoehne não perdia tempo e enquanto aguardava o transporte para o primeiro posto da Comissão pesquisava a região, “não havendo embarcação que nos transportasse a S. Luiz de Cáceres que, segundo as ordens do Dr. Rondon, era o nosso primeiro centro de operações” (idem, p. 5) e com as suas descobertas aproveitava para trabalhar, “aproveitei os dias da nossa permanencia ahi, fazendo diversas excursões nas circunjacencias da cidade, sendo as collecções muito animadoras” (HOEHNE, 1910, p. 5)

Hoehne descrevia com detalhes os locais por onde passava.

O terreno onde está situada a cidade de Corumbá é elevado, pouco accidentado, calcareo, occupado na maior parte por vegetação baixa,

rachitica, composta de cerrados e alguns cerradões; esta vegetação, segundo Martius, pode se classificar como região de campo, apesar de não existirem os campos despidos de árvores ou arbustos, como encontramos em outras regiões que cabem na mesma classe; segundo a nova classificação de A. Engler. (idem, p. 5)

Em 7 de novembro de 1908, Hoehne chegou ao Rio de Janeiro, depois de ter embarcado em 1º de outubro em Corumbá, no vapor “Brasil”, feito conexão para outra embarcação, “Ladario” em Corrientes e deste para o “Florianópolis” em Montevideo. (*ibidem*, p.13)

No Rio de Janeiro, Hoehne organizou todo o material trazido de Mato Grosso e começou um estudo sistemático, organizando o material em grupo e família para facilitar o estudo dos pesquisadores. Escreveu para vários cientistas brasileiros e de outros países como: Alemanha, França e Bélgica relatando suas pesquisas e encontrou pesquisadores interessados em estudar todas as plantas. (HOEHNE, p. 13)

Terminou a introdução agradecendo as pessoas que o ajudaram.

Aos Srs. Alípio de Miranda Ribeiro, que me auxiliou, encarregando-se da correção da parte das diagnoses, Alberto José de Sampaio, Assistente da Secção de Botânica do Museu Nacional e Cesar Diogo, naturalista viajante do mesmo estabelecimento, que me prestaram serviços relevantes na distribuição dos grupos. (*idem*, p. 14)

No estudo sistemático, Hoehne dividiu seu relatório em 5 partes.

Na primeira ele descreveu os seguintes grupos: *Bromeliaceas* - 10 espécies, sendo uma espécie nova (p. 15 a p. 17); *Pontederiaceas* – 3 espécies (p. 17 a p.18); *Liliaceas* – 2 espécies (p. 18); *Amaryllidaceas* – 3 espécies (p. 18 a p. 19); *Iridaceas* – 3 espécies, sendo uma espécie nova (p. 19 a p.20); *Orchidaceas* – 100 espécies, sendo 13 espécies novas (p. 21 a p. 63); *Aristolochiaceas* – 5 espécies, sendo 3 espécies novas (p. 65 a p. 69), *Droseraceas* – 2 espécies (p. 69) e *Passifloraceas* 7 espécies, sendo 1 espécie nova (p. 70 a p.71).²⁰

Hoehne fez, dentro de cada grupo, uma descrição minuciosa de cada espécie e apresentou 11 estampas ilustrativas, cujo resumo está na página 64 do seu relatório em Português e Latim.

O segundo relatório (parte II), refere-se a *Leguminoseas*. Possui 15 páginas, sem estampas e foram apresentadas as *Legumionoseas* colhidas por ele em sua primeira viagem ao Mato Grosso em 1908 e 1909 e que foram estudadas pelo Professor Hermann August Theodor Harms (1870-1942), botânico e taxôno-

²⁰ Para este estudo não se computou as espécies classificadas como variedade nova no rol de nova espécie.

alemão, professor de Botânica na Academia de Ciências Naturais da Prússia, e também botânico do Jardim Botânico de Berlim e do Museu de Dahlem em Berlim. (HOEHNE, 1912, p. 4).

Nesse relatório, Hoehne apresentou o estudo das seguintes famílias: *Mimoseae* - 6 espécies (p. 5 a p. 6), *Caesalpinioideae* – 19 espécies (p. 6 a p. 9), *Papiliotae* – 38 espécies (p. 9 a p.15).

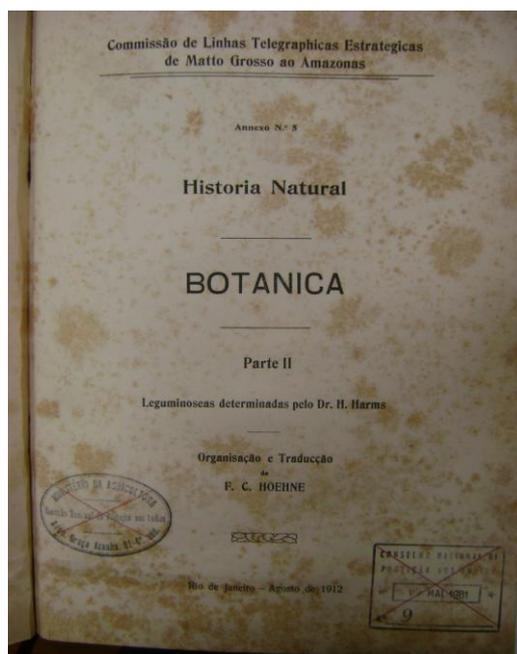


Fig. 72 – Relatório de Botânica – parte II. Fonte: Museu do Índio.

O terceiro relatório refere-se ao grupo das *Melastomataceas* – 17 espécies, sendo 5 espécies novas (p. 3 a p. 11), *Cucurbitaceas* 2 espécies (p. 11) e *Orchidaceas* – 7 espécies (p.11 a p.15). Contém 15 páginas e duas estampas ilustrativas.

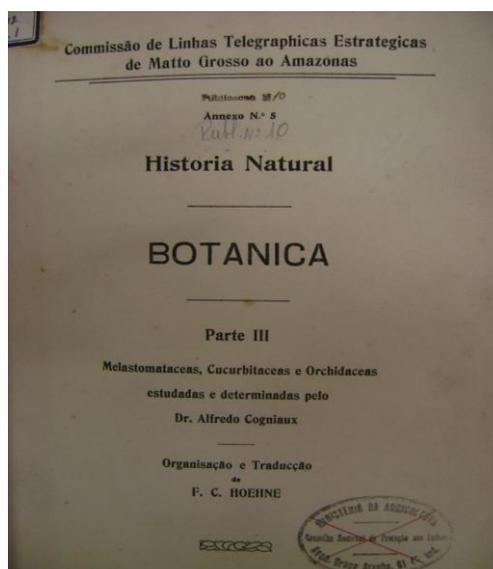


Fig. 73 – Relatório de Botânica – parte III. Fonte: Museu do Índio.

Essas plantas foram estudadas pelo Dr. Alfred Celestin Cogniaux (1841-1916), um renomado botânico belga que publicou em Paris, em 1886, o livro *Flora Brasiliensis*.



Fig. 74 - Cogniaux, Alfredus, *Orchidaceae*. Vol. Vol. III, part IV, V and VI of *Flora Brasiliensis*. Frid. Lipsiae (= Leipzig), Frid. Fleischer, 1893–1906. Fonte: Wikipedia.

Hoehne enviou ao Dr. Cogniaux um exemplar da *Leochillus mattogrossensis* que a estudou e descreveu. (HOEHNE, 1912, p. 15)

No quarto relatório (parte IV) descreveu os seguintes grupos: *Alismataceas* - 6 espécies (p.3 a p. 5), *Butomaceas* – 1 espécie (p.5), *Hydrocharitaceas* 1 espécie (p. 5 a p. 6), *Pontederiaceas* 6 espécies (p. 6 a p. 7), *Orchidaceas* - 54 espécies, sendo 5 espécies novas (p. 7 a p. 31) e *Nymphaeaceas* 2 espécies (p.32 a p. 33). Totalizando trinta e três páginas e quatorze estampas ilustrativas.



Fig. 75 – Frontispício do Relatório de Botânica, parte IV e plancha nº 75, *Cyrtopodium palodicolum* Hoehne.

Entre as espécies desse relatório Hoehne descreveu minuciosamente a *Victoria regia*, Lindley.

Em S. Luiz de Cáceres, tive diversas vezes ocasião de examinar e observar esta bella planta, tendo assim ocasião de apanhal-a em todas as suas phases de desenvolvimento e de vida natural, ali naquelles lagos, que ficam bem fronteiros à cidade de Cacéres, no lado esquerdo do rio Paraguay, vi-a germinar e desenvolver-se, chegando a ter folhas de dois metros de diametro e flôres de um diamento de 33 cm. (HOEHNE, 1912, p.32)

Hoehne, admirou a vitória régia e a narrativa do cientista, transformou-se em uma narrativa quase poética.

O aspecto de um destes grandes lagos ou bahias de *Victoria regia*, quando estas attingem o seu maior desenvolvimento, é realmente attrahente e bello, principalmente quando de entre as grandes folhas , de dimensões exageradas de bordas levantadas em forma de grandes pratos, emergem as grandes niveas flôres que, com justiça, os europeus chamam de *Rosas Lacustres*, não cessarei de repetir as minhas visitas a estas lagôas durante o tempo que lá estive, porque, todas as vezes encontrava novidade e podia observar novas formas e phases. (idem, p. 33)

Hoehne descreveu, ainda, o valor nutricional dessa planta, “A batata desta planta é muito apreciada pelos naturaes, que a comem como os carás em geral, o nome que dão a esta planta é *Forno d’Agua*, devido a forma da folha que se assemelha a um tacho de torrar farinha”. (ibdem, p. 33).

Esta planta foi cultivada no Horto Botânico do Museu Nacional e Hoehne aconselhou a qualquer pessoa cultivá-la

A Victoria régia pode pois, ser recomendada á todo e qualquer amator que disponha de um lago com dimensões bastantes para contel-a, pois a sua cultura é fácil, desde que se dê à mesma dosagem de agua que ella tem em estado natural.”(HOEHNE, 1912, p.33)

Em 1916, Hoehne escreveu um relatório dos trabalhos de botânica e de suas viagens realizadas durante os anos de 1908 e 1909 (anexo 4), apresentado ao então Tenente Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon. O relatório é dividido em duas partes. A primeira parte refere-se a viagem da última metade do ano de 1908 e é datado em 18 de janeiro de 1909 na cidade de Cáceres. Na introdução, Hoehne fez uma nota explicativa do relatório para Rondon:

Junto a esta, tenho a honra de apresentar-vos o relatorio dos meus trabalhos executados no decorrer do anno proximo findo, isto é, de 26 de maio de 1908, data em fui nomeado para o cargo que exerço, até 31 de dezembro do mesmo (HOEHNE, 1916, p.9).

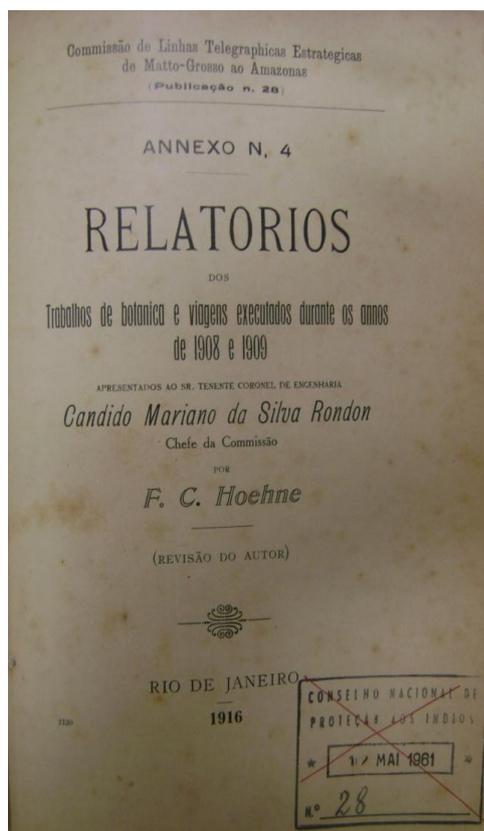


Fig. 76 – Relatório de Botânica. Fonte: Museu do Índio.

Hoehne subdividiu essa parte do relatório em: excursões, aspecto geral da região atravessada e resultados. Na primeira parte, Hoehne repetiu o que escreveu na introdução da parte I do relatório anterior. Sobre o aspecto geral da região atravessada, Hoehne descreveu informações importantes dos lugares onde obteve suas espécies. “uma das cousas interessantes do rio Paraguay, que mais prendeu nossa atenção, enquanto subiamos pelo mesmo, foi a grande quantidade de *camalotes*²¹” (HOEHNE, 1915, p. 17). Acrescentou ainda que estas ilhas eram formadas por diversas plantas aquáticas flutuantes ou de caule flutuantes. (HOEHNE, 1915).

Hoehne ficou impressionado com as palmeiras: “muito interessante são também as lindas formações da *Copernicia cerifera*, Mart., a palmeira que no norte do Brasil chamam de “Carnaúba” e que aqui conhecem por “Carandá” (idem, 1915, p 18). Essas palmeiras ocupam as margens mais firmes do rio Paraguay até Corumbá e também as de uma parte do rio Paraná formando grupos. (HOEHNE, 1915)

Hoehne descreveu a flora do grande pantanal da seguinte forma:

Na região ocupada pelo Grande Pantanal, a flora é exclusivamente paludicola²² e hydrophila. As mattas são muito sujas, contendo muitas especies de *Leguminoseas*, *Maraceas* e são , em geral, ricas de palmeiras armadas, *Desmoncus*, que extendem as suas estipes subscandentes entre os ramos das árvores mais altas. *Bactris* e *Astrocaryas* associadas com *Scleria flagellum*, Sw., infestam os claros e contornam as mesmas, zombando, com os espinhos e folhas rijas de selica, do naturalista que os queira explorar, no que ainda são auxiliados pelo pantano ou tremendal que os circunda, no qual pullulam os Jacarés e as Sucurys.(HOEHNE, 1914, p. 19)

Acrescentou ainda que em Porto Esperidião, onde se localiza o Rio Jaurú, “as mattas muito ricas de madeiras preciosas, plantas medicinaes e ornamentaes” (HOEHNE, 1915, p.20).

Sobre as madeiras preciosas, assim descreveu Hoehne:

Em alguns logares salientam-se sobre as demais plantas as magestosas cópas da bella *Orbignia speciosa*, Mart., o Auassú, que predomina em toda região desta grande matta. Não é raro também a *Iriartea exorrhiza*, Mart., o

²¹ Estas ilhas flutuantes, que o povo do lugar apelidou de camalote, o que talvez seja uma adulteração de *chamalote* do *camelotum* do latim, que é tecido de lã e seda. (HOEHNE, 1915, p. 17)

²² Habitante dos pântanos. Fonte: (<http://www.dicio.com.br/paludicola/>)

“Castiçal” que apoia a sua estipe sobre as grossas e armadas raízes adventícias que se estendem para os lados em toda a roda até 1 m ou 1,50 m sobre o solo, escorando-a á maneira do que fazem as de algumas especies de *Cecropias*. Uma árvore bastante abundante ali é o *Myrospermum erythroxylum*, vulgarmente conhecida por “Balsamo”. O “Jatobá” (*Hymenaea curbaril*, L.) attinge dimensões gigantescas. “Jequitibá” (*Cariniana brasiliensis*, Cas.) encontramos com mais de 20 metros de comprimento com um tronco de mais de 2 m de comprimento. Além destas abundam , o “Pao de Oleo”, “Mulateira” e a “Araputanga” cuja madeira comparavel à do cedro, é muito empregada na construção de embarcações. (HOEHNE, 1915, p. 20)

Algumas plantas medicinais foram descritas por Hoehne: “A Poaya (*Uragoga ipecacuanha*, Baill.) ao lado della encontramos a “Salsaparilha” (*Herreria salsaparilha*, Mart.) e muitas outras plantas medicinaes que ainda não foram exploradas” (HOEHNE, 1915, p. 21)

Ao sul de São Luiz de Cáceres, região que os pesquisadores percorreram em outubro de 1908, Hoehne relatou que:

Os campos são encatadores: quase sempre levemente accidentados, têm os cumes das pequenas serras e parte dos valles cobertos de moitas ou pequenas serras e parte dos valles cobertos de moitas ou capões de mattas em que predominam geralmente o Auacury (*Attalea phalerata* e *Att. Priceps*. Mart.) e todo o resto é quase completamente despedido de arvores, ostentando apenas, cá e lá , um “Timbó” (*Magonia pubescens*, St. Hil.) ou uma “Lixeira” (*Curatellia americana*, L.). Encontramos aslli o “Maquiné” (*Zamia brongniarthii*, Wedd.), diversas especies interessantes de Cytopodias, Galeandras e Amaryllis.(HOEHME, 1915, p. 22)

Hoehne terminou o relatório com muito otimismo e prevendo novas descobertas por aquelas terras, “os campos da Jacobina têm muita cousa interessante e talvez nova, o *Eryngium pristis*, Cham. Et Schlectd. Que vulgarmente conhecem por “Lingua de tucano” foi encontrado ali.” (*idem*, p 23)

A segunda parte do relatório refere-se a viagem de Hoehne em 1909. Na introdução Hoehne explicou que a viagem do Rio de Janeiro a São Luiz de Cáceres levou 42 dias e na volta gastaram 63 dias. Lamentou a perda desse tempo, “a grande dificuldade para a locomoção concorreu muito para que não conseguissemos fazer mais do que fizemos” (*ibdem*, p.32). Apesar do contratempo, Hoehne agradeceu a Rondon pelo sucesso da viagem:

Somos entretanto muito grato ao nosso Chefe [Rondon] por ter sempre facilitado tudo na medida do possivel e, si, realmente, conseguimos realizar alguma cousa que seja digno de louvor, o devemos, exclusivamente á sua

bôa vontade e ao seu interesse pelo serviço de que somos encarregado.
(*ibidem*, p. 32)

Hoehne escreveu sobre as excursões e viagens referente a Tapirapoã, cenário da segunda estação de trabalhos. Seguiu por terra, junto com o zoólogo Alípio Miranda Ribeiro e após cinco dias de viagem chegaram ao destino e foram recebidos pelo Tenente José Pinto da Silva, encarregado do depósito. Logo que chegou Hoehne não perdeu tempo, “uma vez installados, começamos os trabalhos, fazendo, diariamente, collecções de vegetaes pelos arredores do logar”. (*ibidem*, p. 33).

Após reunir uma “bela coleção”, em 6 de abril, Ribeiro e Hoehne separam-se e este seguiu em direção ao Juruena, acompanhado de dois homens e sete animais que carregavam a bagagem, material e viveres. Depois de passar por Aldeia Queimada, Rio Verde, Uaicoacorê e Aldeias, em 19 de abril, após 13 cansativos dias de viagem, chegaram ao Juruena e foram recebidos pelo Tenente Ferreira, comandante do contingente ali instalado, que os instalou em uma casinha isolada, onde puderam trabalhar com tranquilidade. (HOEHNE, 1915, p. 34).

Hoehne fazia todo dia excursões pelos cerrados e matas, vistando todos os arredores em uma distância de duas léguas. Visitaram também as grandes derrubadas feitas pelos índios Nhambiquaras para plantação de mandioca e milho, onde haviam três aldeias perto de Juruena. (*idem*, p. 34).

Em 9 de junho, conforme as ordens de Rondon, deixaram o acampamento do Juruena, dando início a viagem de volta. Hoehne resolveu fazer um caminho diferente da vinda e caminhou em direção a estrada que os conduziria a região das cachoeiras e grandes saltos do Rio Papagaio, por onde iria passar a linha telegráfica, que estava em construção. O Tenente Emanuel Silvestre do Amarante, havia aberto o pique para indicar a direção em que deveria ser construída a linha telegráfica. Hoehne seguiu por esse pique, fazendo a primeira estadia em Utiariti e recebeu uma recompensa, “não nos cansamos de admirar a magnificência e imponência do grande salto do rio Papagaio”, e esta localidade é descrita por ele, assim: “é uma verdadeira maravilha da natureza. A altura deste salto excede a

setenta metros, sendo colossal o volume de água que se precipita com grande estrondo e rumor”²³. (*ibidem*, p.35).

Com olhos atento a tudo e como um bom botânico, não perdeu a ocasião para descrever o que observava:

As margens deste salto são matizadas de *Hymenophyllas* e *Sellaginellaceas* que formam uma espessa e fôfa alcatifa sobre as rochas que servem de parede ao abysmo por onde o rio se precipita. Apesar, de ser a flora, deste ponto, relativamente pobre em especies, encontrámos bastantes novidades para a botanica. (*ibidem*, p.35)

Hoehne seguiu sua viagem em direção o Rio Sacre e recolheu algumas espécies em Salto Bello e novamente, ficou admirado com o que viu, “teve muita intuição artística quem assim apelidou a este salto. Elle é bello e singelo, tem pouco mais de trinta metros de altura”, em adição ele faz uma descrição do salto, “a agua precipita-se tão abruptamente que cae quase na vertical em fórma de um grande lençol, através do qual passam as andorinhas aninhadas nas aberturas da rocha que o mesmo véda”, mas mesmo diante de tanta beleza ele não esqueceu o seu trabalho, “para um naturalista este salto tem mais attrativo que o Utiaity”. (HOEHNE, 1915, p.35)

Do Rio Sacre, Hoehne seguiu para as localidades de Macacos, Barão de Capanema e Ponte de Pedra²⁴, onde encontraram um “lindo Bosque”, cheio de *Orchidaceas*, *Bromeliaceas* e *Araceas*. Continuaram a viagem pelo Rio Água Verde e seguiram em direção a uma trilha de índios Parecis, onde encontraram uma aldeia de índios, que os acolheram, fornecendo hospedagem e aipim. Hoehne relatou esta passagem “pudemos demorar ali alguns dias, conseguindo desta fórma, collecionar bastante material interessante naquellas região”. (*idem*, p. 36)

O comboio seguiu em direção à Tapirapoan e de lá para Diamantino e Barra do Bugres, onde resolveram ficar alguns dias ali e depois seguiram para São Luiz de Cáceres. Todo o material colido foi arrolado e encaixotado para a viagem de volta ao Rio de Janeiro. No dia 4 de setembro partiram de São Luiz de Cáceres e finalmente chegaram em 7 de novembro ao Rio de Janeiro, porém voltaram sem seus dois

²³ Vide figura 95.

²⁴ Esse lugar fica do lado direito do Rio Xacuriu-iná. Depois de um pequeno salto, existe uma ponte natural de pedra, daí o nome. (HOEHNE, 1915, p. 36)

companheiros de embarque, os Drs. Alipio Miranda Ribeiro e Cícero de Campos, “o primeiro destes ainda estava em viagem, fazendo a travessia com o Chefe da Comissão e o segundo fôra victima de molestia em Juruena, vindo a fallecer em S. Luiz de Caceres, onde foi sepultado”. (*ibdem*, p.38)

Hoehne narrou a seguir o aspecto geral da região atravessada. Relatou que os terrenos que margeavam os Rios Paraguai e Sepotuba entre São Luiz de Cáceres e Porto dos Bugres eram quase totalmente cobertos por matas e em grande parte alagadiças. Nas partes mais firmes a mata era mais “frondosa” e nos lugares mais baixos e pantanosos era muito “rachitica”. Mais afastado das margens do rio seguia-se a mata um terreno mais ou menos plano, coberto de cerrados ou campos mais limpos, próprio para criação de gado. Acima de Porto dos Bugres as margens do rio começavam a elevarem-se e a mata ia tornando-se mais alta. Naquela época já existiam os problemas de incêndio, que foram relatados por Hoehne, “nos logares mais afastados do rio a matta está, em alguns pontos, destruida pelos repetidos incendio” (HOEHNE, 1915, p. 39). As matas, que se extendiam ao longo do Rio Sepotuba, eram muito ricas em *Orchidaceas* epiphytas e o terreno da região do Rio Sepotuba, bem como todo aquele compreendido pela mata da Poaya era muito fértil. O arroz, o milho e a mandioca era muito produzido ali. Esta mata da Poaya era a maior da parte sul do estado de Mato-Grosso, extendendo-se desde o Guaporé, através dos Rios Jaurú, Cabaçal e Sepotuba, até a parte dos Parecis e de Tapirapoã. Essa Poaya era a melhor que apareceu no mercado, fazendo com que muitas pessoas da cidade de Mato Grosso tivessem lucro com a plantação.

Hoehne explicou um dos primeiros casos de biopirataria no Brasil, feito pelos ingleses, “desde a muitos annos, os Inglezes têm feito repetidas tentativas para a cultivar na India, como fizeram com as *Heveas*, porém, todas essas tentativas têm fracassado” (HOEHNE, 1915, p. 41), o que não ocorreu com outras espécies, como as mudas das Seringueiras contrabandeadas pelo inglês Henry Wickham na Amazônia e cultivada na Malásia levando ao declínio daquela região e a desativação da ferrovia Madeira-Mamoré, logo após a sua inauguração e que custou a vida de milhares de pessoas.

Hoehne prosseguiu descrevendo o Chapadão dos Parecis, como mais ou menos arenoso e coberto de cerrado. A vegetação, segundo ele, era quase toda

“rachitica” e variava muito de forma. Onde o terreno era mais solto, era ocupado pelos cerrados e os lugares mais despídos de árvores maiores. Em todas as cabeceiras dos rios e nas depressões dos terrenos, há formação de matas, que são muito ricas em *Heveas*.

Em um lugar chamado Barrinha, existia uma grande depressão do terreno, onde se encontravam as primeiras cabeceiras do Rio Juruena e daí por todo o percurso, o terreno era arenoso e solto. Os campos do Chapadão dos Parecis não se prestavam para criação do gado, porque as gramíneas que seriam o local para pastagem, eram, em geral, muito duras e tinham folhas encrustadas de sílica, o caule lenhoso e rijo, machucando a boca dos animais. A água dos rios desta região era cristalina, com o fundo arenoso, praticamente sem plantas aquáticas. Os cerrados do Juruena até a Barrinha eram ricos em árvores frutíferas, principalmente de espécies de *Myrtaceas* e *Apocynaceas*, assim como a “Jaboticaba do campo” ou “Puçá” e a “Mangába”, possuíam frutos saborosos e muito apreciados pelos índios. Abundavam também o “Tucary do campo” uma pequena *Lecythidacea*, cujas castanhas são comestíveis e as favas do “Cumarú” muito comum em todos os cerradões.

Encontraram nas aldeias abandonadas, uma grande quantidade de cascas desta *Leguminosea* misturadas com fragmentos de “Assahy” e “Burity”, o que levou Hoehne a concluir: “os índios daquela região, sejam mais frutívoros que carnívoros, e, si assim é, não podem queixar-se da Natureza, pois que as mattas e os cerrados são verdadeiros pomares, que, quase em todas as épocas do anno, têm as suas fructas”. (HOEHNE, 1915, p. 45)

Ao chegar ao Rio de Janeiro, a primeira preocupação de Hoehne foi de rever o material coletado em Mato-Grosso, “uma parte do material, havia apanhado muita humidade durante a viagem, devido a uma avaria que soffrera o caixão que continha e que produzira uma ruptura na folha de Flandres que o revestia deixando penetrar alguma agua” (*idem*, p. 47).

O trabalho de pesquisa não se perdeu graças a dedicação e cuidados de Hoehne. A coleção reunida na viagem, listou mais de 650 espécies de plantas, que foram representadas por um total de 1757 espécimes relacionadas. As amostras foram preparadas por dessecção e algumas em álcool. Raras foram as espécies representadas por um só exemplar, algumas possuem 8 e outras até 10 exemplares. Detalhista, Hoehne explicou que:

Isto acontece sempre que uma mesma especie tenha grande dispersão e, neste caso há toda a conveniencia em que seja colhida em todos os logares que apparecer, pois isto, não só trará luz sobre a distribuição geographica da mesma, mas também, sobre a sua variabilidade no meio em que é encontrada. (*ibdem*, p. 25)

Todo esse material foi guardado, tendo sido armazenado em dez caixas no Herbário do Museu Nacional.

Hoehne descreveu que enviou ao Dr. Cogniaux um exemplar da *Leochillus mattogrossensis*:

Esta interessante especie trouxe-a viva das mattas do rio Sepotuba na minha primeira viagem ao estado de Matto Grosso, cultivei-a aqui no Rio de Janeiro e em janeiro de 1910 floresceu ella a primeira vez, florecendo ainda outra vez em março do mesmo anno, nesta occasião mandei então um exemplar ao Dr. A. Cogniaux que o descreve. (HOEHNE, 1912, p.15)

Enquanto Beni estava viajando para Mato Grosso, aconteceu um fato desagradabilíssimo, pois perderam o único exemplar da *Leochillus mattogrossensis* da sua coleção, o que o fez lamentar profundamente, “Em 1911, estando eu novamente fazendo colleções em Matto Grosso, perdeu-se, por infelicidade esta planta da minha coleção, ficando eu desta forma, sem uma testemunha desta espécie”. (*idem*, p.15)

Infelizmente, o desaparecimento de material no Museu Nacional era comum. Alípio Miranda Ribeiro também relatou esse fato:

A maior parte do material angariado nos contractos e, como já se vio, mesmo algum colligido, não tem hoje existencia no Museu. Uma parte do que se perdeu, corre, sem duvida por conta da falta de mostruario e material para guardal-os convenientemente – sendo que, em certos momentos veio ainda a falta de pessoal para execução desse serviço. Tal facto tem ocorrido quando para aqui tem sido mandado preparadores e praticantes que se destinam aos cursos das faculdades superiores e sem outro interesse que a mensalidade e os quaes, por melhor vontade que tivessem, nem sempre conseguiram vencer a natural inaptidão para os seus cargos. (RIBEIRO, 1916, p. 43)

Hoehne publicou vários livros e relatórios, entre eles o Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon, publicado em 1951, pelo Instituto de Botânica de São Paulo. Esse índice, abrange todos os materiais estudados e publicados entre 1908 e 1923 por Frederico Carlos Hoehne, João Geraldo Kuhlmann e outros botânicos da Comissão Rondon.

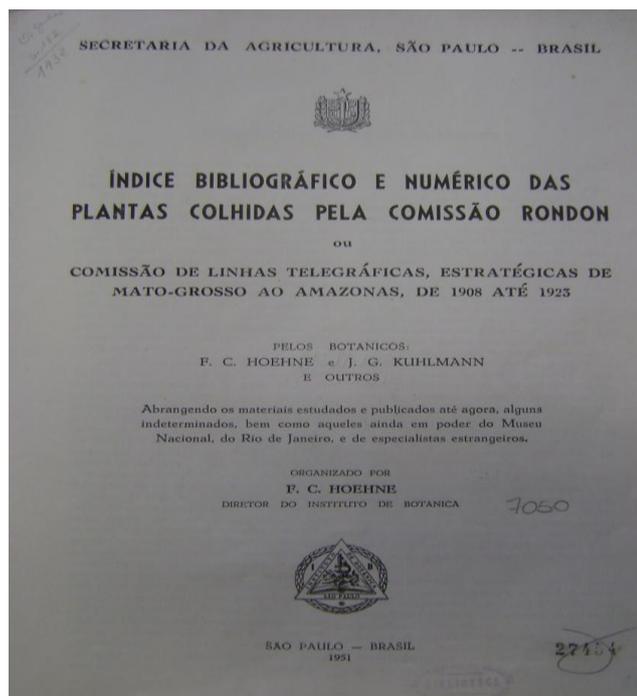


Fig. 77 – Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon.
Fonte: Secretaria da Agricultura de São Paulo.

Outras publicações de Carlos Hoehne:

Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas. Anexo nº 5 - História Natural Botânica - Parte V. 1915; Relatórios dos trabalhos de botânica e viagens executadas durante os anos de 1908 e 1909. 1916; Monographia das Asclepiadaceas Brasileiras : Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas (Publicação n. 38). 1916; Vegetaes anthelminticos ou enumeração dos vegetaes empregados na medicina popular como vermífugos. 1920; Memórias do Instituto de Butantan Vol 1 - Fasc. 5. 1922; A Flora do Brasil .1922; Campos do Jordão. 1924; Album da Secção de Botânica do Museu Paulista e Suas Dependencias. 1925; Monographia das Aristolochiaceas Brasileiras. 1927; Boletim de Agricultura. 1929; Álbum das Orchidaceas Brasileiras e o Orchidário do Estado de São Paulo. 1930; As Plantas ornamentaes da Flora Brasileira. Vol I. 1930; Araucarilandia. Observações Geraes e Contribuições ao Estudo da Flora e Phytophysionomia do Brasil. 1930; O Jequitibá Rei. 1930; As Plantas Ornamentaes da Flora Brasileira. 1936; Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI. 1937; Painas, Cortiças e Similares Vegetaes da Flora Brasileira. 1938; Plantas e Substâncias Tóxicas e Medicinais. 1939; O litoral do Brasil Meridional. Vol 4. Excursão de Santos até Laguna. 1940; O Jardim Botânico de São Paulo. 1941;

Flora Brasilica - 1940 e 1955; Relatório Annual do Instituto de Botânica. 1941; Arbonização urbana. 1944; Frutas Indigenas. 1946; Plantas aquáticas. 1948; Iconografia de Orchidaceas do Brasil. 1949; Iconografia das Gesneriáceas do Brasil. 1970.

2.2.2.1 Participação de Hoehne na Comissão Rondon.

O botânico Frederico Carlos Hoehne foi nomeado, em fevereiro de 1913, para o cargo de Chefe do Gabinete de Botânica da Inspetoria de Pesca do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Estava no exercício desta função quando foi convidado para acompanhar, como botânico, a Expedição Científica Roosevelt-Rondon. O convite partiu do próprio Rondon, através do Tenente Jaguaribe de Mattos. (HOEHNE, 1914, p. 5)

Hoehne era um velho veterano em expedições ao estado do Mato Grosso. De Junho de 1908 à Novembro de 1909, serviu como botânico da Comissão de Linhas Telegráficas em Mato Grosso e de Dezembro de 1910 à Abril de 1912 foi convocado novamente para aquela Comissão. Nessas viagens conseguiu reunir uma coleção de 1500 espécies de plantas, porém, a mesma se compunha apenas de plantas superiores, principalmente *phanerogamas*. Mas para a coleção ficar completa faltavam as plantas inferiores, as microscópicas aquáticas, as espécies que mais se ocupavam no seu gabinete, e este foi o motivo principal que levou Hoehne a aceitar o convite para participar da Comissão.

Outro veterano da Comissão, Alípio Miranda Ribeiro, não pode aceitar o convocação de Rondon para integrar a Expedição como zoólogo e para não prejudicar os serviços de Biologia nesta área, foram convidados os taxidermistas Arnaldo Blake de Santana e Henrique Reinisch. Hoehne ficaria encarregado da colheita do material zoológico que posteriormente seria entregue ao Dr Miranda Ribeiro. Hoehne sentiu-se sobrecarregado diante de tantas atribuições, porém não se rendeu:

Embora nos sentíssemos sobrecarregados e mesmo sem proficiência para esta incumbência, a aceitamos, atendendo às circunstancias do momento e em atenção aos nossos mui estimados chefes, Coronel Rondon e Sr. Miranda Ribeiro, principaes interessados n'este serviço. (HOEHNE, 1914, p. 6)

Em 25 de Novembro estava tudo organizado e partiram a bordo do navio “Amazonas” da Mala Real Ingleza até Montevideo e lá embarcaram no “Vênus” do Loyd Brasileiro até Augustura, no Paraguai e lá seguiram viagem no “Brasil fluvial” que os levou até Corumbá no estado do Mato Grosso, chegando ao destino pretendido em 14 de dezembro. Demoraram alguns dias em Corumbá, juntaram-se com outros membros da Expedição e partiram para São Luiz de Cáceres, atingindo a localidade no dia 31 de dezembro.

Em 5 de janeiro, Rondon, Roosevelt e os demais membros da Expedição chegam a Cáceres. A Expedição seguiu destino e depois de passar por várias cidades chegaram a Cuiabá em 20 de fevereiro. (HOEHNE, 1914, p.6)

Hoehne se limitou a apresentar no seu relatório, o material macroscópico que conseguiu identificar ou fazer a mais próxima identificação com o auxílio das obras da biblioteca da Inspetoria de Pesca. Infelizmente, devido à falta de literatura para classificação do material microscópico, não foi possível apresentar todos os resultados obtidos na viagem, ficando para ser publicado posteriormente tão logo tivesse condições de classificá-los.

Na distribuição sistemática das espécies colhidas foi usado o sistema de Engler e Prantl, que era universalmente aceito na época. A classificação das diversas espécies enumeradas foi feita pelas descrições expostas na *Flora Brasiliensis de Martius* e outras obras.

2.2.3 EDGAR ROQUETTE-PINTO

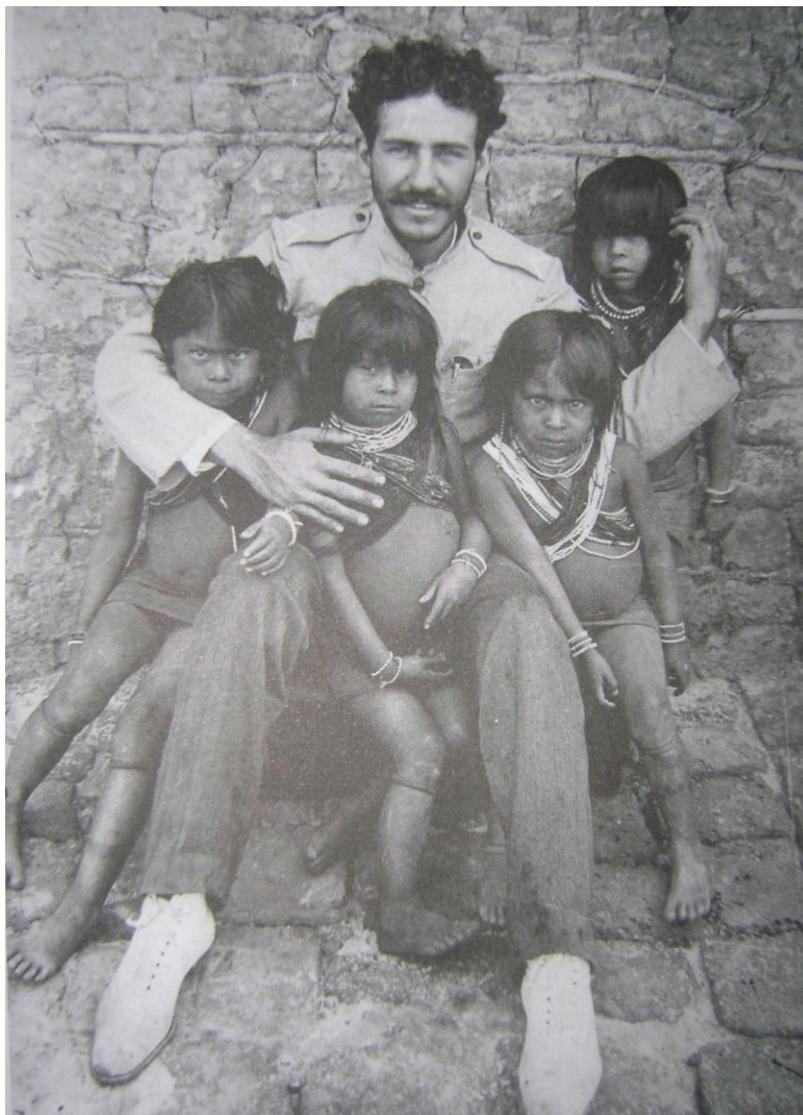


Fig. 78 – Edgard Roquette Pinto (1884-1954). Imagem possivelmente tirada na época em que teve contato com os índios nambiquaras ou dos índios da Serra do Norte.

Fonte: Acervo Roquette Pinto, Centro de memória da Academia Brasileira de Letras.

Edgar Roquette-Pinto (1884 —1954) foi um médico legista, professor, escritor, antropólogo e etnólogo. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e é considerado o Pai da radiodifusão no Brasil.

Estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e colou grau em 1905. Logo depois de formado, iniciou várias estudos sobre os sambaquis²⁵ das costas do Rio Grande do Sul. Sobre esse trabalho, Roquette Pinto afirmou com um grande senso crítico: “É cedo para tentar um trabalho de síntese, capaz de abranger os

²⁵ Sambaquis é o nome que foi dado à sítios pré-históricos formados pela acumulação de conchas e moluscos, ossos humanos e de animais, que foram descobertos em várias regiões do Brasil, mas principalmente no Rio Grande do Sul.

Fonte: <http://raizesnativas.blogspot.com.br/2009/05/o-povo-dos-sambaquis.html>.

documentos dessa espécie que aqui tem sido encontrados. Convém esperar pacientemente verificações seguras; é preciso saber resistir ao desejo de conjecturar”. Roquette Pinto em suas palavras deixou claro que a sua pesquisa sobre os sambaquis do Rio Grande do Sul, ficou abaixo do que ele esperava. (REVISTA DO MUSEU PAULISTA, 1956/1958)

Em 1905, iniciou sua carreira científica no Museu Nacional, ao ser nomeado assistente da Seção de Antropologia e Etnografia através de concurso. Permaneceu no Museu Nacional até 1936, quando foi encarregado pelo governo de organizar e dirigir o Instituto Nacional de Cinema Educativo. No magistério foi professor assistente de Antropologia no Museu Nacional, em 1906; professor de história natural na Escola Normal do Distrito Federal, em 1916 e professor de fisiologia na Universidade Nacional do Paraguai, em 1920.

Em 1912 Roquette-Pinto fez parte da Comissão Rondon e passou várias semanas em contato com os índios nambiquaras que até então não tinham contato com a civilização. Sobre essa experiência, Roquette Pinto escreveu que “realizou um sonho de estudioso” que começou alguns anos antes:

Quando recebi, no Museu Nacional, o primeiro material procedente dos índios da Serra do Norte, fiquei surpreso. Tudo aquilo, atestando cultura elementar, apresentava numerosos detalhes originais. As primeiras informações indicavam índios de costumes e usos diferentes de quantos haviam sido descritos naquelas paragens. Era gente estranha, envoltas em lendas misteriosas. Trabalhei alguns meses, em 1910, junto a Candido Rondon; a poesia daquelas terras remotas infiltrou-se-me no pensamento. Ouvir o mestre, era escutar a voz chamadora do sertão; sentir o rumorejo das florestas distantes. (ROQUETTE PINTO, 1975, p. 37)

Na volta da expedição, trouxe vasto material etnográfico que originou, em 1917 o livro *Rondônia*²⁶ - *Antropologia etnográfica*, considerado um clássico da antropologia brasileira.

Ao publicar Rondonia, em 1917, o antropólogo afirmou sua intenção de “documentar e divulgar”, “arquivar e servir”, pois, se tinha encontrado um guia experimentado, muitos não o teriam, e poderiam, portanto, se utilizado de sua narrativa, cujo eixo, “não é somente aquele da passagem do tempo, mas também a do espaço. Roquette Pinto explicitava aqui um aspecto que se firmaria como uma das marcas decisivas de suas atividades ao longo dos anos. Além da sua convicção da viagem como um elemento renovador,

²⁶ Roquette Pinto propôs esse nome para designar a zona compreendida entre os Rios Juruena e Madeira cortada pela “Estrada Rondon”. Os elementos geológicos, geográficos, botânicos, zoológicos, antropológicos e etnográficos que tal região tem fornecido, originais e numerosos, justificam a criação dessa província antropogeográfica. (ROQUETTE PINTO, 1975, p. 3)

desejava transformar cada brasileiro em um viajante. Destino? Rumo ao Brasil. (DUARTE, 2008, p. 272)

Em sua obra *Rondônia*, Roquette Pinto, escreveu sobre os novos caminhos abertos à ciência por Rondon:

Abriu à Ciência um campo enorme de verificações e descobertas; à indústria, todas as riquezas de florestas seculares. Soube coroar sua atividade estendendo o fio telegráfico, que os Parecí chamam *língua de Mariano*, em homenagem ao seu grande amigo, entre pontos extremos da sua pátria que ligou por uma gigantesca estrada de rodagem. E mostrou à Humanidade irmãos primitivos, que mais uma vez lhe recordam a modéstia da sua origem. (ROQUETTE PINTO, 1975, pp. 2 ,3)

Em 1927, escreveu o livro *Seixos Rolados* (Estudos brasileiros). Neste livro Roquette Pinto reuniu várias das suas conferências e diferentes estudos. O livro possui um conteúdo original e é de fácil compreensão, relatou vários estudos brasileiros, citou vários naturalistas, e abordou segredos das *Uíaras*, que é o mesmo que *Iara*, como são chamadas as sereias, as “senhoras” na linguagem indígena (Tupi). Nesta obra Roquette Pinto demonstrou seu amor pelo Brasil. (REVISTA DO MUSEU PAULISTA, 1956/1958)

Foi diretor do Museu Nacional de 1926 a 1936, e nesta função, algumas de suas ações merecem destaque: remodelou uma grande parte do edifício, melhorou a apresentação das coleções etnográficas, criou uma nova seção dedicada a assistência ao ensino e a publicação da Revista Nacional de Educação (1932 – 1934) e organizou a maior coleção de filmes científicos no Brasil. (REVISTA DO MUSEU PAULISTA, 1956/1958)

Roquette-Pinto foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Ciências, da Sociedade de Geografia, da Academia Nacional de Medicina, da Associação Brasileira de Antropologia e de várias outras associações culturais, nacionais e estrangeiras.

Roquette Pinto teve seu nome ligado a radiodifusão no Brasil. Depois da primeira transmissão ocorrida no Brasil, em 1922, Roquette Pinto tentou persuadir o Governo Federal a comprar os equipamentos de radiodifusão para ser usado como veículo educativo e dizia: "Eis uma máquina importante para educar nosso povo" (*Edgar Roquette Pinto*, pag. 1290 - Grande Enciclopédia Universal - edição de 1980).

Foi criada em 1922 a primeira rádio do país, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e o estabelecimento foi dirigido por Roquette-Pinto. Atualmente é a Rádio MEC (Ministério da Educação e Cultura).

Roquette Pinto pertenceu a uma geração que mudou o Brasil e revelou o “Brasil brasileiro”. Para tanto, deixou registrada as suas idéias:

Penso que o país deve um grande serviço a minha geração: foi a que principiou a descrever das “fabulosas riquezas” do Brasil, para começar a crer nas “decisivas possibilidades do trabalho”. Havíamos recebido a noção de que um moço bem nascido e criado não devia trabalhar... Ouvimos ainda o eco dos “eitos”. Ouvíamos também que nosso céu tem mais estrelas que os outros...Minha geração começou a contar as estrelas...E foi ver se era verdade que os nossos bosques havia mais vida ...E começou a falar claro aos concidadões. Com a minha geração, o Brasil começou a deixar apenas de ser tema de lirismo. (ROQUETTE PINTO *apud* SILVEIRA , 1939, p. 45)

Roquette Pinto deixou muitas obras publicadas visando perpetuar as suas pesquisas e idéias.

Obras de Roquette Pinto

- O exercício da medicina entre os indígenas da América (1906)
- Excursão à região das Lagoas do Rio Grande do Sul (1912)
- Guia de antropologia (1915)
- Rondônia (1916)
- Elementos de mineralogia (1918)
- Conceito atual da vida (1920)
- Seixos rolados (1927)
- Glória sem rumor (1928)
- Ensaio de antropologia brasileira (1933)
- Samambaia, contos (1934)
- Ensaio brasileiro (1941)
- além de grande número de trabalhos científicos, artigos e conferências, publicados de 1908 a 1926, em diferentes revistas e jornais.

2.2.4 ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO



Fig. 79 – Alípio Miranda Ribeiro. Fonte. Museu Nacional.

Alípio de Miranda Ribeiro (1874 - 1939) foi um naturalista brasileiro, nascido na cidade de Rio Preto, em Minas Gerais. Muito jovem, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, todavia não concluiu o curso. Em 1894 ingressou no Museu Nacional, e neste local exerceu a função de preparador interino da 1ª Secção. Três anos depois, foi nomeado naturalista-auxiliar. Em 1899 foi designado secretário e trinta anos depois foi nomeado professor e chefe da Divisão de Zoologia do Museu Nacional, exerceu a função até 1939, quando faleceu.

Participou da Comissão Rondon e acompanhou a sua primeira expedição. Sobre a Comissão Rondon, fez o seguinte comentário em uma conferência no Museu Nacional:

Não é fóra de proposito lembrar aqui, o módo criterioso e sábio da Comissão Rondon, documentando as suas asseverações. Cada um de vós que me ouvis, poderá examinar , péça por péça, os elementos que figuram n'esse monumento.(RIBEIRO, 1920, p. 7).

Nessa oportunidade, Ribeiro realizou observações e coleta de material, desde o Rio de Janeiro até Corumbá. Ribeiro sabia da importância do trabalho científico que estavam realizando: “Cada um dos nossos tetranetos poderá commentar, com

os objectos colligidos hoje pela Comissão, as palavras guardadas pela escripta dos relatorios publicados” (RIBEIRO, 1920, p. 7).

2.4.1 Participação na Comissão Rondon

Ribeiro participou da Expedição Científica Roosevelt-Rondon, com Theodore Roosevelt, ex-Presidente dos Estados Unidos e o Coronel Rondon.

Os materiais zoológicos coligidos pela expedição foram confiados ao zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro, que participou em outras ocasiões como zoólogo da Comissão Rondon. Parte do material foi classificado em conjunto com outros exemplares colecionados pela Comissão Rondon entre 1907 e 1918. Outra parte do material foi encaminhado a especialistas na Europa que, segundo Ribeiro: “permitted mais rápida conclusão da grande tarefa científica que, não obstante a sua actividade, seria de outra forma dilatada por largo tempo, tendo em vista a abundancia de exemplares já accumulada” (RIBEIRO, 1914, p. 4).

As coleções brasileiras da expedição são constituídas de dois grupos de materiais. Um procedente do Vale do Paraguai, em Mato Grosso até as cabeceiras do Rio Roosevelt e alguns exemplares dos Rios Comemoração de Floriano e Gy-Paraná ou Machado, outro procedente do Rio Aripuanã, afluente do Rio Madeira.

O primeiro grupo foi originado dos trabalhos do botânico Frederico Carlos Hoehne e dos taxidermistas Arnaldo Blake de Sant’anna e H. Reinisch. O segundo grupo resultou dos trabalhos do 1º Tenente Antonio Pyrineus de Souza e do taxidermista Emil Stolle.

Apesar da rapidez com a expedição se desenvolveu, como já mencionado anteriormente, este fato prejudicou o trabalho de coleta de material, todavia foram satisfatórios os resultados obtidos, tendo em vista a natureza da região percorrida, que era de difícil acesso e por isso todo o material é bem vindo para a ciência natural.

No relatório apresentado, Ribeiro não pretendeu enumerar detalhadamente, espécie por espécie, apenas satisfazer os deveres da publicidade, ou seja, dar algumas informações resumidas, ficando para relatar os detalhes para quando fosse concluído o estudo de cada uma dessas espécies. Ribeiro agradeceu pela contribuição de Rondon as ciências no Brasil:

Tão raras são as oportunidades de brasileiros poderem estudar a natureza de sua terra e colligirem material para estabelecimentos do Brasil que só ha

que abençoar a entrega da Comissão de Linhas Telegraphicas e da Expedição Roosevelt ao Snr. Coronel Rondon, graças á quem o Museu Nacional tem adquirido quase tanto material pátrio quanto o adquirio em um século de sua existência anterior. (RIBEIRO, 1914, p. 7)

A coleção procedente do Vale do Paraguai ficou assim constituída: 16 mamíferos, dentre os quais um crânio de feto de *Tapirus terrestris*, um crânio de *Mazama rufa*, de chifre duplo. Há também boas peles, dentre as quais a de um indivíduo adulto do Cuxiú de nariz branco – *Chiropotes albinasa*.

Foram identificadas 137 aves, dentre as quais um exemplar de *Ampellis purpurea*, uma cotinga da fauna setentrional brasileira; diversos conurídeos raros (periquitos), um *Pionus* (Maitaca); dois exemplares de Arara azul (*Ara hyacinthina*); diversas espécies de *Buconídeos* e *Galbulídeos* raros; uma série de *Formicariídeos*; cem exemplares de peixes pertencentes aos grupos dos *Scleracanthas*, *Characínídeos* e *Cichlídeos*.

Haviam ainda 59 tubos com diversos insetos e outros animais.

A coleção procedente do rio Aripuanã possuía: 43 mamíferos, dentro os quais diversos exemplares de uma espécie de *Callicebus* supostamente nova; duas *Dasyproctus* (cotia) raras, representadas em diversas peles; duas peles de um Veado que no fascículo referente aos mamíferos da Expedição Rondon, foi denominado por Ribeiro de *Cervus Rondoni*.

Catalogaram 120 aves, muitas raras, sobressaindo alguns *Trogons* (Surucuás) muitos *Anabatídeos* e *dendrocolaptídeos*.

Identificaram 17 répteis, um dos quais, provavelmente do gênero *Lachesis*, bastante raro.

Relacionaram 70 peixes, na sua maioria do grupo dos *Characínídeos* e constituído de espécies que o Museu ainda não possuía.

Coletaram 5 *Arthropodes*.

Ribeiro considerou a Comissão Rondon como uma das quatro maiores expedições científicas brasileiras dos últimos cem anos:

Quantas Comissões brasileiras anteriores à Rondon e mesmo tratando de história natural, procederam desse modo, em cem annos que a União possui um Museu para esse estudo? Que eu saiba, tres (RIBEIRO, 1920, p. 7).

A seguir, Ribeiro detalhou quais foram essas expedições:

A Comissão Freire Allemão, unica abrangendo as funções d'este Museu que se aventurou à partir para as mattas do temeroso Brasil; e as Comissões Hartt e Cruz. Esta teve organização quasi identica para o estudo da natureza, foi – a Comissão do Planalto Central (*idem*, p. 7).

Segundo Ribeiro, a motivação de Rondon “foi aquelle pequenino trecho das instruções Calmon que eu li na minha primeira conferência: *estudar os recursos naturaes da região percorridas*” (RIBEIRO, 1929, p. 59).

Escreveu Ribeiro sobre o que essa motivação levou:

O coronel [Rondon] fez tudo quanto esta casa [Museu Nacional] tem por fim fazer: colligio material, estudou-o, publicando o resultado d'esses estudos por meio de seus relatorios e até produzio as conferencias – agora tão em moda e cousa que o Dr. Lacerda [diretor do Museu] nunca conseguiu, não obstante pedil-as todos os dias! (*idem*, 1929, p. 59)

Ribeiro terminou a conferencia fazendo uma homenagem a Rondon:

Rondon não é só o homem bom e puro votado bem da Patria e que elevou no conceito dos homens de sciencia pela maneira sábia com que desdobrou os seus serviços scientificos; Rondon é uma bandeira! Fazendo sciencias naturaes elle enriqueceu a sciencia nacional, o Museu Nacional e, além d'isso, nos favoreceu os elementos indiscutíveis para provar que o Brasil tem homens capazes e competentes e que o Museu só não tem correspondido à expectativa geral porque os governos não lhe tem sabido dar a conveniente orientação. E assim, Rondon é ainda um benemerito para esta casa por tel-a defendido. Honra e gloria ao seu Nome – Paz e Felicidade a sua santa Familia. (RIBEIRO, 1920, p. 60)

Em 1911, Ribeiro criou o primeiro serviço oceanográfico da América do Sul, a Inspetoria de Pesca. No mesmo ano, após ter visitado museus na Europa e nos Estados Unidos, além de ter estudado os seus programas de pesquisa, fundou a Inspetoria de Pesca, primeiro serviço oficial a dedicar-se ao setor, no Brasil. Foi seu primeiro diretor (1911-1912), ali tendo estabelecido um espaço museológico sobre a pesca, uma biblioteca especializada, seções técnicas de pesquisa e manejou um navio oceanográfico, o "José Bonifácio". Foi membro fundador da Sociedade Brasileira de Ciências e produziu uma vasta obra com mais de 150 trabalhos sobre vertebrados e invertebrados da fauna brasileira, além de outros títulos sobre peixes, répteis, pássaros e mamíferos, com destaque para a *Fauna Brasiliensis* - Peixes, em cinco volumes, publicada em 1911, composta de cerca de 2000 páginas.

Outra obra escrita posteriormente, em 1918 foi "Dous generos e tres especies novas de peixes Brasileiros determinados nas colleções do Museu Paulista".

2.2.5 JOÃO GERALDO KUHLMANN



Fig. 80 – João Geraldo Kuhlmann. Fonte: Jardim Botânico.

João Geraldo Kuhlmann (1882 – 1958) nasceu em Blumenau, Santa Catarina e faleceu no Rio de Janeiro, RJ). Foi o botânico que participou da Comissão Rondon.

Kuhlmann trabalhou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e em 1944 tornou-se diretor, exercendo este cargo até 1951.

Um dos seus primeiros trabalhos foi na Missão Biológica Belga ao Brasil (1922–1923), organizada por J. Massart, sob o patrocínio do rei da Bélgica, Alberto I. Além da Comissão Rondon, Kuhlmann participou de duas grandes expedições a Amazônia. Uma em 1923, quando participou da missão brasileira integrada a missão oficial norte americana do estudo da borracha no Vale do Amazonas. Kuhlmann coletou uma grande quantidade de amostras botânicas no Pará, em Iquitos, no Peru, Bolívia e no Mato Grosso. Na segunda expedição, voltou a percorrer os estados do Amazonas e Pará. Examinou inúmeras vezes as regiões Sudeste e Sul do Brasil buscando espécimes para seus estudos sobre a flora arbórea da Floresta Atlântica. (SILVA, CARVALHO, BAUMGRATZ, (Org), 2001)

Kuhlmann foi um especialista em Taxonomia de Angiospermas e um grande coletor de material herborizado. Publicou cerca de oitenta trabalhos, descrevendo vários novos gêneros, espécies e até mesmo famílias, como Peridiscaceae.

Os gêneros *Kuhlmannia* J.C.Gomes, sinônimo de *Pleonotoma* e *Kuhlmaniella* Barroso, sinônimo de *Dicranostyles* foram batizados em sua honra.

Kuhlmann contribuiu enormemente com suas pesquisas para o conhecimento da Flora Brasileira e influenciou um grande número de botânicos de várias gerações.

Suas pesquisas foram registradas em suas obras, a saber:

- Kuhlmann, J. G. & A. J. Sampaio (1928): *Clinostemon*, novo Gênero de Lauráceas da Amazônia. *Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro* 4 (2):57-59.
- Kuhlmann, J. G. Arquivos do Serviço Florestal. 3: 4. 1950 (trabalho onde descreve Peridiscaceae).

Todo o acervo coletado por Kuhlmann foi reunido e posteriormente criou-se o Museu Botânico Kuhlmann, em 1960 em sua homenagem, conforme o decreto a seguir:

Decreto nº 49.577, de 22 de Dezembro de 1960

Cria o "Museu Botânico Kuhlmann".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, nº I, da Constituição e

CONSIDERANDO que o Naturalista João Geraldo Kuhlmann deu preciosa contribuição para o melhor conhecimento da Flora Brasileira, através de inúmeros trabalhos que publicou;

CONSIDERANDO que o seu nome atravessou as nossas fronteiras, sendo conhecido nos meios científicos do mundo como uma das maiores autoridades em Botânica Sistemática;

CONSIDERANDO que representou o Brasil, na qualidade de Presidente de Honra, nos Congressos Internacionais de Botânica, em Stockolmo e em Paris, onde muito elevou o nome do nosso País;

CONSIDERANDO que o referido Naturalista percorreu as florestas do Amazonas, Pará, Mato Grosso e Goiás, com botânico da famosa Comissão Rondon, tendo coletado muitas espécies novas, gêneros e até famílias;

CONSIDERANDO haver sido Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde muito contribuiu para aumentar o prestígio científico daquela secular instituição,

DECRETA:

Art. 1º - Transformar em "Museu Botânico Kuhlmann" a casa chamada dos Pilões, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, dependência do Ministério da Agricultura, onde João Geraldo Kuhlmann passou os últimos anos de sua vida.

Art. 2º - O referido Museu, além de suas finalidades próprias, terá como objetivo principal o culto da memória, divulgação da vida e da obra daquele grande Naturalista Brasileiro.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 22 de dezembro de 1960; 139º da Independência e 72º da República.

Juscelino Kubtschek

Antônio Barros Carvalho

2.2.6 EUZÉBIO PAULO DE OLIVEIRA



Fig. 81 – Euzébio Paulo de Oliveira. Fonte: Fazendo Histórias, disponível em: <http://ozildoroseliafazendohistoriahotmail.blogspot.com/search/label/BIOGRAFIAS>

Euzébio Paulo de Oliveira (1883 – 1939) nasceu em Arraial do Areião, Minas Gerais e faleceu no Rio de Janeiro. Foi engenheiro de minas, engenheiro civil e geólogo.

Euzébio Paulo de Oliveira foi um dos mais importantes geólogos brasileiros do século XX e é apontado como um ícone da Geologia, se destacando entre os geólogos brasileiros que se formaram no Brasil.

Foi o principal geógrafo da Comissão Rondon. Graduiu-se em engenharia civil e de minas pela Escola de Minas de Ouro Preto em 1905.

Seu pai, Francisco de Paula Oliveira, era também geólogo. Euzébio de Oliveira começou a trabalhar como geólogo no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil em 1907, onde permaneceu até 1922, sendo efetivado como diretor do serviço em 1925.

Em 1933, o Serviço Geológico foi incorporado ao Departamento Nacional de Produção Mineral. Euzébio de Oliveira passou a integrar este Departamento, local que trabalhou até sua morte em 1939.

Foi membro da Academia Brasileira de Ciências, exercendo os seguintes cargos: Tesoureiro - 1926/1929; Tesoureiro - 1929/1931; Presidente - 1931/1933; Vice-Presidente - 1933/1935.

Deixou obras importantes onde relatou as suas pesquisas: Geologia – Expedição Científica Roosevelt-Rondon (1915); A Geologia do Paraná (1927); Regiões carboníferas dos estados do Sul (1918); Rochas petrolíferas do Brasil (1920); Geologia estratigráfica e econômica (1927); Geognose do solo brasileiro (1922); Mineral Resources of Brazil (1930); História da pesquisa do petróleo no Brasil.(1940).

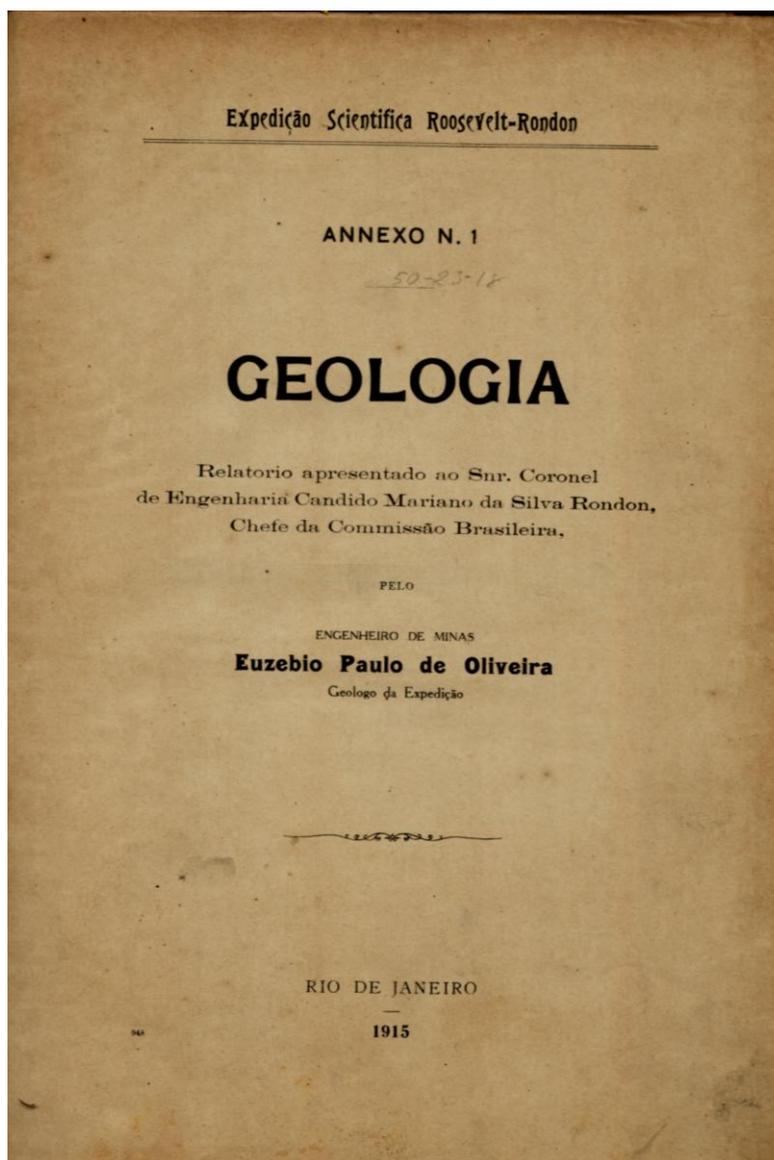


Fig. 82 – Frontispício do Relatório de Geologia. Fonte: Museu do Índio.

2.2.6.1 Participação de Euzébio Paulo de Oliveira na Comissão Rondon

Em resposta a um ofício do Coronel Rondon solicitando um geólogo para acompanhar a Expedição Científica Roosevelt-Rondon, o Dr. Orville A. Derby, Diretor do Serviço Geológico e Mineralógico, designou o engenheiro de minas Euzébio Paulo de Oliveira, como geólogo da Expedição.

Oliveira, tal qual outros cientistas que participaram da Expedição, queixou-se da escassez de tempo, que segundo ele, “interessantes detalhes geológicos e paleontológicos de certos distritos ficaram muito prejudicados” (OLIVEIRA, 1915, p.7).

Entretanto, o principal objetivo foi em grande parte atingido, sendo dada especial atenção a estratigrafia das regiões percorridas e foi organizado o quadro sinóptico das formações geológicas.

A Expedição percorreu algumas zonas naturais do Brasil, permitindo ao geólogo observar diferentes feições topográficas, geológicas, vegetativas e climáticas.

Oliveira fez o serviço de campo sozinho, mas para escrever seu relatório teve a ajuda do professor Rimann e do próprio Rondon que lhe forneceu uma coleção de rochas feita na exploração do Rio Roosevelt, quando ainda se chamava Rio da Dúvida.

Durante a descida do Rio da Dúvida foram colhidas rochas visíveis nas cachoeiras e barrancas do rio. Embora tenha colhido poucos exemplares, foi suficiente para se ter uma idéia geral das rochas que constituem a região encachoeirada do rio. As rochas foram estudadas macroscopicamente e a conclusão foi relatada da seguinte forma: “A coleção encerra rochas crystallinas, eruptivas e sedimentarias metamorphisadas que, em conjunto, assemelham-se muito com as rochas que constituem as cachoeiras do Tapajós, Xingu e outros rios da bacia amazônica”. (OLIVEIRA, 1915, p. 55,56).

Euzébio de Oliveira teve participação em outras comissões: Comissão de estudos do Carvão Mineral (Comissão White); Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil; Instituto Geológico e Mineralógico do Brasil

2.6.2 Homenagem a Euzébio Paulo de Oliveira da Academia Nacional de Ciências Exactas, Físicas y Naturales da Argentina.

O Acadêmico Costa Lima, leu uma carta que recebera do Sr. Martin Doello Jurado²⁷, a propósito da morte de Euzébio Paulo de Oliveira, transmitindo a cópia de

²⁷ Martin Doello Jurado (1884 – 1948) foi biólogo, paleontólogo e oceanógrafo argentino. Diretor do Museu Argentino de Ciências Naturais, membro da Academia Nacional de Ciências Exactas, Físicas e Naturales e professor de Paleontologia da Universidade Nacional de Buenos Aires,

uma comunicação apresentada à referida Academia de Ciências Exactas, Físicas y Naturales, em sua Sessão de 18 de maio de 1940, sobre a obra científica de Euzébio de Oliveira. A Academia resolveu que se oficiasse ao Acadêmico Martin Doello Jurado e à Academia de Ciências Exactas, Físicas y Naturales agradecendo a homenagem prestada à memória de Euzébio de Oliveira e que fosse transcrita na ata da Sessão e nos Anais da Academia Brasileira de Ciências o teor da comunicação do Acadêmico Doello Jurado, o qual é o seguinte:

"Senhores Acadêmicos: - De acordo com a indicação que acaba de fazer o nosso Presidente, e antes de entrar na matéria da Sessão de hoje, é mister que rendamos uma merecida homenagem a um dos mais distintos membros da corporação similar do Brasil, o engenheiro Euzébio Paulo de Oliveira.

Desaparecido em fins do ano passado, quando nossa Academia se achava em férias, a notícia do seu sentido falecimento, na idade de 57 anos, quando ainda podia esperar-se muito de seus grandes talentos, de seu inteligente labor, chegou com atraso ao nosso conhecimento. Os grandes diários do país, em sua abundantíssima informação de todas as partes do mundo, não tiveram talvez espaço para consignar sequer a notícia da morte de Euzébio de Oliveira. Os esportes, o cinema, a política, etc., absorvem as inúmeras páginas de nossos primeiros jornais. O falecimento de um sábio - de um dos poucos de nossa América - não mereceu sequer uma linha. É possível que um critério análogo domine no jornalismo do Brasil.

Provavelmente a notícia nos foi dali enviada, pois o mal é geral nos países latino-americanos. Sirvam estas palavras para desculpar o atraso com que se tributa essa homenagem. O ilustre geólogo e paleontólogo brasileiro, professor Euzébio Paulo de Oliveira, Chefe do Serviço Geológico do Brasil, fundador e ex-Presidente da Academia de Ciências do Rio de Janeiro, foi um dos grandes cultores das Ciências Geológicas na América do Sul. Sua ação como investigador da estrutura do solo do Brasil, de seu passado geológico e de uma parte importante de sua fauna e de sua flora fóssil, como professor e divulgador desses conhecimentos; como continuador, à frente do importante Serviço Geológico, da obra de White, de Derby, que conseguiu levar a um alto grau de progresso científico e econômico, como fundador e assíduo colaborador da Academia de Ciências do Brasil, em cujos Anais aparecem constantemente suas comunicações científicas, asseguram seu nome num lugar perdurável nas Ciências Naturais.

Seus trabalhos sobre a história geológica dos territórios do sul do Brasil, assim como muitos de seus estudos sobre o antigo continente de Gondwana, de sua flora fóssil e de suas jazidas de carvão de pedra, interessam grandemente à Argentina, onde esses extratos estão também representados e oferecem um vasto campo de investigação aos geólogos e paleontólogos nacionais.

Do mesmo modo, suas contribuições para o conhecimento da fauna fóssil dos terrenos devonianos interessam ao Uruguai e à Argentina, mostrando assim, uma vez mais, a comunidade dos interesses científicos entre os estudiosos do solo americano. Da bibliografia do Professor Euzébio de Oliveira, que chega a 139 números, em mais de trinta anos de labor científico, destacam-se nada menos de vinte monografias, que podem ser consideradas realmente notáveis, por sua originalidade e pelo vasto trabalho que representam no campo e no laboratório. De sua obra damos a

seguir uma relação, baseada no extenso estudo que lhe consagrou um dos seus mais aptos colaboradores e amigos, Professor Glycon de Paiva.

Nascido em 1883, em Minas Gerais, filho do geólogo Francisco de Paula Oliveira, aos 23 anos era Engenheiro de Minas na afamada Escola de Ouro Preto. Depois de haver sido engenheiro da "Comissão de Minas de Carvão de Pedro do Brasil", em 1907 ingressou como geólogo no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, que dirigiu e reorganizou, desde 1925 até 1938, e onde devia desenvolver o brilhante e fecundo trabalho científico que aqui fica resumido".

Ata da Sessão Ordinária de 09 de julho de 1940 (p. 10 a 12).

Anais da Academia Brasileira de Ciências. Tomo XII, nº 3, 1940 (p. 241 a 242). Fonte: <http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/0065/10-12.pdf>

<http://ozildoroseliafazendohistoriahotmail.blogspot.com/search/label/BIOGRAFIAS>

2.2.7 JOÃO SALUSTIANO LYRA



Fig. 83 – João Salustiano Lyra. Fonte: Arquivo Público do Exército.

João Salustiano Lyra (1878 – 1917) nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul. Filho do Visconde da Graça com Vicência Ferreira Lira. Foi militar, engenheiro formado na Alemanha, especialista em telegrafia sem fio e professor de Astronomia na Escola Militar. Foi o responsável pelo serviço astronômico em várias expedições da Comissão Rondon.

Com Rondon, tomou parte em quatro expedições: as três grandes de reconhecimento e exploração de 1907, 1908 e 1909, de Mato Grosso ao Amazonas e a Expedição Científica Roosevelt-Rondon, de 1913 a 1914.

Casou-se em São Luiz de Cáceres-MT com Thereza Dulce, nascida nesta cidade em 1888, filha de Giuseppe Dulce e Ana Virgínia Deluqui. Desde casamento nasceram três filhos.

Sobre suas virtudes, assim se pronunciou Amilcar Botelho de Magalhães, seu amigo e companheiro:

Vissem-no de perto como eu, robusto e jovial, modesto e sensato; cordial como todo o individuo dotado de espírito superior; enérgico nos momentos precisos, sem *quixotadas*, mas firme, resoluto, inabalado, orientado pela bússola invariável da dignidade e do dever, e certamente lamentaria do fundo d'alma que uma juventude tão esperançosa fosse bruscamente suprimida pelo destino! (MAGALHÃES, 1927, p. 129)

João Lyra morreu afogado nas corredeiras do Rio Sepotuba (atualmente Rio Tenente Lira), afluente da margem direita do Alto Paraguai, em 3 de abril de 1917, aos 38 anos. Seu corpo jamais foi encontrado.

O Brasil perdeu um grande talento científico escreveu Amilcar Magalhães.

Da sua capacidade, sempre victoriosa a cada prova a que fôra submettida, de seu brilhante talento, de seu já vasto cabedal científico e pratico de suas elevadas virtudes, não só o Exercito como o Brasil, e quiçá a humanidade, teriam colhido extraordinárias vantagens se bem longa houvesse sido a sua trajectoria na vida (*idem*, p. 129)

2.2.7.1 A participação do Ten Lyra na Comissão Rondon

O 1º Tenente João Salustiano Lyra foi o encarregado do serviço astronômico da expedição que tinha como objetivo determinar os cálculos e a organização das tabelas de coordenadas geográficas que foram apresentadas em um relatório a Rondon e publicado como Anexo 3 da Expedição Científica Roosevelt-Rondon.

Os trabalhos do serviço astronômico tiveram a participação do próprio Rondon que fazia a leitura do cronômetro e registro das observações.

O serviço astronômico se organizou a partir do Porto de Tapirapoan, no alto do Sepotuba e dispunha dos seguintes instrumentos: um teodolito de grande precisão de Heyde, um sextante de Wegner, munido de pé e de horizonte artificial

de mercúrio, três cronômetros de marinha, sendo dois de tempo médio, dois cronômetros de algibeira, um cronógrafo, um barômetro Fortin, um barômetro aneróide compensador e um termômetro de máxima e mínima. (LYRA, 1916, p. 5)

A estratégia do serviço astronômico era aproveitar a passagem da expedição pelas estações telegráficas do sertão, para determinar a longitude pelo telégrafo, trocando sinais com o Tenente Júlio Caetano Horta Barbosa, encarregado da Seção Astronômica da Comissão Telegráfica em Cuiabá. Essa estratégia, porém, foi descartada tendo em vista que estavam em plena estação das chuvas e isso impossibilitou de realizarem a troca de sinal para a determinação rigorosa da longitude.

A marcha urgente de expedição para alcançar as cabeceiras do Rio da Dúvida, não permitiu mais demoras e também contribuiu para que desistissem do propósito inicial.

A situação da expedição, que lutava com a falta de meios de transporte no imenso sertão que atravessava, obrigou que deixassem na estação telegráfica do Rio Juruena o teodolito de Heyde por ser muito pesado e dois cronômetros de Marinha de tempo médio.

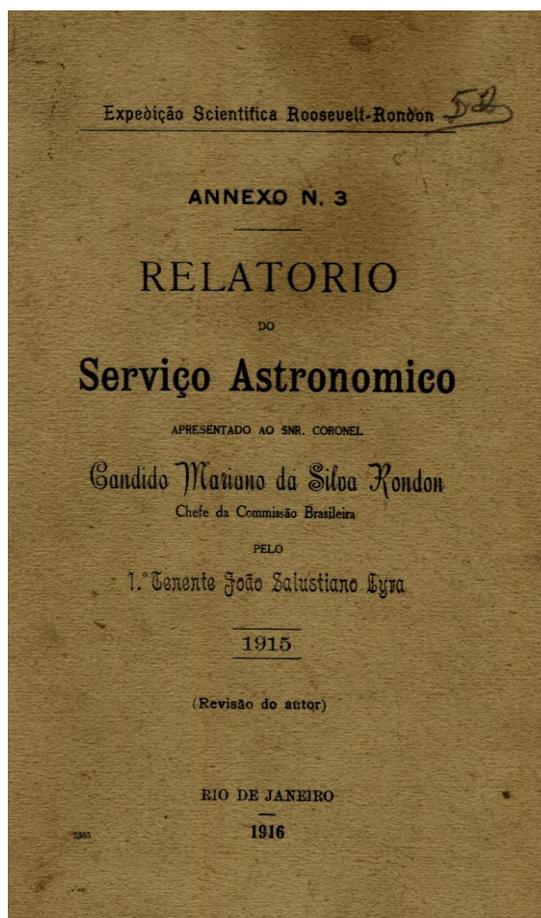


Fig. 84 - Frontispício do Relatório do Serviço Astronômico do 1º Ten João Salustiano Lyra. Fonte: Museu do Exército (Forte de Copacabana – RJ)

2.2.8 CÍCERO DE CAMPOS

O Dr. Cicero de Campos foi o geógrafo da Comissão Rondon e embarcou à 27 de junho de 1908 no paquete Júpiter, em companhia do Sr Alipio de Miranda Ribeiro, ambos integrantes da Comissão Rondon. Cicero de Campos faleceu no dia 13 de junho de 1909, um ano depois de embarcar para a missão, na cidade de São Luis de Cáceres.

O Dr. Cicero de Campos não teve a fortuna de concluir o seu trabalho; falecendo ao chegar à Cáceres, quando buscava um porto no rio Paraguay onde embarcasse para o Rio de Janeiro, de volta de Jurueña, lugar em que enfermou. Cicero teve, também, perdas de material e apontamentos, n'um naufragio no rio Sepotuba. (RIBEIRO, 1920, p. 9)

Cícero de Campos tinha despreendimento dos verdadeiros naturalistas. Quando em trabalho de Campo, esquecia-se de tudo, até da própria alimentação. Fez importantes estudos geológicos na bacia do Rio Paraguay. Estudou sobretudo o caminho entre Diamantino e Tapirapoan, por baixo do planalto e arredores de São

Luis do Cáceres. Foi também a chapada ao norte de Cuiabá onde encontrou indícios de fósseis. A morte o colheu quando estava em plena atividade de seus trabalhos científicos. As conclusões de seus estudos foram interpretadas, depois de sua morte, pelo Dr. Alberto Betim Paes Leme. Foram inúmeras as notas científicas colhidas pelo Dr. Cícero de Campos.

No dia 27 de fevereiro de 1917, uma urna funerária com os restos mortais do Dr. Cícero de Campos foi entregue ao seu filho, na cidade de Itabira do Campo, Minas Gerais. A exumação do corpo e o translado foram executados pelos componentes da Comissão Rondon. (MAGALHÃES, 1929)

Cícero de Campos foi um entre muitos homens que morreram no período da Comissão Rondon. Dezenas de oficiais, centenas de soldados, inspetores, telegrafistas, guarda-fios, remadores, canoeiros e até as esposas desses homens, perderam suas vidas. Amilcar Botelho de Magalhães em seu livro, *Impressões da Comissão Rondon*, terminou o capítulo 7, intitulado: Uma página de saudade, lembrando desses homens e mulheres desconhecidos:

É justo que eu feche este capítulo esparzindo flores sobre os cento e sessenta túmulos perdidos no deserto e onde repousam simples soldados e trabalhadores civis, que pereceram no decorrer destes treze annos de trabalhos da Commissão. (MAGALHÃES, 1929, p. 163)

CAPÍTULO 3 – AS COMISSÕES DE RONDON

*Eras um dos nossos voltando à origem
e trazias na mão o fio que fala
e o foste estendendo até o maior segredo da mata
A piranha a cobra a queixada a maleita
não te tratavam o passo
militar e suave
Nossas brigas eram separadas
e nossos campos de mandioca marcados
pelo sinal da paz
E dos que se assustavam pendia o punho
fascinado pela força de teu bem-querer
Ó Rondon, trazias contigo o sentimento da terra*

Carlos Drummond de Andrade²⁸

Desde o governo monárquico brasileiro, havia um plano de se estender as comunicações telegráficas da Corte (Rio de Janeiro) à Cuiabá no estado de Mato Grosso. Em 1890, foi criada a Comissão de linhas telegráficas de Cuiabá ao Araguaia e por indicação do vice presidente Floriano Peixoto (1839-1895) foi designado como chefe da comissão o Major Antônio Ernesto Gomes Carneiro (1846-1894), que mais tarde teve uma influencia enorme na vida de Rondon, sendo chamado por ele de mestre. No ano de 1892, foi criada a Comissão de linhas telegráficas de Cuiabá ao Araguaia e Rondon foi designado ajudante do Tenente Coronel Gomes Carneiro.

Em 1900 foi criada a Comissão construtora de linhas telegráficas do Mato Grosso. Rondon foi nomeado chefe dessa comissão. Em 1907 foi criada a Comissão de linhas telegráficas estratégica de Mato Grosso ao Amazonas, a maior de todas as comissões, com o objetivo de ligar Cuiabá à cidade de Santo Antonio do Madeira (hoje Porto Velho) na Amazônia. Rondon foi convidado pelo Presidente da República Afonso Pena (1879- 1968) para assumir a chefia desse empreendimento. (VIVEIROS, 2010)

²⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. **Pranto geral dos índios in A vida passada a limpo**. Rio de Janeiro São Paulo: Editora Record, 2002

3.1. COMISSÃO CONSTRUTORA DE LINHAS TELEGRÁFICAS DO MATO GROSSO (1900 – 1906)

No ano de 1900, Rondon chegou ao Rio de Janeiro, retornando da localidade de Buarque de Macedo e apresentou-se ao General Francisco de Paula Argolo (1847-1930), Chefe da Intendência Geral da Guerra. Logo ao chegar, Rondon recebeu a notícia de que havia sido designado para chefiar a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso. “Entre os nomes lembrados estava o meu – pelos meus serviços, como ajudante do Ten Cel Antônio Ernesto Gomes Carneiro, e pelo fato de me ter ele indicado para reconstruir a linha Cuiabá – margem esquerda do Araguaia”. (RONDON *apud* VIVEIROS, 1969, p. 120).

O objetivo do governo, segundo o próprio Rondon, era “ligar a Capital da República às fronteiras de Mato Grosso com a Bolívia e o Paraguai, porque esse conjunto de comunicações tornaria o Estado de Mato Grosso apto para a defesa do País, se necessário.” (RONDON *apud* VIVEIROS, 1969, p. 119)

Vale lembrar que Rondon foi o primeiro militar que realizou a travessia dessas regiões. O primeiro a sucumbir foi o General Deodoro da Fonseca (1827-1892), que fora designado para ligar Corumbá ao Forte de Coimbra em 1888/1889, antes deste proclamar a República.

A Deodoro é que primeiro fôra confiada a execução do plano de ligar, pelo telégrafo, Cuiabá a Corumbá, tentativa de pequena envergadura, ainda no tempo da monarquia – quando o general fora afastado da Corte. Designara-o o Governo para comandar a tropa de observação em Corumbá e depois a própria Região Militar (Comando das Armas). (VIVEIROS, 1969, p. 120)

Outro militar que não conseguiu cumprir a missão foi o General Alberto Cardoso de Aguiar (1864-1935) uma vez que no ano de 1892, desistiu da missão antes de iniciar os trabalhos.

Recebera também o Gen. Cardoso de Aguiar, em 1892, a incumbência de construir a linha Cuiabá a Corumbá, Curvou-se, entretanto, o Governo as suas ponderações de técnico acatado. De tal modo se lhe apresentava essa construção dispendiosa, difícil, penosa, que achava preferível expor sua opinião franca, antes de insistir sobre um trabalho que não corresponderia ao esforço empregado na sua construção. (idem).

Por último, o General Bento Ribeiro (1783 - 1855), também não conseguiu viabilizar a construção da linha telegráfica naquela região. “O Gen. Bento Ribeiro sentiu, em 1893, iguais dificuldades, quando tentou executar essa missão”. (VIVEIROS, 1969, p. 120)

Pode-se imaginar as dificuldades encontradas por Rondon para executar um empreendimento que fora antes fracassado por três generais de grande reputação do Exército Brasileiro.

Em agosto de 1900, Rondon estava no Centro-Oeste. “A 8 de agosto chegávamos a Goiás. Apresentei-me ao comandante da guarnição e a Delegacia – era necessário entendimento sobre as medidas financeiras a tomar, para a marcha até São Lourenço” (VIVEIROS, 1969, p. 122) e em novembro, da início aos trabalhos. “Foi a nova construção iniciada em 3 de novembro , partindo do poste 113, fincado na margem esquerda do córrego Arareau”. (VIVEIROS, 1969, p. 125).

Rondon estabeleceu uma estrutura organizacional de trabalho com varias equipes. A primeira, chamada de vanguarda, definia por onde a linha passaria, estabelecia a abertura de picadas e onde os postes seriam fincados. A segunda, chamada de centro, fazia a abertura de picadas e a terceira, chamada de vanguarda, comandada por Rondon, concluía os levantamentos topográficos da linha e determinava as coordenadas geográficas. (LASMAR, 2008).

Para chefiar a primeira equipe, Rondon designou o seu ajudante. “Ao meu ajudante, Capitão Aguiar, confiei a exploração e a locação da linha, assim como a determinação das coordenadas geográficas , sempre que possível, dos pontos mais importantes atravessados pela Comissão” (VIVEIROS, 1969, p. 125).

A comissão passou por vários perigos e alguns homens perderam suas vidas. Ataques de animais eram constantes. Às vezes eram os próprios animais que serviam a comissão, como cavalos, bois e cães que eram atacados. Outras vezes eram os homens que sofriam as agressões. Como nesse episódio do ataque de uma sucuri a um dos cães.

Estávamos acampados à margem do Caiamo-doguê-itugo-botuie, quando, na manhã de 9, ouvimos o ganido de um de nossos cães. Devia esta ele abaixo do acampamento, a beira do rio. Corremos para lhe acudir, armados de facão, certos de que o pobre animal havia sido preso por alguma sucuri. Efetivamente. Ao chegar a margem do rio brejoso, vimos um torvelinho na água onde se divisava enorme massa escura. Era uma sucuri que havia apanhado um dos cães onceiros, envolvera-o em seu tremendo amplexo e

procurava esmagá-lo para o deglutir. Chegávamos felizmente a tempo. Os soldados caíram de facão sobre o formidável ofídio que só soltou a presa depois de muitas cutiladas, desaparecendo no rio, sem que tivéssemos podido matar. (VIVEIROS, 1969, p. 139)

Outro episódio foi a investida de uma onça preta a um índio de uma tribo amiga de Rondon.

Uma semana depois chegava um emissário do Chemejera²⁹ Oarine Ecoreu. Estava ele acampado nas proximidades, sem poder prosseguir, por causa de um índio doente, para o qual pedia remédio a Pagmejera³⁰. Ao chegar a Meajau haviam os cachorros do índio – da turma da caçada – acuado uma onça. Correu ele a acudir-lhe e travou uma luta com a fera. Tratava-se, porém, de uma onça preta (adugo choreu) e “quem matar adugo choreu ou veado mateiro”, dizem os índios, “morrerá dentro de pouco tempo e não de morte natural”. O índio limitou-se, pois, a defender-se ficando bastante ferido. (VIVEIROS, 1969, p. 128)

Por fim, se irá relatar um fato muito triste, envolvendo a morte de um oficial da comissão pertencente a uma família que participou ativamente das comissões de Rondon, a família Horta Barbosa. O jovem Alferes Francisco Horta Barbosa, faleceu em 3 de dezembro de 1903, era irmão dos militares Nicolau Bueno Horta Barbosa e Julio Caetano Horta Barbosa, que foram seus auxiliares na Comissão das Linhas Construtoras Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas - CLTEMTA e Luis Bueno Horta Barbosa, que foi diretor do Serviço de Proteção ao Índio - SPI. Francisco foi atacado por um cardume de piranhas, quando atravessa as águas do Rio Passo da Corixa Saram, localizado no estado de Mato Grosso.

Procedendo a novo exame, nada foi encontrado. Levaram, então, o ocorrido ao conhecimento do chefe da segunda seção, Capitão Ávila, que, na noite de 4, enviou um guia e 4 praças para pesquisas. Encontraram no fundo do Passo da Corixa Saram o esqueleto do brilhante alferes-aluno. As piranhas, pequenos e voracíssimos peixes, só não tinham podido devorar as pernas, na parte protegida pelas botas. O esqueleto estava limpo. Foi, entretanto, possível identificá-lo pelo vestuário e por alguns objetos que lhe pertenciam. (VIVEIROS, 1969, p. 167)

Infelizmente muitos acidentes como este, ceifaram as vidas dos jovens oficiais.

Apesar de tanto contratempo, em 1º de janeiro de 1904, a rede telegráfica entre Cuiabá e Corumbá foi finalmente inaugurada e sua linha prolongada até a cidade de Bela Vista. A segunda seção, realizava a ligação com o Forte Coimbra, na

²⁹ Chefe, cacique (VIVEIROS, 1969, p. 124)

³⁰ Nome atribuído a Rondon em borôro.

fronteira com a Bolívia e a construção do ramal de Cáceres foi iniciada em 1º de agosto de 1906. (VIVEIROS, 1969)

Em 70 meses, de 1º de outubro de 1900 a 1º de agosto de 1906 construíram 1.746 quilômetros de linha, servindo 17 estações e foram erguidas 8 casas para atender as estações. Ficou a fronteira do Paraguai ligada por dois pontos principais – Porto Murtinho e Bela Vista - e a Bolívia por outros dois – Corumbá e Coimbra – sem contar com São Luis de Cáceres, sede, como os dois outros pontos, de estacionamento de forças militares. (idem)

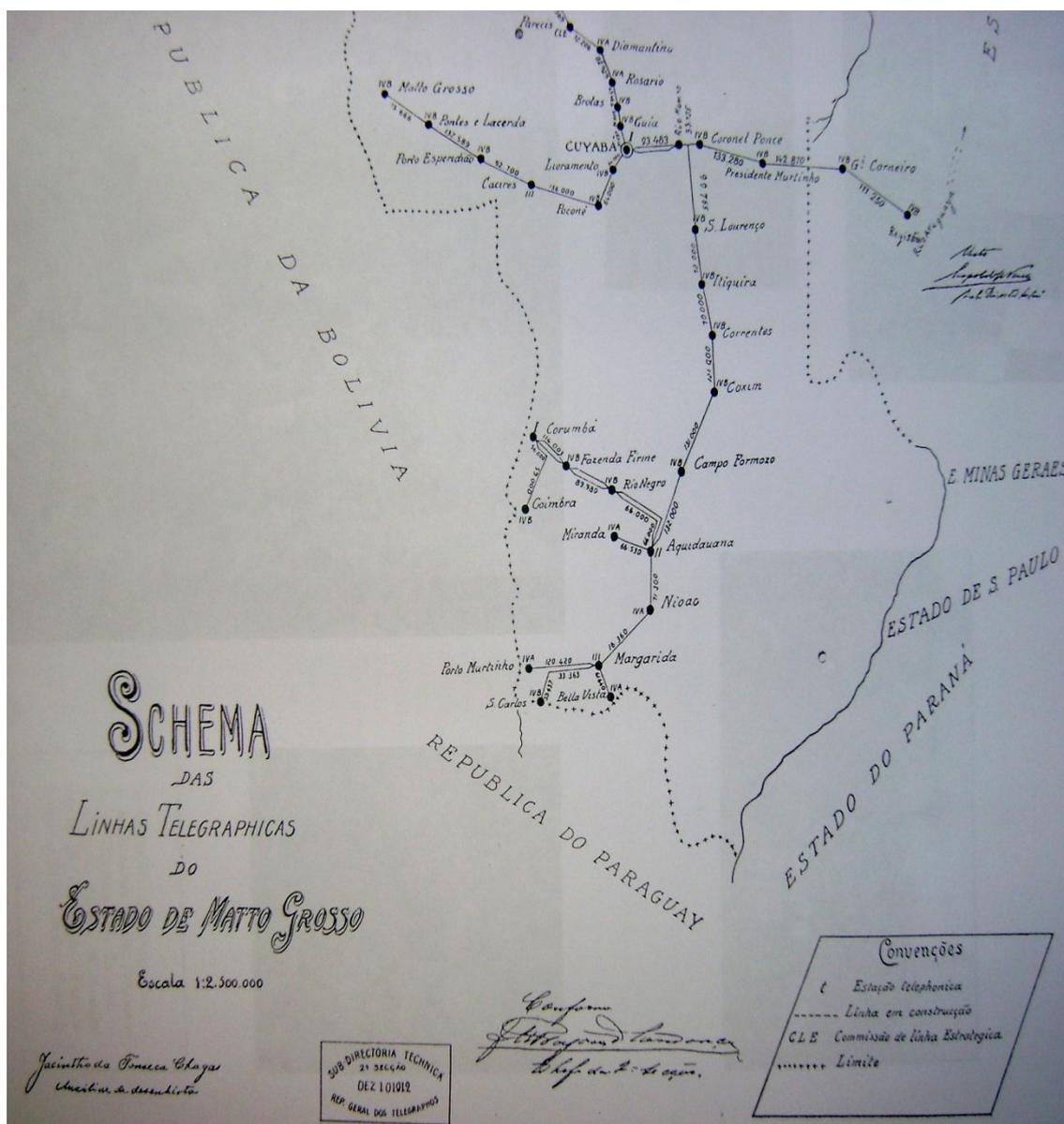


Fig. 85 – O mapa acima apresenta as estações telegráficas construídas pela Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso.

Fonte: Governo de Mato Grosso, 1914.

Essa comissão, ao contrário da CLTEMTA, construiu uma rede telegráfica que tinha um grande movimento, conforme dados oficiais referentes à estatística dos telegramas recebidos e transmitidos do 2º Distrito da Repartição Geral dos Telégrafos do governo de Mato Grosso, referente ao ano de 1912, publicado no livro *Álbum Gráfico do Estado de Matto Grosso de 1914*. (**anexo 2**)

Enfim, o principal objetivo estava alcançado, que era a implantação da linha telegráfica.

Na comissão de 1900-1906, não se cogitava apenas de levar a cabo tentativas, entre outras do Major Bento Carneiro Monteiro, de assegurar as comunicações da Capital com os lides de Mato Grosso. Tratava-se de obra muita mais extensa e completa: encerrar os principais pontos estratégicos, dos confins do Brasil com o Paraguai e Bolívia, nas malhas de uma grande rede telegráfica que permitiria constante comunicação com aquelas longínquas paragens e, desse modo, sobre elas exercer proveitosa vigilância. (RONDON *apud* VIVEIROS, 1969, p. 217)

Por outro lado, pela primeira vez uma comissão construtora de linhas telegráficas, preocupava-se com outros assuntos, entre eles, o objeto dessa tese, as ciências naturais.

Realizei, ao mesmo tempo, enorme série de explorações, desvendando os segredos dos pantanais, executando estudos geográficos fazendo determinação precisa de coordenada de pontos que poderiam servir de base de futuras operações geodésicas, fazendo classificações na flora e na fauna. E tive, assim, a alegria de conseguir que a vastíssima região do sul de Mato Grosso se tornasse uma das mais bem conhecidas do território nacional, não só sobre o ponto de vista cartográfico, como também quanto à população, riquezas naturais do solo, capacidade de produção, recursos, vias de comunicação. (idem)

Analisando os trabalhos realizados por esta comissão, percebe-se a sua importância para aquela região que viria ser o futuro estado do Mato Grosso do Sul. Além de tê-la tirado do total isolamento em que se encontrava, pois quando de sua invasão pelas tropas paraguaias em 1865, o governo brasileiro sediado no Rio de Janeiro só tomou ciência um mês depois do grave fato ocorrido. Mesmo levando-se em consideração as condições das comunicações na época, fica demonstrada a precariedade das ligações entre essa afastada localidade e a então capital do Brasil. O presente pesquisador esteve nessa região em janeiro de 2011 e visitou-se, entre outras, a cidade de Aquidauana. Em pesquisa realizada na biblioteca e na Secretaria de Cultura do município, percebeu-se que o desenvolvimento de uma região tão distante dos grandes centros consumidores do país só poderia acontecer através da

implantação de um veículo de comunicação que, no início do século XX, só poderia ser o telégrafo. As transformações advindas após a instalação dessa tecnologia foram o ponto de partida para uma nova era que viria a mudar definitivamente aquela distante região.

3.2. COMISSÃO DE LINHAS TELEGRÁFICAS ESTRATÉGICAS DO MATO GROSSO AO AMAZONAS (CLTEMTA)

A idéia original de ligar o Rio de Janeiro ao Amazonas surgiu do engenheiro geógrafo Dr. Francisco Bhering com a apresentação, em 13 de dezembro de 1904, no Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, um estudo denominado: “*O Valle do Amazonas e suas comunicações telegraphicas*”. Segundo Rondon,

Esse estudo sahi á publico no n. 13 da Revista daquelle Club, 1905. Profissional dos mais competentes, o Dr. Bhering, apprehendendo com segurança a verdadeira natureza das causas retardatárias do desenvolvimento da Amazônia, declarava, na publicação citada, ser “a criação do serviço telegraphico normal, no Valle do Amazonas, um dos problemas nacionaes de maior importância.”

Expondo rapidamente o resumo das “tentativas de estabelecimento de comunicações telegraphicas no Amazonas até 1904” enumerou-as da seguinte forma:

- A da linha terrestre margeando a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.
- A da linha subfluvial de Belém a Manáos.
- A de linhas terrestres marginaes auxiliares ou substitutivas da via subfluvial ingleza.
- A da linha terrestre de Caquetá á bocca do Aquiry.
- A da applicação da radio-telegraphia. (RONDON, 1915, p. 9)

As conclusões do engenheiro Bhering foram pela construção de uma linha, que partindo de Cuiabá, fosse a Santo Antonio do Madeira (atual cidade de Porto Velho) e dali ao Solimões e a Manaus. (*idem*, p.10)

A nove de dezembro de 1906, o Jornal do Comércio publicou uma matéria do Dr. Bhering defendendo o seu projeto, trazendo como apoio, opinião do escritor e jornalista Euclides da Cunha (1866-1909). (*ibdem*, p.10).

Pelas picadas da Comissão Rondon rasgaram-se as estradas e o Oeste integrou-se, em termos humanos e econômicos, ao ronco dos caminhões. Nos antigos postes surgiram cidades e o mesmo traçado das linhas telegráficas serve de rota aos aviões.



Fig 86 - Itinerário da Comissão de linhas telegráficas estratégica do Mato-Grosso ao Amazonas. Fonte: Revista National Geographic, maio de 2009. Crédito: Thiago e Felipe Varanda. <http://viajeaquie.abril.com.br/national-geographic/interatividades/mapas/2009/mapa-rondon.jpg>

O mapa enseja ainda outros comentários sobre as políticas de Rondon. A BR364 atravessa cidades como Vilhena, Pimenta Bueno e Ariquemes. Há noventa anos [cem anos], essas cidades não existiam. Cada uma delas começou, entre 1910 e 1915, como estação telegráfica. Elas representam a entrada da Comissão Rondon em uma região que, na época, praticamente não continha habitantes de descendência europeia. Hoje a BR364 acompanha o trajeto da linha telegráfica. Assim como a construção da linha evidenciou pela primeira vez as possibilidades de desenvolver a região, a pavimentação abriu a região aos pérfidos efeitos do último surto de desenvolvimento. (DIACON, 2006, pp. 158, 159)

Em fevereiro de 1907, Rondon estava no Rio de Janeiro, após concluir a construção da Linha Telegráfica de Cuiabá a Bela Vista, quando foi chamado pelo Presidente da República Dr. Afonso Augusto Moreira Pena que o consultou sobre o projeto do Dr. Bhering e este emitiu sua opinião aprovando-o. O Presidente Afonso Pena, então, fez o convite para que Rondon assumisse a chefia da comissão. Rondon aceitou o convite, porém acrescentou:

Ponderei-lhe que eu acabava apenas de regressar dos confins do Brasil com a Bolívia, onde terminara serviços iniciados em 1890, a princípio entre

Cuyabá e Araguaya, mas que, depois, se estendeu áquella data com uma única interrupção, em 1899. Não obstante era soldado; jamais pedira nem recusara serviços; e se a tal motivo S. Exa. julgava que o interesse do País exigia de mim esse sacrifício, subordinava-me positivamente á ordem que acabava de receber. Ficou logo assentada a instituição de uma comissão encarregada de executar o projecto approved, recebendo Ella o título de Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas. (RONDON, 1915, p. 10 e 11)

Do Palácio Presidencial, Rondon seguiu para um encontro com o Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, Dr. Miguel Calmon Du Pin e Almeida a fim de combinar as bases essenciais da organização dos serviços que competiam a comissão. A 6 de fevereiro foi entregue o orçamento e no dia 4 de março foram aprovadas as instruções para a Comissão (anexo 1)

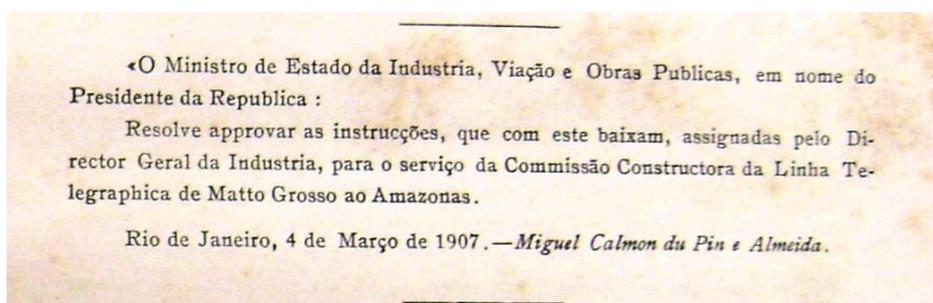


Fig. 87 - Documento aprovando as instruções da Comissão das Linhas Telegráficas Estratégica do Mato Grosso ao Amazonas. Fonte: RONDON, 1915.

Rondon sempre se preocupou em registrar suas pesquisas, trabalhos e descobertas. Para tanto se utilizou de todos os meios possíveis, tais como: cadernetas, relatórios, fotos, filmes, mapas, desenhos, etc., e por estas anotações e registros foi possível incorporar ao patrimônio nacional uma obra gigantesca de informações que veio a ser de grande utilidade no futuro para os brasileiros, pesquisadores ou interessados de qualquer parte do mundo conhecerem um Brasil até o momento desconhecido em muitos aspectos. Rondon tinha consciência que precisava divulgar o que via:

Mas não basta quebrar o encanto dos sertões, devassando-os para os tornar acessíveis á actividade humana, para que os esforços que os há de incorporar ao patrimônio da Humanidade triumphante; é preciso ainda relatar *urbi et orbe*, o que foi feito, o que foi visto e o que há de fazer; além disso, referir aos meus superiores tudo quanto, do mandato recebido, tenho executado e como tenho executado, faz parte da incumbencia aceita. (*idem*, p. 7)

Além de levar cientistas em suas expedições, Rondon teve o cuidado em registrar as espécies que ia encontrando nas mais diversas áreas da ciência. Como por exemplo, na mineralogia:

Adiante de Porto Esperidião, na estrada do Guaporé, aqui e alli, no leito dos córregos, aflora o granito grosseiro, e antes do Burity Redondo existe um maciço de granito rosco, que também aparece no trecho da matta compreendido entre a sua entrada e o Pau da Tolda; enquanto que na região de lavrinhas temos outra vez o cascalho aurífero, aliás já resolvido, como atrás ficou dito, pelos mineradores d'outros tempos.

A serra do Castiçal e o contraforte da Pedrinha Branca são de arenito branco, friável.

Além do Guaporé, bem accentuadamente se observa o arenito silicoso duro, de côr esbranquiçada, no morro do Kagado.

A canga também se mostra aqui, em grande proporção, nas fraldas occidentaes deste morro e nos campos compreendido entre o morro do Kagado e o rio Guaporé. Junto ao caminho há um caapão denominado Kanga, onde essa pedra aflora abundantemente. (RONDON, 1915, p.34)

Rondon tinha conhecimento das Ciências Naturais, particularmente na área da Botânica e por onde passava cuidadosamente registrava as espécies vegetais que encontrava:

Esse caapão dista de Villa Bella 25 kilômetros; n"elle abundam o angico, a aroeira, o jacarandá e a palmeira bacava. Logo ao chegar á Caissara encontra-se espessa matta marginal do Paraguay, transporta a qual apresentam-se extensos campos que se prolongam até Pau Secco, interrompidos aqui e alli por fachas de cerradão, caapões e cordilheiras de matas com esplendidas madeiras de lei.

Não falta ahi as aroeiras (*Astronium fraxinifolium* e *Schinus terebenthifolius*), as diversas espécies de vinháticos (*Pithecolobium*) os ipês (*Tecoma*), os cumbarus (*Dipteryx tetraphylla*) a cabiúna (*Machaerium incurruptibile*) e outros jacarandás; a sucupira (*Bowdichia nítida*), etc. (*idem*, p.34)

Rondon também se interessava pela fauna das regiões que percorria. Ele sabia onde estavam os animais e conhecia seus hábitos e costumes:

Caissára é um rico repositório de formas animaes, onde não faltam nem a onça pintada (*Felis onça*) nem o lobo (*Canis jabatus*) nem muitos outros representantes do grupo dos carnívoros.

A anta (*Tapirus terrestris*), os veados diversos, ahi abundam, sendo de notar o bello veado dos pantanaes (*Cervus paludosos*). Este reapparece no Jaurú e pela ultima vez em Casal Vasco, nos nossos confins com a Bolívia.

Do Guaporé para lá a fauna muda ainda mais, com a aparição do grande jacaré do Norte ou uma (*Jacaré nigra*); da cigana (*Opisthocomus cristatus*) da anhumã verdadeira (*Palamedea cornuta*) e do jacamin (*Psophia crepitans* L.) (*ibidem*, p. 35)

Rondon e sua comitiva partiram a 6 de julho de 1907 do acampamento da 1ª seção com destino a cidade de Mato Grosso, antiga cidade cujo nome era Vila Bela

da Santíssima Trindade, fundada pelos Capitães-generais³¹ sobre o Rio Guaporé. Rondon seguiu a rota da antiga cidade construída por eles, de Cuiabá até a antiga Vila Bela. Rondon visitou todas as ruínas de Vila Bela e sobre ela fez o seguinte comentário:

Vendo-se estes monumentos destroçados e as casas derrocadas que se enfileiram ao lado das ruas desertas e invadidas pela vegetação bravia, triste abrigo de uma população de 340 mil habitantes, dizimados pelas febres palúdicas, diz Rondon – custa crer que está na mesma cidade em que, há apenas um século, mais de duas mil e trezentas pessoas assistiam aportar ao cais do porto do Guaporé as monções vindas do Pará, ou enviavam arrobas de ouro ou então acolhiam no meio de intermináveis festejos e pomposas galas os capitães-generais” (Edições do Senado Federal, *Jornal do Comercio* (1915), vol. 8, 2003, p. 47 e 48)



Fig. 88 – Pátio Interno do Quartel e uma peça de artilharia do tempo de D. Maria I. Ruínas da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, antiga capital da província de Mato Grosso. Fonte: RONDON, 1915, p.30.

³¹ Título dado aos governadores da Capitania de Mato Grosso, ao todo foram nove governadores, entre os anos de 1751 a 1821.



Fig. 89 – Rua do fogo da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade. Fonte: RONDON,1915, p. 30.



Fig. 90 – Quartel de Vila Bela da Santíssima Trindade. Fonte: RONDON,1915, p.30

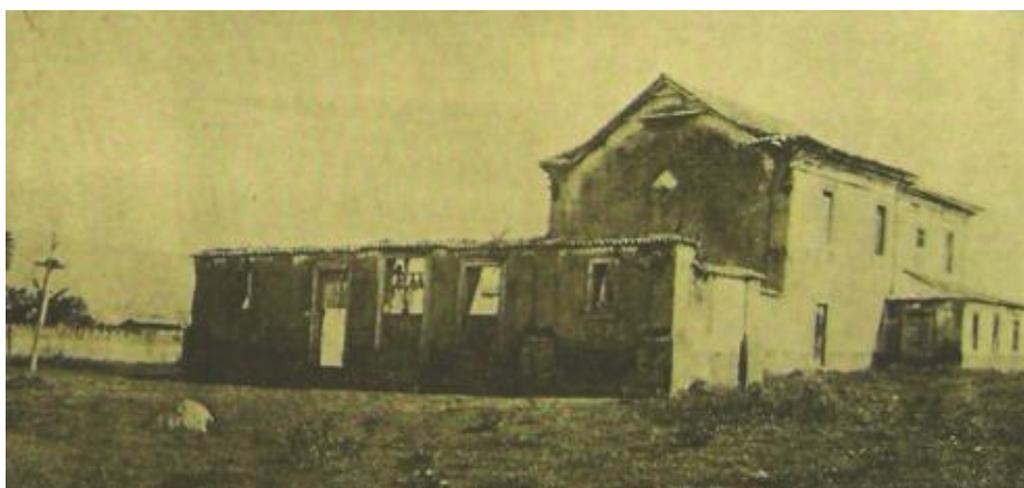


Fig. 91 – Ruínas da Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade. Fonte: RONDON,1915, p.30.

Rondon estabeleceu uma rotina dura e meticulosa para os componentes da comissão. O serviço começava o mais cedo possível todos os dias. O transporte de material era feito mais tarde. Havia três refeições: uma antes da partida, uma ao meio dia e a última à tarde. Ao meio dia era escolhido o local para montar o acampamento, sendo que na parte da tarde era feita a montagem do mesmo e finalmente às nove horas da noite era dado o toque de silêncio³². (RONDON, 1915, p.43).

Rondon estabeleceu uma forma bastante interessante de se orientar pela floresta.

Na exploração, enquanto pudéssemos andar a Cavallo, seguiria um picador á frente, munido d'uma trompa e servindo de balisa acústica; eu daria os rumos com uma bussola de algibeira e com outra trompa indicaria ao balisa os movimentos a realizar, por signaes combinados. Um ajudante meu, cuja montaria escolhida e de passo aferido dava as distancias por intermédio do passometro, faria o levantamento expedito e registraria as observações do aneróide. A passagem, o picador, que seria auxiliado por dous homens, deixaria nas arvores, marcado á facão ou no solo, por signaes combinados, o trilho a seguir; uma turma de foiceiros e machadeiros, sob a direcção do ajudante, abriria a picada que teria a largura de dous metros onde não tivéssemos mais trilhos de seringueiros. (RONDON, 1915, p. 43)

Rondon emitiu a Ordem do dia ³³ nº 2 com os nomes dos militares que o acompanharam na primeira etapa da comissão.

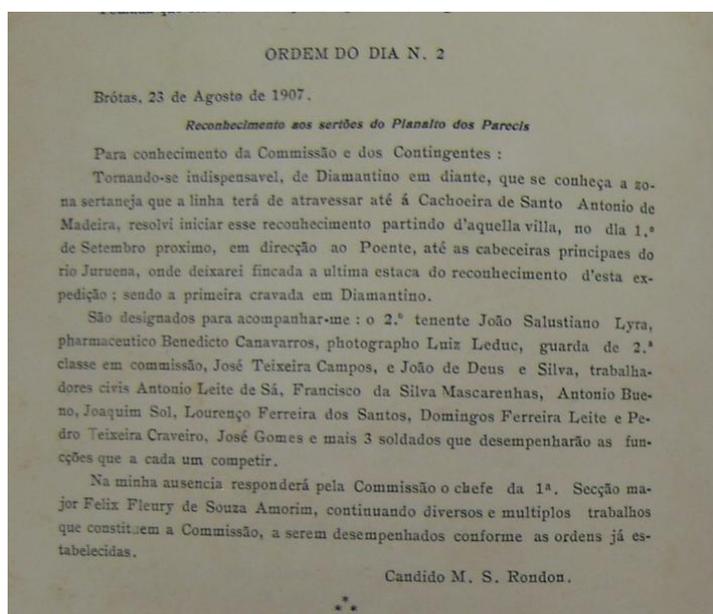


Fig. 92 - Ordem do dia nº 2 Fonte: RONDON, 1915, p. 44.

³² Toque militar, normalmente soado por uma corneta, que indica o momento de parar as atividades e descansar em um quartel ou acampamento militar. Também é tocado em solenidades fúnebres de militares, principalmente mortos em serviço.

³³ Documento onde são escritas as ordens para cumprimento de uma determinada missão.

O ponto de partida foi a cidade de Diamantino, que dista de Cuiabá 184 quilômetros. A Comissão foi dividida em três etapas.

Para se entender a presente descrição foi necessário se separar os trabalhos da Comissão Rondon em duas partes: uma constituída por assuntos relativos aos reconhecimentos e explorações e outra pelos que se referem à construção das linhas telegráficas. Na realidade, porém, essas duas séries de operações se desenvolveram simultaneamente e Rondon empregou esforços para conseguir que a fixação dos postes e o esticamento dos fios acompanhassem a exploração da área tão de perto que ambas tarefas terminaram quase ao mesmo tempo. Este resultado, porém, não pôde, nem poderia ser obtido, em vista das colossais dificuldades resultantes do concurso de numerosos fatores, uns previstos, outros, porém, surgidos de repente e em ocasião em que nada os indicava.

3.2.1 Expedições de reconhecimento e exploração

A expedição de reconhecimento é o primeiro passo quando se deseja construir em um terreno desconhecido. Segundo Magalhães: “Technicamente, o reconhecimento é a primeira operação de engenharia, quando se trata de construção de estrada de ferro ou de rodagem e de linhas telegraphicas, através de zonas de topographia desconhecida” (MAGALHÃES, 1941, p.248).

O objetivo do reconhecimento é o exame rápido do terreno, “cujo levantamento é feito então por processos expeditos, acompanhados de nivelamento em que se utilizam os barômetros aneróides”. (idem, p. 248).

Após o reconhecimento, desenham-se os respectivos caminhamentos com a utilização de mapas da região, se por acaso houver e segue-se a exploração, que aplica “processos mais rigorosos” e se preocupa em fornecer os elementos básicos para o projeto de construção que se deseja e que será aplicado ao terreno (locação) com as modificações que se impuserem (variantes) durante a fase final dos trabalhos. (MAGALHÃES, 1941)

3.2.1.1 Exploração do Rio Juruena

No dia 02 de setembro de 1907, iniciou-se a primeira etapa da expedição, rumo noroeste, após quatro dias de observações do sol e de estrelas, para as determinações geográficas da Vila do Rosário. No dia 7 de setembro, no Chapadão

dos Parecis, seguiu-se até a cabeceira Kagado (Uazúliá-tiá-suê) afluente do Rio Água-Verde ou Anhaunazá dos Parecis. Ali mesmo entraram em contato com os índios da tribo Parecis, e ocorreu um evento, o cacique Henrique Locuierê, hasteou o pavilhão nacional no dia 7 de setembro, na presença dos seringueiros do lugar e também de um grupo de índios de outra tribo. (RONDON, 1915, p. 45).



Fig. 93 – Primeiro acampamento após a partida de Cuiabá no dia 7 de setembro de 1907. (RONDON, 1907, p. 44)

Nesse ponto tomaram o primeiro guia, o índio Pareci Zavadá-issú a quem Rondon presenteou com uma espingarda e dando para os outros índios vários outros presentes, que era um costume de Rondon. (*idem*, p. 45).



Fig. 94 – Rondon distribuindo presente aos índios. Fonte: RONDON, 1915, p.49.

Percorreram 43 quilômetros e chegaram à cabeceira do Rio dos veados. No dia 19 de setembro alcançaram a Aldeia Queimada. A 3 de outubro Rondon se encontrava no Salto do Utairiti do Rio Saueru-iná, de uma altura de 80 metros, esta queda d'água fornecia um volume d'água de 80.000 metros cúbicos por segundo. Esse salto recebeu esse nome de Rondon, pois ele fez alusão a um pequeno gavião que os índios Parecis consideravam sagrado.



Fig. 95 - As águas do Rio Papagaio despencam de quase 100 metros no salto de Utairiti, no Mato Grosso. Foto de Felipe Varanda.
Fonte: <http://viajeaqui.abril.com.br/national-geographic/edicao-110/fotos/marechal-rondon-450584.shtml?foto=0p>

A 10 de outubro a expedição se encontrava a 607 quilômetros de Cuiabá. Deixava os domínios dos índios Parecis e entrava no território dos Nambiquaras. Desse ponto em diante tudo era incerteza, pois até aquele ponto a expedição caminhava com facilidade, tendo em vista que vinha utilizando as trilhas dos índios Parecis e, além disso, os índios Nambiquaras eram poucos conhecidos da civilização. (SENADO FEDERAL, 2003, p.55)

A localização do Rio Juruena foi uma verdadeira odisséia, pois nenhuma informação concreta se tinha deste rio. O Rio Juruena representava o principal ponto

de apoio para as operações futuras, pois permitiria a busca de um caminho para o Rio Madeira. Era, pois, de fundamental importância a descoberta desse rio para a Comissão. Existe uma matéria publicada no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro em 1915, republicado nas Edições do Senado Federal em 2003, que diz o seguinte:

Relativamente ao rio Juruena, cujo descobrimento vamos descrever, havia apenas algumas vagas e antigas indicações escritas. Entre estas figuram as que se encontram na obra do Visconde de Taunay, intitulada *A cidade de Mato Grosso*. As cartas geográficas que se relacionam com a região onde ele devia existir eram documentos de apoucado valor científico, reprodução de cópias de trabalhos cartográficos dos tempos coloniais. Documentos mais recentes não se encontravam porque raríssimas eram as pessoas que se podiam jactar de ter atingido as paragens sulcadas pelo grande rio, paragens que se acreditava estarem povoadas de índios ferozes e antropófagos, aos quais se imputava a responsabilidade do desaparecimento dos poucos exploradores de seringais que haviam ousado penetrar na direção daqueles sertões. (RONDON *apud* EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL, 2003, p.53)

Muitas buscas foram feitas e após muita procura, seguindo várias direções, finalmente o Rio Juruena foi encontrado. Rondon descreveu esse momento no primeiro volume do seu relatório geral:

Foi no dia 20 de outubro (1907) que chegamos ao Juruena. O nosso último acampamento instalou-se na tapera de índios que Uazacuririgaçu declarou ser uma ruína pareci que tivera o nome de Zocuriú-u-iná. Às 7 da manhã partimos, com o pessoal de exploração, para a frente; atravessamos um extenso cerrado de mangabal e descemos para grande baixada, prenunciadora de mudança de terreno.

Essa baixada conduziu-nos a nova escarpa, cuja vista tirou a coragem aos nossos cansados companheiros e nos causou tristeza pela perspectiva de mais lutas com a vastidão dos sertões.

Eu, porém, quis ver de mais alto esse horizonte pardacento da região xerófito; e de uma elevada sucupira, fiz improvisado observatório. O que vi, causou-me surpresa e contentamento. Surpresa, porque devia mudar o meu rumo de 110º para 40º e depois para 60º; contentamento, porque nessa direção se pronunciava, escuro, lá embaixo atravessando o cerradão, o vale do Juruena. (RONDON *apud* EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL, 2003, pp. 61, 62)

Na fotografia a seguir, pode-se observar os oitos homens que voltaram do Juruena. Os três primeiros, da esquerda para a direita, eram militares, uma vez que se utilizavam de armas e uniformes. Os outros cinco provavelmente são civis contratados na região para trabalhar na comissão.



Fig. 96 – Os primeiros homens da expedição que viram o Rio Juruena.
 Fonte: RONDON, 1915, p. 51.

Rondon teve que terminar essa primeira etapa de trabalho receando entrar em conflito direto com os índios. Ele próprio foi alvejado junto com outros companheiros:

Súbito, sinto no rosto um sopro e vislumbro um vulto, rápido e fugaz como o dum passarinho que me cruzasse o caminho à altura dos olhos e bem próximo de mim. Num movimento instintivo, acompanhei-o com a vista, para a direita, e o que vi foi não um passarinho, mas a choupa ereta e vibrante duma flecha, com a ponta embebida no solo arenoso; tinha errado o alvo...

Tudo isto aconteceu no mesmo instante, não como fatos sucessivos, mas simultâneos. Os meus companheiros, só depois de tudo terminado, puderam dar conta do que se passava.

Também Domingos havia sido alvejado por duas flechas, e contra mim, além das duas a que já me referi, foi atirada terceira, pelo guerreiro que vi à minha direita, no momento em que eu dava o segundo tiro. Essa vinha-me direto ao peito; não sei por que acaso, a sua ponta insinuou-se num furo da bandoleira de couro da espingarda, e aí ficou engastada. (RONDON *apud* EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL, 2003, p. 63, 64)

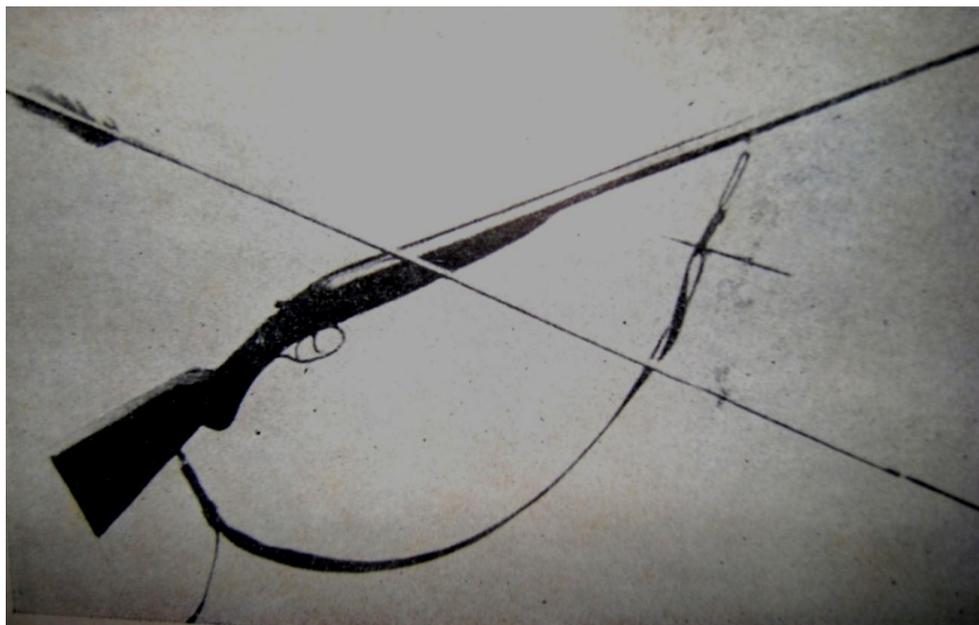


Fig. 97 - Esta espingarda com a bandoleira e a flecha, fazem parte do acervo do Museu Nacional. Fonte: VIVEIROS, 1969, p. 230.

Rondon terminou o seu relatório, referente à primeira parte da exploração, descrevendo minuciosamente a flora e a fauna da região. Relatou que de Diamantino ao chapadão dos Parecis, a vegetação ia se transformando, mudando do aspecto de campos cerrados e caapões para uma facha de verdadeira mata virgem, estendendo-se para oeste. Depois dessa facha, a vegetação que se apresentava era novamente uma e extensa mata virgem no vale de Sant'anna.

Abaixo dessa facha, do Paraguai ao Guaporé, ficava outra mata extensa onde vegeta a poaya, e por este motivo nomeou este vale, de Mata da Poaya. Abandonando esse itinerário e buscando o chapadão pelo vale do Sepotuba, o que se transpunham era extensos taboleiros onde abundavam o sapé e a samambaia, entre grandes troncos carbonizados de árvores queimadas pelos bandeirantes e índios que por ali passaram. Os taboleiros eram povoados de arbustos, predominando a palmeira açule indayá e o tucum do chapadão. Apareciam também alguns pés de almecega Ana, fruto de veado, a jaboticabeira (*myrtacea*) e o cajui (*Anacardium humile* Mart.). Nas matas das cabeceiras e rios, eram comuns as seringueiras (*Hevea*) de que os seringueiros distinguiam três variedades: a *seringueira branca*, a *roxa* e a *casca de jatobá*. A região que mais possui seringueiras na chapada Tapirapoã era a fazenda dos Afonsos e nos Parecis era o Barracão dos Três Jacús, com 24 feitorias com uma safra anual de cerca de 25.000 quilos.

Nas margens do Rio Saueruiná, estendendo até o Rio Madeira, aparecia uma vegetação característica dessa região, conhecida em Mato Grosso pelo nome de *charravascal* ou *chavascal*, pertencente à família das *xerophilas* que é bastante parecida com os tipos que na Argentina denominam *espinhal*, no México e Texas *chaparral*, na Austrália *scrub* e no sul da África *brusch*. Tratava-se de uma vegetação baixa, possuindo cerca de três metros de altura, composta na sua maior parte de uma leguminosa de flor amarela, de tronco fino, reto e duro. A região do Chavascal possuía uma densidade de vegetação que a tornava impenetrável, até mesmo para os índios que eram conhecedores da região. No Rio Juruena eram comuns serem encontrados a bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.), o cumaru (*Dipterix oppositifolia*), *tocary do campo*, a mangaba, *ananaz bravo*. (RONDON, 1915, p. 64, 65, 66)

A fauna era bem pobre nessa região. Rondon relatou que dos primatas, apenas apareceu o coatá (*Atéles paniscus*). Nas matas do Rio Jaurú, encontraram o carajá ou bugio negro (*C. elegans* e *Mycettes carajá*). Apareceu o jupará (*Potus flavus*), os *coatís* (*Nasua nasua*), além de gatos selvagens e lobos. Dos veados encontraram uma espécie pequena chamado de veado negro. As duas espécies de porcos do mato, comuns do Brasil, também aparecem ali. Os tatus que habitavam a região eram do tipo Canastra (*Dasyopus gigar*), e do tipo Peba (*D. villosus* e *D. Gymnurus*). Dentre os gambás que encontraram, os mais frequentes eram os das espécimes menores.

Com relação às aves encontradas nesta área, também eram em número reduzido, podendo-se dizer até uma região bastante precária. As aves que apareciam com relativa frequência eram o urubu-rei e o urubu-caçador. Aparecia também em um número maior o Utiairity (*Falco sparverius*), um pequeno gavião adorado pelos índios Parecis.



Fig. 98 – Gavião Utiarity Fonte: Relatório Conferências, 1922, p. 51.

A presa favorita do Utiarity era o Quatro-vezes-Um (*Taenioptera nengeta*) que passava os dias pousado nos cimos das lixeiras.

As andorinhas (*Cypsellus Chaetura*) ocultavam-se a noite nos saltos, sob os lençóis d'água que se despenhavam no abismo. Os cerrados eram os locais preferidos das jandaias (*Conurus*), que sempre estavam aos pares. No cerrado apareciam também as jacutingas (*Cumana jacutinga*), os jacús (*Penelope*), os papagaios (*Androglossa*) em contrapartida eram encontrados nos campos as perdizes. A aracuan (espécie menor) era comum habitar nas águas do Rio Papagaio. Apareciam muitos peixes da serra dos Parecis para o norte e o mais comum era a traíra (*Heplias malabaricus*). No Rio Juruena, encontrava-se o peixe pacú e no Rio Sacuriuná, além da matrinchan, existia também o surubi.

No mundo dos insetos eram muito comuns as abelhas de várias espécies. Os gafanhotos também eram abundantes nessa área, em virtude do solo arenoso e do clima ser quente. (RONDON, 1915, p. 67 e 68).

Como foi possível observar através dos relatórios, Rondon sempre se preocupou em descrever os aspectos naturais com o máximo de detalhamento.

A primeira etapa da Comissão Rondon terminou no dia 29 de novembro de 1907, momento em que a expedição chegou ao Rio Juruena.

3.2.1.2 Serra do Norte - A segunda etapa da expedição

A segunda etapa da expedição ocorreu a partir de 20 de julho de 1908, conforme a Ordem do dia nº 1. O ponto de partida correspondia ao ponto final da primeira etapa, o Rio Juruena. Partindo desse ponto, continuaram as instalações dos postos telegráficos. A tarefa da Comissão Rondon tornava-se cada vez mais árdua, à medida que adentravam na Selva Amazônica, e as dificuldades também cresciam.

Essa segunda expedição foi composta do seguinte efetivo: 1 engenheiro-chefe, 2 ajudantes (engenheiros), 2 auxiliares (engenheiros), 1 médico, 1 farmacêutico, 1 fotógrafo, 1 etnólogo e geógrafo, 1 comandante do contingente, 1 subalterno, 1 inspetor do telégrafo, 2 guarda-fios, 1 contingente de 30 praças, 1 comboio de 6 tropas com 30 tropeiros. Além deste pessoal, acompanharam a expedição até o Rio Juruena: 1 oficial e seu contingente de 52 praças. Ao todo eram 127 homens. Animais: 96 bois cargueiros, 50 burros de carga, 30 burros de sela, 6 cavalos para o serviço de gado e 20 bois de corte.(RONDON, 1915, p. 74)

Esse grande número de componentes deveria mover-se em sertão bruto, uma região sem caminhos, sem quaisquer recursos a que o homem civilizado viesse a necessitar em uma eventualidade. Rondon tinha a preocupação de que poderia haver um ataque dos índios, uma vez que os índios já os haviam atacado no ano anterior, e uma vez retornando a região os índios poderiam investir contra eles novamente e por isso, por precaução aumentou o contingente.

Buscando ganhar tempo e para ter maior agilidade na abertura de caminhos em meio à densa selva, Rondon deslocou um número maior de pessoas da comissão para esta função. No entanto, esse não foi o único problema de Rondon, pois alguns membros da comissão sofreram com as doenças endêmicas da região, principalmente a malária.

Com a finalidade de fazer uma boa política de vizinhança, Rondon levou muitos brindes para os índios: machados, foices, facões e facas, lenços de cores vivas, contas e missangas, espelhos, e outros objetos. Com esses objetos, Rondon esperava conseguir dos donos da terra, consentimento para a sua marcha pelos seus territórios e com isto evitar confrontos com os índios.

A expedição partiu do Porto de Tapirapoan em 20 de julho de 1908. De Tapirapoan até Aldeia Queimada levaram 3 dias de viagem. No dia 29 de julho a expedição exploradora partiu de Aldeia Queimada.

A rotina nos acampamentos era bem intensa até as oito horas da noite, por isso, até essa hora, não era necessário estabelecer o serviço de sentinelas.

O nosso gramophone, desde a chegada do comboio até ao toque do silencio, repetia as peças mais notáveis da incomparável flauta de Patapio, os cantos avelludados de Caruzo, e as marchas marciais do Corpo de Bombeiros e da Brigada Policial do Rio de Janeiro. Após o que o acampamento da Expedição silenciava, de dez em dez minutos chamando pelos companheiros, mantendo-os na necessária alerta, garantidora do somno ao resto dos expedicionários (Rondon, relatório volume 1, p.144)



Fig. 99 – Gramofone usado nas expedições da Comissão Rondon.

Foto: Acervo do autor. Peça exibida na exposição: Um homem chamado Rondon. Realizada entre 13 de abril a 14 de maio de 2010 no Arquivo Histórico Nacional.

Após o jantar, desde o segundo acampamento, o comandante do contingente e do comboio, escalava a guarda do acampamento. Ela era composta de 16 homens e era estabelecida da seguinte forma: em cada vértice do quadrilátero postava-se um soldado, tropeiro ou vaqueiro, conforme a escala. As sentinelas se revezavam de

8 horas da noite até as 4 horas da madrugada. Em torno da fogueira do acampamento, iam se agrupando os oficiais e empregados que constituíam o estado-maior da chefia³⁴. Era a luz da fogueira que jantavam, pois as refeições na maior parte das vezes eram feitas a noite. Às 4 horas da manhã a movimentação voltava ao acampamento. Todos os expedicionários despertavam ao som do clarim e das cornetas. (RONDON, 1915, p. 88)



Fig. 100 – Cabeceira Comemoração de Floriano. Fonte: (RONDON, 1915, p.199)

Rondon fazia questão de dar o exemplo para os seus comandados e quando cobrava dos seus subordinados já tinha conhecimento do que os seus homens eram capazes ou não de fazer. Era sempre o último a dormir e o primeiro a acordar. Amílcar Botelho de Magalhães, seu ajudante de ordem, comentou essas virtudes:

Além de se contentar com porções mínimas de alimento, o que mais me admirava, quando observava os hábitos do General Rondon, nos acampamentos, era justamente o pequeno número de horas com que satisfazia a necessidade de dormir. Ele era o último que se recolhia à barraca e o primeiro que se levantava! Algumas vezes em que me levantei antes do toque da alvorada, pelas 4 horas da madrugada, ao dar-lhe o bom dia, verifiquei que, à luz mortiça de uma vela ordinária, havia ele já escrito, na sua mesa de campanha, dezenas de telegramas de serviço e as longas cartas diárias que redigia à sua estremecida família. E estava já fardado de

³⁴ O estado-maior é um grupo de oficiais que assessoram um comandante no planejamento e no controle de execução de operações militares. (Dicionário Aurélio da língua portuguesa, 1977, p. 228)

cáqui, tinha a barba feita a “Gillette” (fazia-a no escuro, sem espelho, caminhando de um lado para outro da barraca) e tomara mais cedo ainda o seu infalível banho da madrugada, no rio ou no córrego mais próximo do acampamento. (MAGALHÃES, 1929, p. 42-43).

Magalhães acrescentou ainda que Rondon também não dispensava o ritual militar e o hasteamento da bandeira nacional:

Através de tudo o que vi e que irei aos poucos referindo, guardo até hoje com veneração as impressões da sinceridade e do entusiasmo com que Rondon, sistematicamente, prestava culto ao Pavilhão Nacional. Para o local do acampamento não era só indispensável à água corrente, mas, com igual força de necessidade palpitante, o mastro da bandeira!... ao primeiro clarão do dia, ao som dos clarins ou das cornetas, erguia-se lentamente a Bandeira pelo mastro rústico, ereto e linheiro (refere-se à árvore linheira de onde se fazia o mastro da bandeira após descascá-la), em presença do chefe, dos oficiais e do contingente militar. (AMILCAR BOTELHO DE MAGALHÃES *apud* SODRÉ, 1959, p. 257).



Fig. 101 – Imagem mostrando a comemoração do acampamento no dia 19 de Novembro, Dia da Bandeira. É neste dia em que se presta homenagem ao pavilhão nacional, pois essa foi a data de instituição da bandeira nacional republicana, no ano de 1889.

Fonte: acervo Arquivo Histórico do Exército.

Após a alvorada, o toque de rancho anunciava a 1ª refeição do dia. Em seguida os tropeiros se moviam e se guiavam por um novo toque, o de pegar animais. Cada encarregado de tropa e os seus tocadores, munidos das cordas, tratavam de pegar os bois do seu lote. Depois de atar todos os bois as estacas de cada lote, a corneta dava o toque de desarmar barracas e encilhar, em seguida eram os bois arreados, começando os trabalhos de preparar as cargas para

carregamento das tropas. Às 5 horas da manhã, o toque de rancho dava o alarme da marcha e lá iam eles, por “caminhos nunca antes penetrados”. (RONDON, 1915, p. 89)



Fig. 102 - Rondon com nativos – Comissão Rondon. Fonte: Povos indígenas no Brasil – disponível em: http://img.socioambiental.org/d/235920-1/tiriyo_6.jp

No dia dois de agosto chegaram ao Rio Papagaio. No ponto em que o atingiram, as dimensões eram de 15 metros de largura, 3 metros de profundidade e a velocidade de corrente de 1 metro por segundo. A sua descarga foi calculada em 16 metros cúbicos. (*idem*, p. 91)

Constantemente, a comissão era atacada por tribos indígenas que ainda não haviam tido contacto com a civilização. Vencendo todas as dificuldades, no dia 3 de novembro de 1908, a Comissão Rondon chegou à Serra Negra. Foi o fim de mais uma etapa das instalações de linhas telegráficas, entretanto, não estava encerrada a missão.

3.2.1.3 Território dos Nambiquaras

A terceira e última etapa foi iniciada no dia 2 junho de 1909, a partir de Serra Negra. O Rio Juruena separava o território dos índios Pareceis e dos índios Nambiquaras. O território dos Parecis ia até esse limite já as terras dos Nambiquaras

iam até a margem do Rio Papagaio. A região entre esses dois rios, parecia ser um território neutro para as duas tribos. (RONDON, 1915, p. 93)

Os Nambiquaras eram considerados como um povo guerreiro, porém, pouco se conhecia dos seus costumes. Foi nesse território que a expedição começou a entrar a partir desse ponto. A primeira dificuldade que apareceu foi à passagem do Rio Papagaio e fez-se necessário iniciar a construção de uma ponte. Ao atravessar o rio, novo obstáculo surgiu. Pelo lado direito do curso do rio havia um matagal, e por este motivo foi preciso abrir um caminho na mata e a solução encontrada foi cortar na esquerda uma pequena elevação para acomodar os animais. Nesse local foi montado o 4º acampamento. (*idem*, p. 94)

A expedição seguiu realizando seu trabalho de exploração. Para a alimentação os expedicionários se utilizavam da caça da região, como por exemplo perdizes e veados, melhorando a culinária do acampamento.

No segundo dia de jornada estavam na latitude 14º, 11', 2" e longitude aproximadamente ao oeste do Rio de Janeiro de 15º, 42'. Neste ponto deixaram em uma árvore, convenientemente lavrada, a seguinte inscrição: "C.L.T.E.M.G.A. Saueruina, 25 de agosto de 1910. K. 86". (*ibidem*, p. 97)

No dia cinco, após percorrerem 19 quilômetros de chapadão, chegaram ao Rio Zolaharuina ou Rio Burity. A partir daí começou o chapadão quase plano, com largura de 5 quilômetros e ia aumentando lentamente até atingir uma altitude de 665 metros de altura. Por este caminho chegava-se ao vale do Zolaharuina. (*ibidem*, p.97)

Tão logo se estabeleceram nas novas terras os responsáveis por procurar alimentos saíram para caçar e retornaram à tarde com 3 perdizes e 3 veados e pela primeira vez trouxeram palmito da guarirora do campo. Rondon aproveitou e descreveu em detalhes o vegetal. (*ibidem*, p. 98)

A verdadeira guarirora tem por habitat as mattas altas – e não vive em qualquer d'ellas – É muito commum em Goyas em quase todas as suas mattas principalmente nas das Palmeiras, Guarirova, Lambary e Rio Claro. Vive também em Matto Grosso, nas mattas dos valles dos rios das Garças, alto S. Lourenço e das Mortes. A espécie de que tratamos, tem por habitat principalmente o planalto central, onde é encontrada desde S.Paulo até Matto Grosso. Não obstante essa particularidade ella existe em alguns campos de baixada, como nos campos baixos da cidade de Matto Grosso; é exuberante e abundantemente nos arredores desta cidade, entre os rios Guaporé e Sararé. (RONDON, 1915, p. 98)

Finalmente no dia sete, terminaram a ponte, que ficou com as dimensões de 13 metros de comprimento por três de largura, composta por três vãos, sendo o do centro maior.

À tarde o grupamento reuniu os animais e prosseguiram a marcha. Alguns animais não conseguiram seguir adiante e tiveram que ser deixados para trás. Rondon mandou fazer outro marco e deixou escrito neste local: “C.L.T.E.M.G.A.K. 106 – Zolaháruiná, 5 – VIII – 1908”.

Seguiram no dia oito para Ozalalô, após o 5º acampamento. Neste momento já tinham perdido uma quantidade significativa de animais, 13 burros e 22 bois. O comboio seguiu em busca do pouso da Água Quente para armar o 6º acampamento. (RONDON, 1915, p.100)

Após reorganizar o comboio, Rondon escreveu em outra árvore a descrição da comissão no quilômetro 133, no dia 8 de agosto de 1908, seguindo agora o rumo 42º noroeste em direção a nascente da Sauêuiná-suê. O caminhamento passou a ser feito pelo passômetro³⁵. (*idem*, p. 103)

No dia 10 de agosto, ergueram o 7º acampamento, no quilômetro 142. Após 18 quilômetros de caminhada, chegaram ao local onde foi montado o 8º acampamento. Neste local o que encontraram para alimentação foi bem mais variado, pois a fauna era mais rica, possuía veados, emas, seriemas, papagaios, etc. Rondon impressionou-se com um tipo de pássaro.

Foi ahi que, pela primeira vez, conheci a maxalalagá, já referida. Tem o porte de um massabarro; bico alongado qual o da saracura, com a parte superior parda-escura e a inferior verdoenga; pernas vermelhas e relativamente compridas com dedos alongados, as pennas das costas ferrugíneas com pintas brancas, as do peito mais claras; rabo muito curto; anda aos casaes. (*ibidem*, p. 105)

No dia treze, marcharam para a região conhecida como Pouso da Frente. O último ponto que era conhecido pelo índio Tolôirí, o guia Parecí. Dalí em diante, teriam que cortar rumo à posição que alcançaram em 1907, a margem direita do Rio Juruena. O Pouso foi atingindo com cerca de 19 quilômetros de marcha. Os Parecis chamam esse lugar de Tivôe-suê, cuja tradução literal quer dizer: Cabeceira da Arara Amarela. O guia o chamava: *Fuquinha de Barracão* (*ibidem*, p.105)

³⁵ É uma maneira de medir distâncias. Mede-se inicialmente o passo de um homem e depois conta-se quantos passos ele caminhou, multiplicando o número de passos pela medida desse passo.

Dia 14, o índio Tolôirí fez um reconhecimento de grande extensão e encontrou sinais dos índios Nambiquaras. Rondon consultou-o sobre o melhor rumo a seguir, o qual respondeu com um gracejo: “Até aqui Tolôirí sabe *mêmo* para adiante só *ocê* sabe *mêmo*” (RONDON, 1915, p. 107). Estavam em pleno território dos Nambiquaras. Os sentinelas foram alertados para dobrarem a atenção e ficarem em alerta máximo. “Os expedicionários pouco dormiam. Muitos nos contaram ter ouvido, alta noite, rumo do sol poente, sons parecidos com as das flautas dos índios, provenientes talvez de algum aldeamento estabelecido para essa banda.” (diários de Rondon dos dias 24 e 25 de agosto de 1908). Os soldados estavam apavorados pelas histórias que ouviam a respeito dos índios dessa região, principalmente dos lendários Nhambiquaras.

O que teria passado pelo espírito dos nossos soldados e tropeiros, cercados, nestes ermos, de indícios e vestígios dos Nhambiquaras, nome que só por si basta para arrebatrar as almas, mesmo as mais frias, às regiões povoadas de cenas pavorosas de antropofagia, de que andam cheias as lendas secularmente entretidas em torno desta nação de silvícolas?! Imaginaram decerto, a tribo reunida em festa solene, no meio de ritos evocativos de influencia misteriosas e perversas; os anciões e as velhas, proferindo imprecações de maldição, votavam o atrevido troço de invasores às fúrias vingativas de demônios protetores das florestas e do povo Nhambiquara e, antegozando os prazeres do infando banquete, apressavam os preparativos para o sacrifício dos míseros prisioneiros. (Diários de Rondon dos dias 24 e 25 de agosto de 1908)

O medo era maior do que o cansaço e os pobres homens, tão necessitados de se refazerem das canseiras do incessante trabalhar destes últimos dias, “passaram a noite inteira a lutar contra os espectros criados em sua imaginação por aqueles sons que lhes pareciam ser flautas indígenas.” (Diários de Rondon dos dias 24 e 25 de agosto de 1908)

Às 11:30 h do dia 26 de outubro, chegaram à margem direita do Rio Juruena. Conseguiram percorrer até então, com 29 dias depois da partida de Aldeia Queimada, 272 quilômetros e 311 metros abertos a golpes de machados para a passagem do enorme comboio e ainda construindo pontes, estivando atoleiros, explorando o terreno e determinaram 29 posições geográficas, com o levantamento topográfico de todo o caminho percorrido e suas observações astronômicas para determinação das coordenadas geográficas, com sua latitude e longitude. (RONDON, 1915, p. 126 e 127)

Aconteceu, enfim, o inevitável. A expedição foi atacada por índios.

Compreendi imediatamente tratar-se de ataque dos índios; e, assim como estava, corri para onde se achavam os praças, recommendando que não corressem nem gritassem. Encontrei um anspeçada na frente, arrastando toda a massa que corria dasabridamente, sem armas, gritando: “*uma cabocla me flexou!*”. Tudo não passou de medo horroroso. Cheguei até próximo dos índios, completamente desarmado, e só então resolvi retroceder para reunir o pessoal e no lugar da emboscada investigar do acontecimento. Dado o toque de reunir todo o pessoal formou-se e então marchei para o local do ataque. Lá encontramos quatro flechas afincadas no chão por entre o taquarisal existente, na borda da matta, de onde os índios fizeram a emboscada. (RONDON, 1915, p. 127, 128)

Os soldados não se acalmavam e Rondon precisou mais do que palavras para convencê-los de que a situação estava sobre controle.

Querendo mostrar aos soldados que os índios já ali não estavam, fiz os cães entrarem na matta e, para mais os açular, dei um tiro com a minha espingarda de caça. Mas o estado dos ânimos era tal que bastou isso para todos começarem a atirar convulsivamente; a custo ouviram a minha ordem, mandando cessar fogo. Entramos na matta para descobrir o rumo tomado pelos assaltantes em retirada; vimos, pelas batidas encontradas em diferentes sentidos, que eles tinham vindo em grupo bastante numeroso e que, à volta, muitos se haviam atirado ao rio, atravessando-o a nado. (idem, p. 128)

Rondon usou uma estratégia bem simples para provar aos soldados que os pontos escuros do outro lado do rio eram índios e não ranchos velhos.

Quando aí chegamos, avistei do outro lado, a um quilometro, mais ou menos, pontos escuros que me pareceram índios agachados. Os meus companheiros, no entanto, afirmaram que eram ranchos velhos, de algum aldeamento provisório. Para tirarmos uma prova decisiva, tomei a minha clavina e dei um tiro naquela direção, com pontaria elevada; foi quanto bastou para se repetir à cena anterior: novas descargas romperam de todos os lados, à louca. (*ibidem*, p. 128)

No dia 7 de setembro Rondon foi cumprimentado pelo fotógrafo da expedição pela sua promoção ao posto de tenente-coronel, ocorrida no dia 5 de agosto. Rondon não esperava por esta promoção e assim se referiu a este fato falando aos seus companheiros:

Foi verdadeira surpresa, pois, longe estava de pensar houvesse alguém ocupado com a sorte dos internados no mais recôndito sertão do Brasil, em luta pela pátria, occultos na distancia e no tempo, ás vistas dos que dirigiam a sorte da Nação. Tive também gratissima nova da promoção dos meus distintos ajudantes Senna Braga, Marciano Avila, Renato Barbosa, Nicoláu Bueno e outros camaradas que mais do que eu mereciam (*ibidem*, p. 134)

Esse dia foi mesmo cheio de emoções para Rondon. Junto com os telegramas de chefes, camaradas e amigos, estava o da sua esposa. Rondon em um momento raro referiu-se a ela em seu relatório:

Companheira desolada da minha vida accidentada e principal collaboradora de tudo quanto tenho feito pelos serviços públicos da minha Pátria. Era justíssima a alegria dessa alma cândida, formada de resignação que ameaçaram; de bondade e doçura; tantas vezes acabrunhada pelos perigos que ameaçaram a existência do seu humilde companheiro, no sertão longínquo á que se devotou pela sua terra natal! Foi grande a emoção que experimentei, ao ler aquelle telegramma, ao mesmo tempo em que me extasiava com os retratos que então recebia da minha família. (RONDON, 1915, p. 134, 135)



Fig. 103 – Rondon em acampamento não identificado, com foto de sua família à mesa.
Fonte: Arquivo museu do Índio.

No dia seguinte houve uma atividade de reconhecimento, um pequeno grupo formado por Rondon, seu ajudante Tenente Lyra, o etnógrafo Karl Carnier, que chegou no dia anterior com parte do comboio e ainda fazendo parte do grupo sete outras pessoas, foram para examinar uma aldeia de índios Nambiquaras. Esta aldeia havia sido descoberta pelos dois caciques Parecis Tolôiri e João Carlos. Com mais de 3.150 metros ao norte, chegaram à referida aldeia, que se situava em uma esplanada de um cerradão. A aldeia possuía um pátio bastante limpo composto por alva areia e pelo lado do norte um rancho grande de aspecto velho, área que era a dominante. Ao noroeste desse rancho e na periferia do pátio existiam três ranchos menores com forma de uma calota esférica.

As observações na aldeia foram grandes, Rondon e seu grupo verificaram que em um destes ranchos havia cinquenta flautas e três cabaças embutidas na ponta de um cano de taquara, instrumentos esses empregados nas suas festas e cerimônias religiosas. Os dois outros tinham a finalidade dar moradia a algumas famílias. Circundando o pátio, viam-se mais 14 ranchos abertos, no formato de setores esféricos, onde viviam naturalmente, os índios que se destinam a guardar a aldeia e manter a tranquilidade das famílias que constituíam a tribo. Encontraram também sementes de fumo, sabugos de milho, e restos de mandiocas. Viram ainda, plantados em redor do pátio, mamona, algodão, mangabeiras, urucum, fumo e outras plantas silvestres. Perceberam ainda, uma grande quantidade de cestos, pontas de flechas, penas de aves, restos de biju, pedaço de carne assada de anta, ossos de diversas caças e peixes, machados de pedras estragados, pedaços de panelas, mostrando que sua cerâmica é rudimentar. Concluíram que os Nambiquaras faziam suas panelas misturando barro, a cinza de Uhissa, pó de pedra e minério de ferro. (RONDON, 1915, p.135).

Havia grande respeito com os objetos que viam e que eram de propriedade dos índios, Rondon não permitia que levassem qualquer peça pertencente aos índios:

Mantínhamos o maior respeito á tudo que encontrávamos; o nosso escrúpulo era de tal natureza que não consentíamos que se levasse , dos aldeamentos que atravessávamos, a menor peça ethnographica, o que causou ao nosso ethnographo Karl Carnier, a melhor impressão, apesar de determinar-lhe o maior pezar. Apenas photographámos os artefactos encontrados. (*idem*, p.144)

Havia a preocupação de Rondon em preservar a memória e os costumes indígenas bem como os estudos científicos, mas o respeito a propriedade dos índios foi maior, lamentou não poder levar as peças encontradas para o Museu Nacional.

De certo que desejaríamos, por troca, obter tão valiosos exemplares ethnographicos para o nosso **Museu Nacional**. Mas, isso nos foi vedado, porque os índios nunca quiseram nos receber. Abandonavam os seus aldeamentos antes de nossa chegada. Por nossa vez não os procuramos, com fundo receio de sermos mal recebidos. (grifo do autor) (*ibidem*, p. 144)



Fig. 104 – Aldeia de índio Nambiquara. Planalto dos Parecis. Fonte: Expedição de 1908 (RONDON, 1915, p.138)

No dia sete de setembro foi inaugurado o destacamento do Rio Juruena composto de 52 praças, comandados por um oficial, o 2º tenente José Joaquim Teixeira da Silva. Foi publicada a Ordem do Dia nº 2 com as ordens de Rondon.

Estavam a 667 quilômetros de Cuiabá e no dia 9 de setembro continuava a expedição a sua marcha, aprofundando-se cada vez mais nos sertões inexplorados de Mato Grosso. As descobertas foram proveitosas, descobriram inúmeros rios que tiveram que atravessar em pelotas de couro³⁶ ou canoas construídas no local com os recursos disponíveis. Essas descobertas propiciaram a confecção da carta de Mato Grosso e regiões circunvizinhas, que sem dúvida foi a maior contribuição, em uma só empreitada, a geografia do Brasil.

³⁶ Utensílio feito com couro de boi, usado para atravessar homens e material através dos rios.



Fig. 105 – Passagem da carga em pelotas. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referência: P.0176-A 910.946.4-51,1

No dia 4 de outubro ao retornar ao acampamento, encontraram duas praças do destacamento do Rio Juruena, conduzindo correspondência do acampamento de construção. As praças estavam com um aspecto de grave sofrimento: esfarrapadas, sujas, magras e famintas. Estavam a 93 quilômetros da base de operações. As correspondências eram do acampamento de construção. Uma correspondência era do Tenente Alencarliense, que chegou ao Rio Juruena com o comboio de reforço. Alencarliense escreveu esclarecendo a situação: desde agosto as obras estavam paralisadas e os serviços desorganizados, o abastecimento de víveres não era feito, os homens desertavam em grandes turmas. A construção estava em crise e os dois ajudantes, capitães Braga e Avilla, pediam para Rondon retornar. (RONDON, 1915, p.151)

No dia 8 de outubro avistaram a Serra do Norte. Era uma serra formada por um abaixamento do terreno. Por isso todos os rios que ali tiveram origem, apresentavam o nível dos respectivos *talwegs*³⁷ inferior aos outros rios que corriam sobre o grande chapadão anterior. (*idem*, p. 161)

³⁷ A palavra Talweg é de origem alemã que significa "Caminho do Vale". Na geografia é a linha formada pela intersecção das duas superfícies formadoras das vertentes de

No dia 12 de outubro a expedição comemorou o dia em que o navegador Cristóvão Colombo descobriu o continente americano no ano de 1492. Rondon publicou uma ordem do dia explicando o motivo da decisão de dar por finda a expedição e conseqüentemente a ordem de retirada.

Rondon demonstrou que não ficou satisfeito com o rumo que tomou a missão, pois na ordem do dia, elogiou a todos os participantes, excluído apenas os Tenentes Custódio Braga e Alencarliense. Provavelmente Rondon os responsabilizou pelo fracasso no acampamento de construção.

Registrou a mudança do nome do Rio Feio para 12 de outubro. Mandou levantar um marco com a seguinte inscrição: C.L.T.E.M.G.A. Kilometro 110. Último Acampamento 8-12-1908 (RONDON, 1915, p. 163)

Essa expedição foi a mais importante para o norte de Mato Grosso, futuro território de Rondônia, pois desbravou toda a sua área.

Em 1909, Rondon conseguiu inaugurar uma estrada para circulação de automóveis que mandou construir de Porto dos Bugres ao Salto da Felicidade. (SENADO FEDERAL, 2003, p. 98).



Fig. 106 – O automóvel no sertão. Fonte: Museu da imagem e do som de Cuiabá. Referência: P.0178-A 1920.946.4-119

Para a construção dessa estrada, Rondon contou com 42 homens e os trabalhos compreenderam 4 períodos:

- 1) Avançada continua até o último acampamento, na Serra do Norte, sem explorações até a localidade denominada Comemoração de Floriano;
- 2) Permanência em Comemoração de Floriano. Desfiladeiro dos Dois Índios, de 29 de junho a 20 de agosto para estudo do divisor das águas desta região;
- 3) Avançada contínua, com exploração, desde Desfiladeiro dos Dois Índios até à margem direita do rio denominado Pimenta Bueno (2º formador do Gy-Paraná);
- 4) Avançada contínua do Rio Pimenta Bueno no Madeira, com subdivisões do corpo expedicionário em três seções: descendo uma os Rios Pimenta Bueno e o Gy-Paraná, outra pelo Rio Jarú e Gy-Paraná e outra pelo Rio Juary.

No dia 4 de maio de 1909, finalmente partiu Rondon da localidade denominada Tapirapuã com destino ao Rio Juruena, acompanhado dos oficiais Wanderley e Lins. Fizeram uma parada no quilômetro 47 e chegaram ao destino previsto no dia 21. (RONDON, 1915, p. 186)

Em Juruena organizou o 5º Batalhão de Engenharia, que ficou incumbido da construção das linhas telegráficas de Cuiabá ao Acre e até a fronteira com a Bolívia. Este batalhão constituiu-se de 600 praças, dos quais 350 efetivos, empregados na construção da seção do sul e 250 adidas, trabalhando na do norte. (Missão Rondon, 2003, p.99)

Nesse período, Rondon ficou gravemente enfermo. “Afinal a febre não me deixa; desde 28 de abril que ela reaparece regularmente, todas as noites, não obstante os medicamentos tomados.” (Diário de Rondon de 7 de maio de 1909)

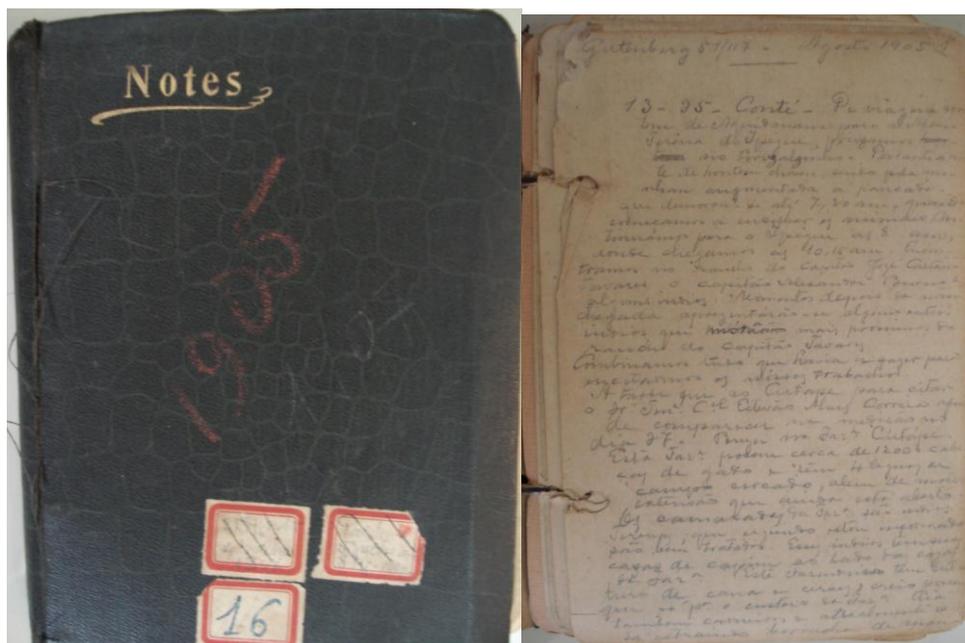


Fig. 107 – Caderneta onde Rondon escrevia as suas anotações (capa e interior).
 Fonte: Museu do Exército (Forte de Copacabana)

E acrescenta mais a frente no texto.

Malgrado os cuidados médicos, o meu estado continua a não inspirar confiança. O facultativo não me abandona, ele mesmo prepara e me ministra, com o maior desvelo, os remédios que receita. Mas é de esperar que a marcha para o norte e a satisfação de retomar a minha empresa venham auxiliar o efeito de todos os cuidados que me tem sido dispensados pelo Dr. Tanajura. (Diário de Rondon de 2 de junho de 1909)

Em 12 de maio, as 12:30 h, deixaram Timalati-sê e as 4:30 h chegaram ao Saueruina. Dia 13 deixaram Saueruina e pousaram no Zolaharuina, onde foram alcançados pelo Tenente Lyra, Dr. Tanajura e João Bosizio. No dia 20, as 21 h estavam no Juruena e ali encontraram o Tenente Lins, o geólogo Cícero Campos, Tenente Mello, Vilhena, o botânico Hoehne, o farmacêutico Canavarros, fazendeiro Francellino, Antonio, Celestino, Bartolomeu, Bellarmino e outros componentes da expedição. No dia 24, vindo do salto de Utiarity, se uniu ao grupo o zoólogo Alípio Miranda Ribeiro.



Fig. 108 – Resultado de uma caçada em Comemoração de Floriano. (sentado, de terno, Alípio Miranda Ribeiro; 3º sentado, Tenente Lyra; em pé, Rondon). Fonte: RONDON, 1915, p. 200.

O Dr. Cícero de Campos, componente da expedição adoeceu e Rondon deu ordens para ele regressar ao Rio de Janeiro a fim de se apresentar ao Diretor dos Telégrafos. No dia 30 chegou o último membro da expedição que faltava, o Tenente Amarante. Estava assim formado o grupo de cientista que iria fazer o levantamento científico da Comissão.

No dia 1º de junho, Rondon publicou a Ordem do Dia nº 1, onde constaram todas as orientações para a expedição. (idem, p. 188)



Fig. 109 – Rondon sempre homenageava os membros da sua Comissão. Esse local recebeu o nome de Porto Amarante, em homenagem ao Tenente Amarante. Fonte: Foto do Arquivo Histórico do Exército

Em dois de junho, em plena madrugada e ainda doente, Rondon questionou o sucesso da missão.

Uma rápida inspeção mental mostra-me nos elementos da minha Expedição boas probabilidades d'uma parte, falhas inevitáveis d'outra; não que eu não as previsse nem as procurasse eliminar, mas é que a dificuldade do sertão enorme, o sertão enorme, árido e inclemente, no dizimar as tropas de transporte, o gado de consumo – e apavorante pelo desconhecido, abatia o animo dos mais resistentes; e uma duvida, ainda que não pronunciada, se mostrava suspensa em todos os semblantes. Venceríamos? E'ra o que divisava em cada olhar; não havia entusiasmo por aquella partida de que todos fallavam esquivamente. Juruena, o éden dos Nhambiquaras, hoje quartel do 5º de engenharia, estava ainda mergulhado no somno; o clarim não reboava ainda pelos declives d'aquelle amplo valle de bacabas elegantes e frondoso cumbarús, as notas alegres da alvorada. Diário de Rondon – dia 2 de junho de 1909

Nem todos os expedicionários iriam partir naquele dia. O Tenente Lins, comandante do batalhão iria permanecer no local; o botânico Hohene voltaria para o

Sul; o farmacêutico Canavarros pediu licença; o encarregado do serviço meteorológico, Vilhena, também deveria permanecer em Juruena. (RONDON, 1915, p. 190).

Já nos primeiros dias de caminhada, a expedição teve um primeiro e tenso contato com os índios.

Marchando em linha de fila, penetramos na floresta; eu era o primeiro, o ultimo o zoólogo. Despreocupado, admirava a pujança d'aquellas arvores enormes, o emaranhado das lianas e do cerrado dos bambus quando em minha frente vi um grupo d'uns dez índios em marcha contra nós; vinham depressa e tão distraídos que só perto deram comnosco; então pararam e tomando a nossa esquerda afastaram-se desaparecendo com passo calmo entre as tacuaras. Estavam todos armados de grandes maços de flexas e o competente arco. E'ra natural que o encontro me fizesse abrir os coldres para a defeza, caso se lembrassem elles de segunda saudação como a que me haviam feito pela primeira vez que os vi. Mas longe de os agredir, parei a mula e chamei-os, accenando-lhes para que viessem.

“Venham todos, ouvi dizer logo à meu lado, venham , mas vejam bem que o Coronel está de mão no bolso...”

Não pude deixar de rir-me, voltando-me; era o zoólogo quem assim, junto a mim, se dirigia aos Nhambiquaras; disfarçadamente atraz da perna, pendia-lhe da mão direita, engatilhada, a sua formidável espingarda de 3 canos. (idem, p. 191)

Os índios pareciam não estarem com boas intenções. Afastaram-se, não querendo uma aproximação. Mas tarde Rondon descobriu que os mesmos índios estavam sondando o acampamento onde estavam alguns soldados doentes. (*ibidem*, p. 192)

Resolveram fundar nestes campos uma fazenda que deram o nome de Retiro do Veado Branco.

Prosseguimos, dividindo o corpo expedicionário, pois resolvi deixar já constituída a nossa invernada que denominei – Retiro do Veado Branco, em Campos Novos da Serra do Norte. Deixei com o encarregado d'esse 21 burros, 3 cavallos e material de bocca correspondente á carga dos bois que ficavam. Severiano tinha ordens especiaes no sentido de não hostilizar os índios e procurar attrahil-os, proceder no plantio de cereaes, mandioca e legumes mais necessários á alimentação; e logo que for possível retirar dos recursos da fazenda. Diários de Rondon de 20 de julho de 1909.

A intenção de Rondon era estabelecer uma posição estratégica com a fundação dessa fazenda. Escolheram um local de cabeceiras de excelentes águas e tinha o propósito de abastecer de cereais e gados todo o noroeste, até o Acre e o alto Amazonas. (SENADO FEDERAL, 2003, p. 10)



Fig. 110 – Construção do Retiro do Veado Branco. Fonte: RONDON, 1915, p. 195.

Partiram no dia 29 e conseguiram chegar ao Maciço dos Parecis, subindo pela escapa oriental da Serra do Norte. Acamparam numa nascente de uma cabeceira, que Rondon deu o nome de Comemoração de Floriano. Havia ali um emaranhado de cabeceiras, quase intransponível. Rondon resumiu assim as dificuldades encontradas nesse local:

Num espaço pequeníssimo, num ponto quase, encontramos cabeceiras de rios tributáveis de três grandes bacias, de direções bem diversas: a do Guaporé, a do Tapajó e a do suposto Jamari. Difícil era discernir a qual dessas bacias pertencia cada uma das cabeceiras que íamos descobrindo. Assim, por exemplo, um rio encontrado no dia 16 (de agosto) com 12 metros de largura, 0,50 metros de profundidade e velocidade média, por segundo, dum decímetro, subterrâneo em certos trechos e quase todo encachoeirado, mereceu o nome de rio da Dúvida (* rodapé) – porque ao Tenente Lira parecia que ele corria para o Guaporé, ao passo que a mim se afigurava como seno um dos formadores do Jamari, das nossas cartas” é, ao passo que a mim se afigurava como seno um dos formadores do Jamari, das nossas cartas” (SENADO FEDERAL, 2003, p. 102)



Fig. 111 - Cabeceira Comemoração de Floriano. Vista do acampamento. 29 de junho. Fonte: RONDON, 1915, p. 198.

Em 30 de junho Rondon recebeu uma correspondência informando a morte do Presidente da República, Afonso Pena. Rondon lamentou o ocorrido e escreveu no seu diário com profundo pesar.

Golpe mais profundo não poderiam estes trabalhos receber, pois com o desaparecimento desse Presidente, perde a Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas, o seu creador e o seu maior incentivador. A comissão cobre-se de luto por ver succumbir, na elevada cadeira da administração publica, o chefe que encarou com entusiasmo e coragem o problema do povoamento e ligação do Noroeste, ao centro da capital da republica. (Diário de Rondon de 30 de junho de 1909)

Em 2 de julho de 1909, Rondon recebeu uma carta do fotógrafo Luiz Leduc, que se encontrava na localidade do Retiro do Veado Branco, informando que o soldado Rosendo fora alvejado no peito por uma flecha dos índios Nambiquaras. Junto com a carta, recebeu também a ponta da flecha retirada do peito do soldado. (RONDON, 1915, p.199)

Depois de muito trabalho, num período de 50 dias, a expedição seguiu pelo espigão que separava o Rio da Dúvida do Rio Comemoração de Floriano. Atravessou o vale do Rio da Dúvida e seguiu em direção o noroeste, para o ponto de coordenadas de intersecção do meridiano de 20º com o paralelo de 11º. Logo após, Rondon conduziu os expedicionários pelo vale do Jaci-paraná, até encontrar os expedicionários do reforço comandados pelo Capitão Costa Pinheiro.

A partir daí a expedição teve muito trabalho nos dois meses subsequentes, seguindo pela Floresta Amazônica adentro. A luta pela sobrevivência não foi fácil. Os animais foram aniquilados pela fome e pelo cansaço físico. Para se alimentar, os expedicionários tiveram que se contentar com a caça, pesca, mel silvestre e palmitos, pois os alimentos que trouxeram já havia acabado a algum tempo.

No mês de outubro a situação foi ainda pior, pois nesse mês a chuva era abundante nessa região, ocorrendo temporais todos os dias. Desse ponto até a localidade de Tapirapoan a distância percorrida foi de 647 quilômetros em plena selva tropical. A bagagem só era possível se recarregada pelos próprios expedicionários e foi preciso também reduzir o número de expedicionários. Rondon dividiu os expedicionários em três turmas: A primeira turma foi comandada por um sargento, e a determinação era que voltasse para o Juruena, arrebanhando os bois e os burros que tinham ficado ao longo do caminho; a segunda, foi composta por 14 pessoas, dentre eles o Tenente Alencardiense e os Drs. Miranda Ribeiro e Tanajura, desciriam o Rio Pimenta Bueno em canoas; a terceira turma, com efetivo de 28 homens, seguiria por montes e vales, e ainda pela floresta fechada rumo ao noroeste com o objetivo de encontrar com o Capitão Costa Pinheiro. (SENADO FEDERAL, 2003, p.102)

Estas três turmas separaram-se no dia 25 de outubro, cada uma seguindo o seu destino. Rondon seguiu com o grupo que se dirigiu para a região de serras formadas pela cordilheira dos Parecis. Além das dificuldades pelas quais a expedição passou, já mencionadas anteriormente, essa turma encontrou pela frente algumas dificuldades para escalar as escarpas íngremes destas montanhas, carregando o peso das bagagens.

Parti para o bivaque do Lyra, acompanhado do Miranda Ribeiro, do Leduc e do Lucio. Vencemos primeiramente uns 5 kilometros de campo e penetramos na matta que, pelas informações da vanguarda, não se interrompeu até agora. Que lucta temos sustentando contra essa enorme massa de vegetação que parece não querer acabar! E os nossos homens já

começam a se ressentir d'esse trabalho continuo, fora da ação benéfica dos raios solares. Outro dia voltara um homem doente, hontem foram doentes, para Comemoração, o Américo e o Libanio. E nós que temos ainda tantas legoas á percorrer; como nos proteger de modo á assegurar resistência até o fim! (Caderneta de Rondon, 27 de julho de 1909).

A seguir, Rondon descreveu detalhadamente a constituição das matas da região e as dificuldades de um homem em atravessá-las.

É curiosa a constituição d'essas mattas do sertão. Primeiramente ellas têm limite com o campo, uma larga facha de taquarinhas, depois é que vem a matta elevada. E aqui a taquarinha vae longe, densa, de modo a impedir passagem de um homem, assim como a matta extraordinariamente pródiga em vegetaes elevados, se transforma n'um verdadeiro dique de verdura, onde o homem desanima só de ver o que elle precisa abater para passar. Nenhum vestígio de índio dentro d'ella; parece que jamais um ser humano alli pode penetrar. (idem, 27 de julho de 1909).

Mesmo em plena floresta, Rondon não esqueceu a filosofia e a religião da humanidade a qual pertencia.

5 de Setembro – Anniversario da morte do maior philosopho que a Humanidade produziu – Augusto Comte. Do coração virgem dos sertões de Matto Grosso, pela primeira vez pisados por gente civilizada, acompanhei as manifestações de dor que hoje são tributadas ao excelso philosopho, pelo Apostolado Positivista do Rio de Janeiro e pelos de toda a Terra, onde quer que á tenha penetrado o influxo regenerador da Doutrina Universal da Humanidade. A minha família me representará em todos os actos solemnes dessas manifestações, acompanhando-a eu, de coração, com toda a effusão da minha alma. (Caderneta de Rondon, 5 de setembro de 1909.)

No dia 31 de agosto, na ressaca dos Palmares, Rondon encontrou com alguns índios. Os cães, pressentindo os índios, saíram correndo atrás deles. Os índios correram e, na fuga, deixaram um indiozinho para trás. Pela primeira vez tiveram oportunidade de ver um índio dessa região. A criança aparentava ter sete anos. Na tentativa de devolver o indiozinho, que mesmo na condição de esquecido não deixou de se comunicar e falava muito, Rondon rumou em direção ao acampamento dos índios, e Miranda Ribeiro transportou o indiozinho no colo. Chegando ao acampamento não encontraram ninguém. Rondon então deu a sua faca de prata para a criança e saiu, mas antes na preocupação de não deixar o menino desamparado, mostrou a direção em que desapareceram os seus parentes. (RONDON, 1915, p. 249)

Mais tarde Rondon retornou ao acampamento dos índios para verificar o desfecho da situação. Surpresos verificaram que os índios deixaram a faca e outros presentes que Rondon deixou com o indiozinho e havia ainda vários objetos dos índios deixados no acampamento. Só não encontraram a criança. Rondon, então, ordenou que deixassem todo o material arrumado no acampamento dos índios, retirando apenas a sua faca. O naturalista Miranda Ribeiro ficou penalizado por ter que deixar tantos objetos indígenas os quais gostaria de levar tudo para o Museu Nacional. “Quanta preciosidade aqui deixamos!”, repetia sempre. (RONDON, 1915, p. 251).

No dia 7 de setembro comemoraram o dia da Independência do Brasil, ao som do Hino Nacional e hasteando a bandeira nacional. Rondon publicou a Ordem do Dia nº 3, alusivo ao Dia da Independência.

Ainda no dia 7, ao meio dia, os oficiais foram cumprimentar Rondon. Era a 5ª vez que a bandeira da expedição era hasteada naqueles sertões do Brasil. A primeira vez foi na entrada dos sertões em Parecis, a caminho para Juruena – 7 de setembro de 1907; a segunda em Aldeia Queimada, na volta do Juruena - 15 de novembro de 1907; a terceira no Juruena em 7 de setembro de 1908; a quarta, no último acampamento, na Serra do Norte – 12 de outubro de 1908; e a quinta, neste dia (7 de setembro de 1909). (*idem*, p. 254)



Fig. 112 - Hasteamento da bandeira nacional. Fonte; Museu da Imagem e do Som de Cuiabá.
Referencia: P.0178 1910.946.4-98

Em 11 de setembro chegaram à localidade de Tamanduá e como já era costume, fizeram a inscrição em uma árvore registrando: 260 km, 675 metros. (RONDON, 1915, p. 255)

No dia 26, o Tenente Lira, estando com a turma da vanguarda a abrir o pique, ouviu de dentro da mata alguém gritar: “Estou perdido nesta mata!” (SENADO FEDERAL, 2003, p.104)

Cheio de emoção, precipitou-se o oficial na direção da voz, certo de encontrar um homem da expedição do Jaci-paraná. Não correu muito, logo viu um indivíduo, alto, claro, olhos azuis, cabelos louros e compridos, no último estágio de miséria física a que pode ficar reduzido um ser humano, depois de longo tempo de cruéis sofrimentos e terríveis privações. Procurando a custo vencer a forte comoção que o dominava, declarou o desconhecido chamar-se Miguel Sanka, de 24 anos de idade, empregado nos seringais do Urupá, no Rio Machado ou Ji-paraná. Explicou que, no delírio dum acesso de febre palúdica, em junho, se enveredou na mata, onde por muito tempo vagou sem rumo nem destino e veio até aquele ponto, por não saber voltar ao barracão de que fazia parte. Rondon imaginou que o homem havia perdido o juízo porque para admitir que ele tivesse vindo da bacia do Ji-paraná, pelo itinerário que descrevia, sem atravessar um rio caudaloso, o Rio Jamari, seria necessário supor enorme erro nas suposições figuradas para todos esses rios nas nossas cartas geográficas. (Idem, p. 105)

No entanto, os trabalhos de reconhecimento, que prosseguiram, acabaram por convencer os expedicionários de que as informações de Sanka eram verdadeiras.

Finalmente a primavera chegou e com ela os ânimos de Rondon melhoraram e ele escreveu otimista em sua caderneta:

Plena primavera; a floresta vestiu-se de gala para festejar o reaparecimento das chuvas, que durante 5 mezes sumiram-se nos recônditos do altíssimo céu. Os pássaros, alegres brincão pelas ramadas, saltitando de galho em galho com trinos folgazões, aguardando satisfeitos o crescimento de sua prole. Nós, os exploradores do Noroeste, n'uma expectativa de duvida, continuamos à romper a floresta, a desvendar-lhes os segredos aqui guardados muitos séculos, e só conhecidos dos primitivos habitantes destas inhospitas e longínquas paragens. (Caderneta de Rondon, 1º de outubro de 1909).

A expedição tinha que seguir a travessia por terra. Como já não poderia esperar tão grande esforço daqueles homens, pois muitos estavam doentes, Rondon

resolveu construir outra canoa, que os levaria águas abaixo, até o Rio Ji e por este ao Rio Madeira.

Assim, a oito de dezembro embarcaram nessa canoa construída 13 homens doentes, sob o comando do Tenente Pirineus. Com a sua turma agora reduzida a 13 homens, Rondon seguiu a sua marcha rumo ao poente.

Os expedicionários encontraram no dia 13 de dezembro, a mais de 1.297 quilômetros distantes de Cuiabá o primeiro estabelecimento de seringueiros. Por eles Rondon ficou sabendo que se encontravam as margens do Rio Pardo, afluente do Rio Jamari. (SENADO FEDERAL, 2003, p. 106)

O percurso da empreitada foi feito por diversas formas, ora percorriam por terra, ora embarcados, Rondon e seus comandados, no dia 25 de dezembro, avistou o Rio Madeira, e ao término de uma campanha de 237 dias, ele afirmou: “vencemos a natureza selvagem do sertão, as fraquezas do nosso próprio organismo e as apreensões, as dúvidas e os sobressaltos da nossa alma”. (idem, p. 107)

Expedição foi árdua e Rondon estava um pouco debilitado, voltou a ter febre e a sua saúde piorou muito. No dia 6 de janeiro foi para Manaus e de lá seguiu destino ao Rio de Janeiro. Mas estava tão mal de saúde que teve que desembarcar na Bahia. Somente após ter se recuperado e fortalecido um pouco seguiu para o Rio de Janeiro, aonde chegou em 6 de fevereiro de 1910. Ao lado de sua família, finalmente Rondon recuperou totalmente a sua saúde.

Resumindo os trabalhos desta expedição, eles abrangeram mais de 237 dias, que foram os empregados desde a saída da localidade de Tapirapoã até a entrada no Rio Madeira, pela barra do Jamari. Diz Rondon: “Nesse período de tempo, percorreram-se por terra 1.061 quilômetros e por via fluvial, em canoas, 1.549 quilômetros, sendo 713 no Ji-paraná, 354 no Jamari, 153 no Jaru e 329 no Jaci”. (*ibidem*, p. 107)

Se a esses números forem juntados os 240 quilômetros de variantes estudadas e do reconhecimento do divisor, na localidade de Comemoração de Floriano, se terá 2.811 quilômetros explorados e levantados em pleno sertão bruto. E todo esse trabalho se realizou com a perda apenas de três homens, dois por desastre: o Honorato, que se feriu com um disparo da sua própria espingarda e um remador, o Jaci, que se afogou; e finalmente o terceiro homem, que foi abatido por doença, nesse mesmo rio. (*ibidem*, p.108)

O grande sertão, que com tanta intrepidez foi devassado pelas três expedições a que se acabou de referir, estende-se ininterruptamente desde Diamantino até Santo Antonio do Madeira, na distância de 1.314 quilômetros, e alargou-se desde o Guaporé até o Araguaia, entre dois meridianos cujos planos formaram um diedro de 10 graus. (SENADO FEDERAL, 2003, p.109)

Lembrando que os trabalhos da Comissão Rondon iniciaram em 1907, e que foi marcada por grandes dificuldades e uma vez que havia uma enorme expectativa por parte de Rondon e dos demais membros da Comissão em cumprir a contento todas as tarefas e dentro dos prazos estabelecidos.

Rondon levou seis meses de esforços para reorganizar os trabalhos da construção das linhas telegráficas. Nas próximas expedições, ao contrário das expedições de reconhecimento, que se desejava apenas conhecer as posições geográficas, o trajeto dos rios e atravessá-los ou nas florestas onde se abriam veredas somente para passagem dos animais e do contingente, agora era preciso proceder à ocupação definitiva do solo. Para isso, foi necessário estabelecer núcleos de população, meios de comunicações e a instalação de vias.

3.2.2 Expedições de construção

Terminada as expedições de reconhecimento e exploração, iniciaram-se as expedições de construção, que era a fase final do projeto de construção de linhas telegráficas.

3.2.2.1 Características principais da linha telegráfica

Os fios empregados eram de ferro zincados, Siemens, de cinco milímetros de diâmetro, tendo cada segmento de cem metros o peso de 1.430 gramas. Os isoladores eram do sistema Capanema, de porcelana branca, com o peso de dois quilogramas cada um, e os braços de ferro que os sustentavam pesavam, cada qual, um quilograma. (*idem*, p. 125)



Fig. 113 – Fios do telégrafo usado pela Comissão Rondon. Foto: Acervo do autor. Peça exibida na exposição: Um homem chamado Rondon. Realizada entre 13 de abril a 14 de maio de 2010 no Arquivo Histórico Nacional.



Fig. 114 – Executando o esticamento do fio telegráfico. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referência: P.0175 1910.946.4-11.

Quanto aos postes, empregaram-se os de ferro na seção do norte, isto é, na parte da linha-tronco, que se estendia de Santo Antonio até a estação do rio Juru e no ramal que, partindo também de Santo Antônio, vai subindo o rio Madeira e depois o Guaporé, até atingir o Guajará-mirim, na fronteira boliviana. A escolha deste material foi determinada pela impossibilidade que havia de se utilizarem nessa região os recursos oferecidos pela mata. (SENADO FEDERAL, 2003, p.126)



Fig. 115 – Trabalhadores da Comissão levantando postes. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

A extração de poste de madeira exigia que se dispusesse de boiadas destinadas a puxá-los de arrastão ou em carretas. Mas a falta absoluta de campos e de pastagens, nas florestas do Madeira, não permitiu manterem-se ali esses animais.

Só os postes de ferro poderiam ser empregados; portanto, vindo eles divididos em três partes, de peso máximo de 39 quilogramas cada um, era possível transportá-los, no lombo dos burros, até o ponto em que tinham de ser armados e erguidos. Desta maneira, colocou-se mais de três mil postes de ferro. (SENADO FEDERAL, 2003, p.126).

Com exceção destes postes, todos os outros eram de madeira, escolhendo-se em cada região as árvores que eram mais resistentes e duráveis. Assim, sempre que foi possível, se empregou a aroeira; a falta desta, e em escala decrescente, de preferência o carvão-vermelho, o vinhático, a sucupira-branca, o cumaru, etc. Em terras dos Nambiquaras descobriu-se e utilizou-se o *lorê*, de qualidade equivalente a bem conhecida aroeira. Para instalar a linha abriram-se picadões, cuja largura varia com a natureza da vegetação local e a altura das florestas. Nas chapadas descobertas, essa altura era de 10 metros; nos cerradões, cujo mato atinge 6 metros, era de 15 metros; e assim ia aumentando, de modo a conservar-se sempre igual, pelo menos, ao dobro da altura das árvores existentes na mata atravessada, chegando, por isso, a lançar 50 metros na região amazônica. Pelo meio da faixa assim aberta ao longo do sertão, corria uma segunda faixa da largura constante de seis metros, preparada de forma a servir de estrada de rodagem; nela os tocos foram aparados rente ao solo, e nos pontos necessários construíram-se estivados e pontilhões. (SENADO FEDERAL, 2003, p. 126).



Fig. 116 – A linha era implantada por sucessivas frentes de trabalho. Atrás vinha a turma que removia troncos e raízes. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.



Fig. 117 – Tinha uma turma que abria a estrada. Sobre rios e depressões se construíam pontes. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Nos rios muitos largos instalaram-se balsas, com a capacidade suficiente para transportar até seis bois de cada vez. Além disso, os trabalhos de conservação da grande faixa foram dirigidos de maneira a obter-se sua rápida conservação em campo e substituída a sua vegetação silvestre por gramíneas forrageiras que Rondon tinha semeado, na previsão de que por aí tinham de passar, dentro de pouco tempo, tropas e boiadas para abastecimento do alto Amazonas. (SENADO FEDERAL, 2003, p.127)



Fig. 118 – Os postes eram feitos com madeiras lei. Para transportar os postes eram utilizados os carroções. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Pelo eixo da faixa corria a linha; a sua locação fez-se obedecendo rigorosamente às exigências técnicas recomendadas pela Repartição Geral dos Telégrafos. Além do serviço de levantamento topográfico e nivelamento de todo o picadão, consideraram as disposições especiais sobre o raio mínimo das curvas, espaçamento dos postes³⁸, escoragem daqueles em que o fio mudava de direção e vários outros detalhes. (*idem*, 127)



Fig. 119 – Os postes eram fincados de 90 em 90 metros na reta. Colocavam até 100 postes por dia. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

³⁸ Os postes eram colocados de 90 em 90 metros nas retas e de 50 em 50 metros nas curvas.



Fig. 120 - Tinha uma turma só para esticar os fios. Os trabalhadores anônimos foram os grandes responsáveis pela implantação das linhas telegráficas. Rondon sempre os elogiava. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Outra construção importante foi a casa das estações para moradia dos telegrafistas e instalações dos respectivos aparelhos.



Fig. 121 – Aparelho telegráfico utilizado pela Comissão Rondon. Foto: Acervo do autor. Peça exibida na exposição: Um homem chamado Rondon. Realizada entre 13 de abril a 14 de maio de 2010 no Arquivo Histórico Nacional



Fig. 122 – Operadores do telégrafo. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. Referência: P.0177 1910.946.4-89.

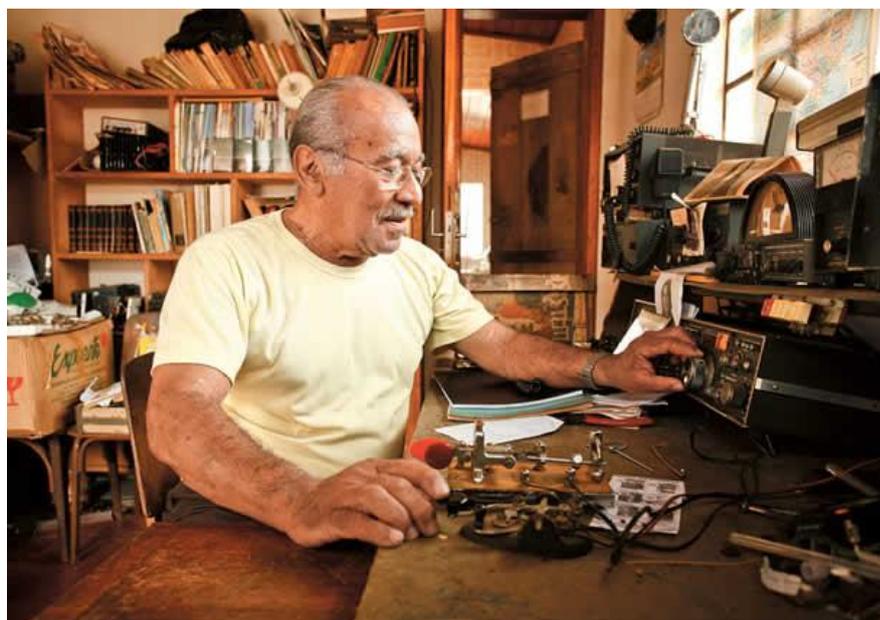


Fig. 123 – Raimundo de Oliveira operador do telégrafo entre 1950 e 1994, atualmente radioamador que se comunica usando o código Morse dos velhos tempos. Fonte: Disponível em: http://viajeaqui.abril.com.br/national-geographic/imagens/galeria-de-fotos/2009/mai/edicao-110-marechal-rondon-codigo-morse_p.jpg

Os materiais empregados na construção variavam de acordo com os recursos que se puderam obter na ocasião; umas eram de madeira, outras de adobes, e algumas de tijolos, cobertas em geral de zinco ou de telhas e assoalhadas.

Entre duas estações a distância nunca deveria ser menos de 90 quilômetros e ao todo foram instaladas 31, assim distribuídas: Na linha tronco, de Cuiabá a Santo Antonio, 21, no ramal de São Luis do Cáceres à cidade de Mato Grosso, 3; no ramal da Barra do Bugres, que sai de Parecis, 2; e finalmente, no ramal de Guajará-Mirim, 5. (SENADO FEDERAL, 2003, p. 127).



Fig. 124 – Uma das estações telegráficas da Comissão Rondon. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Quanto às denominações dessas estações, todas as vezes que não eram naturalmente indicadas por algum acidente notável do lugar, como Ponte de Pedra, Utiariti, Juruena, e outras, Rondon adotou nomes de brasileiros ilustres, tais como: José Bonifácio, Capanema, Pimenta Bueno, Barão de Melgaço, e outros, ou nomes de tribos indígenas, tais como Parecis, Nambiquaras, Ariquemes, Caritianas e Caripunás. (*idem*, p. 127)

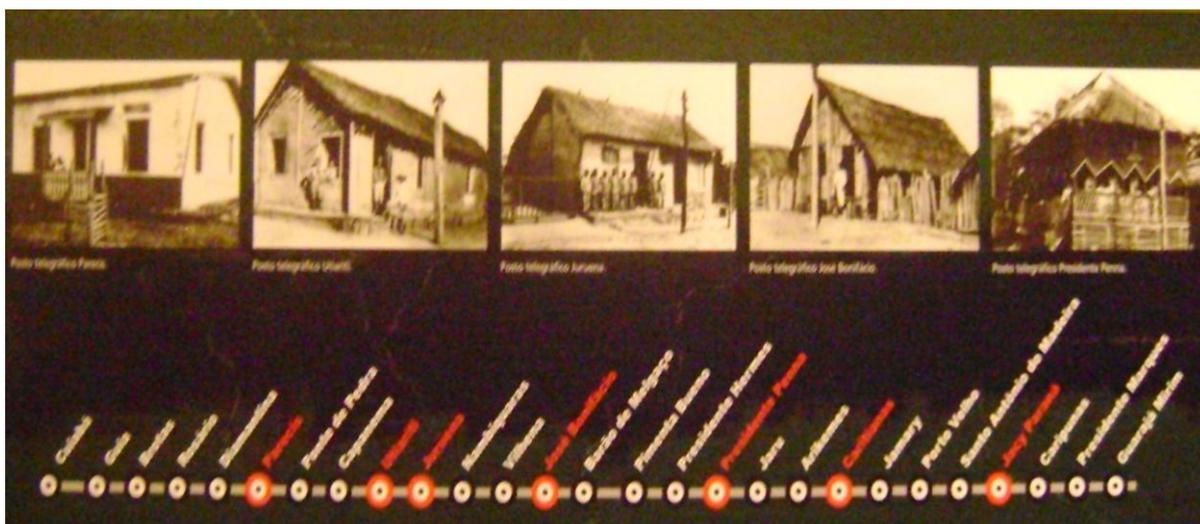


Fig. 125 – Estações construídas pela Comissão Rondon. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

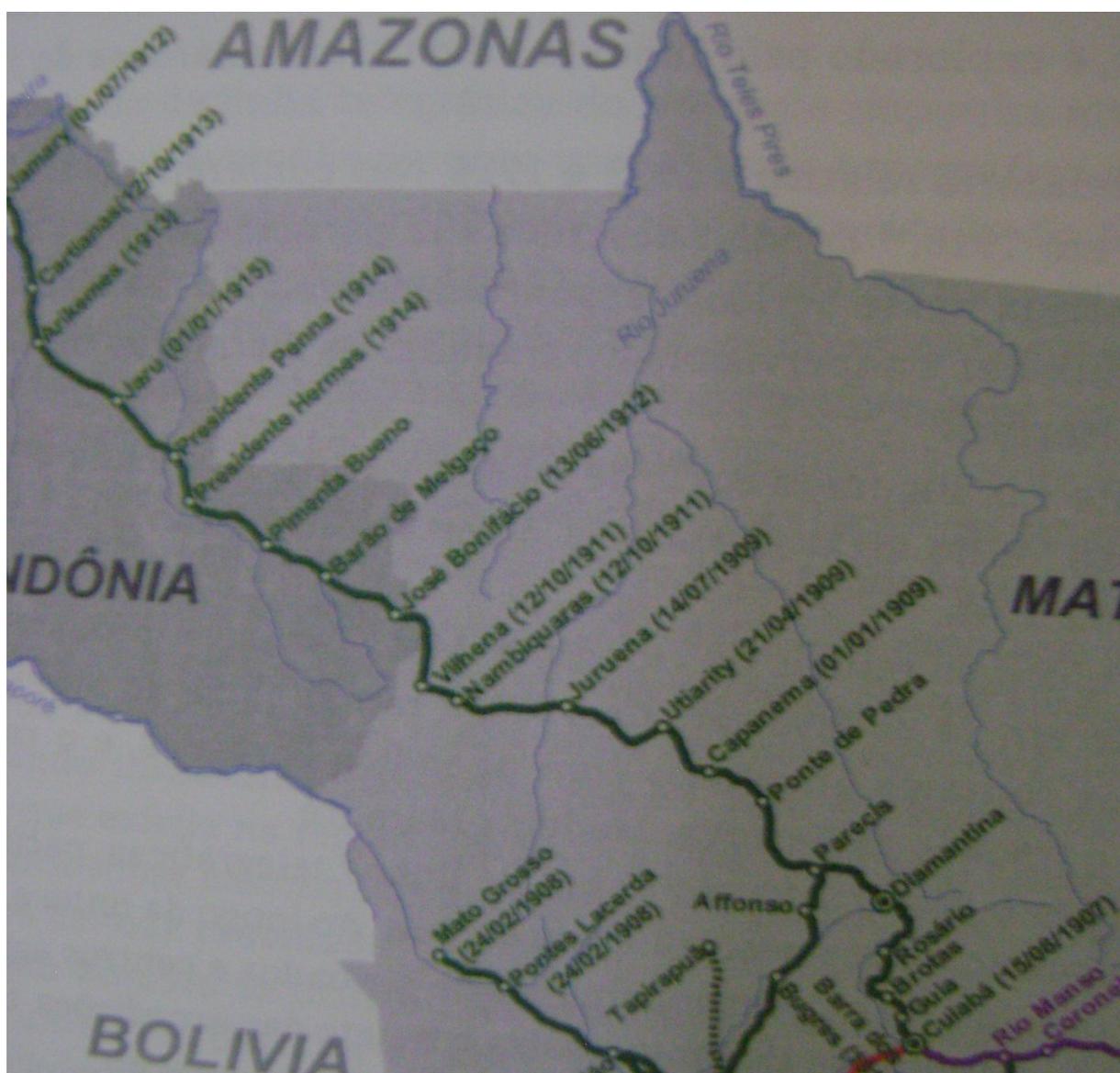


Fig 126 – Mapa com os nomes e as datas de inauguração das 21 estações da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Fonte: LASMAR, 2008, p. 26.

A maior dificuldade da comissão foi o meio de transporte. Para remediar este grave inconveniente, Rondon dividiu os trabalhos da Comissão em duas seções: uma para operar do lado do sul; outra, destinada ao norte, partindo do Santo Antonio do Madeira, que lhe serviria de ponto de apoio e devendo aproveitar-se das facilidades oferecidas pela navegação do Madeira, Jamari, Ji-paraná e Jarú. Do outro lado, quando a construção do sul avançasse tanto que começasse a ressentir-se do inconveniente de ficar muito afastada da sua base estabelecida em Tapirapuã, já seria possível utilizar-se do Ji-paraná e dos seus formadores recentemente descobertos, principalmente do Comemoração de Floriano, reconhecido desde a expedição de 1909. (SENADO FEDERAL, 2003, p.128)

De acordo com esse plano, Rondon criou a seção norte e entregou a direção dos seus trabalhos ao Coronel Agostinho Raimundo Gomes de Castro, ao tempo ainda no posto de major. Este oficial seguiu para Santo Antonio em 1910, logo depois de empossado no espinhoso encargo. Infelizmente, porém, teve o tempo estritamente necessário para organizar os trabalhos da sua seção e iniciar as primeiras explorações para a locação da linha. Atacado pelas febres tropicais e em estado gravíssimo teve de se recolher ao Rio de Janeiro, com quase todos os oficiais seus auxiliares. (*idem*, p.128)

Em 1911 foi a chefia dessa seção entregue ao Capitão Nestor Sezefredo dos Passos, o qual também em pouco tempo teve de ser retirado, por motivo de doença. Ainda no mesmo ano foi este posto ocupado pelo tenente Sebastião Pinto da Silva, que organizou os trabalhos e conseguiu chegar em 1912 ao lugar chamado Torno Largo, colocado a 80 quilômetros de distância da estação anterior (*ibidem*, p.128)

O Tenente Sebastião Pinto foi substituído pelo Capitão Costa Pinheiro, que terminou, em 1913, o trecho de Torno Largo até a estação de Ariquemes, compreendendo a de Caritianas, com uma extensão de 101 quilômetros. O Capitão Costa Pinheiro foi substituído por doença, em abril de 1914, pelo Tenente Mario de Magalhães Cardoso Barata, que levou a construção até a estação de Presidente Pena, com outra intermediária - a do Jarú - na extensão total de 169 quilômetros. (*ibidem* p. 129)

O breve resumo que será apresentado a seguir é relativo aos trabalhos da Seção do Sul. Essa seção foi dividida em duas fases: a primeira, de 1907 a outubro de 1911, compreende a construção do ramal de São Luis de Cáceres a Mato Grosso e a parte da linha-tronco desde Cuiabá até Vilhena; a segunda, de outubro de 1911

a 31 de dezembro de 1914 abrange todos os serviços realizados desde Vilhena até o fechamento da linha, na estação de Presidente Pena.

Na primeira fase, que compreendeu o ramal de Mato Grosso, os trabalhos da construção iniciaram-se a 15 de maio de 1907, sob a direção do Major Félix Fleuri de Souza Amorim, que os levou, observando o traçado reconhecido pelo Coronel Rondon, até Pontes e Lacerda, com uma estação intermediária, a de Porto Esperidião, ficou terminado em dezembro daquele ano, data em que o Major Fleuri pediu e obteve dispensa do serviço. Rondon, que acabava de regressar da expedição de descobrimento do Juruena, assumiu a direção desses trabalhos e em fevereiro de 1908 inaugurou a estação de Mato Grosso (antiga Vila Bela) a 76 quilômetros de Pontes e Lacerda, tendo assim vencido, em menos de dois meses, os obstáculos que pareciam insuperáveis da floresta do Guaporé e do pantanal do Sararé. Além das dificuldades técnicas, pois estavam no mês das chuvas nessa região, os homens, inclusive Rondon, foram atacados pelo impaludismo. Após o término dos trabalhos, Rondon ordenou a retirada do pessoal para São Luis de Cáceres, aonde chegaram 201 homens doentes de um total de 228 pessoas. (SENADO FEDERAL, 2003, p.134)

Em 1907 foi inaugurada a construção da linha-tronco. Ela seguiu rapidamente desde Cuiabá até Diamantino, com 184 quilômetros. Foram abertas ainda nesse ano as estações de Guia, Brotas e Rosário. No ano seguinte atacou-se o trecho de Diamantino a Ponte de Pedra, na extensão de 173 quilômetros, com uma estação intermediária, a de Parecis (*idem*, p. 135)

A construção avançou mais 234 quilômetros até Utiariti, com intermediárias, Barão de Capanema, que se inaugurou a 1º de janeiro de 1909. Em 1910, o Major Ávila, tendo adoecido, entregou os serviços ao encarregado Capitão Marçal Nonato de Farias. De abril a 14 de julho de 1910, construíram-se 101 quilômetros, inaugurando nesta última data a estação de Juruena. Em Juruena os trabalhos ficaram parados por dois meses, em consequência do aparecimento de forte epidemia de febres palúdicas, que desorganizou os serviços fazendo vários doentes. O Tenente Cardoso adoeceu e dois inspetores morreram vitimados pelo beribéri. Os trabalhos recomeçaram em 5 de setembro, mas teve que ser interrompido novamente, pois o Tenente Nicolau Bueno Horta Barbosa, que tinha assumido a direção dos trabalhos, foi atingido por duas flechas pelos índios Nambiquaras, juntamente com seu auxiliar aspirante Tito de Barros. (*ibidem*, p. 136).

Em virtude da insalubridade da região e conseqüentemente a dificuldade de adaptação dos soldados vindos de outras regiões do país, principalmente Rio de Janeiro, em algumas ocasiões Rondon optou por empregar os próprios índios, já aculturados, como operários da linha telegráfica e até mesmo como soldados. Como exemplo, cita-se os índios Borôros:

Os Borôros prestaram seu curso para a construção das linhas telegráficas do Sul do Estado. Durante longo período, no qual a dificuldade de recursos pecuniários e de pessoal para o contingente militar, ameaçava a suspensão dos trabalhos dos trabalhos, o General Rondon obteve turmas diárias de 100 a 150 Borôros para os serviços mais penosos através de pantanaes. No decorrer do dia, quando o sol quente, attingia à altura máxima, os Borôros procuravam esconder-se na mata, para se defenderem do sol exhaustivo. Conta-se então que só o General obtinha delles o trabalho nessas horas de sol quente, fazendo-os rir e retornar o serviço, falando-lhes em Borôro, em termos que os alegravam e convenciam. (MAGALHÃES, 1942, p. 324)



FIG. 127 - Índios Borôros “servindo” na Comissão Rondon. Fonte: figura 393, página 242, Volume 1 de Índios do Brasil

Esta tradição mantém-se até hoje. Nos pelotões de fronteira é comum o emprego de índios voluntários prestando o serviço militar.³⁹

³⁹ Na Constituição Brasileira de 1988, os índios não são obrigados a prestarem o serviço militar, a não ser como voluntários.



Fig. 128 – Índios voluntários prestam o serviço militar. Fonte: Revista da Cultura, Fundação Cultural do Exército, ano X, Nº 16, abril de 2010.

A segunda fase compreendeu os trabalhos de construção realizados pela Seção do Sul, desde a data do regresso de Rondon ao sertão, em outubro de 1911, até a conclusão da linha, em fins de 1914.

No dia 14 de maio de 1911, saiu Rondon do Rio de Janeiro, para o sertão, por via terrestre. De São Paulo, porém, não seguiu diretamente para Goiás; primeiro, foi à região cortada pela Estrada de ferro Noroeste estudar o problema da pacificação dos índios caingangues, temidos pelo violento assalto que davam aos trabalhadores daquela estrada. (SENADO FEDERAL, 2003, p. 138)

Em 1912, no dia 13 de junho, aniversário natalício de José Bonifácio, Rondon inaugurou a estação a que deu o seu nome, colocada a 83 quilômetros de Vilhena (*idem*, p. 140)

De José Bonifácio, a construção avançou até Barão de Melgaço, num total de 67 quilômetros. Mas em outubro de 1913, Rondon foi chamado ao Rio de Janeiro para acompanhar o ex-presidente americano Theodore Roosevelt na expedição que ficou conhecida como Expedição Científica Roosevelt-Rondon, só retornando em maio de 1914. Pelo fato dessa expedição ter sido realizada no período da Comissão Rondon, se analisará a mesma a seguir.

3.3 A EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ROOSEVELT-RONDON

*Não nos deixaste sós quando te foste
Ficou a lembrança, rã pulando n'água
do **rio da Dúvida**: voltarias?
Amigos que nos despachaste contavam de ti sem luz
antigo, entre pressas e erros, guardando
em ti, no teu amor tornado velho
o que não pode o tempo esfarinhar
e quanto nossa pena te doía*

Carlos Drummont de Andrade⁴⁰

Em outubro de 1913, foi Rondon chamado ao Rio de Janeiro para receber o encargo de acompanhar o Sr. Theodore Roosevelt (1858 – 1919), ex-presidente dos Estados Unidos da América, em uma viagem de exploração e estudos pelo interior do Brasil.

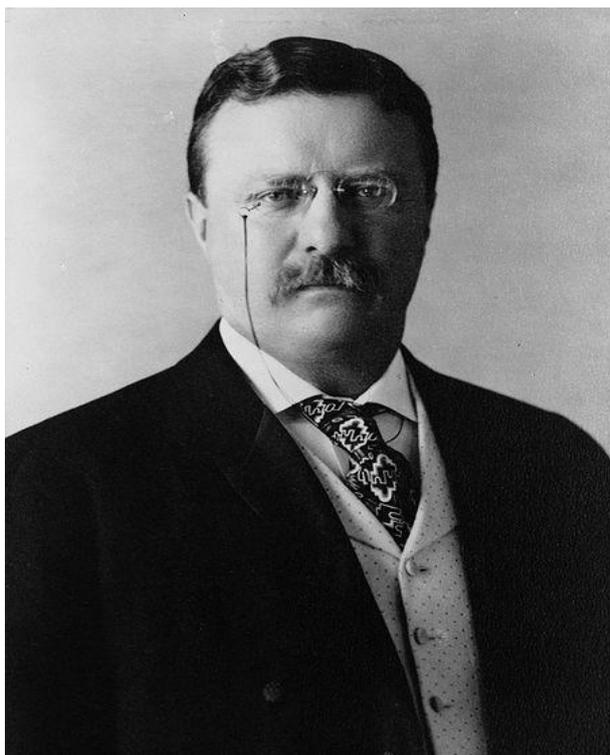


Fig. 129 – Theodore Roosevelt (1858-1919), 26º Presidente dos Estados Unidos da América.
Fonte:AMHN.

Roosevelt era um homem que tinha um grande interesse pela ciência e logo que decidiu viajar a América do Sul, uma de suas primeiras providências foi de contactar as autoridades do Museu Americano de História Natural:

⁴⁰ ANDRADE, Carlos Drummont de. **Pranto geral dos índios in A vida passada a limpo**. Rio de Janeiro São Paulo: Editora Record, 2002

Antes, porém, afigurou-se-me a necessidade de me entender com as autoridades do Museu Americano de História Natural, da cidade de Nova York, a fim de verificar se havia interesse em que levasse comigo ao Brasil alguns naturalistas incumbidos da coleta de material para aquele museu. Sobre o caso escrevi a Frank Chapman, diretor de ornitologia, e acertei o seu convite para um *lunch* naquela instituição, nos primeiros dias de junho. (ROOSEVELT, 1976, p. 19).

Roosevelt tinha um objetivo inicial, narrado por ele próprio no seu livro *Nas Selvas do Brasil*: “Quando parti dos Estados Unidos, tencionava fazer inicialmente uma expedição dedicada aos estudos de mamíferos e aves para o Museu Americano de História Natural, de Nova York⁴¹” (ROOSEVELT, 1976, p.17)

Esse objetivo inicial foi ampliado posteriormente, segundo as suas próprias palavras: “No decorrer desta narrativa, explico como a finalidade da expedição foi ampliada” (idem, p. 17).

O *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro entrevistou Rondon, logo após a passagem de Roosevelt pelo Brasil e fez-lhe o seguinte comentário:

Houve quem afirmasse que o Sr. Roosevelt viera ao Brasil com as mesmas idéias que para aqui tem trazido tantos estrangeiros ilustres: descobrir o nosso país e o nosso povo e revelá-los ao mundo, o primeiro como cenário de belíssimos quadros da natureza agreste, e o segundo como um composto de mestiços indolentes e boçais, incapazes de se constituir em nação civilizada... (Senado Federal, 2003, p.248)

Rondon, muito diplomático, respondeu: “Enganaram-se redondamente os que assim pensaram, disse-nos, sorrindo, o Sr. Coronel Rondon. O Sr. Roosevelt só duma descoberta se vangloriou: foi a da canja”. (idem, p.248)

Na verdade a afirmativa do jornalista para a primeira parte pode ser confirmada, como será apresentado a seguir, e negada para a segunda, pois Roosevelt fez vários elogios sobre o povo brasileiro no seu livro, como o seguinte:

Os americanos do sul, porém, muitas vezes nos sobrepujam, não apenas em pompas e cerimônias, mas no que é de real importância, isto é, na cortesia; em matéria de cortesia e de civilidade, nós mal podemos tomar-lhe a lição. (ROOSEVELT, 1976, p. 45)

⁴¹ Em 6 de abril de 1869, Albert Smith Bickmore, estudante do zoólogo Harvard Louis Agassiz, é bem sucedido em sua proposta de criar um museu de história natural em Nova York, ganhando o apoio de, entre outros, de Jr., Theodore Roosevelt. O governador de Nova York, John Thompson Hoffman, assina um projeto de lei criando oficialmente o Museu Americano de História Natural. Fonte: <http://www.amnh.org/about/history.php>.

Nos seus diários, que deu origem ao livro, “Nas Selvas do Brasil”, em várias passagens, Roosevelt demonstrou ter interesses maiores do que em caçadas e levar espécimes para o Museu de Nova York:

A região era plana, formada por um imenso prado natural, revestido de vegetação arbórea muito esparsa, constando de árvores baixas e retorcidas, e que fazia lembrar ligeiramente as matas enfezadas do Texas e do Oklahoma. Era um sítio apropriado à criação de gado, tal como no Oklahoma, e onde havia também ótimas terras agricultáveis e ainda com a vantagem de se poder transformar as quedas d'águas em energia. Trata-se, sem dúvidas, de excelente região para colonização. (ROOSEVELT, 1976, p. 118)

Em outra passagem, assim se referiu ao Planalto Central do Brasil:

Trata-se de excelente zona para criação de gado, possuindo ainda ótimos vales para agricultura. De junho a setembro costuma haver noites realmente frias. Qualquer raça pura do norte poderá aí radicar-se, pois que tal terra e tal clima prodigalizariam excelente viver. (*idem*, p. 122)

Roosevelt observou ainda o Rio Tapajós e fez as seguintes considerações:

...aquela região há de ser o berço de uma considerável população agrícola e pastoril. Acima de tudo, os inúmeros cursos d'água com suas cachoeiras, algumas de grande altura e volume, oferecem excelentes possibilidades para o desenvolvimento de comunidades manufatureiras que podem ser ligadas entre si por estrada-de-ferro com escoamento para as costas do Atlântico e vales do Paraguai, Madeira e Amazonas, fazendo intercâmbio com as populações das planícies quentes, ricas e aluviais que circundam esse altiplano. (*ibidem*, p.143)

Roosevelt propôs até mesmo a construção de hidrelétricas no Rio Roosevelt:

O solo aqui é fértil; ótima gleba para uma futura grande fazenda de café. Na verdade tal região tão rica e fértil não deve ficar abandonada no meio das selvas, sem ser colonizada, enquanto uma multidão de indivíduos se aglutina nos países superpopulosos do Velho Mundo. Os próprios rápidos e cachoeiras, que, no momento são o nosso maior e mais perigoso entrave, suprirão a energia necessária para a movimentação de fabricas e conveniente iluminação. (Roosevelt, 1976, p. 188)

A antropóloga Marta Amoroso, docente do Departamento de Antropologia da USP, teve outra visão referente ao visitante do norte:

O caráter científico da expedição de 1913-4 expunha outra face dessa aproximação crescente ao associar os Estados Unidos ao Brasil no campo das descobertas científicas, figurando ambos como nações responsáveis do continente considerada a menos conhecida do mundo: a Amazônia. Distante de bravatas travadas nas áreas comercial e diplomática pela conquista da confiança das republicas sul-americanas, então enfrentando naturalistas consagrados da Europa, a Expedição Científica Roosevelt-Rondon fazia emergir do rio da Dúvida – doravante Roosevelt – dois novos nomes que passariam a compor o panteão dos maiores desbravadores do mundo. (MARTA AMOROSO *apud* MILLARD, 2007, p. 337)

Não se pode esquecer que os Estados Unidos entre a doutrina Moroe e a política do *big stick*, inaugurou sua presença armada na América Latina, anexando o Hawai, tomando posse de Porto Rico e das Filipinas e invadindo Cuba e o México e a Colômbia que perdeu uma parte de seu território, onde foi construído o canal do Panamá, atendendo os anseios dos Estados Unidos e do próprio Roosevelt que se orgulhava em dizer: *I took the Panamá*.

Logo que chegou a São Paulo, vindo do Rio de Janeiro, a primeira visita de Roosevelt foi ao Instituto Soroterápico, dirigido pelo Dr. Vital Brasil, confirmando assim, o seu grande interesse pela ciência. O Dr. Vital Brasil causou-lhe uma grande impressão. Roosevelt escreveu as seguintes palavras a seu respeito:

Ao chegarmos a São Paulo, na viagem do Rio a Montevideú, visitamos o Instituto Seruterápico, destinado ao estudo dos venenos das cobras do Brasil. Seu diretor é o Dr. Vital Brasil, que tem realizado um trabalho verdadeiramente extraordinário e cujos experimentos e investigações não são apenas do mais relevante valor para o país senão também para toda a humanidade. (ROOSEVELT, 1976, p. 26)



Fig. 130 – Dr. Vital Brasil com um auxiliar, trabalhando no Instituto Soroterápico.
Fonte: Revista Rio Pesquisa, nº 11, ano III.

Roosevelt também se admirou muito com o trabalho realizado no Instituto e fez comentários das modernas instalações e dos equipamentos utilizados pelos cientistas.⁴²

Não conheço instituição similar em lugar nenhum. Possui um esplêndido e moderno edifício com todo o aparelhamento necessário, onde se procedem a experimentos em todas as espécies de serpentes mortas e vivas, com o objetivo de se descobrirem as propriedades das diferentes qualidades de

⁴² No Brasil existem atualmente outros institutos criados no mesmo nível desse Instituto, como o Instituto Pinheiro, em São Paulo; Instituto Bioquímico, em Belo Horizonte e o Instituto Vital Brasil, em Niterói.

venenos e de se prepararem vários soros anti-ofídicos que possam anular os seus efeitos. Tem-se procurado ensinar à população em geral, e por meio de demonstrações práticas, as lições aprendidas no laboratório. E o resultado já se tem feito sentir de maneira notável com a diminuição da mortalidade provocada pelo veneno das cobras em São Paulo. (ROOSEVELT, 1976, p. 26)



Fig. 131 - Roosevelt examina uma serpente no Instituto Soroterápico em São Paulo durante a sua visita. Fonte: Revista Rio Pesquisa, nº 11, ano III.

Assim, Roosevelt tinha um interesse científico específico quando saiu do seu país, mas foi ampliado posteriormente:

Quando parti dos Estados Unidos, tencionava fazer inicialmente uma expedição dedicada aos estudos de mamíferos e aves para o Museu Americano de Historia Natural de Nova York. Essa tarefa foi empreendida sob os auspícios dos Srs. Osborn e Chapman em benefício do Museu. No decorrer dessa narrativa, explico como a finalidade da expedição foi ampliada e porque se lhe deu um caráter geográfico e zoológico, em consequência de atenciosa proposta do Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil, Gen. Lauro Muller. E, assim, a sua nova e aumentada forma só se tornou exequível graças à assistência generosa do Governo brasileiro. (ROOSEVELT, 1976, p.17)

Rondon explicou o motivo pelo qual Roosevelt aceitou a proposta do Governo brasileiro da seguinte forma:

Aceitou ele pressuroso – sua expedição teria, com o apoio oficial, verdadeiro valor científico, sob o ponto de vista do Museu de Nova York; traria, ao mesmo tempo, importante contribuição à geografia de uma das zonas menos conhecidas da América do Sul. E a expedição passou, assim, a se chamar “**Expedição Científica Roosevelt Rondon**”.(grifo do autor) (RONDON *apud* VIVEIROS, 1969, p.370)

Rondon certificou-se de que Roosevelt realmente possuía interesses científicos e impôs uma condição, quando foi convidado por Lauro Miller, então Ministro do Exterior. Essa condição é relatada pelo próprio Rondon:

Aceitara eu o convite para acompanhar o Sr. Roosevelt, ponderando que o fazia certo de que se não tratava de excursão esportiva, mais ou menos perigosa, e de que o Governo ligaria aos intuits do Sr. Roosevelt objetivos científicos de utilidade para nossa Pátria. Na expedição Roosevelt colocada nesse pé, viu o Dr. Lauro Muller, Ministro do Exterior do Brasil, além de tudo, um meio de tornar o nosso País conhecido no exterior. Ofereceu, pois, ao ex-presidente dos Estados Unidos a cooperação do Brasil. (RONDON *apud* VIVEIROS, 1969, p.369,370).

Os expedicionários americanos eram homens experientes e alguns deles já conheciam a América do Sul. O padre Zahm já tinha vindo a América do Sul em 1907, ao viajar pelo norte do continente, acompanhado por um guia. Ao final da viagem, navegou para o leste pelo rio Amazonas em direção ao oceano Atlântico de volta para casa. Zahm prometeu a si mesmo que voltaria um dia, mas gostaria de retornar acompanhado. (MILLARD, 2007).

Roosevelt compôs uma “expedição tipicamente americana”.



Fig. 132 – Expedicionários americanos - da esquerda para a direita: Anthony Fiala, George Cherrie, padre John Zahm, Theodore Roosevelt, Kermit Roosevelt, Frank Harper e Leo Miller.
Fonte: American Museum of Natural History (AMNH).

Os naturalistas George K. Cherrie e Leo E. Miller foram os indicados (por Henry Fairfield Osborn, presidente do Museu Americano de História Natural) e eu os aceitei com prazer.

O primeiro trataria principalmente de ornitologia, enquanto o outro se encarregaria do estudo dos mamíferos; ambos, contudo, trabalhando em colaboração. Não se poderia ter encontrado pessoas mais indicadas para tal fim. Eram velhos conhecedores das florestas tropicais da América.

Miller era ainda jovem, filho de Indiana, naturalista entusiasta, senhor de boa cultura literária e científica. Achava-se no momento nas florestas da Guiana e foi encontrar-se conosco em Barbado.

Cherrie era menos jovem, natural de Iowa, e presentemente fazendeiro em Vermont. Tinha mulher e seis filhos.(...)

Em Antonio Fiala, antigo explorador ártico, encontramos um excelente camarada para o preparo do equipamento, seu manuseio e transporte.(...).

Meu secretário, Frank Harper, viajou também conosco.

Jacob Sigg, que havia servido durante três anos no Exército norte-americano, acumulava as funções de enfermeiro e cozinheiro, e, tendo em vista o seu pendor especial para aventuras, foi escolhido como assistente pessoal do Pe. Zahm.

Meu filho Kermit encontrou-se comigo no sul do Brasil. (ROOSEVELT, 1976, p.20,21).

Do lado brasileiro, Rondon montou a sua expedição com os seguintes membros:

Eusébio de Oliveira, geólogo brasileiro – trabalho geológico; Tte. Lira, supervisionando eu – trabalho astronômico, confirmado por comunicações telegráficas, com um de meus assistentes em Cuiabá, Tte. Júlio Caetano Horta Barbosa, para garantir minuciosa comparação de longitudes, pela hora; Tte. Lira, ajudado por Kermit e Fiala, sob minha supervisão – trabalho cartográfico; Capitão Amílcar – chefe de transporte; Dr. Cajazeira – medico. Cuidara eu, ainda viajando de Manaus para o Rio, em escolher profissionais competentes e nos quais fôsse possível confiar, para os serviços de astronomia, determinação de coordenadas geográficas, topografia, botânica, zoologia e geologia, além de encarregados de setores relativos à administração geral. E conseguira, realmente, um grupo de elite. (RONDON *apud* VIVEIROS, 1969, p. 370, 371)



Fig. 133 - Oficiais que participaram da Expedição Científica Roosevelt-Rondon.
Fonte: Relatório 1 da Comissão Rondon.

O principal objetivo científico dos americanos foi relatado por Roosevelt: “obter coleções da zona que divide as cabeceiras do Paraguai e do Amazonas e dos afluentes meridionais deste último” (ROOSEVELT, 1976, p.23).

Os objetivos americanos eram diferentes dos motivos brasileiros, uma vez que a principal questão era descobrir o curso do Rio da Dúvida, e foi declarado este fato da seguinte forma pelo Capitão Amilcar Botelho de Magalhães, que participou da Expedição:

Na expedição de 1909, precisamente no dia 16 de julho de 1909, Rondon encontrou a nascente de um rio, no paralelo 12º 39’ Sul, a qual o chamou de

cabeceira do Urú. Nessa expedição faziam parte, além de Rondon, os Tenentes Lyra e Amarante e o Dr. Miranda Ribeiro, zoólogo do Museu Nacional. Surgiram as primeiras dúvidas em relação a cabeceira do Uru. A alguns de nós parecia que as águas dessa cabeceira corriam para o Guaporé; outros opinavam que ellas seriam do Madeira. O problema que assim surgiu, merecia ser estudado e resolvido, não só pelo interesse que nos despertava no ponto de vista potamographico, como também pelo que se ligava ao proseguimento dos trabalhos relativos ao traçado da linha telegraphica. (MAGALHÃES, 1946, p. 170-171)

Rondon resolveu examinar o rio mais de perto e para isso, dividiu o grupo em três turmas: uma dirigida pelo Tenente Amarante, encarregado de prolongar o reconhecimento na direção do norte. A segunda, dirigida pelo Tenente Lyra, dirigiu-se para o poente e a terceira dirigida por Rondon, dirigiu-se para o sul e em seguida para o noroeste.

Com menos de dois dias de marcha, descobri novo ribeirão, que me pareceu ser a primeira água vertente do chapadão para o Valle do Guaporé, em cujo rio ella entra, provavelmente, pela foz denominada Corumbiara.

D'outro lado, o reconhecimento realizado pelo Tenente Lyra, articulou-se tão bem com o meu, que o resultado dos dois combinados, foi excluir por completo a hypothese de correrem as águas da cabeceira Urú para o Guaporé. (MAGALHÃES, 1946, p. 170-171)

Conseguiram resolver a primeira dúvida em relação ao curso do rio que corresponde à cabeceira do Urú. Entretanto, no dia 26, quando Rondon reuniu a sua turma com a do Tenente Lyra e voltavam para o oriente, encontraram um riacho da largura de 12 metros, correndo na direção N.N.O. Surgiram novos questionamentos. Aquele rio vinha da nascente a que deram o nome de Urú ou do rio Toloiry-inazá? Como não foi possível, na ocasião, resolver aquela questão, Rondon chamou aquele rio de Dúvida. (*idem*)

O Rio da Dúvida subia sempre na direção geral de um meridiano, até se dividir em dois galhos, indo um para o Oriente que era o Aripuanã e o outro para o Ocidente e recebia o nome de Castanha ou Castanho. A definição exata para onde seguia o Rio da Dúvida era importante, pois acarretava profunda modificação na cartografia de uma vasta região. Só a exploração e o levantamento do Rio da Dúvida poderiam fornecer dados indispensáveis para se resolver estas questões. Além disso, a região que se ia atravessar daria lugar a coligirem-se vários outros conhecimentos interessantes, como: a fauna, a flora e a mineralogia para a região do noroeste de Mato Grosso, tudo era novo e desconhecido, desde os rios que afluíam para o que se iria desvendar, até a constituição geográfica do seu solo, as

suas riquezas florestais, as suas populações, em resumo tudo o quanto nela existia (MAGALHÃES, 1946, p. 173)

Roosevelt teve o seu nome ligado à geografia brasileira com o novo batismo do Rio da Dúvida com o seu nome. Com extensão superior a mil quilômetros, dos quais 686 quilômetros contados das cabeceiras até a foz do Madeira e 360 quilômetros do passo da linha telegráfica no alto do Chapadão dos Parecis, até a confluência dos antigos Rios Castanho e Aripuanã.

...O rio da Duvida continuou a ser um ponto de interrogação, desde 1909 até 1914; e o melhor e mais moderno mappa do Brasil, e para cuja confecção foram aproveitados os trabalhos até então realizados pela Comissão Rondon (2ª edição do "Jornal do Brasil", janeiro de 1913), ainda pontuava o curso do rio da Duvida, descarregando suas águas sobre o rio Gy-Paraná ou Machado.(...)

O nome "Duvida" proveio justamente da discursão das três hypotheses: ir ao Gy, ao Aripuanã ou ao Tapajós; nenhuma dellas era absurda, pois que daquelle núcleo de cabeceiras desvendadas pelo Gal. Rondon em penetração, quando chefiava a "Expedição de 1909", partiam realmente, como mais tarde foi verificado, águas do Juruena, águas do Roosevelt e águas do Gy-Paraná ou Machado. E esse núcleo de cabeceiras, entre as quaes estava o rio da Duvida, foi tão difícil de interpretar, geographically falando, que exigiu 52 dias de estudos acurados e contínuos, e explorações parciaes para determinar-lhes as posições relativas, desafiando ainda assim a argúcia do coronel Rondon, pois é sabido que elle próprio eliminou depois hypotheses tidas, no inicio, como verosimeis.(MAGALHÃES, 1941, p. 186,187)

Rondon deu início à expedição no dia 7 de janeiro de 1914, no Acampamento nº 1, localizado na fazenda do Porto do Campo, à margem direita do rio Sepotuba, e este início ficou documentado através da Ordem do dia nº 1:

Organização e fins da Expedição.

Nomeado pelo Governo Brasileiro para chefiar a commissão brasileira tem por objectivo acompanhar o ex-presidente dos Estados Unidos da América do Norte, Sr Coronel Theodore Roosevelt, bem como a commissão norte americana, em sua excursão atravez do sertão do meu paiz, declaro organizada nesta data a Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon, de accordo com o titulo adoptado pelo Ministério das Relações Exteriores, sob cuja responsabilidade corre o respectivo serviço. De conformidade com as instruções expedida pelo Sr. Ministro do Exterior, compete a cada um dos membros da commissão brasileira esforçar-se por todos os meios para que a commissão americana possa desempenhar-se de sua missão, cercanda do possível conforto enquanto durar a travessia projectada. Esta Expedição foi organizada de maneira a satisfazer esses fins e alem disso, executar os trabalhos e estudos de ordem techica e de historia natural da rota a percorrer, com o fim de tornal-a o mais útil possível á nossa Pátria. (Ordem do Dia nº 1, de 7 jan 1914, assinada por RONDON).

A mesma Ordem do Dia relacionou os nomes dos membros da comissão norte americana e os nomes dos membros da comissão brasileira, já apresentados anteriormente, acrescentando os seguintes nomes e funções: 2º Tenente Luiz Thomaz Reis, desenhista e fotógrafo; 2º Tenente Joaquim Manoel Vieira de Mello, comandante do contingente; 2º tenente Alcides Lauriodó de Sant'Anna, Intendente; Dr. Frederico Carlos Hoehne, Botânico; Dr. Euzébio Paulo de Oliveira, Geólogo; Dr. Fernando Soledade (médico), entomologista; Arnaldo Blake e Henrique Reinisch, Taxidermistas, 50 praças do Exército colocados à disposição da expedição e mais 7 regionais voluntários que foram considerados adidos ao contingente da expedição.



Fig. 134 – Os membros da expedição reunidos para o almoço. Fonte: AMNH.

A expedição foi dividida em três grupos e cada um tinha seu papel muito bem definido: o serviço administrativo, o serviço técnico e o serviço de historia natural, Neste documento constava ainda o itinerário da expedição.

A Expedição se dirigirá a Tapirapoan seguindo em lancha e chatas deste porto e ali desembarcará, continuando por terra pelas estradas de rodagem e de automoveis da Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégicas de Matto-Grosso ao Amazonas, por Aldeia Queimada até estação telegraphica de Utiarity e d'hi seguindo a Linhas Telegraphica construída por essa comissão até à estação telegraphica de José Bonifácio, onde se dividirá em duas turmas continuando uma pela linha telegraphica ainda, em demanda do rio Gy-Paraná pelo qual descera o rio Madeira e outra que sob a chefia do Sr. Coronel Roosevelt auxiliada por mim, se dirigirá ao rio da Duvida cuja exploração lhe ficará affecta e cujo curso acompanhará até o rio Madeira onde é provável que deságüe este rio; ambas estas turmas se dividirão a Manãos logo que alcançarem águas do rio Madeira e a sua

O fato de Rondon oferecer os cinco itinerários a Roosevelt, leva-se a concluir que ele desconhecia parte dessa conversa, pois Roosevelt estava pré-disposto a escolher o itinerário do Rio da Dúvida e é claro que Rondon não teria oferecido as opções, caso soubesse disto. Posteriormente este rio foi rebatizado e recebeu o nome de Rio Roosevelt.

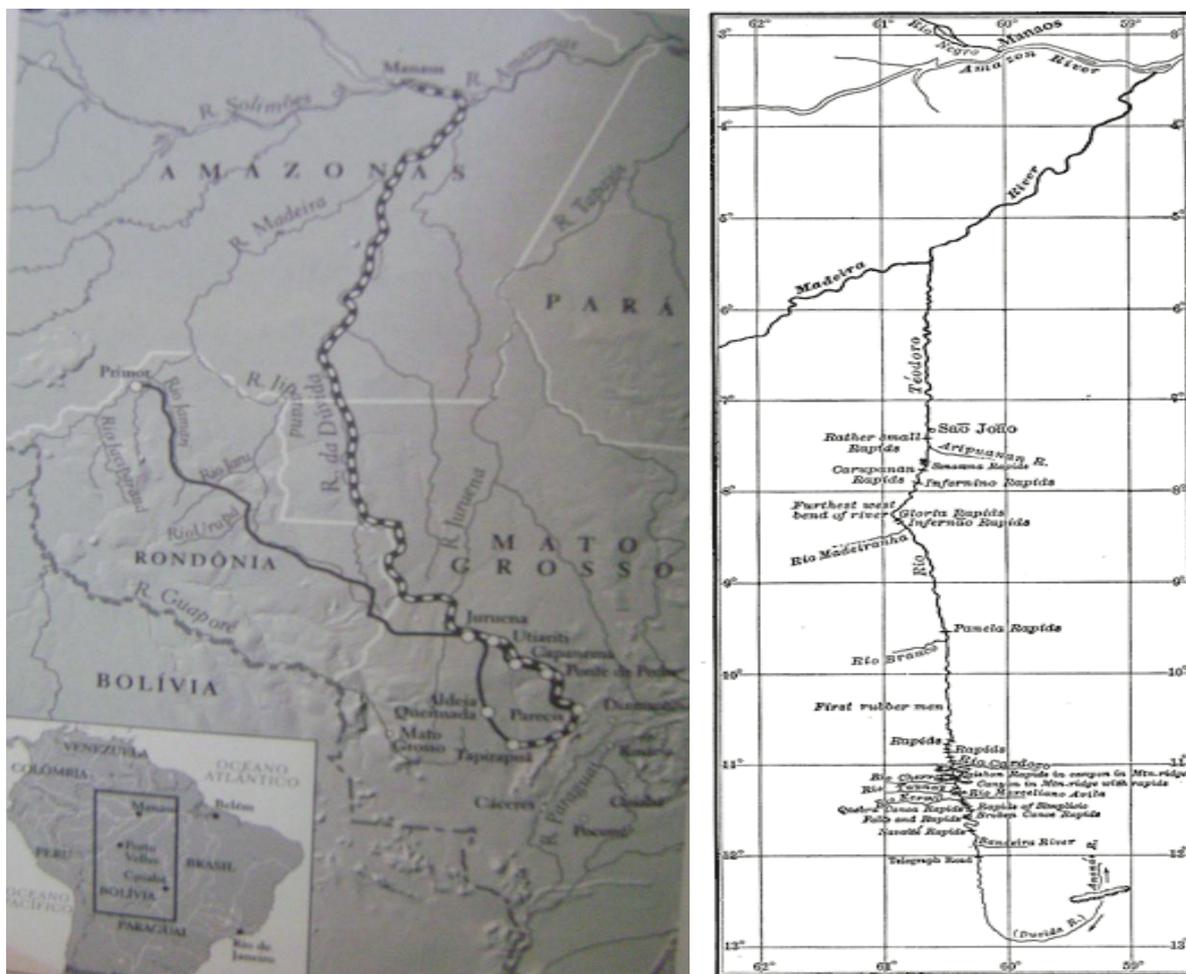


Fig. 136 – Mapa da localização do Rio da Dúvida. Mapa da esquerda, mais antigo, com o nome de rio da Dúvida e o da direita, já renomeado como rio Roosevelt. Fontes: Mapa da esquerda: Sônia Vaz. Mapa da direita: <http://www.kampa.com.br/blog/2008/04/explorando-o-brasil-remo-teste.html>.

Os perigos que assolariam a expedição eram conhecidos de todos. Rondon teve enorme dificuldade em encontrar homens dispostos a acompanhá-lo, apesar de ter oferecido uma remuneração em dobro de um soldo comum. (VIVEIROS, 1969, p.377).

O encontro de Rondon com Roosevelt aconteceu no Rio Paraguai, junto à foz do Rio Apa, na manhã do dia 12 de dezembro de 1913. “Do lado da fronteira com o Brasil encontramos com o Cel Candido Mariano da Silva Rondon e outros brasileiros, membros da expedição”. (ROOSEVELT, 1976, p. 47).

Roosevelt de imediato teve uma boa impressão de Rondon: “O Cel Rondon mostrou-se imediatamente disposto para o que fosse preciso. Percebia-se claramente que era o senhor absoluto do assunto e seria igualmente um excelente companheiro.” (idem, p. 47). As duas missões se transformaram em um único grupo, a bordo do navio Nioac.



Fig. 137 – Roosevelt e Rondon a bordo do navio Nioac. Fonte:AMNH.

3.3.1 A Expedição

A 17 de dezembro partiam os expedicionários de Corumbá. Até Cáceres, a expedição viajou a bordo do navio Nioac. Daí para frente foram usadas embarcações menores. A 7 de janeiro de 1914, armaram-se barracas pela primeira vez. (Caderneta de Rondon, 1914)

Roosevelt estava ansioso para entregar-se às caçadas de onças, porém os militares brasileiros sabiam dos perigos que enfrentariam: piranhas hemófagas, crocodilos, sucuris, onças, formigas venenosas, aranhas noturnas com teias

circulares de fios fortes como corda e praticamente invisíveis, e ao receber luz criavam o efeito de centenas de aranhas equidistantes suspensas no ar. Sem contar com os insetos que ocasionavam febres e disenterias. (VIVEIROS, 1969)



Fig. 138 – Rondon e Roosevelt entre um grupo de índios Nambiquaras. Fonte: Museu do Índio.

Decidiram organizar dois grupos que avançariam separadamente até a estação José Bonifácio, onde então se reuniriam. O primeiro grupo, com Rondon e Roosevelt trilharia a estrada da Comissão de linhas telegráficas, o segundo, sob a chefia do capitão Amílcar, iria diretamente ao Rio Juruena e, após, seguiriam para o mesmo destino. A partida ocorreu às 13 horas de 21 de janeiro, em direção ao lugar denominado Salto, às margens do Rio Sepotuba. (Caderneta de Rondon, 1914)

O objetivo imediato da expedição era o reconhecimento do Rio da Dúvida, e desta forma prosseguiram floresta adentro.

No dia 27 de fevereiro de 1914 os expedicionários começaram a navegar pelas águas do Rio da Dúvida. Os quinze primeiros dias foram sem acidentes de importância. Quando paravam em algum porto e encontravam membros do Governo Brasileiro, Roosevelt não perdia a ocasião de agradecer aos governantes do Brasil a oportunidade de ter proporcionado a ele esta expedição tão emocionante. (MAGALHÃES, 1941)

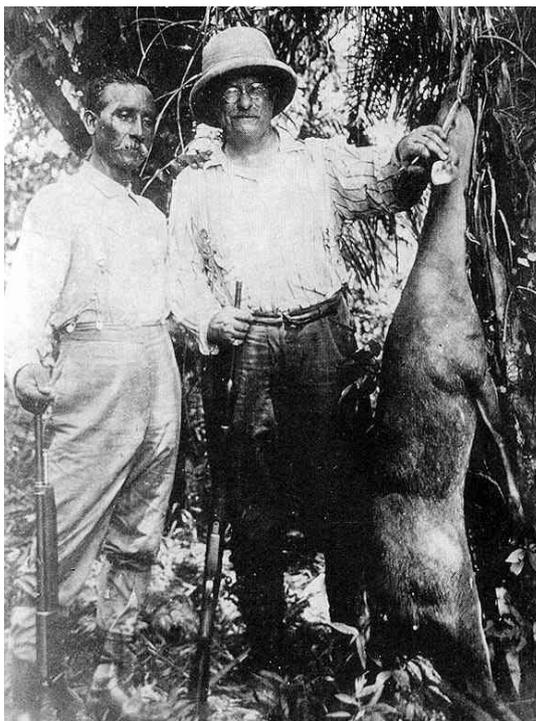


Fig. 139 – Rondon e Roosevelt durante a Expedição Científica. Fonte: AMNH.

Caçavam-se para a coleção: jacarés, tatus, jaburus, tamanduás, capivaras, tapires, queixadas, onças, pumas, veados, jararacas, cegonhas, garças, seriemas, araras azuis, araras verdes e amarelas, periquitos, tucanos, íbis, corrupiões, corvos marinhos, uma variedade de aves aquáticas dentre elas a jaçanã, a ave de Jesus Cristo, que é capaz de caminhar sobre as águas.



Fig. 140 – Roosevelt e Rondon. Fonte: AMNH.

Os componentes da expedição conheceram a mais rica fauna, além disto, recolhiam exemplares raros de espécimes vegetais da flora como: o arbusto piriri, exemplares de palmeiras, castanha do Pará, etc. Recolhiam ainda vários minerais. A excursão pelas selvas brasileiras forneceu uma notável coleção para o Museu Americano de História Natural (AMNH).



Fig. 141 – Primeiro prédio do Museu Americano de Historia Natural. Fonte: <http://www.amnh.org/about/history.php>.



Fig. 142 – Roosevelt e uma onça pintada. Fonte: AMNH.

O material recolhido era preparado pelos naturalistas e periodicamente embalados e enviados em bagagens, pois seria muito incômodo e trabalhoso viajar com um comboio tão grande. Frank Harper, secretário particular de Roosevelt era encarregado de enviar o material para Nova York pelo Paraguai.



Fig. 143– Naturalistas preparando material para ser enviado para Nova York. Fonte: AMNH.

O primeiro obstáculo da expedição ocorreu no dia 15 de março, quando encontraram uma enorme cachoeira. Rondon mandou aproar sua canoa e acompanhado do Tenente Lira e de um caboclo desceram a terra e foram explorar a região. Ao retornarem verificaram que faltava uma canoa do grupo, a que estava embarcado Kermit, filho de Roosevelt. Foram até a cachoeira e encontraram Kermit muito assustado, o cão Trigueiro, que acompanhava os expedicionários, todo molhado, e mais adiante encontraram João, um dos canoeiros. O outro canoeiro chamado de Simplício não resistiu e foi dragado pelas águas. A cachoeira que se chamava Pedra de Cal passou a ser chamada de Cachoeira Simplício em homenagem ao membro da expedição que ali havia perdido a vida. (MAGALHÃES, 1917)



Fig. 144 – Kermit, filho de Roosevelt. Fonte: AMNH.

Sobre esse desastre, Magalhães atribuiu a culpa à Kermit Roosevelt,

O desastre (...) foi conseqüência da afoiteza de Kermit Roosevelt e de sua inexperiência. Rondon examinara pessoalmente o obstáculo e, com a indiscutível autoridade de sertanista pratico, declarou logo a Kermit que seria em vão tentar a passagem por água, pelo que, internado-se com o Tenente Lyra, foi explorar o terreno para a escolha do varadouro. Kermit, a quem parecera talvez demasiado prudente a resolução tomada pelo chefe da expedição brasileira, examinou a cachoeira e ordenou aos dois homens que tripulavam a canoa da mira, os exímios canoeiros João e Simplício, a descida pelo canal. (MAGALHÃES, 1941, p.179)



Fig. 145 – Roosevelt e Rondon, provavelmente perto de Cáceres, Mato Grosso. Fonte:AMNH.

Para ultrapassar a cachoeira tiveram que carregar as canoas e todo o material por mais de 500 metros a pé. Quando já estavam a 123 quilômetros distantes do ponto de partida encontraram um rio com 21 metros de largura e Rondon batizou o rio de Kermit, em homenagem ao filho de Roosevelt.



Fig. 146 – Os homens da expedição. Fonte: AMNH.

No dia 18 de março, o Coronel Rondon declarou frente aos expedicionários, em sua Ordem do Dia, que o antigo rio, que desde 1909, batizado por ele de Rio da Dúvida, passaria a se chamar Rio Roosevelt, pois descobriram que o rio era um afluente do Rio Madeira. Roosevelt de forma modesta sugeriu que o nome do rio que havia sido batizado como Roosevelt continuasse a se chamar Rio da Dúvida. (MAGALHÃES, 1917)

Então o Coronel leu que, de ordem do Governo brasileiro e considerando que o ignorado curso d'água era evidentemente um grande rio, ficaria sendo denominado Rio Roosevelt. Foi para mim uma surpresa, pois, tendo sido consultado a este respeito por Lauro Muler e pelo próprio Coronel Rondon, havia insistido, assim como Kermit, peremptoriamente, que se mantivesse o nome de Rio da Duvida. Achávamos que tal denominação era muitíssimo acertada e havia toda a conveniência em mantê-la. Aqueles bons amigos, porem, não me quiseram atender e seria, portanto, uma grosseria de minha parte continuar a objetivar. (ROOSEVELT, 1976, p.181)



Fig. 147 – O Rio da Dúvida. Fonte:AMNH.

Outro incidente desagradável foi o assassinato do Sargento Paixão pelo Soldado Júlio. O Sargento Paixão era um negro, disciplinado e disciplinador, um exemplo para os companheiros. Júlio era um soldado, que mesmo sendo forte e de boa constituição física sempre que possível fingia-se de doente para não fazer trabalhos pesados e perigosos. Paixão desconfiou que Júlio estava roubando comida, fato este considerado pelo grupo como crime. Júlio foi pego em flagrante roubando comida e Paixão deu-lhe um soco na boca. Ao ser surpreendido novamente por Paixão, Júlio com ódio apanhou uma carabina e matou o sargento Paixão, fugindo em seguida para a floresta.

Roosevelt ficou desesperado com o ocorrido e mandou um mensageiro avisar a Rondon, pois este se encontrava fazendo explorações. Esse ocorrido causou um enorme desentendimento entre Roosevelt e Rondon. Roosevelt pedia que prendessem e matassem Júlio. Rondon respondeu que isto seria impossível, pois quem cometesse um crime deveria ser julgado e não assassinado. (VIVEIROS,1969, p.405)

Rondon destacou um pelotão com a finalidade de procurar Júlio mesmo sabendo que seria inútil procurar um homem fugido na floresta, mas mesmo assim o fez. Encontraram apenas a arma e o corpo de Paixão. Quando a expedição estava em deslocamento pelo rio, Julio apareceu na margem querendo se entregar, todavia

não foi possível parar as canoas e mais adiante Rondon chama Roosevelt para conversar sobre a sorte de Júlio e acontece nova discórdia.



Fig. 148 – Os canoeiros da expedição. Fonte: AMNH.

Rondon mandou dois homens a procura de Julio, não mais o encontraram.

A expedição estava ficando em perigo, pois não sabiam o quanto ainda precisavam caminhar. Todos estavam exaustos, alguns doentes, outros deprimidos, alguns quase nus porque por maior cuidado que tivessem, as formigas terríveis comiam as roupas, furavam os sapatos e não tinham como substituí-los.

Os homens estavam cada vez mais fracos. Kermit com febre, Lira e Cherrie com disenteria e foi neste momento que Roosevelt machucou gravemente sua perna ao tentar posicionar uma canoa. O ferimento causou febre muito alta e delírio em Roosevelt. A viagem teve que ser interrompida, porém Roosevelt chamou Rondon e pediu que partissem e o deixassem, pois a expedição não poderia ser interrompida. Rondon argumentou que a expedição científica era Roosevelt-Rondon e que não seria possível eles se separarem (VIVEIROS, 1969, p.407).

O Dr. José Antonio Cajazeira, capitão-médico, conseguiu contornar a doença que abatia Roosevelt e, ao passar a fase crítica, deram prosseguimento à viagem, porém, Roosevelt continuava doente e todos já não gozavam de boa saúde, estavam enfraquecidos, mal alimentados e o moral bastante baixo.



Fig. 149 – Roosevelt doente é levado pelos homens em uma barraca improvisada numa canoa. Fonte: AMNH.

Haviam percorrido 300 km em território nunca transposto por homem civilizado quando descobriram que o Rio da Dúvida era conhecido na foz como rio Castanho. Roosevelt estava satisfeito, considerava um privilégio ter tomado parte desta expedição e neste momento considerou que a expedição científica havia atingido o ponto culminante. As bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos flutuavam em frente às barracas do acampamento. A alegria do êxito da expedição fez esquecerem os momentos ruins que haviam passado.

O chefe da Comissão Americana não mais voltou a ter boa saúde, a perna direita estava com erisipela, melhorou do impaludismo, porém não conseguia mais se livrar dos furúnculos, mas nada disto impedia que Roosevelt continuasse a escrever suas notas.



Fig. 150 – Roosevelt escrevendo suas anotações protegido dos mosquitos. Fonte: AMNH.

Roosevelt se admirou com a variedade e a quantidade de insetos que mordiam, picavam, devoravam, além disto, ainda depositavam bernes e causavam sofrimentos. Percebeu que a vida nos trópicos era difícil e muito cruel. Estes fatos o levaram a compreender a obra de pacificação dos índios pregada por Rondon. A maneira de trazê-los à civilização aos poucos, com a orientação do que era apregoadado pelo Positivismo, que se preocupava em melhorar a qualidade do ser humano, e isto era visto como vital importância, educar no melhor sentido da palavra. (VIVEIROS, 1969, p.377)

Roosevelt admitiu que: “Quando se fala, levemente, dos preguiçosos selvagens, é por ignorância do imenso labor que exigem suas indústrias e do muito que produzem pelo uso inteligente de instrumentos rudimentares”. (VIVEIROS, 1969, p.386)

No dia 27 de abril, no acampamento do Tenente Pirineus, Rondon inaugurou a placa comemorativa da expedição. Houve salvas e muita alegria. Colocou-se no mapa um rio de cerca de 1500 km, inteiramente desconhecido dos cartógrafos e até em grande parte das próprias tribos locais. (ROOSEVELT, 1976, p. 213)



Fig. 151 – Fim da jornada é inaugurado uma placa comemorativa da mudança do nome de rio da Dúvida para rio Roosevelt. Fonte: AMNH.

Em 29 de abril chegaram a Manaus e como o Presidente Roosevelt deveria ser conduzido por padiola, pois os furúnculos não permitiam que ficassem em outra posição que não de bruços, Rondon telegrafou para o governador para que ele tomasse todas as providências para o desembarque do Sr. Roosevelt do vapor que estavam viajando. Que fosse feito antes do amanhecer e de forma secreta, pois percebia o constrangimento do presidente Roosevelt. (VIVEIROS, 1969, p.410)

Roosevelt foi operado em Belém, onde ficou hospedado até melhorar e embora caminhando com dificuldade pode participar das festas, pronunciando maravilhosos discursos. De Belém embarcou num navio que o reconduziu aos Estados Unidos.

A despedida dos membros da expedição foi em Belém e Roosevelt ofereceu moedas de ouro aos companheiros como lembrança.

Os pesquisadores Cherrie e Miller coletaram mais de 2.500 aves, cerca de 500 mamíferos, alguns répteis, batráquios e peixes⁴³, muitos dos quais novos para a ciência, pois uma grande parte da região percorrida, ainda não tinha sido explorada por pesquisadores. (ROOSEVELT, 1976)

⁴³ Nos capítulos seguintes se escreverá com detalhes alguns documentos originados desses espécimes coligidos na região e publicados pelo Museu Americano de História Natural (AMNH).

Roosevelt foi ovacionado por uma multidão de compatriotas quando chegou a Nova York em 19 de maio de 1914. Estava abatido e se recuperando das doenças acometidas na Amazônia.



Fig. 152 – Roosevelt é recebido como herói em sua cidade natal Oyster Bay. Fonte: AMNH.

De tudo que foi conseguido na expedição o que Roosevelt mais se orgulhava era de ter “descoberto” o rio da Dúvida, rebatizado de rio Roosevelt.

Colocamos no mapa um rio de cerca de 1.500 km de extensão, cujo alto curso, sobre ser absolutamente desconhecido, nem ao menos era suspeitado, ao passo que seu baixo curso, embora desvendado há alguns anos por uns poucos seringueiros, permanecia ignorado dos geógrafos. (ROOSEVELT, 1976, p. 217)



Fig. 153 – Roosevelt ministrou várias conferências pelo mundo afora e sempre dizia que colocou no mapa um afluente do rio Amazonas com cerca de 1.600 Km. Fonte: AMNH.

A expedição foi muito atacada por várias instituições científicas e institutos geográficos, principalmente na Europa. O famoso explorador Henry Savage Landor, que fez explorações na Amazônia, nem mesmo acreditou que Roosevelt tivesse participado da expedição.

Vejo que ele teve a mesma doença que eu, e o que mais extraordinário, na mesma perna. Essas coisas acontecem com muita freqüência a grandes exploradores que lêem minuciosamente os livros de alguns humildes viajantes que os precederam. Não quero fazer nenhum comentário ao chamado trabalho científico do coronel Roosevelt, mas no que me diz respeito ele me faz rir gostoso, e acredito que todos os que têm um pouco de bom senso vão rir tanto quanto eu. (LANDOR, New York World, 9 de maio de 1914)

A Expedição Científica Roosevelt-Rondon foi um marco importante para as ciências no Brasil. Pela primeira vez, nessa área de pesquisa, foram reunidos dos grandes nomes do Brasil e Estados Unidos. Os dois homens eram ligados às ciências e possuíam uma formação comum, ambos eram coronéis dos exércitos de

seus países. Roosevelt fez uma série de conferências nos Estados Unidos e na Europa divulgando a expedição nas quais ressaltava a região percorrida e o descobrimento do Rio da Dúvida. Essas conferências projetaram o Brasil no exterior e possibilitaram a oportunidade ao mundo perceber o potencial desse país pouco conhecido ao sul do Equador. Roosevelt fez relatos acerca de nossas excelentes condições para exploração de energia, da nossa fauna, da flora e principalmente do nosso povo. Ele destaca a importância da grande empreitada representada pelas comissões telegráficas à construção do canal do Panamá, “A América pode apresentar ao mundo duas realizações ciclópicas: ao norte, o canal do Panamá; ao sul, as conquistas geográficas de Rondon”. Acrescentamos que além das conquistas geográficas, a comissão pode apresentar ao Brasil e ao mundo uma grande contribuição as ciências naturais, além de um trabalho humanitário pouca vezes realizado na história da humanidade.

3.4 A VOLTA DE RONDON A BARÃO DE MELGAÇO

Em maio de 1914, depois de se despedir do Sr. Roosevelt, em Belém do Pará, Rondon regressou ao acampamento de Barão de Melgaço. (ANDRADE, 2009)

Faltava então ligar o vale do Rio Ji-paraná ao do Rio Jamari, atravessando um terreno bastante acidentado, dum contraforte da cordilheira dos Parecis, em plena floresta Amazônica.

Recomeçados os trabalhos em maio, no dia 31 de dezembro estava feita a ligação dos fios da Seção do Sul com os da Seção do Norte, no dia 15 de novembro, na estação Presidente Pena. Nos oito meses empregados nesses trabalhos, Rondon construiu 372.235 metros de linha, com cinco estações: a de Pimenta Bueno, a 61.431 metros de Melgaço; a de Presidente Hermes, distante 96.802 metros de Pimenta Bueno; a de Presidente Pena, afastada 45.914 metros daquela; a de Jaru, colocada a 77.061 metros desta última; e a de Ariquemes, distante de Jaru 91.417 metros (SENADO FEDERAL, 2003, p. 142)

Por essas e muitas outras contribuições a nação brasileira é que Rondon deveria ser mais conhecido dos brasileiros. Apesar de tantas homenagens com nome de ruas, praças, aeroportos, cidades (Rondonópolis/MT, Marechal Rondon/PR e Rondon do Pará/PA) e até mesmo ter sido o único brasileiro homenageado com o nome de um estado, Rondônia, seus feitos continuam desconhecidos. O Brasil

precisa, nesses dias atuais, de mais rondonianos⁴⁴ e ter em Rondon um exemplo a seguir, pensando no país acima de suas ambições pessoais. Segundo Gomes,

O estadismo de Rondon era entendido de várias maneiras. Em primeiro lugar, como militar que levava seu senso de dever à pátria, em primeiro lugar, e ao Exército, em segundo, acima de quaisquer outras obrigações. Nesse sentido, sua nomeação a marechal é tributo reconhecido nos escalões militares e sua elevação a patrono das comunicações mais ainda. Em segundo lugar, como homem público, no sentido de desenvolver suas atividades profissionais para o bem público e colocar os interesses maiores da nação acima de suas conveniências próprias, pessoais ou familiares. (GOMES, 2007)

"Estava terminada a mais notável das explorações geográficas realizadas nas terras das Américas nestes últimos 50 anos, e varado o mais ocidental dos três setores de território brasileiro ainda incógnitos..." (ROQUETTE PINTO, 1917)



Fig. 154 - Comissão Rondon – Primeira a alcançar a Região Amazônica. A expedição movimentava-se a pé, em canoas ou no lombo de bois e mulas. Fonte: www.funai.gov.br.

⁴⁴ Defino rondoniano. A pessoa que vê na postura moral, nas proposições éticas, nas ideias sobre o valor dos povos indígenas brasileiros, em si e para o Brasil, no trabalho incansável de tentar convencer os brasileiros da importância dos índios para a nação brasileira – de Rondon – um exemplo a ser emulado ética e moralmente, a ser seguido na visão do relacionamento dos povos indígenas com o Brasil e a ser respeitado e debatido na sua visão antropológica sobre o índio. (GOMES, 2007)

Rondon implantou em plena floresta, por lugares nunca antes percorridos pelos civilizados, mais de “seis mil quilômetros de linhas telegráficas – que ele chamava de **sondas do progresso** e os índios de **línguas de Mariano**” (Grifos do autor). (COLLOR DE MELLO, 1984, p. 33)

Analisando a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas chegamos à conclusão que apesar de tanto esforço ao longo de oito anos por terras nunca antes percorridas em plena floresta, a rede telegráfica não apresentou os resultados esperando, qual seja, unir a região ao restante do Brasil, apesar da missão ter sido cumprida, conforme as determinações do Ministro Calmon. Não podemos, entretanto, deixar de reconhecer a importância da comissão em outras áreas tais como: humanitária, geográfica, médica, econômica e, principalmente científica. Sobre essa última, que acreditamos ser o grande legado da comissão, descreveremos e analisaremos a seguir.

3.5 O LEGADO DA COMISSÃO RONDON

Nos primeiros anos do século XX, empregava-se, em termos técnicos, processo primitivo, o rapidamente envelhecido telégrafo manual da concepção genial de Morse: uma série de pontos, traços e intervalos – um verdadeiro alfabeto baseado na duração ou ausência de impulso elétrico. Isto significava postagem a distâncias regulares, fios estendidos, em meio a selva e o pântano, metro a metro; estações regulares, perdidos na floresta, com os seus manipuladores e o sistemas de pilhas, que permitia não faltasse a energia. Esforço quase inútil se considerar que já em fins do século XIX, Guglielmo Marconi, fundado nos princípios de Henrique Hertz (ondas hertzianas), patenteava seu invento: o telégrafo sem fio. Em 1901 faziam-se as primeiras transmissões transatlânticas pelo que se chamava “radiografia múltipla sintônica” e em 1912 no naufrágio do Titanic, graças à emissão do SOS, a maior parte dos passageiros pode ser salva. Em 1917, foi divulgado um teste bem-sucedido de comunicação por rádio em Manaus e no Acre. Enquanto isso, Rondon prosseguia na sua tarefa de abrir picadas, erguer postes e estender as linhas de seu já superado telégrafo e de permeio civilizar as tribos. Em 1931, Rondon no discurso pronunciado na sessão cívica organizado pelo ministro das relações exteriores, Dr. Oswaldo Aranha, quando do regresso de Rondon da

Comissão mista internacional Peru-Colômbia em Letícia, fez referência a telegráfica sem fio.

A grande linha telegráfica foi inaugurada em 1915, ligando Cuiabá à Santo Antonio do Madeiras com ramal para Porto Velho, ramal de Cáceres e Mato Grosso e de Parecis a Barra do Bugres. A administração dessa linha através do sertão bruto parecia tarefa impraticável para a Repartição dos Telégrafos, pois muito maiores eram os encargos exigíveis dos guardas e demais funcionários da Comissão (e muito mais arriscados os serviços) em relação aos trabalhos normais e já penosos daquela importante repartição. A vulgarização da telefonia sem fio tendo posto o território do Acre em comunicação com o resto do país, julgou o governo adiável até segunda ordem a continuação das linhas terrestres até as prefeituras do Acre e de Manáos, como era do primitivo projeto. (Discurso pronunciado pelo General Rondon na sessão cívica organizada pelo ministro das relações exteriores, Dr. Oswaldo Aranha; Artigo 6º do protocolo de 21 de maio de 1931)

Os índios diziam ouvir a “língua de Mariano”, a linguagem da paz. “Rondon nunca seria insensível aos feitos que o próprio telégrafo trazia da Europa e da América, às conquistas sucessivas da radiotelegrafia. Mas, continuava, sertão a dentro.” (Jornal O Estado de São Paulo, de 6 de maio de 1965. O Marechal Rondon e o telégrafo sem fio de Hélio Damante)

Em 1915, foi que realmente ocorreu a inauguração da linha telegráfica, unindo Cuiabá à localidade de Santo Antônio, às margens do Rio Madeira, atual cidade de Porto Velho. Nesse período, o telégrafo com fio estava começando a ficar obsoleto, pois o rádio já era um meio de comunicação largamente utilizado. (MAGALHÃES, 1929)



FIG.155 – Panorama de Porto Velho, situada a margem do rio Madeira. Estação do telégrafo sem fio para Manaus. Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cuiabá. REF P.0178 1910.946.4-107

Depois de tanto esforço, em 1º de janeiro de 1915, a linha foi inaugurada, porém sem muitos festejos. Estariam os oficiais e trabalhadores cansados demais para festejar? Todd Diacon apresenta outro motivo:

“A **sonda do progresso**” agora ligava Cuiabá e a bacia amazônica. No entanto, em 1º de janeiro de 1915 quase nada mudou, e talvez esse tenha sido o verdadeiro motivo de não se festejar a inauguração. Para começar, poucos desejavam usar os serviços da linha telegráfica. Além disso, as raríssimas pessoas que tentavam mandar um telegrama não conseguiam fazê-lo, pois a linha só fora inaugurada *pro forma*. Constantes interrupções no serviço, causadas por trabalho feito apressadamente e por incompetência, indicavam que, na prática, como mais tarde admitiu um oficial da comissão, a linha não funcionava. (Grifo do autor). (DIACON, 2006, p. 62)

Há uma contradição entre a fé de Rondon no Positivismo e a insistência no uso de uma tecnologia ultrapassada. O fim da construção da linha telegráfica coincidiu com a invenção e divulgação da radiotelegrafia. Diacon, de uma maneira exagerada, chega a afirmar que “a radiotelegrafia condenou a linha telegráfica à obsolescência mesmo antes de sua inauguração em 1915” (DIACON, 2006, p. 13).

Outros autores que conviveram com as dificuldades das linhas telegráficas, também escreveram suas críticas:

O antropólogo francês Lévi-Strauss, autor de *Tristes Trópicos*, esteve no Brasil na década de 30, pesquisando na região centro-oeste e assim se manifestou sobre a linha:

O nascimento da radiotelegrafia que coincide com a conclusão da linha, tirava todo o interesse desta última, promovida ao estatuto de vestígio arqueológico de uma época científica ultrapassada no momento exato em que acabava de ser terminada. Ninguém se atrevia a fechar a linha, mas já ninguém se interessava por ela. Quanto aos últimos sobreviventes dos postos, sem coragem para partir e sem meios para fazê-lo, extinguíam-se lentamente, minados pela doença, pela fome e pela solidão. (LÉVI-STRAUSS *apud* DIACON, 2006, p. 195)

Lévi-Strauss se comunicou pelo telégrafo a partir de Cuiabá em alguns pontos da rota que percorreu em sua expedição. Ele relatou algumas das dificuldades que encontrou:

Fue posible entrar en comunicación con las principales estaciones (cosa que cada vez tardaba más días). Desde la Dirección de Puestos de Cuiabá, recibíamos las noticias más deprimentes: aquí los indios habían hecho una aparición amenazante, allá no se los había visto desde hacía tres meses (lo cual también era mala señal), en tal otro lugar, donde antes trabajaban, se habían vuelto bravos (salvajes), etcétera” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 258).

Lévi-Strauss fez críticas severas sobre o estado em que se encontrava a linha telegráfica:

Es cierto que existe el hilo; pero este se volvió inútil inmediatamente después de instalado y se halla tendido entre postes que ni siquiera se reemplazan cuando se pudren, víctimas de las térmitas o de los índios – que toman la vibración característica de una línea telegráfica por el de un panal de abejas salvajes en actividad. Em algunos lugares la línea se arrastra por tierra; en otros fue negligentemente colgada de los arbustos vecinos. Por sorprendente que pueda parecer, ella contribuye a la desolación del ambiente en lugar de atenuarla” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 267)

O Dr. Euzébio Paulo de Oliveira geólogo do Museu Nacional e membro de algumas das expedições da Comissão Rondon, também fez uma crítica sobre o estado precário das estações:

A estrada tem 40 metros de largura; os postes distam 90 metros; a linha e estrada estavam bem conservadas e aquela funcionando bem. As estações, porém, deixam muito a desejar. Os telegrafistas quase não têm conforto, morando em habitações primitivas, construídas de pau a pique e cobertas de folhas de palmas. (OLIVEIRA, 1915, p.10)

Antes mesmo de concluída a implantação total da linha, o então Tenente Nicolau Bueno Horta Barboza, um dos principais assessores de Rondon, escreveu em 1912 sobre as dificuldades encontradas na linha em seu relatório de inspeção feita de Diamantino à Vilhena:

Os defeitos notados na Linha foram os seguintes: um poste atingido por faísca, danificado em seu topo, com isolador danificado e fio caído, sem tocar o solo; de numero 234. Três isoladores inutilizados, achando-se o fio sem tocar o solo, nos postes 238, 329 e 372. Um poste tombado, inutilizado pelo fogo dos campos, havendo arrastado consigo o fio preso ao isolador; tem o nº 466. O pontilhão lançado no Sumidouro acha-se completamente fora de serviço, devido, sobretudo ao apodrecimento da madeira empregada em sua construção (BARBOZA *apud* RONDON, 1915, p. 191)

Rondon fez referência ao relatório de Barboza: “á vista desse documento far-se-á nítida idéa do modo como se encontra a linha conservada pela Comissão, enorme entrave que ella tem diante de si no cumprimento dos deveres que lhe cabem e da sua responsabilidade pela boa marcha da construcção” (RONDON, 1915, p. 52) e descreveu as obras que foram feitas para melhorar, conservar ou reparar a linha: 1) abertura de uma estrada: “Para evitar os brejos marginaes do ribeirão Mutum Cavallo, próximo da sua confluência no Camararé e no segundo passo desse ribeirão, mandei abrir uma estrada de desvio (RONDON, 1915, p. 50)”; 2) troca dos postes: “Na linha propriamente dita mandei substituir por Aroeira, três postes de *Tomôetô* ou *Pau de Bugre*, collocados no trecho entre Parecis e Ponte de Pedra (*idem*, p. 51)”; 3) compra de novas balsas e canoas: “Os portos dos rios do

Sangue, Sacre e Utiarity foram dotados de novas balsas e canôas pequenas para passagens (RONDON, 1915, p. 51)”.

Apesar das críticas de alguns que não enxergam nela importância alguma, podemos contrapor a esse tipo de afirmação que a instalação de postos telegráficos foi de suma importância para a região centro-oeste, visto que deu origem a diversas localidades, como por exemplo: Vilhena, Pimenta Bueno, Ji-Paraná e Ariquemes, cidades do atual estado de Rondônia, bem como serviu de parâmetro para o traçado da estrada rodoviária BR-364.

Nessa pesquisa buscou-se provar que o grande legado da Comissão Rondon foi a contribuição às ciências naturais. Só para exemplificar essa afirmativa, verificou-se nas prateleiras da biblioteca do Museu do Índio, a existência de cerca de cinquenta volumes publicados da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, entre eles, estudos geográficos, relatórios de exploração de minérios, primeiras etnografias publicados no Brasil, relatórios médicos com estudos importantes principalmente sobre doenças tropicais, relatórios gerais sobre a construção da rede telegráfica e relatórios científicos nas áreas de Zoologia, Mineralogia e Botânica com uma enorme variedade de novas espécies totalmente desconhecidas pelos botânicos, que será apresentada como objeto de estudo na pesquisa. No capítulo quatro se aprofundará mais essa questão.

CAPÍTULO 4 - PLANTAS COLETADAS PELA COMISSÃO RONDON

*Afinal já regressas. É janeiro,
tempo de milho verde. Uma andorinha
um broto de buriti nos anunciam
tua volta completa e sem palavra
A coisa amarga girirebboy circula nosso peito
e karori a libélula pousando no silêncio de velhos e de novos
é como o fim de todo movimento. A manada dos rios emudece
Um apagar de rastos um sossego
de errantes falas saudosas, uma paz coroada de folhas nos roça
e te beijamos como se beija a nuvem na tardinha
que vai dormir no rio ensanguentado*

Carlos Drummont de Andrade⁴⁵

4.1 A FLORA DAS REGIÕES CENTRO-OESTE E NORTE DO BRASIL

As plantas coletadas pelos botânicos da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA), conhecida como Comissão Rondon, constituem um verdadeiro legado para o estudo da flora das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil.

Rondon em seu relatório fez referência a flora e a fauna dessa região. Descreveu que de Diamantino ao chapadão dos Parecis, a vegetação ia mudando do aspecto de campos cerrados e capões para uma facha de verdadeira mata virgem, estendendo-se para oeste. Depois dessa facha, encontrou nova e extensa mata virgem no vale de Sant'anna. Abaixo dessa área, do Paraguai ao Guaporé, estabeleceu-se outra mata extensa onde vegeta a Poaya, dando o nome desse vale, Mata da Poaya. Abandonando esse itinerário e buscando o chapadão pelo vale do Sepotuba, foi possível transpor extensos taboleiros onde abundavam o sapé e a samambaia, entre grandes troncos carbonizados de árvores queimadas pelos bandeirantes e índios que por ali passaram. Os taboleiros eram povoados de arbustos, predominando a palmeira acaule indayá e o tucum do chapadão. Apareciam também alguns pés de almecega Ana, fruto de veado, a jaboticabeira (*myrtacea*) e o cajuí (*Anacardium humile* Mart.). Nas matas das cabeceiras e rios, eram comuns as seringueiras (*Hevea*) de que os seringueiros distinguiram três variedades: a *seringueira branca*, a *roxa* e a *casca de jatobá*. A região que mais possuía seringueiras na chapada Tapirapoã era a fazenda dos Afonsos e nos

⁴⁵ ANDRADE, Carlos Drummont de. **Pranto geral dos índios in A vida passada a limpo**. Rio de Janeiro São Paulo: Editora Record, 2002

Parecis era o Barracão dos Três Jacús, com 24 feitorias com uma safra anual de cerca de 25.000 quilos. Nas margens do Saueruina, estendendo até o Rio Madeira, apareceu uma vegetação característica dessa região, conhecida em Mato Grosso pelo nome de *charravascal* ou *chavascal*, pertencente à família das *xerophilas* que é bastante parecida com os tipos que na Argentina denominam *espinhal*, no México e Texas *chaparral*, na Austrália *scrub* e no sul da África *brusch*. Trata-se de uma vegetação baixa, de cerca de três metros de altura, composta na sua maior parte de uma leguminosa de flor amarela, de tronco fino, reto e duro. A região do Chavascal possui uma densidade de vegetação que a torna impenetrável, até mesmo para os índios e mesmo a anta raramente ali se encontra. No Juruena era comum a bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.), o cumaru (*Dipterix oppositifolia* Willd), *tocary do campo*, *a mangaba*, *ananaz bravo*. Nas matas do Juruena aparecia uma Musacea e a pacova. (RONDON, 1915, p. 64, 65, 66)

A fauna era bem pobre nessa região. Rondon relatou que dos primatas, apenas apareceu o coatá (*Atéles paniscus*). Nas matas do Jaurú, encontraram o carajá ou bugio negro (*C. elegans* e *Mycettes caraja*). Apareceu o jupará (*Potus flavus*), os *coatis* (*Nasua nasua*), além de gatos e lobos. Dos veados apareceu uma espécie pequena chamado de veado negro. As duas espécies de porcos do mato, comuns do Brasil, também eram comuns por ali. Entre os tatus existiam o Canastra (*Dasybus gigar*) e o Peba (*D. villosus* e *D. Gymnurus*). Dentre os gambás era frequentes os das espécies menores. Com relação às aves esta área também foi considerada bastante precária. A ave que apareceu com mais abundância foi o urubu-rei e o urubu-caçador. Aparecia com frequência o Utiarity (*Falco sparverius*), um pequeno gavião adorado pelos Parecis. (idem)

Várias espécies novas e até famílias foram descobertas pelos botânicos da Comissão Rondon (CLTEMTA).

Entre as obras sobre as plantas coletadas pela Comissão Rondon vale mencionar as seguintes publicações: Índice Bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon, publicado pela Secretaria da agricultura de São Paulo, de Frederico Carlos Hoehne, João Geraldo Kuhlmann e outros, abrange os materiais estudados e publicados, sendo alguns indeterminados, bem como aqueles em poder do Museu Nacional do Rio de Janeiro e de especialistas estrangeiros. As obras consultadas utilizadas na pesquisa foram: Relatório de Botânica – parte 1 - Hoehne; Relatório de Botânica - parte II – Hoehne; Relatório de Botânica - parte III –

Hoehne; Relatório de Botânica - parte IV – Hoehne; Relatório de Botânica - parte V – Hoehne; Relatório de Botânica - parte VII - A.J. Sampaio; Relatório de Botânica - parte VIII – Hoehne; Relatório de Botânica - parte XI - J. Geraldo Kuhlmann; Relatório de Botânica - parte (MIMOSOIDEAE e PAPILIONATAE) Hoehne.

4.2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa documental foi realizada no Herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro, tendo em vista que esse Museu foi o fiel depositário de todo material colhido pela Comissão Rondon.

Todo este material colligido até 31 de dezembro [1908], foi preparado e montado definitivamente e, acondicionado em caixas hermeticamente fechadas, remetido para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde, segundo instruções do Chefe [Coronel Rondon], deverá ficar guardado até a conclusão dos estudos a que darão lugar. (HOEHNE, 1916, p. 26)

O material botânico encontra-se arquivado no Herbário, na forma de exsicata (Fig. 156), que

é uma amostra de planta prensada e em seguida seca numa estufa (herborizada), fixada em uma cartolina de tamanho padrão acompanhadas de uma etiqueta ou rótulo contendo informações sobre o vegetal e o local de coleta, para fins de estudo botânico. (SHAN-HSIUNG LIN, 1981, pp. 359-362)

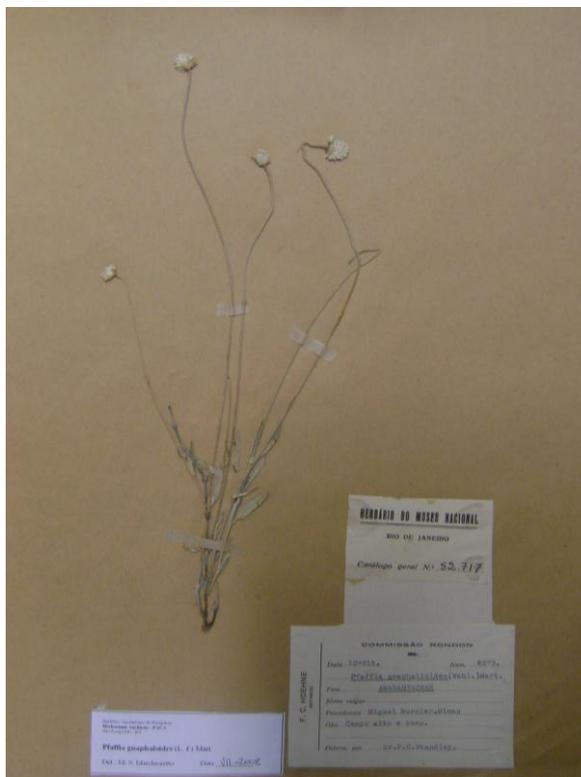


Fig. 156 – Exsicata do Herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Fonte: Museu Nacional.

O material é identificado através de uma Ficha de Identificação (Fig. 157). Feitas de cartolina, estas fichas estão meio amareladas pelo tempo, a maior parte

escrita em máquina de datilografia, todavia algumas foram escritos a caneta, dificultando muito a leitura das informações. Nelas constam os seguintes dados: registro, família, espécie, data, procedência, habitat, coletor e observação. Acima e a esquerda constam os dados: Museu Nacional, Divisão de Botânica, Rio de Janeiro.

MUSEU NACIONAL		R 52 965
DIVISÃO DE BOTÂNICA		
RIO DE JANEIRO	Fam.	BROMELIACEAE
Esp. <i>Pitcairnia anomala</i> Hoehne (?)		
Procedência Brasil, Mato Grosso, Serra da Paca Nova (cabeceira do Cantario Grande)		
Habitat.		
Col.	General Rondon 1644-R	Data 11-III-1917
Det.	F. C. Hoehne	Data
Observ.		

Fig. 157 – Ficha de identificação do Herbário do Museu Nacional do Rio e Janeiro. Fonte: Museu Nacional.

Os principais coletores foram: Carlos Hoehne, João Geraldo Kuhlmann e Marechal Rondon que coletou vários espécimes, algumas inclusive novas para a ciência. Por essa razão, Rondon por várias vezes foi homenageado pelos botânicos da Comissão, que nomearam alguns espécimes com o seu nome.

Calliandra Rondoniana Hoehne - se trata de uma espécie ainda não conhecida e por isto a descrevemos, dedicando-a ao seu descobridor, o General Rondon, que, em meados de 1919, a enviou para ser incorporada ao herbário da Comissão de que é chefe (HOEHNE, 1916, p. 6).



Fig. 158 - Rondon segurando uma planta. (Fonte: RONDON, Índios do Brasil volume III, p. 290)

Utilizou-se para a pesquisa apenas as fichas identificadas com coletores que participaram da Comissão Rondon. Entre esses coletores, considerou-se as fichas que estavam identificadas como material colhido pela Comissão Rondon e teve-se o cuidado de observar a data e o local onde o material foi colhido para confirmar que se tratava de espécimes colhidas pela Comissão Rondon.

Essas fichas foram fotografadas uma a uma, totalizando 1 414 (um mil, quatrocentos e catorze) fichas. A seguir, todos os dados foram digitados, tendo como referência a família que foi colocada em ordem alfabética. O nome de cada espécime foi digitado escrevendo o habitat, nome vulgar, características e, quando identificado, a utilização do espécime. Algumas fichas constavam o nome do espécime repetido, então essas fichas foram descartadas para evitar duplicidade de informação. Os nomes de alguns espécimes foram escritos nas fichas de identificação faltando o epíteto genérico, o epíteto específico ou o descritor da espécie. Pesquisou-se o *site* www.theplantlist.org na tentativa de obter os dados faltosos, todavia não se obteve êxito. Resolveu-se manter estes dados na pesquisa e assinalou-se essas espécies com um asterisco (*).

4.3 RESULTADOS e DISCURSÕES

1. ACANTHACEAE:

- *Anisacanthus malmei* Lindau; Habitat: arbusto alto.

- *Beloperone mollis* Nees; Habitat: arbusto da mata úmida; flor vermelha.
- *Chaetochlamys macrosiphon* Lindau; Arbusto; flor encarnada.
- *Chaetochlamys marginata* Lindau; Habitat: campo sujo.
- *Chaetothylax tocaninus* Nees; Arousto; flor vermelha.
- *Chaetothylax bolivensis* Lindau;
- *Elytraria squamosa* (Jacq.) Lindau; Planta interior; flores roxas.
- *Elytraria squamosa* (Jacq.) Lindau; Habitat: campos; flores roxas.
- *Geissomeria tatragona* Lindau; Flor rubra.
- *Justicia chapadensis* Sp. Moore; Flores roxas; planta de 70 a 80 cm de altura.
- *Mendoncia atelligera* Mildb. n.sp; Flor rubra.
- *Ruellia bangii* Rusby var.; Flor roxo-clara.
- *Ruellia geminiflora* HBK; Habitat: 60 a 70 metros de altura.
- *Ruellia lengifolia* (Pohl) Griseb.
- *Ruellia hygrophila* Mart.; Habitat: cresce em lugares alagados periodicamente; planta rasteira de flor roxa.
- *Ruellia longifolia* (Pohl) Griseb.; Flor rubro sanguinea.
- *Stenandrium* Sp.; Habitat: planta de lugares húmidos; vulgo: Cravina roxa; flor roxa com inglação do labelo estirado de branco.
- *Stenandrium pohlii* Nees; Habitat: arbustinho do campo; flor roxa rósea.
- *Stenandrium affine* Spe. Moore; Habitat: campo baixo e sujo; flores róseas com mancha amarelo alaranjado sobre o lóbulo maior.
- *Pseudoranthemum heterophyllum* (Ness) Randkl; Flores alvas.
- *Stenandrium polli* Nees; Habitat: campos altos.
- *Stenandrium pohli* Nees; Habitat: campos baixos.
- *Stenandrium affine* Sp. Moore; Habitat: campo.
- *Mendoncia hirsuta* Nees.
- *Lepidagathis pubiflora* Lindau; Habitat: cerrado, campos.
- *Ruellia bangii* Rusley; Habitat: arbusto.
- *Stenandrium affine* Moore; Habitat: habita o campo baixo.
- *Justicia* Sp.; Meio escandente; flor azul.
- *Ruellia hygrophila* Mart; Habitat: campos baixos e alagados; flor roxa.
- *Pseudoranthemum heterophyllum* (Ness) Radlk; Arbusto; flores alvas-arroxeadas.
- *Ruellia geminiflora* HBK; Habitat: campo;
- *Ruellia formosa* Ait.; Habitat: campo sujo; flor vermelha; planta tuberosa.
- *Stenandrium affine* Sp. Moore; Habitat: campo.
- *Justicia cornata* Sw.; Arbusto.
- *Mendoncia hirsuta* Nees; Trepadeira; flores alvas.
- *Justicia secunda* Vahl; Planta subarborescente; flor encarnada.
- *Staurogyne rondoniana* Mildb.n.Sp; Habitat: lugar úmido; flor alva.
- *Ruellia glabra* (N. e E.) var. eongipetialatun HBK; Arbusto; flor roxa.
- *Ruellia hygrophylla* Mart.; Planta rasteira de flores roxas.
- *Ruellia macrantha* (Ness.) Lindau; Habitat: campo cerrado úmido; flores róseas.
- *Lepidagathis pubiflora* Lindau; Habitat: campos naturais e cerrados.
- *Geissomeria oineinal* Nees; Sufruticosa.
- *Geissomeria tetragena* Lindau; Habitat: campos sujos.
- *Justicia dasyclados* (Nees.) Lindau; Habitat: arbustinho do campo; flor alva.
- *Justicia polygaloides* Sp. Moore; Habitat: campo; flor alva.
- *Justicia oreandum* Moore.
- *Lepidagathis falcata* Nees; Habitat: encosta da serra, mata.
- *Lepidagathis pubiflora* Lindau; Habitat: campos cerrados.

- *Lepidagathis pubiflora* Lindau; Habitat: cerrado.
- *Guellia* Sp.; Habitat: córrego; flor roxa.
- *Lepidagathis pubiflora* Lindau; Habitat: campo.
- *Mendoncia hirsuta* Nees; Habitat: cipó da mata.

2. ACROPHULARIACEAE:

- *Bacepa myriophylloides* (Benth.) Wattat; Habitat: campo paludoso; flores alvas.

3. ALISMATACEAE:

- *Echinodorus tenellus* (Mart.) Buch; Habitat: beira da lagoa; flores alvas.
- *Sagittaria* *ef. rhombifolia* Cham.; Habitat: lagoa; flora alva, anteras amarelas, 12 estames férteis.
- *Tenellus* (Mart.) Buch.
- *Rostratus* (Nutt.) Engelm; Habitat: campo paludoso.
- *Tenellus* (Mart.) Buch; Habitat: lugar úmido.
- *Paniculatus* Mich; Habitat: no pântano.
- *Seubertianus* (Mart.) Buch. Habitat: aquática; planta aquática imersa com as folhas flutuantes sobre a tona d'água.
- *Montevidensis* Camb. et Schletr; Habitat: aquática.
- *Pugioniformis* L.; Habitat: aquática.
- *Tenellus* (Mart.) Buch; Habitat: campo alagadiço.
- *Lophotocarpus* *aff. guianensis* Smith var. *echinocarpus* Buch; Habitat: lagoa seca.
- *Paniculatus* Mich; Habitat: aquática, em lagoa.
- *Macrophyllus* (Kunth) Mich; Habitat: aquática; flores albas.
- *Lophotocarpus* *aff. guianensis* Smith var. *echinocarpus* Buch; Habitat: lagoa seca.
- *Tenellus* (Mart.) Buch; Habitat: campo úmido.
- *Pugioniformis* L.; Habitat: campo alagado.
- *Sagittaria montevidensis* Cham. et Schl; Planta da lagoa, temperária.

4. AMARANTHACEAE:

- *Alternanthera polygonoides* (L.) R.Br.; Planta sub-aquática.
- *Gomphrena decumbens* Jacq.; Habitat: nada consta; Obs: Planta rasteira de inflorescência esbranquiçada, cresce nas ruas, capoeiras.
- *Gomphrena decumbens* Jacq.; Planta prostada; flores amarelas.
- *Pfaffia paniculata* (Spreng) A. Ktzo; Nativa.
- *Gomphrena Mandonii* Fries; Habitat: beira do rio.

5. AMARANTHACEAE: CHENOPODIACEAE:

- *Aenyanthes aspera* L.
- *Amaranthus hybridus* L.; Habitat: campos úmidos; arbusto de 80 cm.
- *Alternanthera philoxeroides* Griseb; Planta aquática; flutuante.
- *Alternanthera halimifolia* (Lam.) Standl; Habitat: campo seco; planta rasteira do campo seco.
- *Chamissoa maximiliani* Mart.; Habitat: córrego.
- *Froelichia interrupta* (L.) Moq.; Habitat: campo cerrado; flores alvas.
- *Chamissoa macrocarpa* H.B.K.

- *Pfaffia atenophylla* (Spreng.) Stand; Habitat: pantanal; Obs: Arbusto flores alvas.
- *Froelichia interrupta* (L.) Moq; Habitat: campo cerrado; flores alvas.
- *Pfaffia gnaphalioides* (Vahl. Mart.); Habitat: campo alto e seco.
- *Pfaffia iresinoides* (H.B.K) Spreng.; Habitat: campo cerrado.
- *Pfaffia iresinoides* (H.B.K.) Spreng.; Planta sub-fruticosa.
- *Iresine celosia* L.
- *Pfaffia iresinoides* (H.B.K.) Spreng.; Planta sub-fruticosa
- *Gomphrena decumbens* Jacq; Plantinha comum a beira das estradas, campos, etc.; flores amarelas.
- *Gomphrena officinalis* Mart; Habitat: campos naturais e cerrados; usado como anti-febril e estomática; vulgo: Paratudinho.

6. AMARYLLIDACEAE:

- Brasiliensis* Spreng (*); Habitat: campo cerrado.
- Chapadensis* Hoehne (*); Habitat: campo.
- Curculigo scorzoneraefolia* Baker; Habitat: campo arenoso.
- Foureroya gigantea*; Habitat: nada consta.
- Reginae* L.(*); Habitat: saxicola
- Spectabilis* Schenk.(*)
- Psittacina* Lehm (*) ; Habitat: no taquaral.
- Lactea* Sp. Moore (*); Habitat: campo alagadiço
- Spectabilis* Schenk var. *parvifolia* (*);

7. ANACARDIACEAE:

- Tapirira guianensis* Aubl

8. ANONACEAE:

- Anona aurantiana* Barb. Rodr; Habitat: arbusto do cerrado.
- Anona crassiflora* Mart; Habitat: árvore de 3 a 5m do cerrado; flor verde amarelada, alva por dentro .
- Anona phaeoclados* Mart; Habitat: arbusto; flores alvas cerrador.
- Anona coriacea* Mart; Habitat: arbusto dos cerrados; flores branco-amarelentas.
- Anona crotonifolia* Mart; Habitat: campos cerrados; flores alvas; nome vulgar: araticum.
- Anona nutens* R.E.Fries; Habitat: arbusto.
- Anona dioica* St. Hil.
- Anona muricata* L.
- Calophyllum*
- Cymbopetalum brasiliense* (Vell) Benth
- Duquetia narograviana* Mart; Habitat: árvore de campo; produz frutos que chegam a pesar 300 a 500 gr.
- Duquetia furfuraceae* (St.Hil.) Benth et Hook; Arbusto.
- Gutteria rigida* R.E. Fries; Habitat: árvore das matas ribeirinhas; Obs: Flores esverdeadas.
- Sylopia emarginata* Mart; Árvore de 5 a 8 metros.
- Guatteria foliosa* Benth; Árvore das regiões arenosas; flores verdes

- Rolliniopsis leptopetala* (R.E.Fries) Saff; Flores esverdeadas; nome vulgar: araticum do campo.
- Guatteria pohliana* Schlacht e dahl; Habitat: árvore do cerrado; nome vulgar: Mercus e alathe dos Parecis, produção de frutos edulos.
- Xylopia benthami* R.E.Fries.
- Xylopia grandiflora* St. Hil; Árvore do cerrado.
- Unonopsis lindmanii* R.E. Fries; Árvore de flor alva.
- Xylopia aromatica* (Lam.) Mart; Habitat: árvore do cerrado; flor alva por dentro.
- Rollinia silvatica* (St. Hil) Mart; Árvore frondosa.
- Furfuraceae* (St. Hil) Benth et Hook; Habitat: arbusto.
- Rollinia crevipipes* R.E. Fries; Flor com um pequeno orifício por onde sai o porem.
- Guatteria silvícola* Sp. Moore; Habitat: arbusto de cerrado; planta preferida por uma espeie de gafanhoto.
- Xylopia benthami* R.E.Fries var. *dolichopetala* R.E.Fries; Habitat: árvore
- Furfuraceae* (St. Hil.) Bent et Hock; Flor rosea marrom, internamente vermelha; arbusto.

9. APOCYNACEAE:

- Rauwolfia mollis* S. Moore; Arbusto; fruto vermelho
- Secondatia floribunda* A. DC;

10. ARACEAE:

- Caladium angustifolium* Engler; Habitat: campina alagada.
- Taccarum weddellianum* Bong; Habitat: Planta do cerrado, margens das matas, rios.
- Philodendron*.
- Pistia stratiotes* L. var. *spathulata*; Habitat: lagoas, flutuantes, muito comum e abundante; nome vulgar: erva de Santa Luzia; Tem uso medicinal.
- Monstera acuminata* C. Koch; Habitat: aderente aos trocncos das árvores; planta epífita.
- Platylobum* Engl; Habitat: campo úmido.

11. ARALIACEAE:

- Didymopanax morototoni* Dcne et Planch; Árvore do chavascal.
- Didymopanax spruceanum* Seem. Var: *cuyabensis* Hoehne; Árvore; flores esverdeadas.
- Didympanax utiarityensis* Hoehne (N;S); Habitat: cerrados das imediações do salto Utiarity.
- Didymopanax macrocarpum* Seem; Habitat: campo; arbusto; nome vulgar: Mandiocaqueira do cerrado.
- Didymopanax pachycarpum* E. March; Arbusto grande; flor alvo esverdeada.
- Didymapanax simplicifolium* Hoehne; Habitat: campo baixo; arbusto.

12. ARISTOLOCHIACEAE:

- Aristolocleia warmingii* Mart; Habitat: nada consta; Obs: Liana do campo sujo, flor esverdeada com labelo nas margens roxo-purpura e outro estriado da mesma cor. Nome vulgar: flor de sapo.

- Aristolalulia warmingii* Mart.
 - Arcuata* Mast. (*); Nome vulgar: Batatinha.
 - Barbata* Jacq. (*); Habitat: campo.
 - Claussenii* Ducktr (*)
 - Esperanzae* O. Kuntz (*); Cerrado seco e matem de mata.
 - Reniformis* Duchtr (*); Habitat: nada consta.
 - Reniformis* Duchtr (*); Habitat: nada consta; Obs: nome vulgar: Flôr de Sápo.
 - Ridicula* N.E. Brown (*); Habitat: nada consta; Obs: Liana comum nos cerrados, capueiras. Flor na fauce roxa purpurea, quase negro.
 - Weddellii* Duchtr (*); Nome vulgar: papo de Perú.
 - Gracilis* Duchtr (*).
 - Odoratissima* L. (*); Lab. Vermelho rubro na parte interna, fauce amarela, bojo branco na parte interna.
- Arcuata* Masj;

13. ARONACEAE:

- Duguetia maregraviana* Mart; Árvore; flor alvo fuscas.

14. ASCLEPIADACEAE:

- Asclepias candida* Vell; Habitat: campo alto e cascalhoso; flor alva com corona amarela.
- Araujia plumosa* Schlechter; Habitat: cerrado; flores alvas; liana.
- Asclepias curassavica* L.; Habitat: campo úmido e baixo; nome vulgar: oficial de sala.
- Asclepias mellodora* St. Hil var. *mimor* St. Hil; Flores pálida amarelentas; altura 30 cm; habitat: campo.
- Asclepias nervosa* Dne; Flores alvas.
- Araujia grandiflora* Mart. et Zucc; Liana; Trepadeira; flores alvas odoríferas; centro amarelo.
- Araujia plumosa* Schlecht; Voluvel; flor alvo creme.
- Astephanus exaltatus* Malme; Habitat: campo; flor alva.
- Araujia grandiflora* Mart. e Zucc; Liana; flores alvas.
- Astephanus exaltatus* Malme; Habitat: campo montanhoso e seco; não há registro de flores abertas.
- Araujia sericifera* Brot; Planta geralmente cultivada como ornamento e seda para almofada.
- Blepharodon linearis* Deue; Habitat: campo cerrado; flor escura por dentro com arina alva.
- Barjonia* (*); Habitat: campo limpo.
- Barfonia laxa* Malme; Habitat: cerrado ralo.
- Barfonia erecta* (Vell) K. Schum; Habitat: campo.
- Barfonia linearis* Decaisne; Habitat; campo aberto.
- Blepharodon linearis* Dene; Flor alva ou fusca.
- Blepharodon reflexus* Malme; Flores alvas.
- Blepharodon diffusus* Dcne; Flores alvas pendentes.
- Barfonia apnosa* Fourn; Habitat: campo; flor alvo esverdeada.
- Barfonia obtusifolia* Fourn.

- Blepharodon linearis* Dcne; Arbustinho; habitat: cresce no centro da cidade em lugares abandonados.
- Blepharodron reflexus* Malme; Habitat: volúvel do cerrado; flor alva.
- Barjonia cymosa* Fourn; Habitat: campo cerrado; flores alvo-esverdeada.
- Barpnia obtusifolia* Fourn; Habitat: campos cerrados.
- Blepharodron reflexus* Malme; Habitat: volúvel do cerrado; flor alva.
- Calostigma guilleminiamum* Dcne; Habitat: campo, beira da mata; flor verde amarelada com a base do estigma vermelho.
- Cornifolia* St. Hil; Habitat: arbusto.
- Coriaceae* Mart; Habitat: arbusto.
- Ditassa micromaria* Decaisne; Habitat: campo limpo.
- Ditassa linearis* Mart et Zucc; Habitat: entre as pedras da serra; flor alva plena.
- Ditassa*; Habitat: campo cascalhoso
- Ditassa virgata* Fourn; Habitat: Campo sujo nos sulcos e escavados.
- Ditassa ericoides* Dcne; Habitat: morro do funil, sobre pedras do alto.
- Ditassa virgata* Fourn; Habitat: campo úmido; flor alva.
- Exolobus stanolobus* (Dcne.) Fouen.
- Exolobus herzogii* (Schlt) Malme; Liana; flores esverdeadas com pétalas sombreadas de roxo.
- Tassadia multiflora* Malme; Liana; flores albicantes.
- Oxypetalum erectum* Mart. e Zucc subspecie campestris.
- Matelea pedalis* Fourn; Arbusto fino e delgado; flor esverdeada, com o centro roxo
- Maradenia brasiliensis* Dono; Liana; flores alvas
- Marsdenia*; Liana; flor roxo-púrpura.
- Oxypetalum parviflorum* var *Kuhlmannii* Hoehne
- Nephradenia reflexa* Malme; Liana; saxicula; flores esverdeadas.
- Pseudibatia lanosa* (Fourn.) Malme; Arbusto fino e delgado; flores esverdeadas.
- Marsdenia malmeana* Roth; Habitat: cerrado; liana; flores albicantes.
- Oxypetalum capitatum* Mart. et Zucc; Habitat: arbustinho do campo; flores esverdeadas.
- Oxypetalum appendiculatum* Mart. et Zucc; Habitat: mata.
- Pseudibatia divarsifolia* (Fourn.) Malme; Arbustinho fino e delgado e um pouco curvado; flor roxo-negra.
- Hemipogon acerosus* Dcne; Arbusto; flores alvacentas; habitat: campo e terrenos argilosos.
- Nephradenia reflexa* Malme; Trepadeira, as vezes arbusto ereto; flocos esverdeados com os lóbulos brancos arroxeados.
- Pseudibatia lanosa* (Fourn.) Malme.
- Oxypetalum balansae* Malme; Volúvel: pistilho roxo.
- Widgrenia corymbosa* Malme; Habitat: pântano; flor alva.
- Funastrum riparium* (Dcne.) Schlt; Volúvel; flor alva.
- Metastelma robertii* (sp. Moore.) Malme; Habitat: campo seco; trepadeira.
- Mateles pedalis* Fourn; Habitat: campo da chapada; arbusto.
- Nephradenia filipes* Malme; Habitat: campos úmidos; flor alva creme.
- Marsdenia mollissima* Fourn; Trepadeira; flor alva, internamente amarela.
- Oxypetalum martii* Fourn.
- Gonolobus purpúrea* Descaisne; Habitat: campo cerrado
- Marsdeniawedoe lii* (Fourn.) Malme; Sep. verde, claras por dentro; pétalas riscadas de vermelho purpúreo, cor verde clara, est. vermelho.
- Oxypetalum capitatum* Mart et Zucc; Habitat: campo; flor um tanto escura.

- Oxypetalum martii* Fourn; Habitat: campo; flor alva esverdeadas.
- Oxypetalum pauperculum* Fourn; Flor verde amarelada.
- Oxypetalum pachyglossum* Dene; Habitat: volúvel do brejo; flor fusco verde por fora e alva por dentro.
- Oxypetalum appendiculatum* Mart. et Zucc; Habitat: capoeira
- Macroditassa adnata* (Fourn) Malme; Habitat: volúvel no cerrado; flores alvas.
- Oxypetalum martii* Fourn. var. *matogrossensis*; Habitat: campo; flor alvacenta esverdeada.
- Funastrum riparium* (Dcne) Schlecht; Volúvel; flor alva.
- Marsdenia malmeana* Roth; Trepadeira; flor verde alvacente.
- Melinia* SPC; Flor alva.
- Oxypetalum strictum* Mart et Zucc; Habitat: campo pedregulhento; flor alva por dentro.
- Oxypetalum pauperculum* Fourn; Habitat: em capoeira; flor verde amarelada.
- Oxypetalum pachyglossum* Dene; Habitat: brejo; flor esverdeada.
- Gonopobus cuyabensis* Malme; Habitat: planta rasteira do campo limpo; flores avermelhadas escuras, aos pares nas axilas foliares.
- Hemipogon acerosus* Dcne; Habitat: campo limpo e alto; flor alva por dentro.
- Hemipogon acerosus* Den var. *platyphylla* Hoehne; Habitat: campo cerrado; planta rasteira; flor alva por dentro.
- Nephradenia acerosa* Dcne; Habitat: campo acidentado; flor escura.
- Metastelma venosum* Dcne; Habitat: matas ao sopé da serra; flor alva por dentro.
- Oxypetalum erectum* Mart et Kucc var. *campestre*.
- Roulinia montevidensis* (Spreng) Malme; Habitat: trepadeira das margens do rio; flores alvas com aroma, estriada de roxo.
- Tassadia spricei* Fourn; Flores alvas.
- Oxypetalum lineare* Dene.

15. BALANOPHORACEAE:

- Hypogaea* Mart; Parasita sobre raizes de árvores do cerrado.

16. BEGONIACEAE:

- Begônia*; Habitat: lugares úmidos; rupícola; flores alvas.

17. BIXACEAE:

- Bixa orellana* L.; Árvore; flores roseas; vulgo: urucu.

18. BOMBACACEAE:

- Bombax gracilipes* Schum; Habitat: cerrado; árvore de flores alvas; nome vulgar: Paineira.
- Bombax marginatum* Schumann; Habitat: cerrado; arbusto ou árvore pequena de flores alvas; nome vulgar: paineira.
- Ceiba burchelli* Schumann; Árvore isolada, grande; flores alvacentas.
- Ceiba pubiflora* Schumann; Habitat: cerradões; árvore de flores precoces, arroxeadas.

-*Matisia ochrocalyx* Schumann; Habitat: mata; árvore; justa fluvial; flor alvo amarelada.

19. BROMELIACEAE:

- Acanthostachys strobilaceae* (Schuç tz) Kl.; Habitat: rupicola.
- Ananas bracteatus* (Schult.) Lindl var. *albus* LB Smith
- Aechmea* var. *bromeliaefolia* (Rudge) Bak
- Ananas ananassoides* (Bak) L.B.Sm.
- Anamola* Hoehne; Rupicola.
- Balansae* Mez. Interior LBS; Habitat: cerrado, de preferência sobre formigueiros.
- Brachysiphon* L. B. Smith;
- Bracteas florais breves*, *integrae*.
- Caldasiana* Bak var. *Pitesirnia subpetioclata* Baker; Habitat: campo saxoso.
- Didisticha* (Morr.) Bak.
- Dyckia leptostachya* Baker; Habitat: lugar seco em grandes touceiras; flores vermelhas.
- Dyckia tenuis* Mez;
- Dyckia saxatilis* Mez; Habitat: campo seco; flor amarela.
- Dyckia warmingii* Mez.
- Pitcairnia anomala* Hoehne; Habitat: nada consta.
- Pitcairnia burchelli* Mez; Flores escarlates.
- Geminiflora* Brong.
- Micranthus* Brongn.
- Paraensis* Mez; Habitat: epífita.
- Leptostachya* Baker.
- Isterior* L.B.S; Habitat: cerrado, associada em grandes grupos; nome vulgar: Croata.
- Usneoides* L.; Habitat: epífita.
- Paraensis* Mez; Habitat: epífita.
- Minarum* Mez.
- Recurvata* L.; Habitat: epífita
- Tillandaia recurvata* Lin; Habitat: epífita.
- Meziana* O. Kuntz; Habitat: Rupicola, pedra calcarea.
- Pitcairnia torresiana* L.B.Smith; Rupicola.
- Meyeri* Mez
- Loliacea* Mart; Habitat: epífita.
- Tillandsia decomposita* Baker

20. BURMANNIACEAE:

- Apteria setacea* Nult; Habitat: mata; flor roxa.
- Bicolor* Mart; Comum nas margens do salto; flor amarela coma as alas e ovários roxos.
- Flava* Mart; Habitat: campo úmido; flor amarela.

21. BUTOMACEAE:

- Flava* (L.) Buch; Habitat: aquática.
- Oblongifolia*; Habitat: planta aquática de folhas flutuantes.

22. CACTACEAE:

- Aporoactus flagelliformis* (L) Lemaire; Habitat: epífita, esteri.
- Cereus pernambucensis* Lemaire; Planta rupicola; flores alvas.
- Rhipsalis dissimilis* (Lindl.) Schumann; Rupicola das cristas da serra ; floes alvas.
- Hylocereus undatus* (L) Britton e Rose; Flores alvas de 25 cm de comprimento.

23. CAMPANULACEAE:

- Siphocampylus nitidus* Pohl; Habitat: campo cascalhoso; flor vermelha.

24. CANNACEAE:

- Glauca* L. (*); Habitat: terreno paludoso.

25. CAPPARIDACEAE:

- Cleome spinosa* Linn; Nome vulgar: Mussambé.
- Crataeva tapia* L.; Árvore das matas de galeria; os bugios comem os seus frutos; pétalas alvas; nome vulgar: pão d'alho.
- Crataeva tapia* Linn; Habitat: árvore das margens úmidas da lagoa de Caçares.
- Capparis flexuosa* Vell; Habitat: margens do rio.
- Capparis mattogrossensis* Pilger; Árvore.
- Capparis tweediana* Eichl; Árvore de cerrado baixo e úmido.
- Cleoma affine* DC; Arbusto campo seco; flor alva.
- Cleome paludosa* Willd
- Intermedium* Morie; Flores amarelas.
- Malmeana* Gilg; Árvore cerrada.
- Tarapotensis* Eichl; Árvore de 3 m de altura com flores alvas.

26. CARYOCARACEAE:

- Caryocar brasiliensis* Camb; Habitat: carrado; árvore, muito freqüente.

27. CARYOPHYLLACEAE:

- Bombax utiarityi* Hoehne (sp. nov.); Habitat: na margem do rio; raízes estendidas sob a água.
- Polycarpon apurense* H.B.K.; Habitat: nas margens do rio.

28. CLETHRACEAE:

- Clethra brasiliensis* Cham var. reticulada; Habitat: campo cascalhoso; arbusto de flores alvo esverdeada.

29. COCHLOSPERMACEAE:

- Cochlospermum insigne* St. Hil, var. pohliana; Arbusto de 2 a 3 metros de altura; flores amarelas.
- Cochlospermum orinocense* Steud; Árvore de 6 a 10 metros de altura.

- Cochlospermum insigne* St. Hil; Habitat: cerrado; Arbusto de 150 cm de altura; arilo na ocasião da floração.
- Cyathyla prostrata* (L) Blume; Arbustinho herbáceo, ereto de flores esverdeadas.

30. COMMELINACEAE:

- Aubletiana* Rour et Schl; Habitat: mata.
- Aff. elegans* Humb.
- Ambígua* Mart.
- Elegans* Humb; Habitat: lugar úmido.
- Filiformis* Clarke
- Luschnathiana* Kunthz; Habitat: campo úmido.
- Mollis* kunth; Habitat: mata sombria.
- Villosula* Mart
- Glabrata* (Kunth) Hasak.

31. COMPOSITAE:

- Baltimosa recta* L.; Habitat: campo alto.
- Centratherum punctatum* Cass. var. *parviflorum* Baker; Flores roxas; mata.
- Centratherum punctatum* Cass; Flores roxas; campos sujos, arbustinho.
- Cordifolia* Willd; Liana; Flor muito odorífera.
- Lichnaphora uniflora* Sch Bip; Arbustinho saxicolo, flores roxas.
- Mikania micrantha* H.B.K.; Liana; flores alvas.
- Mikania officinalis* Mart; Arbustinho do campo baixo e úmido; flor alva.
- Mikania micrantha* H.B.K.; Liana; flor alva.
- Mikania psilostachya* DC. Var *scabra* Baker; Liana; flores alvas.
- Mikania cacerensis* sp. Nov; Liana.
- Mikania officinalis* Mart; Habitat: herbácea no campo; nome vulgar: Coração de Jesus; arbusto com 60 cm.
- Mikania psilostachya* var. *scabra* Bak; Liana; flores alvas.

32. CONNARACEAE:

- Connarus cymosus* Planch; Arbusto; flores alvas.
- Connarus induta* Planch; Habitat: arbusto do cerrado; flores alvas e muito cheirosa.
- Connarus fulvus* Planch; Arbusto de casca grossa.
- Connarus sprucei* Baker; Arvoreta subescandente; flores alvas.
- Rourea induta* Planch; Arbusto; flores alvas odoríferas.
- Rourea laurifolia* G. Schellenberg; Árvore.
- Rourca puberula* Baker; Habitat: campo; árvore.

33. CONVULVULACEAE:

- Bonamia kuhlmanii* Hoehne; Liana; flores alvas.
- Bonamia mattogrossensis* Hoehne. var *obtusifolia*; Flor roxa.
- Bonamia mattogrossensis* Hoehne; Flor alvo arroxeadada.
- Bonamia corumbaensis* Hoehne; Habitat: campo seco.
- Calonyction speciosum* Choisy; Flor alva, em botão. Habitat: pantanal.
- Cuscuta partita* Choisy; Habitat: campo limpo; vulgo: Cipó-chumbo.

- Cuscuta partita* Bold; Habitat: campo limpo; flor alva; planta rasteira, parasita das plantas pequenas do campo.
- Cuscuta obtusiflora* H.B.K; Sôbre indigofera; vulgo: Cipó-chumbo.
- Cuscuta racemosa* Mart. var. calycina; Flor alva; vulgo: cipó chumbo.
- Evolvulus aurigenius* Mart; Habitat: campo; flor azul.
- Evolvulus chamepitys* Mart. var. caespitosa; Habitat: cerrado; flor roxo claro.
- Evolvulus corumbaensis* Hoehne; Habitat: campo seco.
- Evolvulus glomeratus* Nees e Mart; Arbusto; flor roxa.
- Evolvulus gypsophiloides* Moric. Var. brevifolius; Habitat: campo; flor roxa.
- Evolvulus incanus* Pers; Habitat: campo; flor roxa.
- Evolvulus pterocaulon* Moric; Arbustinho. Habitat: cerrado seco.
- Evolvulus pterocaulon* Meric var. floccosus Meissn; Habitat: campo seco
- Evolvulus pterygophyllus* Mart; Habitat: campo; flores coeruleas.
- Evolvulus niveus* Mart; Habitat: campo alto.
- Evolvulus nummularius* L.; Habitat: frequencia nas ruas, formando um atapetado; flores alvas. Planta rasteira do campo.
- Evolvulus nummularius* L. var. grandifolia; Planta rasteira.
- Evolvulus filipes* Mart; Habitat: campo cerrado.
- Evolvulus sericeus* Swartz var. latier; Habitat: campo.
- Evolvulus martii* Meissn; Habitat: campo; flor azul.
- Jacquemontia tamnifolia* (L.) Mey; Habitat: nada consta.
- Jacquemontia*; Habitat: margem esquerda.
- Merremia umbellata* (L.) Hallier; Flores amarelas.
- Ipomoea goyazensis* Gardn; Flor roxa, centro alvo.
- Ipomoea rondoniae* Hoehne , var. Breviracemosa Hoehne; Arbusto de flor roxa, mixto.
- Ipomoea polyrrhizos* Choisy; Arbustinho.
- Prevostea glabra* Cheisy; Liana.
- Jacquementia viscidulesa* Hoehne; Habitat: campo alagadiço; arbusto; flor levemente roxa.
- Jacquemontia tamnifolia* (L.) Mey; Arbusto; flor levemente arroxeadada.
- Ipomoea fistulosa* Mart; Habitat: em terrenos algadiços; vulgo: canudo.
- Ipomoea heyazensis* Gardn; Flor rósea.
- Ipomoea tapirapoanensis* Hoehne (N.S); Trepadeira grande, com flores belamente roxo escuras.
- Ipomoea rondoniae* Hoehne; Habitat: capoeira ou campo; arbustinho de flores roxo-roseas.
- Ipomoea schomburgkii* Cheisy; Habitat: campo úmido; arbustinho cespitoso; flores roxas.
- Ipomoea polyrrhizos* Cheisy; Habitat: campo; vulgo: algodãozinho do campo.
- Ipomoea argyreia* Meisan; Habitat: campo; flor roxa claro; arbusto.
- Merremia rondoniana* Hoehne; Trepadeira.
- Ipomoea sidaefolia* Choisy.
- Jacquemontia gracilis* Choisy; Planta rasteira; flor alvacenta.
- Jacquementia gracillima* (Cheisy) Hallier; Flor roxo-amarelada com o centro mais escuro.
- Opeculina altíssima* Meissn; Flor amarela.
- Merremia cissoides* (Gr.) Hall. var. viscidula.
- Jacquemontia lasioclada* (Choisy) O Donnell; Habitat: campo cerrado; flor azul.
- Merremia digitata* (Spr.) Hall. var. cinerea; Habitat: campo; flor alva.

- Quamoclit coccinea* Moench; Volúvel; flor vermelha.
- Ipomoea corumbaensis* Hoehne.
- Jacquemontia tumnifolia* (L) Mey; Flor azul.
- Merremia tomentosa* (Cheisy) Hall; Habitat: campo cerrado; flor azul clara.
- Ipomoea macrophylla* Cheisy; Habitat: matas juxtafluviais; flor roxo vinacea.
- Merremia tomentosa* (Cheisy) Hall; Flor alva.
- Jacquemontia hirsuta* Cheisy var. *trichodonta*; Flor azul.
- Jacquemontia eriocephala* Meissn; Flor alva.

34. COTHLOSPERMACEAE:

- Cothlospermum insigne* St. Hil; Habitat: cerrado; ramos sem flores.

35. CRUCIFERAE:

- Nasturtium pumilum* Camb

36. CUCURBITACEAE:

- Cayaponia espelina* (Manso) Cogn; Lima do campo, reputada como anti-febril e anti-ofídica; Habitat: cerrados; planta raiz tuberosa medicinal
- Cayaponia fluminensis* (Vell) Cogn; Habitat: margem do rio Juruena; flores alvas, algo esverdeadas.
- Cayaponia*; Habitat: planta de roçado.
- Gurania aff. linkiana* Cong; Flores alaranjadas.
- Melothria fluminensis* Gardn; Liana de flores amarelas; nome vulgar: Mellão de morcego.
- Siolmatra brasiliensis* (Cogn) Baill; Habitat: liana das margens do rio Cuiabá; Nome vulgar: Batatinha; flor esverdeada.
- Momordica charantia* var. *abbreviata* Ser; Liana.
- Melancium*; Fruto ovóide maculado de verde como em *melancium*; flor amarela.

37. CYCLANTHACEAE:

- Asplundia*

38. CYPERACEAE:

- Angulatus* Nees; Habitat: campo úmido.
- Bulbostylis*.
- Capillaris* Kunth; Habitat: campo argiloso.
- Calyptrocarya fragifera* Nees; Habitat: rupícola.
- Calyptrocarya angustifolia* N. et E.; Habitat: na mata.
- Cyperus luzulae* Rottb; Habitat: lagoa.
- Conífera* Kth; Habitat: campo seco.
- Karataefolia* Rich; Habitat: a beira da mata.
- Surinamensis* Rottb; Habitat: lugar úmido.
- Pubera* Vahl; Habitat: campo recentemente queimdo.
- Simplex* H.B.K.; Habitat: epífita em oco de árvore.
- Elegans* Schrad; Habitat: epífita, a 10 m sobre o solo.

- Lanata* Kth; Habitat: campo seco.
- Fistulosa* Schultz; Habitat: lagoa; usada para o fabrico de esteiras para dormir.
- Junciformis* Clarke (*); Habitat: na lavoura.
- Karataefolia* Rich (*); Habitat: mata úmida.
- Jacobinae* Lindm (*); Habitat: no campo
- Obtusestrigona* Lindl. et Nees (*); Habitat: lagoas temporárias; nome vulgar: Tiririca da lagoa.
- Paradoxa* Kth (*); Habitat: campestre
- Pubera* Vahl (*); Habitat: campos baixos e úmidos.
- Heleocharis sulcata* Nees (*); Habitat: campos úmidos.

39. DILLENACEAE:

- Curatella americana* L.; Árvore; nome vulgar: Lixa.
- Davilla lacunosa* Mart; Árvore; habitat: campo.
- Davilla lacunosa* Mart. var. Minor; Habitat: campo cerrado; arbusto de flores amarelas.
- Doliocarpus dentosus* Mart; Liana.

40. DROSERACEAE:

- Drosera communis* St. Hil; Habitat: campo úmido; planta alva levemente arroxada.
- Drosera montana* St. Hil schyackeana Diela; Habitat: campo úmido e pedregulhento; flor roxa.
- Drosera sessilifolia* St. Hil; Flores roxas.
- Drosera sessilifolia* St. Hil; Habitat: pântano.
- Drosera tenella* Willd; Habitat: pântano.
- Montana* St. Hil; Habitat: nas beiras das valas no campo limpo; folhas vinaceas.

41. ERICACEAE-PIROLAE-EPACRIDACEA:

- Gaulusacia*; Habitat: em terreno de areia branca.
- Gaylussacia pallida* Cham; Habitat: campo alto; arbusto; flor alva.
- Lucothos pulchra* DC var. parviflora; Arbusto; flor alva.

42. EBENACEAE:

- Diospyros poeppigiana* DC.; Árvore de 6 a 8 metros de altura; flores esverdeadas.
- Diospyros mattogrossensis* Hoehne s.n.; Árvore de 10 a 15 metros de altura; flores verdes.
- Diospyros coccolobaefolia* Mart. var. pubescens Hoehne; Habitat: campo cerrado; árvore; nome vulgar: Olho de boi.

43. EUPHORBIACEAE – DAPHNIPHYLLACEA:

- Hevea benthamiana* M. Arg; Árvore de regular altura, contendo muito látex; nome vulgar: Seringa fogo.
- Phyllanthus fluitans*; Planta flutuante.
- Schomburgkiana* Miers (*);

44. EUPHORBIACEAE:

-*Adelia peduncularis* (O. Ktze) Pax et Hoffm; Árvore munida de acúleos; flor amarelada.

45. FLACOURTIACEAE:

- Casearia arbórea* (L.C.Rich.) Urban; Arvoreta dos capões no campo; flores esverdeadas.
- Casearia negrensis* Eichler; Arbuscula de 5 metros de altura; flor esverdeada.
- Casearia javitensis* (HBK) Eichl; Árvore; flores alvas.
- Casearia arguta* HBK; Árvore despida de folhas na florescência; flores alvas.
- Casearia silvestre* Sw. Var. língua (Camb.) Eichler; Habitat: cerrado; árvore; flores alvas.
- Casearia gossypiosperma* Briquet; Habitat: cerrado; arbusto; flores alvas.
- Casearia aculeata* Jacq; Árvore munida de espinhos.
- Laetia apetala* Jacq; Habitat: cerrado; árvore do cerrado; flores alvas.
- Ryania angustifolia* (Turch.) Monachino; Arbusto; cresce entre as pedras das margens da cachoeira; flores alvas, com anel coronal vermelho-arroxeadado.
- Ryania Manseana* Eichler; Arbustinho; flores alvo-esverdeadas.
- Ryania canescens* Eichler; Picada da mata; flor alva; disco vermelho.

46. FLACOURTIACEAE-LACISTEMACEAE:

- Banara arguta* Briquet; Árvore grande; flores amarelas odoríferas.
- Homalium*; Árvore; flores esbranquiçadas.

47. GANTIANACEAE:

- Chalonanthus cansidus* Malme; Habitat: na lagoa, nas margens e lugares mais rasos; planta de 1,50 cm de altura; flor alva.
- Chalonanthus aliginosus* (Griseb) Gilg, var. *grandi floris*; Habitat: campo; flor roxa clara.
- Chaonanthus uliginosus* (Griseb.) Gilg. Var. *grandi floris*; Habitat: campo; flor roxa.
- Coutoubea ramosa* Aubl. var. *vulgaris* Benth; Habitat: campo

48. GENTIANACEAE:

- Chelonanthus uliginosus* (Griseb.) Gilg. Var. *grandi floris* Griseb; Flores roxas.
- Curtia tenella* (Mart.) Knobl; Plantinha; flores roxas.
- Cbutoubea spicata* Aubl; Flor alva.
- Coutoubea ramosa* Aubl. var. *vulgaris* Benth; Habitat: campo sujo; flores avermelhadas.
- Coutoubea spicata* Aubl; Habitat: terreno húmido; flores alvas.
- Curia tenuifolia* (Aubl.) Knobl; Planta; flores roxas com fauce amarela.
- Chelonanthus coerulescens* (Aubl) Gilg; Habitat: campo; plantinha; flores alvas.
- Deianica cordifolia* (Lhotzky) Malme; Flor rosa.
- Deianira eyathifolia* Barb. Rodr; Habitat: campo misto; planta de flor rósea.
- Deianira nervosa* Cham et Schlto; Habitat: campo cascalhoso; flor rósea.
- Leiphaimos tenella* (Guild) Gilg.

- Schultesia stenophylla* Mart. Var. *Latifolia*; Habitat: campo úmido.
- Gracilis* Mart; Habitat: campos úmidos; flores roseas
- Limnanthemum humoboldtianum* Griseb; Folhas flutuantes.
- Gnetum leyboldi* Tul; Liana, inflorescência esverdeada.

49. GESNERIACEAE:

- Hypocyrta hirsuta* Mart; Rupícola; flor amarela alaranjado, carnosa.

50. GRAMINEAE:

- Andropogon carinatus* Nees; Habitat: campo limpo.
- Andropogon fastigiatus* Sufi; Habitat: campo seco
- Andropogon sorghum* Broth; Habitat: beira do rio; planta forrageira.
- Andropogon hypogyuns* Hack; Habitat: campo.
- Andropogon sorghum* Bralte; Habitat: campo seco.
- Andropogon incanus* Hack.
- Andropogon tener* Kunth; Habitat: campo.
- Andropogon nutaus* L.; Habitat: cerrado.
- Eragrostis interrupta* Lamasck; Habitat: campo seco.
- Eragrostis reptaus* Ness; Habitat: campo úmido.
- Eragrostis articulata* Nees; Habitat: campo.
- Andropogon fastigiatus* Sw; Habitat: beira da estrada de ferro.
- Eragrostis maypuruensis* Doll; Habitat: campo.

51. THEOPHRASTACEAE:

- Bicolor* Mart. (*)
- Capitata* Mart. (*); Flores alvas.
- Integrifolia* Mart et Miq (*); Habitat: mata; arbusto; vulgo: fruta de cascavel.
- Grandiflora* Malme (*); Habitat: campo úmido; flor roxa.

52. HOOKERIAACEAE:

- Hookeria martiana* Sm.; Habitat: nas pedras de córrego a grande altura.

53. HUMIRIACEAE:

- Erythroxylum divaricatum* Peys; Habitat em pequenas árvores da mata.
- Humiria balsamifera* Aubl; Árvore comum das margens do rio; flores alvas.
- Humiria balsamifera* Aubl; Habitat: margens do rio; árvore de flores alvas; odoríferas.
- Sacoglottis guianensis* Benth; Habitat: nada consta; Obs: árvore.

54. HYDROPHYLLACEAE:

- Hydrolea spinosa* L. var. *inermis* Sp; Flores azuis; habitat: campo baixo.
- Hydrolea spinosa* L. var. *megamopetumica* (Spreng); Arbusto; flor azul.
- Hydrolea spinosa* L. var. *paludosa* (Bennet) Brade; Arbusto; flor azul.
- Justicia cornata* SW; Habitat: campo úmido; flores alvas depois maculadas de roxo.

55. HYMENOPHYLLACEAE:

- Trichomanes arbuscula* Desv; Plantinha epiphyta hygrophila.
- Trichomanes ankersii* Parker ex Hook e Grev; Habitat: na mata; trepadeira aderente as árvores com todos os órgãos.
- Trichomanes* cf. *firmulum* Presl; Habitat: valas úmidas e sombrias do campo.
- Trichomanes pinnatum* Hedw; Habitat: valas úmidas do campo.

56. KYMPHACACEAE :

- Regia* Linil (*); Planta jovem; quando adulta, flores de 33 cm de diametro.

57. LAURACEAE:

- Americana* Nees (*); Parasita; Habitat: cerrado.
- Glabra* Mek (*); Habitat: árvore das margens do rio e matas; Obs: Flores alvas e odoríferas, terra firme.
- Nothaphoebe splendens* (Meissn.) Pasc.
- Lanceolata* Nees (*); Nome vulgar: canelleira.
- Laxiflora* Mez. (*)
- Hirsuta* Nees (*); Árvore.
- Macropada* Mez (*); Árvore; flores alvas.
- Gardneri* Meisen (*); Habitat: campo cerrado; árvore baixa.

58. LEGANIACEAE-DESFONTAINEACEAE:

- Strychnos rubiginosa* A.DC; Casca rugosa; flores albicantes.

59. LEGUMINOSAE:

- Abrus tenuiflous* Spruce; Habitat: planta escandente; flores roxas.
- Acasia martii* Benth; Árvore de 3 a 4 metros de altura, das margens de vasante; flores alvas odoríferas.
- Acacia farnesiana* Willd; Árvore pequena.
- Acacia paniculata* Willd; Árvore; flor alva amarelada.
- Aeschynomene foliolosa* Rudd; Habitat: nada consta.
- Aeschynomene oroboides* Benth; Habitat: campo; Obs: Flores amarelas, arbusto.
- Aeschynomene sensitiva* Sw. Var. *sensitiva*; Comum nos brejos, o caule é muito leve e emprega-se como asafiador; flores amarelas; arbusto de 1 a 3 metros de altura.
- Aeschynomene ciliata* Vog; Flor com estandarte amarelo, o restante esverdeado; planta viscosa.
- Aeschynomene racemosa* Vogel; Arbustiva; habitat: campo cerrado.
- Aeschynomene paniculata* Willd, ex Vog; Arbustiva.
- Aeschynomene histrix* Poir. var. *histrix*; Arbustiva.
- Aeschynomene histrix* Poirt. var. *densiflora* (Benth) Rudd; Habitat: campo cerrado; arbustiva.
- Aeschynomene ciliata* Vog; Habitat: pântano.
- Aeschynomene paucifolia* Vog; Habitat: cerrado; flores amarelas.

- Aeschynomene paniculata* Willd ex Vog; Habitat: campo.
- Aeschynomene elegans* Sch. Cham; Habitat: beira do cerrado; flores amarelas
- Andira verrifuga* Benth.
- Arachis glabrata* Benth; Plantinha prostrada rasteira de flores amarela-laranja. Campo baixo alagadiço.
- Arachia nambyquaras* Hoehne
- Bauhinia hirsuta* (Boug) Vogel; Arbustinho em forma de vara; flores esbranquiçadas.
- Bauhinia cumanensis* H.B.K.
- Bauhinia dodicandra* Boug; Arbusto de 2 a 3 metros de altura; flores esbranquiçada.
- Bauhinia pulchella* Benth; Habitat no campo dos Urupás; planta do capão no campo.
- Bauhinia longicuspis* Spruce; Arbusto em forma de vara de 1 a 2,5 metros de altura; flores alvas-esverdeadas.
- Bauhinia cuyabensis* Sted; Flores albacentas; arbusto.
- Bauhinia leiopetala* Benth
- Bauhinia cupulata* Benth; Flores alvas; arbusto pequeno.
- Bauhinia platypetala* Busch; Habitat: arbusto; flores alvas.
- Bauhinia pulchella* Benth; Planta que entra na confecção do Eryva.
- Bauhinia mollis* Walp; Flores alvas.
- Bauhinia aff. Longifolia* Stend; Arbusto erecto; flor alva.
- Bauhinia pentandra* Walp; Habitat: arbusto delgado, ramífero; folhas nos extremos dos ramos; flor alva esverdeada.
- Bauhinia platypetala* Burch; Habitat: arbusto decumbente; flores alvas; arbusto decumbente.
- Bauhinia cumanensis* H.B.K.; Flores alvas subfrutescente.
- Bauhinia rubiginosa* Beng; Flor alva.
- Bawdichia virgilioides* HBK.; Habitat: campo; árvore.
- Bowdichia Kuhlmannii* Ducke; Habitat: nada consta; Obs: árvore campestre, folha roxa.
- Calactia tenuiflora* W. et Arn. Var: glabrescens; Flor cor de vinho.
- Crotalaria maypurensis* H.B.K.
- Crotalaria anagyroides* HBK angustifolia; Habitat: campo cerrado pedregoso; flor amarela.
- Caesalpinia bracteosa* Tul
- Canavalia grandiflora* Benth; Liana de flores alvas, estandarte na base roxa; havia sido identificada antes por Hoehne como *Canavalia lenta* Benth.
- Capaifera langsdarffii* Dasf; Árvore das margens de rio; flores alvas; nome vulgar: pau d'eles.
- Capaifera langadorfil* Desf; Árvore do cerrado.
- Capaifera rondonii* Hoehne; Habitat: árvore.
- Caesalpinia taubertiana* Sp. Moore; Árvore de 5 m de altura, muito copada.
- Canavalia bonariensis* Ldl.
- Canavalia grandiflora* Benth; Volúvel; flores roxas e por fora salpicadas sublicoladas mais escuro.
- Calliandra myriophylla* Benth; Habitat: campo; flores alvas.
- Cassia chrysotings* Hoehne S.N; Arbusto meloso.
- Cassia patellaria* DC
- Cassia pilifera* Vogel var. Glabra; Planta rasteira; flor amarela.
- Cassia rotundifolia* Pers; Rasteira; flor amarela.
- Cassia rugosa* Don; Arbusto cujas raízes se empregam na infusão de ervas.

- Cassia tetraphylla* Desv. var. *brevipes* (Benth.) Irwin; Arbusto do campo; Nome vulgar: Seune do campo.
- Cassia tetraphylla* Desv; Habitat: arbusto do campo sujo; Var. *brevipes*.
- Cassia hirsuta* L.; Habitat: nada consta.
- Cassia paradiction* Vogel; Flores amarelas.
- Cassia alata* L.; Arbusto de campo alagadiço; flores amarelas.
- Cassia alta* L.; Arbusto grande.
- Cassia chrysotengens* Hoehne, Var. *obtusata* Hh; Nome vulgar: Amendoim de Campo; Arbustinho de campo; flores amarelas; planta viscosa.
- Cassia sylvestris* Vell; Habitat: Arbusto; flor amarela; rupicula.
- Cassia poiiretioides* Hoehne; Habitat: arbusto do cerrado; flor amarela.
- Cassia dumalis* Hoehne; Planta característica de charavascal.
- Cassia Kuhlmannii* Hoehne sp; Habitat: arbusto; flor amarela.
- Cassia rotundifolia* Pars; Planta rasteira.
- Cassia tagera* L.; Planta rasteira.
- Cassia dumalis* Hoehne; Árvore do cerrado.
- Cassia tetraphylla* Desv. var. *aurivilla* Irwin; Nome vulgar: Seune do campo.
- Cassia pilifera* Vog.
- Cassia juruenensis* Hoehne; Habitat: cerrado; semi-escandente
- Cassia rugosa* G. Don; Entra na composição do “Eryva” veneno dos Nambyquaras; planta medicinal.
- Cassia curvifolia* Vog. var. *mollissima* Benth; Habitat: arbusto, campo limpo e cerrado.
- Cassia diphylla* L.; Habitat: campo; flor amarela.
- Cassia langsdorffii* Kunth var. *parvifoliola* Irwin; Flores amarelas com estames escuras.
- Cassia tetraphylla* Desv. var. *aurivilla* Irwin; Nome vulgar: Seune do campo.
- Centrosema angustifolium* Benth; Flor roxa.
- Centrosema bifidum* Benth.
- Centrosema coriaceum* Benth; Habitat: rasteira ao chão.
- Centrosema macranthum* Hoehne; Liana; flor roxa.
- Centrosema vexillatum* Benth; Habitat: margens.
- Centrosema virginianum* Benth; Flor roxa.
- Clitoria guianensis* Benth; Habitat: campo.
- Crotalaria anagyroides* H.B.K.; Arbusto.
- Crotalaria incana* Linn.
- Crotalaria lacta* Mart; Habitat: campo; flor amarela.
- Crotalaria atipularia* Desv; Planta de cheiro característico.
- Crotalaria vespertilio* Benth; Arbustiva; flor amarela.
- Crotalaria unifoliolata* Benth; Habitat: campo cascalhoso.
- Clitoria guianensis* Benth; Habitat: Serra da Paca Nova.
- Caesalpinia rubicunda* Benth; Arbustinho comum no campo seco. Flores amarela-laranja.
- Copaifera martiti* Hayne; Arbusto do cerrado. Flores alva-esverdeadas.
- Copaifera langsdorffii* Desf; Árvore grande e muito copada de flores alvas.
- Calliandra parviflora* Benth; Flor púrpura.
- Calliandra kuhlmannii* Hoehne; Árvore das margens do rio; flores alvas estames e estilete do meio para cima roxos.
- Cenostigma macrophyllum* Tul; Habitat arbusto do cerrado. Flores amarelas.
- Copaifera rondonii* Hoehne; Habitat: arbusto rupiculo; flores alvas.

- Cracca corumbae* Hoehne; Flores alvas; planta rasteira de 15 cm de altura.
- Crotalaria anagyroides* H.B.K.; Arbustinho do campo alagadiço; flores amarelas.
- Crotalaria maypurensis* M.B.K.; Arbustiva; flor amarela.
- Caesalpinia pulcherrima* SW; Árvore de 5 metros de altura.
- Cmptosema nobile* Lindn.
- Crotalaria prerocaula* Dasv; Planta do cerrado.
- Cmptosema nobile* Lind; Escandente; flor vermelha. Habitat: cerrado.
- Calopogonium coeruleum* Desv; Planta subarborescente; flor roxa-clara.
- Crotalaria laeta* Mart; Habitat: campos; flor amarela.
- Crotalaria stipularia* Desy; Habitat: campo; planta com cheiro característico.
- Calliandra rondoniana* Hoehne; Árvore; estames alvos até a metade, a partir daí muda para roxo ou róseo.
- Calliandra formosa* Benth; Habitat: arbusto de 2 m de altura; flores alva.
- Crotalaria nitens* H.B. K. forma B.; Habitat: arbustinho da campinarana; flor amarela.
- Crotalaria nitanu* H.B.K. forma B; Habitat: arbusto de 1 a 2 metros de altura; flor amarela.
- Crotalaria laeta* Mart; Forrageira.
- Crotalaria vesperilis* Benth; Arbustivo; flor amarela; vulgo: Caracajá.
- Crotalaria foliosa* Benth abavata.
- Crotalaria anagyroides* H.B.K.; Habitat: arbusto de 3 m de altura; vulgo: Caracajá.
- Crotalaria pterocaulon* Desv; Flores amarelas.
- Crotalaria pterocaula* Desv; Flores amarelas.
- Crotalaria rufilila* Benth; Habitat: arbusto; flor amarela.
- Canavalia mattogrossensis* (Rodr.) Malme; Liana.
- Centrosema vexillatum* Benth; Flor alva amarelada venulada de roxo; habitat: campo.
- Centrosema tapirapoanense* Hoehne n. spec.
- Cenostigma gardnerianum* Tul; Habitat: arbusto do cerrado.
- Cybosema roseum* Benth; Escandente; flor roxa-clara.
- Entada polystachya* DC; Planta escandente; rupícola; cálice e pétalas purpuracentes; estames alvos.
- Galactia glaucescens* HBK.
- Periandra heterophylla* Benth; Habitat: campo cerrado.
- Meibomia juruenensio* Hoehne; Habitat: nada consta.
- Inga rondonii* Hoehne; Habitat: árvore das margens do rio.
- Inga affinis* DC; Árvore grande.
- Drepanocarpus frondosus* Mart; Habitat: nada consta.
- Pithecolobium adiantifolium* Bth; Habitat: a beira do Igarapé Urucurana.
- Meibomia platucarpa* Benth; Habitat: campos secos e cerrados; Obs: Também chamado "Carrapicho de cabra". Vulgo: Carrapicho de fruto largo.
- Dipteryx alata* Vog; Habitat: cerrado; Obs: Vulgar: camarú; árvore; flores verde arroxeado.
- Pithecolobium saman* Benth; Habitat: mata; Obs: Árvore de 10 a 15 metros de altura, flores alvas, ramos pilamentos dos estames purpureas.
- Galactia macropylla* Benth; Flores roxas-róseas.
- Tipuana macrocarpa* Benth cinesracens; Flores roxas. Cerradão.
- Diptychandra aurantiaca* Tul; Flores esverdeadas, pétalas amarelas.
- Discalahium pulchellum* Benth. Var: major Sp. Moore; Flor amarela-laranja estriada de roxo. Arbusto.

- Piptadenia macrocarpa* Benth. Var: plurifoliata H.; Árvore cerca de 20 metros de altura. Flores alvas.
- Platypodium elegans* Vog. Major; Flores amarelas, tronco de casca grossa.
- Periandra heterophylla* Benth; Arbusto. Flor encarnada, sanguineo.
- Periandra heterophylla* Benth; Habitat em terreno arenoso. Flores encarnado-sanguíneo
- Dalbergia variabilis* Vog. Var: tomentosa; Flor roxa e caldice verde.
- Galactia longifolia* Benth; Flor roxa.
- Swartzia rariflora* Hoehne; Árvore; flor amarela.
- Swartzia kuhlmannii* Hoehne; Arbusto esvandente; flor creme-sujo.
- Dolichopsis paraguayensis* Hassl.
- Desmodium platycarpum* Benth; Arbustinho do campo; flores esverdeada.
- Machaerium eriocarpum* Benth; Árvore com 3 metros de altura, geralmente bastante copada; flores roxas; terreno impermeável.
- Ormosia paraensis* Ducke; Flores roxas com manchas brancas sobre o estandarte.
- Dialium divaricatum* Vabl; Árvore de 10 a 20 metros de altura das margens de rio; flores esverdeadas; terreno aluvião.
- Hymenaea atigomocarpa* Mart; Flores alvas; árvore de 10 a 15 metros de altura rupícola.
- Mimosa asperata* L.; Arbusto em forma de vara; flores rosadas.
- Sweetia dasycarpa* Benth; Árvore do cerrado e cerradão; flores alvas levemente amareladas.
- Poiretia latifolia* Vog; Arbusto do cerrado; flor amarela.
- Tachigalia paniculata* Aubl; Árvore de 5 a 10 metros de altura; flor amarela-palido; habitat terreno de aluvião.
- Meibomia adscendens* DC; Planta rasteira de flores roxas que habita as margens do rio; vulgo: carrapicho de beijo de boi.
- Desmodium adscendens* DC; Planta rasteira, flor roxo-rósea.
- Pterocarpus rohirii* Val; Árvore das margens do rio; flores amarelas-laranja.
- Desmodium juruense* Hoehne; Arbustinho; flores roxas.
- Meibomia juranensis* Hoehne.
- Sclerolobium paniculatum* Vogel; Flores amarelas; árvore.
- Phaseolus lobatus* Hook; Liana geralmente prostada; flor levemente roxo-plumbes.
- Mimosa rondoniana* Hoehne; Habitat: arbusto de 1,5 metros; flor rósea.
- Mimosa seaberrima* Hoehne; Flores róseas.
- Mimosa calliandroides* Hoehne; Arbusto de estames roxos-róseos.
- Mimosa Kuhlmannii* Hoehne; Habitat: arbusto de 2 a 3 metros de altura; flor rósea, rupícola.
- Macrolobium urupaense* Hoehne sp.; Arbusto; flor com pétala alva; estames rubras e cálice verde.
- Dalbergia ferrugineo – tomentosa* Hoehne; Planta da mata rala; flor roxa.
- Pterodon pubescens* Benth; Habitat: árvore de 2 a 6 metros de altura; Vulgo: Fava de Santo Ignácio.
- Ingá lateriflora* Miq; Habitat: árvore de 10 a 15 metros de altura; flores alvas.
- Harpalyce brasiliiana* Benth; Flor sanguinea.
- Meibomia cajaniifolia* DC; Habitat: arbusto de 3 metros de altura; flor roxa clara.
- Lonchocarpus Spruceanus* Benth; Arbusto virgato; flor roxa.
- Diocles lasiocarpa* Mart; Liana; flor roxa com macula grande purpurea no estandarte.
- Meibomia áspera* Desv; Habitat: cerrado; flor roxa.

- Machaerium vellosianum* Benth; Planta sarmentosa; flor verde estandarte com uma mácula purpúrea no centro.
- Mimosa aff. Neuroloma* Henth; Arbusto de flores roxas.
- Machaerium bangii* Rusby; Liana subarborescente; flor roxa.
- Indigofera lespedezioides* HBK; Habitat: arbustinho de campo alagadiço; flor róseo carne.
- Galactia glaucescens* HBK; Habitat: cerrado.
- Sweetia dasycarpa* (Vog) Benth.
- Machaerium bangii* Rusby; Liana; sub-arbusto.
- Pterocarpus rohirii* Vahl; Habitat: árvore grande.
- Mimosa platyphylla* Benth.
- Periandra heterophylla* Benth; Habitat: campo
- Tephrosia adunca* Benth; Habitat: campo
- Dipteryx alata* Vog; Nome vulgar: camarú.
- Ormosia fastigiata* Tul.
- Mimosa subsericea* Benth; Habitat: árvore do campo.
- Sclerolobium aureum* Benth, var: velutinum; Árvore de 10 a 12 m.
- Mimosa polycarpa* Kunth; Arbusto do campo; flor roxa.
- Indigofera lespedezioides* HBK; Habitat: arbusto do campo; Nome vulgar: Timbómerim.
- Gassia dysophylla* Benth; Arbusto.
- Meibomia sclerophylla* Benth; Habitat: arbustinho do cerrado seco; Vulgo: Carrapicho do campo seco.
- Galactia virgata* Benth; Habitat: arbusto do cerrado; flor roxa.
- Tephrosia nitena* Benth; Nome vulgar: Achum (dos Parecis) usada pelos índios para tinguíjar os peixes.
- Tephrosia nitens* Benth; Habitat: cerrado; arbusto.
- Subpetiolata* Baker; Habitat: rupicola.
- Tipuana macrocarpa* Benth cinerascens; Habitat: arbusto no campo.
- Machaerium amplum* Benth; Árvore de flor roxa.
- Meibomia imcana* DC; Habitat: sub-arbusto do campo baixo; vulgo: Carrapicho de baixada.
- Mimosa subsericea* Berth; Arbusto do campo; flor roxa.
- Mimosa paludosa* Benth; Arbusto de lugar úmido.
- Eriosema rufum* Mey; Habitat: arbustinho; flores amarelas.
- Diptryx alata* Vog; Habitat: cerrado; árvore; nome vulgar: Fava-tonga (Camarú).
- Mimosa pteridifolia* Benth; Arbusto de flor roxo-roseas.
- Erythrina similis* Krukoff; Habitat: campo cerrado, subarborescente.
- Zornia diphylla* Pers vulgaris impunctata; Habitat: campo; flor amarela.
- Galactia neesii* DC; Habitat: campo; flor roxa; escandente.
- Pteragyne nitens* Tul; Árvore grande; flor amarela.
- Mimosa hapaloclada* Malme; Flor subarborescente; flores alvas, muito perfumadas.
- Eriosema stipulare* Benth; Habitat: campo; flor amarela.
- Eriosema simplicifolium* Walp; Planta rasteira; flor amarela.
- Mimosa pogocephala* Bent; Arbusto de flor roxa.
- Krameria spartioides* Berg; Planta rasteira; flor cor de vinho.
- Eriosema simplicifolium* Walp; Habitat: campo cerrado ou limpo; planta rasteira; flor amarela.
- Platypodium elegans* Vog. Major; Habitat: arbusto do cerrado; flores amarelas.

- Meibomia incana* DC; Habitat: sub-arbusto nos campos meio úmidos; vulgo: Carrapicho do campo baixo.
- Zornia diphylla* Pers var. *thymifolia*; Habitat: campo; flor amarela.
- Periandra heterophylla* Benth, forma *glabra*; Habitat: campo.
- Dipetryx alata* Vog; Habitat: cerrado; árvore; nome vulgar: Camarú.
- Mimosa obtusifolia* Willd
- Galactia glauceacens* HBK; Habitat: arbusto do cerrado.
- Dornia diphylla* Pers var: *pubescens*.
- Pterocarpus rohirii* Val; Habitat: árvore grande; flores amarelas.
- Dalbergia enneandra* Hoehne; Arborescente com os ramos algos escandentes; flor alva.
- Eriosema simplicifolium* Walp; Habitat: campos.
- Dalbergia monetaria* L. fi (Engl e Prantl); Flores arborescentes; flores alvas.
- Mucuna altíssima* DC var. *pilosula*; Liana; flor roxa fuxas.
- Dimerphandra mellis* Benth; Campo; árvore; flor amarela.
- Hymenaea stigonocarpa* Mart; Habitat: cerrado; árvore; flores alvas.
- Sclerolobium paniculatum* Vogel; Árvore de flores amarelas.
- Zornia virgata* Moric. var: *major* Hoehne var. *nova*; Habitat: campo.
- Zornia diphylla* Pers *vulgaris impunctata*; Habitat: campo.
- Indigofera lespedezioides* HBK; Habitat: campo; flores vermelhas.
- Sclerolobium aureum* Benth; Habitat: árvore do cerrado; flores amarelas.
- Mimosa polycarpa* Kunth. var. *subglabrata* Hb.; Habitat: campo alagadiço; planta característica do campo alagadiço, capítulos róseos.
- Pithecolobium saman* Benth; Habitat: árvore da mata.
- Galactia temuiflora* Wigth etaba var. *villosa*; Habitat: campo de carandás.
- Galactia martii* (Benth) BC.; Pouco volúvel; flores roxas.
- Galactia scarlatina* (Mart) Taub; Habitat: campo; volúvel; flor vermelha.
- Mimosa calodendron* Mart; Arbusto de flor amarela.
- Eriosema benthianarom* Mart; Habitat: campos cerrados; flores amarelas.
- Zornia diphylla* Pers. var. *latifolia*; Rasteira; flor amarela.
- Zornia diphylla* Pers *vulgaris impunctata*; Habitat: beira da estrada de ferro.
- Galactia macrophylla* (Benth) Taub; Habitat: cerrado; planta rasteira; flor roxa.
- Inga marginata* Willd; Árvore; flores alvas.
- Hymenaea stigonocarpa* Mart. var. *pubescens*; Habitat: campo; flores alvas.
- Desmodium juruense* Hoehne; Flor roxa; arbustinho.
- Eriosema simplicifolium* Walp; Habitat: campo; flor amarela.
- Eriosema rufum* E. Mey; Flor amarela.
- Indigofera gracilis* Bong; Planta do campo; flor vermelha carne.
- Inga fagifolia* Willd; Árvore; flor alva.
- Indigofera lespedezioides* HBK; Habitat: campo cascalhosa; flor amarelada.
- Macrolobium roudonianum* Hoehne.
- Meibomia barbata* Benth; Habitat: campo entre pedregulho labado; vulgo: Barbadinho de três folhas.
- Mimosa asperata* L. var. *inermis*.
- Meibomia cajamifolia* DC; Arbusto dos campos secos; flor levemente amarelada, alva.
- Mimosa ariocaulis* Benth; Arbusto meio escandente; flor rósea.
- Mimosa platyphylla* Benth; Flor roxa clara.
- Mimosa obtusifolia* Willd; Flor alva.
- Mimosa velloziana* Mart. var. *Spencer*; Arbusto de ramos alvo escandente.

- Phaseolus linearis* H.B.K. var, *latifolius* Bth.
- Phaseolus longipedunculatus* Mart
- Phaseolus longifolius* Benth; Habitat: terreno úmido.
- Phaseolus peduncularis* H.B.K.
- Phaseolus sabaraensis* Hoehne n. sp.; Habitat: campo rasteiro.
- Stylosanthes guianensis* SW. Var. *gracilis*; Planta campestre.
- Stryphnodendron barbatimam* Mart; Habitat: cerrado; arvoredo; flor vermelha furca.
- Peltogyne confertiflora* Benth.
- Plathymenia reticulata* Benth
- Sweetia dasycarpa* Benth; Flor alva.

60. LOGANIACEAE:

- Strychnos longisepala* Kr. Arbusto de 1 a 2 metros; flores esverdeadas; frutos amarelos.

61. LOGANIACEAE-DESFONTAINEACEAE:

- Strychnos pseudoquina* St. Hil. Habitat: cerrado; árvore; flores alvas; frutos amarelos.
- Strychnos guianensis* (Aubl) Mart; A principal planta para o fabrico do “Eryvá” veneno dos Nhambyquaras.

62. LORANTHACEAE:

- Abdita* Sp. Moore
- Cordatus* (Hoff.) Blume; Parasita; Nome vulgar: herva de passarinho; flor cor de fogo.
- Crassifolium* (Pohl) Eichl. Parasita; nome vulgar: herva de passarinho.
- Cordatum* (Hoff) Blume; Habitat: sobre goiabeira; nome vulgar: herva de passarinho.
- Pennivenium* (DC) Eichl. Parasita; frutos arroxeados e folhas alvas.
- Rubrum* (L) Griseb; Habitat: planta parasita sobre diversas árvores.
- Polyrhizus* Mart; Habitat: parasita frequente nas árvores do cerrado; flores esverdeadas.
- Rubrum* (L) Griseb; Parasita; frutos vermelhos.

63. MALPIGHIACEAE:

- Aechmea* var. *bromeliaefilia* (Rdge) Bak; Habitat: epífita.
- Banisteria metallicolor* Juss Vaz. Subrotunda F.I. eglandulifera Ndz. Liana do campo; flores róseas.
- Banisteria clausseniana* Juss; Habitat: nada consta.
- Banisteria internedia* Juss; Habitat: nada consta; Obs: Liana, folhas amarelas.
- Banisteria praecox* Griseb; Habitat: trepadeira de cerrado seco.
- Banisteria monostyla* Niedenzu; Planta meio escandente; flor amarela; habitat: cerrado.
- Banisteria losvifolia* Juss var. *E. grata* (Griseb) Nisdenzu; Habitat: cerrado; flor amarela; liana; subfrutigosa.
- Banisteria campestris* Juss; Habitat: campos cerrados; arbustiva; flor rósea.
- Banisteria metallicolor* Juss var. *a. typise* Ndz; Liana; flores alvas.

- Banisteria crotonifolia* Juss; Liana; flores primeiro amarelas e depois vermelhas.
- Banisteria metallica* Juss var. *sericea* Ndz; Liana; flores róseas.
- Banisteria veroniifolia* Juss; Habitat: arbusto do cerrado cascalhoso; flores róseas.
- Byrsonima crassifolia* (L) kunth var. *a typica* Ndz. f II ferrugineu (Kth) Griseb; Habitat: cerrado; arbusto de flores alvas.
- Byrsonima coccolobaefolia* HBK.
- Byrsonima cydoniifolia* Juss. Var. *v. B. chiquitensis* Juss; Habitat: cerrado; árvore.
- Byrsonima variabilis* Juss. Var. *a. velutina* Ndz. f. I *vulgaris* Griseb; Arbusto; flor com pétalas vermelhas por dentro.
- Byrsonima indorum* Moore.
- Byrsonima verbascifolia* (L) Rich *discolor* Gr. Subsp. f. II *vugaris* Ndz; Árvore ou arbusto de 2 a 3 m de altura com flor amarela.
- Byrsonima verbascifolia* (L) Rich. Subsp. *b. villosa* Griseb. f I *brasiliensis* Ndz; Árvore.
- Byrsonima coccolobaefolia* HBK; Arbusto.
- Byrsonima blanchetiana* var. *subglabrata* Ndz; Árvore pequena.
- Byrsonima sericea* DC. v. *B. eglandulosa* (Juss) Griseb; Árvore.
- Banisteira nigrescens* Juss; Flor amarela.
- Bunchosia argentea* (Jacq) DC; Habitat: margens de rio; Obs: Liana.
- Byraonima poeppigiana* Jussieu var. *velutina* Ndz; Habitat: nada consta; Obs: arbusto campestre ou rupicola, folha amarela.
- Byrsonima perseifolia* Griseb; Árvore; flores amarelas; nome vulgar: Murici.
- Byrsonima coriaceae* (Swartz) Kunth. Var. *spicata* (Cav); Árvore de flores amarelas.
- Byrsonima hoehneaia* Niedenzu; Habitat: campo; arvoreta; flor ligeiramente roseada.
- Byrsonima crassa* Ndz. var. *vulgaris* Ndz. *typica* Ndz; Árvore de 3 a 4 metros de altura; flores amarelas; casca grossa rugosa; Habitat: cerrado.
- Byrsonima ligustrifolia* Juss. var. *glabra* Ndz. f. IV. *pseudolucida* Ndz; Arbusto de flores róseas.
- Birsonima intermédia* Juss. var. f. IV. *parvifolia* Ndz; Habitat: campo; arbusto de flora amarela.
- Byrsonima coccolobifolia* Kunth; Habitat: cerrado; arbusto de flor rósea.
- Byrsonima intermédia* Juss. f I *latifolia* Ndz; Habitat: cerrado; arbusto; flor amarela
- Camarea ericoides* St. Hil; Arbustinho de flores amarelas. Habitat: campo.
- Camarea affinis* St. Hil; Habitat: campos sujos.
- Clonodia ovata* Rd; Habitat: Arbusto.
- Clonodia racemosa* (Juss) Ndz var: *Y. mattogrossensis*; Flores internamente vermelhas, externamente branca.
- Ptilochaeta densiflora* Niedenzu; Habitat: árvore; flor amarela.
- Heteropterys lucida* Juss. F. *glandulifera* Ndz; Habitat: campo cerrado.
- Hiraea cujabensis* Griseb. f.II *glandulifera* Naz; Planta escandente de flores amarelas.
- Gonolobus hispidus*; Flor amarela, estriada e venulada de roxo; cálice vermelho.
- Galphimia brasiliensis* (L) Juss; Arbustinho do campo. Flor a principio amarela depois rubra.
- Tetrapteryx lundiana* Ndz. v. *a. primavera* Ndz; Flores amarelas; terreno impermeável.
- Heteropterys tomentosa* Juss.
- Tetrapteryx erebiflora* Juss var. *B Typica* f.l. *eglandulosa* Ndz
- Mascagnia cordifolia* (Juss.) Griseb. Var. *tyoica* Ndz; Liana; flores roseas.

- Heteropterys grandiflora* Juss. var. glandulifera Ndz; Habitat: margens dos rios; liana; flores amarelas.
- Tetrapterys jussieuana* Nied; Planta campestre ereta de 70 cm de altura.
- Schannia elegans* Juss. f. III. rotundifolia Griseb; Liana.
- Schwannia elegans* Juss. f. II. glabella Ndz; Meio arborescente.
- Schwannia janusoides* Juss; Liana.
- Heteropterys confertiflora* Juss. F.II glandulifera Ndz; Liana.
- Heteropterys trigoniifolia* Juss. Form II glandulifera Ndz; Liana.
- Heteropterys pteropetala* Juss. var. a. typica f II or biculares Skoa; Arbusto.
- Heteropterys hassleriana* NDZ. var. B. eglandulosa Ndz; Liana; flores amarelas.
- Mascagnia psilophylla* (Juss.) Grisah; Arbusto campestre.
- Latifolia* Mart. var: ovatifolia Ndz; Planta sub-liana.
- Schwannia janusoides* Juss. Subesp. b. lindmanii (Shotts b) Ndz; Liana.
- Mascagnea cordifolia* (Juss.) Griseb. var: a. typica Ndz; Liana; flores róseas.
- Tetrapterys crebriflora* Juss. var: b. Typica f 1. eglandulosa Nd; Habitat: campo cerrado.
- Mascagnia cardifolis* (Juss.) Griseb. var. a. Typica Ndz; Liana; flores róseas.
- Heteropterys trigoniifolia* Juss. f 4 glandulifera Ndz; Liana; flor rósea.
- Heteropterys suberosa* (Willd) Griseb. var. Lessertiana (Juss) Griseb; Arbusto.
- Peixotoa tomentosa* Juss; Habitat: campo alto; grupos meios escandente; flor amarela.
- Tetrapterys jussieuana* Niedz; Habitat: campos cerrados.
- Mascagnia cordifolia* (Juss) Griseb. varatypica Ndz; Planta escandente; flor amarela.
- Heteropterys trigoniifolia* Juss. f glandulifera Ndz; Liana; flores róseas.
- Stigmatophyllum gayanum* Juss. var. a. typicum Ndz; Liana; flores amarelas.
- Heteropterys subserona* (Willd)Griseb. var. Candolleana (Juss) Ndz;Subarborescente; flores amarelas.
- Hataroptarya xanthophylla* Juss var. B. duarteana Juss Ndz; Liana.
- Galphimia brasiliensis* (L) Juss; Habitat: campo; flores amarelas mais tarde vermelhas.
- Peixotoa cordistipula* Juss; Liana; flores amarelas.
- Pterandra pyroidea* Juss. f. I. typica Ndz; Habitat: campo; arbusto; flor rósea.

64. MALVACEAE:

- Fugosia phlomidifolia* Garcke; Habitat: cerrado; arbusto; flores amarelas.
- Fugosia campestris* Benth; Habitat: campos úmidos; flor amarela.

65. MELASTOMATACEAE:

- Ciphanthera ramosiosima* Cogn.; Habitat: campo arenoso seco.
- Graffenrieda weddelli* Naud; Habitat: arbusto do cerrado e copões de mata; flores alvas.
- Siphanthera Hostmannii* Cogn; Habitat: campo úmido; flores roxas.
- Siphanthera pratensis* Markgraf. N.sp.
- Acisanthera geliseoides* (Hoehne) J. Wurdach; Habitat: campo úmido; flor roxa.
- Tulasnea foliosa* Naud; Habitat: campo úmido; flor roxa clara; folhas vermelhas.
- Poteranthera pusilla* Bong; Habitat: campo úmido; flores alvas.

-*Siphanthera subtilis* pobl. var. ramosa; Flores roxas, estames roxo escuro e folhas de dorso arroxeadas.

66. MELIACEAE:

-*Cedrela macrocarpa* Ducke (fissilis Vell); Árvores 10 a 15 metros de altura dos lugares cultivados. Flores esverdeadas.

67. MENISPERMACEAE:

-*Andromorpha* DC (*); Habitat: beira de estrada; flores alvas.

-*Elissarrhena grandifolia* Diels; Habitat: nada consta.

-*Grandifolia* (Mart) Sandet (*); Habitat: nada consta; Obs: Flores esverdeadas, planta escandente.

-*Trinervis* (Rusby) Modenke (*); Habitat: nada consta; Obs: Árvore de galhos finos compridos e flexíveis, flores esverdeadas.

-*Glaberrima* A. St. Hil (*).

-*Tropaeolifolia* P.D.C. (*); Habitat: trepadeira dos cerrados.

-*Pareira brava* Lour. ex Gomes Mach.; Habitat: cerrado; nome vulgar: Pareira brava.

-*Paupera* (Griseb) DC (*).

-*Grandifolia* (Mart) Sandw (*); Arbusto grande e desganhado; flor verde clara.

-*Glaberrina* St. Hil. (*)

-*Ovalifolia* DC (*); Habitat: cerrado; nome vulgar: orelha de onça; flores alvas.

-*Paripueira* (Griseb) DC (*); Trepadeira; flores alvas.

68. MORACEAE – URTICACEAE:

-*Asaroides* Gardn (*); Herbáceo; habitat: no campo; nome vulgar: caiapiá legítimo (medicinal).

-*Brasiliensis* Lam (*); Nome vulgar: caiapia bravo; habitat: campo.

-*Bryoniaefolia* Mart. (*)

-*Catappaefolia* Kunth e Bouche (*); Árvore grande, sombria.

-*Obtusiuscula* (Miq.) Miquel. (*)

-*Lactescens* Sp. Moore (*); Árvore; flores masculinas e femininas em plantas distintas.

-*Mathewsii* (Miq.) Miquel (*); Árvore com frutos amarelados.

-*Gaudichaudii* Trec (*); Árvore; arbusto campo; árvore com látex.

-*Pertusa* L.f. (*)

69. MUSACEAE:

-*Heliconia psittacorum* L.f.; Flores alaranjadas; bracteas róseas.

-*Heliconia angusta* Vell. (H. bicolor Benth; H. angustifolia Hook); Flor alva, maculada de verde; bracteas e rhaquia rubro; Nome vulgar: Pacova.

-*Heliconia episcopalis* Vell; Habitat: lugares úmidos.

-*Heliconia hirsuta* L.f.; Nome vulgar: pacovina.

70. MYMPHAEACEAE:

-*Piauhyensis* Gardn (*); Planta aquática enraizada no fundo.

71. MYRSINACEAE:

- Conomorpha utiarityi* Hoehne; Árvore.
- Densiflora* (Miq) Mez (*); Árvore.
- Densiflonus* Miq (*); Habitat; na mata e no campo; árvore; flor muito odorífera.

72. NECKERACEAE:

- Neckeriopsis pabstiana* C. Mull.

73. NYCTAGINACEAE:

- Hermaphrodita* Sp. Moore; Árvore; flor alva.
- Precox* Griesb (*); Árvore; flor amarela albicante.

74. NYMPHACACEAE:

- Blanda* (*); Habitat: planta aquática; pétalas alvas.
- Piauhyensis* Gardn (*); Habitat: aquática fixa; flores roseas.
- Regia* Lindl (*); Habitat: baia em frente a Cáceres; pétalas de uma flor de 34 cm de diâmetro.

75. OENOTHERACEAE:

- Fuchsia coccinea* Soland; Habitat: alto da serra; arbustiva.
- Fuchsia montana* Comb; Arbusto.
- Jussiaea repens* L. var. *grandiflora*; Habitat: arbusto do brejo
- Jussiaea filiformis* Mich; Habitat: beira da lagoa; flor amarela.
- Jussiaea anastomesahs* Dc; Habitat: campo úmido; Arbusto.
- Jussiaea longifolia* DC; Habitat: planta de lugar úmido.
- Jussiaea natans* Humb e Honpl; Planta flutuante; flor alva.
- Jussiaea myrtifolia* Camb; Arbusto; flor amarela.
- Jussiaea nervosa* Poir; Habitat: campo úmido; arbusto.
- Jussiaea pilosa* H.B.K.
- Jussiaea potamogaton* Burchell; Planta aquática; flor amarela.
- Jussiaea pilosa* HBK var. *B. glabra*; Habitat: arbusto do brejo.
- Jussiaea repens* L; Planta aquática.
- Jussiaea sedoides* Humb e Bonpl.
- Jussiaea suffruticosa* L; Habitat: lugar úmido.
- Jussiaea nervosa* Poir; Habitat: arbusto do campo.
- Jussiaea elegans* Camb; Arbusto.
- Jussiaea nervosa* Poir; Habitat: lugar úmido; planta de 15 cm de altura.
- Oocaparpon *jussiaeoides* Mich; Habitat: aquática; planta na altura da cortiça imersa.

76. OPILIACEAE:

- Brasileasis* Miers (*); Habitat: nada consta; Obs: Árvore de galhos finos compridos e flexíveis, flores esverdeadas.

-*Brasiliensis* Niers (*); Nome vulgar: Pão d'alho do campo; árvore, individuo masculino.

77. OLACACEAE:

-*Americana* L. (*); Árvore pequena; flores alvas e muito odoríferas.

78. ORCHIDACEAE:

-*Galeandra paraguayensis* Cogn.

79. OXALIDACEAE:

- Oxalis hirsutissima* Mart et Zucc; Habitat: campo alto e cascalhoso
- Oxalis nigrescens* St. Hilaire; Habitat: campo alto e cascalhoso; flor amarela.
- Oxalis cratensis* Oliver; Habitat: campo; flor rósea.
- Oxalis cratensis* Oliver. Var. *paraguayensis* (Knuth); Habitat: mato; flor alva.
- Oxalis grisea* St. Hilaire; Habitat: campo; arbusto; flor amarela.
- Oxalis hedysarifolia* Raddi; Habitat: campo.
- Oxalis physocalyx* Zucc. et Progel; Habitat: campo.

80. PAPAVERACEAE:

-*Argemone mexicana* Linn; Planta de 1 metro de altura; habitat: campo cultivado.

81. PASSIFLORACEAE:

-*Passiflora coccina* Aubl; Nome vulgar: Maracujá.

82. PIPERACEAE:

- Circinnata* Link (*); Dendricola.
- Macrostachya* (Vahl.) A. Dietr (*); Dendricola mirmecófila com outras plantas e orquídeas.
- Mollicomum* Kunth (*); Árvore grande.
- Pellucida* (L.) H.B.K. (*); Habitat: nada consta; Obs: Nome vulgar: Comida de Jaboti. Planta Suculenta de folhas carnosas, infl esverdeada; aplicada sobre feridas.
- Pereskiaefolia* (Jacq.) HBK (*); Epífita não mimercófila.
- Serratirachis* Yun (*); Plantinha terrestre; umbrófila.

83. PLUMBAGINACEAE:

-*Plumbage scandens* L.; Flor roxa clara.

84. POLYGONACEAE:

- Moutabea* (*).
- Nephrolepis cordifolia* (L) PR; Habitat: nada consta; Obs: planta rupestre e bulbosa, das margens do salto Côr Verde-Palido.

-*Triplaris brasiliana* Cham; Árvore grande; Nome vulgar: Pau Novato; árvore mirmecofila.

85. POLYPODIACEAE:

-*Elaphoglossum plumosum* (Fee) Moore; Habitat: Planta rupícula e epífita, cresce nas matas sombrias; Obs: Folha fértil castanha ou negra inferiormente.

-*Nephrolepis cordifolia* L. (Presl.); Epiphyta.

-*Polypodium polypodioides* var. *Burchellii* (Baker) Weath; Habitat: margens do salto; Obs: Plantinha epiphyta, cor verde intenso.

-*Polypodium mimarum* Weath; Habitat: caapões na encosta da serra; epífita.

86. PORTULACACEAE:

-*Portulaca hoehnei* Legr; Habitat: campo seco e arenoso.

-*Portulaca mucronata* Link var. *paraguariensis* Legr; Habitat: campo; sementes cor de chumbo, tubérculos comprimidos, sementes ornadas; cápsulas deiscentes apenas do meio para cima.

-*Talinum triangulare* (Jacq) Willd; Habitat: arbusto de 70 cm de altura.

87. PRIMULACEAE:

-*Anagallis filiformis* Cham et Schl; Flores roseo-roxeadas, estames amarelos; planta rasteira.

88. PROTEACEAE:

-*Aff. gardneri* Miers; Árvore; flores alvas.

-*Nítida Rudge*; Habitat: nada consta; Obs: Árvore de 4 a 8 metros de altura, flores alvas, terreno argiloso.

-*Nítida Rugg*; Habitat: nada consta; Obs: Árvore com 4 a 8 metros de altura, flores alvas, terreno argiloso.

-*Ovalis* Pohl; Árvore; habitat: campo cerrado.

89. RANUNCULACEAE:

-*Clematis denticulada* Velloso - Cl. Hilarii Spr.

90. RHAMNACEAE:

-*Crumenaria erecta* Reiss; Arbustinho; floresesverdeadas.

-*Colubrina spinesum* (Vell) Reis.

91. ROSACEAE:

-*Acioa guianensis* Aubl; Árvore pequena; pétalas róseas. Nome vulgar: Cocô de cutia.

-*Aff. multiflora* Bth (*); Habitat: campos cerrados; árvore pequena; flor alva.

-*Americana* Aubl (*); Habitat: capoeira e cerrado; Obs: Flores roseas.

-*Brachystachyum* Bth (*); Habitat: nada consta.

- Brasiliensis* (Cham. et Schlt) Dietrich et Hoehne (*).
- Canomensis* (Mart) Bth (*); Habitat: campestre; árvore; flores alvas.
- Licania Scloraphylla* (Mart) Hoak fi; Habitat: nada consta; Obs: Árvore das margens de rio, com casca grossa e rugosa.
- Licania aperta* Benth; Habitat: margem , terreno argiloso; Obs: Flores alvas.
- Licania politica* Spruce, Var: *angustifolia* Fritsch; Habitat: terrenos de aluvião das margens do rio; Obs: Flores esverdeadas.
- Licania microcarpa* Hook Fil; Árvore de 8 a 10 metros de altura; flores esverdeadas.
- Paraensis* Bth (*); Habitat: praias arenosas de rio; Obs: Árvore pequena. Flores alvas. Frutos verdes.
- Juruenensis* Pilger (*); Árvore.
- Hoehnei* Pilger (*); Arborescente.
- Sclerophylla* (Mart.) (*); Habitat: cerrado sujo.
- Sphaerocarpa* Sw (*).
- Hirtella americana* Aubl; Habitat: margem da lagoa; flores roxas.
- Hirtella colina* Sp. Moore; Arbusto grande ou árvore.
- Xanthoxylon* Endl; Árvore das capoeiras ou terrenos de aluvião. Planta lactífera.

92. RUBIACEAE:

- Manettia cordifolia* Mart; Voluvel; planta emética; flor encarnada.
- Manettia luteo-rubra* (Vell.) Benth

93. RUTAC. SIMARUBAC. BURSERACEAE:

- Esenbeckia febrifuga* A. Juss; Madeira de lei para cabos; árvore de 6 a 10 m de altura.

94. SAPOTACEAE:

- Mimusops bidentata* A.DC; Nome vulgar: Balata.

95. SAXIFRAGAC – HYDRANGEAC – CUNONIAC:

- Tomentosa* Camb (*); Habitat: árvore grande do cerradão da encosta do morro do Funil; flor alva.

96. SCHIZAEACEAE:

- Anemia raddiana* Link; Habitat: campo cascalhoso.
- Anemia ferruginea* HBK. Var. *ahenobarba* (Christ) Mickel; Habitat: campo em barranco.
- Anemia ferruginea* HBK. var. *ferruginea*; Habitat: campo de pedregulho lavado.
- Anemia trichorniza* Gardn; Saxátilla.
- Anemia villosa* HB; Habitat: campo seco.

97. SCROPHULARIACEAE:

- Angelonia aff. gardnerii* Hook.
- Angelonia micrantha* Benth; Habitat: campo; flor roxo clara.

- Bacopa gracilis* Benth; Habitat: campo úmido.
- Bacopa chamaedryoides* (HBK) Wettst; Habitat: margens do rio; flor amarela; planta rasteira.
- Bacopa laxiflora* Benth; Habitat: campo paludoso; flor roxa.
- Bocopa myriophylloides* (Benth) Wettst; Habitat: lagoa submersa.
- Bacopa aff. gracilis* Benth; Flor roxa.
- Bacopa aquatica* Aubl; Flor amarela.
- Bacopa lanigera* (Cham e Schlt) var. *serpyllifolia*; Habitat: nas margens da lagoa; rasteira; flor roxa,
- Bacopa ranaria* (Benth) Wettstein; Habitat: campo úmido; flor alvo roxeada.
- Buchnera juncea* Cham e Schlecht; Flor roxa clara.
- Buchnera rósea* H.B.K.; Habitat: campo; flores azuis.
- Buchnera lobellioides* Cham e Schlt.; Habitat: campo; flor roxa.
- Conobea scoparioides* Bent; Habitat: pântano; flor roxa.
- Escobedia scabrifolia* Ruiz et Pav; Arbusto baixo; flor alva.
- Esterharia aplendida* Mik var. *latifolia*; Habitat: campo cerrado; arbusto; flor vermelha.
- Escobedia scabrifolia* Ruiz et Pav; Habitat: lugares úmidos, pantanosos; arbustinho; flor alva.
- Esterhazia splendia* Mik. Var. *latifolia*; Habitat; cerrado; planta herbácea de 2 m de altura; flor vermelha.
- Lindernia crustacea* (L) F. v Muell; Planta rasteira; flor azul.
- Scoparia flava* Cham e Schlecht Forma mimor; Plantinha rasteira, flor amarela.; Habitat: lugar úmido.
- Scoparia flava* Cham e Schlecht; Habitat: campo úmido.
- Scoparia dulcis* L.; Habitat: campo úmido; flor alva.

98. SOLANACEAE:

- Marckea formicarum* Dammer; Epífita; tuberigera; flor alva.
- Schwenkia grandiflora* Benth; Planta escandente; flores esverdeadas.
- Schwenkia*; Habitat: campo; Obs: árvore campestre, folha roxa.
- Schwenkia angustifolia* Benth; Habitat: campo alagadiço.
- Schwenkia hirta* Kl.; Arbusto das praias; flor roxa escuro. Habitat: campo.

99. STERCULIACEAE:

- Theobroma* (*); Habitat: mata; Obs: Vulgo: Cacao.

100. STYRACACEAE:

- Styrax guianensis* A. DC; Flores alvas; margens do rio.
- Styrax martii* Seub; Árvore; flores com corola alva e calyx vermelho ferruginea.
- Styrax ferruginea* Nees et Mart; Habitat: campo, pequeno arbusto; flores alvas; nome vulgar: laranjeira do cerrado.
- Styrax pauciflorus* A. DC; Árvore; flores alvas, estames amarelos.
- Styrax pohlii* A. DC; Arvoreta; flores alvas.
- Styrax Kuhlmannii* Brade; Habitat: arbusto do cerrado e do chavascal arenoso; flores Alvas.

101. SYMPLOCACEAE:

- Symplocos guianensis* Gurke
- Symplocos guianensis* (Auhl).

102. THYMELAEACEAE:

- Daphnopsis ariciflora* Gilg e Markg (tipo de nova sp.); Árvore; flor alva.
- Funifera* (*); Árvore; interessante por causa da fibra que contem a casca.

103. TURNERACEAE:

- Piriqueta viscosa* Griseb.
- Piriqueta tamberlikii* Urb; Arbustinho; flores róseas.
- Piriqueta cistoides* (L.) Griseb.
- Piriqueta caroliniana* (Walt.) Urb. var. *Integrifolia* (Willd.) Urb; Campo; flor amarela.
- Turnera serrata* Vell var. *angustifolia* Urb; Habitat: mata; flor amarela.

104. ULMACEAE:

- Micrantha* (L) Blume (*)

105. VIOLACEAE:

- Paypayrola grandiflora* Tul; Árvore da mata; flor amarelada.
- Rinoria racemosa* Mart. et Zucc; Árvore de 5 e 6 metros de altura; cápsula irregularmente maculada de castanho.

106. VITACEAE:

- Vitis scabriacaulis* Baker; Liana; flores alvas.

107. VOCHYSIACEAE:

- Qualea pilosa* Warm; Árvore e arbusto de flores a principio alva e mais tarde amarelas, estriadas de vermelhos; nome vulgar: Pau terra.
- Vochysia petraea* Warm; Arbusto em forma de vara de 1 metro de altura; flores amarelas.
- Vochysia pyramidalis* Mart; Árvore; flores amarelas; nome vulgar: Cambará.
- Vochysia rufa*. Mart. var. *brevipetiolata*; Árvore; flores amarelas.
- Vochysia rufa* Mart; Habitat: cerrado; árvore; flor amarela rufas.
- Vochysia divergens* Pohl; Árvore grande.

108. WINTERACEAE:

- Winteri* Farat; Habitat: arbusto da serra; flores alvas.

TABELA 6 - Espécimes novos.

Relatório:

- Relatório de Botânica – parte 1 Hoehne (1);
- Relatório de Botânica - parte II - Hoehne (2);
- Relatório de Botânica - parte III - Hoehne (3);

Relatório de Botânica - parte IV - Hoehne (4);
 Relatório de Botânica - parte V - Hoehne (5);
 Relatório de Botânica - parte VII - A.J. Sampaio (6);
 Relatório de Botânica - parte VIII - Hoehne (7);
 Relatório de Botânica - parte XI - J. Geraldo Kuhlmann (8);
 Relatório de Botânica - parte (MIMOSOIDEAE e PAPILIONATAE) Hoehne (9).

ESPÉCIME	FAMÍLIA	R	P	A	N	E	X	O
<i>Dickia</i>	BROMELIACEAE	1	16					
<i>Zygella Mooreana</i>	IRIDACEAE	1	19					
<i>Epistephium praestans</i> Hoehne	MONANDRAE	1	26					
<i>Vanilla Ribeiroi</i> Hoehne	MONANDRAE	1	28					
<i>Physurus juruenensis</i> Hoehne	MONANDRAE	1	30					
<i>Cranichis glabricaulis</i> Hoehne	MONANDRAE	1	32					
<i>Sobralia Rondonii</i>	MONANDRAE	1	38					
<i>Sobralia cataractarum</i>	MONANDRAE	1	39					
<i>Cyrtopodim orophilum</i> Hoehne	MONONDRAE	1	42					
<i>Mormodes vinaceus</i> Hoehne	MONANDRAE	1	44					
<i>Houlletia Furuensis</i> Hoehne	MONANDRAE	1	46					
<i>Kochiophyton caeruleus</i> Hoehne	MONANDRAE	1	49					
<i>Notylia Tapirapoanensis</i> Hoehne	MONANDRAE	1	52					
<i>Trichocentrum Mattogrossensis</i> Hoehne	MONANDRAE	1	55					
<i>Plectrophora calcarhamata</i> Hoehne	MONANDRAE	1	57					
<i>Aristolochia stomachoidis</i>	ARISTOLOCHIACEAE	1	65					
<i>Aristolochia Faurúensis</i>	ARISTOLOCHIACEAE	1	66					
<i>Aristolochia droseroidis</i>	ARISTOLOCHIACEAE	1	67					
<i>Passiflora longilobis</i>	PASSIFLORACEAE	1	71					
<i>Centrocoma forsan</i>	PAPILIONATAE	2	12					
<i>Siphanthera ramosissima</i> Cogn	MELASTOMACEAE	3	3					
<i>Macairea rosea</i> Cogn	MELASTOMACEAE	3	4					
<i>Macairea Hoehnei</i> Cogn	MELASTOMACEAE	3	6					
<i>Macairea rotundifolia</i> Cogn	MELASTOMACEAE	3	7					
<i>Comolia Hoehnei</i> Cogn	MELASTOMACEAE	3	9					
<i>Zygopetalum paludosum</i>	ORCHIDACEAE	3	12					3
<i>Leochillus mattogrossensis</i> Cogn	ORCHIDACEAE	3	13					
<i>Spiranthes camposnovense</i>	ORCHIDACEAE	4	11					5
<i>Galeandra coxinnensis</i>	ORCHIDACEAE	4	15					6
<i>Epidendrum Kuhlmannii</i>	ORCHIDACEAE	4	21					7
<i>Cyrtopodium paludicolum</i>	ORCHIDACEAE	4	24					9
<i>Abolboda chapadensis</i> Hoehne	XYRIDACEAE	5	11					
<i>Alstromeria chapadensis</i> Hoehne	AMARYLLIDACEAE	5	18					12
<i>Calathea saxicola</i> Hoehne	MARANTACEAE	5	24					13

<i>Habenaria aricáensis</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	30	14
<i>Habenaria juruenensis</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	32	
<i>Habenaria polycarpa</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	34	15
<i>Habenaria liguliglossa</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	35	16
<i>Habenaria st. Simonensis</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	37	
<i>Habenaria coxipoensis</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	39	17
<i>Habenaria odorifera</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	40	18
<i>Habenaria orchicalcar</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	42	19
<i>Galeandra xerophila</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	45	20
<i>Pleurothallis myrmecophila</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	47	21
<i>Cataseum cirrhaeoides</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	52	22
<i>Cataseum tigrinum</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	53	23
<i>Cataseum juruenensis</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	55	24
<i>Cataseum incónstans</i> Hoehne	ORCHIDACEAE	5	57	25
<i>Pisonia cacerensis</i> Hoehne	NYCTAGINACEAE	5	70	26
<i>Passiflora cryptopetala</i> Hoehne	PASSIFLORACEAE	5	76	28
<i>Adiantum multisorum</i> A. Samp.	POLYPODIACEAE	6	11	29
<i>Adiantum Rondoni</i> A. Samp.	POLYPODIACEAE	6	13	
<i>Diplazium mattogrossense</i> A. Samp.	POLYPODIACEAE	6	18	30
<i>Elaphoglossum juruenae</i> A. Samp.	POLYPODIACEAE	6	20	31
<i>Polypodium Hoehnei</i> A. Samp.	POLYPODIACEAE	6	26	32
<i>Polypodium Kuhlmanni</i> A. Samp.	POLYPODIACEAE	6	27	33
<i>Inga arinensis</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	7	17	
<i>Pithecolobium subcorymbosum</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	7	18	
<i>Calliandra Kuhlmannii</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	7	20	
<i>Acacia incerta</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	7	22	
<i>Copaifera Rondonii</i> Hoehne	CAESALPINIOIDEAE	7	30	
<i>Nacrolobium Rondonianum</i> Hoehne	CAESALPINIOIDEAE	7	32	
<i>Bauhinia catholo</i> Hoehne	CAESALPINIOIDEAE	7	34	
<i>Cassia chrysotingens</i> Hoehne	CAESALPINIOIDEAE	7	44	
<i>Bowdichia racemosa</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	55	
<i>Gracca Corumbae</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	66	
<i>Desmodium juruenense</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	73	
<i>Desmodium arinense</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	74	
<i>Dalbergia enneandra</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	78	
<i>Dalbergia ferrugineo-tomentosa</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	79	
<i>Centrosema macranthum</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	84	
<i>Camptosema bellatulum</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	91	
<i>Dioclea erecta</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	92	
<i>Canavalia cuspidigera</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	94	
<i>Phaseolus sabaraensis</i> Hoehne	PAPILIONATAE	7	97	
<i>Arthropogon scaber</i> Pilger et Kuhlmann	GRAMINEAS	8	87	34
<i>Axonopus capillaris</i> (Lam.) Chase	GRAMINEAS	8	87	
<i>Axonopus compressus</i> (Swartz) Beauv.	GRAMINEAS	8	87	
<i>Axonopus fissifolius</i> (Raddi)	GRAMINEAS	8	87	
<i>Axonopus furcatus</i> (Flueg.) Hitche	GRAMINEAS	8	87	
<i>Axonopus extenuatus</i> (N. ab E.)	GRAMINEAS	8	87	
<i>Axonopus longispicus</i> (Doeli)	GRAMINEAS	8	87	
<i>Axonopus scoparius</i> (Flueg.)	GRAMINEAS	8	87	
<i>Axonopus barbatus</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	87	

<i>Axonopus siccus</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	87
<i>Axonopus comans</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	87
<i>Axonopus marginatus</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	87
<i>Axonopus fastigiatus</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	87
<i>Axonopus canaliculatus</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	87
<i>Axonopus dissitiflorus</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	87
<i>Axonopus immersus</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	87
<i>Axonopus radiatus</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	87
<i>Axonopus chrysodactylon</i> (Doell)	GRAMINEAS	8	87
<i>Axonopus pulcher</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	88
<i>Axonopus chrysitis</i> (Doell)	GRAMINEAS	8	88
<i>Axonopus chrysolepharis</i> (Doell)	GRAMINEAS	8	88
<i>Brachiaria plantaginea</i> (Link)	GRAMINEAS	8	88
<i>Capriola dactylon</i> (L.)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetium festucoides</i> Nees	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa cruz ardea</i> (Willd.)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa sulcata</i> (Aubl.)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa speciosa</i> (A. Braun)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa barbata</i> (Lam.)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa geniculata</i> Millsp. & Chase	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa flava</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa penicillata</i> (Willd.)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa setosa</i> (Swar) Scribner	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa globolifera</i> (Steudl)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa scabrifolia</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa italica</i> (L.)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa macrostachya</i> (Doell)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa semirugosa</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa impressa</i> Hitchc. & Chase	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa Salzmanniana</i> Hitchc. Chase	GRAMINEAS	8	88
<i>Chaetochloa scandens</i> (Schrad.)	GRAMINEAS	8	89
<i>Chaetochloa verticillata</i> (L.) Scribn.	GRAMINEAS	8	89
<i>Chloris paraguayensis</i> (Steudl.)	GRAMINEAS	8	89
<i>Echinochloa colona</i> (L.)	GRAMINEAS	8	89
<i>Echinochloa cruz galli</i> (L.) Beauv.	GRAMINEAS	8	89
<i>Echinochloa spectabilis</i> (Nees) Link	GRAMINEAS	8	89
<i>Echinochloa hirta</i> (Desv.)	GRAMINEAS	8	89
<i>Echinochloa polystachya</i> H.B.K.	GRAMINEAS	8	89
<i>Eriochloa annulata</i> Nees	GRAMINEAS	8	89
<i>Eriochloa punctata</i> (L.) Hamilt.	GRAMINEAS	8	89
<i>Eriochloa tridentata</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	89
<i>Eriochloa grandiflora</i> (Trin.) Benth.	GRAMINEAS	8	89
<i>Eriochloa distachya</i> H.B.K.	GRAMINEAS	8	89
<i>Eriochrysis cayennensis</i> Beauv.	GRAMINEAS	8	89
<i>Eriochrysis Warmingina</i> (Hack.)	GRAMINEAS	8	89
<i>Eriochrysis holcoides</i> (Hack.)	GRAMINEAS	8	89
<i>Gynerium sagittatum</i> Aubl.	GRAMINEAS	8	89
<i>Holcus halepensis</i> L.	GRAMINEAS	8	89
<i>Holcus sarghum</i> L.	GRAMINEAS	8	89

<i>Homolepis aturensis</i> (H.B.K.) Chase	GRAMINEAS	8	89	
<i>Homolepis longispicula</i> Doell	GRAMINEAS	8	90	
<i>Hymenachene cordata</i> (Doell)	GRAMINEAS	8	90	
<i>Hymenachene amplexicaulis</i> Nees	GRAMINEAS	8	90	
<i>Hymenachene auriculata</i> (Willd.) Chase	GRAMINEAS	8	90	35
<i>Ichnanthus Rondonii</i> Kuhlmann	GRAMINEAS	8	90	
<i>Imperata contracta</i> (H.B.K.)	GRAMINEAS	8	90	
<i>Lasiacis divaricata</i> (L.) Hitchc.	GRAMINEAS	8	90	
<i>Luziola bahiensis</i> (Steud.) Hitchc.	GRAMINEAS	8	90	
<i>Lythachne pauciflora</i> (Swartzl) Beauv.	GRAMINEAS	8	90	
<i>Manisuris aurita</i> (Steud.)	GRAMINEAS	8	90	
<i>Manisuris loricata</i> (Trin.) Kuntze	GRAMINEAS	8	90	
<i>Mesosetum loliiforme</i> (Hochst.) Chase	GRAMINEAS	8	90	
<i>Mesosetum chlorostachyum</i> (Doell.)	GRAMINEAS	8	90	
<i>Mesosetum pappaphorum</i> (Nees.)	GRAMINEAS	8	90	
<i>Mesosetum exaratum</i> (Trin..)	GRAMINEAS	8	90	
<i>Mesosetum rottboellioides</i> (H.B.K.)	GRAMINEAS	8	90	
<i>Mesosetum eriochrysoides</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	90	
<i>Mesosetum sclerochloa</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	90	
<i>Mesosetum ansatum</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	90	
<i>Melinis minutiflora</i> P. de Beauv.	GRAMINEAS	8	90	
<i>Nassella trichotoma</i> (Nees) Hack.	GRAMINEAS	8	90	
<i>Nazia aliena</i> (Spreng.) Scribner	GRAMINEAS	8	90	
<i>Oplismenus compositus</i> (L.) Beauv.	GRAMINEAS	8	90	
<i>Oplismenus setarius</i> (L.) Beauv.	GRAMINEAS	8	90	
<i>Oplismenus Burmanni</i> (Retzius) Beauv.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Oplismenus hirtellus</i> (L.) Beauv.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Panicum polygonatum</i> Schrad.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Panicum grande</i> Hitchc.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Panicum nitidum</i> Lamarck	GRAMINEAS	8	91	
<i>Panicum trichoides</i> Swartz	GRAMINEAS	8	91	
<i>Panicum milegrana</i> Poir	GRAMINEAS	8	91	36
<i>Paratheria prostata</i> Griseb.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Piptochaetium setosum</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	91	
<i>Piptochaetium panicoides</i> E. Desv.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Piptochaetium tuberculatum</i> E. Desv.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Piptochaetium bicolor</i> (Vahl) E. Desv.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Piptochaetium stipoides</i> (Trin.) Hack.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Raddia nana</i> (Doell) Chase.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Raddia polypodioides</i> (Trin)	GRAMINEAS	8	91	
<i>Raddia brasiliensis</i> Bertl.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Reimarochloa acuta</i> (Fluegge)	GRAMINEAS	8	91	
<i>Reimarochloa brasiliensis</i> Hitchc.	GRAMINEAS	8	91	
<i>Reimarochloa aberrans</i> (Doell)	GRAMINEAS	8	91	
<i>Rytilix granularis</i> (L.) Skeels	GRAMINEAS	8	91	
<i>Sacciolepis myuros</i> (Lam.) Chase	GRAMINEAS	8	91	
<i>Sacciolepis vilfoides</i> (Trin.) Chase	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sacciolepis striata</i> (Lam.) Nas.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sacciolepis angustissima</i> (Hochst.)	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sorghastrum nutans</i> (L.) Nasch.	GRAMINEAS	8	92	37

<i>Spheneria setifolia</i> (Doell) Kuhlmann	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus virginicus</i> (L.) Kunth.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus muralis</i> (Raddi) Hitchc.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus brasiliensis</i> (Raddi) Hack.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus argutus</i> (Nees) Kunth.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus aenus</i> Kunth.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus acuminatus</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus Junceus</i> Kunth.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus eximius</i> (Nees)	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus tenacissimus</i> P. de Beauv.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus rupestris</i> Kunth.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus piliferus</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus purpurascens</i> (Swartz)	GRAMINEAS	8	92	
<i>Sporobolus ciliatus</i> Presl.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Syntherisma sanguinalis</i> (Lin.) Dulac	GRAMINEAS	8	92	
<i>Syntherisma adusta</i> (Nees) A. Chase	GRAMINEAS	8	92	
<i>Syntherisma filiformis</i> (L.) Nas.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Thrasya petrosa</i> (Trin.)	GRAMINEAS	8	92	
<i>Thrasya paspaloides</i> H.B.K.	GRAMINEAS	8	92	
<i>Trichopteryx flammida</i> (Trin.) Benth.	GRAMINEAS	8	93	
<i>Valota insulares</i> (L.) Chase	GRAMINEAS	8	93	
<i>Valota vestita</i> (Kunth)	MIMOSOIDEAE	9	5	38
<i>Inga Rondonii</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	6	39
<i>Calliandra Rondoniana</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	6	40
<i>Mimosa Rondoniana</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	7	41
<i>Mimosa Kuhlmannii</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	8	42
<i>Mimosa scaberrima</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	8	43
<i>Mimosa calliandroides</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	11	44
<i>Macrolobium urupaense</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	12	45
<i>Cassia Kuhlmannii</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	13	
<i>Cassia juruenensis</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	14	46
<i>Cassia poiretioides</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	14	47
<i>Cassia dumais</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	16	48
<i>Swartzia rariflora</i> Hoehne	MIMOSOIDEAE	9	17	49
<i>Swartzia Kuhlmannii</i> Hoehne	PAPILIONATAE	9	21	50
<i>Arachis nambyquarae</i> Hoehne	PAPILIONATAE	9	25	51
<i>Centrosema tapirapoanense</i> Hoehne				

TABELA 7 - Variedades novas.

Relatórios:

- Relatório de Botânica – parte 1 Hoehne (1);
- Relatório de Botânica - parte II - Hoehne (2);
- Relatório de Botânica - parte III - Hoehne (3);
- Relatório de Botânica - parte IV - Hoehne (4);
- Relatório de Botânica - parte V - Hoehne (5);
- Relatório de Botânica - parte VII - A.J. Sampaio (6);
- Relatório de Botânica - parte VIII - Hoehne (7);
- Relatório de Botânica - parte XI - J. Geraldo Kuhlmann (8);

Relatório de Botânica - parte (MIMOSOIDEAE e PAPILIONATAE) Hoehne (9).

ESPECIME	FAMÍLIA	R E L A T O R I O	P A G I N A	A N E X O
<i>Vanilla planifolia</i> Andr var <i>gigantea</i> Hoehne	MONANDRAE	1	27	
<i>Xylobium chapadense</i> Cogn	MONANDRAE	1	46	
<i>Epistephium sclerophyllum</i> Lindl var A. Hoehne	ORCHIDACEAE ORCHIDACEAE	4 4	7 10	4
<i>Epistephium parviflorum</i> Lindl var A. Hoehne	ORCHIDACEAE	4	18	
<i>Laiium avicola</i> Benth var <i>subteretifolia</i> Hoehne	ORCHIDACEAE XYRIDACEAE	4 5	19 12	11
<i>Epidendrum flavum</i> L. var <i>fuscosepalum</i> Hoehne	COMMELINACEAE MARANTACEAE	5 5	14 26	
<i>Abolboda chapadensis</i> H. var <i>pauciflora</i> Hoehne	PASSIFLORACEA E	5 5	73 73	27
<i>Tradescantia ambigua</i> Mart var <i>pilósula</i> Hoehne	PASSIFLORACEA E	5 7	81 44	
<i>Saranthe urceolata</i> Peters var <i>giganta</i> Hoehne	ONAGRACEAE CAESALPINIOIDEAE	7 7	47 28	
<i>Dilkea Johannesii</i> B. Rodr var <i>Parvifolia</i> Hoehne	CAESALPINIOIDEAE CAESALPINIOIDEAE CAESALPINIOIDEAE	7		
<i>Passiflora Mansoi</i> Mart. var. <i>Glabra</i> Hoehne				
<i>Jussieua anastomosans</i> DC <i>obtusifolia</i> Hoehne				
<i>Cassia Apoucouita</i> Aubl v. <i>plurifoliolata</i> Hoehne				
<i>Cassia uniflora</i> Spreng var. <i>Utiarityi</i> Hoehne				
<i>Piptadenia nacrocarpa</i> Benth				

TABELA 8 - Utilidade

Relatório:

Relatório de Botânica – parte 1- Hoehne (1);

Relatório de Botânica - parte II - Hoehne (2);

Relatório de Botânica - parte III - Hoehne (3);

Relatório de Botânica - parte IV - Hoehne (4);

Relatório de Botânica - parte V - Hoehne (5);

Relatório de Botânica - parte VII - A.J. Sampaio (6);

Relatorio de Botânica - parte VIII - Hoehne (7);
 Relatorio de Botânica - parte XI - J. Geraldo Kuhlmann (8);
 Relatorio de Botânica - parte (MIMOSOIDEAE e PAPILIONATAE) Hoehne (9).
 Informação obtida na ficha de identificação do Herbário do Museu Nacional (*)

4.4 UTILIDADES

Depurativo⁴⁶ (1)
 Ornamentação (2);
 Ornamentação de grandes lagos e aquários (3);
 Medicinal (4);
 Alimentação (5);
 Enchimento das almofadas de cangalhas e selas (6);
 Serve para caramanchões altos e para varandas (7);
 Óleo (8);
 Resina e goma (9);
 Tanino⁴⁷ (10);
 Veneno utilizado pelos indios na caça e pesca (11);
 Pastagens dos gados (foragem) (12);
 Ornamento e seda para almofada (13);
 Fabrico de esteiras para dormir (14);
 Madeira de lei (15)
 Construção (16)

ESPÉCIME	FAMILIA	U T I L I D A D E	R E L A T O R I O	P A G I N A	A N E X O
<i>Herreria salsaparilha</i> Mart (Salsa)	LILIACEAE	1	1	18	
<i>Zephyranthes lactea</i> Spc. Moore	AMARYLLIDACEAE	2	1	19	
<i>Bletia Rodriguezii</i> Cogn	MONANRAE	2	1	41	
<i>Cassia occidentalis</i> L.(Fedegoso)	CAESALPINIOIDEAE	4	2	7	
<i>Cassia rugosa</i> Don. (Infalivel)	CAESALPINIOIDEAE	4	2	7	

⁴⁶ A depuração do nosso organismo, pode ser feita pelo sol, pelo ar, pela água, pelos alimentos e pelas plantas medicinais. Depurar, significa limpar, purificar, e este é um processo muito importante na manutenção da Saúde. <http://openlink.br.inter.net/jctyll/2083.htm>.

⁴⁷ Substância encontrável em vários organismos vegetais (casca do carvalho, do castanheiro, noz-de-galha etc.), que torna as peles imputrescíveis, sendo, por isso, usada em curtume. (Os taninos também fornecem tintas. São empregados em medicina como adstringentes tônicos.) Fonte: <http://www.dicio.com.br/tanino/>

<i>Dioclea violacea</i> Mart	PAPILIONATAE	2	2	13	
<i>Macairea Hoehnei</i> Cogn	MELASTOMACEAE	2	3	6	
<i>Tibouchina pogonantha</i> Cogn	MELASTOMACEAE	2	3	9	
<i>Eichornia carssipes</i> (Mart.) Solms	PONTEDERIACEAE	2	4	6	
<i>Epidendrum cinnabarinum</i> Salzm	ORCHIDACEAE	2	4	20	
<i>Cattleya nobilior</i> Reichb. f.	ORCHIDACEAE	2	4	23	
<i>Sobralia liliastrum</i> Lindl.	ORCHIDACEAE	2	4	23	8
<i>Menadenium labiosum</i> Cogn	ORCHIDACEAE	2	4	28	
<i>Oncidium Jonesianum</i> Reichb. f.	ORCHIDACEAE	2	4	30	10
<i>Nymphaea blanda</i> , G.F.W. Mey	NYMPHAEACEAE	3	4	32	
<i>Vitoria regia</i> , Lindley (forno d'agua)	EURYALEAE	5	4	32	
<i>Boerhavia hirsuta</i> Wild- <i>Herva tostão</i>	NYCTAGINACEAE	4	5	69	
<i>Petiveria aliacea</i> L. (<i>Herva pepi</i>)	PHYTOLACCACEAE	4	5	68	
<i>Passiflora Mansoi</i> (Mart) Mast	PASSIFLORACEAE	5	5	73	
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth	CAESALPINIOIDEAE	6	7	29	
<i>Mucuna altissima</i> D.C. var. <i>pilosuda</i>	PAPILIONATAE	7	7	87	
<i>Calopogonium coeruleum</i> Dev	PAPILIONATAE	2	7	88	
<i>Cymbosema roseum</i> Benth	PAPILIONATAE	2	7	88	
<i>Myroxylon toluifera</i> H.B.K.	LEGUMINOSAE	8	7	5	
<i>Copaifera Langsdorffii</i> Desf	LEGUMINOSAE	8	7	5	
<i>Dipteryx alata</i> Vog	LEGUMINOSAE	4	7	5	
<i>Hymenaea courbaril</i> L. (Jatobeiro);	LEGUMINOSAE	5	7	5	
<i>Hymenaea stilbocarpa</i> Hayne;	LEGUMINOSAE	5	7	5	
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart	LEGUMINOSAE	5	7	5	
<i>Piptadenia</i>	LEGUMINOSAE	9	7	5	
<i>Caesalpinia</i>	LEGUMINOSAE	9	7	5	
<i>Pterocarpus</i>	LEGUMINOSAE	9	7	5	
<i>Stryphnodendron barbatimão</i> Mart	LEGUMINOSAE	10	7	5	
<i>Piptadenia</i>	LEGUMINOSAE	10	7	5	
<i>Pithecolobio</i>	LEGUMINOSAE	10	7	5	
<i>Dimorphandra</i>	LEGUMINOSAE	10	7	5	
<i>Copaifera Langsdorffii</i> Desf.	LEGUMINOSAE	4	7	5	
<i>Myroxylon</i>	LEGUMINOSAE	4	7	5	
<i>Cassia rugosa</i> Don.(Infalivel)	LEGUMINOSAE	4	7	5	
<i>Indigofera lespedezoides</i> H.B.K.	LEGUMINOSAE	11	7	5	
<i>Indigofera anil</i> . L.	LEGUMINOSAE	11	7	5	
<i>Tephrosia toxicaria</i>	LEGUMINOSAE	11	7	5	
<i>Arachis hypogea</i> L. (amendoim)	LEGUMINOSAE	5	7	5	
<i>Phaseolus vulgaris nanus</i> L.	LEGUMINOSAE	5	7	5	
<i>Andropogon Incanus</i> Hack.	GRAMINEA	12	8	33	
<i>Andropogon carinatus</i> Nees	GRAMINEA	12	8	33	
<i>Andropogon hypogynus</i> Hack	GRAMINEA	12	8	34	
<i>Andropogon tener</i> Kunth	GRAMINEA	12	8	34	
<i>Andropogon fastigiatus</i> Sw.	GRAMINEA	12	8	35	
<i>Andropogon halepensis</i> L.	GRAMINEA	12	8	35	
<i>Aristida gibbosa</i> Kunth	GRAMINEA	12	8	75	
<i>Aristida capillacea</i> Lamarck	GRAMINEA	12	8	75	
<i>Axonopus capillaris</i> (Lam.) Chase	GRAMINEA	12	8	87	
<i>Axonopus compressus</i> Beauv	GRAMINEA	12	8	87	
<i>Axonopus fissifolius</i> (Raddi)	GRAMINEA	12	8	87	

<i>Axonopus furcatus</i> (Flueg.) Hitchc	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus extenuatus</i> (N. ab E.)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus longispicus</i> (Doeli)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus scoparius</i> (Flueg.)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus barbatus</i> (Nees)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus siccus</i> (Nees)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus comans</i> (Trin.)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus marginatus</i> (Trin.)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus fastigiatus</i> (Nees)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus canaliculatus</i> (Nees)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus dissitiflorus</i> (Trin.)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus immersus</i> (Nees)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus radiatus</i> (Trin.)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus chrysodactylon</i> (Doell)	GRAMINEA	12	8	87
<i>Axonopus pulcher</i> (Nees)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Axonopus chrysitis</i> (Doell)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Axonopus chrysoblepharis</i> (Doell)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa cruz ardea</i> (Willd.)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa sulcata</i> (Aubl.)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa speciosa</i> (A. Braun)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa barbata</i> (Lam.)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa geniculata</i> Millsp e	GRAMINEA	12	8	88
Chase	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa flava</i> (Nees)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa penicillata</i> (Willd.)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa setosa</i> Scribner	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa globolifera</i> (Steudl)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa scabrifolia</i> (Nees)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa italica</i> (L.)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa macrostachya</i> (Doell)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa semirugosa</i> (Nees)	GRAMINEA	12	8	88
<i>Chaetochloa impressa</i> Hitchc. &	GRAMINEA	12	8	89
Chase	GRAMINEA	12	8	89
<i>Chaetochloa Salzmanniana</i> H.	GRAMINEA	12	8	89
Chase	GRAMINEA	12	8	90
<i>Chaetochloa scandens</i> (Schrad.)	GRAMINEA	12	8	90
<i>Chaetochloa verticillata</i> (L.) Scribn.	GRAMINEA	12	8	91
<i>Ichnanthus Rondonii</i> Kuhlmann	GRAMINEA	12	8	91
<i>Melinis minutiflora</i> P. De Beauv.	GRAMINEA	12	8	91
<i>Panicum polygonatum</i> Schrad.	GRAMINEA	12	8	91
<i>Panicum grande</i> Hitchc.	GRAMINEA	12	8	91
<i>Panicum nitidum</i> Lamarck	GRAMINEA	12	8	91
<i>Panicum trichoides</i> Swartz	MIMOSOIDEAE	5	9	10
<i>Panicum milegrana</i> Poir	PAPILIONATAE	4	9	24
<i>Paratheria prostata</i> Griseb.	AMARANTHACEAE	4	*	
<i>Hymenaceae stigonocarpa</i> Mart	ARACEAE	4	*	
<i>Pterodon pubescens</i> Bth	ASCLEPIADACEAE	13	*	
<i>Gomphrena officinalis</i> Mart	BROMELIACEAE	5	*	
<i>Pistia stratiotes</i> L. var. <i>spathulata</i>	CUCURBITACEAE	4	*	
<i>Araujia sericifera</i> Brot	CYPERACEAE	14	*	

<i>Ananas ananassoides</i> (Bak) L.B.Sm	LEGUMINOSAE	11	*		
<i>Cayaponia espelina</i> (Manso) Cogn	MENISPERMACEAE	4	*		
<i>Fistulosa</i> Schultz	PASSIFLORACEAE	5	*		
<i>Cassia rugosa</i> G. Don	BURSERACEAE	15	*		
<i>Ovalifolia</i> DC	PALMAE	16	*		
<i>Gassiflora coccima</i> Aubl					
<i>Esenbeckia febrífuga</i> A. Juss					
<i>Copernicia cerifera</i> Mart (Carnauba)					



Fig. 159 - *Vitoria regia*, Lindley, conhecida como forno d'agua, é um símbolo da Região Amazônica. Foto: Sergio Luiz Augusto de Andrade.

4.5 RESUMO DA PESQUISA REFERENTE A FLORA.

A Comissão Rondon foi uma iniciativa do governo brasileiro para reconhecer, proteger e desenvolver a Região Noroeste do Brasil. O telégrafo daria apoio às atividades produtivas desenvolvidas na Região Centro-Oeste e sobretudo na Região Norte do país, principalmente na extração do látex. A borracha era extraída da

seringueira, a *Hevea brasiliensis*, planta nativa da Amazônia, e a maior reserva natural dessa árvore fica na Bacia Amazônica.

Explorada em pequena escala desde o início do século XIX, a partir de 1850 passou a ser comercializada no exterior atingindo o seu apogeu dois anos antes do início dos trabalhos da CLTEMTA (1907 – 1915) até 1912.

Toda a economia brasileira, sobretudo da Região Amazônica passou a depender exclusivamente da extração do látex. Em 1910, a borracha atingiu o preço máximo e as exportações nesse ano foram responsáveis por 40% do valor das exportações brasileiras. (VICENTINO e DORIGO, 2001, p.476)

Esse período, que ficou conhecido como o Ciclo da Borracha, constituiu uma parte importante da história da economia do Brasil, e está relacionado com a extração e comercialização da borracha. O governo brasileiro buscava soluções onde pudesse integrar os centros produtores ao restante do país e nesse sentido a implantação das linhas telegráficas surgiu como uma das soluções de apoio a tal investidura. Rondon tinha noção da importância dos seringais para a economia do Brasil.

Pois não é realmente assombroso que desde [rio] Sepotuba até o [rio] Madeira os seringais se sucedam ininterruptamente? Para que falar nas outras riquezas – no caucho, nas plantas medicinais, nas madeiras de construção, nas jazidas de metais e pedras preciosas, na fertilidade do solo – quando só o interminável seringal representava fortuna maior do que a de qualquer país do mundo, mesmo dos que mais se tenham na conta de ricos? (VIVEIROS, 2010, p. 301)

As atividades da Comissão Rondon deram uma grande contribuição a economia com relação a Botânica, pois as pesquisas e coletas eram voltadas para as espécies de grande interesse econômico. Na indústria da pecuária, a família das gramíneas foi objeto de estudo e observação pelos botânicos da Comissão Rondon pelo conhecimento que tinham das grandes necessidades e lacunas que havia e procuraram sanar, ajuntando dados a todas as espécies de acordo com informações fidedignas que foi possível obter. O Centro-Oeste do Brasil, com os seus vastíssimos campos naturais onde predominavam um grande número de espécies de gramíneas, estava desenvolvendo a sua pecuária visando grandes produções e melhoramento para um tipo definido. Na sua previsão de se tornar ainda um dos maiores criadores de gado, principalmente bovino, o país não poderia permanecer na indiferença, em relação a este grande problema de se obter uma forragem de qualidade, segundo Kuhlmann, “esperando que certos fatos sejam resolvidos por si mesmo, ou, que o remédio nos venha de outros, quando nos mesmos podemos resolve-los, pois não

nos faltam elementos nem homens capazes de lhes dar solução” (KUHLMANN, 1922). No início do século XX, o problema das forragens preocupava os nossos criadores, os poderes públicos, etc., a ponto de se terem importado sementes de forragens, procurando introduzi-los em nossos campos de criação. No início do século XX, o Brasil possuía aproximadamente 700 espécies de gramíneas, tendo conhecidos e analisados no máximo 5 % como boas forragens. (KUHLMANN, 1922).

Sobre as orquídeas, de um total de 146 espécies encontradas, 33 eram novas espécies e 11 novas variedades desconhecidas pela ciência. Uma grande parte não era conhecida no Brasil. Das orquídeas pesquisadas, 100 espécies foram reproduzidas em desenhos (estampas). (HOEHNE, 1915)

As matas da região centro-oeste são ricas de madeiras preciosas, plantas medicinais e ornamentais. Entre elas, podemos citar: o “Jatobá” (*Hymenaea curbaril* L.) que atinge dimensões gigantescas e o “Jequitibá” (*Cariniana brasiliensis* Cas.) que pode-se encontrar exemplares com mais de 20 metros de comprimento e com um tronco com mais de 2 metros de diâmetro. Além dessas abundam, o “Pão de Óleo”, a “Mulateira” e a “Araputanga” cuja madeira é comparável a do cedro, sendo muito empregada na construção de embarcações. A “Poaya” (*Uragoga ipecacuanha* Baill) e a “Salsaparilha” (*Herreria salsaparilha* Mart) e várias outras plantas medicinais foram encontradas nessas matas. (HOEHNE, 1916)

O terreno da região do rio Sepotuba, bem como todo aquele compreendido pela mata da Poaya, é fertilíssimo. O arroz, o milho, abóboras, favas, vários tipos de tubérculos e também a mandioca, produzem ali de maneira admirável. O abacaxi, de diversas variedades, fazia parte da alimentação dos índios, principalmente os nambiquaras, que usavam como bebida. Na mata da Poaya encontrou-se uma pequena Rubiácea, a *Uragoga ipecacuanha* Bail, com cujas raízes tuberosas, deu dinheiro a muita gente de Mato Grosso. Em todas as cabeceiras dos rios e nas depressões do terreno, há formação de matas, que em geral são muito ricas em *Herveas*. Os seringueiros avançaram até o rio Burity com a extração do látex das *Herveas*. Nas matas em que aparecem as *Herveas*, encontram-se também o *Brosimum galactodendrum* Don, vulgarmente conhecido por “Pão–vaca” por causa do leite potável que, ao ser cortado, segrega da casca e que os índios muito apreciam. As Leguminosae gigantescas que dão boa madeira para construção. Do “Jabota”, (*Hymenaca curbaril*) os índios obtém o breu. Os cerrados do Juruena até a Barrinha e mesmo os que aparecem no alto chapadão eram ricos de árvores

frutíferas, principalmente de espécies de Myrtaceas e Apocynaceas, tais como a “Jaboticaba do campo” ou “Puçá” e a “Mangaba”, cujos frutos, muito saborosos, eram um dos alimentos dos silvícolas. Abundavam também o “Tucary do campo”, uma pequena Lecythidacea do gênero *Lecythis*, cujas castanhas são comestíveis. Além destes, os índios comiam ainda as favas do “Cumaru”, uma *Coumarouna* muito comum em todos os cerradões. Outras plantas comestíveis como cocos de *Attaleas*, de “Assahy” e “Burity” (*Mauritias*) também eram fartamente encontrados na região. “As matas e os cerrados são verdadeiros pomares, que em quase todas as épocas do ano, tem as suas frutas.” (HOEHNE, 1916)

O amendoim (*Arachis nambyquarae*) cultivado pelos índios nambiquaras da região de Pimenta Bueno, Mato Grosso, era de grãos grandes, de várias cores e de um sabor adocicado. (COIMBRA, 2007)

Em sua monografia sobre o gênero *Arachis* para a Flora Brasileira, Hoehne defende que o amendoim foi aperfeiçoado pelos índios a partir de duas ou três espécies agrestes ainda hoje encontradas ali. A visão de Hoehne sobre a “domesticação” do amendoim – que situa na região setentrional do Pantanal e no noroeste de Mato Grosso – coincide com a visão corrente de que o cultivo desse grão originou-se na América do Sul e, muito provavelmente, no Brasil Central. Isso por que se observa na região um grande número de espécies silvestres de *Arachis* — forte indício de que ali se situa o seu centro de dispersão. (idem, 2007)

Essa espécie foi coletada por Kuhlmann, e descrito como espécie nova.

Na pesquisa foram relacionadas 1 065 espécies de um total de 108 famílias. Foram os seguintes resultados obtidos: 220 espécies (Tabela 6) e 15 variedades (Tabela 7) eram desconhecidas pela ciência, uma grande parte não era conhecida no Brasil e outra parte não figurava na Flora Brasiliensis. Várias espécies foram reproduzidas em desenhos feitos do natural e sempre que possível em tamanho natural, dos quais apresentou-se 50 desses desenhos nos anexos da tese.

Relacionou-se 110 espécies úteis, com valor econômico (Tabela 8). Essas espécies úteis foram classificadas da seguinte forma: Depurativo – 1 espécie; Ornamentação – 13 espécies; Ornamentação de grandes lagos e aquários: 1 espécie; Medicinal – 13 espécies; Alimentação - 10 espécies; Enchimento das almofadas de cangalhas e selas – 1 espécie; Serve para caramanchões altos e para varandas – 1 espécie; Óleo – 2 espécies; Resina e goma – 3 espécies; Tanino – 4 espécies; Veneno utilizado pelos índios na caça e pesca – 4 espécies; Pastagens dos gados (foragem) – 53 espécies; Ornamento e seda para almofada – 1 espécie;

Fabrico de esteiras para dormir – 1 espécie; Madeira de lei – 1 espécie; Construção – 1 espécie.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA), conhecida como Comissão Rondon, configurou-se como um dos mais grandiosos empreendimentos realizados no Brasil, e tinha como principal meta o desbravamento das regiões mais inóspitas do nosso território e integrá-las ao país.

A CLTEMTA tinha como objetivo principal a construção de linhas telegráficas, instalações de estações telegráficas e na execução de inspeção das fronteiras brasileiras.

Quase todos os dezessete artigos das instruções para o serviço da Comissão Construtora da Linha Telegráfica de Mato Grosso ao Amazonas⁴⁸, assinada pelo ministro de estado Miguel Calmon Du Pin e Almeida em 4 de março de 1907 e publicadas no Diário Oficial de março de 1907, referem-se com detalhes à implantação das linhas telegráficas. Entretanto, o artigo XV⁴⁹ instruía a estudar os recursos naturais da região percorrida, explorando os recursos geológicos, geográficos, principalmente mineralógicos, além da fauna e da flora. Também foram realizados levantamentos de dados topográficos, astronômicos, climatológicos, hidrográficos, além de estudos etnográficos e pacificação das tribos indígenas.

Conforme analisou-se no Capítulo 3 dessa tese, a implantação do telégrafo nessa região, não apresentou os resultados esperados para o país, ou seja, principalmente ligar a região norte e o noroeste de Mato Grosso ao restante do país. Depoimentos, como do antropólogo francês Lévi-Strauss, que esteve no Brasil na década de 30 e fez uso das linhas telegráficas instaladas, registrou críticas acerca do funcionamento do telégrafo. Os próprios membros da Comissão Rondon também criticaram o mau funcionamento da linha, como o Tenente Nicolau Bueno Horta Barboza e o geólogo do Museu Nacional Euzébio Paulo de Oliveira.

⁴⁸ Organizadas de acordo com a letra b, do nr XXI do art. 35, da lei nr. 1.617 de 30 de dezembro de 1906.

⁴⁹ ARTIGO XV: A comissão fará o estudo: da região sob o ponto de vista da sua defesa, do traçado de vias de comunicação para a fronteira, da navegabilidade dos rios e da natureza do terreno, quanto a sua utilização para a lavoura ou industria pastoril; dos produtos extrativos da região que percorrer, principalmente os minerais.

Dentre as principais dificuldades levantadas na pesquisa cabe ressaltar algumas. Por exemplo, o telégrafo nessa região funcionou em trechos reduzidos. Constatamos que tal situação estava relacionada a problemas como a falta de manutenção das linhas de transmissão; problemas técnicos dos aparelhos telegráficos; quedas dos postes de sustentação, pela ação da natureza e do tempo ou pela ação dos índios e até mesmo o pouco interesse no uso da linha telegráfica, devido principalmente a pouca demanda, pois a população ao longo da linha era pequena. A Comissão de Linhas Telegráficas Estratégica de Mato Grosso ao Amazonas não obteve o mesmo resultado que as outras comissões, como a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso (1900 – 1906), também comandada por Rondon. Esta, ao contrário daquela, integrava a região sul de Mato Grosso e já havia um bom desenvolvimento da comunicação por meio do telégrafo entre cidades como: Aquidauana, Bela Vista, Campo Formoso, Coimbra, Correntes, Corumbá, Coxim, Fazenda Firme, Itiquira, Margarida, Miranda, Nioac, Porto Murtinho, Rio Negro e São Carlos. Para se ter uma idéia do funcionamento dessa linha, em um relatório da Repartição Geral dos Telégrafos de 1912 sobre a estatística dos telegramas recebidos e transmitidos entre essas cidades, foi registrado um total de 143.647 telegramas transmitidos/recebidos referente a serviço interior e 152.047 telegramas transmitidos/recebidos referente a serviço internacional, computados os telegramas particulares, oficiais, estaduais, imprensa, entre outros (Anexo 2). Esses serviços renderam ao estado de Mato Grosso uma arrecadação no valor de 243:358\$835 (duzentos e quarenta e três contos, trezentos e cinquenta e oito mil e oitocentos e trinta e cinco réis).

A Comissão Rondon cumpriu outros objetivos que não eram a princípio, a sua principal finalidade. A ocupação do território foi de suma importância para a região, visto que deu origem a diversas localidades e tantas outras como: Vilhena, Pimenta Bueno, Ji-Paraná, e Ariquemes, cidades do atual estado de Rondônia, tiveram seu desenvolvimento facilitado. Há cem anos essas cidades não existiam, pois tiveram origem, entre 1910 e 1915, a partir de estações telegráficas. Ao longo dos anos foram se transformando em povoados e se desenvolvendo até se tornarem importantes cidades daquela região que vieram a se transformar em pontos estratégicos para a defesa das fronteiras brasileiras e para a implantação, em 1985,

do Projeto Calha Norte⁵⁰. Acrescente-se a sua importância o fato do traçado da linha, ter servido também, de parâmetro para a construção da rodovia BR-364 e serve de orientação aos pilotos nas rotas aéreas.

No aspecto socioeconômico, a Comissão ajudou a desenvolver a região Centro-Oeste, favorecendo a sua ligação com outras regiões, pois a medida que fomentava a instalação de lavouras, permitia a ocupação e o povoamento da região por lavradores. Rondon tinha ciência da importância de manter a região povoada e economicamente ativa. Segundo ele, os trabalhos da linha telegráfica, do traçado das estradas de penetração, do lançamento de futuros centros de povoação, da instalação das primeiras lavouras e dos primeiros núcleos de criação de gado caminhavam *pari passu*. Ainda como contribuição da Comissão no aspecto socioeconômico podem ser citados o estudo geográfico da região e a criação de meios de transportes para o escoamento da produção agrícola e transporte de gado.

A contribuição da Comissão Rondon à geografia brasileira é notável. Ele realizou uma das maiores obras de exploração geográfica, não só do Brasil, mas do mundo. Só em relação a expedições, explorações e levantamento de rios foi uma obra memorável. Muitos deles como: Paratininga, São Manoel ou Telles, Pires, Ikê, Juruena, Sangue, Papagaio, Arinos, Jamarý, Anary, Machadinho, Dúvida ou Roosevelt, Gy-Paraná, Jacy-Paraná, Cautário, Canumã, Sucundury, Annáz ou Tenente Marques de Souza, foram poucos percorridos por homens civilizados e alguns foram pela primeira vez explorados. Nas palavras de Rondon à Associação dos Geógrafos Brasileiros, “Ficou incorporada ao patrimônio geográfico uma área de cerca de 200.000 Km², até então virgens e com ela a representação gráfica e a descrição de grandes rios, novas serras e uma avultadíssima nomenclatura nova”. Rondon acreditava ser a maior contribuição geográfica brasileira resultante de um só empreendimento.

⁵⁰ O Projeto Calha Norte é um programa de desenvolvimento e defesa da Região Norte do Brasil idealizado em 1985 durante o governo Sarney, já previa a ocupação militar de uma faixa do território nacional situada ao Norte da Calha do Rio Solimões e do Rio Amazonas. Atualmente, é subordinado ao Ministério da Defesa do Brasil, sendo implementado pelas Forças Armadas.

Parte desse trabalho contribuiu para a elaboração e publicação da chamada carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas, que Rondon considerava um dos resultados mais apreciáveis como finalidade justificativa dos grandes esforços empenhados, com holocausto de preciosas vidas. Foi um grande esforço para juntar em um só documento todo o manancial de estudos de Mato Grosso e das regiões circundantes.

A maior de todas as contribuições da Comissão foi na área científica. Arthur Neiva (1880 —1943), cientista, etnógrafo e político brasileiro, declarou que a Comissão Rondon foi uma das mais valiosas contribuições à ciência brasileira.

A Comissão Rondon deixou um dos maiores legados na área das Ciências Naturais jamais visto em um empreendimento nacional. O estudo da flora da região percorrida pela comissão foi um dos maiores trabalhos realizados nessa área na história humana. Muitas espécies novas e até famílias, nos domínios da história natural, foram descobertas pelos botânicos da Comissão Rondon, inclusive muitas delas tomaram denominações derivadas do nome do líder da comissão, como homenagem, por ter ele possibilitado sua descoberta. Desta forma, pode-se comprovar a interferência do nome de Rondon nos fatos científicos.

A parceria com os cientistas do Museu Nacional foi fundamental para o êxito da Comissão Rondon referente à exploração científica.

A Comissão Rondon apresentou ao governo brasileiro os seguintes relatórios: Botânica – 13 volumes; Zoologia – 12 volumes; Etnografia – 1 volume; Mineralogia e Geologia – 5 volumes; Águas termas – 2 volumes.

Essas publicações representaram verdadeiros marcos para a pesquisa nacional e até hoje são citadas pelos pesquisadores.

O número de materiais entregues ao Museu Nacional foi: Botânica: 8.770 exemplares; Mineralogia: 41 exemplares; Zoologia: 7.502 exemplares; Entomologia: 712 exemplares; Etnografia: 6.082 exemplares. Total: 23.107 exemplares.

Para se ter uma idéia do que este material representou, segundo relato de Alípio Miranda Ribeiro, professor do Museu Nacional, a Comissão Rondon encaminhou ao Museu em dez anos, um mostruário muito maior do que todos os

reunidos em um século de existência daquela Instituição e provou em uma série de conferência que fez em 1916 no próprio Museu Nacional.

Nessa pesquisa comprovou-se no Capítulo 3, através de vários depoimentos, que a linha telegráfica não atingiu o seu objetivo principal que era estabelecer uma comunicação sistemática entre as cidades de Cuiabá e Santo Antonio do Madeira, atual cidade de Porto Velho. Em contra partida, comprovou-se no Capítulo 4, que a pesquisa científica foi o grande legado da Comissão Rondon. Provou-se assim, o que Roquette Pinto, em seu livro Rondônia, resumiu em uma única frase sobre o legado da Comissão Rondon: “A linha telegráfica foi o pretexto. A obra de pesquisa e levantamento foi tudo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADMISSÃO do Marechal Rondon no Clube Positivista. [S.l.: s.n., 19--?].

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ALMEIDA, Miguel Camon Du Pin e. **Instruções para a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA) do Ministro de Estado da Industria, Viação e Obras públicas**. Fonte: Arquivo Histórico do Exército. 4 de março de 1907.

ALLEN, Joel Asaph. Article XXVII.- New mammals collected on the Roosevelt Brazilian expedition. **Bulletin American Museum of Natural History**, [New York], v. 35, p. 523-531, 1916. Disponível em: <<http://digitallibrary.amnh.org/dspace/bitstream/handle/2246/1825/v2/dspace/ingest/pdfSource/bul/B035a27.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 set. 2013.

ANDRADE, Carlos Drummont de. Pranto geral dos índios. In: **A vida passada a limpo**. Rio de Janeiro: Record, 2002

ANDRADE, Sérgio Luiz Augusto de. **Expedição Científica Roosevelt-Rondon: Contribuição às ciências naturais**. 2009. xx f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ANDRADE, Sergio Luiz Augusto de. **Marechal Trompowski: Patrono do Magistério do Exército**. Revista do Colégio Militar de Belo Horizonte. Nº 23/1994, 52 PAGINAS. Belo horizonte, 1994.

ARNT, Hérís. Em torno de Comte: da origem do pensamento social. **LOGOS: comunicação e universidade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-6, 1990.

AZEVEDO, Fernando de (org.) **As ciências no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. 2 v.

BARBOSA, Francisco de Assis; NUNES, José Maria de Souza. **Real Forte Príncipe da Beira**. Rio de Janeiro: Spala, 1985.

BARBOZA, Nicolau Bueno Horta. Relatório da inspeção feita de Diamantino a Vilhena (1912). In: Rondon, Candido Mariano da Silva. **Relatório apresentado á Divisão de Engenharia do Departamento da Guerra e á Directoria Geral dos Telegráphos**. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 3, 1915.

BASTIDE, Roger. **Brasil: terra de contrastes**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

BASTOS, J. A. S. L. A. **Cursos Superiores de Tecnologia: avaliação e perspectivas de um modelo de educação técnico profissional**. Brasília: SENETE, 1991.

BENTO, Cláudio Moreira. **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ministério do Exército, 1978.

_____. **Marechal Cândido Mariano Rondon: o guerreiro da paz**. [Itatiaia, RJ: s.n.], 2007. Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/rondon.htm>>. Acesso em: 09 out. 2013.

_____. **O Exército na Proclamação da república**. Rio de Janeiro: SENAI. 1989.

BERTICHEM, Pieter Gotfred. **O Rio de Janeiro e seus arrabaldes: 1856**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1976.

Bispo de Cuiabá. **Documento em resposta a petição de Rondon, sobre o seu batismo**. Fonte: Arquivo Histórico do Exército. 1903

BRASIL. **Decreto nº 49.577, 22-12-60**. Cria o “Museu Botânico Kuhlmann”. [S.l.: s.n.], 1960.

_____. **Carta Régia 04-12-1810**. Manda fundar um estabelecimento montanístico em Sorocaba para extracção do ferro das minas que existem na Capitania de S. Paulo. [S.l.: s.n.], 1810.

_____. **Portaria nº 28 de 1890**, do Ministro da Guerra deferindo o pedido de Rondon que passou a se chamar CÂNDIDO MARIANO DA SILVA **RONDON**. Fonte: Instituto Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso. [S.l.: s.n.], 1890

BURK, Ignácio. **Filosofía**. Caracas: Insula. 1985.

CARNEIRO, Henrique S. História da Ciência, da Técnica e do Trabalho no Brasil. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, [S.l.], ano 2005, 07 set. 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/573>>. Acesso em 09 out. 2013.

CARNEIRO, João Marinomo Aveiro. **Filosofia e Educação na obra de Rondon**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1984.

COARACY, Vivaldo. **Todos contam sua vida; Memórias da infância e adolescência**. Rio de Janeiro: Editora J. Olympio, 1959.

CAJAZEIRA, José Antônio. **Medicina: Anexo 6 da Expedição Científica Roosevelt – Rondon**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comercio, 1914.

COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A. Os inventores do amendoim. **Revista de História.com.br**, [Rio de Janeiro], 17 set. 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/os-inventores-do-amendoim>>. Acesso em: 09 out. 2013.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva: uma síntese do pensamento de Comte, 1839-1842**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **Carta para Nísia Floresta**. [S.l.: s.n.], 1857.

_____. **Comte**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores, 39)

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **O catecismo positivista**. Rio de Janeiro: Templo da Humanidade, 1957.

_____. **Visão Geral de Positivismo (1830-1842)**. Tradução de J. H. Pontes. [New York: Robert Speller & Sons], 1957.

_____. Sociologia. In: MORAIS FILHO, Evaristo. **Georg Simmel: Sociologia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.

CONSTANT NETO, Benjamin. **Benjamin Constant**. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, 1940. v. XXV.

COSTA, João Cruz. **O Positivismo na República: Notas sobre a História do Positivismo no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956 (Coleção Brasileira, sér. 5, v. 291).

COUTINHO, Edilberto. **Rondon, o Civilizador da última fronteira**. Rio de Janeiro: Olivé, 1969.

CUNHA, H. Pereira da. **Viagens e caçadas em Mato Grosso: Três semanas em companhia de Theodore Roosevelt**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1949.

DAMANTE, Hélio. **O Marechal Rondon e o telégrafo sem fio**. Jornal O Estado de São Paulo. 6 de maio de 1965.

DIACON, Todd A. **Rondon o Marechal da floresta**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

DICIONÁRIO Enciclopédico Abreviado. Madri: Espasa-Calpe, 1957. Tomo II.

DORIGO, Gianpaolo; VICENTINO, Claudio. **Historia geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2001.

DUARTE, Oto Carlos Bandeira. **Rondon: o Bandeirante do século XX**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, [19--].

DUARTE, Regina Horta. Rumo ao Brasil: Roquette-Pinto viajante. In: LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de (Org.). **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008. p. 271-294.

EINSTEIN, Albert. Carta indicando Rondon ao prêmio Nobel da Paz. Fonte: Exposição Um homem chamado Rondon. 1926.

ERTHAL, Regina Maria de Carvalho. Atrair e pacificar: a estratégia da conquista. 1992. xx f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

ESCOBAR, Carlos Henrique de. Augusto Comte: um enfoque crítico. **LOGOS: Comunicação e Universidade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-14, 1990.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Documento referente à passagem para a reserva do General Rondon**. Fonte: Arquivo Histórico do Exército. 24 de novembro de 1930.

_____. **Fé de Ofício do Marechal Rondon. A primeira página deste documento registra a entrada de Rondon no Exército**. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Fichas de Identificação das plantas coligidas pela COMISSÃO DE LINHAS TELEGRÁFICAS ESTRATÉGICAS DE MATO GROSSO AO AMAZONAS, acompanhadas das suas respectivas exsicatas. Arquivo: Herbário do Museu Nacional.

FILGUEIRAS, Carlos Alberto L. A Química na Educação da Princesa Isabel. **Química Nova**, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 349-355, 2004.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e Injustiça dos Homens**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1832.

_____. **Carta para Augusto Comte**. [S.l.: s.n.], 1857.

FONSECA, Aurélio Cordeiro da; REZENDE, Tatiana Matos. **As Cadernetas de Rondon**. Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Exército, 2010.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: [s.n.], [2010]. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

FRANCO, José Luiz de Andrade. Frederico Carlos Hoehne: A atualidade de um pioneiro no campo da proteção à natureza no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. VIII n. 1 jan./jun. 2005.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. Armando Magalhães Correa: gente e natureza de um sertão quase metropolitano. **História, Ciência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, set./dec. 2005.

GOMES, Mércio Pereira. Porque sou rondoniano. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 23, n. 65, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000100013>. Acesso em: 09 out. 2013.

GRANDE Enciclopédia Universal. [S.l.]: Durclub, 1980.

GUERRA, Flávio. **Rondon: o sertanista**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record. 1965.

HIRSCHBERGER, J. **Breve Historia da Filosofia Contemporânea**. São Paulo: Herder, 1968.

HOEHNE, Frederico Carlos. **Botânica**: relatório apresentado ao Sr. Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, chefe da Comissão brasileira. por F.C. Hoehne botânico da Expedição. Rio de Janeiro: [s.n.], 1914. 12 v. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

_____. **Botânica**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comercio, 1914

_____. **História Natural Botânica**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1915. (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, 5).

_____. **As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira**. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, 1930. v. I.

_____. **Plantas e Substâncias Vegetais Tóxicas e Medicinais**. São Paulo: Departamento de Botânica de São Paulo, 1939.

HOEHNE, Frederico Carlos. **Índice bibliográfico e numerico das plantas colhidas pela Comissão Rondon**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1951.

_____. **Relatório Anual do Instituto de Botânica**. São Paulo: Secretaria da Agricultura de São Paulo, 1959.

_____. **Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e São Paulo pelo Tenente-Coronel Candido Mariano da Silva Rondon**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1922.

_____. **Ofício agradecendo ao diretor do Museu Nacional por tê-lo convidado a participar de uma série de conferências em homenagem a Rondon.** Arquivo do Museu Nacional. 24 de setembro de 1915.

HOLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1936.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO. **Album Gráfico do Estado de Matto-Grosso.** [Corumbá], 1914. Ed. fac similar. Disponível em: <<http://www.mteseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=349&cid=22313>>. Acesso em: 04 set. 2013.

JEZUÍTAS catequizando índios. [S.l.:s.n.], 1913. Altura: 427 pixels. Largura: 648 pixels. 376 Kb. Formato: JPG. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/iconograficos/Jesuitas_catequizand_o_indios.jpg>. Acesso em: 09 out. 2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ática, 2003

KRETZ, J. **Alípio de Miranda Ribeiro:** (Conferência biográfica). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942.

LASMAR, Denise Portugal. **O acervo imagético da Comissão Rondon: no Museu do Índio, 1890-1938.** Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2008.

LEAL, Bagueira. **A questão da vacina.** Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1904.

LEMONS, Miguel. 1ª Circular anual do **Apostolado Positivista no Brasil** de Miguel Lemos (Igreja Positivista do Brasil). 2ª edição brasileira. s/d

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos.** Buenos Aires: Eudeba., 1955, 1976.

LINS, Ivan. A obra de Rondon. **Boletim geográfico,** Rio de Janeiro, ano 24, n. 187, p. 619-625, jul./ago. 1965.

_____. **História do Positivismo no Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. (Coleção Brasileira, v. 322).

LIMA DUARTE, Constância. **Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil.** Natal: Mulheres, 2005.

LYRA, João Salustiano. **Serviço Astronômico: Anexo 3 da Expedição Científica Roosevelt-Rondon.** Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comercio, 1916.

MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio: Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon.** São Paulo: PUC-SP, 1998.

MACIEL, Laura Antunes. O sertão domesticado: as fotografias da Comissão Rondon forjaram um poderoso testemunho do domínio... **Revista História.com.br**, [Rio de Janeiro], 17 set. 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/o-sertao-domesticado>>. Acesso em: 09 out. 2013.

MAGALHÃES, Amílcar Armando Botelho de. **Anotações de campo da Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas**. [S.l.: s.n.], [1914]. Anotações do Capitão de Engenharia Amílcar Armando Botelho de Magalhães sobre as atividades do Coronel Candido Mariano da Silva Rondon.

MAGALHÃES, Amílcar Armando Botelho de. **A obra ciclópica do General Rondon**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1956. (Coleção Taunay).

_____. **Carta para o presidente de Mato Grosso**. [S.l.: s.n.], 1919.

_____. **Impressões da Comissão Rondon**. Porto Alegre: Livraria do Globo. 1929.

_____. **Ofício assinado pelo chefe do escritório central da Comissão Rondon enviando ao Museu Nacional um conjunto de publicações relativo a trabalhos científicos**. Arquivo do Museu nacional. 26 de novembro de 1914.

_____. **Rondon: uma Relíquia da Pátria**. Rio de Janeiro: Guairá, 1945.

_____. **Relatório: Expedição Roosevelt-Rondon**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1916.

_____. **Pelos sertões do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.

MAGALHÃES JUNIOR., Raimundo. **Poesia e vida de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MCCANN, Frank D. **Soldados da pátria. História do Exército brasileiro (1889-1937)**. Rio de Janeiro: Bibliex; [São Paulo]: Companhia das Letras, 2009.

MENDES, Raimundo Teixeira. **A Política Positiva e o Regulamento das Escolas do Exército**, 2. ed. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1901.

MELLO, Ana Luiza Collor de. **Rondon Marechal da paz**. Maceió: Gazeta de Alagoas, 1984

MELLO-LEITÃO, C. **História das Expedições Científicas no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

MILLARD, Candice. **O rio da Dúvida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

MILL, John Stuart. **Auguste Comte et le positivisme**. 2. ed. Paris: G. Baillièrè, 1868.

NAUMBURG, Elsie M. B. The birds of Matto Grosso. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, New York, v. 50, p. 1-423, 1930. Disponível em: <<http://digitallibrary.amnh.org/dspace/handle/2246/1182>>. Acesso em: 4 set. 2013.

OLIVEIRA JUNIOR, A. S. Exposição Retrospectiva do Exército. **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, tomo XLVII, 1940.

OLIVEIRA, Euzébio Paulo. **Geologia**: Anexo 1 da Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1915.

ORIENTE, Esther Barbosa. **Projeto Rondon integrar para não entregar**. Rio de Janeiro: Editora Kelps, [19--?]

PARDAL, Paulo. **Memórias da Escola Politécnica**. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil UFRJ, Escola de Engenharia, 1984.

PILETTI, Nelson. **A História da Educação no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PROMOÇÃO de Rondon ao posto de Marechal concedido pelo Congresso Nacional. **Diário da Noite**, São Paulo, 20 jan.1958. Fotografia.

PILLAR, Olintho. **Os Patronos das Forças Armadas**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1981. (Coleção Taunay).

PIVA, Teresa Cristina de Carvalho. **O Brigadeiro Alpoim: um politécnico no cenário luso-brasileiro do século XVIII**. 349 f. 2007. Tese (Doutorado)–Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REBOUL, Olivier. **Filosofia da Educação**. Tradução e notas de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1974.

REVISTA DO MUSEU PAULISTA. Arquivo da Biblioteca do Museu Ipiranga/SP. 1956/1958.

REVISTA LOGOS. Comunicação e Universidade. Rio de Janeiro: Faculdade de Comunicação Social da UERJ, ano 6, n. 11, 2. sem. 1999.

RIBEIRO, Alípio Miranda. **A Comissão Rondon e o Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo, 1920.

REVISTA RIO PESQUISA. Rio de Janeiro, ano III, n. 11, jun. 2010. Disponível em: <http://www.faperj.br/downloads/revista/Rio_Pesquisa_11_2010.pdf>. Acesso em: 09 out. 2013.

REVISTA DACULTURA. Brasília, ano X, n. 16, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.funceb.org.br/revista.asp>>. Acesso em 09 out. 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O indigenista Rondon**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958.

_____. **A Política Indigenista Brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1962.

RIBEIRO, Alípio de Miranda. **Zoologia**: Anexo n. 4 da Expedição Científica Roosevelt – Rondon. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comercio. 1914.

RIBEIRO JUNIOR, J. **O que é o positivismo**. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos, n. 72).

ROBLEDO, Antonio Gomez. **La Filosofía en el Brasil**. [México]: Imprenta Universitaria, 1946.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1983.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **[Cadernetas de anotações]**. [S.l.: s.n., 19--?].

_____. **Carta para o Sr Dr. João Baptista de Lacerda diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro**. [S.l.: s.n., 1909].

_____. **Carta publicada em um jornal do Rio de Janeiro endereçada ao Presidente da República solicitando apoio paranão mudar o nome do território Guaporé para Rondônia**. [S.l.: s.n., 19--?].

_____. **Carta encaminhada à revista O Mundo Ilustrado de 1957**.

_____. **Carta ao amigo Odorico comentando sobre o falecimento de sua esposa, D. Francisca. Fonte: Arquivo Histórico do Exército**. [S.l.: s.n., Novembro de 1949].

_____. **Carta solicitando ao Bispo de Cuiabá sua Certidão de batismo da Igreja de Santo Antonio do Rio Abaixo no ano de 1865. Fonte: Arquivo Histórico do Exército**. [S.l.: s.n., 22 de outubro de 1903]

_____. **Conferências: Missão Rondon**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1916.

_____. **Discurso pronunciado pelo General Cândido Mariano da Silva Rondon: na sessão cívica organizada pelo Ministro das Relações Exteriores Dr. Oswaldo Aranha para comemorar o seu regresso da presidencia da Comissão Mixta Internacional Perú-Colombia**. [S.l.: s.n.], 1934. (Conexa Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).

_____. **Esboço gramatical e vocabular da língua dos índios bororó: algumas lendas e notas etnográficas da mesma tribo**. Rio de Janeiro: CNPI, 1948.

_____. **Missão Rondon:** Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela comissão de Linhas Telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, sob a direção do Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon. Brasília: Senado Federal, 2003. (Edições do Senado Federal, 8).

_____. **Índios do Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério da agricultura, 1946. v. 1-3.

_____. **Relatório apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e à Divisão de Engenharia do Departamento de Guerra.** Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo, 1910 -1915. 3 v.

_____. **Relatório apresentado ao Ministério da Agricultura:** CNPI dos trabalhos realizados da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso de 1900-1906. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.

_____. **Ordem do dia nº 1 da Expedição Científica Roosevelt-Rondon.** Arquivo Museu do Exército. 07 de janeiro de 1914.

_____. **Ordem do dia nº 2 de 23 de agosto de 1907. Reconhecimento aos sertões do planalto dos Parecis.** Fonte: relatório volume 1, 1915.

RONDON, Frederico. **Pelos sertões e fronteiras do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Reper.1969. (Coleção Estudos Amazônicos).

_____. Expedição Roosevelt-Rondon. **Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso**, ano LII, tomo CXIII-CXIX, 1980.

RELAÇÃO de materiais da Comissão Rondon entregue ao Museu Nacional, assinada por Roquette Pinto. [S.l.: s.n., 1916].

ROOSEVELT, Theodore. **Nas selvas do Brasil.** Tradução de Luiz Guimarães Junior. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Rondônia.** São Paulo: Companhia Editora Nacional 1975. (Coleção Brasileira, v. 39).

_____. **Rondônia:** anthropologia-ethnographia. Rio de Janeiro: ABL, 1917.

_____. _____. 7. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do Território no Brasil: as atividades da científicas da Comissão Rondon (1907-1915). **Historia, Ciência, Saúde:** Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 779-810, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000300011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 07 out. 2013.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais.** 4. ed. São Paulo: Matese, 1966.

LANDOR, Henry Savage. **Crítica a Expedição científica Roosevelt–Rondon**. Jornal New York World. 9 de maio de 1914.

SAVIANNI, Dermeval. **Escola e democracia**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

SAVIANNI, Demerval; MENDES, Durmeval Trigueiro (Coord.). **Filosofia da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

SENADO FEDERAL. **Missão Rondon**. Brasília, 2003. (Coleção Edições do Senado Federal, v. 8).

SHAN-HSIUNG, Lin. Exsiccatae of the Bryophytes of Taiwan. **The Bryologist**, Autumn, v. 84, n. 3, p. 359-362, 1981.

SILVEIRA, Joel da. **Vamos Ler**. Rio de Janeiro: [s.n], 1939.

SHUMAHAR, Shuma (Coord.). **Nísia Floresta: uma mulher a frente do seu tempo: Projeto Memória**. [S.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/NisiaFloresta/index.html>>. Acesso em: 09 out. 2013.

SILVA, Francisco; BASTOS, Pedro. **História do Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 1983.

SILVA, Helio. **História República Brasileira: Nasce a República (1888-1894)**. São Paulo: Três, 1975.

SILVA, Nady Moreira Domingues da. **Positivismo no Brasil**. [São Luís: s.n., 1982]. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/positivismobrasilcsc.html>>. Acesso em: 09 out. 2013.

SILVA, N. M. F.; CARVALHO, L. D. F.; BAUMGRATZ, J. F. A. (Org). **O Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro: um expoente na história da flora brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico, 2001.

SILVA, V. Benício da; BRANCO, Firmino Lages Castello. **Rondon: o civilizador do sertão**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1952.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Narrativas Militares**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1959.

_____. **Formação Histórica do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

TABORDA, Vasco José. **Rondon e o Prêmio Nobel da Paz**. [S.l.: s.n., 19--?].

TACCA, Fernando de. **A imagética da Comissão Rondon**. Campinas: Papyrus, 2001.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **O Positivismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1957.

TREVISAN, Leonardo. **A república velha**. Rio de Janeiro: Global, 2000.

_____. **O pensamento militar brasileiro.** Digitalização de Nelson Jahr Garcia. [S.l.]: Ridendo Castigat Mores, 2005. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/militar2.html>>. Acesso em: 09 out. 2013.

VENÂNCIO FILHO, F. Euzébio de Oliveira. **Revista do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, p. 10-12, dez. 1945. Disponível em: <<http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/0065/10-12.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2013.

VIVEIROS, Esther de. **Rondon conta a sua vida.** Rio de Janeiro: Livraria Esperanto, 1969.

_____. _____. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2010.

YOLPATTO, Rosane. **O povo dos sambaquis.** Disponível em <http://raizesnativas.blogspot.com.br/2009/05/o-povo-dos-sambaquis.html>. Acesso em maio de 2009.

WALDVOLGER, Luiz. **Homens que fizeram o Brasil.** São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1953.

APÊNDICE
LISTA DE INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

1. Rio de Janeiro/RJ

Arquivo Histórico Nacional. Centro.
Arquivo do Exército. Palácio Duque de Caxias, Centro.
Biblioteca Nacional. Centro
Biblioteca General Valentin Benício. Vila Militar.
Museu e Biblioteca Conde de Linhares. São Cristovão.
Biblioteca do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEEx). Maracanã.
Museu do Exército – Forte de Copacabana.
Museu do Índio. Botafogo.
Museu Nacional. Quinta da Boa Vista, São Cristovão.

2. São Paulo/SP

Museu Ipiranga. Ipiranga
Instituto de Zoologia de São Paulo. Ipiranga

3. Cuiabá/MT

Biblioteca estadual Estevão de Mendonça.
Arquivo público do estado de Mato Grosso.
Museu Rondon – Universidade Federal de Mato Grosso
Museu da imagem e do som de Cuiabá.
Casa dos governadores.
Museu Histórico de Mato Grosso.
Instituto Histórico e Geográfico de MT

4. Campo Grande/MS

Instituto Histórico e Geográfico de Campo Grande
Arquivo Histórico e Geográfico de Campo Grande
Museu Dom Bosco. Parque das nações indígenas

5. Aquidauana/MS

Biblioteca pública de Aquidauana
Museu de arte pantaneira Manoel Antônio Paes de Barro.
Prefeitura Municipal de Aquidauana

6. Manaus/AM

Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas.
Arquivo público de municipal de Manaus.

7. Nova York/EUA

American Museum of Natural History

ANEXO 1.A



Retrato de Rondon – Desenho a pincel de Cândido Portinari. Rio, dezembro de 1957. Fonte: RIBEIRO, Darcy. **O indigenista Rondon**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional. 1958

ANEXO 1

«O Ministro de Estado da Indústria, Viação e Obras Publicas, em nome do Presidente da Republica :

Resolve approvar as instrucções, que com este baixam, assignadas pelo Director Geral da Industria, para o serviço da Commissão Constructora da Linha Telegraphica de Matto Grosso ao Amazonas.

Rio de Janeiro, 4 de Março de 1907.—*Miguel Calmon du Pin e Almeida.*

Instrucções pelas quaes se deverá gular o chefe da Commissão Constructora da Linha Telegraphica Estrategica de Matto Grosso ao Amazonas, organizadas de accordo com a letra b, do n. XXI do atr. 53, da lei n. 1.617 de Dezembro de 1907.

I

A linha telegraphica partirá da estação de Cuyabá e irá em demanda da cachoeira de Santo Antonio do Madeira, Estado de Matto Grosso, passando pelas povoações de Guia e Brotas e pelas villas de Rosario e Diamantino ; e além deste, pelo divisor das aguas do Paraguay e Guaporé com as do Tapajoz e Gy-Paraná para penetrar pelo divisor secundario do Jamarý com o Jacy-Paraná até o porto de Santo Antonio, ponto inicial da construcção da Estrada de Ferro de Madeira ao Mamoré.

Haverá nesse trecho os ramaes seguintes : um para a cidade de Matto Grosso, que será o prolongamento da linha de Caceres ; outro para o forte do Principe da Beira, partindo de uma das cabeceiras do Jamarý.

Poderá ser estudado um terceiro, partindo da estação que se installar, na cabeceira mais meridional do Juruena em direcção ao porto fronteiriço ao povoado boliviano de Santo Antonio de Guarajá, no rio Guaporé, ou ao porto desse rio em que fôr estabelecida a Mesa de Rendas do Estado.

De Santo Antonio do Madeira a linha procurará as sédes das Prefeituras do Alto Acre, Alto Purús e Alto Juruá, podendo chegar a Tabatinga, si fôr isso conveniente, e ao criterio do Ministerio da Guerra.

Um ultimo grande ramal procurará Manaós, partindo de Santo Antonio, pelo divisor das aguas do Madeira com o Purús, devendo a commissão escolher no rio Amazonas o ponto mais conveniente para o lançamento do cabo.

II

A commissão determinará as coordenadas geographicas de todas as estações que inaugurar, e dos pontos que julgar convenientes ao longo da linha, telegraphica, os azimuths astronomicos em cada estação, para a determinação da declinação da agulha; assim como fará as explorações dos rios importantes, cujas cabeceiras atravessar.

Fará igualmente a medição e demarcação das fazendas nacionaes da Caissara e Casal-Vasco, no Estado de Matto Grosso, pertencentes ao Ministerio da Guerra.

III

Para a execução desses diferentes trabalhos. terá a commissão, além do chefe, cinco ajudantes, quatro auxiliares, os engenheiros praticantes que forem designados pelo Ministerio da Guerra, um pagador, um encarregado do deposito de viveres e material, dous medicos, dous pharmaceuticos, os empregados da Repartição dos Telegraphos indispensaveis ao serviço da construcção e conservação, os trabalhadores paizanos necessarios á construcção de casas e pontes, ao serviço de transporte do material e custeio das boiadas de carro e de córte e um contingente de 350 praças com a respectiva officialidade.

IV

Serão executados os reconhecimentos prévios que forem necessarios para o avançamento da construcção, de modo a ser observado o traçado supracitado, e enviadas as plantas respectivas á Repartição Geral dos Telegraphos; bem assim as plantas do levantamento definitivo das linhas construídas annualmente e do nivelamento longitudinal da directriz do picadão.

Serão enviados á Secção Technica da Repartição Geral dos Telegraphos por telegramma e no principio de cada mez o progresso do serviço do mez anterior; semestralmente e pelo Correio um relatorio summario dos trabalhos realizados e annualmente á directoria daquella repartição e á Direcção Geral de Engenharia, um relatorio circumstanciado de todos os serviços executados e occurrencias havidas no anno anterior.

No fim de todo o serviço será organizado um relatorio geral em que venham mencionados, não só o serviço executado, como tambem informações geraes no sentido de esclarecer os Ministerios respectivos sobre o valor do terreno explorado, sua topographia e estatistica, especialmente relativa ás nações de indíos da zona que a linha atravessar.

Acompanharão esse relatorio as plantas definitivas do levantamento e nivelamento das linhas e dos rios explorados, bem como as tabellas de latitude e longitude, e de distancias e altitudes.

V

A construção das linhas será executada de accordo com as instruções a que se refere o regulamento approved pelo decreto n. 4.053, de 24 de junho de 1901.

VI

Na delegacia Fiscal do Thesouro Federal em Cuyabá, será posta á disposição do referido chefe a importancia necessaria para o pagamento do pessoal e mais despesas da construção. Esse credito poderá ser sacado em dous supprimentos iguaes, sendo a prestação de contas feita de accordo com o art. 42 da lei n. 1.617, de 30 de Dezembro de 1906.

VII

O chefe da comissão será nomeado engenheiro-chefe de districto, em comissão; os ajudantes, inspectores de 1ª classe, em comissão; os auxiliares, e commandantes de contingente, inspectores de 2ª classe, em comissão; os praticantes, subalternos, pagador e encarregado do deposito de material, inspectores de 3ª classe, em comissão. Perceberão as vantagens regulamentares correspondentes a esses cargos.

Os empregados pertencentes aos quadros effectivos da Repartição Geral dos Telegraphos que forem designados para servir na comissão, perceberão como gratificação mensal *pro labore* um abono correspondente aos seus vencimentos integraes.

Os que forem nomeados em comissão, porém, só terão as vantagens regulamentares correspondentes aos cargos respectivos.

Os medicos terão uma gratificação mensal de 600\$ e os pharmaceuticos de 400\$.

O photographo perceberá os vencimentos correspondentes aos de inspectores de 2ª classe.

A diaria dos trabalhos, carpinteiros e ferreiros será no maximo de 10\$.

Os inferiores e praças terão uma diaria, *pro labore*, no maximo de 2\$, para os primeiros e de 1\$ para os ultimos.

VIII

O chefe da comissão se corresponderá directamente com os Ministerios da Viação e da Guerra e com as repartições dependentes, sempre que o serviço o exigir, e nos Estados de Matto Grosso e do Amazonas com o commandantes dos 7º e 1º districtos militares, dos quaes solicitará os recursos e auxilios de que porventura, possa necessitar para o bom desempenho desses trabalhos, principalmente para manutenção do effectivo do contingente.

IX

O effectivo das praças nunca poderá ser inferior a 350, enquanto a comissão estiver operando no Estado de Matto Grosso, devendo ser augmentado, a juizo do

chefe da comissão, quando ella passar a operar no Estado do Amazonas e no territorio do Acre.

X

As estações que forem estabelecidas nos sertões além do Diamantino, deverão distar, entre si, nunca mais de 90 kilometros, afim de facilitar a conservação das linhas e o povoamento da zona atravessada.

Um destacamento militar será requisitado pelo chefe da comissão, para ser posto em cada uma dellas, afim de garantir o pessoal e material da conservação ali estabelecidos.

Todos os destacamentos ficarão sob a immediata inspecção do chefe da comissão, que proverá sobre o fornecimento de viveres para o abastecimento das mesmas praças.

XI

O chefe da comissão poderá entender-se directamente com o presidente do Estado de Matto Grosso sobre o estabelecimento de colonias em torno de cada estação, devendo a comissão medir e demarcar lotes para os colonos, de accordo com o mesmo presidente.

XII

As estações e linhas estabelecidas além do Diamantino, só serão trafegadas quando o Ministerio da Viação julgar conveniente, ficando, emquanto isso, a conservação das mesmas, a cargo da comissão, que em seus orçamentos annuaes, incluirá a verba precisa para esse fim.

XIII

A comissão admittirá praticantes regionaes, que ficarão nas mesmas condições dos comprehendidos no paragrapho unico do art. 419 do regulamento.

XIV

Aos officiaes que servirem nesta comissão, serão pagas pelo Ministerio da Guerra as vantagens de posto e de função a que tiverem direito pela lei da equiparação.

XV

A comissão fará o estudo :

Da região sob o ponto de vista da sua defesa, do traçado de vias de comunicação para a fronteira, da navegabilidade dos rios e da natureza do terreno, quanto á sua utilização para a lavoura ou industria pastoril ;

Dos productos extractivos da região que percorrer, principalmente os mine-
raes ;

De um ramal para a foz do Beni ;

De outro que, partindo deste, vá á foz do Abuná ;

De um terceiro que, partindo do projectado para o forte do Principe da Beira,
vá á foz do Mamoré.

XVI

A comissão apresentará ao Ministerio da Guerra cartas parciaes da região, logo que sejam organizadas, e uma geral quando terminarem os trabalhos, e um relatorio em que serão relatados os trabalhos executados por cada um dos officiaes e pelo contingente, além do relatorio de que trata o n. IV.

XVII

O chefe da comissão será nomeado pelo Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas e terá o maximo das vantagens do art. 500 do regulamento da Repartição Geral dos Telegraphos. Os auxiliares da comissão serão nomeados pelo director geral dos Telegraphos sob proposta do chefe. — *J. F. Soares Filho*, director geral. »

Anexo 2

Repartição Geral dos Telegraphos
2º Districto de Matto-Grosso. Exercício de 1912. Estatística dos Telegrammas recebidos e transmitidos

N.º	Transmitidos		Particulares		Officinas		Estabelecimentos		Imprensa		Urgentes		Em T. Mutuo		Particulares em Trafego Mutuo		Urgentes		Officiaes		Preteridos		Total geral.		
	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	
1	7.303	134.463	622	36.268	397	10.476	94	9.653	23	460	168	3.260	—	—	118	1.825	—	—	—	—	—	—	8.815	205.405	
2	2.499	58.034	1.125	69.348	841	13.554	67	7.385	9	151	36	773	—	—	46	566	—	—	—	—	—	—	4.123	119.831	
3	106	1.475	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	110	1.556	
4	843	12.240	532	17.587	1	21	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.385	29.957	
5	143	3.245	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	144	3.259	
6	23.605	365.526	5.171	188.249	668	27.475	251	21.680	247	4031	257	3.764	17	496	2.740	31.270	32	516	44	954	2	48	33.034	644.909	
7	927	18.081	12	786	106	4.901	—	—	2	35	8	107	—	—	1	11	—	—	—	—	—	—	1.056	23.921	
8	369	4.913	—	—	—	—	—	—	—	—	7	67	—	—	2	13	—	—	—	—	—	—	378	4.993	
9	58	655	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	58	655	
10	379	7.029	7	398	—	—	—	—	—	—	2	34	—	—	22	343	—	—	—	—	—	—	401	7.864	
11	2.766	40.682	39	1.199	186	7.302	53	4.115	37	760	33	414	—	—	179	2.488	5	76	—	—	—	—	3.298	57.036	
12	2.612	53.807	375	13.854	175	6.927	55	5.222	—	—	44	917	—	—	8	98	—	—	—	—	—	—	3.269	80.825	
13	3.089	47.400	887	38.639	187	8.001	43	4.601	—	—	12	172	—	—	489	6.603	—	—	9	238	—	—	4.716	105.654	
14	378	5.329	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	380	5.359	
15	83	1.729	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	57	—	—	—	—	—	—	86	1.786	
Somma		45.241	754.608	8.770	366.328	2.061	187.657	563	52.656	318	6.337	567	9.508	17	496	3.624	43.528	37	592	53	1.192	2	48	61.253	1.322.950

N.º	b) Recebidos		Telegrammas recibidos		Intermedio		Avisos de serviço		Telegrammas recibidos		Intermedio		Avisos de serviço		Telegrammas recibidos		Intermedio		Avisos de serviço		
	Tele-grammas	Palavras	Tele-grammas	Palavras	Normal	Accidental	Recibidos	Transmittidos	Tele-grammas	Palavras	Normal	Accidental	Recibidos	Transmittidos	Tele-grammas	Palavras	Normal	Accidental	Recibidos	Transmittidos	
1	7.963	157.283	25.927	836.771	603	18.186	5.457	174.914	4.610	175.492	91	1.290	10.476	190.476	10	133	1.500	10.476	10	177	
2	3.868	103.492	—	—	—	—	54	17.668	333	10.063	29	350	—	—	1	15	—	—	1	25	
3	92	1.215	—	—	—	—	491	19.069	680	15.584	1	10	—	—	—	—	—	—	—	—	
4	1.353	21.035	—	—	—	—	401	8.754	470	9.881	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
5	107	1.997	—	—	—	—	312	9.739	421	6.156	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
6	30.597	681.771	1.890	43.624	—	—	5.266	175.895	5.148	84.561	2.419	27.951	23	288	—	—	—	—	525	7.981	
7	1.007	21.187	—	—	—	—	680	22.820	599	17.193	2	19	—	—	—	—	—	—	—	—	
8	339	4.793	—	—	—	—	302	16.064	199	4.574	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
9	33	434	—	—	—	—	355	14.285	521	7.900	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
10	496	6.887	—	—	—	—	315	9.156	392	8.787	16	393	36	602	—	—	—	—	—	—	
11	2.661	45.314	—	—	—	—	574	12.060	411	7.653	149	2.004	—	—	—	—	—	—	—	—	
12	2.694	60.999	—	—	—	—	421	14.915	395	7.569	35	493	—	—	—	—	—	—	—	—	
13	2.997	55.945	—	—	—	—	483	11.944	294	6.032	392	3.896	—	—	—	—	—	—	—	—	
14	330	4.245	—	—	—	—	224	6.988	141	2.786	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
15	72	1.101	—	—	—	—	125	4.486	82	2.092	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Somma		54.519	1.167.428	30.988	1.092.296	603	18.186	15.840	518.747	14.066	350.013	3.044	36.376	1.559	20.366	58	8.440	568	8.440	473	8.390

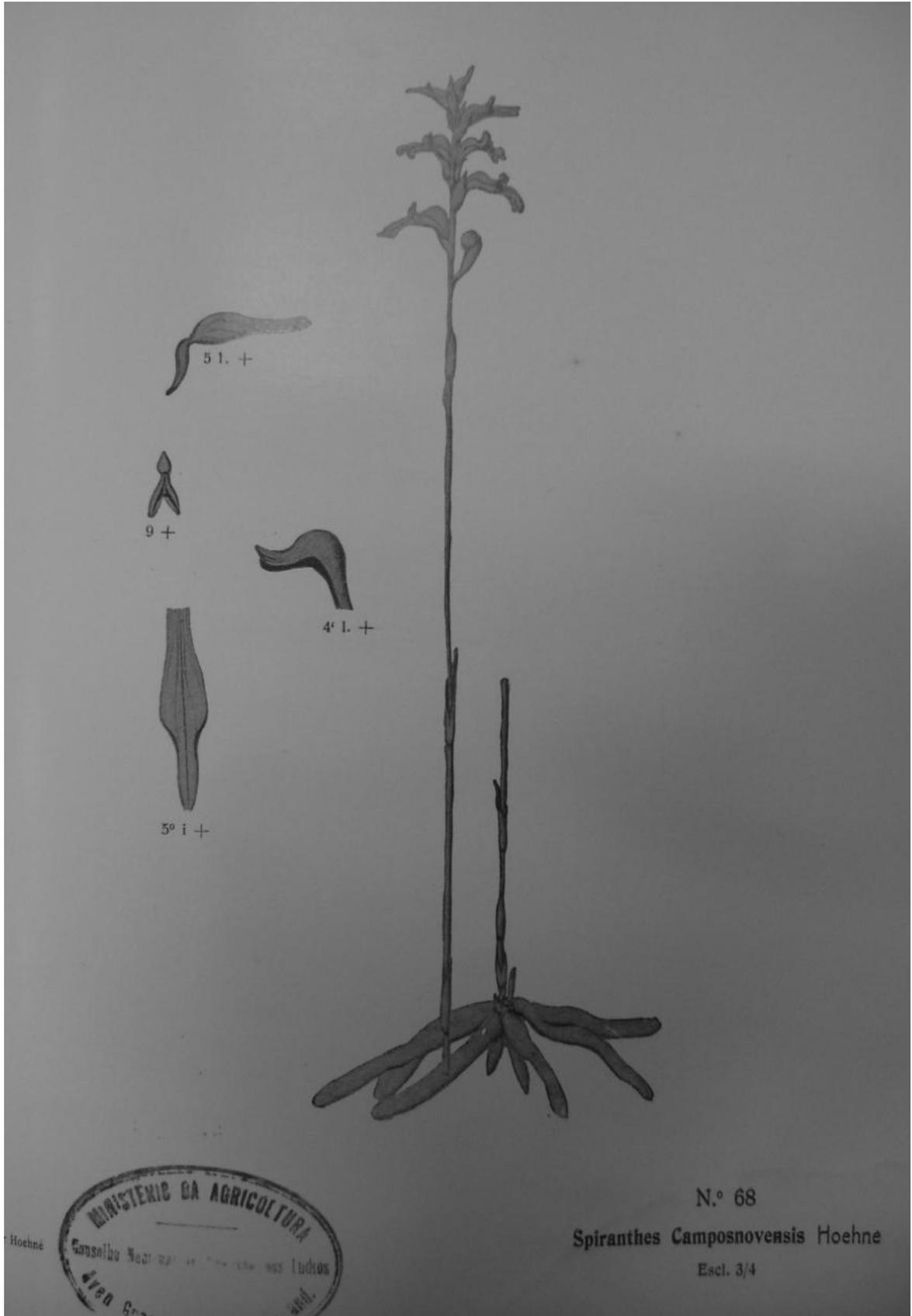
ANEXO 3



ANEXO 4



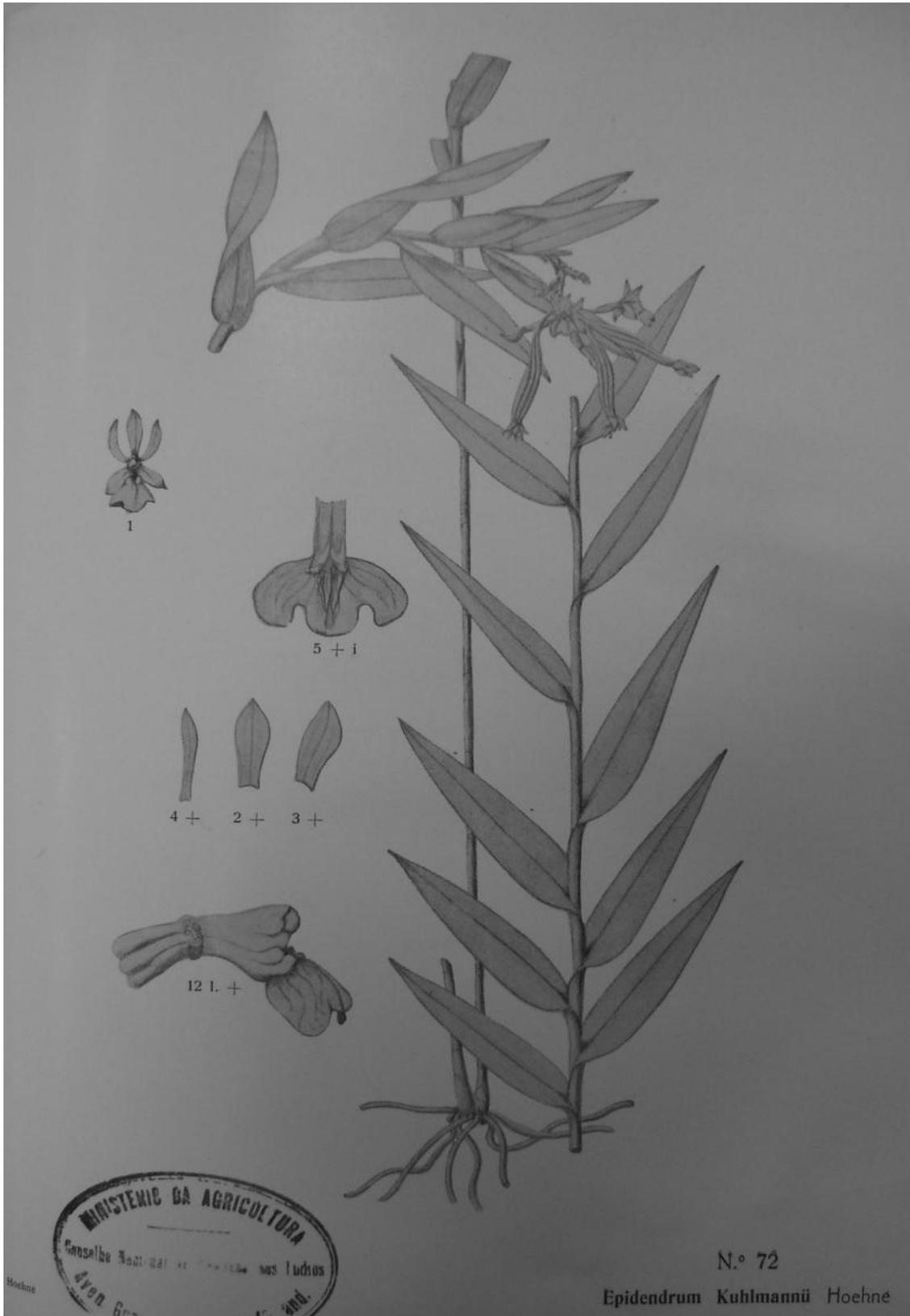
ANEXO 5



ANEXO 6



ANEXO 7



ANEXO 8



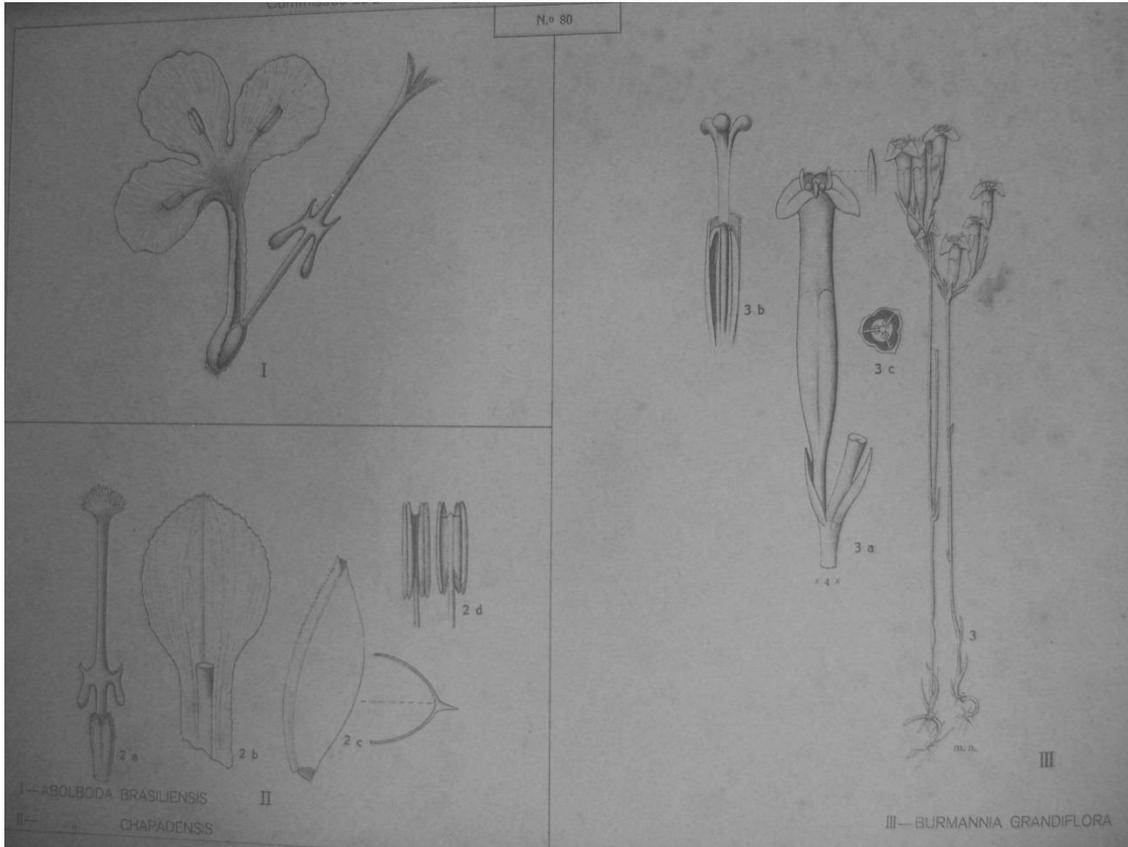
ANEXO 9



ANEXO 10



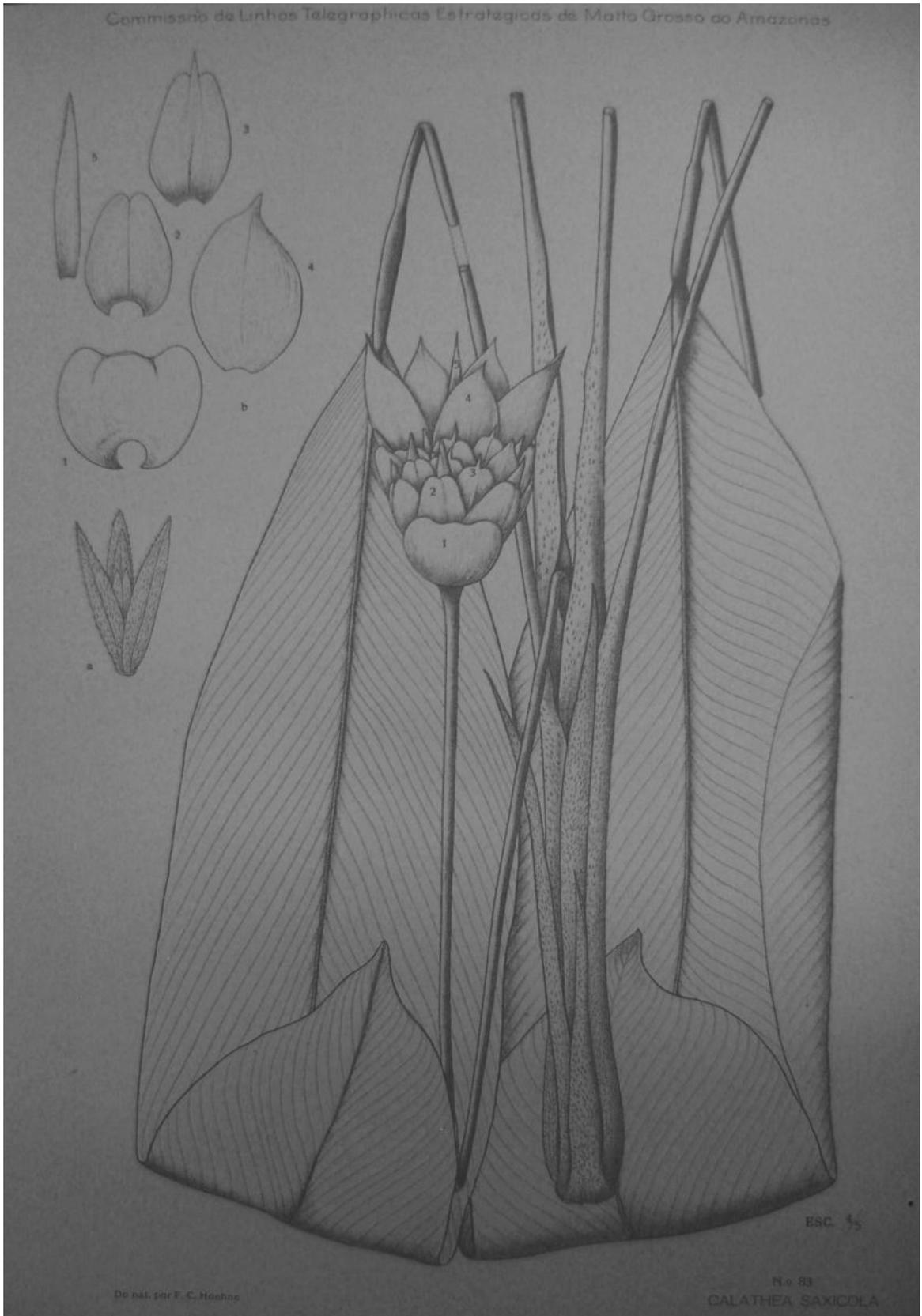
ANEXO 11



ANEXO 12



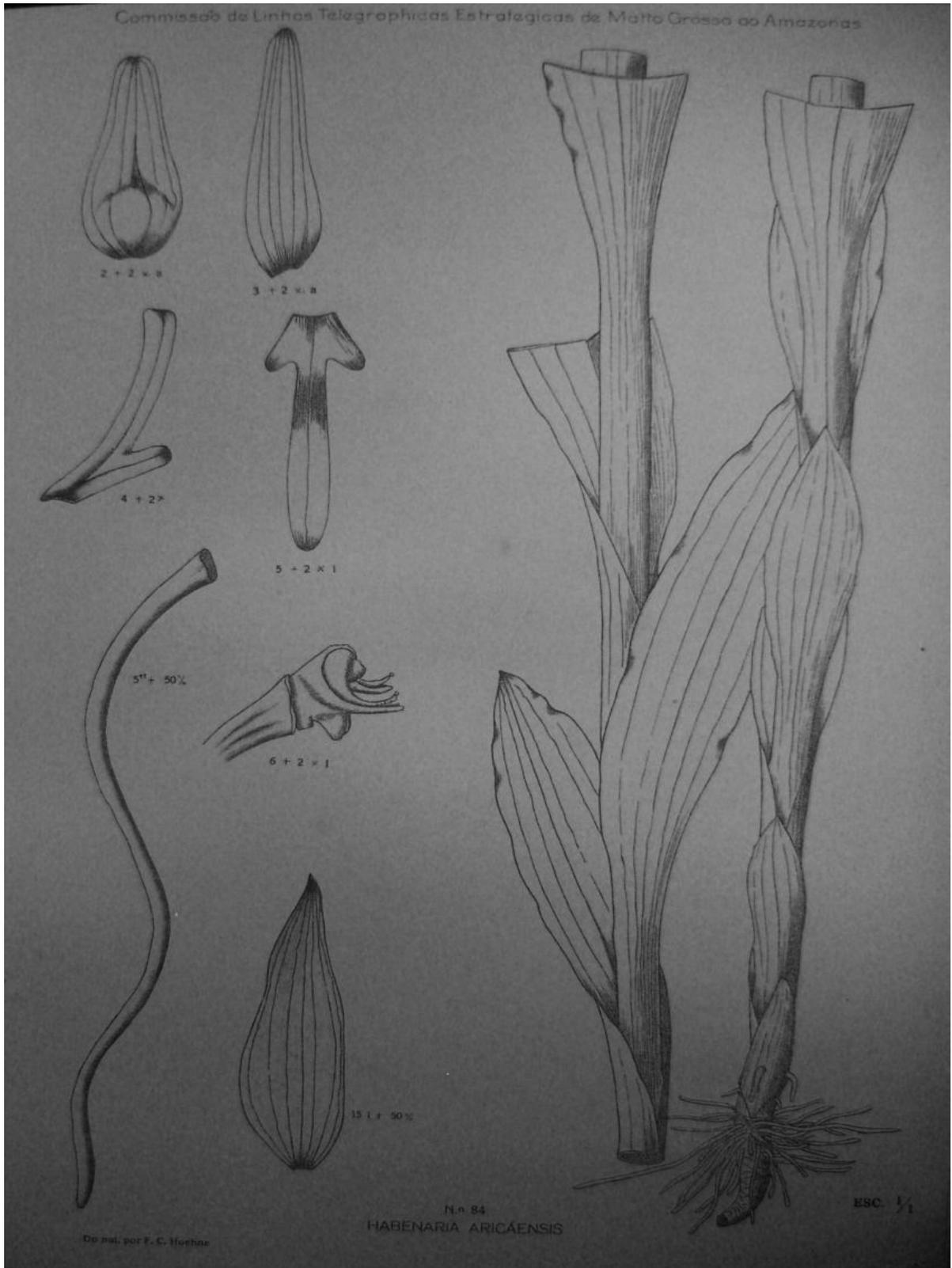
ANEXO 13



ANEXO 14 A



ANEXO 14 B



ANEXO 15



ANEXO 16



ANEXO 17



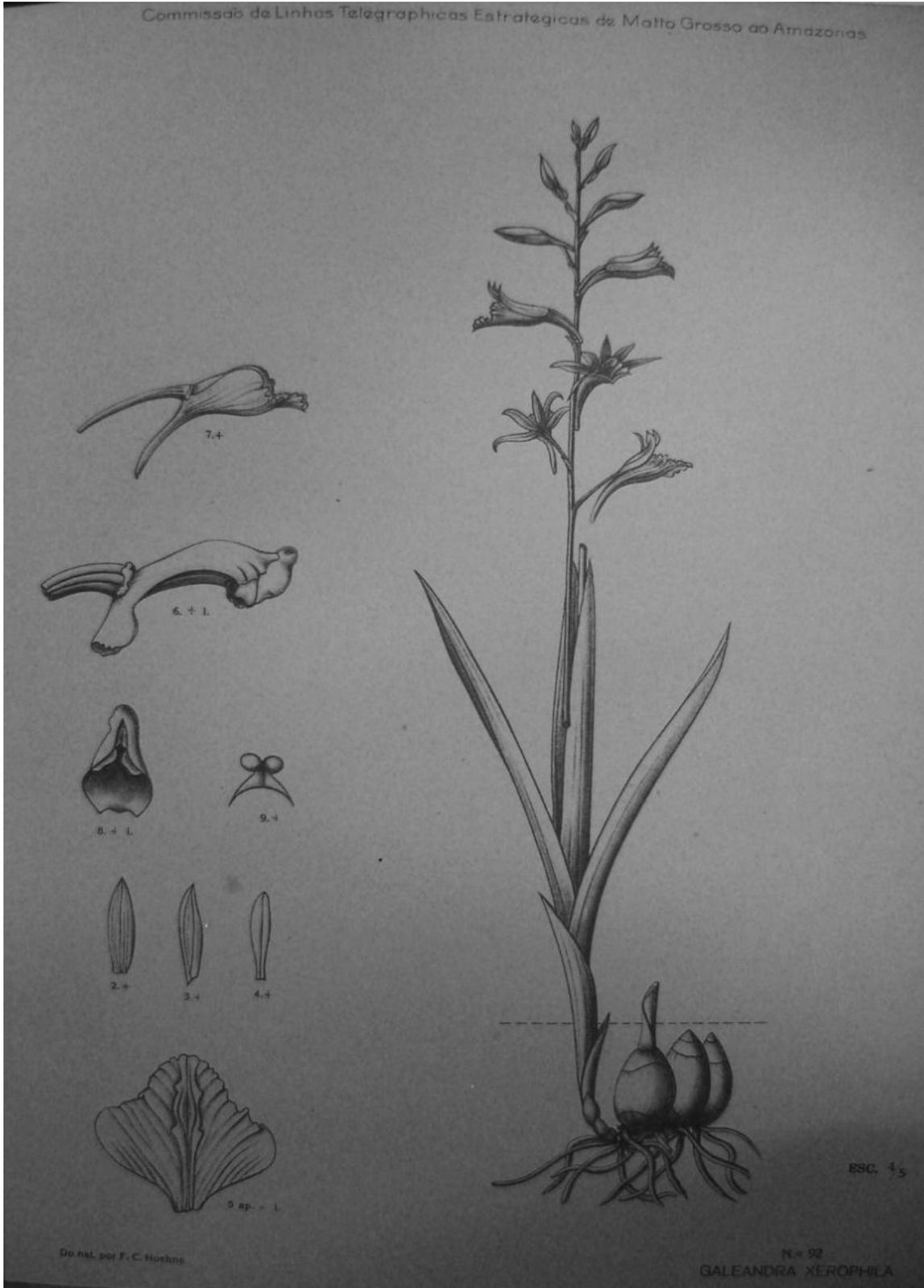
ANEXO 18



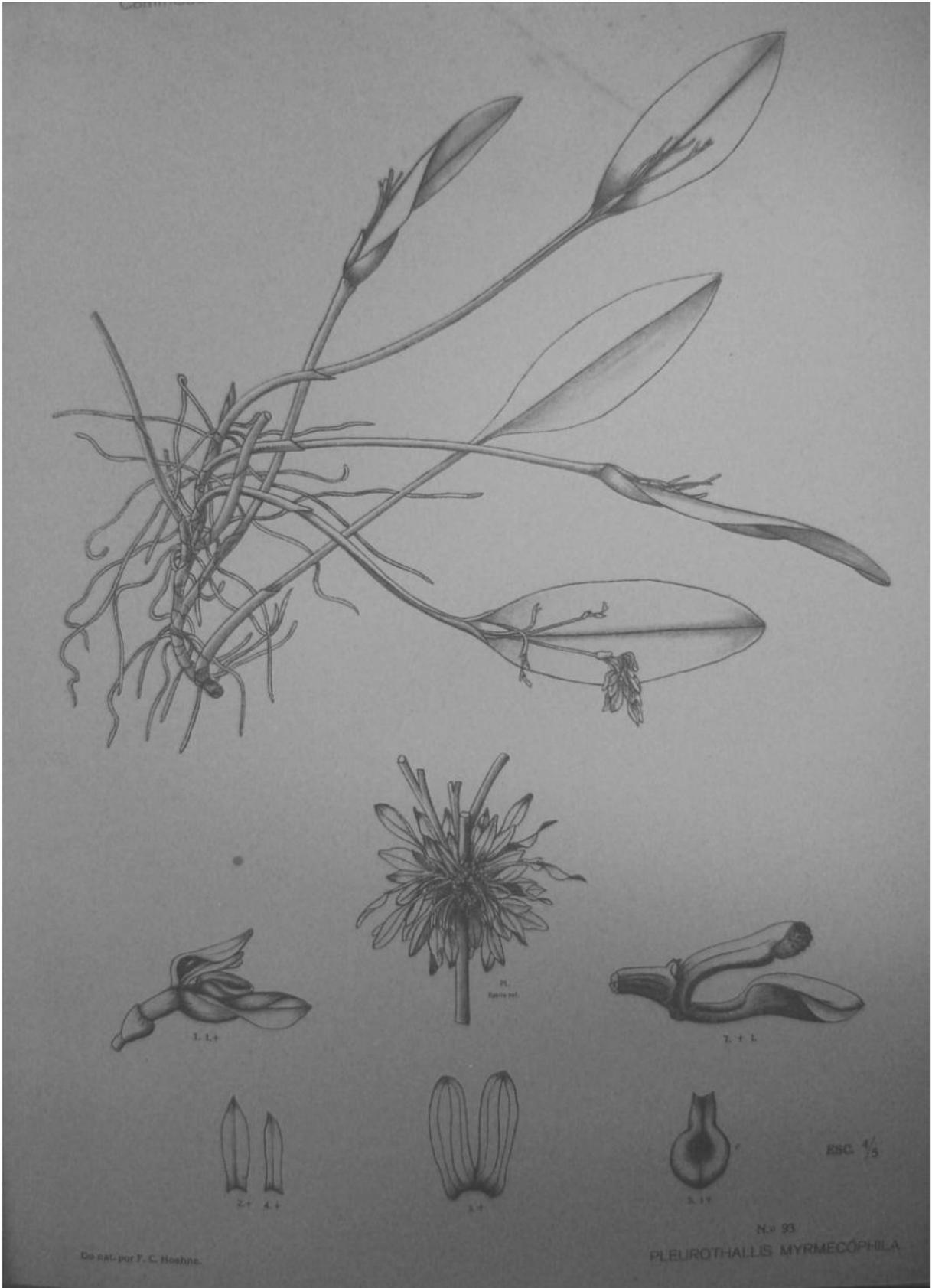
ANEXO 19



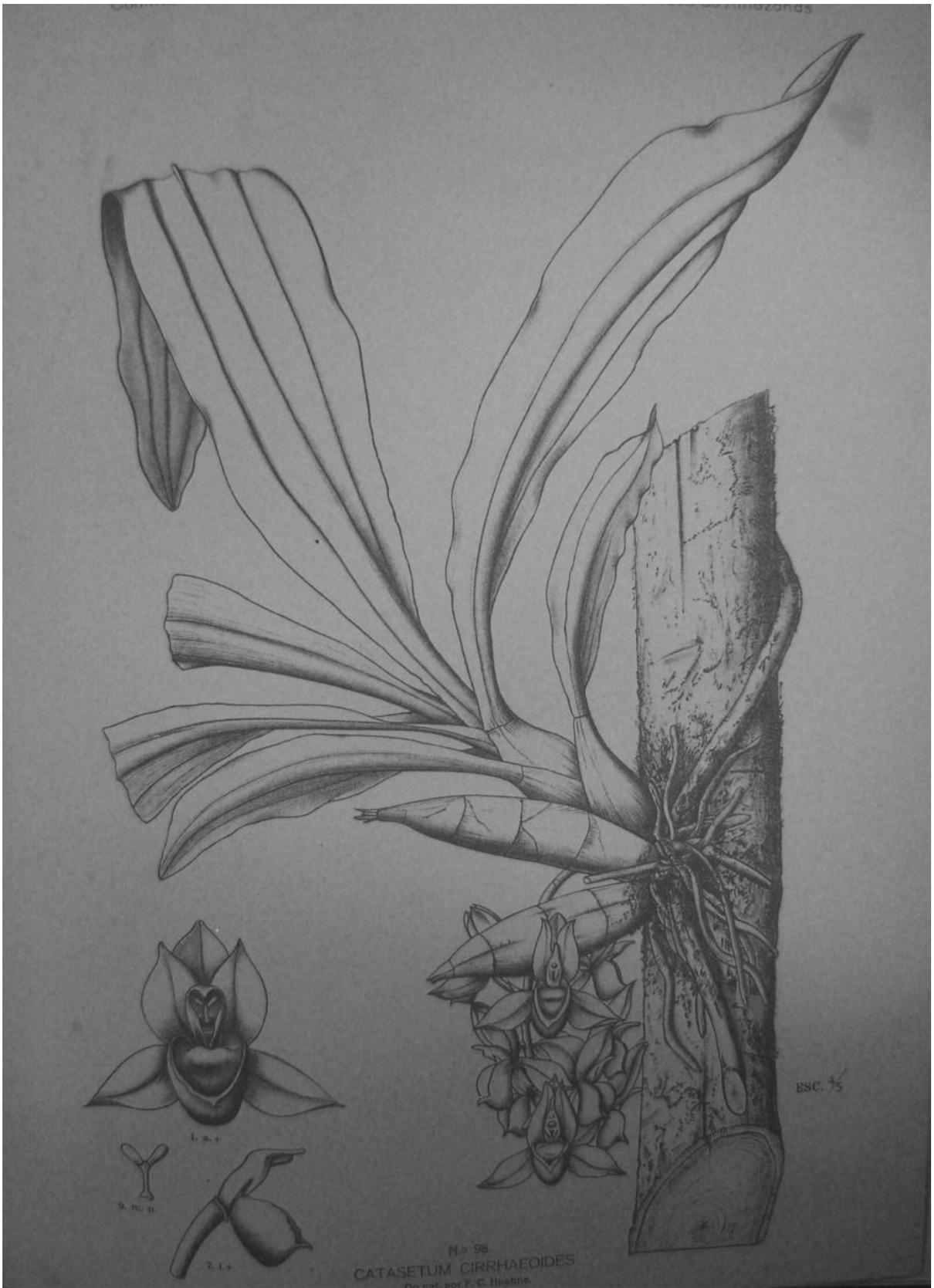
ANEXO 20



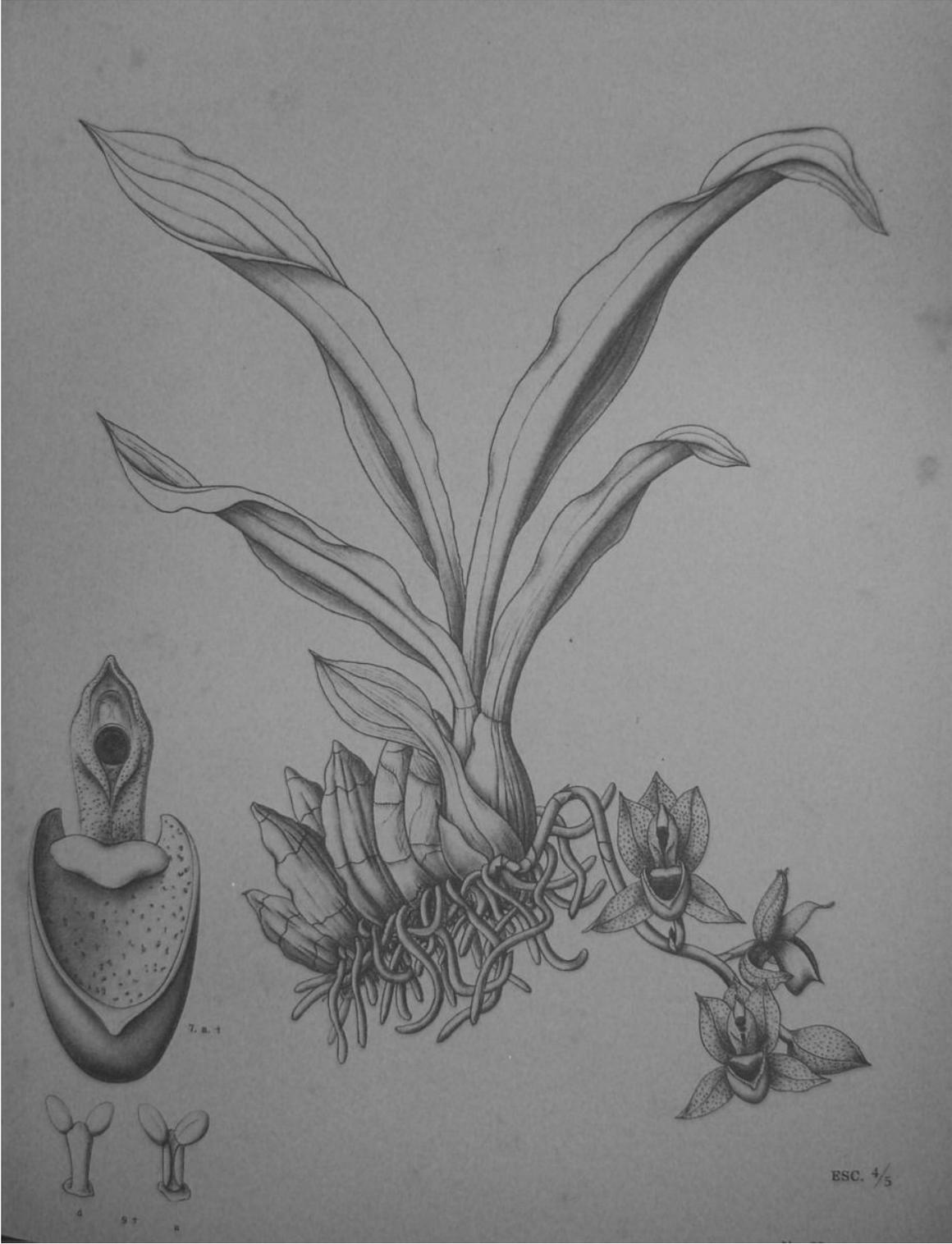
ANEXO 21



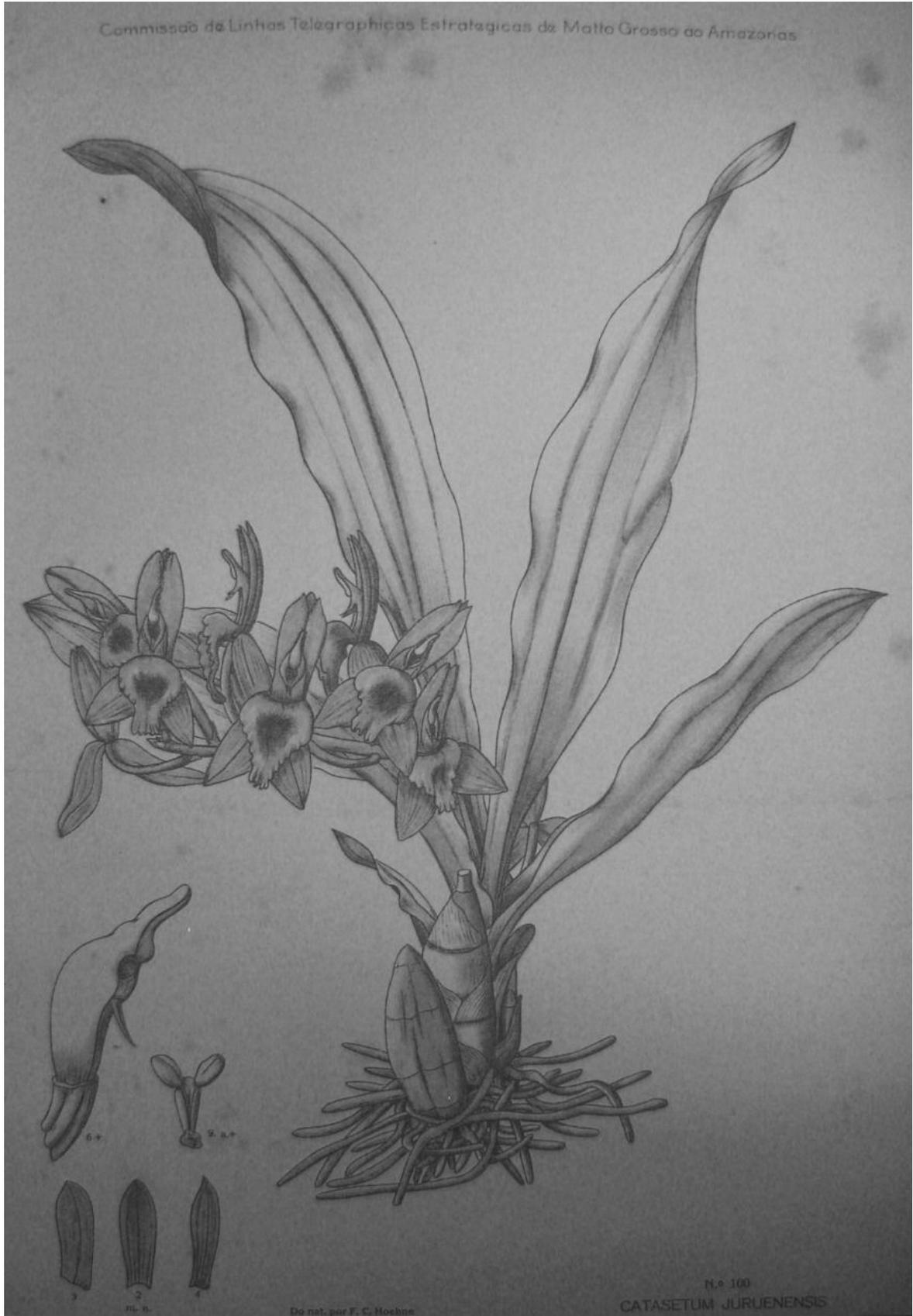
ANEXO 22



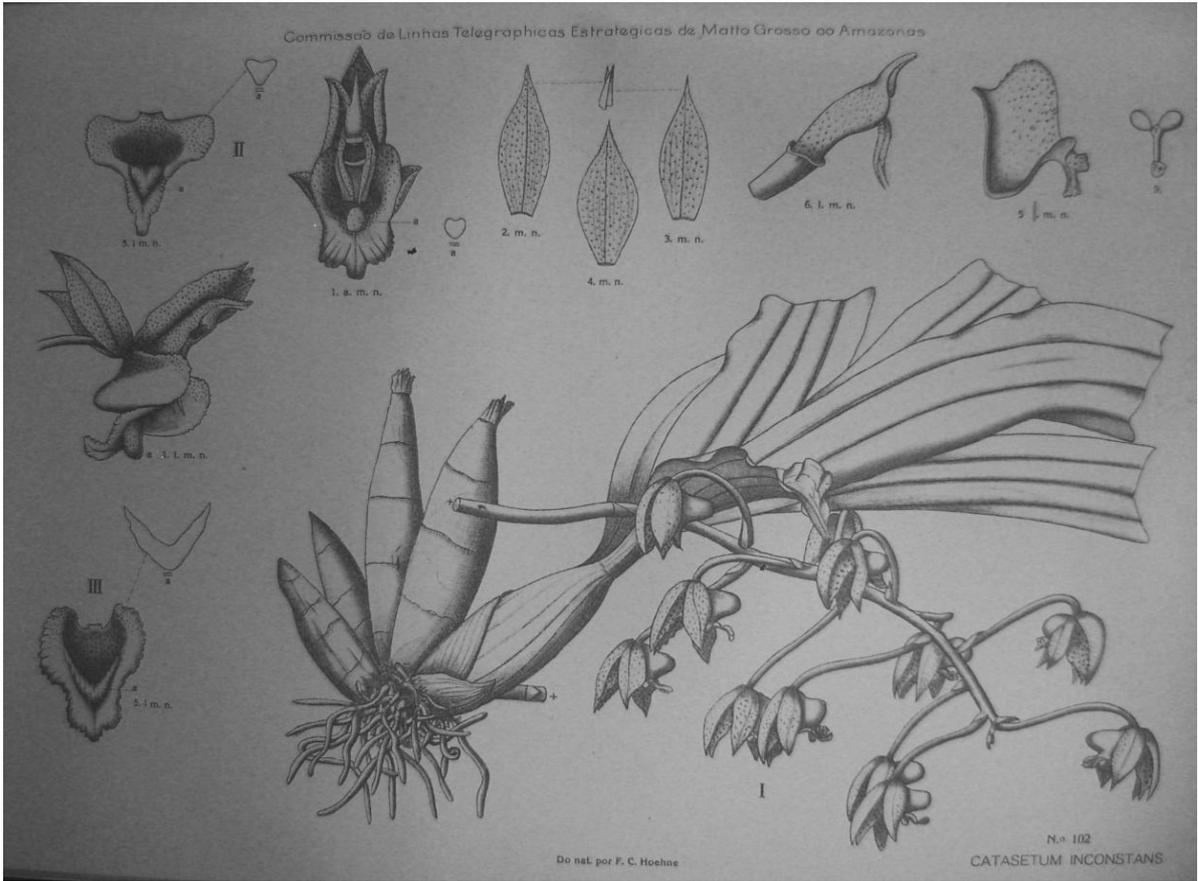
ANEXO 23



ANEXO 24



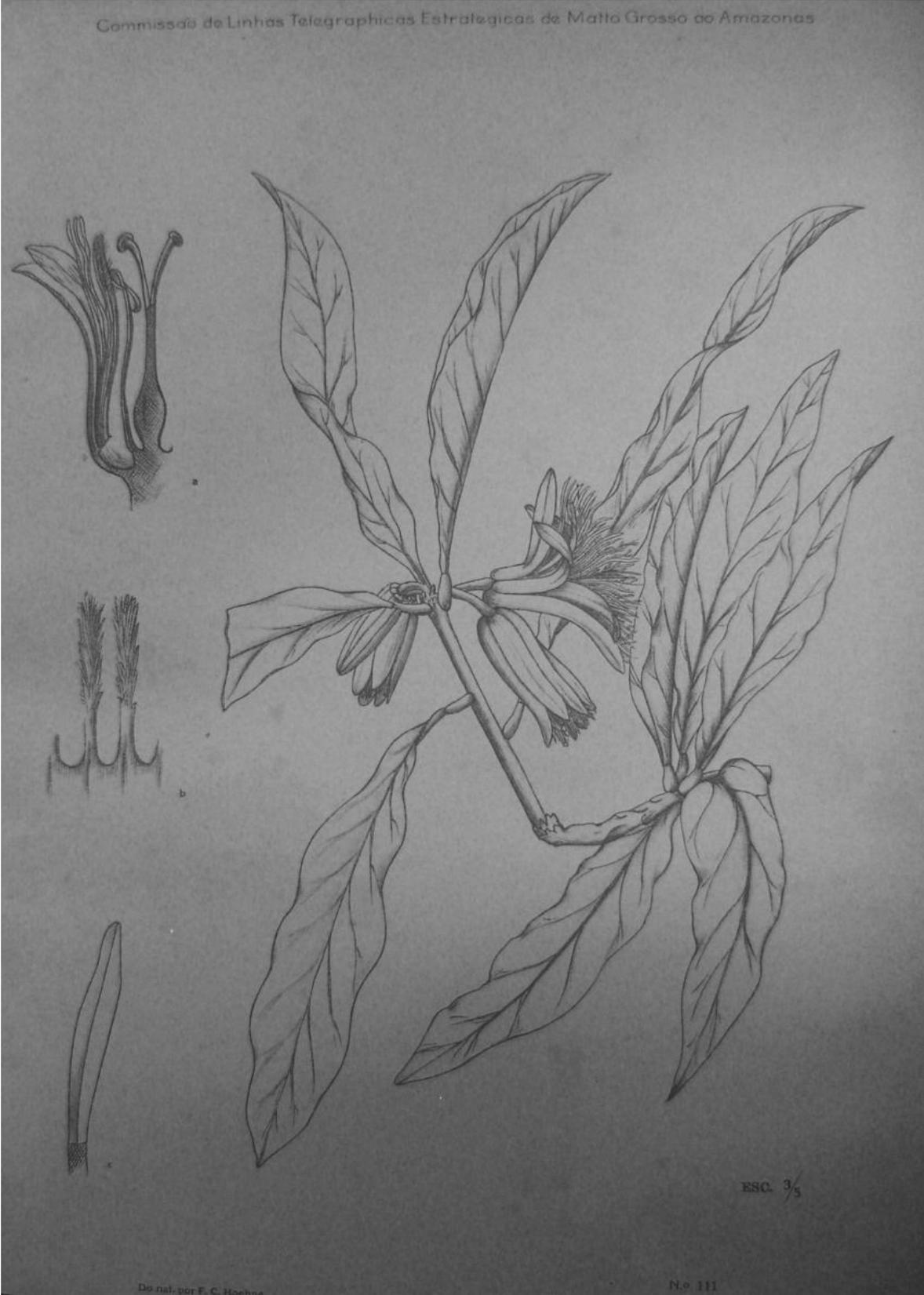
ANEXO 25



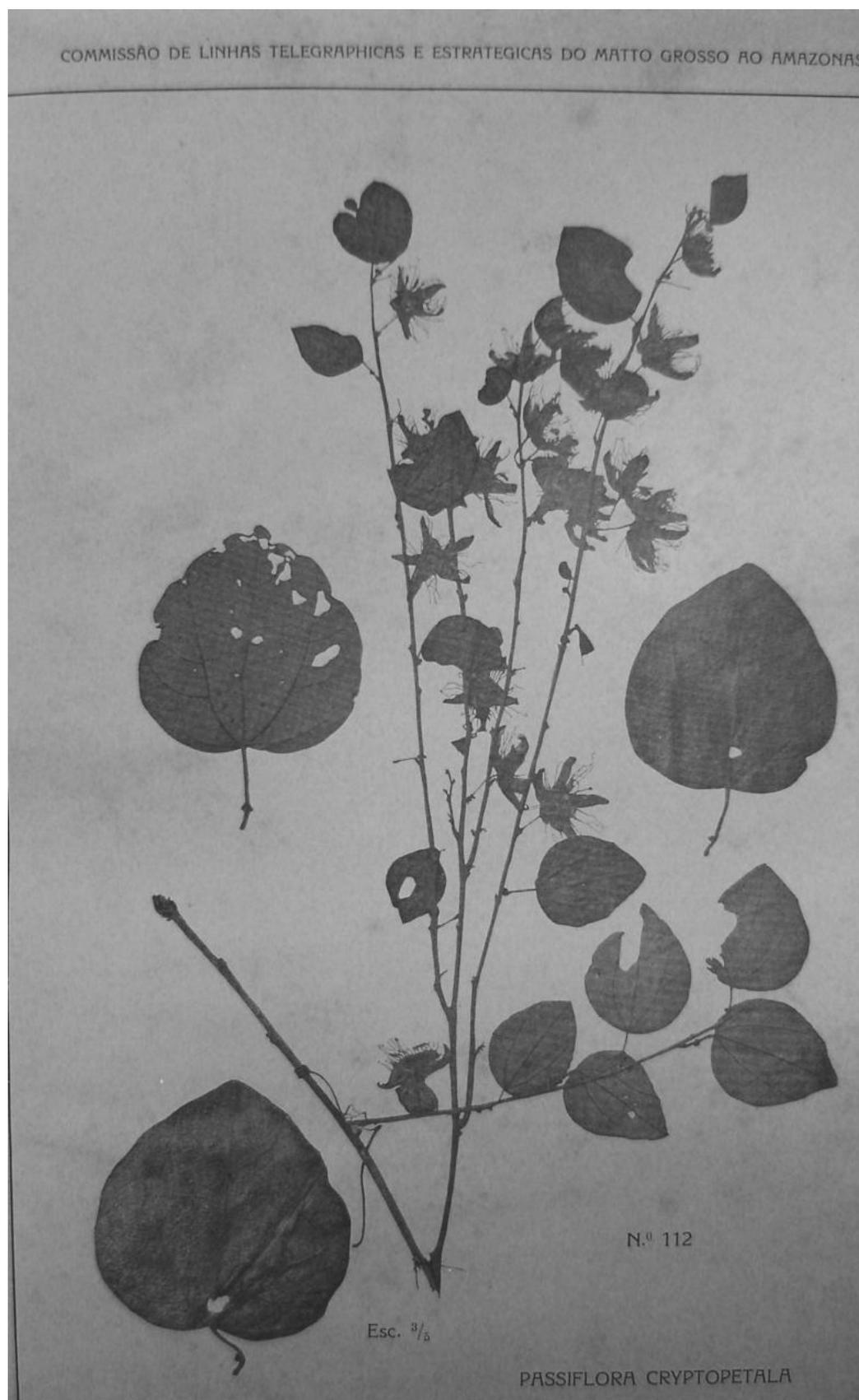
ANEXO 26



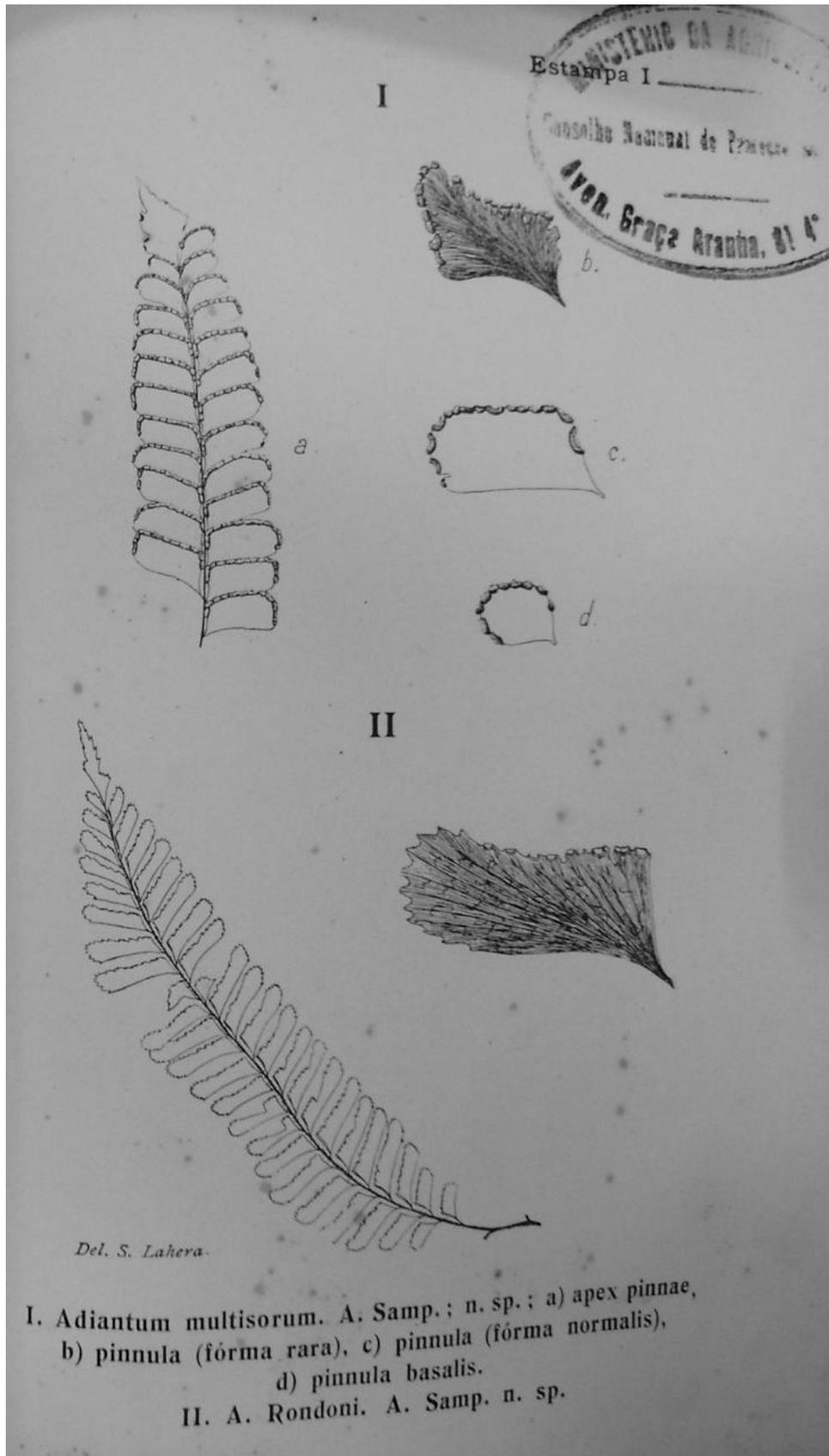
ANEXO 27



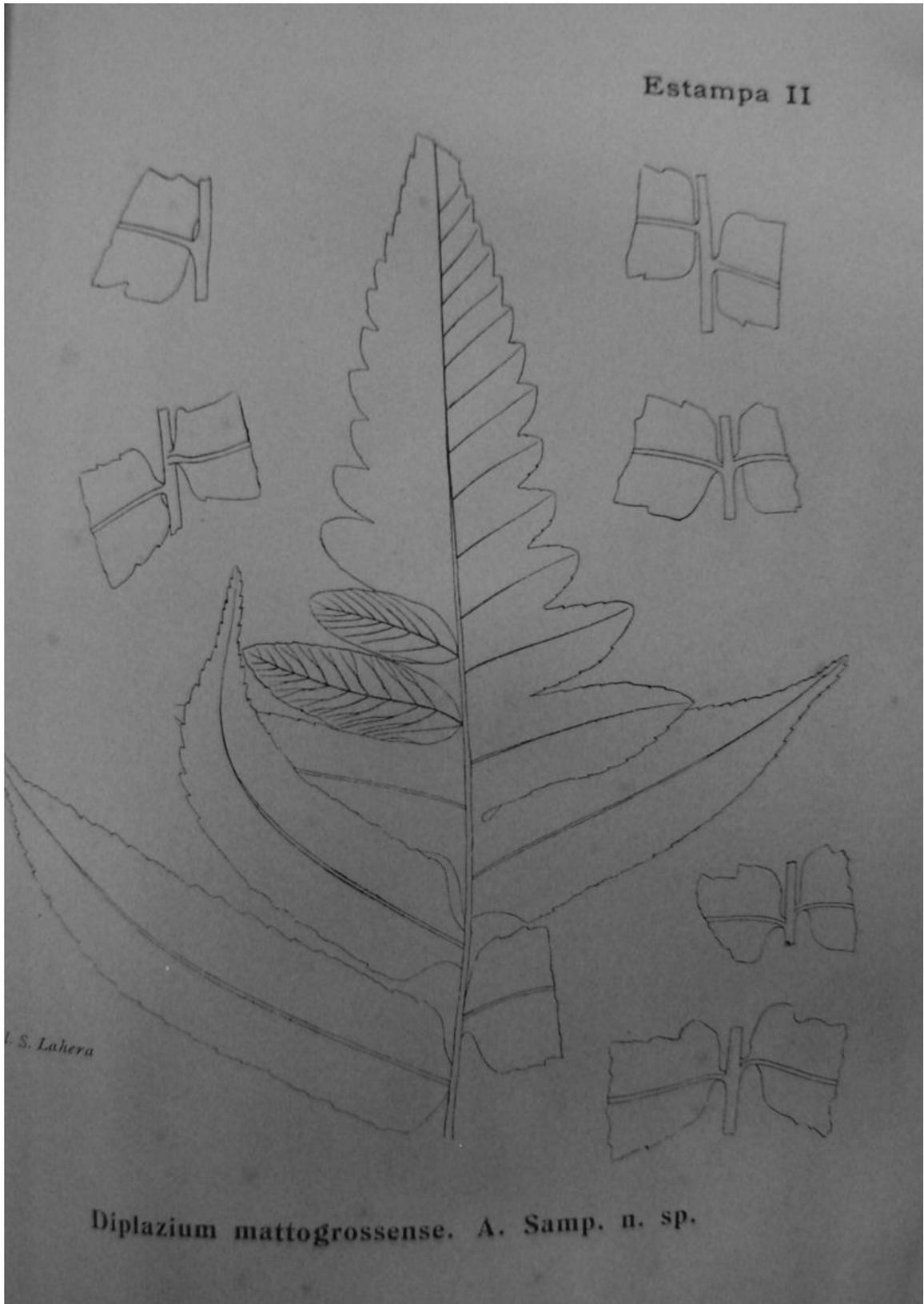
ANEXO 28



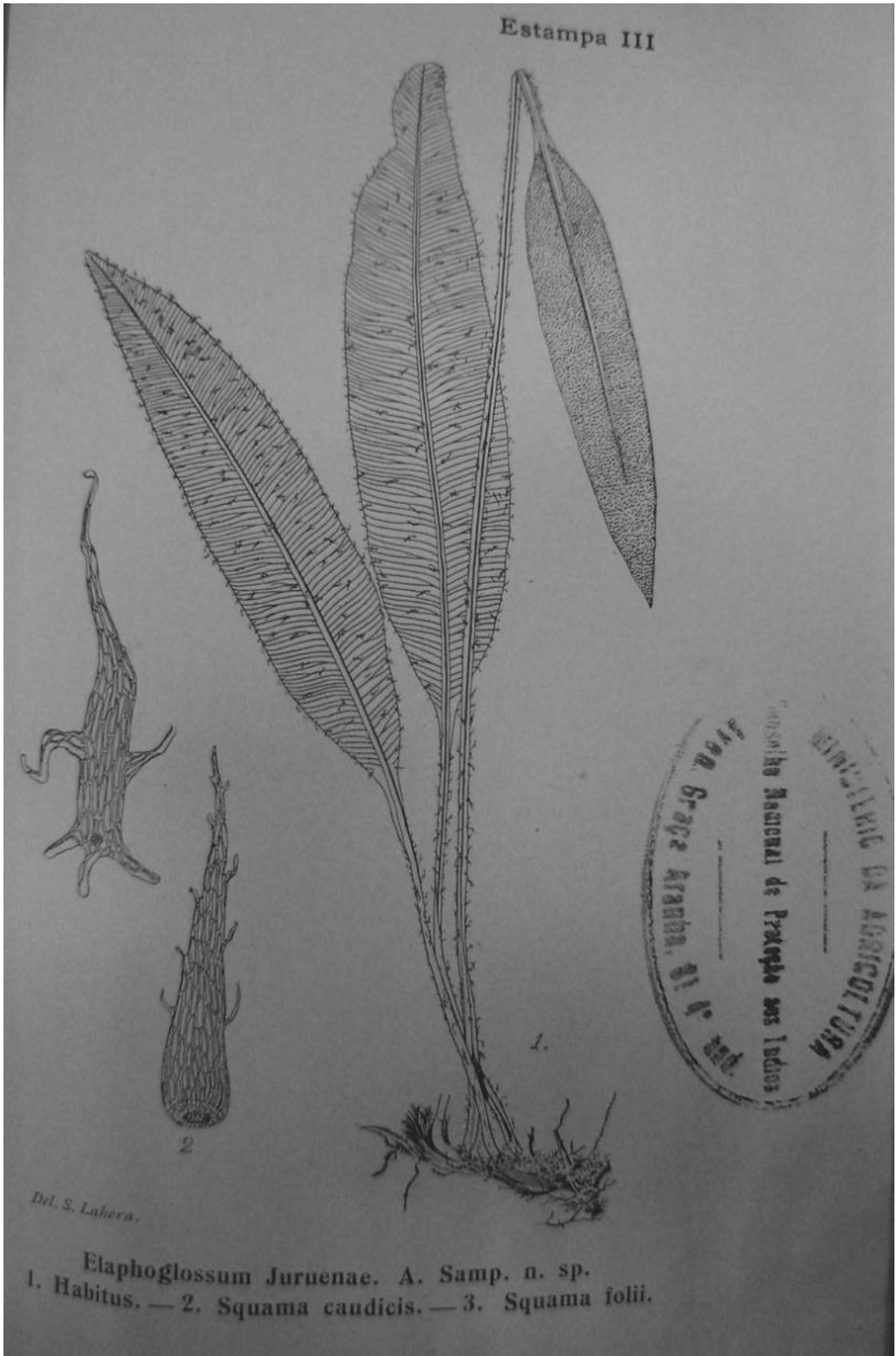
ANEXO 29



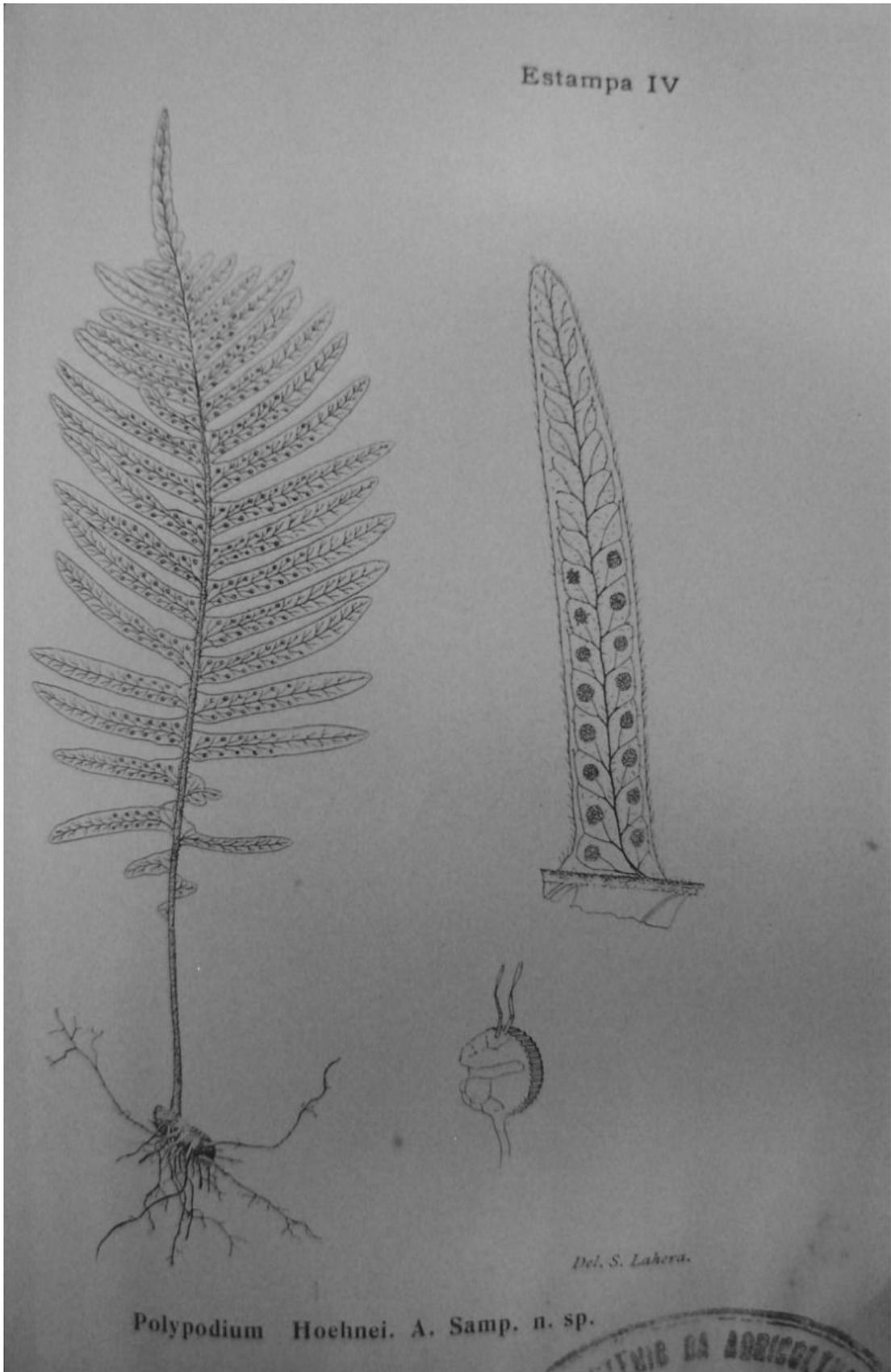
ANEXO 30



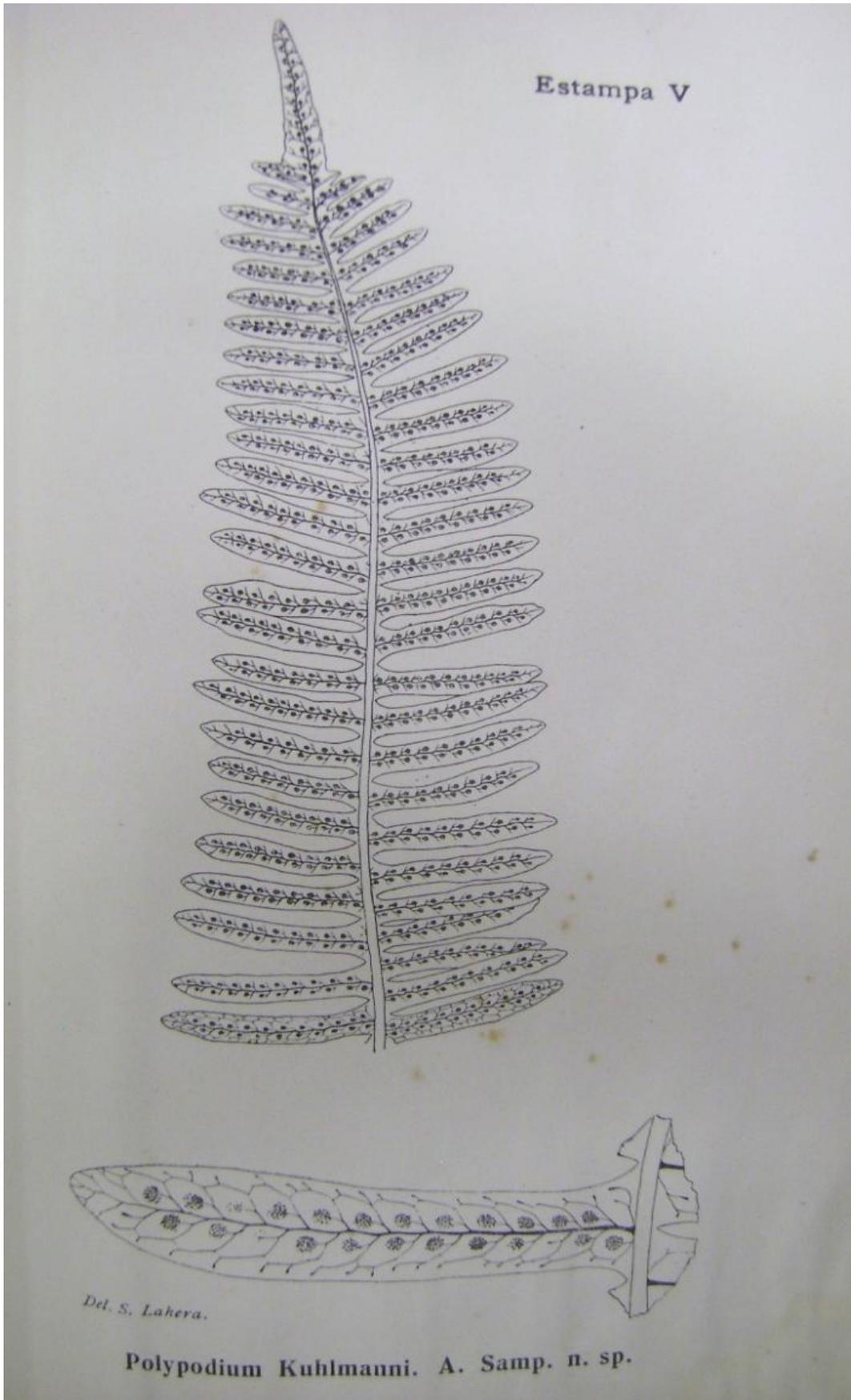
ANEXO 31



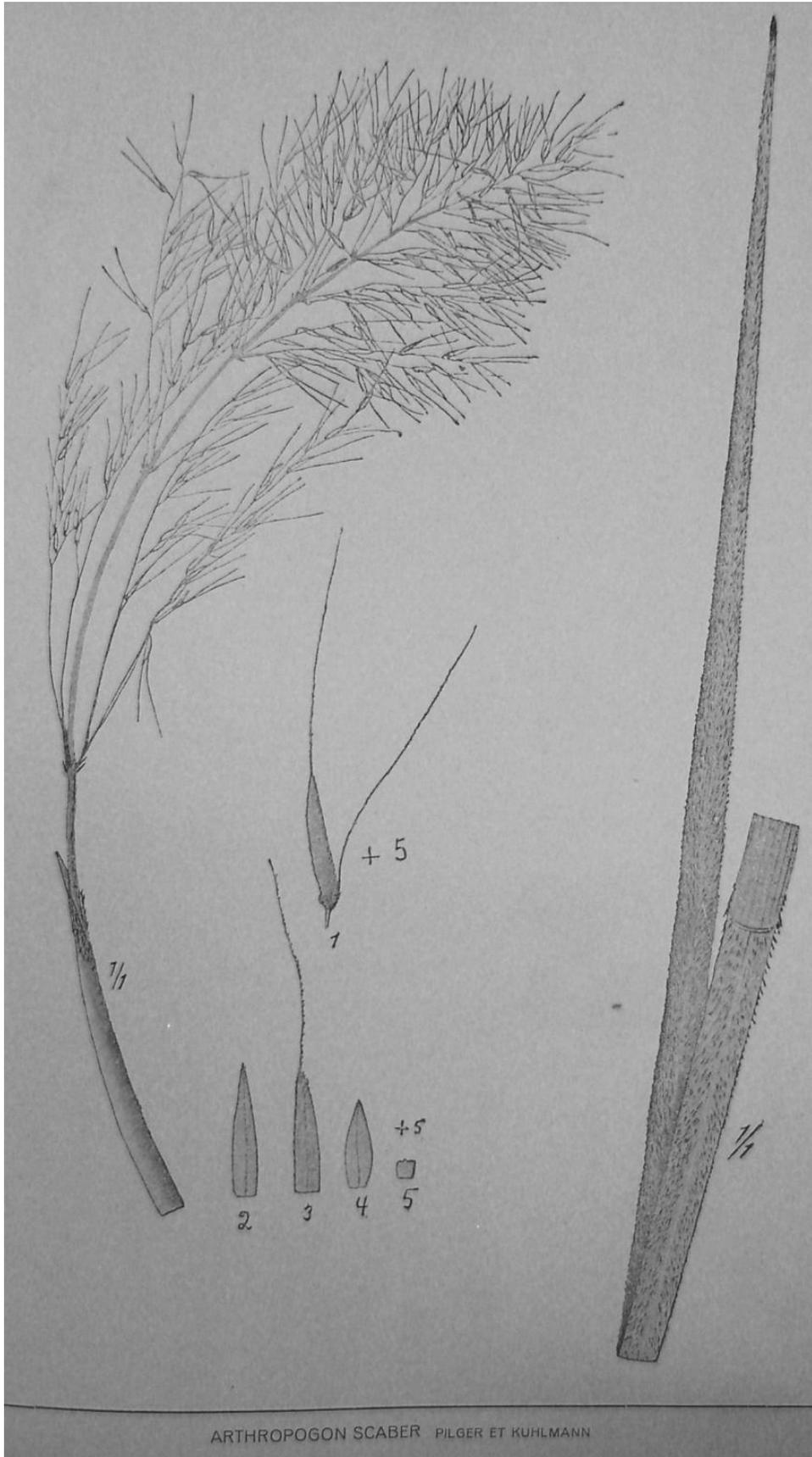
ANEXO 32



ANEXO 33

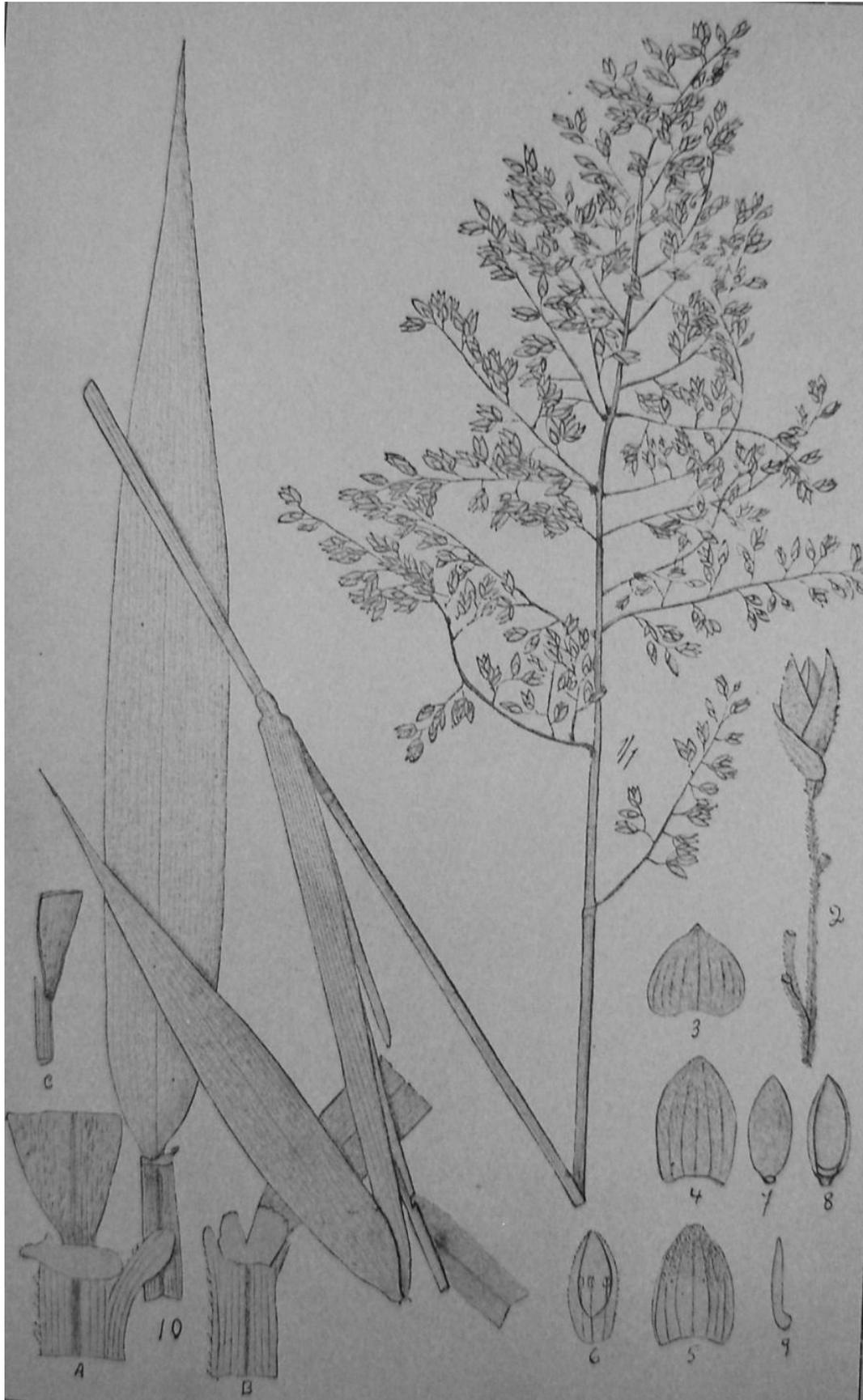


ANEXO 34

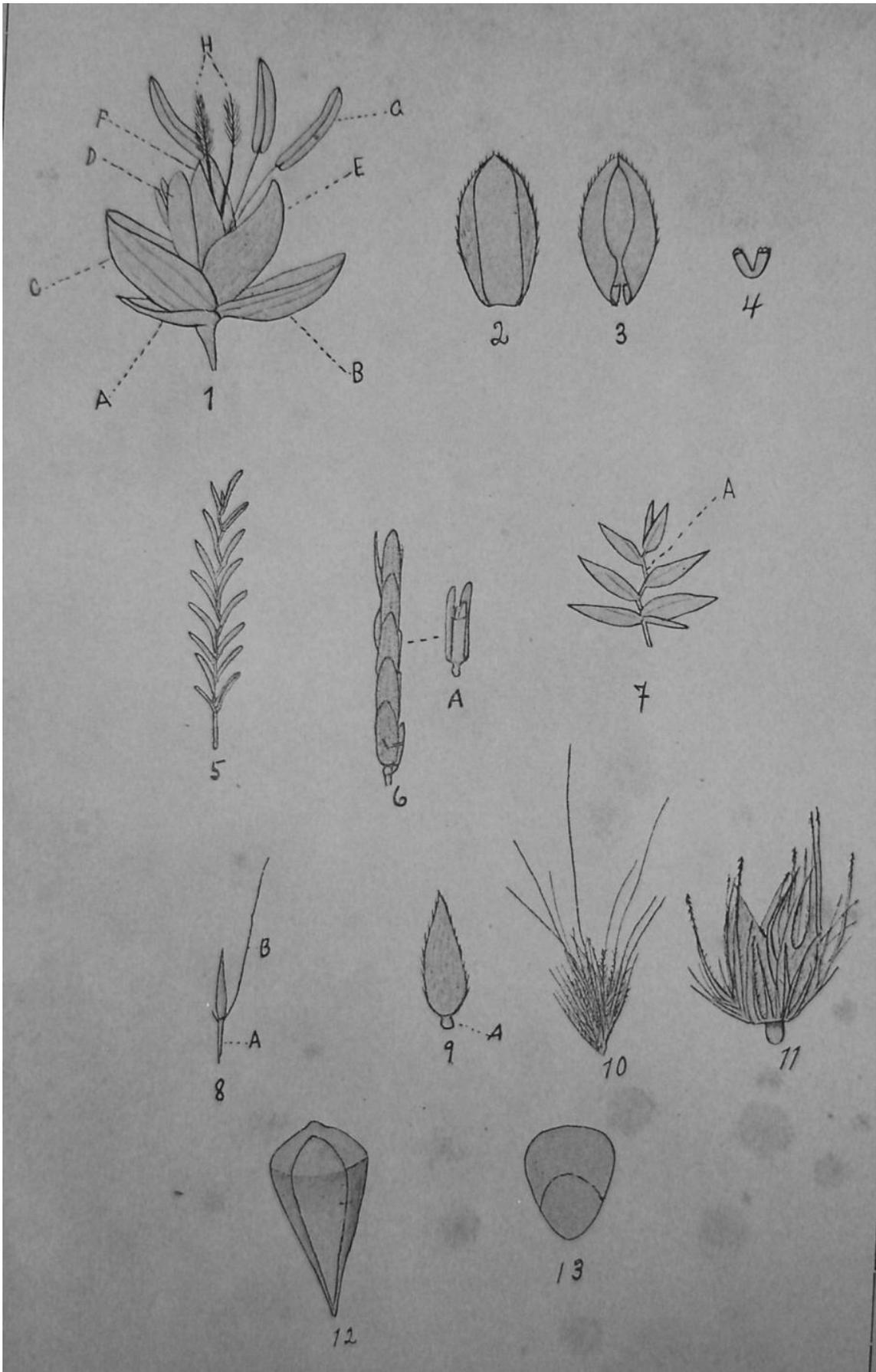


ARTHROPOGON SCABER PILGER ET KUHMANN

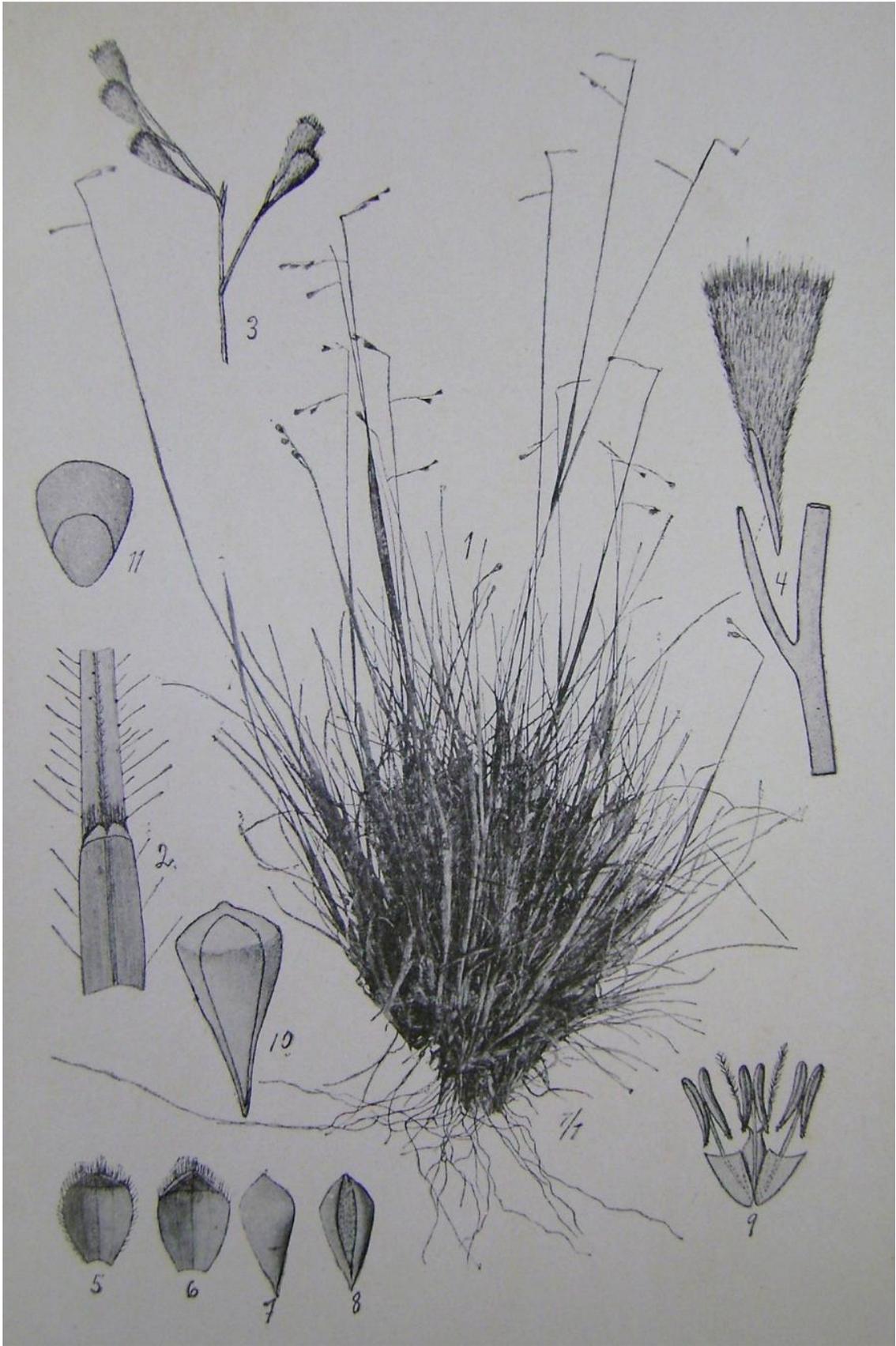
ANEXO 35



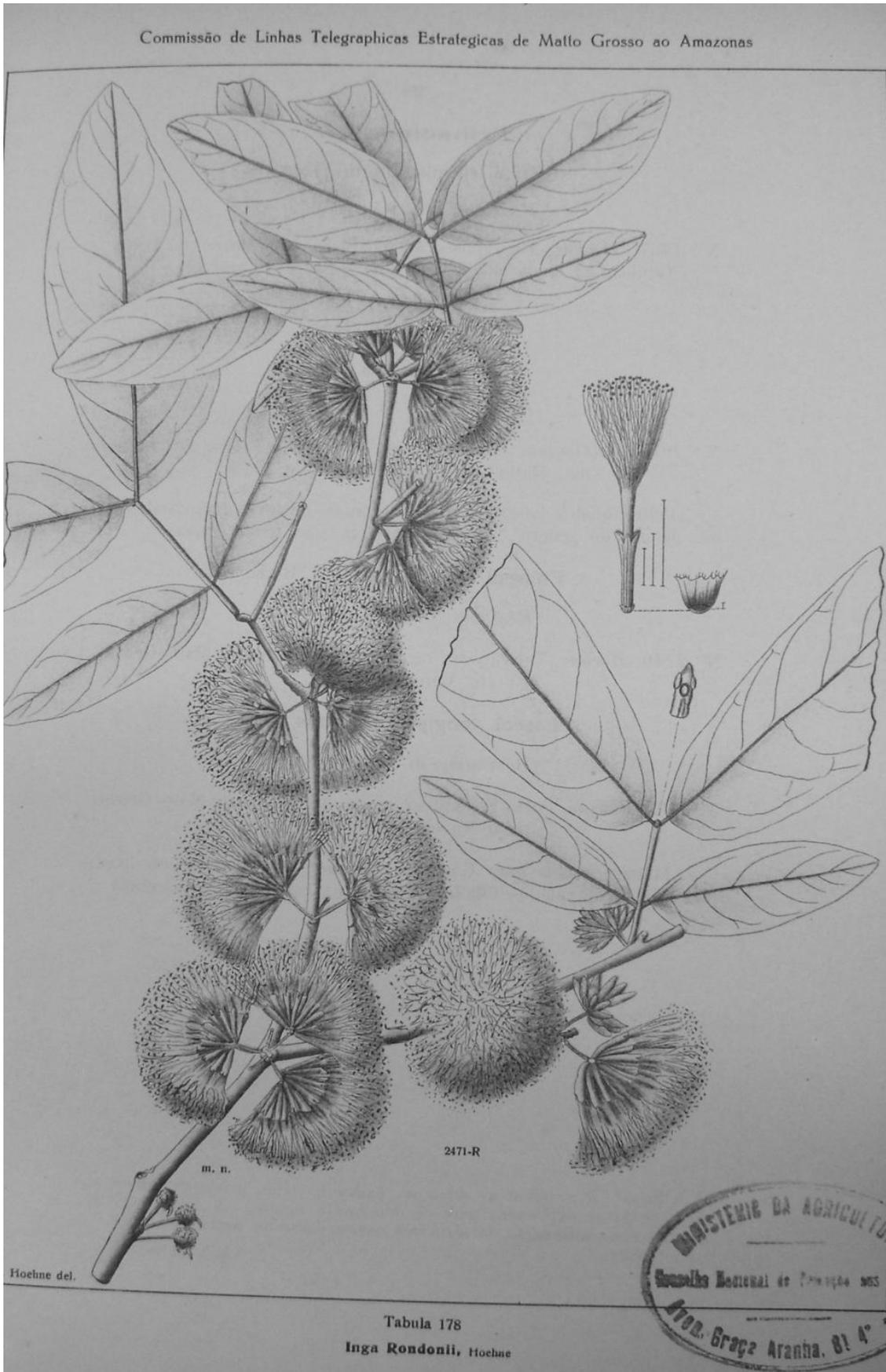
ANEXO 36



ANEXO 37



ANEXO 38



ANEXO 39



ANEXO 40



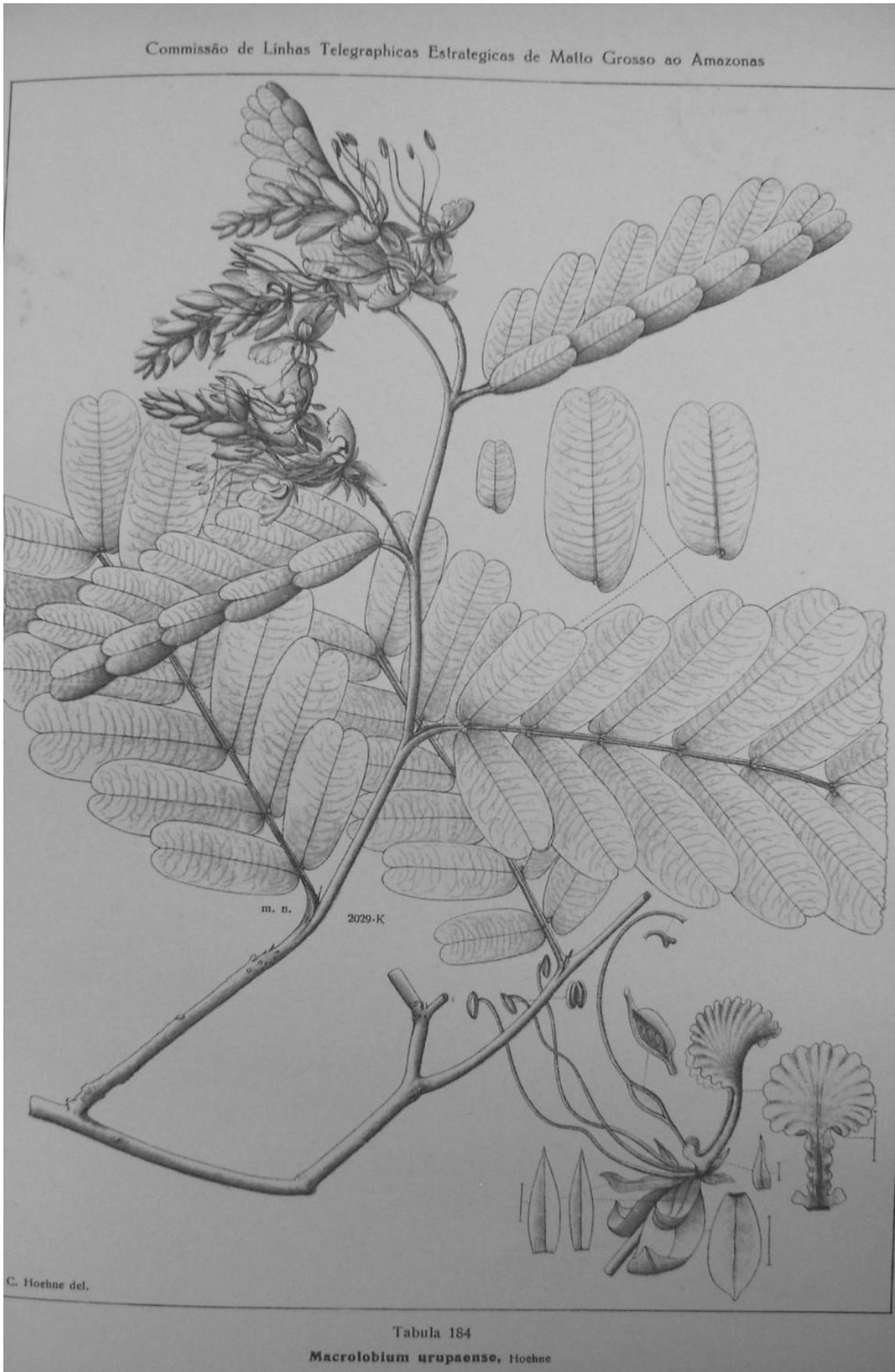
ANEXO 41



ANEXO 43



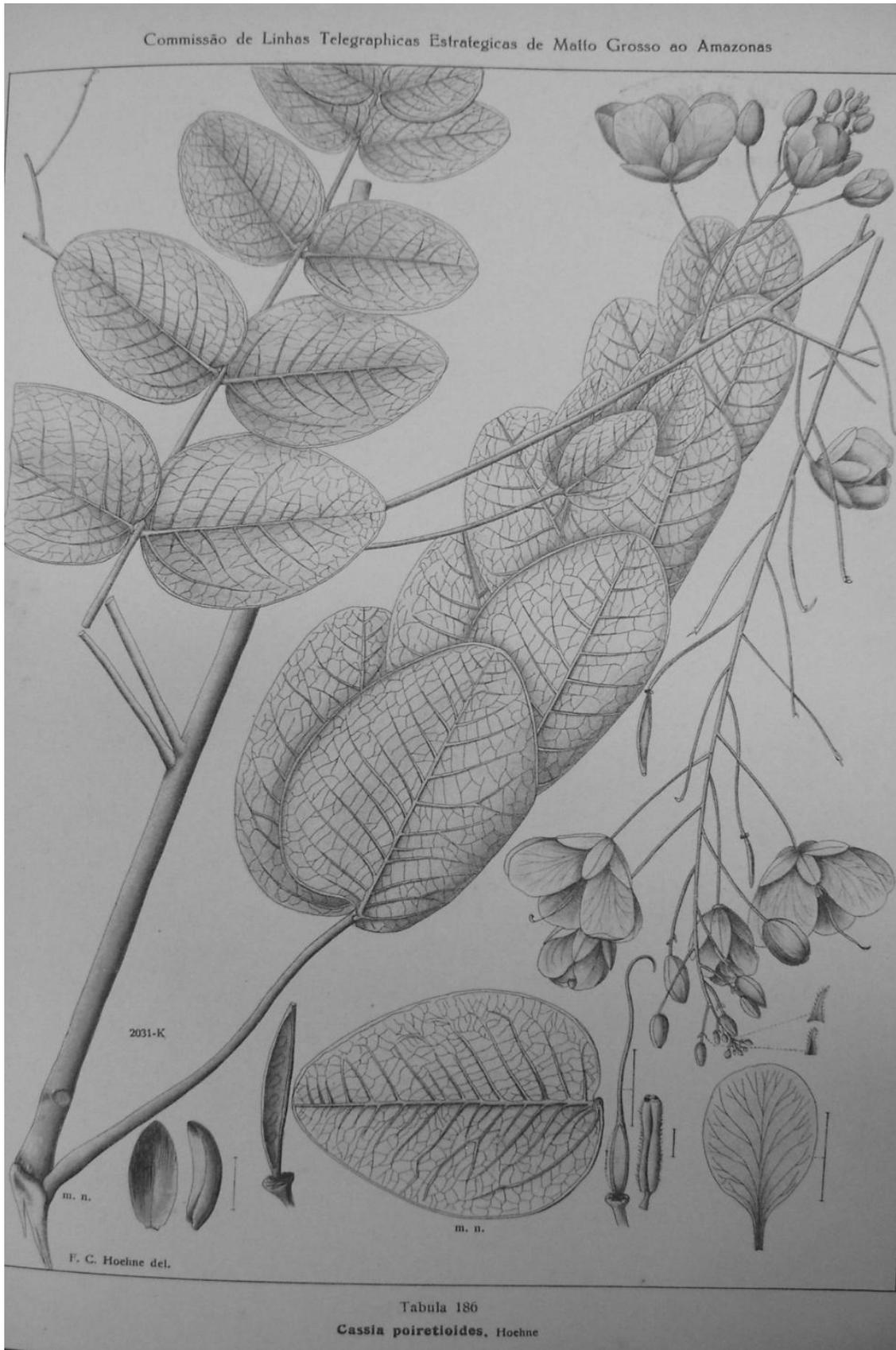
ANEXO 44



ANEXO 45



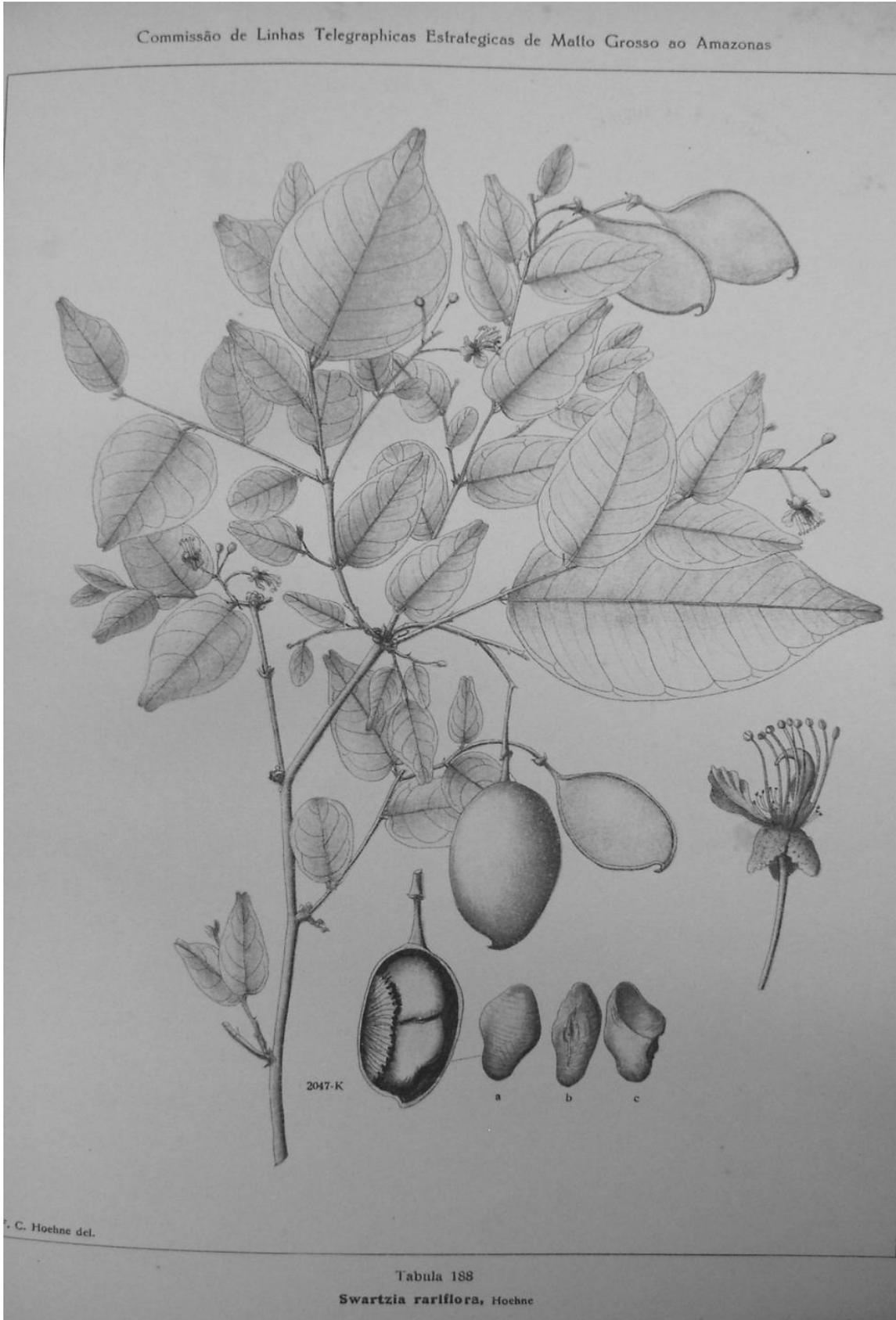
ANEXO 46



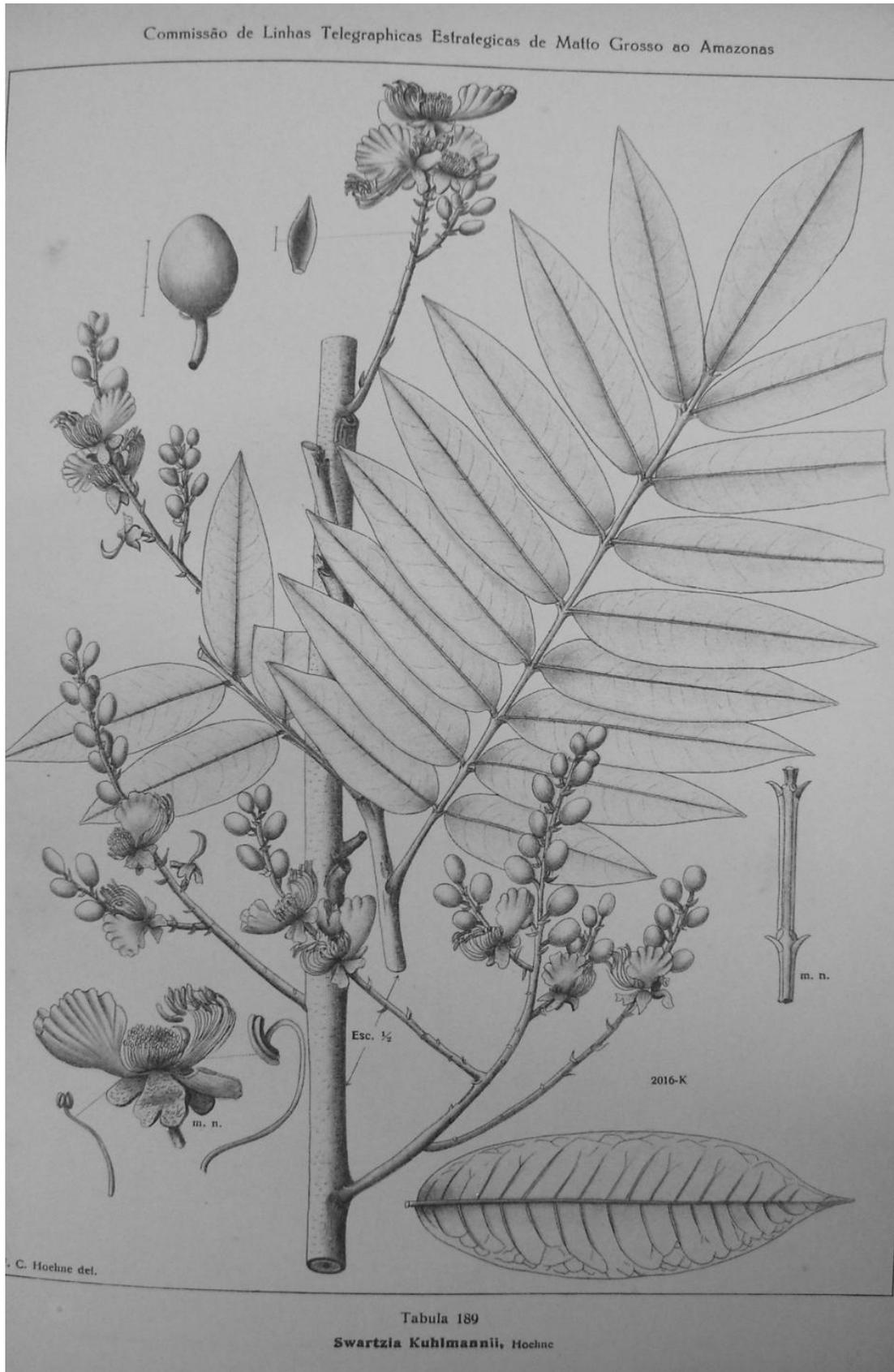
ANEXO 47



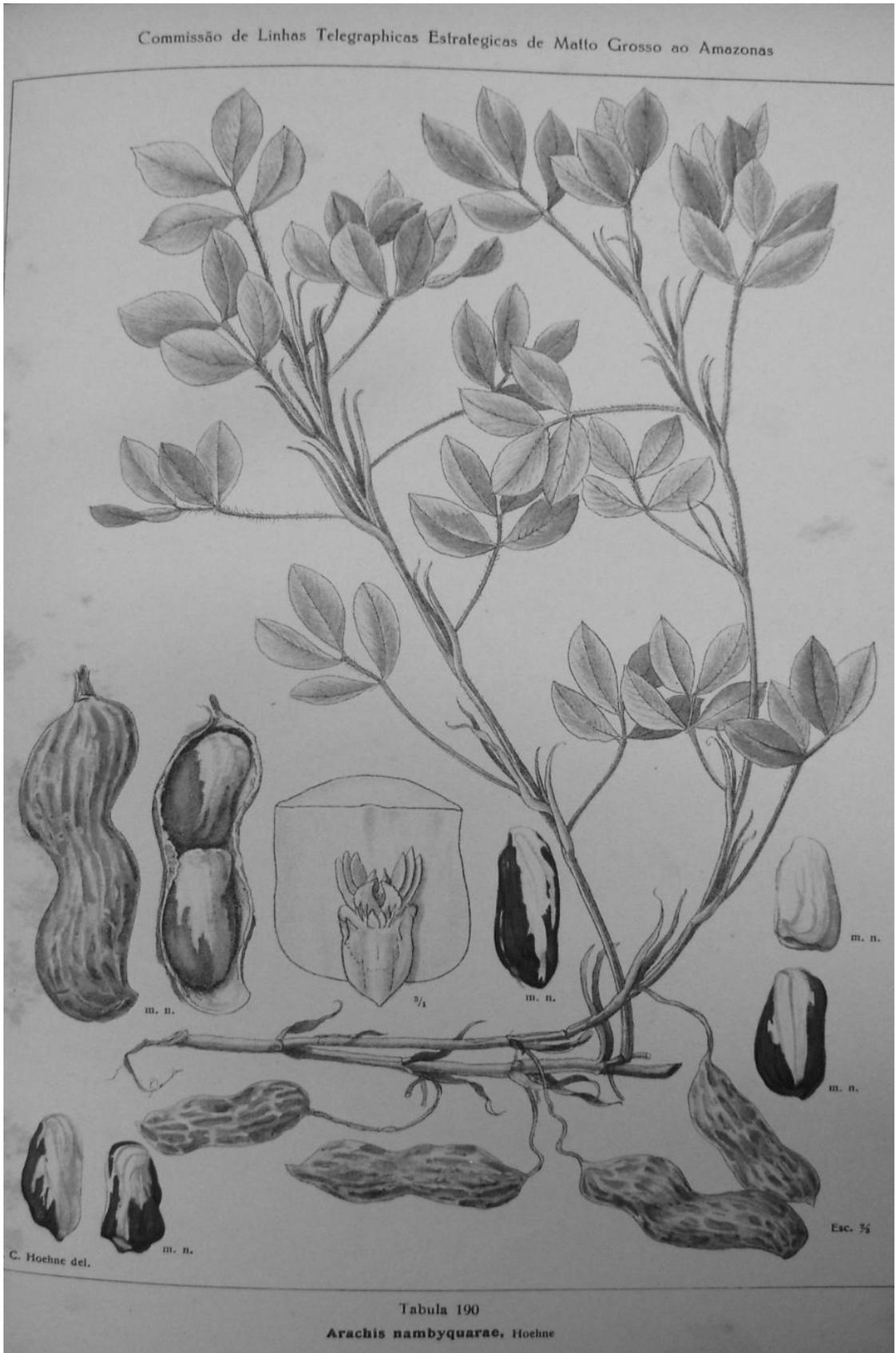
ANEXO 48



ANEXO 49



ANEXO 50



ANEXO 51



